
CLIVE BARKER
SACRAMENTO
BB
BERTRAND BRASIL

Clive Barker

SACRAMENTO

Tradução
Fábio Fernandes

Para Malcolm

SUMÁRIO

PARTE UM Ele, em Frente a uma Porta Fechada

PARTE DOIS Ele Sonha que é Amado

PARTE TRÊS Ele se Perde; Ele se Encontra

PARTE QUATRO Ele Encontra o Estranho em sua Pele

PARTE CINCO Ele Dá Nome ao Mistério

PARTE SEIS Ele Entra na Casa do Mundo

Eu sou um homem, e homens são animais que contam histórias. Este é um presente de Deus, que do Verbo criou nossa espécie, mas deixou o fim de nossa história em aberto. Esse mistério nos é perturbador. Como poderia ser de outra forma? Sem a parte final, pensamos nós, como vamos compreender tudo o que se passou antes; ou seja, nossas vidas?

Por isso fazemos histórias de nossa lavra, numa fervorosa e invejosa imitação de nosso Criador, esperando que contemos, por acaso, o que Deus deixou por dizer. E, terminando nossa história, compreendamos por que nascemos.

PARTE UM



Ele, em Frente a uma Porta Fechada

I

Para cada hora, seu mistério.
Ao amanhecer, os enigmas da vida e da luz. Ao meio-dia, os mistérios da solidez. Às três, no zumbido e no calor do dia, uma lua fantasma já alta. No crepúsculo, memória. E à meia-noite? Ah, então o enigma do próprio tempo; de um dia que nunca mais voltará para a História enquanto dormimos.

Era sábado quando Will Rabjohns chegou à cabana de madeira maltratada pelas intempéries na periferia de Balthazar. Agora era domingo de manhã, duas e dezessete pela face arranhada do relógio de Will. Ele havia esvaziado sua garrafinha de brandy uma hora antes, fazendo um brinde à aurora boreal, que tremeluzia e ondulava muito além da Baía de Hudson, em cujas margens ficava Balthazar. Ele havia batido vezes sem conta na porta da cabana, pedindo que Guthrie lhe desse apenas alguns minutos de seu tempo. Em duas ou três ocasiões parecera que o homem iria fazer isso; Will ouvira-o resmungar alguma coisa incoerente do outro lado da porta, e uma vez a maçaneta foi girada. Mas Guthrie não havia aparecido.

Will não se deixou impressionar nem ficou tão surpreso assim. O velho fora descrito universalmente como louco; isto por homens e mulheres que haviam escolhido como residência um dos cantos mais afastados do planeta. Se alguém sabia o que era ser louco, Will pensava, eram eles. O que, além de uma certa loucura, inspiraria pessoas a construir uma comunidade - mesmo pequena como Balthazar (população: trinta e um) – numa extensão de planícies de maré sem árvores e fustigada pelo vento, que passava metade do ano soterrada por gelo e neve, e que por dois dos meses restantes sofria o cerco dos ursos polares que atravessavam a região no final do outono esperando que a Baía congelasse? Essas pessoas caracterizarem Guthrie como insano era testemunho suficiente da extensão de sua loucura.

Mas Will sabia esperar. Passara grande parte de sua vida profissional esperando, sentado em abrigos. fossos, uádis e árvores, câmaras com filme dentro, ouvidos atentos, esperando o objeto de sua perseguição aparecer.

Quantos desses animais estavam, como Guthrie, loucos e desesperados? A maioria, claro. Criaturas que haviam tentado fugir do assustador da humanidade, e falharam; cujas vidas e habitats estavam *in extremis*. Sua paciência nem sempre fora recompensada. Às vezes, depois de suar ou tiritar por horas e dias, teve de desistir e ir embora, a espécie que buscava, apesar de todo o desespero, se preservando de sua lente.

Mas Guthrie era um animal humano. Embora vivesse enclausurado entre suas paredes de tábuas maltratadas pelos elementos, e se tivesse determinado a ver os vizinhos (se é que podiam ser assim chamados; a casa mais próxima ficava quase a um quilômetro de distância) o mínimo possível, certamente estava curioso quanto ao homem em sua porta, que havia esperado cinco horas naquele frio terrível. Esta era pelo menos a esperança de Will; que, quanto mais pudesse continuar acordado e de pé, mais provável seria que o lunático se rendesse à curiosidade e abrisse a porta.

Tornou a olhar o relógio. Eram quase três. Embora tivesse dito à sua assistente, Adrianna, para não aguardar por ele acordada, conhecia-a bem demais para saber que a essa altura ela não estaria pouco preocupada. Havia ursos lá fora na escuridão: quatrocentos, quinhentos quilos pesavam alguns deles, com apetites indiscriminados e padrões de comportamento imprevisíveis. Em quinze dias, eles estariam nas banquisas de gelo caçando focas e baleias. Mas naquele exato momento eles estavam em modo de busca; vinham se intoxicar nas pilhas de lixo fedorentas de Churchill e Balthazar, e como acontecia de vez em quando – tirar uma vida humana. Era muito provável que estivessem vagando ao alcance de seu cheiro naquele instante, além do alcance da luz da varanda manchada de Guthrie, estudando Will, talvez, enquanto aguardava no alpendre. A ideia não o alarmava. Ao contrário, na verdade, sentia uma leve excitação com o fato de que algum visitante das vastidões geladas pudesse estar naquele instante verificando sua palatabilidade. Durante a maior parte de sua vida adulta tirara fotografias do mundo selvagem, relatando para a tribo humana as tragédias que ocorriam em territórios contestados. Raramente havia tragédias humanas. Era a população do outro mundo que morria um pouco a cada dia. E, à medida que ele testemunhava a inabalável erosão das vastidões selvagens, sentia crescer dentro de si a fome de pular a cerca e fazer parte de tudo, antes que tudo se acabasse.

Tirou uma das luvas com forro de pele e pegou um cigarro no bolso do anoraque. Só restava um. Levou-o aos lábios dormentes e o acendeu, o vazio do maço um peso maior do que a temperatura ou os ursos.

– Ei, Guthrie – disse ele, batendo na porta do aquecedor. – Que tal me deixar entrar, hein? Só quero uns dois minutos com você. Me dê uma folga!

Ele esperou, dando uma tragada funda no cigarro e olhando para a escuridão atrás. Lá havia um agrupamento de pedras a vinte ou trinta metros além de seu jipe; um lugar ideal, ele sabia, para ursos em tocaia. Será que algo não havia se mexido ali? Suspeitava que sim. Malandros filhos da puta, pensou. Estavam dando tempo ao tempo; aguardando que ele voltasse ao veículo.

– Que se foda! – resmungou para si mesmo. Já havia esperado demais. Ia desistir de Guthrie, pelo menos aquela noite; voltaria para o calor da casa alugada na Rua Principal (e única) de Balthazar; faria um pouco de café, um desjejum ligeiro, e dormiria algumas horas. Resistindo à tentação de bater à porta uma última vez, saiu do alpendre, procurando as chaves no bolso enquanto voltava para o jipe, pisando na neve que rangia.

No fundo, bem no fundo, havia se perguntado se Guthrie era o tipo de filho da puta perverso que esperaria que seu visitante desistisse antes de abrir a porta. Era. Nem bem Will se afastara do conforto da luz do lampião quando ouviu a porta ranger sobre os degraus congelados atrás dele. Reduziu a velocidade de sua retirada, mas não se voltou, suspeitando que se fizesse isso Guthrie simplesmente tornaria a bater a porta. Fez-se um longo silêncio.

Tempo suficiente para Will se perguntar o que os ursos estariam achando daquele ritual peculiar. Então, numa voz cansada, Guthrie disse:

– Eu sei quem você é e eu sei o que você quer.

– Sabe? – perguntou Will, arriscando um olhar para trás.

– Não deixo ninguém tirar fotos minhas ou da minha casa – disse Guthrie, como se por sua porta vivessem desfilando bandos de fotógrafos.

Então Will se virou lentamente. Guthrie estava atrás do degrau, e a luz da varanda o iluminava muito pouco. Tudo o que Will conseguia distinguir era um homem muito alto recortado contra o interior em sombras da cabana.

– Não culpo você – disse Will – por não querer ser fotografado. Você tem perfeitamente o direito à sua privacidade.

– Bom, então o que é que você quer, caralho?

– O que eu falei: só quero conversar.

Aparentemente Guthrie já tinha visto o bastante de seu visitante para satisfazer a curiosidade. Will sabia que não deveria correr para a porta ficou parado e jogou a única carta que possuía. Dois nomes, ditos bem devagar.

– Quero falar sobre Jacob Steep e Rosa McGee.

A silhueta se encolheu, e por um momento parecia certo que o homem simplesmente iria bater a porta, e seria o fim de tudo.

– Você os conhece? – perguntou.

– Encontrei-os uma vez – respondeu Will – há muito tempo. Você também os conheceu, não?

– Ele, um pouco. Assim mesmo isso era demais. Qual é o seu nome mesmo?

– Will, William Rabjohns.

– Bom... É melhor você entrar, antes que congele o saco.

II

A o contrário das casas confortáveis e bem aparelhadas no resto do vilarejo, a moradia de Guthrie era tão primitiva que mal parecia habitável, considerando o rigor dos invernos naquela região. Havia um aquecedor elétrico esquentando seu único aposento (uma pia e um fogão pequenos serviam de cozinha; o grande espaço lá fora era provavelmente seu banheiro) enquanto a mobília parecia ter sido apanhada num depósito de lixo. Seu dono também não estava em muito melhor estado. Vestido com várias camadas de roupas ensebadas, Guthrie demonstrava claramente estar precisando de comida e medicação. Embora Will tivesse ouvido dizer que Guthrie havia passado dos sessenta anos, ele parecia no mínimo uma década mais velho, a pele em carne viva em alguns pontos e cinzenta em outros, os poucos cabelos que tinha apresentavam-se brancos onde estavam mais limpos. Cheirava a doença e peixe.

– Como foi que me encontrou? – perguntou a Will enquanto fechava e passava uma tranca tripla na porta.

– Uma mulher nas Ilhas Maurício me falou de você.

– Quer algo para se aquecer um pouco?

– Não, obrigado.

– Que mulher é essa?

– Não sei se você vai se lembrar dela. Irmã Ruth Buchanan?

– Ruth? Meu Deus! Você conheceu a Ruth. Ora, ora. Aquela mulher tinha uma boca... – derramou uma dose de uísque numa caneca vitrificada bastante usada, e tomou tudo de um gole só. – Freiras falam demais. Já notou isso?

– Acho que é por isso que existem os votos de silêncio.

A resposta agradou a Guthrie. Soltou uma gargalhada curta, que parecia um latido, acompanhada de outra dose de uísque.

– Então, o que ela falou de mim? – perguntou, olhando para a garrafa de uísque como se calculando quanto consolo ela ainda poderia oferecer.

– Só disse que você havia falado de extinção. Sobre como você havia visto os últimos exemplares de alguns animais.

– Eu nunca disse nada a ela sobre Rosa e Jacob.

– Não. Eu apenas supus que se você tinha visto um, poderia ter visto o outro.

– Sei. – O rosto de Guthrie se franziu enquanto parava para pensar nisso. Para que o outro não pensasse que ele o estava estudando – aquele não era um homem que aceitasse de bom grado uma análise Will dirigiu-se à mesa para olhar os livros empilhados sobre ela. Sua aproximação provocou um rosnado de alerta sob a mesa.

– Cale a boca, Lucy! – gritou Guthrie. A cadela parou de rosnar, e saiu do esconderijo para granjear o agrado do dono. Era de bom tamanho, com traços de pastor alemão e chow-chow no sangue, melhor alimentada e tratada do que seu dono. Trazia seu osso consigo, e levou-o obediente aos pés do dono.

– Você é inglês? – perguntou Guthrie, ainda sem olhar para Will.

– Nascido em Manchester. Mas fui criado nos vales de Yorkshire.

– A Inglaterra sempre foi um pouquinho aconchegante demais para mim.

– Eu não chamaria as charnecas de aconchegantes – disse Will. – Quero dizer, também não são selvagens como aqui, mas quando a neblina baixa e você está nas colinas...

– Então foi aí que você os encontrou.

– Sim. Foi onde os encontrei.

– Inglês filho da puta – disse Guthrie. Então, finalmente olhando para Will: – Você não. Steep. Inglês frio e filho da puta. – Pronunciou as palavras como se amaldiçoando o homem, onde quer que ele estivesse. – Sabe do que ele se chamava? – Will sabia. Mas seria melhor, suspeitou, se deixasse seu anfitrião fazer as honras. – O Matador das Últimas Coisas – disse Guthrie. – Tinha orgulho disso, juro. Orgulho. – Esvaziou o resto do uísque em sua caneca, mas não bebeu. – Então você conheceu Ruth nas Ilhas Maurício, hein? O que estava fazendo lá?

– Tirando fotos. Tem um francelho lá que parece que vai entrar em extinção logo, logo.

– Tenho certeza de que ele adorou a atenção dispensada – Guthrie disse com secura. – Então, o que quer de mim? Não posso lhe dizer nada sobre Steep ou McGee. Não sei de nada, e se algum dia soube, já tirei da cabeça. Sou velho e dispenso a dor. – Olhou para Will. – Quantos anos você tem? Quarenta?

– Chutou bem. Quarenta e um.

– Casado?

– Não.

– Não se case. É uma armadilha.

– Não é provável que eu me case, pode crer.

– Então você é viado? – perguntou Guthrie, inclinando levemente a cabeça.

– Por acaso sou.

– Um viado inglês. Surpresa! Por isso você se deu tão bem com a Irmã Ruth. Ela é cheia de não-me-toques. E veio até aqui só para me ver?

– Sim e não. Estou aqui para fotografar os ursos.

– Claro, porra, os ursos. – Os poucos vestígios de calor ou humor que sua voz tinha contido subitamente desapareceram. – A maioria das pessoas só vai até Churchill, não é? Não há excursões agora, por isso você pode vê-los se exibindo. – Balançou a cabeça. – Se degradando.

– Eles só vão até onde conseguem encontrar uma refeição de graça – disse Will.

Guthrie olhou para a cadela, que não havia saído do seu lado desde que recebera a admoestação. O osso ainda estava na boca.

– Isso é o que você faz, não é? – A cadela, feliz por ele estar falando com ela, fosse qual fosse o assunto, bateu com a cauda no chão. – Focinho marrom. – Guthrie esticou a mão como se fosse pegar o osso. Os lábios pretos rasgados da cadela se repuxaram para trás em sinal de alerta. – Ela é esperta o bastante para me morder e burra demais para não rosnar. Me dá isso aqui, sua vira-lata. Guthrie arrancou o osso das mandíbulas do animal, que o deixou levá-lo. Coçou então atrás da orelha dela e jogou o osso no chão à sua frente.

– Eu já tenho em conta os cães como sicofantas – disse. Nós os fizemos assim. Mas os ursos... Meu Deus, os ursos não deviam estar aqui farejando o nosso lixo. Eles deviam ficar lá... – gesticulou vagamente na direção da Baía – onde possam permanecer onde quer que Deus tenha querido que eles ficassem.

– É por isso que você está aqui?

– Para quê, admirar a vida animal? Cristo, não. Estou aqui porque estar com pessoas me faz vomitar. Não gosto delas. Nunca gostei.

– Nem mesmo de Steep? – perguntou Will. Guthrie lançou lhe um olhar venenoso.

– Que tipo de pergunta é essa, meu Deus do céu?

– Só estou perguntando.

– Pergunta besta – resmungou Guthrie. Então, amolecendo um pouco, disse: – Eles eram algo para se olhar, os dois, e isso é verdade. Quero dizer, Rosa era linda. Só aguentei falar com Steep para chegar até ela. Mas um dia ele me disse que eu era velho demais para ela.

– Quantos anos você tinha? – Will lhe perguntou, pensando que a história de Guthrie estava mudando ligeiramente. Ele afirmara conhecer apenas Steep, mas aparentemente conhecera os dois.

– Eu tinha trinta anos. Velho demais para Rosa. Ela gostava mesmo deles muito jovens. E, claro, gostava de Steep. Quero dizer os dois, eram como marido e mulher, irmão e irmã e sei lá mais o quê, tudo numa coisa só. Eu não tinha chance com ela. – Deixou o assunto morrer, e iniciou outro. – Quer fazer algo de bom para esses ursos? – perguntou. – Vá lá no depósito de lixo e envenene-os. Ensine-os a não voltarem. Talvez leve umas cinco temporadas, e um monte de ursos mortos, porém mais cedo ou mais tarde vão entender a mensagem. – Finalmente ele bebeu o conteúdo de seu copo, e enquanto a bebida ainda queimava sua garganta disse: – Eu tento não pensar neles, mas penso... – Não estava falando dos ursos agora. – Consigo ver os dois, como se fosse ontem. – Balançou a cabeça. – Os dois tão bonitos. Tão... *puros*. – Seu lábio se curvou com essa palavra, como se na verdade ele estivesse falando de sua antítese. – Deve ser terrível para eles.

– O que deve ser terrível?

– Viver neste mundo sujo. – Olhou para Will. – Esta é a pior parte para mim – disse ele. – Que quanto mais velho fico, mais os compreendo. – Aquilo eram lágrimas em seus olhos, perguntou-se Will, ou simples catarata? – E eu me odeio tanto por isso, merda. – Ele colocou seu copo vazio, e com súbita determinação anunciou: – É tudo o que você vai obter de mim. – Foi até a porta e destrancou-a. – Por isso é melhor se mandar.

– Bom, obrigado pelo seu tempo – disse Will, passando pelo homem e saindo para o ar glacial.

Guthrie dispensou a cortesia.

– Se você tornar a ver a Irmã Ruth...

– Não tornarei – disse Will. – Ela morreu fevereiro passado.

– De quê?

– Câncer no ovário.

– Hum. É nisso que dá não usar o que Deus lhe deu – disse Guthrie.

A cadela havia se juntado a eles no umbral, e grunhia bem alto Não para Will desta vez, mas para o que quer que estivesse lá fora na noite. Guthrie não tentou silenciá-la, mas ficou olhando para a escuridão. – Ela está sentindo cheiro de urso. Melhor você ir logo.

– Irei – disse Will, estendendo a mão para Guthrie. O homem olhou meio espantado para ela por um momento, como se tivesse esquecido esse ritual simples. Então aceitou-a.

– Você deveria pensar no que eu lhe disse – falou ele. Sobre envenenar os ursos. Estaria fazendo um favor a eles.

– Eu estaria fazendo o trabalho de Jacob – replicou Will. – Não fui posto no mundo para isso.

– Estamos todos fazendo o trabalho dele apenas ficando vivos retrucou Guthrie. – Contribuindo para a pilha de lixo.

– Bem, pelo menos para a população eu não vou contribuir – disse Will, e saiu na direção do jipe.

– Você e Irmã Ruth – Guthrie gritou às suas costas. De repente a cadela tornou a latir mais uma vez, num tom agudo que Will conhecia bem demais. Ele já ouvira cachorros de acampamentos latirem dessa forma quando havia leões se aproximando. Havia aviso nisso, e Will prestou atenção. Vasculhando a escuridão à esquerda e à direita, chegou ao jipe em meia dúzia de aceleradas batidas de coração.

No degrau atrás dele, Guthrie gritava alguma coisa: se estava chamando seu convidado de volta para dentro ou insistindo para que ele andasse mais rápido, Will não conseguiu entender; a cadela latia alto demais. Ele bloqueou o som de ambas as vozes, homem e animal, e se concentrou em fazer seus dedos realizarem a simples função de enfiar a chave na fechadura. Fizeram papéis de bobo. Atrapalhou-se e a chave caiu de sua mão. Agachou-se, a cadela latindo cada vez mais agudo, para tirá-la da neve. Alguma coisa se moveu no limite de sua visão. Olhou ao redor, os dedos cavando cegos pela chave. Só conseguia ver as pedras, mas isso não o confortava muito. O animal podia estar escondido agora e chegar em cima dele em cinco segundos. Ele já os vira atacar, e eram rápidos quando precisavam, movendo-se como locomotivas para pegar sua presa. Ele sabia o que fazer se um urso escolhesse atacá-lo: cair de joelhos, braços sobre a cabeça, rosto no chão. Apresente o menor alvo possível, e em hipótese alguma faça contato visual com o animal. Não fale. Não se mova. Quanto menos vivo estiver, mais chance de sobreviver. Havia

provavelmente alguma lição oculta nisso, embora fosse amarga. Viva como uma pedra e a morte pode se esquecer de você.

Seus dedos encontraram a chave caída. Levantou-se, arriscando um olhar para trás. Guthrie ainda estava na porta, sua cadela, os pelos do pescoço eriçados, agora quieta ao seu lado. Will não havia ouvido Guthrie silenciá-la; ela simplesmente desistira daquele homem idiota que não queria sair da neve quando mandavam fazê-lo.

Na terceira tentativa, a chave entrou na fechadura. Will abriu a porta. Ao fazer isso ouviu o rugido do urso pela primeira vez. E lá estava ele, saindo em disparada dentre as rochas. Não havia como duvidar de sua intenção. Estava com ele na mira. Atirou-se no banco do motorista, horrivelmente consciente de como suas pernas estavam vulneráveis, e esticou a mão para bater a porta atrás de si.

O rugido fez-se ouvir novamente, bem de perto. Ele trancou a porta, pôs a chave na ignição e virou-a. Os faróis se acenderam instantaneamente, inundando o chão congelado até as rochas, que pareciam tão bidimensionais quanto um cenário de teatro sob esse olhar. Do urso não havia nem sinal. Tornou a olhar para a cabana de Guthrie. Homem e cadela haviam se retirado para trás da porta trancada. Pôs o jipe em marcha e começou a virá-lo. Ao fazer isso tornou a ouvir o rugido, seguido de uma pancada. O urso havia atacado o veículo em sua frustração, e estava se levantando sobre as patas traseiras para atingi-lo uma segunda vez. Will captou apenas um relance de sua massa branca peluda no canto do olho. Era um animal enorme, sem dúvida: quinhentos quilos, no mínimo. Se danificasse o jipe o suficiente para impedir sua fuga, ele estaria em apuros. O urso o queria, e tinha meios de pegá-lo se ele não fugisse. Garras e dentes suficientes para abrir o veículo como uma lata de carne humana.

Meteu o pé no acelerador e girou o veículo para voltá-lo na direção da rua. Ao fazer isso o urso mudou de estratégia e direção, tornando a cair de quatro para ultrapassar o jipe e se metendo na frente dele.

Por um instante o animal estava lá, enfeitiçado pelos faróis, sua cabeça com focinho em forma de cunha apontando direto para o veículo. Não era um do clã digno de pena que Guthrie havia descrito, sua ferocidade reduzida por seu vício à recusa humana. Esse ainda era um pedaço do mundo selvagem, desafiando o calor e a velocidade do veículo em cujo caminho se havia colocado. No instante antes de ser atingido desapareceu,

com tanta velocidade que sua partida quase pareceu milagrosa; como se tivesse sido uma visão conjurada pelo frio e em seguida arrebatada.

Enquanto dirigia de volta para casa, sentia pela primeira vez a pobreza de seu ofício. Havia tirado dezenas de milhares de fotografias em sua vida profissional, em algumas das regiões mais selvagens do planeta: as Torres de Paine, os platôs do Tibete, o Gunung Leuser na Indonésia. Lá ele fotografara espécies em seus últimos e desesperados dias, selvagens e canibais. Mas nunca havia chegado perto de capturar o que havia visto nos faróis do jipe minutos antes: o poder e a glória do urso, arriscando a morte para desafiá-lo. Talvez isso estivesse além de seus talentos; nesse caso estava provavelmente além dos talentos de qualquer um. Ele era, por consenso, o melhor dos melhores. Mas o selvagem era melhor. Assim como era de sua genialidade esperar até que o objeto de suas lentes se revelasse, era da genialidade do selvagem tornar essa revelação menos que completa. Os selvagens e os canibais estavam morrendo, um por um, mas o mistério continuava. E continuaria, suspeitava Will, até o fim dos selvagens, dos homens que se deixavam enganar por ambos.

III

Cornelius Botham estava sentado à mesa com um cigarro enrolado à mão pendendo sob o bigodinho louro fino, a terceira cerveja da manhã perto de seu cotovelo, e inspecionou a Pentax desmontada à sua frente.

– O que há de errado com ela? – Will queria saber.

– Está quebrada – Cornelius declarou no ato. – Proponho cavarmos um buraco no gelo, enrolá-la numa calcinha da Adrianna e enterrá-la para que futuras gerações a descubram.

– Não pode consertá-la?

– Sim, eu posso consertá-la – disse Cornelius. – É por isso que estou aqui. Posso consertar qualquer coisa. Mas eu preferiria cavar um buraco no gelo, enrolá-la numa calcinha da Adrianna...

Will estava no fogão, fazendo uma omelete para si mesmo.

– Que obsessão!

– Obsessão? Eu não.

Will pôs o café da manhã num prato, jogou duas fatias de pão velho em cima e sentou-se na mesa em frente a Cornelius.

– Sabe qual é o problema desta cidade? perguntou Cornelius.

– Me dê A, B e C.

Era uma brincadeira popular entre o trio: sonhar alternativas mais passíveis de acreditar do que a verdade.

– Não tem problema – disse Cornelius. – Tomou um gole de cerveja e disse: – Ok. A, certo? Tirando Adrianna, não tem uma mulher bonita em trezentos quilômetros, e com ela seria o mesmo que comer minha irmã. Ok? Então, B. Não se consegue um ácido decente. E C...

– Espere aí, não acabei.

– Não precisa.

– Porra, cara, tenho um C excelente.

– É o ácido – disse Will. Inclinou-se para Cornelius. – Certo?

- Certo. – Deu uma olhada no prato de Will. – Que diabo é isso?

– Omelete.

– Fez isso com o quê? Ovos de pinguim?

Will deu uma gargalhada, e ainda estava rindo quando Adrianna entrou, vinda do frio.

– Ei, temos mais ursos no depósito de lixo – ela disse, o sotaque arrastado do Sul descombinando perfeitamente com todos os outros detalhes de seu aspecto e modos, desde os cachos mal penteados até o caminhar duro de suas botas pesadas. – Pelo menos quatro. Dois adolescentes, uma fêmea e um macho enorme. – Ela olhou primeiro para Will, depois para Cornelius. – Um pouquinho de entusiasmo, por favor?

– Me dê só alguns minutos – disse Will. – Preciso de umas duas xícaras de café primeiro.

– Você precisa ver aquele macho. Quero dizer... – ela estava pelejando para encontrar as palavras certas ... – é o maior urso que já vi, cacete.

– Talvez seja o que eu vi ontem à noite – disse Will. – Na verdade, vimos um ao outro. Fora da casa de Guthrie.

Adrianna abriu a parca e sentou-se no sofá surrado, jogando um travesseiro e um cobertor de lado para poder fazê-lo.

– Ele deixou você esperando um tempão – disse. – Como era o velho babaca?

– Não era mais louco do que qualquer um seria morando num barraco no meio do nada.

– Sozinho?

– Tinha uma cadela. Lucy.

– Ei – brincou Cornelius. – Não parece um homem com um bom estoque? – Sorriu, os olhos saltando da cara. – Só um cara com esse hábito chamaria sua cadela de Lucy.

– Cristo! – gritou Adrianna. – Estou de saco cheio de ouvir você falar em ficar doidão!

Cornelius deu de ombros.

– Tanto faz disse.

– Viemos aqui para fazer um serviço.

– E fizemos – disse Cornelius. – Cada coisa nojenta e digna de pena que um urso polar pode fazer nós registramos em filme. Ursos brincando ao redor dos canos de esgoto quebrados. Ursos tentando trepar no meio do depósito de lixo.

– Ok, ok – disse Adrianna. – Fizemos mesmo. – Virou-se para Will. – Ainda queria que visse meu urso.

– Ah, agora o urso é seu, é? – disse Cornelius.

Ela o ignorou,

– Só uma última sessão de fotos – ela implorou a Will. – Você não vai se decepcionar.

– Meu Deus – observou Cornelius. – É só um urso.

Adrianna se levantou do sofá e foi até Cornelius em dois passos. – Já falei: não se meta – disse, e empurrou o ombro de Cornelius com força suficiente para desequilibrá-lo. Ele desabou, levando metade da Pentax condenada de cima da mesa com o calcanhar da bota.

– Qual é – disse Will, colocando a omelete de lado caso as hostilidades aumentassem. Se isso acontecesse, não seria a primeira vez. Nove em cada dez vezes Cornelius e Adrianna trabalhavam lado a ludo como dois irmãos. E na décima, brigavam, como dois irmãos. Hoje, entretanto, Cornelius não estava com vontade de trocar insultos ou soquinhos. Levantou-se, tirando da frente da cara o cabelo comprido como o de um hippie, e saiu cambaleante para a porta, pegando seu anoraque no caminho.

– Vejo você mais tarde – disse a Will. – Vou dar uma olhada na água.

– Desculpe por isso – disse Adrianna quando ele saiu. – A culpa foi minha. Vou fazer as pazes quando ele voltar.

– Tudo bem.

Adrianna foi até o fogão e se serviu de um pouco de café.

– Então, o que Guthrie tinha a dizer?

– Não muito.

– Então por que se deu ao trabalho de ir vê-lo? – Will deu de ombros.

– Só umas coisas... da minha infância... – disse.

– Algum grande segredo?

Will foi dando um sorriso aos poucos.

– Enorme.

– Então não vai me contar?

– Não tem nada a ver com estarmos aqui. Bom, tem e não tem. Eu sabia que Guthrie morava na Baía, portanto eu meio que matei dois coelhos... – as palavras ficaram mais suaves – com uma cajadada só.

– Vai fotografá-lo? – ela perguntou, indo até a janela. As crianças Tegelstrom, que moravam do outro lado, estavam brincando na neve, rindo alto. Ela ficou olhando para eles.

– Não – disse Will. – Já invadi a privacidade dele.

– Assim como estou invadindo a sua?

– Não foi o que eu quis dizer.

– Mas é isso mesmo, não é? – ela disse com suavidade. – Eu nunca soube como era a vida para o pequeno Willy Rabjohns.

– Isso porque...

– ... você não quer me contar. – Ela estava aquecendo as turbinas para sua tese. – Sabe... é assim que você costumava ser com o Patrick.

– Que injustiça.

– Você costumava deixá-lo maluco. Às vezes ele me ligava e desfiava um cordão de desaforos...

– Ele é uma bicha melodramática – Will disse, carinhoso.

– Ele dizia que você era críptico. Você é. Dizia que era cheio de segredos. Também.

– Não é a mesma coisa?

– Não me dê uma de intelectual. Fico puta com isso.

– Tem falado com ele ultimamente?

– Agora você está mudando de assunto.

– Eu não. Você estava falando de Patrick e agora eu estou falando de Patrick.

– Eu estava falando de você.

– Estou de saco cheio de mim. Você tem falado com Patrick ultimamente?

– Claro.

– E como vai ele?

– Altos e baixos. Tentou vender o apartamento, mas não conseguiu o preço que queria, por isso vai ficando. Diz que ficar no meio do Castro o deixa deprimido. Tantos viúvos, diz ele. Mas acho que lá ele está melhor. Especialmente se ficar mais doente. Tem um grupo forte de amigos para dar apoio.

– Aquele cara ainda está por lá? O garoto que tinge as pestanas? – Você sabe o nome dele, Will – disse Adriana, virando-se e estreitando os olhos.

– Carlos – disse Will.

– Rafael.

– Cheguei perto.

– Sim, ele ainda está por lá. E ele não tinge as pestanas. Na verdade, ele é um garoto maravilhoso. Eu certamente não era tão dedicada e amorosa aos meus dezenove anos quanto ele. E tenho certeza de que você também não.

– Nem me lembro dos meus dezenove anos – disse Will – Ou dos vinte, por falar nisso. Tenho uma lembrança muito vaga dos vinte e um. – Deu urna gargalhada. – Mas você chega a um ponto em que está tão doidão que não está mais doidão.

– E isso foi aos vinte e um?

– Foi um ano muito bom para cartelas de ácido.

– Você se arrepende?

– *Je ne regrette rien* – disse Will com a voz arrastada e os olhos semicerrados. – Não, mentira. Perdi muito tempo em bares sendo apanhado por homens que eu não gostava. E que provavelmente não teriam gostado de mim se tivessem se dado ao trabalho de perguntar.

– O que não havia para gostar?

– Eu era sôfrego demais. Queria ser amado. Não, eu merecia ser amado. Era o que eu pensava, eu merecia. E não era amado. Então bebia. Doía menos quando eu bebia. – Ficou pensando por um momento, olhando para algo no meio do caminho. – Você tem razão quanto ao Rafael. Ele é melhor para o Patrick do que eu jamais fui.

– Pat gosta de ter um parceiro sempre por perto o tempo todo – disse Adrianna. – Mas ele ainda diz que você é o amor da vida dele.

Will estremeceu.

– Odeio isso.

– Bom, mas você tem – retrucou Adrianna. – Agradeça por isso. A maioria das pessoas nunca tem isso em suas vidas.

– Por falar em amor e adoração, como vai o Glenn?

– O Glenn não conta. Ele está nessa por causa das crianças.

Tenho quadris largos, peitos grandes e ele acha que eu serei fértil.

– E então, quando vocês vão começar?

– Eu não vou ter filhos. O planeta já está muito fodido, não preciso trazer para cá mais bocas para serem alimentadas.

– É o que você realmente sente?

– Não, mas é o que eu penso – disse Adrianna. – Eu sinto muita vontade de ter filhos, especialmente quando estou com ele. Por isso me mando sempre que tenho uma oportunidade. Sabe como é, posso mudar de ideia.

– Ele deve adorar isso.

– Ele fica louquinho. Vai acabar me deixando. Vai encontrar alguma mãe-terra que simplesmente queira fazer filhos.

– Vocês não poderiam adotar? Para agradar a ambos?

– Já falamos a respeito, mas Glenn está determinado a continuar a linhagem da sua família. Diz que são seus instintos animais.

– Ah, o homem natural.

– E isto num cara que sobrevive tocando num quarteto de cordas pra viver.

– E aí, o que você vai fazer?

– Deixá-lo partir. E arrumar um homem que não ligue se é o último de sua família, e ainda queira trepar como um leão no sábado à noite.

– Sabe de uma coisa?

– Eu devia ter nascido viado. Eu sei. Daríamos um lindo casal. Agora, você vem ou não? Aquele maldito urso não vai esperar para sempre.

IV

i

E
nquanto a luz da tarde começava a morrer, o vento mudou de direção e soprou do Nordeste pela Baía de Hudson, sacudindo a porta e as janelas do barraco de Guthrie, como alguma coisa solitária e invisível, querendo conforto à mesa. O velho estava sentado em sua velha poltrona de couro e saboreava o ruído do vento como um *connaisseur*. Há muito tempo desistira dos encantos da voz humana. Ela era no mais das vezes um correio de mentiras e confusões, ou pelo menos isso era o que ele passara a crer, se nunca mais em sua vida ouvisse outra sílaba proferida, não sentiria falta. Tudo de que precisava para comunicação era o som que ouvia agora. O lamento do vento era mais sábio do que qualquer salmo, prece ou profissão de amor que jamais ouvira.

Mas naquela noite o som não estava conseguindo acalmá-lo como de costume. Ele sabia por quê. A responsabilidade era do visitante que batera em sua porta na noite anterior. Ele perturbara o equilíbrio de Guthrie, levantando os fantasmas de rostos que ele tanto tentara afastar de sua mente. Jacob Steep, com seus olhos de fuligem e ouro, barba preta e mãos pálidas de poeta; e Rosa, a gloriosa Rosa, que tinha o ouro dos olhos de Steep nos cabelos, e o preto da barba dele em seu olhar, mas era tão carnal e apaixonada quando o outro era calmo e inamovível. Guthrie os conhecera por pouco tempo, e há muitos anos, mas os tinha em sua memória de forma tão clara que era como se os tivesse conhecido naquela manhã.

Ele também tinha Rabjohns lá: com seus olhos verdes leitosos, suaves demais, e seus cabelos abundantes e revoltos, que se encaracolavam na nuca, e a grande tranquilidade de sua face, marcada de cicatrizes na bochecha e na testa. Ele não havia sido suficientemente marcado, pensou Guthrie; ainda havia alguma esperança nele. De outra forma, por que havia chegado fazendo perguntas, a não ser na crença de que elas pudessem ser respondidas? Ele aprenderia, se vivesse o bastante. Não havia respostas. Nenhuma que fizesse sentido.

O vento soprava forte contra a janela, e soltou uma das tábuas que Guthrie havia prendido sobre uma vidraça quebrada. Levantou-se do abismo de sua poltrona e, apanhando o rolo de fita adesiva que havia usado para fixar a tábua, foi até a janela para consertá-la. Antes que a colocasse de volta no seu lugar, olhou pela vidraça suja. O dia estava quase acabando, as águas espessas da Baía azuladas, as rochas negras. Continuou olhando, distraído de sua tarefa não pela visão, mas pelas memórias que ainda chegavam a ele, sem terem sido chamadas, indesejadas, mas impossíveis de tirar da cabeça.

Primeiro as palavras. Não mais que um murmúrio. Mas era tudo de que ele precisava.

Estes não virão novamente...

Steep estava falando, sua voz majestosa.

...nem este. Nem este...

E, enquanto falava, as páginas apareciam na frente dos olhos lamentosos de Guthrie; as páginas do terrível livro de Steep. Ali, o retrato perfeito da asa de um pássaro, pintada com cores exóticas...

... nem isto...

... e ali, na página seguinte, um besouro, copiado na morte; cada parte documentada para a posteridade; mandíbula, élitro e membro segmentado.

... nem isto...

– Meu Deus – soluçou, o rolo de fita caindo de seus dedos trêmulos. Por que Rabjohns não podia tê-lo deixado em paz? Não havia canto do mundo onde um homem pudesse ouvir o lamento do vento, sem ser descoberto e lembrado de seus crimes?

A resposta, parecia, era não; pelo menos para uma alma tão irredimível quanto a dele. Ele jamais poderia esperar esquecer, não até que Deus lhe tirasse vida e memória, perspectiva que lhe parecia naquele momento bem menos terrível do que continuar vivendo, dia e noite, com medo de outro Will chegando à sua porta e dizendo nomes.

... nem isto...

Cale a boca, ele murmurava para as memórias. Mas a página continuava a virar em sua cabeça. Figura atrás de figura, como um bestiário mórbido. Que peixe era aquele, que nunca mais iria cruzar o oceano? Que pássaro, que nunca mais cantaria para o céu?

As páginas voavam sem parar diante de seus olhos, sabendo que no fim das contas os dedos de Steep chegariam a uma página onde ele próprio

havia feito uma marca. Não com um pincel ou caneta, mas com uma pequena faca.

E então, as lágrimas começariam a vir em torrentes, e não importaria a força com que o nordeste sopraria, ele não poderia levar o passado para longe.

ii

Os ursos não fizeram de Adrianna uma mentirosa. Quando ela e Will chegaram ao depósito, os restos do dia ainda com eles, encontraram os animais brincando em toda a sua glória profanada, os adolescentes – um deles a fêmea melhor proporcionada que já tinham visto; um perfeito espécime de seu clã – cavando na terra, a fêmea mais velha investigando a carcaça enferrujada de um caminhão, enquanto o macho que Adrianna estivera tão ansiosa para que Will visse, inspecionava seu reino fétido do alto de um dos monturos do depósito.

Will saiu do jipe e se aproximou. Adrianna, sempre armada com um rifle sob esse tipo de condições, seguia dois ou três passos atrás. A essa altura ela já conhecia a metodologia de Will: ele não gastaria filme em fotos distantes; chegaria o mais perto que pudesse sem perturbar os animais e então aguardaria. E aguardaria; e aguardaria. Mesmo entre seus pares – fotógrafos da vida selvagem que não se incomodavam nem um pouco de esperar uma semana por uma foto – sua paciência era lendária. Nisso, como em tantas outras coisas, ele era um paradoxo. Adrianna o havia visto em festas de editoras rangendo os dentes de tédio depois de cinco minutos de papo com algum admirador; mas ali, observando quatro ursos polares numa porção de terra desolada, ele se sentaria e ficaria feliz da vida, hipnotizado até encontrar o momento que queria captar.

Era óbvio que não estava interessado nem nos adolescentes nem na fêmea. Era o macho velho que ele queria fotografar. Olhou rapidamente para Adrianna e indicou em silêncio o caminho que iria tomar entre os outros animais, para poder chegar o mais perto possível de seu alvo. Mal ela fizera que sim com a cabeça e Will já estava longe, com passos seguros até mesmo na terra escorregadia de gelo. Os adolescentes não o notaram. Mas a fêmea, que certamente era grande o bastante para matar tanto Will quanto Adrianna com um tapa se quisesse, interrompeu sua investigação do caminhão e farejou o ar. Will gelou; Adrianna fez o mesmo, rifle pronto se o urso fizesse um movimento agressivo. Mas talvez

por ter farejado tantas pessoas nas redondezas do depósito, o urso não estivesse interessado naquele cheiro em particular. Ela voltou a rasgar os bancos do caminhão, e já ia Will de novo, na direção do macho. Agora Adrianna havia entendido a foto da qual Will estava atrás: um ângulo baixo, na direção da encosta no monturo para enquadrar o urso contra o céu, um rei tolo empoleirado num trono de merda. Era o tipo de imagem sobre o qual Will havia construído sua reputação. Toda a história paradoxal, capturada numa foto tão indelével e tão inevitável que parecia uma prova de conluio com Deus. Frequentemente esses acidentes felizes eram fruto de observação obsessiva. Mas às vezes, como agora, se apresentavam como presentes. Tudo o que ele tinha a fazer era agarrá-los.

Tipicamente, claro (como ela amaldiçoava o machismo dele às vezes), ele iria se posicionar tão próximo à base do monturo que se o animal decidisse ir atrás dele, estaria em apuros. Arrastando-se junto ao chão, ele encontrou seu ponto. O animal não estava se dando conta de sua proximidade, ou estava indiferente a ela; meio virado para o lado, lambia terra de suas patas. Mas Adrianna sabia de experiência que essas aparências podiam ser perigosamente enganadoras. Os animais selvagens nem sempre gostam de ser examinados, por mais discretamente que seja. Fotógrafos bem menos aventureiros que Will haviam perdido seus membros ou suas vidas apostando na sociabilidade de um animal. E, de todas as criaturas que Will havia fotografado, não havia nenhuma com a reputação mais terrível que o urso polar. Se o macho resolvesse ir atrás de Will, Adrianna teria de matar o bicho com um só tiro ou tudo estaria perdido.

Will havia encontrado um nicho na própria base do monturo que lhe cabia perfeitamente. O urso ainda estava lambendo suas patas, o rosto agora quase inteiramente virado contra a câmera. Adrianna tornou a olhar para os outros animais. Todos os três estavam animadamente envolvidos em seus esportes, mas isso não servia de muito consolo. A geografia do depósito permitia um número indefinido de outros animais coletando coisas perto dali, mas fora do alcance da visão. Não pela primeira vez desejou ter nascido com os olhos de um camaleão: facetados de lado e com movimentação independente.

Ela tornou a olhar para Will. Ele havia subido a encosta apenas um pouco, e estava com a câmera posicionada. O urso, enquanto isso, desistira de limpar as patas e inspecionava preguiçoso seu domínio em ruínas.

Adrianna desejou que ele movesse seu corpo enorme, se virasse vinte graus na direção do relógio e desse a Will sua foto. Mas ele simplesmente ergueu o focinho cheio de cicatrizes ao ar e bocejou, os lábios pretos de veludo se arreganhando ao fazê-lo. Seus dentes, assim como sua pele, eram um registro das batalhas que havia lutado. Muitos deles estavam lascados e vários outros faltavam; suas gengivas encontravam-se em carne viva, cheias de abscessos. Sem dúvida sentia dor constante, o que provavelmente não contribuía com nada para um temperamento mais dócil.

O bocejo do animal deu a Will uma chance de se mover três ou quatro metros à esquerda, até o urso encará-lo. A cautela de seu avanço deixava claro que ele estava perfeitamente ciente do risco que corria. Se o animal aproveitasse aquele momento para estudar o terreno ao invés do céu, então teria no máximo uns dois segundos para sair do seu caminho.

Mas a sorte estava com ele. Lá no alto, um bando de gansos barulhentos voava para casa, e o urso voltou preguiçoso seu olhar para eles, permitindo que Will alcançasse o ponto escolhido e se posicionasse lá antes de baixar a cabeça e, mal-humorado, tornar a examinar o depósito.

Por fim, Adrianna ouviu o clique quase imperceptível do obturador, e o giro do avanço do filme. Uma dúzia de fotos em rápida sucessão; então uma pausa. O urso baixou a cabeça. Será que havia sentido a presença de Will? O obturador tomou a clicar, quatro, cinco, seis vezes. O urso emitiu um silvo agudo. Era um aviso inconfundível. Adrianna levantou o rifle. Will continuava batendo fotos. O urso não se moveu. Will bateu mais duas fotos e então, bem devagar, começou a se levantar. O urso deu um passo em sua direção, mas o lixo sob seu corpo estava escorregadio, e ao invés de continuar seguindo o animal vacilou.

– Ele é cego.

Ela tornou a olhar para o animal. Ainda estava parado no alto do monturo, a cabeça cheia de cicatrizes movendo-se para frente e para trás, mas não tinha dúvidas de que o que Will dissera era verdade. O animal tinha pouca ou nenhuma visão. Daí sua hesitação; sua relutância em caçar quando não tinha certeza da solidez do terreno sob suas patas.

Will estava ao lado dela agora.

– Quer fotos de algum dos outros? – ela lhe perguntou. Os adolescentes haviam ido aprontar em outro lugar, mas a fêmea ainda arejava ao redor

do caminhão. Ele respondeu que não; já tinha o que precisava. Então, voltando-se para olhar o urso, disse:

– Ele me lembra alguém, só não consigo descobrir quem.

– Seja quem for, não conte a eles.

– Por que não? – perguntou Will, ainda encarando fixo o animal.

– Acho que eu ficaria lisonjeado.

V

Quando voltaram à Rua Principal, Peter Tegelstrom estava na frente de sua casa, empoleirado numa escada pregando uma fieira de lanternas de Halloween ao longo do telhado baixo. Seus filhos, uma garota de cinco anos e um garoto um ano mais velho, corriam animados ao redor, gritando e batendo palmas à medida que a fieira de abóboras e caveiras se desenrolava. Will foi conversar com Tegelstrom; Adrianna seguiu atrás. Ela fizera amizade com as crianças quase duas semanas antes, e havia sugerido a Will que ele fotografasse a família. A esposa de Tegelstrom era Inuit pura, sua beleza evidente nos rostos de seus filhos. Uma foto dessa feliz e saudável família humana vivendo a duzentos metros do depósito de lixo seria, disse Adrianna, um poderoso contraponto às fotos dos ursos. A esposa, entretanto, era tímida demais até mesmo para falar com os visitantes, diferente do próprio Tegelstrom, que a Will parecia com fome de conversar.

– Terminou suas fotos? – ele quis saber.

– Quase.

– Devia ter ido a Churchill. Lá eles têm muito mais ursos...

– ... e um bocado de turistas tirando fotos deles.

– Você podia tirar fotos dos turistas tirando fotos dos ursos – disse Tegelstrom.

– Só se um deles estivesse sendo comido.

Peter se divertia com aquilo. Terminado seu arranjo com as lanternas, desceu a escada e acendeu-as. As crianças bateram palmas.

– Não há muito para mantê-las ocupadas aqui – disse. – Às vezes me sinto mal por eles. Vamos nos mudar para Prince Albert na primavera. – Ele balançou a cabeça na direção da casa. – Minha esposa não quer, mas os bebês precisam de uma vida melhor que esta.

Os bebês, como ele os chamava, estavam brincando com Adrianna, e a pedido dela entraram para colocar suas máscaras de Halloween. Agora eles reapareciam, soltando gemidos e gritinhos para inspirar algum medo. As máscaras eram, disse Will, feitas pela esposa tímida: nada de vampiros sedentos ou fantasmas, mas espíritos mais perturbados, construídos com

pedaços de pele de foca e pedaços de pelo e papelão, todas pintadas mal e mal com tinta vermelha e azul. Colocadas em corpos tão pequeninos, elas eram estranhamente perturbadoras.

– Venham e fiquem aqui para mim, tá? – pediu Will, chamando-os para posar em frente ao portão.

– Eu entro nela? – perguntou Tegelstrom.

– Não – Will disse com rudeza.

Afável, Tegelstrom saiu do alcance da foto, e Will se agachou na frente das crianças, que haviam parado de gritar e estavam de pé no portão, de mãos dadas. Havia uma gravidade súbita no momento. Aquele não era o retrato feliz de família que Adrianna havia tentado arranjar. Era um instantâneo de dois espíritos tristes, posando no crepúsculo sob um anel de lanternas de plástico. Will estava mais feliz com essa foto do que com qualquer uma das fotos que havia tirado no depósito.

Cornelius ainda não estava em casa, o que não era grande surpresa.

– Provavelmente ele está fumando maconha com os Irmãos Grimm – disse Will, referindo-se aos dois alemães com os quais Cornelius havia feito uma amizade à base de droga e cerveja. Eles viviam no que era indiscutivelmente a casa mais luxuosa da comunidade, completa com uma televisão de bom tamanho. Além da droga, Cornelius confidenciara, eles tinham uma coleção de filmes de luta só com garotas que valia um estudo acadêmico.

– Então acabamos aqui? – perguntou Adrianna, ao começar a fazer os martinis com vodca que sempre bebiam a essa altura. Era um ritual que havia começado como uma brincadeira num barraco em Botswana, passando uma garrafinha de vodca uns para os outros e fingindo que estavam bebericando martinis muito secos no Savoy.

– Acabamos – respondeu Will.

– Você está decepcionado.

– Sempre estou decepcionado. Nunca é o que eu quero que seja.

– Talvez você queira demais.

– Já tivemos esta conversa.

– Estou tendo-a de novo.

– Bom, eu não – disse Will, com uma monotonia na voz que Adrianna conhecia de priscas eras. Deixou o assunto morrer e passou para outro.

– Tudo bem se eu tirar umas duas semanas de folga? Quero descer para Tallahassee para ver minha mãe.

– Não tem problema. Vou voltar para São Francisco para passar um tempo com as fotos, começar a fazer as conexões.

Essa era uma frase favorita dele, descrevendo um processo que Adrianna nunca entendera completamente. Ela o vira fazer isso: colocar talvez duzentas ou trezentas imagens no chão e vagar entre elas por vários dias, arrumando-as e rearrumando-as, dispondo combinações improváveis para ver se gerava alguma fagulha; grunhindo para si mesmo quando isso não acontecia; ficando um pouco alto e passando a noite sentado, meditando sobre o trabalho. Quando as conexões eram feitas, e as fotos colocadas no que ele considerava ser a ordem correta, havia inegavelmente uma energia nelas que não estava lá antes. Mas a dor do processo sempre parecera para Adrianna fora de toda proporção para o aperfeiçoamento. Era uma espécie de masoquismo, deduzira; sua última tentativa desesperada de dar sentido ao que não fazia sentido antes que as imagens saíssem de suas mãos.

– Seu coquetel, senhor – disse Adrianna, colocando o martíni perto do braço de Will. Ele agradeceu, apanhou-o e brindaram, batendo os copos.

– Não é do feitio de Cornelius perder a vodca – observou Adrianna.

– Você só quer uma desculpa para ir lá conferir os Irmãos Grimm – disse Will.

Adrianna não contestou.

– O Gert parece bom de cama.

– O da barriguinha de chope?

– Esse.

– Ele é todo seu. De qualquer forma, acho que eles são um pacote. Você não pode levar um sem o outro.

Will pegou seus cigarros e foi até a porta da frente, levando seu martíni consigo. Acendeu a luz da varanda, abriu a porta e, inclinando-se contra a maçaneta, acendeu um cigarro. As crianças Tegelstrom haviam entrado, e provavelmente já estavam enfiadas na cama, mas as luzes que Peter acendera para entretê-las ainda estavam muito brilhantes: um halo de abóboras alaranjadas e caveiras brancas ao redor da casa, balançando suavemente com as rajadas de vento.

– Tenho que lhe contar uma coisa – disse Will. – Eu ia esperar Cornelius, mas... acho que não haverá outro livro após este.

– Eu sabia que você estava incomodado com alguma coisa. Achei que fosse comigo...

– Deus, não – disse Will. – Adoro você, Adie. Sem você e Cornelius eu já teria desistido desta merda toda há muito tempo.

– Então por que agora?

– Não gosto mais de nada disso – disse ele. – Nada faz diferença agora. Vamos mostrar as fotos dos ursos e tudo o que isso vai provocar é fazer com que mais pessoas venham e os vejam enfiando os narizes em potes de maionese. É uma perda de tempo.

– E o que você vai fazer?

– Não sei. Boa pergunta. Parece que... não sei...

– Como está se sentindo?

– Como se tudo estivesse morrendo aos poucos. Tenho quarenta e um anos e parece que vi demais, estive em lugares demais e está tudo confuso, misturado. A magia acabou. Já tomei minhas drogas. Já me apaixonei. Já deixei de ouvir Wagner. Melhor que isso não vai ficar. E não é tão bom assim.

Adrianna veio se juntar a ele na porta, colocando seu queixo no ombro dele.

– Oh, meu pobre Will – ela disse, no seu melhor tom de festa. – Tão famoso, tão celebrado e tão, tão entediado.

– Você está me sacaneando?

– Estou.

– Achei que estivesse.

– Você está cansado. Devia tirar um ano de férias. Vá pegar uma praia com um rapaz bonito. Este é o conselho da Dra. Adrianna.

– Você arruma um rapaz pra mim?

– Meu Deus! Está tão cansado assim?

– Não conseguiria atravessar um bar de uma ponta a outra se minha vida dependesse disso.

– Então não atravesse. Tome outro martíni.

– Não, tenho uma ideia melhor – disse Will. – Você faz a bebida. Eu vou buscar Cornelius. Então poderemos todos ficar de pilequinho.

VI

Cornelius havia passado o resto da tarde com os irmãos Lauterbach, e se divertira, vendo as fitas de luta e fumando a erva deles. Saíra ao cair da noite, com a intenção de voltar para casa para umas duas doses de vodca, mas no meio da Rua principal a perspectiva de lidar com Adrianna lhe viera à cabeça. Não estava com vontade de se desculpar e apresentar justificativas; elas só o fariam ficar para baixo. Então, ao invés de voltar, tirou do bolso o charro gordo que havia conseguido com Gert e foi para a beira da água para fumá-lo.

Enquanto caminhava, costurando seu caminho entre as casas, o vento levava flocos de neve através da Baía, gelando seu rosto. Ele parou debaixo de um dos postes que iluminavam o chão entre os fundos das casas e a beira da água, e voltou o rosto para a luz para ver os flocos caindo. Que bonito... – disse para si mesmo. Tão mais bonito que os ursos. Quando voltasse, diria a Will que ele deveria desistir dos animais e começar a fotografar flocos de neve. Estavam muito mais ameaçados de extinção, sua cabeça levemente alterada deduzira. Assim que o sol surgisse eles morreriam, não era verdade? Toda a sua perfeição, derretida. Isso era trágico.

Will não chegou a ir à casa dos Lauterbach. Havia percorrido talvez cem metros da Rua Principal – o vento ficando mais forte a cada rajada, a neve engrossando mais e mais – quando avistou Cornelius, girando, rosto voltado para o céu. Estava obviamente doidão, o que não era grande surpresa. Sempre fora o jeito de Cornelius lidar com a vida, e Will tinha idiossincrasias demais para dar uma de juiz para com ele. Mas havia hora e lugar para esse tipo de excesso, e a Rua Principal de Balthazar na temporada dos ursos não era uma delas.

– Cornelius! – gritou Will. – Cornelius? Está me ouvindo?

A resposta aparentemente era não. Cornelius continuava sua dança dervixe sob a lâmpada. Will começou a descer a rua na direção do homem, xingando-o o tempo todo. Não desperdiçou o fôlego gritando, o vento estava forte demais, mas parte do caminho ele arrependeu de não fazer

isso porque, sem avisar, Cornelius desistiu de girar e escapuliu de suas vistas entre as casas. Will apressou o passo, embora estivesse tentado a voltar para casa e se armar antes de continuar a perseguir Cornelius. Se fizesse isso, entretanto, corria o risco de perder completamente o homem, e a julgar por seu passo cambaleante, Cornelius não estava em condições de ficar vagando sozinho no escuro. Não era tanto com os ursos que Will estava preocupado, era com a Baía. Cornelius estava indo na direção da margem. Um escorregão nas pedras geladas e ele cairia numa água tão gelada que pararia seu coração.

Alcançou o ponto onde Cornelius estivera dançando, e seguiu seus rastros do conforto da luz do poste até a terra-de-ninguém na penumbra entre as casas e as planícies de maré. Ficou aliviado ao descobrir a figura fantasmagórica de Cornelius parada a talvez cinquenta metros de distância. Desistira de ficar rodando e olhando para o céu, e estava parado como pedra, olhando na direção da escuridão da margem.

– Ei, companheiro! – Will o chamou. – Você vai pegar uma pneumonia!

Cornelius não se virou. Na verdade, não moveu um músculo. Que tipo de pílula esse cara andou pondo na boca? perguntou-se Will.

– *Con!* – tornou a gritar. Não estava a mais de vinte metros das costas de Cornelius. – É Will! Tudo bem? Fala comigo, cara!

Por fim, Cornelius falou. Uma palavra arrastada que fez Will estancar onde estava.

– *Urso.*

Havia uma nuvem de respiração nos lábios de Will. Ele aguardou, tão quieto quanto Cornelius, enquanto a nuvem limpava, e então vasculhou o cenário até o limite de sua visão. Primeiro à esquerda. A margem estava vazia até onde ele podia ver. Então para a direita: a mesma coisa.

Arriscou uma pergunta de uma palavra:

– Onde?

- Na. Minha. Frente - respondeu Cornelius.

Will deu um passo muito lento para o lado. Os sentidos alterados pelas drogas de Cornelius não o estavam enganando. Havia de fato um urso a talvez dezesseis ou dezessete metros dele, sua forma pouco visível para Will através da penumbra salpicada de neve. – Ainda está aí, Will? – perguntou Cornelius.

– Estou aqui.

– O que é que eu vou fazer, merda?

– Recue. Mas, Com: *bem, bem devagar*.

Cornelius olhou para trás, o rosto subitamente sóbrio.

– Não olhe para mim – disse Will. – Mantenha os olhos no animal. Cornelius tornou a olhar para o urso, que havia iniciado sua aproximação implacável. Não era um dos adolescentes brincalhões do depósito; nem o velho guerreiro cego que Will havia fotografado. Era uma fêmea adulta; tinha uns bons 300 quilos.

– Merda... murmurou Cornelius.

– Continue vindo – Will o incentivava. Você vai escapar. Só não a deixe pensar que você vale a pena ser caçado.

Cornelius conseguiu dar três passos para trás, mas seu equilíbrio estava fraco após a dança, e no quarto passo seu calcanhar deslizou no chão escorregadio. Ele se debateu por um momento, e em seguida recuperou seu equilíbrio, mas o estrago estava feito. Anunciando suas intenções com um silvo, a ursa desistiu do arrastar e disparou em sua direção. Cornelius se virou e correu, a ursa rugindo em seu encalço, seu corpo uma mancha. Sem arma, tudo o que Will podia fazer era se desviar do caminho de Cornelius e gritar até ficar rouco na esperança de distrair o animal. Mas era Cornelius que ela queria. Em dois pulos ela reduzira a distância entre eles pela metade, as mandíbulas abertas, preparadas...

– *Abaixa!*

Will olhou para trás na direção da voz e lá, bendita seja, estava Adrianna, rifle levantado.

– *Con!* - ela gritou. – *Abaixa a cabeça, porra!*

Ele entendeu a mensagem, e se jogou na terra congelada, com a ursa à distância de um corpo de seus calcanhares. Adrianna disparou e acertou o ombro do animal, checando-a antes que ela pudesse se encontrar com sua vítima. O animal se levantou com um rugido de agonia, sangue manchando pelo. Mas Cornelius ainda estava à distância de um golpe, se ela escolhesse dá-lo. Mergulhando para fazer de si um alvo tão pequeno quanto possível, Will saiu correndo na direção dele e, agarrando seu torso que não parava de tremer, puxou-o para longe do caminho da ursa. Cornelius exalava um forte cheiro de merda.

Will olhou para a ursa. Ela ainda não havia terminado; não estava nem perto disso. Rugindo tão alto que o chão sacudia, virou-se na direção de Adrianna, que levantou o rifle e disparou uma segunda vez, a não mais de dez metros. O rugido do animal cessou naquele instante, e uma vez mais

ela se levantou, branca, vermelha e enorme cambaleando por um momento. Então recuou como uma onda no quebra-mar, e fugiu manca para a escuridão.

Todo o encontro — do momento em que Cornelius dera nome à sua nêmesis — talvez não tivesse passado de um minuto, mas era longo o bastante para uma espécie de delírio ter tomado conta de Will. Ele se levantou, os flocos de neve caindo em espiral ao seu redor como estrelas tontas, e foi até o lugar onde o sangue do urso havia se esparramado sobre o gelo.

– Você está bem? – Adrianna perguntou.

– Estou. – ele disse.

Era apenas meia-verdade. Não estava ferido, mas também não estava inteiro. Sentia como se alguma parte dele tivesse sido arrancada pelo que havia acabado de testemunhar, e fugido para a escuridão no encalço da ursa. Ele tinha de ir atrás dela.

- Espere! – gritou Adrianna.

Will olhou para ela, tentando o melhor possível bloquear as desculpas chorosas de Cornelius e os gritos de pessoas na Rua Principal que vinham farejando após o derramamento de sangue. Adrianna estava olhando bem nos seus olhos, e ele sabia que ela estava lendo os pensamentos no seu rosto.

– Não seja babaca, Will – ela disse.

– Não há escolha.

– Então pelo menos leve o rifle.

Ele olhou para a arma como se as balas tivessem acabado de ser carregadas nele próprio.

– Não preciso delas – disse.

– Will...

Ele lhe deu as costas; às luzes, às pessoas e suas indagações imbecis. Então pulou para a linha da margem, seguindo a trilha vermelha que a ursa deixara atrás de si.

VII

Ah, todos os anos que ele havia esperado. Esperado e observado com o olho desapaixonado enquanto algo por perto morria, registrando sua passagem como a testemunha verdadeira que era. Mantendo sua distância, mantendo sua calma. Agora bastava. A ursa estava morrendo, e ele também morreria se a deixasse ir agora; deixá-la morrer no escuro sozinha. Alguma coisa nele havia despertado. Não sabia por quê. Talvez por causa da conversa com Guthrie, que despertara tanta dor, talvez o encontro com o urso cego no depósito; talvez simplesmente porque a hora tivesse chegado. Ele havia ficado pendurado no seu galho tempo demais, amadurecendo. Estava na hora de cair e apodrecer para se tornar algo de novo.

Seguiu a trilha da ursa ao longo da margem, paralela à rua, com uma espécie de desespero exultante. Não tinha ideia do que iria fazer quando alcançasse o animal; só sabia que tinha de estar com ela em suas agonias, visto que até certo ponto ele as havia provocado. Fora ele, afinal, que levara Cornelius e seus hábitos para lá. A ursa estava simplesmente fazendo o que faria na vastidão selvagem, confrontada por algo ameaçador. Recebera um tiro por ser fiel à sua natureza. Nenhuma bicha que tivesse bom senso podia ser feliz sendo cúmplice nisso.

A empatia de Will com o animal não havia desestabilizado inteiramente sua necessidade de autopreservação. Embora acompanhasse a trilha bem de perto a maior parte do caminho, deu às rochas uma pequena distância ao chegar perto delas, caso houvesse mais animais espreitando ali. Mas a pouca luz que as lâmpadas da Rua Principal haviam fornecido estavam agora muito distantes dele para ser de alguma ajuda. Estava cada vez mais difícil distinguir as manchas de sangue. Ele tinha de parar e estudar o terreno para encontrá-las, e agradecia por essa pausa. O ar gelado doía em sua garganta e peito; seus dentes doíam como se estivessem sendo perfurados ao mesmo tempo; as pernas tremiam.

Se estava se sentindo fraco, pensou, a ursa estava certamente bem mais fraca. Já havia derramado quantidades copiosas de sangue e devia estar próxima do colapso.

Perto, um cão latia, o alarme familiar.

– Lucy... – Will disse para si mesmo, e levantando a cabeça para olhar pela neve que se adensava, viu que sua perseguição o havia levado a vinte metros dos fundos do barraco de Guthrie. Ele ouvia o velho gritar agora, dizendo à cadela para calar a boca; e então o som da porta dos fundos sendo aberta.

Luz se derramava de dentro dela para a neve. Uma luz fraquinha em comparação com a dos postes de rua a 100 metros de distância, mas brilhante o bastante para mostrar a Will sua presa.

O animal estava mais próximo da margem do que do barraco, e mais próximo de Will que de ambos; de quatro, balançando, o chão ao redor dela escuro com seu sangue que fluía livremente.

– Que merda está acontecendo aqui? – Guthrie quis saber.

Will não olhou para ele; manteve os olhos fixos na ursa – assim como os dela estavam fixados nele – enquanto gritava para Guthrie voltar para dentro.

– Rabjohns? É você?

– Tem uma ursa ferida aqui fora... – gritou Will.

– Estou vendo – replicou Guthrie. – Foi você que atirou nela?

– Não! – Do canto do olho Will podia ver que Guthrie havia emergido do barraco. – Quer voltar para dentro?

– Está ferido? – gritou Guthrie.

Antes que Will pudesse responder, a ursa estava de pé, e, virando seu corpanzil para Guthrie, atacou. O tempo que ela levaria para chegar ao velho foi o bastante para Will se perguntar por que havia escolhido pegar Guthrie ao invés dele; se nos segundos em que se encararam ela vira que ele não a ameaçava; era só mais outra coisa ferida, apanhada entre rua e mar. Então ela se ergueu e golpeou Guthrie; o golpe o atirou a cerca de dois metros. Ele caiu feio, mas graças a algum grotesco fluxo de adrenalina já estava de pé um segundo depois, gritando incoerências para sua atacante. Só então seu corpo pareceu perceber o enorme mal que lhe havia sido feito. As mãos foram ao peito, seu sangue correndo por entre os dedos Seus gritos cessaram e ele olhou para o urso, de modo que por um momento ficaram olhando um para o outro, ambos ensanguentados, ambos vacilantes. Então Guthrie estragou a simetria e caiu de cara na neve.

Ainda de pé na porta, Lucy deu início a uma rodada de latidos desesperados, mas por mais traumatizada que estivesse, não tinha intenção alguma de se aproximar de seu dono. Guthrie ainda estava vivo; tentava se

virar, ao que parecia, a mão direita escorregando no gelo enquanto tentava se levantar.

Will olhou para trás, esperando que alguém estivesse à vista para ajudar. Não havia sinal de gente na margem; talvez as pessoas estivessem vindo pela rua. Mas não podia esperar por elas. Guthrie precisava de ajuda e precisava agora. A ursa havia caído de quatro novamente, e pelo grau de seu balançar, parecia prestes a desabar por completo. Mantendo os olhos nela, ele cuidadosamente se aproximou do lugar onde Guthrie estava deitado. O delírio que o tomara antes havia se esvaído. Só percebia um mal-estar amargo em seu peito.

Quando alcançou Guthrie, o homem havia conseguido se virar, e estava claro que ele se ferira além da esperança de cura: seu peito, um poço molhado; o olhar, o mesmo. Mas parecia ver Will; ou pelo menos sentir sua proximidade. Ele estendeu a mão quando Will se curvou, e agarrou-o pelo casaco.

– Onde está Lucy? – perguntou.

Will levantou a cabeça. A cadela ainda estava na soleira da porta. Não estava mais latindo.

– Ela está bem.

Aparentemente Guthrie não ouviu a resposta de Will, pois o puxou para mais perto, sua mão incrivelmente forte.

– Ela está a salvo – Will disse mais alto, mas mesmo enquanto falava ouviu o silvo de aviso do urso. Olhou de volta na direção dela. O corpanzil todo estava estremecendo, como se o organismo dela, assim como o de Guthrie, estivesse próximo à capitulação. Mas não estava pronta para morrer onde se encontrava. Deu um passo experimental na direção de Will, os dentes arreganhados.

O outro braço de Guthrie havia apanhado Will pelo ombro. Falava novamente. Nada que fizesse muito sentido para Will; pelo menos não naquele momento.

– *Isto... não virá... de novo...* – disse ele.

A ursa deu um segundo passo, seu corpo balançando para a frente e para trás. Muito lentamente, Will pelejou para tirar as mãos de Guthrie dele, mas o homem era muito forte.

– A ursa... – disse Will.

– *Nem isto...* – murmurou Guthrie. – *nem isto...* Havia um pequeno sorriso em seus lábios ensanguentados. Será que ele sabia, mesmo em sua

agonia de morte, o que estava fazendo; segurando o homem que havia aparecido com lembranças tão amargas, onde a ursa pudesse pegá-lo?

Will não tinha escolha: se quisesse sair do caminho da ursa, teria de arrastar Guthrie consigo. Começou a se levantar, erguendo junto o corpo do velho. O movimento provocou um uivo angustiado de Guthrie, e sua mão afrouxou um pouco o ombro de Will. Will andou de lado na direção da cabana, meio que carregando Guthrie consigo como um parceiro em alguma dança mórbida. A ursa havia parado e observava aquela cena grotesca com olhos de um negro líquido. Will deu um segundo passo, e Guthrie soltou outro grito, muito mais fraco do que o primeiro, e de repente soltou Will, que não tinha mais força nos braços para apoiá-lo. Guthrie deslizou para o chão como se cada osso de seu corpo tivesse virado água, e nesse instante a ursa decidiu atacar. Will não teve tempo de se desviar, muito menos correr. O animal estava sobre ele num salto, atacando-o como um carro hiperveloz, quebrando seus ossos com o impacto, o mundo se tornando uma mancha de dor e neve, ambos brancos de cegar.

Então sua cabeça bateu no chão gelado. A consciência fugiu por alguns segundos. Quando ela voltou, ele levantou a cabeça; viu a neve vermelha. Onde estava a ursa? Olhou para a esquerda e para a direita procurando por ela. Nem sinal. Um de seus braços estava debaixo de seu corpo, e inutilizado, mas o outro tinha força suficiente para levantá-lo. O movimento provocou uma dor insuportável, e ele tinha medo de perder a consciência novamente, mas aos poucos conseguiu forçar o corpo a uma posição de joelhos.

Bem longe à sua esquerda, um som de farejar. Olhou nessa direção, a visão lhe faltando. A ursa estava com o focinho no cadáver de Guthrie, inalando seus perfumes. Ela levantou a enorme cabeça, o focinho ensanguentado.

Isto é a morte, pensou Will. *Para todos nós, isto é a morte*. Isto é o que você fotografou tantas vezes. O golfinho afogando-se na rede, com uma aquiescência de dar pena; o macaco tremendo entre seus companheiros mortos, olhando para ele com um olhar que não conseguia retribuir, exceto através de sua câmera. Todos eram o mesmo naquele momento, ele e o macaco; ele e a ursa. Tudo coisas efêmeras, o tempo se esgotando.

E então a ursa estava sobre ele, suas garras abrindo seu ombro e costas, as mandíbulas procurando seu pescoço. Em algum lugar distante, num

lugar ao qual ele não pertencia mais, ouviu uma mulher chamando seu nome, e seu cérebro preguiçoso pensou: *Adrianna está aqui; doce Adrianna..*

Ouviu um tiro, seguido de outro. Sentiu o peso da ursa contra si, arrastando-o para o chão, o sangue dela chovendo em seu rosto.

Será que ele fora salvo?, perguntou-se vagamente. Mas mesmo enquanto dava forma ao pensamento, outra parte de si, que não tinha olhos para ver nem ouvidos para ouvir, e não se importava se os tivesse, estava desaparecendo daquele lugar; e sentidos que ele nunca soubera existir rasgavam as nuvens de nevasca e estudavam as estrelas. Parecia-lhe que conseguia sentir o calor delas; que a distância entre seus corações de fogo e seu espírito era tão-somente um pensamento, e ele poderia estar lá, dentro delas, conhecendo-as, se voltasse sua mente para isso.

Alguma coisa, entretanto, interrompeu sua ascensão. Uma voz em sua cabeça que ele sabia que era familiar, mas não conseguia lhe dar um nome.

– *Onde acha que está indo?* – perguntou a voz. Havia um humor sacana nela. Tentou colocar um rosto nesse som, mas só via fragmentos. Cabelos ruivos sedosos; nariz afilado, bigode cômico. – *Ainda não pode ir não* – falou o interlocutor.

Mas eu quero, ele disse. Dói tanto ficar aqui. Não a parte morta, mas a viva.

Seu companheiro ouviu suas reclamações e não se comoveu.

– *Quieto* – disse. – *Você acha que é o primeiro homem do planeta a perder a fé? Faz parte do jogo. Vamos ter uma conversa muito séria, você e eu. Face a face. De homem para...*

Homem para o quê?

– *Já vamos chegar lá* – respondeu a voz. Estava começando a ficar fraca.

Aonde está indo? Will quis saber.

– *Pra nenhum lugar onde possa me encontrar quando chegar a hora* – respondeu o estranho. – *E esse tempo virá, meu amigo sem fé. Tão certo quanto Deus pôs tetas em árvores.*

E, com esse absurdo, ele se foi.

Houve um momento de silêncio extático, quando passou pela mente de Will que talvez ele tivesse morrido, afinal, e estivesse flutuando para o esquecimento. Então ouviu Lucy – a pobre órfã Lucy – uivando de cortar o

coração bem perto dele. E logo atrás do burburinho delas, vozes humanas, dizendo-lhe para ficar quieto, quieto, ele ia ficar bem.

– Está me ouvindo, Will? – Adrianna lhe perguntava.

Ele podia sentir os flocos de neve caindo em seu rosto, como plumas frias. Em sua testa, em suas pálpebras, lábios, dentes. E então – bem menos bem-vinda que a neve que espetava – uma agonia cada vez maior em seu torso e cabeça.

– *Will* – disse Adrianna. – *Fale comigo.*

– Ssss...iim – disse ele.

A dor estava se tornando insuportável, e ficando cada vez mais intensa.

– Você vai ficar bem. – disse Adrianna. – Temos ajuda chegando e você vai ficar bem.

– Cristo, que zona! – disse alguém. Conhecia a inflexão. Um dos irmãos Lauterbach, certamente; Gert, o médico, expulso por distribuição inadequada de produtos farmacêuticos. Estava dando ordens como um sargento: cobertores, bandagens, aqui, agora, rápido!

– Will? – Uma terceira voz, esta próxima de seu ouvido. Era Cornelius, chorando enquanto falava. – Cara, eu fiz merda. Meu Deus, me perdoa...

Will queria que o sujeito parasse de se auto recriminar – aquilo não tinha a menor utilidade para ninguém ali – mas sua língua não conseguia funcionar para formar as palavras. As pálpebras, no entanto, se abriram um pouco, deslocando o pó de neve dos olhos. Não conseguia ver Cornelius, nem Adrianna, nem Gert Lauterbach. Somente a neve, caindo em espirais.

– Ele ainda está conosco – disse Adrianna.

– Ah, meu Deus, ah, meu Deus – Cornelius soluçava. – Graças a Deus, porra.

– Aguente firme – Adrianna disse a Will. – Estamos com você. Está me ouvindo? Você não vai morrer, Will. Não vou deixar você morrer, ok?

Ele deixou os olhos se fecharem novamente. Mas a neve continuava caindo dentro de sua cabeça, fazendo com que se calasse; como um cobertor macio posto sobre sua dor. E aos poucos a dor foi recuando, e as vozes recuando, e ele dormiu sob a neve, e sonhou com outro tempo.

PARTE DOIS



Ele Sonha que é Amado

I

Por alguns preciosos meses após a morte de seu irmão mais velho, Will havia sido o garoto mais feliz de Manchester. Não publicamente, claro. Rapidamente aprendera a fazer uma cara triste; às vezes até a ameaçar um choro, se um parente preocupado lhe perguntasse como se sentia. Mas era tudo enganação. Nathaniel estava morto, e ele estava contente. O garoto de ouro não reinaria mais sobre ele. Agora só havia uma pessoa em sua vida que o tratava como papai o tratava, e esse era o próprio papai.

Papai tinha motivos. Era um grande homem. Um filósofo. Outros garotos de treze anos tinham pais que eram encanadores ou motoristas de ônibus, mas o pai de Will, Hugo Rabjohns, tinha seis livros escritos, livro que um encanador ou um motorista de ônibus dificilmente entenderia. O mundo, Hugo dissera um dia a Nathaniel na presença de Will, era feito por muitos homens, mas moldado por poucos. O importante era ser um desses poucos; achar um lugar em que você pudesse mudar os padrões repetitivos dos muitos através da influência política e do discurso intelectual, e se um dos dois falhasse, através da coerção benigna.

Will adorava ouvir seu pai falar assim, embora muito do que o pai dissesse estivesse além de sua compreensão. E seu pai adorava falar de suas ideias, embora Will um dia o tivesse ouvido ficar furioso quando Eleanor, mãe de Will, chamara seu pai de professor.

– Não sou, nunca fui, e jamais serei um *professor*! – Hugo rugira, seu rosto sempre vermelho ficando ainda mais rubro. – Por que você sempre quer me *rebaixar*?

O que sua mãe respondera? Alguma coisa vaga. Ela sempre era vaga. Olhava algo além dele, pela janela, provavelmente; ou encarava de modo crítico as flores que havia acabado de arrumar.

– Filosofia não pode ser ensinada – dissera Hugo. – Só pode ser inspirada.

Talvez a conversa tivesse prosseguido mais um pouco, mas Will duvidava. Uma explosão curta, depois a paz; esse era o ritual. E às vezes uma discussão carinhosa, mas isso também morria rapidamente. E sempre

no rosto de sua mãe o mesmo olhar distraído sempre que o assunto era filosofia ou afeto.

Mas então Nathaniel morreu, e até mesmo essas discussões cessaram.

Ele se feriu numa manhã de quinta, atravessando a rua: atropelado por um táxi, o motorista correndo para levar seu passageiro à Manchester Piccadilly Station a tempo para um trem do meio–dia. Atingido em cheio, ele foi atirado pela vitrine de uma sapataria, sofrendo escoriações múltiplas e ferimentos internos impressionantes. Não morreu instantaneamente. Agarrou–se à vida por dois dias e meio na UTI da Royal Infirmary, mas não recuperou a consciência. Nas primeiras horas da terceira noite seu corpo desistiu de lutar e ele morreu.

Na versão mitificada que Will tinha do evento, seu irmão havia tomado a decisão, em algum lugar das profundezas de seu coma, de não voltar ao mundo. Embora ele tivesse apenas quinze anos ao morrer, já havia provado mais da aprovação do mundo que a maioria dos homens que viviam até a idade bíblica. Amado à devoção por aqueles que o fizeram, abençoado com um rosto que ninguém podia ver sem querer amar, Nathaniel decidira abandonar o mundo enquanto ele ainda o idolatrava. Havia sido adorado o bastante, festejado o bastante. Já estava aborrecido com isso. Melhor partir, sem olhar para trás.

Depois do funeral, Eleanor não saiu mais de casa. Sempre gostara de caminhar e ver as vitrines; não fez mais isso. Tivera um círculo de amigas com as quais almoçava pelo menos duas vezes por semana; não falava mais sequer ao telefone com elas. Seu rosto perdeu todo o glamour. A distração dela se transformou em vacuidade, suas obsessões ficando maiores a cada dia. Ela não abria mais as cortinas da sala de estar, por medo de ver um táxi. Não conseguia comer, a não ser em pratos brancos. Não dormia até que cada porta e janela da casa estivesse sido absolutamente trancada. Começou a rezar, normalmente muito baixinho, em francês, que era sua língua nativa. O espírito de Nathaniel, Will a ouvira dizer ao marido uma noite, estava com ele o tempo todo; Hugo não o vira no rosto dela? Eles tinham os mesmos ossos, não tinham? Os mesmos ossos franceses.

Mesmo com a idade de treze anos, Will tinha uma percepção não-sentimental do mundo; não mentia para si mesmo sobre o que estava acontecendo com sua mãe. Ela estava ficando louca. Esta era a simples e penosa verdade. Por várias semanas em maio ela não podia suportar ser

deixada sozinha na casa, e Will era obrigado a faltar à escola (nada demais) e ficar em casa com ela – banido de sua presença (ela não tinha desejo de ver um rosto que lembrava uma cópia pobre da perfeição de Nathaniel), mas chamado de volta com soluços e promessas se ela o ouvisse abrindo a porta da frente. Por fim, no meio de agosto, Hugo mandou Will se sentar e lhe disse que a vida em Manchester havia se tornado intolerável para os três, e ele decidira que iriam se mudar. – Sua mãe precisa de céus abertos explicou, o peso dos meses desde o acidente estampado em seu rosto. Ele tinha, em suas próprias palavras, um rosto de pugilista; sua crueza monolítica uma rocha improvável de onde ouvir as finas distinções de pensamento e vocabulário surgirem. Mas surgiam. Até mesmo o simples ato de descrever a partida da família de Manchester se tornou uma aventura linguística.

– Percebo que estes últimos meses têm sido perturbadores para você – o pai disse a Will. – As manifestações de pesar podem ser confusas para todos nós, e não posso fingir que compreendo plenamente por que a perturbação de sua mãe assumiu formas tão idiossincráticas. Mas você não deve julgá-la. Não podemos sentir o que ela sente. Ninguém pode *jamais* sentir o que outra pessoa sente. Podemos apenas *adivinhar*. Podemos fazer *hipóteses*. Mas é só. O que acontece aqui em cima... – e bateu com o dedo na têmpora – é dela e somente dela.

– Talvez se ela falasse a respeito – Will sugeriu.

– Palavras não são absolutas. Já lhe disse isso antes, não disse? O que sua mãe diz e o que você ouve não são a mesma coisa. Você entende isso, não entende? Will assentiu, embora só apreendesse a versão mais crua do que lhe estava sendo dito. – Então estamos nos mudando – replicou Hugo, aparentemente satisfeito por ter comunicado seus fundamentos teóricos.

– Para onde estamos indo?

– Um vilarejo em Yorkshire, chamado Burnt Yarley. Você terá de mudar de escola, mas isso não será um grande problema para você, será? – Will murmurou que não era; ele odiava o St. Margaret's. – E não vai lhe fazer mal ficar num ambiente mais aberto um pouco mais. Você parece tão pálido o tempo todo.

– Quando iremos?

– Em cerca de três semanas.

II

i

A mudança não aconteceu bem conforme o planejado. Dois dias após a conversa de Hugo com Will, sem avisar, Eleanor quebrou suas próprias regras e saiu de casa no meio da manhã, vagando. Foi escoltada para casa no fim da tarde, tendo sido encontrada chorando na rua onde Nathaniel fora atropelado. A mudança foi adiada, e durante a quinzena seguinte ela foi assistida por enfermeiras e tratada por um psiquiatra. As medicações dele lhe fizeram algum bem. Seu humor ficou mais animado depois de alguns dias: ela ficou alegre como não era de seu feitio, na verdade, e mergulhou na arrumação para a mudança com gosto. No segundo fim de semana de setembro, a mudança atrasada aconteceu.

A viagem de Manchester durou pouco mais de uma hora, mas era como se tivesse levado o comboio de dois veículos para outro país. Com as ruas sem charme de Oldham e Rochdale para trás, eles abriram caminho até o campo aberto, vastas terras pantanosas dando lugar às charnecas mais íngremes, cujos flancos de um verde luxuriante eram aqui e ali reduzidos a pavimentos de granito cinzento e sombrio. O vento soprava forte no topo das colinas, batendo na van alta em que Will pedira para ser passageiro. Com mapa na mão, ele acompanhou–lhes a rota o melhor possível, os olhos se desviando da estrada que tomavam para se aventurar onde os nomes eram mais estranhos: Kirkby Malzeard, Gammersgill, Horton–in–Ribblesdale, Yockenthwaite e Garthwaite e Rottenstone Hill. Havia um mundo de promessas nesses nomes.

Seu destino, o vilarejo de Burnt Yarlex, era para os olhos de Will indistinguível de uma dezena de outros vilarejos pelos quais haviam passado em seu caminho: um apanhado de casas e chalés simples e quadrados construídos com o calcário local e com telhado de ardósia; cinco lojas (um armazém, um açougue, uma banca de uma agência dos correios, pub), uma igreja com um pequeno pátio cercando–a e uma ponte íngreme sobre um rio estreito como um beco. Havia, entretanto, três ou quatro residências mais substanciais nos arredores do vilarejo. Uma delas seria sua nova casa, ele sabia: era a maior casa de Burnt Yarley, tão bela

que, segundo o pai de Will, Eleanor havia chorado de alegria ao pensar em viver lá. Vamos ser muito felizes lá, dissera Hugo, oferecendo isso não como uma esperança. mas como uma instrução.

ii

O primeiro sinal dessa felicidade aguardava por eles no portão da frente: uma mulher de meia-idade, gordinha e sorridente, que se apresentou como Adele Bottrall e recebeu-os todos com o que parecia ser um prazer genuíno. Ela se encarregou instantaneamente de descarregar as coisas do carro e da van, supervisionando seu marido Donald e seu filho Craig, que era o tipo de jovem de dezesseis anos caladão e teimoso de quem Will teria temido uma surra sem motivo no pátio da St. Margaret's. Ali, entretanto, ele era um cavalo de carga, olhos baixos a maior parte do tempo, enquanto levava caixa e móveis para dentro da casa. Will recebeu um copo de limonada da Sra. Bottrall e ficou vagando pela casa para inspecioná-la, voltando de vez em quando à frente para observar Craig em sua labuta. A tarde estava abafada: trovões mais tarde, prometeu Adele, vai limpar o ar – e Craig tirou a camisa, ficando apenas com um colete simples, o suor correndo dos cabelos pelo seu pescoço e rosto, o pescoço e braços descascando onde havia apanhado sol demais. Will tinha inveja de sua musculatura; dos pelos enrolados de suas axilas, e as costeletas ralas que estava cultivando. Fingindo preocupação com o cuidado que Craig exercia com as mesas e abajures, seguiu, preguiçoso, o rapaz de aposento em aposento, vendo-o trabalhar. Ocasionalmente, Craig faria algo que fazia Will se sentir como se não devesse estar observando, embora não fossem coisas particularmente estranhas de se fazer. Passar a língua sobre o bigode fino; esticar os braços sobre a cabeça; jogar água no rosto na pia da cozinha. Uma ou duas vezes Craig olhou para ele, um pouco surpreso pela atenção que estava recebendo. Quando o fez, Will se certificou de que estava usando um fac-símile da indiferença que vira tantas vezes no rosto de sua mãe.

A mudança foi até o início da noite, a casa — que não tivera moradores por dois anos resistindo sutilmente à sua ocupação. Portas interiores provavam ser estreitas demais para vários dos baús, e quartos pequenos demais para acomodar peças de mobiliário da casa na cidade. Com o passar das horas, os temperamentos foram ficando em frangalhos. Dedos esfolavam e sangravam, calcanhares raspavam e dedões dos pés davam

topadas. Eleanor manteve uma calma imperiosa o tempo todo, sentada na janela panorâmica que oferecia uma magnífica vista do vale e bebericando chá de ervas, enquanto seu marido tomava decisões quanto à disposição dos aposentos que ela jamais lhe teria confiado nos velhos tempos. Certo momento, prendendo os dedos entre uma caixa e a parede, Craig despejou uma caudalosa torrente de linguagem suja, silenciado por um cascudo violento de Adele. Will escolheu testemunhar o tabefe, e viu como os olhos de Craig soltaram lágrimas de dor. Ele era, Will percebeu, apenas um garoto, apesar de todo seu suor e músculo, e seu interesse em olhar o trabalho de Craig evaporou-se no mesmo instante.

iii

Isso foi no sábado. A noite não trouxe trovões, como Adele previu que traria, e no dia seguinte o ar já estava úmido antes que o sino solitário da igreja de São Lucas convocasse os fiéis para a missa. Adele estava entre os membros da congregação, mas seu marido e filho não. Quando a mestre de obras dos dois finalmente apareceu, eles já tinham feito quase duas horas de trabalho sem graça, descarregando os caixotes de forma tão rude que várias peças de porcelana e um vaso chinês racharam.

Alerta ao mal-estar geral, Will decidiu ficar fora do caminho. Enquanto o clã dos Bottrall andava ao redor de tudo lá embaixo, ele permanecia no andar de cima, no quarto de teto inclinado e com vigas que lhe fora dado. Ficava nos fundos da casa, o que parecia muito bom para ele. Da janela de alpendre baixo ele tinha uma vista da encosta intacta da charneca, sem uma casa ou cabana à vista, apenas algumas árvores curvadas pelo vento e um punhadinho de ovelhas.

Estava pregando um mapa-múndi na parede quando ouviu a vespa, em seus últimos dias, zumbindo ao redor da cabeça. Apanhou um livro e tentou espantá-la, mas ela voltou, seu zumbido cada vez maior. Tornou a atacá-la, mas de algum modo ela evitou seu golpe e, driblando-o, deu-lhe uma ferroada abaixo da orelha esquerda. Ele soltou um grito, e recuou para a porta quando o inseto fez o circuito da vitória ao redor de sua cabeça. Não tentou espantá-la uma terceira vez; abriu a porta e desceu aos trancos e barrancos, gemendo.

Não recebeu consolo. Seu pai estava no meio de uma discussão acalorada com Donald Bottrall, e atirou-lhe um olhar tamanho quando ele se aproximou. Engolindo lágrimas, foi procurar a mãe, Estava mais uma

vez sentada à janela panorâmica, com um vidro de pílulas no braço da cadeira. Tinha um segundo vidro aberto, o conteúdo na palma da mão, e estava contando-as.

– Mãe? – ele disse.

Ela levantou os olhos das pílulas, um olhar de suave desespero no rosto.

– O que houve? – ela perguntou. Ele contou. – Você é descuidado, hein? – ela retrucou. – As vespas sempre ficam bravas no outono. Você não devia provocá-las.

Começou então a protestar que não havia provocado nada, ele é que fora a parte inocente, mas viu pela expressão no rosto dela que já havia se desligado dele. Um momento depois, voltou a contar as pílulas. Sentindo-se frustrado mas profundamente ineficaz, retirou-se.

A ferroada realmente estava latejando, o desconforto alimentando sua raiva. Voltou ao andar de cima e foi ao banheiro; encontrou uma pomada para picadas de insetos no armário de remédios e aplicou-a desajeitado à ferroada. Então lavou o rosto, removendo qualquer evidência de lágrimas. Nunca mais iria chorar, disse ao seu reflexo; era uma estupidez. Não fazia com que ninguém o escutasse.

Não se sentindo nem um pouco mais feliz, tornou a descer. Pouco havia mudado. Craig estava na cozinha, a boca cheia com alguma coisa que Adele havia cozinhado; Eleanor continuava sentada com suas pílulas; e Hugo levara sua discussão com Donald – que parecia teimoso o bastante para devolver cada desaforo na mesma moeda – para o jardim da frente, onde falavam um com o outro com muita raiva. Ninguém reparou em Will saindo para o vilarejo; ou, se repararam, ninguém se importou o bastante para impedi-lo.

III

As ruas de Burnt Yarley estavam praticamente desertas, todas as lojas, fechadas. Até mesmo a lojinha de doces, onde Will havia esperado apaziguar sua frustração e sua garganta seca com um sorvete, estava fechada. Olhou pela janela, as mãos em concha ao redor do rosto. O interior era tão pequeno quanto a fachada sugeria, mas cheio até o teto de artigos, alguns claramente voltados para os turistas e caronistas que passavam pela cidade: cartões-postais, mapas, até mochilas. Curiosidade satisfeita, Will vagou até a ponte. Não era grande – talvez seis metros de comprimento e construída da mesma pedra cinzenta que os chalezinhos em sua vizinhança imediata. Sentou-se no muro baixo e ficou olhando o rio lá embaixo. O verão tinha sido seco, e agora não havia muito mais que um riachinho se esgueirando entre as pedras, mas as margens estavam repletas de margaridas e moitas de bálsamo. Havia abelhas às dezenas ao redor do bálsamo. Will observou-as desconfiado, pronto para bater em retirada se alguma delas voasse em sua direção.

– É tudo idiota – murmurou.

– O quê? – alguém perguntou às suas costas.

Ele se virou, e achou não um, mas dois pares de olhos sobre ele. O que falara, uma garota de cabelos compridos, gordinha e com muitas sardas, era um pouco mais velha que ele e estava em pé na subida da ponte, enquanto seu companheiro se encontrava agachado contra a parede oposta à de Will e enfiava o dedo no nariz. O garoto era obviamente irmão dela; tinham as mesmas feições largas e simples, e olhos cinzentos graves. Mas enquanto ela ainda parecia estar em seu melhor estilo de domingo, o irmão era uma bagunça só, roupas amarrotadas e encardidas, a boca suja de suco de frutas. Ele olhou para Will com uma careta.

– O que é idiota? – a garota tornou a perguntar. – Este lugar.

– Né não – disse o garoto. – Idiota é *você*.

– Cala a boca, Sherwood – disse a garota. – *Sherwood?* perguntou Will.

– É, Sherwood – foi a resposta desafiadora do garoto. Levantou-se cambaleante como se estivesse pronto para uma briga, as pernas cascorentas de machucados velhos. Sua beligerância durou dez segundos.

Então disse: — Quero ir brincar em outro lugar. – Seu interesse pelo estranho claramente se havia desvanecido. – Vamos Frannie.
– Não é meu nome de verdade – a garota disse antes que Wil pudesse fazer algum comentário. – É francês.
– Sherwood é um nome legal disse Will.
– Ah, é? – disse Sherwood.
– É.
– Então, quem é você? — Frannie quis saber.
– Ele é o filho dos Rabjohns. – disse o Sherwood de pernas cascorentas.
– Como sabia disso? – Will quis saber.
Sherwood deu de ombros.
– Ouvi falar – disse com um sorrisinho sacana – porque eu tenho *ouvidos*.
Frannie soltou uma gargalhada.
– As coisas que você ouve – ela disse.
Sherwood deu um risinho, satisfeito por ter sido apreciado.
– As coisas que eu ouço – ele disse, repetindo a frase cantando. – As coisas que eu ouço, as coisas que eu ouço.
– Saber o nome de alguém não é assim tão inteligente – replicou Will.
– Eu sei mais do que isso.
– Como por exemplo?
– Como por exemplo que você veio de Manchester, e tinha um irmão, só que ele *morreu*. – Ele disse o verbo com deleite. – E seu pai é professor. – Olhou para a irmã. – Frannie diz que odeia professores.
– Bom, ele não é professor – Will retrucou.
– Então ele é o quê? – Frannie queria saber.
– Ele é... ele é Doutor em Filosofia.
Soou como uma bela esnobada, e por um momento calou a boca de sua plateia. Então Frannie perguntou:
– Ele é médico mesmo?
Ela se referira direto à parte do título de seu pai que Will nunca entendera de verdade. Colocou um rosto corajoso sobre sua incompreensão.
– Tipo disse. – Ele faz as pessoas ficarem melhores... escrevendo livros.
– Isso é que é *idiota* – disse Sherwood, repetindo a palavra que começara toda aquela conversa. Will começou a rir de como isso era ridículo.
– Não estou nem aí para o que você pensa – disse Will, fazendo sua melhor cara de desdém. – Qualquer um que viva neste lixo tem que ser a

pessoa mais idiota que eu já vi na vida. É isso o que você é...
Sherwood tinha virado as costas para Will e cuspia sobre a ponte. Will desistiu dele e marchou de volta para a casa.
– Espere... – ouviu Frannie dizer.
– *Frannie* – Sherwood gemeu. – Deixa ele pra lá.
Mas Frannie já estava do lado de Will.
– Às vezes Sherwood fica bobo – ela disse, quase se desculpando. – Mas ele é meu irmão, por isso tenho de tomar conta dele.
– Um dia alguém ainda vai bater nele. E bater feio. E pode ser eu.
– Ele apanha toda hora – disse Frannie – porque as pessoas acham que ele é... – Ela parou, respirou fundo e continuou: – Que ele não é muito bom da cabeça.
–*Fraaaannnie*... – Sherwood estava gritando.
– É melhor você voltar para ele, senão ele acaba caindo da ponte.
Frannie deu ao seu irmão um olhar rápido para trás. – Ele está bem. Sabe, aqui não é tão ruim ela disse.
– Não estou nem aí – replicou Will. – Vou fugir.
– Vai?
– O que foi que eu acabei de dizer?
– Pra onde?
– Ainda não decidi.
A conversa vacilou nesse ponto, e Will esperou que Frannie voltasse para seu irmão chato, mas ela estava determinada a continuar a conversa, andando ao lado dele.
– É verdade o que Sherwood disse? – ela perguntou, a voz mais suave.
– Sobre seu irmão?
– É. Ele foi atropelado por um táxi.
– Deve ser horrível para você – disse Frannie.
– Eu não gostava muito dele.
– Mesmo assim... Se alguma coisa acontecesse a Sherwood...
Chegaram a uma bifurcação na estrada. À esquerda ficava a rota de volta para casa; à direita, uma trilha menos bem-acabada que rapidamente desaparecia de vista por entre os arbustos. Will hesitou um momento, pesando as opções.
– Acho que eu devia voltar disse Frannie.
– Não estou prendendo você – replicou Will.

Frannie não se moveu. Olhou para ela, e viu tanta dor em seus olhos que teve de virar o rosto. Buscando outro ponto de interesse seu olhar encontrou o único prédio visível próximo à trilha direita mais para suavizar sua crueldade ao invés de curiosidade verdadeira, perguntou a Frannie o que era.

– Todo mundo chama de Fórum – disse ela. – Mas não é não. Foi construído por um homem que queria proteger cavalos ou coisa parecida. Não sei direito a história.

– Quem mora lá? – perguntou Will. Até onde podia dizer àquela distância, era uma estrutura impressionante; quase parecia um templo num de seus livros de história, só que era feito com pedra escura. – Ninguém mora ali – disse Frannie. – É horrível por dentro.

– Você entrou?

– Sherwood se escondeu ali uma vez. Ele sabe mais sobre o prédio que eu. Devia perguntar a ele.

Will torceu o nariz.

– Não – disse, sentindo como se já tivesse feito sua tentativa de reconciliação e pudesse agora ir embora sem culpa.

– *Fraaannnie!* – Sherwood estava gritando novamente. Havia subido no muro da ponte e estava imitando um trapezista, andando sobre ela.

– Desça já daí! – Frannie gritou para ele, e dizendo adeus a Will, voltou correndo para a ponte para reforçar o mando.

Aliviado pela garota ter partido, Will tornou a considerar as rotas à sua frente. Se voltasse à sua casa agora poderia matar a sede e encher o buraco vazio de sua barriga. Mas também teria de suportar a atmosfera de mau humor que estava pairando sobre o lugar. Melhor seguir andando, pensou; descobrir o que estava virando a curva e se escondendo atrás dos arbustos.

Olhou a ponte atrás de si para ver que Frannie havia conseguido descer Sherwood do muro e que ele agora estava novamente sentado no chão, abraçando os joelhos, enquanto a irmã ficava olhando na direção de Will. Acenou para ela sem muita vontade, e então seguiu pela estrada inexplorada, pensando enquanto seguia que talvez a rota fosse tão hipnotizante que ela compensasse ter-se gabado para a garota, e continuasse a andar até que Burnt Yarley fosse apenas uma lembrança.

IV

O Fórum ficava mais longe do que ele havia imaginado. Caminhou e caminhou, e cada curva da estrada lhe mostrava outra curva, e cada arbusto que olhava, outro arbusto, até perceber que havia calculado inteiramente errado o tamanho do prédio. Não estava perto nem era pequeno, estava longe e era enorme. Quando chegou perto, e inspecionou o arbusto procurando uma passagem para o campo no qual ele ficava, uma boa meia hora havia se passado. O dia havia ficado mais desconfortável do que antes, e nuvens pesadas pairavam sobre as charnecas a nordeste. A tempestade purificadora de Adele Bottrall finalmente, suas nuvens crescentes lançando sombras sobre os cumes. Talvez fosse melhor deixar a aventura para outro dia, pensou ele. A ferroada no seu pescoço havia tornado a doer com toda a intensidade, e passara seu latejar para os ossos do crânio. Era hora de ir para casa, independente do que havia dito.

Mas ter chegado tão longe e não ter nada para contar era certamente um desperdício. Mais cinco minutos e ele passaria pela sebe e atravessaria o campo, para dentro do edifício misterioso. Outros cinco e ele teria visto seu interior úmido, e poderia ir embora, tomando um atalho pelos campos, contente por sua jornada não ter sido em vão.

Pensando assim, procurou uma brecha na sebe costurada e, encontrando um lugar onde os galhos pareciam mais frouxos, forçou passagem. Não emergiu inteiramente sem arranhões, mas o espetáculo do outro lado valeu a pena. A grama no prado que cercava o Fórum batia quase no seu peito, e ele estava repleto de vida. Pássaros emergiam por sob seus pés, lebres que podia ouvir, mas não viu fugir, correndo à sua aproximação. Esqueceu a dor de cabeça e atravessou o feno e a alfavaca como um homem perdido num safári, o estômago subitamente revirando de excitação. Talvez, afinal de contas, aquele não fosse um lugar tão ruim de se viver: distante das ruas sujas e dos táxis, num lugar onde ele poderia ser outra pessoa; alguém novo.

Estava apenas a alguns metros do Fórum agora, e qualquer dúvida que tivesse tido sobre a sabedoria de se aventurar do lado de dentro havia se dissipado. Subiu os degraus com plantas crescidas, passou por entre os

pilares (que tinham a largura de Donald Bottrall) e, empurrando a porta meio apodrecida, entrou.

Estava mais frio do que ele esperava; e mais escuro. Embora tivesse chovido tão pouco que o rio havia se reduzido a um córrego, havia mesmo assim uma escuridão por toda parte, como se de algum modo o prédio estivesse captando umidade da terra abaixo, e com ela viesse o cheiro de podridão e vermes.

O aposento em que ele entrara era um tanto peculiar: uma espécie de vestíbulo semicircular, com uma série de alcovas escavadas que pareciam feitas para estátuas. No chão, um mosaico elaborado, mostrando uma curiosa coleção de objetos, alguns dos quais Will reconheceu, outros não. Havia uvas e limões, flores e folhas de alho; havia o que poderia ter sido um pedaço de carne, só que tinha vermes se arrastando para fora dele e ele achou que devia estar fazendo confusão, porque ninguém em seu juízo perfeito se daria ao trabalho de construir um lugar magnífico como aquele e então colocar uma imagem de um bife estragado no chão. Não ficou pensando muito sobre aquilo. Um trovão distante tão profundo que reverberou nas paredes lembrou-o da tempestade que se aproximava. Ele precisava estar fora dali em dois minutos, se quisesse ter esperança de fugir da chuva. Seguiu em frente, para as entranhas do edifício, descendo por um corredor amplo de pé-direito alto (era quase como se as portas e corredores tivessem sido projetados para deixar gigantes passarem) e passando por outra porta, esta menor que a primeira, para a câmara central.

Ao entrar lá, ouviu um clangor nas sombras à sua frente, tão alto que seu coração deu um pulo no peito. Jogou-se de volta na direção da porta, e teria passado por ela – seu espírito aventureiro frustrado – se momentos depois não tivesse ouvido o balido lamentoso de uma ovelha. Estudou a câmara. Tinha uma claraboia redonda no meio de seu teto com cúpula, e um raio caía para atingir o chão sujo, como um único pilar brilhante feito para conter toda aquela magnificência no lugar. Havia um banho de luz sobre os degraus de bancos de pedra que davam a volta na câmara inteira, brilhantes o bastante para tocar as próprias paredes. Ali, ele via, havia esculturas, mostrando quem podia dizer o quê? Eventos esportivos, talvez; via cavalos numa delas, e cães em outra, puxando longos cabrestos.

Tornou a ouvir o balido, e acompanhando o som pôs os olhos numa cena de dar pena. Uma ovelha adulta seu corpo magro demais por desnutrição, o

pelo caindo em molambos sujos se escondia num nicho entre dois níveis de bancos onde havia se recolhido quando Will entrou.

– Você está horrível – ele disse ao animal. Então, mais tranquilo: – Tudo bem... Não vou machucar você. – Começou a se aproximar. A ovelha ficou olhando zangada para ele com seus olhos bulbosos, mas não se moveu. – Você ficou presa aqui, foi? – ele disse. – Sua desajeitada. Achou o caminho de entrada, mas não consegue sair.

Quanto mais ele se aproximava da criatura, mais patética sua condição parecia. As pernas, cabeça e flancos estavam cobertos de tiras, onde provavelmente havia tentado forçar o caminho para fora. Havia uma ferida particularmente feia na lateral de sua mandíbula, onde as moscas banqueteavam.

Will não tinha intenção de realmente tocar o animal. Mas se pudesse simplesmente assustá-lo na direção certa, pensou, ele poderia fazer com que ela saísse para a luz, onde ao menos teria uma chance de achar seu caminho de casa. A teoria tinha seu mérito. Quando escalou um dos degraus dos bancos, a coitada da criatura, fora de si de tanto terror, fugiu num instante, os cascos ecoando no piso de pedra. Ele a perseguiu até a porta e tomou-a. Aterrorizado, o animal girou, balindo de dar dó. Will empurrou a porta com o ombro e abriu-a. A ovelha havia recuado até a poça de luz no centro da câmara, e ficou observando Will com os flancos subindo e descendo. Will olhou o corredor que levava à porta da frente, que ainda estava como ele a deixara, escancarada. Certamente o animal podia ver àquela distância, não? O sol ainda brilhava lá fora; a grama se agitava com o vento cada vez mais forte, tão flexível e sedutora quanto aquele lugar era severo.

– *Vá embora* – gritou Will. – Olhe! Comida!

A ovelha virou-se para ele, com olhos esbugalhados. Will tornou a olhar para o corredor, e viu que aqui e acolá a parede havia ruído e blocos de pedra escorregavam para fora de seus lugares. Largou a porta, achou um bloco que conseguiu mover e, rolando-o à sua frente e dando a volta ao animal, colocou-o contra a porta aberta. Finalmente seu cérebro subalimentado entendeu a mensagem. Partiu pelo corredor e saiu pela porta da frente para a liberdade.

Will estava satisfeito consigo mesmo. Não era bem a aventura que ele esperava ter naquele lugar bizarro, mas havia satisfeito alguns de seus

instintos. – Talvez eu seja fazendeiro – disse para si mesmo. Então saiu, para o que ainda restava do dia.

V

O episódio da ovelha deixara-o no Fórum mais tempo do que ele havia pretendido; no instante em que saiu, as nuvens cobriram o sol, e uma rajada de vento, forte o bastante para dobrar a grama baixa enquanto passava, trouxe uma pancada de chuva. Ele sabia que agora não conseguiria evitar de ficar encharcado, mas estava determinado a não voltar pelo caminho que havia tomado na ida. Ao invés disso, tomaria um atalho pelos campos até a casa. Andou até a esquina do Fórum e tentou localizar seu destino, mas estava fora de sua visão. Entretanto, conhecia sua direção geral; simplesmente seguiria seu faro.

A chuva estava ficando cada vez mais pesada, mas ele não se importava. O ar trazia o cheiro metálico do raio, adocicado pelo aroma de grama molhada; o calor já estava diminuindo sensivelmente. Nas charnecas à sua frente, algumas últimas lanças de luz do sol brilhavam por entre as barrigas enormes das nuvens e esfaqueavam as alturas.

No instante em que a tempestade começou a tomar o vale, percebeu que seus sentidos haviam sido tomados: pela chuva, pela grama, pelo cheiro, a luz do sol e o trovão. Não se lembrava de algum dia ter sentido o que sentia agora: que ele e o mundo ao seu redor estavam conectados em todos os aspectos. Isso o fazia desejar gritar de felicidade, tão repleto se sentia, tão encontrado. Era como se, pela primeira vez na vida, algo no mundo que não era humano soubesse que ele estava lá.

Sua sensação de bênção lhe dava asas aos pés. Uivando e gritando, correu pela grama como um louco, enquanto as nuvens selavam o resto do sol e atiravam raios colinas abaixo.

Fez o melhor que pôde para se manter na direção que estabelecera para si mesmo, mas a chuva rapidamente passou de uma garoa para um dilúvio, e ele não podia mais ver encostas que minutos antes haviam sido cristalinas, tão obscurecidas estavam por véus e nuvem. Nem era aquele seu único problema. A primeira sebe que encontrou era espessa demais para ser rompida e alta demais para escalar, por isso foi obrigado a procurar um portão, e sua jornada ao longo da beira do campo o desorientou. Algum tempo se passou antes que encontrasse um meio de fuga: não um portão mas uma passagem por sobre a qual se atirou,

olhando para o Fórum atrás de si só e descobrir que ele também havia desaparecido de suas vistas.

Não entrou em pânico. Havia fazendas espalhadas por todo o vale, e se ele se perdesse era só seguir para a residência mais próxima e perguntar a direção para sua casa. Enquanto isso, tentou adivinhar sua rota por instinto, e primeiro atravessou uma campina de colza e depois um campo ocupado por uma manada de vacas, várias das quais haviam se refugiado à sombra de um enorme sicómoro. Quase ficou tentado a juntar-se a elas, mas um dia lera que as árvores eram péssimos lugares para se abrigar durante tempestades, e por isso prosseguiu, através de um portão e dando numa trilha que se transformava num riachinho, e numa segunda passagem que dava num campo enlameado e deserto. A chuva não havia amainado nem um pouco, e a essa altura ele já estava encharcado até a alma. Havia chegado a hora, decidiu, de procurar ajuda. Na próxima trilha em que entrasse, a seguiria até que o levasse a algum lugar desabitado; talvez convencesse uma alma simpática a levá-lo para casa.

Mas caminhou por mais dez ou quinze minutos sem encontrar uma trilha, por mais rudimentar que fosse, e agora o terreno começava a subir, de modo que ele logo estava tendo de fazer esforço. Parou. Definitivamente não era o caminho certo. Meio que cego pela catarata de água gelada, virou trezentos e sessenta graus, procurando alguma pista de onde estava, mas via-se cercado de muralhas de chuva cinzenta por todos os lados; deu as costas à encosta e retraçou os passos. Pelo menos era o que ele achava que havia feito. De algum modo conseguira se virar, sem perceber que o havia feito, porque depois de cinquenta metros o chão tornou a se inclinar sob seus pés: cascatas de água surgindo sobre pedregulhos um pouco acima da encosta. O frio e a desorientação já eram ruins o suficiente, mas o que agora começava a preocupá-lo mais era um sutil escurecimento do céu. Não eram as nuvens de chuvas que bloqueavam a luz, era o crepúsculo. Em alguns minutos ficaria escuro; bem mais escuro do que jamais havia ficado nas ruas de Manchester.

Tremia violentamente, e seus dentes começaram a bater. As pernas doíam, e seu rosto surrado pela chuva estava dormente. Tentou gritar por socorro, mas rapidamente desistiu da tentativa. Entre o burburinho da tempestade e a fragilidade de sua voz, soube após alguns gritos que era uma causa perdida. Tinha de preservar suas energias, por mínimas que fossem. Esperar até a tempestade amainar, quando poderia descobrir onde

estava. Não seria difícil, assim que as luzes da aldeia começassem a reaparecer, como certamente iriam, mais cedo ou mais tarde.

E então, um grito, em algum lugar na tempestade, e alguma coisa surgiu de repente, correndo à sua frente...

– *Pega!* – ouviu uma voz rouca dizer, e instintivamente se jogou para agarrar o que quer que estivesse fugindo. Sua presa estava ainda mais exausta e desorientada que ele, aparentemente, pois suas mãos pegaram alguma coisa magra e peluda, que guinchava e pelejava para se livrar.

– Segura, garoto! Segura!

A pessoa que falava agora aparecia do alto da encosta. Era uma mulher, vestida inteiramente de preto, carregando um lampião que piscava, queimando com uma gorda chama amarelo–esbranquiçada. Pela sua luz ele viu um rosto mais bonito do que qualquer um que já vira em sua vida, sua perfeição branca emoldurada por uma massa de cabelos vermelho–escuros.

– Você é um tesouro – ela disse a Will, abaixando o lampião. Seu sotaque não era da região, mas tinha um pouco de Cockney. – Segura esse maldito coelho só mais um minutinho, enquanto eu pego minha sacola.

Ela colocou o lampião no chão, vasculhou as dobras de seu casaco fino e puxou de dentro uma sacolinha. Então se aproximou de Will e, com a velocidade de um relâmpago, tirou o coelho guinchante de seus braços. Ele foi para a sacola, que se fechou em segundos.

– Você *é* um amor, é sim – disse ela. – Teríamos passado fome, eu e o Sr. Steep, se você não tivesse sido tão rápido. – Ela colocou a sacola no chão.

– Oh, meu Deus, olhe só o seu estado – ela disse, curvando–se para examinar Will mais de perto. – Qual o seu nome?

– William.

– Eu já tive um William – observou a mulher. – É um nome lindo. – Seu rosto ficou mais perto de Will, e havia um calor bem-vindo no hálito dela.

– Na verdade acho que tive dois. Os dois eram crianças tão doces. – Ela estendeu a mão e tocou o rosto de Will. – Ah, mas você está frio *mesmo*.

– Eu me perdi.

– Isso é terrível. Terrível – disse ela. – Como qualquer mãe que se preze deixaria você sair de sua vista? Ela devia ter vergonha, devia mesmo. Vergonha. – Will teria concordado, mas o calor que saía dos dedos da mulher para seu rosto era curiosamente soporífico.

– Rosa? – alguém chamou.

– Sim? – respondeu a mulher, sua voz subitamente com um tom de flerte. – Estou aqui embaixo, Jacob.

– Quem você encontrou agora?

– Só estava agradecendo a este rapazinho – disse Rosa, removendo a mão do rosto de Will. Subitamente estava congelando de novo.

– Ele pegou nosso jantar para nós.

– Pegou mesmo? – perguntou Jacob. – Por que não dá licença Sra. McGee, e me deixa ver o garoto?

– Se você quer ver, é o que terá – respondeu Rosa, e, levantando-se, apanhou a sacola e desceu a encosta.

Nos dois ou três minutos desde que Will pegou o coelho, o céu havia escurecido consideravelmente, e quando Will olhou na direção de Jacob Steep era difícil ver o homem com clareza. Era alto, isso era óbvio, e vestia um casacão com botões brilhantes. Seu rosto era barbado, e os cabelos, mais longos que os da Sra. McGee. Mas suas feições eram uma mancha para os olhos cansados de Will.

– Você devia estar em casa – ele disse. Will estremeceu, mas dessa vez a causa não era o frio, mas o calor da voz de Steep. – Um garoto como você, aqui fora sozinho, poderia se machucar.

– Ele está perdido – interrompeu a Sra. McGee.

– Numa noite assim, estamos todos um pouco perdidos – disse o Sr. Steep. – Você não tem culpa.

– Talvez ele devesse ir para casa conosco sugeriu Rosa. – Você poderia acender uma de suas fogueiras para ele.

– Quieta – disparou Jacob. – Não admito falar de fogueiras quando esse garoto está tão frio. Está louca?

– Como queira – retrucou a mulher. – A mim não me importa nem uma coisa nem outra. Mas você devia ter visto ele pegar o coelho. Caiu em cima dele feito um tigre, foi sim.

– Eu tive sorte – disse Will. – Foi só isso.

O Sr. Steep respirou fundo e, para o grande prazer de Will, desceu a encosta mais um ou dois metros.

– Pode se levantar? – perguntou a Will.

– Claro que sim – respondeu Will, e o fez.

Embora o Sr. Steep tivesse reduzido a distância entre eles à metade, a escuridão havia aumentado um pouco mais, e seus traços continuavam tão

difíceis de distinguir quanto antes.

– Olhando você, eu me pergunto se não estava escrito que nos encontraríamos nesta colina – ele disse com suavidade. Será que é a sorte desta noite, para todos nós?

Will ainda estava tentando ter uma noção melhor de como Steep era; colocar um rosto na voz que mexia tão profundamente com ele, mas seus olhos não correspondiam ao desafio.

– O coelho, Sra. McGee.

– O coelho o quê?

– Deveríamos soltá-lo.

– Depois da canseira que ele me deu? – respondeu Rosa. – Você está ficando louco.

– Devemos isso a ele, por nos ter levado a Will.

– Vou agradecer a ele enquanto tirar sua pele, Jacob, e essa é minha palavra final. Meu Deus, você não é nem um pouco prático. Jogar fora boa comida. Não vou admitir isso. – Antes que Steep pudesse protestar mais, ela agarrou o saco e começou a descer a encosta.

Somente agora, observando sua descida, Will percebeu que o pior da tempestade havia passado. A tromba d'água havia se transformado numa garoa, o nevoeiro estava se desfazendo; podia até mesmo ver luzes brilhando no vale. Estava aliviado, claro, mas não tanto quanto achava que estaria. Havia conforto na perspectiva de voltar para casa, mas isso significava deixar a companhia do homem escuro às suas costas, que pousava uma mão pesada coberta por luva em seu ombro.

– Pode ver sua casa daqui? – ele perguntou a Will.

– Não... ainda não.

– Mas vai ficar claro, aos poucos.

– Sim – disse Will, somente agora tendo uma noção de como era a região. De algum modo conseguira percorrer metade do vale durante sua jornada cega, e estava olhando para a aldeia de um ângulo inteiramente inesperado. Havia uma trilha há não mais de trinta metros descendo a cordilheira de onde ele estava; ela o levaria, suspeitava ele, de volta à rota que havia seguido para chegar ao Fórum. Uma esquerda naquela interseção o levaria de volta a Burnt Yarley, e então era apenas um pulo até em casa.

– Você deveria ir, meu rapaz – disse Jacob. – Sem dúvida um camarada tão bom quanto você tem guardiães que o amam. – A mão enluvada apertou seu ombro. – Invejo-lhe isso; não me lembro dos meus pais.

– Eu... sinto muito – disse Will, hesitando porque não tinha a menor certeza de que um homem tão bom quanto Jacob Steep algum dia precisasse de simpatia. Ele a recebeu, entretanto, de bom grado.

– Obrigado, Will. É importante que um homem tenha compaixão. É uma qualidade que nosso sexo deixa de lado com muita frequência, penso eu. – Will ouvia a cadência suave da respiração de Steep, e tentou entrar no mesmo ritmo.

– Você deve ir – disse Jacob. – Seus pais devem estar preocupados com você.

– Não estão – retrucou Will.

– Claro...

– Eles não vão se preocupar. Não ligam para mim.

– Não acredito.

– É verdade.

– Então você deve ser um filho adorável apesar disso – disse Steep. – Agradeça por ter os rostos dele na sua lembrança. E as vozes deles para responder quando você chama. Melhor isso que o vazio, creia em mim. Melhor que o silêncio.

Tirou a mão do ombro de Will, e ao invés disso tocou o meio de suas costas, empurrando-o gentilmente.

– Vá – disse suavemente. – Vai morrer de frio se não for logo. Como vamos poder nos encontrar novamente se isso acontecer?

Os ânimos de Will se elevaram com o comentário.

– Podemos nos ver de novo?

– Certamente, se você for duro o bastante para vir me encontrar. Mas, Will... compreenda... Não estou procurando um cachorrinho para sentar no meu colo. Preciso de um lobo.

– Eu posso ser um lobo – disse Will. Ele queria olhar para trás e ver Steep, mas achou que não era a coisa mais adequada para um aspirante a lobo fazer.

– Então é como eu disse: venha e me encontre – disse Steep. Não estarei longe. – E com isso deu a Will um último empurrãozinho, colocando-o em seu caminho de descida da encosta.

Will não olhou para trás até alcançar a trilha, e quando o fez não viu nada. Pelo menos nada vivo. A colina ele via, negra contra o céu que se abria. E as estrelas, aparecendo entre as nuvens, mas o esplendor delas não era nada se comparado ao rosto de Jacob Steep; um rosto que ele ainda não

tinha visto, mas que sua mente já havia conjurado uma centena de vezes diferentes quando chegou em casa, cada uma mais bela que a anterior, Steep, o nobre, de boa compleição e fino; Steep, o soldado, com cicatrizes de uma dezena de guerras; Steep, o mágico, com um olhar que emana poder. Talvez fosse tudo isso. Talvez nada. Will não se importava. O que importava era estar ao lado dele novamente, logo, e conhecê-lo melhor.

Enquanto isso, havia uma luz quente que vinha da janela de sua casa, e um fogo na lareira. Até um lobo podia buscar o conforto da lareira de vez em quando, Will raciocinou, e, batendo na porta da frente, recebeu permissão de entrar.

VI

i

Ele não subiu a colina no dia seguinte para procurar Jacob nem no dia posterior. Chegou em casa e enfrentou uma avalanche de acusações, sua mãe dilacerada de chorar, certa de que ele estava morto, o pai, branco de fúria, certo de que não estava – que não se atreveu a passar da porta. Hugo não era um homem violento. Orgulhava-se de sua racionalidade. Mas abriu uma exceção neste caso, e bateu com tanta força no filho com um livro, entre tantas outras coisas – que reduziu ambos a lágrimas: Will de dor, seu pai de angústia, por ter perdido tanto o controle.

Não estava interessado nas explicações de Will. Simplesmente disse ao filho que embora ele, Hugo, não ligasse se Will saísse batendo perna pelo resto de sua maldita vida, Eleanor se importava, e será que ela já não havia sofrido tanto por uma vida inteira?

Então Will ficou em casa e cuidou de seus machucados e sua raiva. Depois de quarenta e oito horas, a mãe tentou uma espécie de trégua, dizendo a ele como ficara apavorada de que algo pudesse ter-lhe acontecido.

– Por quê? – ele perguntou triste.

– Como assim?

– Por que você deveria se preocupar se algo me acontecer? Você nunca se importou antes...

– Ah, William... – ela disse com suavidade. Havia apenas um traço de acusação em sua voz. A maior parte era tristeza.

– Você não liga – ele disse indiferente. – Sabe que não. Você só pensa nele. – Não precisava mencionar o nome do membro que faltava na equação. – Não sou importante para você. Você disse isso. – Não era bem o caso. Ela jamais usara exatamente essas palavras antes. Mas a mentira soava verdadeira o bastante.

– Tenho certeza de que não tive a intenção – disse ela. – É que tem sido tão duro para mim desde que Nathaniel morreu... – Seus dedos tocaram o rosto dele enquanto falava, e acariciaram gentilmente seu rosto. – Ele era tão... tão...

Ele mal a estava ouvindo. Pensava em Rosa McGce, e em como ela havia tocado seu rosto e falado com ele com suavidade. Só que ela não dissera como algum outro garoto era bom enquanto o fazia. Ela lhe dissera que tesouro ele era, como era inteligente, como era útil. Essa mulher que mal sabia seu nome havia encontrado nele qualidades que sua própria mãe não conseguia ver. Isso o deixava triste e zangado ao mesmo tempo.

– Por que você fica falando dele? – perguntou Will. – Ele está morto.

Os dedos de Eleanor caíram do rosto de Will, e ela olhou para ele com olhos cheios de lágrimas.

Não – disse ela. – Ele jamais morrerá. Para mim não. Não espero que você compreenda. Como poderia? Mas seu irmão era muito especial para mim. Muito precioso. Então ele nunca estará morto para mim.

Alguma coisa aconteceu em Will naquele instante. Um fio de esperança que permanecera firme nos meses desde o acidente se rompeu e desapareceu. Não disse nada. Simplesmente se levantou e deixou-a com suas lágrimas.

ii

Após dois dias de penitência em casa, ele foi à escola. Era um lugar menor do que o St. Margaret's, que ele gostou, seus prédios mais velhos, seu playground cercado de árvores ao invés de grades. Ficou isolado na primeira semana, mal falava com as pessoas. Mas no início da segunda, almoçando sozinho, um rosto familiar apareceu à sua frente. Era Frannie.

– Aí está você disse ela, como se estivesse procurando por ele.

– Oi disse – ele, olhando ao redor para ver se Sherwood, o Pestinha, também estava por perto. Não estava.

– Achei que você já teria partido em sua viagem a essa altura.

– Eu irei – disse. – Irei.

– Eu sei – disse Frannie, com sinceridade. – Depois que nos encontramos, fiquei pensando que eu também talvez fosse. Não com você – apressou-se em acrescentar – mas um dia eu partiria.

– Vá para o mais longe possível – disse Will.

– O mais longe possível – retrucou Frannie, o eco das palavras dele uma espécie de pacto.

– Não há muito que valha a pena ver por aqui – ela continuou – a não ser que você vá para... você sabe...

– Pode falar de Manchester – disse Will. – Só porque meu irmão foi morto lá... não é grande coisa pra mim. Quero dizer, ele não era meu irmão de verdade. – Will sentiu uma mentira deliciosa nascendo. – Sabe, sou adotado.

– É mesmo?

– Ninguém sabe quem são meus verdadeiros pais.

– Puxa! É segredo?

Will fez que sim com a cabeça.

– Então não posso contar nem a Sherwood.

– Melhor que não – retrucou Will, com uma bela demonstração de seriedade. – Ele poderia espalhar por aí.

A campainha havia tocado, chamando-os de volta às suas aulas. A feroz Srta. Hartley, uma mulher de peitos grandes cujo mero sussurro intimidava com quem falasse, estava encarando Will e Frannie.

– *Frances Cunningham!* – ela gritou. – Quer fazer o favor de sair daí?

Frannie fez uma careta e correu, deixando a Srta. Hartley concentrar sua atenção em Will.

– Você é...?

– William Rabjohns.

– Ah, sim – ela disse sombria, como se tivesse ouvido notícias dele e não fossem boas.

Ele ficou onde estava, sentindo-se calmo. Aquilo era estranho para ele. No St. Margaret's ele ficara intimidado por vários funcionários, sentindo remotamente que eles faziam parte do clã de seu pai. Mas aquela mulher lhe parecia absurda, com seu perfume doce de enjoar e seu pescoço gordo. Não havia nada para se temer ali.

Talvez ela visse como ele não havia se abalado, porque olhou para ele com um lábio curvado que era fruto de muita prática.

– Está rindo de quê? – ela perguntou.

Ele não se dera conta de que sorria até que ela disse aquilo. Sentiu seu estômago se revolver com um estranho alívio; então disse:

– Você.

– O quê?

Ele tornou o sorriso um esgar.

– Você – tornou a dizer. – Estou sorrindo para você.

Ela franziu a testa para ele. Ele continuou com seu esgar, pensando que enquanto fazia aquilo ele estava mostrando os dentes para ela, como um

lobo.

– Onde você... deveria estar? – ela lhe perguntou.

– No ginásio – ele retrucou. Continuava olhando direto para ela; continuava sorrindo com aquele esgar. E finalmente foi ela quem desviou o olhar.

– É melhor você... ir então, não é? – disse a ele.

– Se já tivermos terminado de conversar – ele disse, esperando atraí-la para que ela retrucasse mais uma vez. Mas não.

– Já terminamos – ela disse.

Ele estava relutante em tirar os olhos dela. Se continuasse a olhar, pensou, abriria certamente um buraco nela, do jeito que uma lente de aumento queima um buraco num pedaço de papel.

– Não vou admitir insolência de ninguém – ela disse. – Muito menos de um garoto novo. Agora vá para sua aula.

Não tinha muita escolha. Foi. Mas ao passar por ela disse:

– Obrigado, Srta. Hartley – agradeceu com uma voz suave, e teve certeza de que a viu estremecer.

VII

Alguma coisa estava acontecendo com ele. Todo dia, pequenos sinais se faziam sentir. Ele olhava para o céu e sentia uma estranha explosão de alegria, como se alguma parte dele estivesse alçando voo, partindo para fora de sua própria cabeça. Acordava muito depois da meia-noite e embora estivesse terrivelmente frio, abria a janela e ouvia o mundo prosseguindo na escuridão, imaginando corno seria lá em cima. Por duas vezes ele se aventurou do lado de fora no meio da noite, subindo a encosta atrás da casa, esperando que pudesse encontrar Jacob em algum lugar lá em cima, observando as estrelas; ou a Sra. McGee, caçando coelhos. Mas não viu nem sinal deles, e embora ouvisse com atenção cada fofoca quando estava no vilarejo – comprando costeletas de porco para Adele Bottrall cozinhar com maçãs para papai ou uma pilha de revistas para sua mãe folhear — ele nunca ouvira ninguém mencionar Jacob ou Rosa. Viviam em algum lugar secreto, concluiu, onde não poderiam ser perturbados pelo mundo cotidiano. Além de si mesmo, duvidava que alguém no vale sequer soubesse da existência deles.

Não insistiu. Ele os encontraria novamente, ou eles o encontrariam, quando chegasse a hora. Disso tinha certeza. Enquanto isso, as estranhas epifanias continuavam. Por toda parte ao seu redor, o mundo estava criando sinais miraculosos para que ele os lesse. Nas crostas de geada em sua vidraça quando ele se levantava; nos padrões que as ovelhas faziam, lutando para subir a colina; no burburinho do rio, inchado até sua medida total por um outono que trazia mais do que parcela de chuva.

Um dia, ele finalmente teve de compartilhar esses mistérios com alguém. Escolheu Frannie, não porque tivesse certeza de que ela entenderia, mas porque era a única em que ele confiava o suficiente.

Estavam sentados na sala de estar da casa dos Cunningham, ao lado do ferro-velho de propriedade do pai de Frannie. A casa era pequena mas aconchegante, tão ordenada e arrumada quanto o espaço lá fora era caótico: uma prece bordada e emoldurada sobre a lareira, abençoando-a e todos que ali se reunissem; um gabinete de porcelana com serviço de chá

de herança exibido de modo elegante mas não arrogante; um relógio de latão sobre a mesa, e ao seu lado uma fruteira com peras e laranjas. Ali, naquele ventre de certezas, Will contou a Frannie sobre as emoções que vinham aflorando nele ultimamente, e como haviam começado no dia em que os dois se conheceram. Não mencionou Jacob e Rosa de saída – eram o segredo que mais detestaria compartilhar, e não tinha a menor certeza de que o faria – mas falou sobre a aventura dentro do Fórum.

– Ah, eu perguntei à minha mãe sobre aquele lugar – disse Frannie. – E ela me contou a história.

– Qual é a história? – perguntou Will.

– Havia um homem chamado Bartholomeus – disse ela. – Ele vivia no vale, quando ainda existiam minas de chumbo por toda parte.

– Não sabia que havia minas.

– Pois é, havia. E ele ganhou muito dinheiro com elas. Mas não era muito certo da cabeça, foi o que a mamãe disse, porque tinha a ideia de que as pessoas não tratavam os animais adequadamente, e o único jeito de impedir que as pessoas fossem cruéis era ter um tribunal, que seria apenas para animais.

– Quem era o juiz?

– Ele. E provavelmente o júri. – Deu de ombros. – Não sei a história toda, só essas partes...

– Então ele construiu o Fórum.

– Construiu, mas não terminou.

– Ficou sem dinheiro?

– Minha mãe disse que ele provavelmente foi colocado num hospício, por causa do que estava fazendo. Quero dizer, ninguém queria que ele trouxesse animais para dentro de seu Fórum e fizesse leis sobre como as pessoas tinham de tratá-los melhor.

– Era isso o que ele estava fazendo? – perguntou Will, com um sorrisinho.

– Coisa do gênero. Não sei se alguém realmente tinha certeza disso. Ele morreu há cento e cinquenta anos.

– É uma história triste – disse Will, pensando na estranha magnificência do desatino de Bartholomeus.

– Foi melhor assim. Mais seguro para todo mundo.

– Mais seguro?

– Quero dizer, se ele ia tentar acusar pessoas de fazer coisas a animais. Nós todos fazemos coisas aos animais. É natural.

Ela parecia com sua mãe quando falava desse jeito. Genial o bastante, mas irredutível. Essa era a sua opinião declarada e nada a demoveria disso. Ouvindo-a, seu entusiasmo para compartilhar o que havia visto começou a se dissipar. Talvez, afinal, ela não fosse a pessoa que compreendesse seus sentimentos. Talvez ela o achasse parecido com o Sr. Bartholomeus, e que seria melhor colocá-lo num hospício.

Mas agora, sua história do Fórum terminada, ela disse:

– O que você estava me contando?

– Não estava contando nada – retrucou Will.

– Não, você estava no meio de alguma coisa...

– Ah, provavelmente não era importante – disse Will – ou me lembraria do que era. – Levantou-se da cadeira. — É melhor eu ir – disse.

Frannie parecia mais do que um pouco intrigada, mas ele fingiu não reparar na expressão do rosto dela.

– Te vejo amanhã – disse ele.

– Às vezes você é estranho mesmo – ela disse a ele.

– Sabia?

– Não.

– Você sabe – ela disse, com um fraco tom de acusação. – E acho que você gosta.

Will não conseguiu evitar um sorriso de seus lábios.

– Talvez – concordou.

E nesse momento a porta se escancarou e Sherwood entrou marchando. Tinha penas amarradas no cabelo.

– Sabem o que eu sou?

– Uma galinha – disse Will.

– Não, *não sou galinha não* – disse Sherwood, profundamente ofendido.

– É o que você está parecendo.

– Sou Gerónimo.

– Gerônimo, a galinha – gargalhou Will.

– Eu odeio você – disse Sherwood – e todo mundo na escola também.

– Quieto, Sherwood – disse Frannie.

– Odeiam sim – continuou Sherwood. – Todos pensam que você é maluco e falam nas suas costas e chamam você de William Maluco, – Agora foi a vez de Sherwood rir. – William maluco! William maluco! –

Frannie continuava tentando fazer com que ele se calasse, mas era uma causa perdida. Ele ia falar sem parar até a hora que quisesse.

– Não estou nem aí! – Will gritou acima do clamor. – Você é um idiota, e não estou nem aí!

Dizendo isso, pegou seu casaco e, empurrando Sherwood – que havia começado uma pequena dança para acompanhar o ritmo de seu canto –, foi até a porta. Frannie ainda estava tentando fazer o irmão se calar, mas em vão. Estava num frenesi que se autoperpetuava, gritando e pulando.

Na verdade, Will estava feliz com a interrupção. Isso lhe deu a desculpa perfeita para concretizar sua saída, o que fez rapidamente, antes que Frannie tivesse chance de silenciar o irmão. Não precisava ter-se preocupado. Quando estava fora de casa, passando pelo ferro velho e no final da Samson Road, ainda podia ouvir as palhaçadas de Sherwood emergindo da casa.

VIII

i

-Nós nos mudamos para cá porque você queria se mudar Eleanor. Por favor, lembre-se disso. Viemos por sua causa.

– Eu sei, Hugo.

– Então o que está dizendo? Que deveríamos nos mudar novamente? – Will não conseguia ouvir o desespero de sua mãe. Suas palavras baixinhas estavam enterradas em soluços. Mas não ouviu a resposta de seu pai. – Meu Deus, Eleanor, você precisa parar de chorar. Não podemos ter uma conversa inteligente se você começar a chorar sempre que falamos de Manchester. Se você não quiser voltar lá, tudo bem para mim, mas preciso de algumas respostas. Não podemos continuar assim, com você tomando tantas pílulas que nem consegue contar. Isso não é vida, Eleanor. – Será que ela havia dito *Eu sei?* Will achava que sim, embora fosse difícil ouvi-la do outro lado da porta. – Eu quero o que é melhor para você. O que é melhor para todos nós.

Agora Will a ouvia.

– Não posso ficar aqui – disse ela.

– Bem, de uma vez por todas: quer voltar a Manchester?

Sua resposta foi simplesmente repetição.

– Só sei que não posso ficar aqui.

– Tudo bem – respondeu Hugo. – Vamos voltar. Não importa que tenhamos vendido a casa. Não importa que tenhamos gastado milhares de libras na mudança. Vamos simplesmente voltar. – Sua voz estava aumentando de volume, e os soluços de Eleanor também. Will havia ouvido o bastante. Recuou da porta e correu para cima, desaparecendo de vista no instante em que a porta da sala de estar se abriu e seu pai saiu aos trancos e barrancos.

ii

A conversa atirou Will num estado de pânico. Não podiam ir embora, não agora. Não quando pela primeira vez em sua vida ele sentia as coisas ficando claras. Se voltasse a Manchester, seria como uma sentença de prisão. Ele ficaria fraco e morreria.

Qual era a alternativa? Só havia uma. Fugiria, como afirmara a Frannie que faria no dia em que se conheceram. Planejaria tudo com cuidado, para que nada fosse deixado ao acaso: ele se certificaria de ter dinheiro e roupas; e um destino, claro. Dessas três coisas a terceira era a mais problemática. Dinheiro ele poderia roubar (sabia onde sua mãe guardava seu dinheiro extra) e roupas ele podia colocar numa sacola, mas para onde iria?

Consultou o mapa-múndi na parede do quarto, comparando com aquelas formas de cores pastéis as impressões que recolhera da televisão ou de revistas. Escandinávia? Muita fria e escura. Itália? Talvez. Mas ele não falava italiano e não aprendia rápido. Sabia um pouquinho de francês, e tinha sangue francês, mas a França não era longe o bastante. Se fosse partir em viagem, então queria que fosse mais do que um passeio de barco. América, talvez? Ah, esse era um pensamento interessante. Correu o dedo sobre o país, de estado em estado, luxuriando-se com os nomes. Mississippi; Wyoming; Novo México; Califórnia. Seu humor melhorou com essa perspectiva. Tudo de que precisava era conselhos sobre como sair do país, e ele sabia exatamente onde obtê-los: de Jacob Steep.

Saiu procurando por Steep e Rosa McGee no dia seguinte. Estavam agora em meados de novembro, e as horas de luminosidade eram poucas, mas ele as aproveitou o máximo, faltando à escola por três dias consecutivos para escalar as charnecas e procurar algum sinal da presença do casal. Eram jornadas frias: embora ainda não houvesse neve nas colinas, a geada era tão espessa que cobria as encostas como um manto de poeira, e o sol nunca emergia por tempo suficiente para derrete-lo.

As ovelhas já haviam descido até os pastos mais baixos, mas ele não estava inteiramente só nas alturas. Lebres e raposas, até mesmo um cervo ou outro, haviam deixado seus rastros na grama congelada. Mas este era o único sinal de vida que ele encontrara. De Jacob e Rosa não viu sequer uma marca de bota.

Então, na noite do terceiro dia, Frannie apareceu em sua casa.

– Você não parece gripado ela disse a Will. (Ele havia forjado uma nota quanto a isso, explicando sua ausência.)

– Foi por isso que você veio? – perguntou ele. – Para conferir como estou?

– Não seja besta – disse ela. – Vim porque tenho algo pra lhe dizer. Algo estranho.

– O quê?

– Lembra–se de que falamos sobre o Fórum?

– Claro.

– Bom, eu fui dar uma olhada lá. E sabe o quê?

– O quê?

– Tem alguém morando lá.

– No Fórum?

Ela fez que sim. Pelo olhar dela era óbvio que o que quer que ela vira a deixara nervosa.

– Você entrou? perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

– Só vi uma mulher na porta.

– Como era ela? – perguntou Will, mal ousando esperar.

– Estava vestida de preto...

É ela, pensou ele. É a Sra. McGee. E onde Rosa estivesse, será que Jacob poderia estar muito longe?

Frannie havia captado o olhar de excitação no rosto dele.

– O que foi? – perguntou ela.

– É quem – respondeu ele – e não o quê.

– Quem, então? É alguém que você conhece?

– Um pouquinho – respondeu ele. – O nome dela é Rosa.

– Nunca a vi antes – disse Frannie. – E vivi aqui toda a minha vida.

– Eles se mantêm afastados – retrucou Will.

– Tem mais alguma coisa?

Ele estava tão cioso de seu conhecimento que quase não contou a ela. Mas fora ela quem lhe trouxera essa notícia maravilhosa, não fora? Ele lhe devia algo como recompensa.

– São dois – disse Will. – O nome da mulher é Rosa McGee, O homem se chama Jacob Steep.

– Nunca ouvi falar em nenhum dos dois. São ciganos ou sem teto?

– Se não têm teto é porque não querem – disse Will.

– Mas deve ser tão frio naquele lugar. Você disse que era vazio por dentro.

– Então eles estão apenas se escondendo num lugar vazio assim? – Ela balançou a cabeça. – Estranho disse. – Como os conhece, de qualquer forma?

– Conheci eles enquanto estava caminhando lá fora – respondeu, e isso era perto o suficiente da verdade. – Obrigado por me contar. É melhor... Tenho muitas coisas pra fazer.

– Você vai vê-los, não vai? – perguntou Frannie. – Quero ir com você.

– Não!

– Por que não?

– Porque não são seus amigos.

– E também não são seus disse Frannie. – São apenas pessoas que você encontrou uma vez. Foi o que você disse.

– Não quero você lá – disse Will.

Frannie franziu a boca.

– Sabe, você não precisa ser tão terrível assim – disse a Will. Ele não disse nada. Ela ficou olhando duro para ele, como se quisesse que ele mudasse de ideia. Mas ele não disse nada; e não fez nada. Depois de alguns momentos desistiu, e sem outra palavra marchou até a porta da frente.

– Já vai embora? – Adele perguntou.

Frannie abriu a porta. Sua bicicleta estava encostada no portão. Sem sequer responder a Adele, montou na bicicleta e foi embora.

– Ela estava zangada com alguma coisa? – Adele quis saber. – Nada de importante – respondeu Will.

Estava quase escuro, e frio. Ele sabia de experiência amarga que devia sair preparado para o pior, mas era difícil pensar de modo coerente sobre botas, luvas e um suéter quando o som de seu coração estava tão alto em sua cabeça, e tudo em que conseguia pensar era: eu os encontrei, eu os encontrei.

Seu pai ainda não havia voltado de Manchester, e sua mãe estava em Halifax, consultando seu médico; portanto, a única pessoa à qual tinha de avisar sua saída era Adele. Ela estava no meio do preparo da refeição, e não se incomodou em perguntar a ele onde estava indo. Somente quando bateu a porta, ela gritou que ele deveria estar de volta lá pelas sete. Will não se incomodou em responder. Só partiu pela rua escura na direção do Fórum, certo de que Jacob já sabia que ele estava chegando.

IX

A alma que assumira o nome de Jacob Steep estava no do Fórum, e se apoiava no caixilho da porta. O crepúsculo era sempre um tempo de fraqueza tanto para ele quanto para a Sra. McGee. Aquele não era exceção. Suas entranhas entravam em convulsão, seus membros tremiam, suas têmporas latejavam. A própria visão do céu que escurecia, embora naquela noite fosse mais piegas, fazia dele uma criança.

Era a mesma história ao amanhecer. Ambos ficavam, nessas horas, tomados de tamanho cansaço que mal conseguiam ficar de pé. Naquela noite mesmo, para Rosa isso se provara impossível. Ela se recolhera para dentro do Fórum e estava deitada, gemendo, chamando-o de vez em quando. Ele não foi até onde ela estava, ficou na porta, e esperou um sinal.

Aquele era o paradoxo daquela hora: que quando ele estava mais despreparado era quando tinha mais chances de ouvir um chamado à ação, seu coração de assassino excitado, seu sangue de assassino fervendo. E naquela noite, ele estava ansioso por novidades. Eles haviam permanecido tempo demais ali. Estava na hora de se mudarem. Mas primeiro ele precisava de um destino, uma mensagem, e isso significava encarar o espetáculo doentio do crepúsculo.

Ele não sabia por que aquela hora era tão perturbadora para seus organismos, mas era mais uma prova – se ele precisasse dela – de que não eram de matéria comum. Nas profundezas da noite, quando o mundo humano estava adormecido, e sonhando seus sonhos estreitos, ele era alegre e jovial como uma criança, seu corpo incansável. Podia fazer o pior a essa hora, mais rápido que o carrasco mais rápido com sua faca, ou melhor ainda com as mãos, tirando vidas. E de dia em lugares onde o calor do meio-dia era de crucificar, era tão incansável quanto. O agente perfeito da morte, súbito e rápido. O dia, na verdade, era melhor para ele do que a noite, porque de dia ele tinha a luz adequada para fazer seus desenhos, e tanto como um fazedor de imagens quanto um fazedor de cadáveres ele gostava de prestar muita atenção aos detalhes. O varrer de uma pena, a curva de uma tromba; o timbre de um soluço, o tilintar de um vômito. Tudo isso era digno de seu estudo.

Mas fosse claro ou escuro a tomar conta de seu mundo, ele tinha a energia de um homem dez anos mais novo que ele. Era somente nas horas cinzentas que a fraqueza o consumia, que ele se encontrava agarrando-se a algo sólido para manter-se de pé. Odiava a sensação, mas se recusava a gemer. Essas reclamações eram para mulheres e crianças, não para soldados. Não quer dizer que ele não tivesse ouvido soldados gemer em seu tempo; tinha. Vivera tempo bastante para ter conhecido muitas guerras, grandes e pequenas, e embora nunca tivesse procurado um campo de batalha, seu trabalho o havia por acaso levado a um lugar de combate mais de uma vez. Ele havia visto como os homens reagiam a suas agonias, quando estavam feridos. Como choravam, como pediam por misericórdia e por suas mães.

Jacob não tinha interesse em misericórdia; nem em dispensá-la nem em recebê-la. Ele estava contra o mundo dos sentimentos como qualquer força pura deve estar, sem alimentar nem gentileza nem crueldade em seus atos; ria da tristeza, ria da esperança. Também ria do desespero. A única qualidade que ele reverenciava era a paciência, adquirida com o conhecimento de que tudo na vida passa. O sol sumiria dali a pouco, e a fraqueza em suas pernas se transformaria em força. Era só esperar.

Do lado de dentro, o som de movimento. E então a voz soluçante de Rosa:

– Estava aqui me lembrando – disse ela.

– Não estava não – disse ele. Às vezes as dores daquela hora a faziam delirar.

– Estava sim. Juro – ela disse. – Uma ilha me vem à cabeça. Lembra de uma ilha? Com margens grandes e brancas? Sem árvores. Procurei árvores, mas não tem nenhuma. Ah... – Suas palavras se tornaram gemidos novamente, e os gemidos em soluços. – Ah, eu morreria agora com prazer.

– Não morreria não.

– Venha cá me confortar.

– Não tenho desejo...

– Você precisa, Jacob. Ah... ah, Deus do céu... por que sofremos tanto?

Por mais que ele quisesse ficar fora do alcance dela, seus soluços eram pungentes demais para serem ignorados. Deu as costas ao dia que morria, e desceu o corredor que dava ao Fórum propriamente dito. A Sra. McGee estava deitada no chão, no meio de seus véus. Havia acendido velas ao seu redor, como se a luz delas pudesse amenizar a crueldade da hora.

– Deita comigo – disse ela, olhando para ele.

– Não vai nos fazer bem algum.

– Podemos ter um filho.

– E isso também não nos faria bem – retrucou ele – como você bem sabe.

– Então deite comigo pelo conforto – disse ela, o olhar carinhoso. – É tão grande a agonia de estar separada de você, Jacob.

– Estou aqui – disse ele, deixando de lado a grosseria de até então.

– Não está perto o bastante – ela disse com um sorrisinho.

Ele caminhou na direção dela. Ficou aos seus pés.

– Ainda... não está perto o bastante – disse ela. – Estou me sentindo tão fraca, Jacob.

– Vai passar. Você sabe que vai.

– Nessas horas eu não sei de nada – disse ela. – A não ser de quanto preciso de você. – Ela estendeu a mão e puxou a saia, sem tirar os olhos do rosto dele. – Comigo – murmurou. – Em mim.

Ele não respondeu.

– Está fraco demais, Jacob? – perguntou ela, ainda puxando a saia para cima. – O mistério é demais para você?

– Não é mistério nenhum – retrucou ele. – Não depois de todos esses anos.

Então ela sorriu, e puxou a saia até o meio das coxas. Tinha belas pernas; pernas sólidas e carnudas, a pele perolada à luz das velas. Soluçando, ela meteu a mão por baixo do vestido e começou a se masturbar, elevando os quadris para facilitar o toque dos dedos.

– Ela é funda, meu amor – disse. – E escura. E está toda molhadinha pra você. – Puxou a saia até a cintura. – Olha – disse. Abriu bem as pernas, para que ele pudesse olhar. – Não venha me dizer que não é bonita. Uma bucetinha bonitinha, não é? – Seu olhar ia do rosto à virilha dele. – E você está gostando do jeito dela, não finja que não.

Ela tinha razão, claro. Assim que ela começara a levantar a saia, seu membro cabeçudo começara a inchar, exigindo se alimentar. Como se suas pernas não estivessem cansadas o suficiente, sem ter de perder sangue para sua ambição.

– Sou apertadinha, Sr. Steep.

– Tenho certeza disso.

– Que nem uma virgem na noite de casamento, sou sim. Olha meu dedinho quase não cabe lá dentro. Acho que você vai ter que ser um pouco violento.

Ela sabia que efeito esse tipo de abordagem tinha sobre ele. Um pequeno tremor de antecipação o percorreu, e começou a tirar o casaco.

– Abre essas calças – disse a Sra. McGee, a voz magoada. – Deixa eu ver o que você tem aí.

Ele tirou o casaco e abriu os botões das calças sujas de lama. Ela ficou olhando, sorrindo, enquanto ele botava o membro para fora.

– Olha só isso – ela disse, não sem apreciação. – Acho que ele quer dar uma entradinha na minha xoxotinha.

– Ele quer mais do que uma entradinha.

– É mesmo?

Ele se ajoelhou entre as pernas dela e tirou a mão dela de seu sexo para ter uma visão melhor. Então ficou olhando.

– O que está pensando? – ela perguntou.

Ele ficou dedilhando-a por um momento, e então correu o dedo úmido até seu ânus. – Estou pensando... – disse ele – que hoje eu vou querer isto.

– Ah, é mesmo?

Ele pressionou o dedo um pouquinho. Ela estremeceu.

– Deixe eu pôr aqui – disse ele. – Só a cabecinha.

– Assim não dá pra ter filhos – ela disse.

– Não estou nem aí – respondeu ele. – O que eu quero é isto.

– Mas eu não – ela retrucou.

Ele sorriu para ela.

– Rosa.... – disse com suavidade. – Não pode me negar isso.

Ele meteu as mãos por baixo dos joelhos dela e os levantou.

– Nós devíamos abandonar toda a esperança de ter filhos – disse, olhando o botão escuro entre as nádegas dela.

– Eles nunca deram em nada. – Ela não respondeu. – Está me ouvindo, meu amor? – Olhou o rosto dela. Tinha uma expressão de tristeza.

– Não vamos ter mais filhos? – perguntou ela.

Ele cuspiu na mão e molhou o cacete. Tornou a cuspir, a saliva mais copiosa, e lubrificou o cuzinho dela.

– Não vamos mais ter filhos – disse ele, puxando-a mais para perto de si. – É um desperdício de seu afeto, dar amor a uma coisa que não tem sequer a inteligência de retribuir esse amor.

Essa era a verdade: a de que, embora juntos, tivessem feito um número de filhos que chegava às dezenas, por causa dela ele os pegara no momento do parto e os aliviara de seu sofrimento, se é que os cretinos sabiam o que era sofrer. Ele voltava solícito depois de tê-los esquartejado e se livrado dos pedaços, sempre com a mesma notícia triste. A de que, embora fossem bonitos de se ver, seus crânios tinham apenas fluido. Nem mesmo um rascunho de cérebro; nada. Ele empurrou o pau para dentro dela.

– É melhor assim – disse.

Ela deixou escapar um soluço contido. Ele não sabia dizer se de tristeza ou prazer, e naquele momento realmente não queria saber. Forçou a entrada contra o calor do músculo dela, seu pau envolto por completo. Como era bom, aquilo.

– Então... nada... de filhos – a Sra. McGee disse, sem fôlego.

– Nada de filhos.

– Nunca mais?

– Nunca mais.

Ela esticou as mãos e agarrou-o pela camisa, puxando-o para baixo.

– Me beija – disse.

– Cuidado com o que você pede...

– Me beija - ela tornou a dizer, levantando o rosto contra o dele, Ele não lhe negou isso. Pressionou os lábios contra os dela, e deixou que a língua dela, mínima, dardejasse entre seus dentes que doíam. Sua boca era sempre mais seca que a dela. Suas gengivas gastas e a garganta bebiam fundo, e murmurando sua gratidão contra os lábios dela, entrou mais fundo, as mãos de ambos subitamente frenéticas em seu suporte. As mãos dela iam à sua garganta e ao seu rosto, depois às costas, puxando-o mais fundo, enquanto os dedos dele puxavam os botões do vestido para ganhar acesso aos seus seios.

– Quem é você? – ela lhe perguntou.

– Qualquer um – ele disse, sem fôlego.

– Quem?

– Pieter, Martin, Laurent, Paolo...

– Laurent. Eu gostava de Laurent.

– Ele está aqui.

– E quem mais?

– Não lembro de todos os nomes – confessou Jacob.

Rosa levou as mãos de novo ao rosto dele, e o segurou com força.

– Lembre por mim – ela pediu.

– Havia um carpinteiro chamado Bernard...

– Ah, sim. Ele foi muito rude comigo.

– E Darlington...

– O cortineiro. Muito carinhoso. – Soltou uma gargalhada. – Não foi ele que me enrolou em seda?

– Foi mesmo?

– E derramou creme no meu colo. Você podia ser ele. Fosse quem fosse.

– Não temos creme.

– E também não temos seda. Pense em outra coisa.

– Eu podia ser Jacob – disse ele.

– Poder, podia – disse ela – mas não é tão divertido. Pense em outra pessoa.

– Havia Josiah. E Michael. E Stewart. E Roberto... – ela movia o corpo ao ritmo da litania que ele desfiava. Tantos homens, cujos nomes e profissões ele pegara emprestado para excitá-la, envolvendo-se nas reputações deles por uma hora ou um dia; raramente mais do que isso. – Antigamente eu gostava desse jogo – disse ele. – Não gosta mais?

– Se nós soubéssemos o que éramos...

– Quieto agora.

– ...talvez não doesse tanto.

– Não importa – disse ela. – Não enquanto estivermos juntos. Não enquanto você estiver dentro de mim.

Agora estavam embolados, tão presos ao redor um do outro, membros e beijos entrelaçados, que nunca mais se separariam.

Ela tornou a soluçar, a respiração forçada para fora dela a cada estocada. Nomes ainda lhe saíam pelos lábios, mas eram apenas fragmentos, pedaços de pedaços...

– Sil... Be... Han...

Ela se perdera em sensações; perdera-se para o pênis dele, para os lábios dele. Da parte dele, ele desistira inteiramente das palavras. Somente seu hálito, expelido para dentro de sua boca como se a ressuscitasse. Seus olhos estavam abertos, mas não via mais o rosto dela, nem as velas que tremeluziam ao redor de ambos. Ao invés disso as formas eram vagas, partículas de luz e trevas, pulsando diante dele; trevas acima, luz abaixo.

A visão arrancou-lhe um gemido.

– O que foi? – perguntou Rosa.

– Eu... não... sei – respondeu ele. Doía-lhe ter essa visão à sua frente e não entender o que via, como um fragmento de música ao qual não conseguia pôr nome, embora as notas se repetissem em sua cabeça. Mas, apesar de toda a angústia que isso lhe provocava, ele não a teria posto de lado. Havia alguma coisa na visão que suscitava um lugar secreto; um lugar do qual ele nunca falava, nem mesmo para Rosa. Era muito suave, esse lugar; muito frágil.

– Jacob?

– Sim... ?

Ele olhou para ela, e o fantasma se evaporou. – Já acabamos?

Ela colocou a mão entre as pernas e pegou o pau dele. Metade ainda estava dentro dela, mas estava amolecendo rapidamente. Ele tentou voltar para dentro, mas ficou simplesmente dançando contra o cuzinho tão apertado, e depois de umas duas tentativas desanimadoras, retirou-se. Ela olhou para ele rancorosa.

– É isso? – perguntou.

Ele colocou o pau de lado, e se levantou.

– Por ora – disse.

– Porra, eu vou ser fodida em capítulos então? – disse, puxando as saias sobre as partes pudendas e sentando-se. – Te dou meu cu contra a vontade e você não tem sequer a decência de terminar.

– Eu me distraí – disse ele, apanhando o casaco e colocando-o.

– Com o quê?

– Não sei direito – Jacob retrucou. – Pelo amor de Deus, mulher, foi só uma trepada. Haverá outras.

– Não acho – ela respondeu chorosa.

– É mesmo?

– Acho que já está mais do que na hora de acabarmos. Se não vamos fazer filhos, então pra quê? Hein?

Ele a encarou com dureza.

– Está falando sério?

– Estou sim. Com certeza. Estou falando sério.

– Percebe o que está dizendo?

– Claro que percebo.

– Você vai se arrepender.

– Acho que não.

– Vai chorar pra trepar de novo.

– Você acha que eu estou tão desesperada assim pelos seus serviços? – perguntou ela. – Meu Deus, como você se ilude. Estou brincando com você, Jacob. Eu finjo ficar com tesão, mas não sinto desejo por você.

– Não é verdade – disse ele.

Ela ouviu a mágoa na voz dele, e ficou pasma. Era raro, e, como todas as raridades, valioso. Fingindo não reparar, pegou sua sacola de couro surrada e tirou seu espelho, e, agachando-se ao lado das velas para ter mais luz, estudou seu reflexo.

– É verdade sim – disse, depois de algum tempo. – O que quer que havia entre nós está morrendo, Jacob. Se te amei um dia, esqueci como. E, francamente, não estou com muita vontade de me lembrar.

– Muito bem – ele disse. Ela pegou sua imagem no espelho: viu o olhar de perturbação que cruzou seu rosto. Mais do que raro, aquele olhar.

– Como quiser ela murmurou.

– Acho...

– Sim?

– Eu... eu gostaria de ficar sozinho um pouco...

– Aqui?

– Se você não se importar.

Ele estalou os dedos, e um penacho de chamas pulou dentre eles, extinguindo-se sobre sua cabeça. Ela não se incomodava de observá-lo exercitar aquele seu dom peculiar. Ela tinha suas próprias habilidades, apanhadas, bem como as de Steep, como piadas ou machucados, em algum lugar ao longo do caminho. Deixe-o usar a sala para se lamentar, ela pensou.

– Você vai ficar com fome depois? – ela lhe perguntou, soando (para seu perverso deleite) como a paródia de uma esposa.

– Duvido.

– Tenho uma torta de carne, se quiser alguma coisa.

– Sim? – ele perguntou.

– Ainda podemos ser civilizados, não podemos? – ela perguntou.

Ele deixou outra chama sair dentre seus dedos.

– Não sei – disse. – Talvez.

Dito isso, ela o deixou com seus pensamentos.

X

A meio caminho da trilha que levava da encruzilhada ao Fórum, Will ouviu o guincho de freios mal lubrificados às suas costas. Olhou para trás e viu não um, mas dois faróis de bicicleta a pouca distância dele. Soltando baixinho um palavrão original, ele se levantou e esperou até que Frannie e Sherwood o alcançassem.

– Vão embora – foram suas primeiras palavras para os dois.

– Não – disse Frannie, sem fôlego. – Decidimos ir com você.

– Não quero que vocês venham – disse Will.

– Este é um país livre – retrucou Sherwood. – Podemos ir onde quisermos. Não podemos, Frannie?

– Cale a boca – disse Frannie. E então, para Will: – Só queria ter certeza de que você estava bem.

– Então por que trouxe ele? – perguntou Will.

– Porque... ele me pediu... – disse Frannie. – Ele não vai atrapalhar.

Will balançou a cabeça.

– Não quero que vocês entrem – ele disse.

– Este é um país... – Sherwood tornou a começar, mas Frannie mandou que se calasse.

– Tudo bem, a gente não entra – disse ela. – Vamos só esperar.

Sabendo que aquele era o melhor acordo que conseguiria fazer, Will dirigiu-se para o Fórum, com Frannie e Sherwood atrás. Ele não se dignou mais a reconhecer a presença dos dois, até chegar à sebe adjacente ao Fórum. Só então ele se voltou e lhes disse, num sussurro, que se fizessem um ruído estragariam tudo e ele nunca mais falaria com eles. Aviso dado, atravessou o espinheiro e começou a subir a encosta suave da campina na direção do prédio. Parecia mais à noite do que durante o dia, como um vasto mausoléu, mas ele conseguia ver uma luz tremeluzindo do lado de dentro; seu coração estava inteiramente tomado pela alegria quando desceu a passagem que levava até lá.

Jacob estava sentado na cadeira do juiz, com uma pequena fogueira queimando na mesa à sua frente. Ele levantou a cabeça quando ouviu a porta ranger, e pela luz das chamas Will avistou o rosto que havia conjurado de tantas maneiras. Em cada detalhe, ele não havia alcançado

toda a extensão de seu poder. Não havia feito uma testa ampla ou clara o bastante, nem olhos profundos o suficiente, e nem imaginado que os cabelos de Steep, que havia visto em silhueta caindo em abundância de cachos, estariam cortados de modo a formar não mais que uma sombra no alto de seu crânio. Ele não tinha imaginado o brilho de sua barba e bigode, ou a delicadeza de seus lábios, que lambeu várias vezes antes de dizer:

– Bem-vindo, Will. Você veio numa hora estranha.

– Isso quer dizer que você quer que eu vá embora?

– Não. Longe disso. – Ele acrescentou uns pedaços de madeira à fogueira à sua frente. Ela soltou estalos e cuspiu faíscas. – Eu sei que é costume pintar um sorriso sobre a tristeza; fingir que existe alegria quando não há. Mas odeio fingimentos. A verdade é que esta noite estou melancólico.

– O que... é melancolia? – perguntou Will.

– Gostei da honestidade – Jacob respondeu. – Melancolia é tristeza, mais do que tristeza. É o que sentimos quando pensamos no mundo e no pouco que entendemos; quando pensamos em que devemos nos tornar.

–Você quer dizer morrer e coisas assim?

– Morrer serve – disse Jacob. – Embora não seja isso o que me preocupa esta noite. – Fez um sinal para Will. – Chegue mais perto – disse. – Perto do fogo é mais quente.

As poucas chamas na mesa ofereciam, pensou Will, poucas chances de calor, mas ele se aproximou com prazer.

– Então, por que está triste? – perguntou Will.

Jacob se sentou na cadeira ancestral, e contemplou o fogo.

– Coisas entre homem e mulher – ele respondeu. – Evite se preocupar enquanto pode e agradeça por isso. Mantenha distância disso enquanto puder. – Enquanto falava, enfiou a mão no bolso e tirou mais combustível para sua pequenina fogueira. Desta vez, Will estava perto o bastante para ver que aquela lasca de madeira estava se movendo. Fascinado, e um pouco enjoado, Will chegou mais perto da mesa e viu que o cativo de Steep era uma mariposa, cujas asas ele segurava entre o polegar e o indicador. Suas patas e antenas estremeciam, e ela foi jogada nas chamas, e por um instante pareceu que a corrente de calor a elevaria para a segurança, mas antes que pudesse ganhar altura suficiente as asas se incendiaram e ela caiu.

– Vivos e mortos, nós alimentamos o fogo – Steep disse com suavidade. – Esta é a melancólica verdade das coisas.

– Só que foi você quem alimentou – disse Will, surpreso com sua própria eloquência.

– É o que devemos fazer – replicou Jacob. – Ou ficaria escuro aqui. E como veríamos um ao outro? Mas acho que você se sentiria mais à vontade com combustível que não estremecesse ao ser levado às chamas.

– É... – disse Will. –... verdade.

– Você gosta de salsichas, Will?

– Gosto.

– Claro que gosta. Uma bela salsicha marrom de porco? Ou um bom filé e torta de rim?

– Sim, eu gosto de filé e torta de rim.

– Mas você pensa no bicho, se cagando de terror enquanto é levado para sua execução? Pendurado por uma pata, ainda dando coices, enquanto o sangue esguicha de seu pescoço? Você pensa?

Will já ouvira seu pai conversar vezes demais para perceber que havia uma armadilha ali.

– Não é a mesma coisa – ele protestou.

– Ah, mas é sim.

– Não é não. Preciso de comida para sobreviver.

– Então coma nabos.

– Mas eu gosto de salsichas.

– Você também gosta de luz, Will.

– Existem velas – disse Will – bem ali.

– E a terra viva deu cera e sebo para sua fabricação – disse Steep. – Tudo é consumido, Will, mais cedo ou mais tarde. Vivos e mortos, nós alimentamos o fogo. – Ele sorriu, só um pouco. – Sente-se – disse com suavidade. – Continue. Somos iguais aqui. Ambos um pouco melancólicos.

Will se sentou.

– Não estou melancólico – disse ele, gostando do som da palavra. – Estou feliz.

– Está mesmo? Bom, isso é ótimo de se ouvir. E por que você está tão feliz?

Will estava envergonhado de admitir a verdade, mas Jacob fora honesto, pensou ele; então ele também deveria ser.

– Porque achei você aqui – disse.

– Isso lhe agrada?

– Sim.

– Mas daqui a uma hora você vai ficar de saco cheio de mim...

– Não vou não.

– ... e a tristeza ainda estará aí, esperando por você, – Enquanto ele falava, o fogo começou a morrer, – Quer alimentar o fogo, Will? – perguntou Steep.

Suas palavras traziam consigo um poder único. Era como se esse morrer do fogo significasse mais do que o extermínio de algumas chamas. Aquele fogo era subitamente a única luz num mundo frio e sem sol, e se alguém não o alimentasse as consequências seriam graves.

– E então, Will? – perguntou Jacob, mergulhando a mão no bolso e retirando outra mariposa. – Aqui – disse, estendendo a mão.

Will hesitou. Podia ouvir o adejar suave do pânico da mariposa. Olhou o captor, atrás da criatura. O rosto de Jacob era profundamente inexpressivo.

– E então? – perguntou Jacob.

O fogo estava quase apagado. Mais alguns segundos e seria tarde demais. O quarto seria entregue às trevas, e o rosto na frente de Will, sua simetria e seu escrutínio, desapareceriam.

Esse pensamento subitamente foi demais para suportar. Will olhou novamente a mariposa: suas patas que giravam e suas antenas que tremiam. Então, numa espécie de terror maravilhoso, ele a tomou dos dedos de Jacob.

XI

–Estou com frio – Sherwood gemeu pela décima vez.

– Então vá embora – disse Frannie.

– Sozinho? No escuro? Não me manda embora não.

– Talvez eu devesse entrar e procurar Will – disse Frannie. – Talvez ele tenha escorregado, ou...

– Por que não deixamos ele aqui?

– Porque ele é nosso amigo.

– Amigo meu ele não é.

– Então pode esperar aqui – disse Frannie, procurando o ponto de abertura na sebe. Um segundo depois ela sentiu a mão de Sherwood na dela.

– Não quero ficar aqui sozinho – ele disse baixinho.

Na verdade, ela não estava chateada por ele querer acompanhá-la. Tinha um pouco de medo, e por isso estava contente com a companhia dele. Juntos abriram caminho por entre a confusão da cerca viva, e de mãos dadas subiram a encosta até o Fórum. Só uma vez ela sentiu um estremecimento de apreensão passar pelo irmão, e olhando de relance para ele na penumbra, vendo seus olhos cheios de medo olhando para ela pedindo socorro, percebeu o quanto o amava.

A mariposa era enorme, e embora Will segurasse firme suas asas, seu corpo gordo e gosmento estremecia incontrolável, as patas pedalando no ar. Isso lhe dava nojo, o que tornava mais fácil o que estava para fazer.

– Você não está com medo, está? – perguntou Jacob.

– Não... – retrucou Will, sua voz distante, como a voz de outro alguém.

– Você já matou insetos antes.

Claro que sim. Ele já havia fritado formigas sob uma lente de aumento, já havia quebrado besouros e arrancado patas de aranhas, jogado sal em lesmas e spray em moscas. Aquilo era apenas uma mariposa e uma chama. Tinham tudo a ver uma com a outra.

E com esse pensamento fez sua tarefa. Houve um instante de arrependimento enquanto a chama fazia as patas da mariposa murcharem, então ele jogou o inseto no fogo, e o arrependimento se tornou fascinação enquanto via a criatura ser consumida.

– O que eu lhe disse? – perguntou Jacob.

– Vivos e mortos... – Will murmurou – ... nós alimentamos o fogo...

Na porta do Fórum, Frannie não conseguia ver o que estava acontecendo. Podia ver Will curvado sobre a mesa, estudando alguma coisa brilhante, e no mesmo brilho viu de relance o rosto do homem sentado do outro lado. Mas isso era tudo.

Ela soltou a mão de Sherwood e levou o dedo aos lábios para mantê-lo quieto. Ele fez que sim, sua expressão surpreendentemente menos temerosa do que havia sido na escuridão lá fora. Então voltou o olhar na direção de Will. Ao fazer isso, ouviu o homem do outro lado da mesa dizer:

– Quer mais um?

Will sequer olhou para Steep. Continuava olhando o fogo devorar o corpo da mariposa.

– É sempre assim? – murmurou.

– Assim como?

– Primeiro o frio e a escuridão, e depois o fogo acabando com eles, e depois mais escuridão e frio...

– Por que está perguntando isso? – Jacob quis saber.

– Porque quero entender – disse Will.

E você é o único que tem as respostas, ele poderia ter acrescentado. Essa era a verdade, afinal. Ele tinha certeza de que seu pai não tinha respostas para questões como essas, nem sua mãe, nem qualquer professor, nem ninguém que ele tivesse ouvido pontificar na televisão. Aquilo era conhecimento secreto, e ele se sentia privilegiado por estar na companhia de alguém que o possuía, mesmo que escolhesse não compartilhá-lo com ele.

– Quer outro ou não? – perguntou Jacob.

Will fez que sim, e pegou a mariposa dos dedos de Steep.

– Um dia não vamos simplesmente ficar sem coisas para queimar? – ele se perguntou.

– Oh, meu Deus – disse a Sra. McGee, surgindo das sombras. –Ouça só ele.

Will não olhou para ela. Estava ocupado demais estudando a cremação da segunda mariposa.

– Sim, ficaremos – Jacob disse baixinho. – E quando tudo estiver morto, uma escuridão tomará conta do mundo como nenhum de nós pode imaginar. Não será a escuridão da morte, pois a morte não é completa.

– Um jogo com ossos – disse a mulher.

– Exato – disse Jacob. – Morte é um jogo com ossos.

– De morte nós entendemos, o Sr. Steep e eu.

– Ah, isso é verdade.

– Os filhos que eu tive na barriga e perdi. – Ela se moveu para trás de Will enquanto falava, estendendo o dedo para tocar de leve o cabelo dele. – Eu olho pra você, Will, e juro que daria todos os meus dentes para chamar você de meu. Tão inteligente...

– Está ficando escuro – disse Steep.

– Então me dê outra mariposa – exigiu Will.

– Tão ansioso – observou a Sra. McGee.

– Rápido – disse Will – antes que a chama se apague!

Jacob meteu a mão no bolso e puxou outra mariposa. Will puxou–a de seus dedos, mas na pressa não conseguiu agarrar as asas, e ela saiu voando sobre a mesa.

– Droga! – disse Will, e, empurrando sua cadeira, junto com a Sra. McGee, levantou-se e estendeu as mãos para o inseto. Por duas vezes ele agarrou o ar, duas vezes veio de mãos vazias. Enraivecido agora, ele girava, ainda tentando pegar a mariposa.

Atrás, ouviu Jacob dizer:

– Deixa pra lá. Eu lhe dou outra.

– Não! – disse Will, pulando para agarrar a criatura no ar. – Quero esta.

Seus esforços foram recompensados. No terceiro pulo sua mão se fechou ao redor da mariposa.

– Peguei! – ele gritou, e estava para leva-la ao fogo quando ouviu Frannie dizer:

– O que você está fazendo, Will?

Ele olhou para ela. Ela estava em pé na porta do Fórum, suas formas ensombrecidas e remotas.

– Vá embora – disse ele.

– Quem é ela? – perguntou Jacob.

– Vá embora – disse Will, subitamente se sentindo nervoso. Não queria que essas duas partes de sua vida falassem com ele ao mesmo tempo; ele ficava zonzo. – Por favor – disse ele, esperando que ela reagisse à educação. – Não quero você aqui.

A luz estava morrendo atrás dele. Se não fosse rápido, o fogo morreria completamente. Ele tinha de alimentá-lo novamente antes que se apagasse. Mas não queria Frannie olhando. Jacob nunca compartilharia o que sabia – aquele conhecimento que somente os mais sábios dos sábios compreendiam – enquanto ela estivesse na sala.

– Vá embora! – ele gritou. Seu grito não a moveu do lugar, mas intimidou Sherwood demais. Ele saiu correndo do lado de Frannie, disparando por uma das passagens que levavam para longe do Fórum.

Frannie ficou furiosa.

– Sherwood tinha razão! – ela disse a ele. – Você não é nosso amigo. Nós o seguimos em caso de algo lhe acontecer...

– Rosa... – Will ouviu Jacob murmurar atrás dele – ... o outro garoto... – E olhou de relance pelo canto do olho para ver a Sra. McGee recuar para as sombras, em busca de Sherwood.

A cabeça de Will agora estava girando. Frannie gritando, Sherwood soluçando, Jacob sussurrando, e o pior de tudo, a chama morrendo e a luz indo embora com ela...

Essa tinha de ser sua prioridade, decidiu ele, e, dando as costas a Frannie, estendeu a mão para levar a mariposa à chama. Mas Jacob já estava lá. Ele havia colocado a mão inteira – que havia transformado numa gaiola de dedos – no fogo que morria. Dentro da gaiola estavam não uma, mas várias mariposas, que pegaram fogo instantaneamente, suas asas em pânico espalhando as chamas uma da outra. Um brilho único derramou-se por entre os dedos de Jacob, e ocorreu a Will que ele não estava vendo nada de natural ali: que aquilo era alguma espécie de mágica. A luz lavava o rosto de Jacob e a transformava em algo além da beleza. Ele não parecia um astro de cinema, ou um modelo de capa de revista: não era só brilho e dentes e covinhas. Ele queimava mais brilhante que as mariposas, como se

pudesse ser uma fogueira em si mesmo se assim o quisesse. Por um instante (não passou disso) Will se viu ao lado de Jacob, caminhando na rua de uma cidade, e Jacob brilhava em cada poro, e as pessoas choravam de gratidão por ele ter vindo iluminar as trevas delas. Então aquilo tudo foi demais para ele. Suas pernas cederam, e ele caiu, como se tivesse levado um soco.

XII

A intenção de Sherwood era recuar para o vestíbulo, longe do Fórum e do cheiro de queimado lá, que revirava seu estômago. Mas na escuridão total ele pegou a rota errada, e ao invés de ser levado à frente do prédio, ele se encontrou perdido num labirinto. Tentou voltar por onde viera, mas estava apavorado demais para pensar com clareza. Só conseguia andar aos tropeções, lágrimas machucando os olhos, à medida que ficava cada vez mais escuro.

Então, um lampejo de luz. Não era luz das estrelas – era quente demais – mas ele foi em sua direção mesmo assim, e se encontrou numa pequena câmara onde alguém estivera trabalhando. Havia uma cadeira e uma escrivaninha pequena, e sobre a escrivaninha uma lâmpada de sódio, que lançava sua luz sobre uma série de objetos. Enxugando as lágrimas, Sherwood foi ver o que era. Havia vidros de tinta, talvez uma dezena deles, e algumas canetas e pincéis, e no meio desse equipamento um livro, de cerca do tamanho de um de seus livros escolares mas muito mais grosso. A encadernação estava manchada e a lombada rachada, como se tivesse sido levado de um lado para outro por anos. Sherwood estendeu a mão para abri-lo, mas antes que pudesse fazer isso, uma voz suave perguntou:

– Qual é o seu nome?

Ele levantou a cabeça e lá, emergindo da porta do outro lado da câmara, estava a mulher do Fórum. Sherwood sentiu um pequeno frêmito de prazer percorrer seu corpo ao olhar para ela. A blusa estava desabotoada, e a pele exposta brilhava generosa.

– Meu nome é Rosa – disse ela.

– O meu é Sherwood.

– Você é um garoto grande. Quantos anos tem?

– Vou fazer onze.

– Quer vir aqui, para eu poder vê-lo melhor?

Sherwood não sabia se queria. Certamente havia algo de excitante na maneira como ela olhava para ele, sorrindo, e talvez se ele chegasse um pouco mais perto poderia ver melhor aquela parte desabotoada, o que era certamente uma tentação. Ele conhecia tudo quanto era palavra de

sacanagem da escola, claro, e já tinha visto algumas fotos bem rodadas que passavam de mão em mão. Mas seus colegas o mantinham de fora das conversas realmente sujas, porque ele era meio maluquinho. O que eles diriam, pensou ele, se pudesse contar que havia posto os olhos num par de peitos nus, de verdade?

– Nossa, como você olha, hein? – comentou Rosa. Sherwood ficou vermelho. – Ah, tudo bem – disse ela. – Os garotos deviam poder ver o quanto quisessem. Desde que soubessem como apreciar.

Dizendo isso, ela desabotoou a blusa mais um pouco. Sherwood tentou engolir em seco, mas não conseguiu. Dava para ver seus seios muito facilmente agora. Se chegasse um pouco mais perto veria os mamilos, e pelo olhar de boas–vindas no rosto dela, ela não o censuraria por fazer isso.

Ele avançou em sua direção.

– Fico pensando no que você seria capaz de fazer – disse ela – se eu o deixasse se soltar. – Ele não entendeu inteiramente do que ela estava falando, mas tinha uma ideia muito boa do que se tratava. – Quer chupar meus peitinhos? – ela pediu.

A cabeça dele estava latejando, e ele sentiu uma pressão tão intensa nas calças que teve medo de se molhar. E, como se as palavras que ela dizia já não fossem excitantes o bastante, ela estava abrindo a blusa um pouquinho mais, e lá estavam seus mamilos, grandes e rosados, e ela começou a esfrega-los um pouco, sem deixar um instante de sorrir para ele.

– Deixa eu ver sua língua – ela disse.

Ele pôs a língua para fora.

– Você vai ter que trabalhar duro – disse ela. – A língua é pequena e eu tenho peitos grandes. Não tenho?

Ele fez que sim. Estava a três passos dela, e dava para sentir o cheiro de seu corpo. Era um cheiro forte, diferente de tudo o que já havia respirado antes, mas ela podia ter cheiro de estrume e ele não teria recuado agora. Esticou as mãos e tocou os seios com os dedos. Ela soltou um suspiro. Então ele aproximou o rosto da carne dela e começou a lamber.

– Will...

– Ele está bem – disse o homem com o casaco preto empoeirado.

– Ele apenas se deixou levar pelo entusiasmo. Por que você não o deixa aí e volta correndo pra casa?

– Não vou sem Will – disse Frannie, a voz aparentando bem mais confiança do que ela de fato sentia.

– Ele não precisa de sua ajuda – retrucou o homem, sua voz soando ameaçadora. – Ele está perfeitamente feliz aqui. – Olhou para Will – Ele está simplesmente um pouco chapado.

Sem tirar os olhos do homem, Frannie agachou-se ao lado de Will e o sacudiu violentamente. Ele soltou um gemido, e ela arriscou um olhar ligeiro para ele.

– Levanta – disse ela. Ele parecia muito confuso. – Levanta – repetiu.

Enquanto isso, o homem de preto havia tornado a se acomodar em sua cadeira, e estava sacudindo o conteúdo de sua mão sobre a mesa. Fragmentos brilhantes e coruscantes caíam lentamente. Will já estava se virando na direção do homem, embora ainda não estivesse de pé.

– Volte aqui – o homem disse a Will.

– Não... – disse Frannie. As chamas sobre a mesa estavam morrendo, o aposento dando lugar à escuridão. Ela sentiu um medo que antes só sentira em sonhos.

– Sherwood! – gritou. – Sherwood!

– Não escute ela – disse a mulher, pressionando Sherwood contra seu seio.

– Sherwood!

Ele não podia ignorar o chamado de sua irmã: não quando continha um tom de pânico tão grande. Ele se afastou da pele quente de Rosa, o suor descendo pelo rosto.

– É a Frannie – disse ele, libertando-se da mulher. Notou que ela estava com uma expressão estranha – a boca ofegante aberta, os olhos dardejando. Isso o enervava.

– Preciso ir... – ele começou a dizer, mas ela estava puxando o vestido, como se fosse lhe mostrar mais alguma coisa.

– Eu sei o que você quer ver – disse ela.

Ele recuou, a mão atrás para dar apoio.

– Você quer o que está aqui embaixo – disse ela, levantando o vestido.

– Não – disse ele.

Ela sorriu para ele, e continuou levantando a saia. Em pânico, e confuso com o caldeirão de sentimentos que fervilhava nele, cambaleou para trás, e seu peso atingiu a mesa. Ela virou. O livro, as tintas, as canetas e, o pior de tudo, o lampião, caíram no chão. Houve um instante em que parecia que a chama havia se extinguido; mas então ela floresceu com vontade renovada, e a bagunça ao redor da mesa pegou fogo.

A Sra. McGee deixou as saias caírem.

– Jacob! – ela gritou. – Ah, meu Deus do céu, Jacob!

Sherwood tinha mais motivos para entrar em pânico do que ela, cercado como estava por materiais combustíveis. Mesmo em seu estado zonzo, sabia que tinha de fugir rápido, ou passaria a fazer parte deles. A rota mais fácil era a porta pela qual havia entrado.

– Jacob! – Rosa estava gritando, e sem nem olhar na direção de Sherwood novamente, deixou a câmara para encontrar seu companheiro.

O fogo estava ficando cada vez maior, fumaça e calor preenchendo a câmara, fazendo Sherwood recuar. Mas, ao se virar para ir embora, seu corpo tremendo com os excessos dos últimos minutos, avistou o livro, caído ali no chão.

Não tinha ideia do que continha, mas parecia uma prova. Teria o livro quando seus colegas de classe mexessem com ele, para mostrar-lhe e dizer

– Eu estive lá. Eu fiz tudo o que disse a vocês e mais.

Enfrentando as chamas, ele se abaixou e pegou o livro do chão. Estava um pouquinho chamuscado, não mais que isso. Então escapou, de volta pelo labirinto de passagens, na direção da voz de sua irmã.

– Sherwood!

Ela e Will estavam na porta do Fórum.

– Não quero ir – Will resmungou, e tentou se livrar de Frannie. Mas ela não aceitou. Continuava agarrando-o pelo braço, para machucar, gritando o nome do irmão enquanto isso.

Nesse ínterim, Jacob havia se levantado de seu lugar à mesa, alarmado pelo som da conflagração, e agora pela visão da Sra. McGee num estado de desalinho, exigindo que ele fosse agora mesmo, agora mesmo.

Ele foi com ela, olhando uma vez para Will, e aquiescendo bem sutilmente como se para dizer: vá com ela. Este não é o momento.

Então foi embora, desapareceu com Rosa para apagar as chamas. Assim que ele sumiu, Will sentiu uma curiosa calma tomar conta dele. Não havia mais necessidade de lutar com Frannie. Podia simplesmente ir com ela, sair a céu aberto, sabendo que haveria outro momento, um momento melhor, em que ele e Jacob estariam juntos.

– Estou bem... – ele disse para Frannie. – Não preciso que ninguém me segure.

– Preciso achar o Sherwood – disse ela.

– Aqui! – veio um grito da escuridão fumarenta, e ele surgiu, o rosto sujo de poeira e suor.

Não se falou mais nada. Desceram o corredor até a porta da frente e saíram, passando pelos pilares e descendo os degraus, até a grama fria. Somente quando haviam passado pela sebe e entrado na trilha, pararam para tomar fôlego.

– Não conte a ninguém o que vimos lá dentro, tá? – Will disse, sem fôlego.

– Por que não? – Frannie quis saber.

– Porque você vai estragar tudo – retrucou Will.

– Eles são maus, Will...

– Você não sabe nada sobre eles.

– Nem você.

– Eu sei sim. Já tinha encontrado com eles antes. Querem que eu vá embora com eles.

– É verdade? – Sherwood perguntou, a voz esganiçada.

– Cale a boca, Sherwood – disse Frannie. – Não vamos mais falar disso. É uma imbecilidade. Eles são maus e eu sei que eles são maus. – Virou-se para o irmão. – Will pode fazer o que quiser – disse ela. –Mas você não vai voltar aqui novamente, Sherwood, e nem eu. – Dizendo isso ela pegou sua bicicleta e montou, mandando Sherwoood se apressar e fazer o mesmo. Ele obedeceu, mansinho.

– Então você não vai contar nada, não é? – Will suplicou.

– Ainda não decidi – Frannie respondeu num tom irritantemente choroso. – Vou ter que pensar. – Com isso, ela e Sherwood desceram a trilha.

– Se você fizer isso, nunca mais falo com você – Will gritou, só percebendo quando eles já estavam distantes que aquela era uma ameaça vazia vinda de um homem que havia acabado de declarar que iria embora para sempre muito em breve.

PARTE TRÊS



Ele se Perde;
Ele se Encontra

I

i

-Ele está sonhando? – Adrianna perguntou ao Dr. Koppelman um dia no começo da primavera, quando sua visita para ficar à cabeceira de Will coincidiu com as rondas do médico.

Quase quatro meses haviam se passado desde os eventos em Balthazar, e, à sua própria maneira milagrosa, o corpo contundido e fraturado estava se curando. Mas o coma continuava tão profundo quanto antes. Nenhum sinal de movimento perturbava a superfície glacial de seu estado. As enfermeiras o moviam regularmente para impedir as escaras que começavam a se formar; suas necessidades físicas eram cuidadas com sondas e catéteres. Mas ele não acordou, não estava acordando. E frequentemente, quando Adrianna tinha vindo visitá-lo ao longo daquele melancólico inverno de Winnipeg, e olhava seu rosto plácido, percebia que estava se perguntando: o que você está fazendo?

Daí sua pergunta. Ela normalmente tinha uma reação alérgica a médicos, mas Koppelman, que insistia em ser chamado de Bemie, era exceção. Tinha seus cinquenta e poucos anos, era gordo, e a julgar pelas manchas nos dedos (e seu hálito mentolado), fumante inveterado. Também era honesto ao falar de sua ignorância, o que ela gostava, muito embora significasse que ele realmente não tinha resposta alguma para lhe dar.

– Estamos tão no escuro quanto Will neste momento – ele prosseguiu. – Ele pode estar num estado completamente desativado com relação à sua consciência. Por outro lado, pode estar acessando memórias num nível tão profundo que não consigamos monitorar a atividade cerebral. Simplesmente não sei.

– Mas ele ainda pode sair disso – disse Adrianna, olhando para Will.

– Ah, certamente – concordou Koppelman. – A qualquer momento. Mas não posso lhe dar qualquer garantia. Existem processos em funcionamento no crânio dele neste exato momento que francamente não compreendemos.

– Acha que faz alguma diferença se eu ficar aqui com ele?

– Você e ele eram muito íntimos?

– Se a gente transava? Não. Trabalhávamos juntos.
Koppelman ficou mordiscando a unha do polegar.
– Já vi casos em que a presença de alguém que o paciente conhecia na cabeceira pareceu ter ajudado as coisas. Mas...
– Você não acha que este seja um desses casos.
Koppelman parecia preocupado.
– Quer minha opinião honestamente? – perguntou ele, baixando a voz.
– Quero.
– As pessoas têm que continuar com suas vidas. Você já fez mais do que muita gente faria, vindo aqui todos os dias. Você não mora na cidade, mora?
– Não. Moro em São Francisco.
– Certo. Ouvi dizer que estavam pensando em levar o Will para lá, não é verdade?
– Tem muita gente morrendo em São Francisco.
Koppelman fez uma cara soturna.
– O que posso lhe dizer? – disse ele. – Pode ser que você fique aqui mais seis meses, mais um ano, e ele ainda esteja em coma. É um desperdício da sua vida. Eu sei que você quer fazer o melhor possível para ele, mas... entende o que eu digo?
– Claro.
– Eu sei que dói ouvir isso.
– Faz sentido – ela replicou. – É só que... Não consigo encarar a ideia de deixá-lo aqui.
– Ele não sabe disso, Adrianna.
– Então por que você está sussurrando?
Apanhado com a boca na botija, Koppelman deu um sorriso amarelo.
– Só estou dizendo que as chances são de que, onde quer que ele esteja, não esteja dando a mínima para o mundo aqui fora. – Olhou de novo para o leito. – E sabe do que mais? Talvez ele esteja feliz.

Talvez ele esteja feliz. As palavras assombravam Adrianna, lembrando-a de quantas vezes ela e Will haviam conversado – profunda e apaixonadamente – sobre o tema da felicidade, e quantas vezes ela agora sentia saudade daquelas conversas.

Ele freqüentemente dizia que não era feito para a felicidade. Era parecida demais com contentamento, e contentamento era parecido demais com sono. Ele gostava do desconforto: na verdade ele o procurava (quantas vezes não havia ficado presa em algum abrigo pequeno e sombrio, quente demais ou frio demais, e olhava para ele e descobria que ele estava sorrindo de orelha a orelha? A adversidade física o lembrava de que ele estava vivo, e a vida, ele lhe dissera, ah, tantas vezes, era sua obsessão).

Nem todo mundo havia encontrado provas dessa afirmação em seu trabalho. A reação da crítica tanto aos livros quanto às exposições fora muitas vezes antagônica. Poucos críticos haviam posto em dúvida o talento de Will: ele tinha o temperamento, a visão e o domínio técnico de um grande fotógrafo. Mas por que, reclamavam, ele tinha de ser tão incansavelmente amargo? Por que tinha de procurar imagens que evocavam desespero e morte quando havia tanta beleza no mundo natural?

Embora possamos admirar a consistência de visão de Will Rabjohns, escrevera o crítico da Time a respeito de "Alimentando o Fogo", seus relatos do modo como a humanidade brutaliza e destrói os fenômenos naturais se toma por sua vez brutal e destrutivo às próprias sensibilidades em que ele deseja insuflar pena ou ação. O observador abandona a esperança em face de seus relatos. Observamos a extinção com corações desesperados. Bem, Sr. Rabjohns, estamos desesperados como o senhor queria. E agora?

Era a mesma pergunta que Adrianna se fazia quando o Dr. Koppelman saiu para continuar sua ronda. E agora? Ela já havia chorado, xingado, até mesmo encontrado o bastante de seu treinamento católico tão desprezado intacto para rezar, mas nada disso abrira os olhos de Will. E, enquanto isso, a vida dela continuava a passar.

Aquele não era o único assunto em jogo. Ela ganhara um namorado ali em Winnipeg (entre tantas pessoas, um motorista de ambulância); um sujeito chamado Neil, longe de seu ideal de masculinidade, mas que estava claramente atraído por ela. Ela lhe devia respostas às perguntas que fazia

toda noite: por que não podiam morar juntos? Fazer uma experiência por dois meses, para ver se funcionava?

Ela se sentou no leito ao lado de Will, pegou sua mão e lhe disse o que estava se passando em sua cabeça.

– Eu sei que vou acabar entrando de cabeça numa relação prematura com o Neil se continuar por aqui, e ele provavelmente faz mais o seu tipo do que o meu. Ele é um urso, sabia? Não tem as costas cabeludas... – acrescentou apressada – eu sei que você odeia costas cabeludas, mas ele é grande... e é um pouco palerma de um modo sexy, mas não posso viver com ele, Will. Não dá. E não posso viver aqui. Quero dizer, eu estava ficando por ele e por você, e agora você não está nem notando minha existência e ele está notando até demais, portanto não é um bom negócio para nenhuma das partes. A vida não é um ensaio, certo? Não é uma daquelas pérolas de sabedoria do Cornelius? Ah, a propósito, ele voltou para Baltimore. Não tenho tido notícias dele, o que provavelmente é ótimo, porque ele sempre me encheu o saco. De qualquer forma, ele sempre dizia esse ditado sobre a vida não ser um ensaio, e ele tem razão. Se eu continuar por aqui vou acabar indo morar com o Neil e vamos começar a nos acostumar um com o outro quando você abrir os olhos – e, Will, você vai abrir os olhos – e vai dizer que precisamos ir para a Antártida. E Neil vai dizer: não, você não vai. E eu vou dizer: vou sim. E vai haver choro, e não será meu. Não posso fazer isso com ele. Ele merece coisa melhor. Então... o que eu estou dizendo? Estou dizendo que preciso ir tomar uma cerveja com Neil e lhe dizer que não vai dar certo, então me arrastar até São Francisco e reunir minhas coisas, porque, cara, graças a você eu nunca estive tão desconjuntada em toda a minha vida.

Ela deixou a voz cair para um sussurro.

–Você sabe por quê. Não é algo de que tenhamos falado antes, e se você abrisse seus olhos nesse exato momento eu não estaria dizendo isso, pra quê? Mas, Will: eu te amo. Eu te amo tanto e a maior parte do tempo está tudo bem, porque nós trabalhamos juntos e eu acho que você me ama também, do seu jeito. Ok, não é como eu realmente gostaria, se eu pudesse escolher, mas não posso, portanto aceito o que tenho. E isso é tudo que você vai ter. E se puder ouvir isto, é bom saber, companheiro, que quando você acordar, porra, cara, eu vou negar tudinho, certo? Todas as palavras, merda.

Ela se levantou, sentindo as lágrimas chegando.

– Merda, Will – disse ela. – É só você abrir os olhos. Não é tão difícil. Tem tanta coisa pra ver, Will. Está um frio do caralho, mas tem uma ótima luz limpinha cobrindo tudo: você iria gostar. *É. Só. Abrir. Os. Olhos.*

Ela ficou observando e esperando, como se pela força do pensamento ela pudesse despertá-lo. Mas não houve movimento, a não ser o subir e descer mecânicos de seu peito.

– Ok. Já entendi. É melhor ir embora. Venho visitar você de novo antes de viajar. – Inclinou-se e beijou-o suavemente na testa. – Vou lhe dizer, Will, onde quer que você esteja, não é tão bom quanto aqui. Volte e venha me ver, ver o mundo, tá? Estamos com saudades.

II

N

a manhã seguinte ao incidente no Fórum, Will acordou todo moído: doendo da cabeça aos pés. Tentou se levantar da cama, mas suas pernas repetiam suas imbecilidades da noite anterior e ele ia de novo para o chão, com um grito tão forte (mais de surpresa que de dor) que sua mãe vinha correndo, para encontrá-lo escarrapachado no chão, batendo os dentes. Diagnosticado como tendo gripe e colocado de volta à cama, a mãe o empanturrou de aspirinas e ovos mexidos.

Uma geada fina caíra à noite e batera contra a vidraça a maior parte do dia. Ele queria estar lá fora. Sua febre transformaria a chuva gelada em vapor, pensava ele, assim que lhe caísse sobre o corpo. Caminharia de volta ao Fórum como um dos filhos da Bíblia que haviam sido queimados numa fornalha mas saíram vivos; fumegante, ele percorreria a trilha lamacenta, de volta aonde Jacob e Rosa mantinham seu estranho conselho. Nu, ele iria, sim, nu, através da sebe, arranhado e chamuscado, até chegar à porta, onde Jacob estaria esperando para lhe ensinar sabedoria, e Rosa para lhe dizer que garoto extraordinário ele era. Para dentro do Fórum ele iria, para dentro do coração de seu mundo secreto, onde tudo era amor e fogo, fogo e amor.

Tudo isso, se ele pudesse simplesmente se levantar e sair da cama. Mas seu corpo o estava enganando. Ele tinha que fazer um grande esforço para ir até o banheiro, e mesmo lá tinha que se apoiar na pia com uma das mãos e o pênis – que parecia muito encolhido e envergonhado de si mesmo naquele instante – com a outra, para ter certeza de que não cairia, de tanto que sua cabeça girava. Logo após o almoço a doutora chegou para vê-lo. Era uma mulher de fala mansa com cabelos brancos curtos, embora não parecesse velha o bastante para ter cabelos brancos, e um sorriso gentil. Ela lhe disse que ele ficaria bem desde que não saísse da cama e tomasse o remédio que iria prescrever; garantiu então à mãe que ele ficaria perfeito em uma semana, mais ou menos.

Uma semana?, pensou Will. Não podia esperar uma semana para estar de volta com Jacob e Rosa. Assim que a doutora e sua mãe saíram do quarto ele se levantou e andou com dificuldade até a janela. A chuva suja começava a engrossar e a se tornar neve, acumulando um pouco nos topos

das colinas. Via sua respiração ir e vir no vidro gelado, e determinou que ficaria forte, merda, simplesmente dizendo isso a si mesmo.

– Eu vou ficar forte, eu vou ficar forte, eu vou...

Parou no meio do fluxo, ouvindo a voz do pai no hall lá embaixo, e então o som de seus passos nas escadas. Começou a voltar para a cama, e tinha acabado de alcançar a segurança das cobertas quando a porta se abriu e o pai entrou, o rosto mais proibitivo do que o céu do lado de fora da janela.

– Tudo bem – disse ele, sem uma palavra de cumprimento. – Quero uma explicação sua, meu rapaz, e nada de mentiras. Quero a verdade. – Will se manteve calado.

– Sabe por que voltei para casa mais cedo? – o pai perguntou. – E então?

– Não.

– Recebi um telefonema do Sr. Cunningham. Maluco idiota, ligando pra mim no meio do dia. Ele me rastreou, disse isso, me rastreou, porque meu filho está num estado terrível. Ele não consegue fazer o garoto parar de chorar, aparentemente por causa de alguma coisa idiota que você andou fazendo com ele. – Hugo se aproximou da cama de Will. – Agora quero saber que histórias imbecis você andou pondo na cabeça daquele moleque, e não balance a cabeça assim para mim, rapazinho, você não está falando com sua mãe agora. Quero respostas e quero a verdade, está me ouvindo?

– Sherwood... não está muito certo... – disse Will.

– Que diabos isso quer dizer? – perguntou Hugo, a saliva salpicando os lábios.

– Ele não diz coisa com coisa.

– Não me interessa o que há de errado com o babaquinha. Só não quero que o pai dele venha atrás de mim, me acusando de criar um completo idiota. Foi disso que ele chamou você. Um idiota! Que você até pode ser, a propósito. Você não tem cabeça?

Will estava começando a sentir vontade de chorar.

– Sherwood é meu amigo – ele gaguejou.

– Ele não é muito certo da cabeça, foi o que você disse.

– Não é.

– Então, o que isso faz de você? Se você é amigo dele, o que isso faz de você? Você não tem cabeça? O que você estava pensando?

– Só saímos para dar uma olhada na região, e ele... ele se apavorou... foi só isso.

– Você tem uma ideia peculiar de diversão, colocando bobagens na cabeça de um garotinho. – Ele balançou a cabeça. – Onde foi que você aprendeu isso? – ele perguntou, já desistindo do filho. Obviamente não queria uma resposta, embora Will desejasse tanto lhe dar uma, quisesse tanto dizer: eu não inventei nada, seu velho burro. Você não sabe o que eu sei, você não vê o que eu vejo, você não entende nada...

Mas não ousava dizer as palavras, claro. Simplesmente baixou os olhos, e deixou o desprezo de seu pai cair em sua cabeça até se desgastar.

Mais tarde, a mãe entrou com pílulas para ele tomar.

– Ouvi seu pai tendo uma conversa com você – disse ela. – Você sabe que ele às vezes é mais duro do que gostaria.

– Eu sei.

– Ele diz coisas.

– Eu sei o que ele diz e sei o que ele gostaria – retrucou Will. – Ele queria que eu estivesse morto e Nathaniel não. E você também. – Deu de ombros, a facilidade das palavras, a facilidade da dor que ele sabia estar provocando, olhando para a mãe, não era ela que ele estava vendo, era Jacob, dando-lhe uma mariposa para queimar, Jacob sorrindo para ele.

– Pare com isso – disse ela. – Não vou ouvir você falando assim. Que coisa feia. Tome suas pílulas. – Seus modos subitamente se tornaram distanciados, como se não reconhecesse o filho deitado na cama. – Você está com fome?

– Estou.

– Vou mandar Adele esquentar um pouco de sopa para você. Fique debaixo das cobertas. E tome as pílulas.

Ao sair, lançou ao filho um olhar quase de medo, do jeito que a Srta. Hartley tinha olhado na escola. E se foi. Will engoliu as pílulas. Seu corpo ainda doía e a cabeça ainda girava, mas ele não ia esperar muito tempo, já havia decidido, para se levantar e sair. Tomaria a sopa (iria precisar da sustentação para a jornada adiante) e então se vestiria e voltaria ao Fórum. Com seu plano feito, tornou a sair da cama para testar a força de suas pernas. Não pareciam tão pouco confiáveis como antes. Com um pouco de encorajamento, elas o levariam até onde ele precisava ir.

III

Embora Frannie não estivesse doente, ela sofrera bem mais que Will no dia seguinte à noite no Fórum. Ela havia conseguido entrar com Sherwood em casa e subir as escadas para se limparem antes de serem vistos por seus pais, e alimentara a esperança de que não fossem ser questionados até, subitamente, Sherwood começar a soluçar. Felizmente ele não conseguira articular uma palavra sobre o que o estava fazendo chorar, e embora sua mãe e seu pai a interrogassem minuciosamente, ela mantinha suas respostas vagas. Não gostava de mentir, principalmente porque não era muito boa nisso, mas sabia que Will jamais a perdoaria se ela deixasse escapar qualquer detalhe do que havia acontecido. Seu pai simplesmente ficava frio e distante quando sua primeira fúria se dissipava, mas a mãe era boa em atrito. Trabalhava e trabalhava suas suspeitas, até satisfazê-las. Então, por uma hora e meia Frannie se encontrou intrigada quanto ao motivo pelo qual Sherwood estava num estado daqueles. Ela disse que haviam saído para brincar com Will, se perderam no escuro e ficaram com medo. Obviamente duvidou de cada palavra, mas ela e a filha eram iguais em tenacidade. Quanto mais a Sra. Cunningham repetia suas perguntas, mais entrincheirada em suas respostas Frannie se tornava. Por fim, a mãe ficou exasperada.

– Não quero que você veja novamente aquele garoto dos Rabjohns – disse ela. – Acho que ele é um criador de casos. Ele não é daqui e é uma péssima influência. Estou surpresa com você, Frances. E decepcionada. Você costuma ser mais responsável que isto. Você sabe como seu irmão pode ficar confuso. E agora ele está num estado terrível. Nunca o vi tão mal. Chorando sem parar. A culpa é sua.

Esse pequeno discurso encerrou a questão naquela noite. Mas um pouco antes do amanhecer Frannie acordou e ouviu o irmão chorando de dar dó novamente, e a mãe indo ao quarto dele, e os soluços acabando enquanto palavras em voz baixa eram trocadas, e então o choro continuava, enquanto mãe a tentava – e aparentemente falhava – acalmá-lo. Frannie jazia deitada na escuridão do quarto, lutando contra as próprias lágrimas. Mas perdeu a batalha. Elas vieram, ah se vieram, salgadas no seu nariz, quentes por baixo das pálpebras e nas bochechas. Lágrimas por Sherwood,

que ela sabia que era o menos equipado para lidar com qualquer pesadelo que resultasse do encontro deles no Fórum; lágrimas por si mesma, pelas mentiras que havia contado, que haviam colocado uma distância entre ela e sua mãe, a quem tanto amava; e lágrimas de um tipo diferente para Will, que no início parecera o amigo de que ela precisava naquele lugar morto, mas que, ao que parecia, ela já havia perdido.

Por fim, o inevitável. Ouviu a maçaneta da porta de seu quarto ranger ao ser virada, e a mãe dizer:

– Frannie? Está acordada?

Ela não fingiu que não; sentou-se na cama.

– O que houve?

– Sherwood acabou de me contar algumas coisas muito estranhas.

Ele havia contado tudo: sobre ter ido ao Fórum em busca de Will, sobre o homem de preto e a mulher envolta em véus. E mais. Alguma coisa sobre a mulher estar nua, e um incêndio. Alguma coisa disso era verdade, a mãe de Frannie queria saber? E se era verdade, por que Frannie não lhe contara nada?

Apesar do edito de Will, ela não tinha escolha senão contar a verdade agora. Sim, havia duas pessoas no Fórum, como Sherwood havia dito. Não, ela não sabia quem eram; não, ela não tinha visto a mulher tirar a roupa, e não, ela não podia ter certeza de que os reconheceria novamente (essa parte não era inteiramente verdadeira, mas quase). Estava escuro, ela explicou, e tinha ficado com medo, não só por ela, mas por todos os três.

– Eles ameaçaram vocês? – sua mãe quis saber.

– Não exatamente.

– Mas você disse que estava com medo.

– Eu estava. Eram diferentes de tudo que eu já vi.

– Então como eles eram?

As palavras lhe faltavam, e lhe faltaram novamente quando seu pai apareceu e lhe fez as mesmas perguntas.

– Quantas vezes eu já lhe disse – disse ele – para não chegar perto de ninguém que você não conhece?

– Eu estava seguindo Will. Tive medo de que ele fosse se machucar.

– Se tivesse se machucado seria problema dele, e não seu. Ele não faria o mesmo por você, tenho certeza disso.

– O senhor não conhece ele. Ele...

– Não me responda – seu pai disparou. – Vou falar com os pais dele amanhã. Quero que saibam que idiota eles têm como filho.

Com isso ele a deixou com seus pensamentos.

Os eventos da noite, entretanto, ainda não haviam acabado. Quando a casa finalmente ficou em silêncio, Frannie ouviu batidas leves na porta de seu quarto, e Sherwood entrou, trazendo alguma coisa agarrada ao peito. Sua voz estava rachada de tanto choro.

– Eu trouxe uma coisa que você tem que ver – disse ele, e, caminhando até a janela, puxou as cortinas. Havia um poste do lado de fora da casa, e ele derramou sua luz por entre a vidraça manchada de chuva no rosto branco e inchado de Sherwood.

– Não sei por que fiz isso – começou ele.

– Fez o quê?

– Estava lá, sabe, e quando vi eu quis pegar. – Enquanto falava, apresentou o objeto que estava segurando. – É só um livro velho – disse.

–Você o roubou? – Ele fez que sim. – De onde? Do Fórum? – Mais uma vez ele confirmou. Parecia tão apavorado que ela tinha medo de que ele fosse começar a chorar de novo. – Está tudo bem – disse ela. – Não estou zangada. Só estou surpresa. Não vi você com isso.

– Enfiei na minha jaqueta.

– Onde foi que você achou isso?

Ele lhe falou da escrivaninha, e das tintas e das canetas, e enquanto lhe falava, ela tirou o livro de suas mãos e foi até a janela com ele. Havia um perfume estranho saindo dele. Ela o levou ao nariz – não muito perto e inalou seu aroma. Tinha cheiro de fogueira fria, como brasas deixadas na chuva, mas aguçado por um tempero que ela sabia que jamais encontraria numa prateleira de supermercado. O cheiro a fez pensar duas vezes antes de abrir o livro; mas como poderia não fazê-lo, vindo de onde vinha? Pôs o polegar contra a borda da capa e levantou-o. Na folha de rosto havia um único círculo, desenhado em tinta preta ou marrom-escura. Sem nome. Sem título. Apenas aquele círculo, desenhado com perfeição.

– É dele, não é? – ela perguntou a Sherwood.

– Acho que sim.

– Alguém sabe que você o pegou?

– Não, acho que não.

Aquilo pelo menos era algo para agradecer. Ela virou a página seguinte. Era tão complexa quanto a página anterior fora simples: fileira atrás de fileira de escrita, palavras pequenas tão apertadas uma ao lado da outra que era quase um fluxo ininterrupto. Ela virou a página. Era a mesma coisa novamente, à esquerda e à direita. E nas duas folhas seguintes, a mesma coisa; e nas outras duas e nas duas depois delas. Ela olhou mais de perto a escrita, para ver se conseguia entender alguma coisa, mas as palavras não eram em inglês. O mais estranho é que as letras não eram do alfabeto. Mas eram bonitinhas, pequenas marcas elaboradas que haviam sido postas no papel com cuidado obsessivo.

– O que isso quer dizer? – perguntou Sherwood, olhando sobre o ombro dela.

– Sei lá. Nunca vi nada parecido antes.

– Acha que é uma história?

– Acho que não. Não está impresso, como um livro de verdade.

– ela lambeu o indicador e o mergulhou nas palavras. Ele voltou manchado. – Foi escrito por ele – disse ela.

– Por Jacob? – respirou Sherwood.

– Sim. – Virou mais algumas páginas e finalmente chegou a uma ilustração. Era um inseto – um besouro de algum tipo, ela pensou – e como a escrita das páginas precedentes havia sido colocado de forma exótica, cada detalhe de sua cabeça, patas e asas iridescentes pintado tão meticulosamente que parecia unicamente vivo na luz aguada, como se pudesse ter saído voando do papel caso ela o tocasse.

– Eu sei que não devia ter pegado o livro – disse Sherwood – mas agora não quero devolvê-lo, porque não quero ver ele de novo.

– Você não vai precisar devolvê-lo – Frannie o acalmou.

– Jura?

– Juro. Não precisa ter medo de nada, Sher. Aqui estamos seguros, com mamãe e papai tomando conta da gente.

Sherwood havia colocado seu braço junto ao dela. Ela podia sentir o corpo magro tremendo contra o dela.

– Mas eles não vão ficar aqui para sempre, vão? – ele perguntou, sua voz assustadoramente sem tom, como se aquela mais terrível das possibilidades não pudesse ser expressa a menos que despida de toda ênfase.

– Não – disse ela. – Não vão.

– O que irá acontecer com a gente então? – ele quis saber.

– Eu estarei aqui para tomar conta de você – respondeu Frannie.

– Jura?

– Juro. Agora está na hora de você voltar pra cama.

Ela pegou o irmão pela mão e ambos saíram na ponta dos pés até o quarto dele. Lá ela o pôs na cama, e lhe disse para não pensar mais no livro ou no Fórum ou no que havia acontecido aquela noite, mas para voltar a dormir. Tarefa feita, ela voltou ao próprio quarto, fechou a porta e as cortinas e colocou o livro no armário, embaixo de seus suéteres. Não havia tranca na porta do armário, mas se houvesse ela certamente teria virado a chave. Então se meteu entre os lençóis agora frios e acendeu a luz da cabeceira, só em caso do besouro do livro sair pelo chão para encontrá-la antes do amanhecer; uma possibilidade que, após as escapadas da noite, ela não conseguia relacionar inteiramente ao reino do impossível.

IV

i

Will consumiu sua sopa como um paciente obediente, e então, assim que Adele tirou sua temperatura, pegou a bandeja e desceu, ele rapidamente se levantou e se vestiu. Era agora o começo da noite, e o dia nublado já estava perdendo sua luz, mas ele não tinha intenção de adiar sua jornada até o dia seguinte.

A televisão havia sido ligada na sala de estar: ouviu os tons calmos e monocórdicos de um locutor de noticiário, e depois, quando a mãe mudou de canal, aplausos e gargalhadas. Ele estava feliz com o som. Cobria o possível ranger de algum degrau da escada em sua descida para o hall. Lá, enquanto punha cachecol, anoraque, luvas e botas, chegou a um passo da descoberta, quando o pai gritou do estúdio exigindo saber onde Adele tinha posto seu chá. Será que ela estava colhendo as folhas, pelo amor de Deus? Adele não respondeu, e seu pai invadiu a cozinha para obter uma resposta. Não notou o filho no hall sem iluminação, e enquanto reclamava para Adele sobre como ela era lenta, Will abriu a porta da frente e, passando pela menor abertura que podia fazer sem que uma corrente de ar o denunciasse, saiu em sua incursão noturna.

ii

Rosa não ocultava a satisfação que sentia pela ausência do livro. Ele havia queimado no fogo, e era tudo o que havia para se dizer a respeito.

– Então você perdeu um de seus preciosos diários – disse ela. –Talvez você seja um pouco mais simpático no futuro quando eu começar a chorar sobre as crianças.

– Não há comparação – disse Steep, ainda vasculhando as cinzas na antecâmara. Sua mesa era pouco mais que pedaços de pau queimado, suas canetas e pincéis acabados, sua caixa de aquarelas irreconhecível, suas

tintas evaporadas por ebulição. A sacola contendo os diários anteriores ficara além do alcance do fogo, portanto nem tudo estava perdido. Mas a obra-em-progresso, o relato dos últimos dezoito anos de seu vasto trabalho, havia desaparecido. E a tentativa de Rosa em equacionar sua perda com o que ela sentia quando um de seus pestinhas era aliviado de seu sofrimento lhe dava enjôo.

– Este é o trabalho da minha vida – ele ressaltou.

– Então é de dar pena – disse ela. – Fazer livros! É patético. – Ela se inclinou para ele. – Para quem acha que está fazendo eles. Não é para mim. Não estou interessada. Não estou nem um pouco interessada.

– Você sabe por que os faço – Jacob disse mal-humorado. – Para ser uma testemunha. Quando Deus chegar, e exigir que contemos o que fizemos, capítulo e versículo, precisaremos ter um relato. Bem detalhado. Só então seremos... Jesus! Por que me incomodo em ficar explicando para você?

– Pode dizer a palavra. Vamos, diga! Diga perdoados. É o que você costumava dizer o tempo todo. Seríamos perdoados. – Ela se aproximou dele. – Mas você não acredita mais nisso mesmo, acredita? – E levou suavemente as mãos ao rosto dele. – Seja honesto, meu amor – disse ela, com súbita suavidade.

– Eu ainda... Eu ainda acredito que exista um propósito em nossas vidas – replicou Jacob. – Eu preciso acreditar.

– Bom, eu não acredito – Rosa disse, direta. – Percebi, após nossas brincadeiras de ontem, que não tenho mais desejos saudáveis. Nenhum. Mesmo. Não haverá mais crianças. Não haverá mais lareira e casa. E não haverá um dia de perdão, Jacob. Isso é certo. Estamos sozinhos, com o poder de fazer o que quisermos. – Ela sorriu. – Aquele garoto...

– Will?

– Não. O mais novo, Sherwood. Eu o tive nos meus peitos, chupando, e pensei: é doentio tirar algum prazer disso, mas Deus, sabe que isso tornou tudo mais prazeroso? E comecei a pensar, quando a criança havia ido embora, o que mais me daria prazer? Qual é a pior coisa que eu podia fazer?

– E?

– Minha cabeça começou a dar voltas com as possibilidades – ela disse com um sorriso. – Deu voltas mesmo. Se não vamos ser perdoados, por

que tentar ser algo que não sou? – Ela o encarava duramente. – Por que deveria perder meu fôlego esperando algo que jamais teremos?

Jacob puxou o rosto das mãos dela.

– Não me tente – disse ele. – Então pare de perder seu tempo, já tenho meus planos delineados...

– O livro está queimado – disparou Rosa.

– Farei outro.

– E se esse outro queimar?

– Outro! E mais outro! Serei mais forte com essa perda.

– Ah, eu também – disse Rosa, seus traços sem calor, o que fazia sua beleza parecer, apesar de toda a sua perfeição, quase cadavérica.

– Serei uma mulher diferente de agora em diante. Terei prazer onde puder, pelos meios que me aprouverem. E se alguém ou alguma coisa colocar uma criança dentro de mim eu mesma a arrancarei de dentro com uma ponta afiada. – Essa ideia a divertia. Com uma gargalhada rouca, deu as costas a Jacob e cuspiu nas cinzas. – Aqui pro teu livro – disse. Tornou a cuspir. – E aqui pro perdão. – Cuspiu mais uma vez. – E aqui pra Deus. De mim ele não vai ter mais nada.

Não falou mais. Sem esperar para ver o efeito que isso teria sobre seu companheiro (ela teria se decepcionado; o rosto dele estava como pedra), saiu. Só quando foi embora Jacob se permitiu chorar. Lágrimas de homem; as lágrimas de um comandante perante um exército arruinado ou um pai no túmulo do filho. Não ficou apenas lamentando pelo livro – embora isso fosse mais um fator – mas por si mesmo. Depois disso, ele estaria sozinho. Rosa – sua um dia amada Rosa, com a qual ele havia compartilhado suas ambições mais caras – seguiria seu caminho de hedonismo, e ele tomaria sua própria estrada, com sua faca e sua pena e um novo diário cheio de páginas vazias. Ah, seria duro após tantos anos juntos, e o trabalho à sua frente ainda tão monumental e o céu tão amplo.

Então um pensamento repentino: por que não matá-la? Haveria satisfação nisso agora, sem dúvida. Um corte rápido em sua garganta pulsante e ela cairia, como uma vaca imolada. Ele a confortaria em seus momentos finais; lhe diria o quanto ele a amara, à sua maneira; como ele dedicaria seus trabalhos a ela até que estivessem terminados. A cada ninho que ele destruísse, a cada cova purificada, ele diria: isto é por você, minha Rosa: e isto; e isto, até que suas mãos, cheias de sangue e muco, tivessem acabado seu trabalho tão cansativo.

Puxou a faca do cinto, já imaginando o som de seu corte ao longo do pescoço dela; o sibilar de sua respiração vindo da garganta, o fervilhar de seu sangue. Então, voltando para o Fórum, foi no encalço dela.

Ela o esperava; virou-se para encará-lo com suas cordas de estimação – o que ela gostaria de chamar de rosários – dando voltas ao redor de seus braços como víboras. Sobressaltou-se quando ele se aproximou, encontrando seu pulso com a velocidade da vontade dela, e prendendo-o tão forte que ele perdeu o fôlego com a sensação.

– Como ousa? – ela perguntou. Uma segunda corda pulou da mão dela e, se enrolando ao redor do pescoço dele, segurou o cabo da faca nas costas. Ela piscou o olhou e a corda apertou com força, levando a lâmina ao rosto dele. – Você teria me matado.

– Eu teria tentado.

– Não sirvo pra você como um ventre, então posso muito bem servir de isca pra peixe, não é?

– Não. Eu só queria... simplificar as coisas.

– Essa desculpa é nova – disse ela, quase com admiração. – Que olho vai ser?

– O quê?

– Vou perfurar um de seus olhos, Jacob. Com esta faquinha... – Ela desejou que as cordas apertassem mais. Elas rangeram um pouco. – Qual vai ser?

– Se me machucar, será guerra entre nós.

– E a guerra é coisa de homens, então eu perderia? Foi isso o que quis dizer?

– Você sabe que perderia.

– Não sei nada de mim, Jacob, não mais do que você. Aprendi tudo observando as mulheres fazendo o que fazem. Talvez eu fosse um soldado muito bom. Talvez fôssemos ter uma guerra tamanha, você e eu, que seria igual ao amor, só que com mais sangue. – Ela inclinou a cabeça. – Que olho vai ser?

– Nenhum dos dois – disse Jacob, a voz trêmula agora. – Preciso dos dois olhos, Rosa, para fazer meu trabalho. Tire um deles e pode tirar minha vida junto.

– Eu quero uma recompensa! – disse ela, por entre seus dentes perfeitos. – Quero que você sofra pelo que acabou de tentar fazer.

– Qualquer coisa menos um olho.

– Qualquer coisa?
– Sim.
– Abra as calças.
– O quê?
– Você me ouviu. Abra as calças.
– Não, Rosa.
– Eu quero uma das suas bolas, Jacob. Isso ou um olho. Decida-se.
– Pare com isso – ele disse suavemente.
– É agora que eu deveria ficar toda derretida? – ela retrucou. –Ficar fraca de compaixão? – Ela balançou a cabeça. – Abra as calças.
A mão livre dele foi até a virilha.
– Você pode fazer isso sozinho, se vai se sentir melhor. E então? Quer?
Ele fez que sim. Ela afrouxou um pouco as cordas ao redor de seu pulso.
– Não vou nem olhar – disse ela. – Que tal? Então, se você perder a coragem um pouquinho, ninguém vai saber a não ser você.
As cordas se soltaram completamente de sua mão. Retomaram a Rosa e se enrolaram ao redor do pescoço dela.
– Vamos.
– Rosa...?
– Jacob?
– Se eu fizer isso...?
– O quê?
–... promete que nunca vai contar a ninguém?
– Contar o quê?
– Que eu não sou... completo.
Rosa deu de ombros.
– Quem é que ia ligar pra isso? – ela disse.
– Diz que promete.
– Prometo. – Ela lhe deu as costas. – Corte a esquerda – disse. –É a que fica pendurada mais baixo, portanto deve ser a mais madura das duas.
Ele ficou no corredor quando ela foi embora e sentiu o peso da faca na mão. Ele a havia obtido em Damasco, um ano após a morte de Thomas Simeon, e a utilizara inúmeras vezes desde então. Embora o homem que a forjara nada tivesse de sobrenatural, alguma autoridade havia sido conferida a ela ao longo dos anos, pois ficava mais afiada, achava ele, a cada hálito que tomava. Ele seria capaz de tirar fora o que a piranha exigira sem muito problema; e, afinal de contas, por que ele estava se

incomodando tanto? Não tinha utilidade para o que agora estava na sua mão. Dois ovos num ninho de pele; era tudo o que elas eram. Colocou a ponta da lâmina na carne e respirou fundo. No Fórum, descendo o corredor, Rosa estava cantando uma de suas infelizes baladas. Ele esperou uma nota alta, e então cortou.

V

W

ill não tentou um atalho para voltar ao Fórum, mas tomou a estrada que descia para o vilarejo. Na interseção havia uma cabine telefônica, e ele pensou: eu deveria dizer adeus a Frannie. Não tanto por amizade quanto pelo prazer de se gabar.

Ser capaz de dizer: estou indo; como eu disse que faria; estou indo embora para sempre.

Entrou na cabine, procurou moedas nos bolsos, e depois ainda folheou com dificuldade (seus dedos estavam gelados, mesmo através das luvas) o catálogo desatualizado para encontrar o número dos Cunningham. Estava lá. Ele discou, preparou-se para disfarçar a voz caso o pai de Frannie entrasse na linha. Mas foi a mãe quem respondeu, e com um quê de frieza chamou a filha ao telefone. Will foi direto ao ponto: pediu que Frannie jurasse segredo e depois lhe disse que estava indo embora.

– Com quem? – perguntou ela, a voz pouco mais que um sussurro.

Ele disse que não era da conta dela. Estava simplesmente indo embora.

– Bom, estou com uma coisa que pertence ao Steep – disse ela.

– O quê?

– Não é da sua conta – ela contra-atacou.

– Tudo bem – disse Will. – Sim, estou indo com eles. – Não havia dúvida em sua cabeça febril de que isso era verdade. – Agora... o que você pegou?

– Você não pode dizer nada. Não quero que eles venham buscar.

– Não irão.

Ela parou um instante. E então disse:

– Sherwood achou um livro. Acho que pertence a Steep.

– Só isso? – disse ele. Um livro; quem se importava com um livro? Mas ele supunha que ela precisava de alguma lembrança da aventura, por mais boba que fosse.

– Não é qualquer livro – ela insistiu. – É...

Mas Will já havia terminado a conversa.

Preciso ir – ele disse.

– Espere, Will...

– Não tenho tempo. Tchau, Frannie. Diz tchau pro Sherwood, tá? Desligou o fone, sentindo uma profunda satisfação consigo mesmo. Então abandonou o relativo conforto da cabine telefônica, e partiu pela trilha até o Fórum de Bartholomeus.

A neve caída havia congelado e formado uma pele reluzente na estrada adiante, sobre a qual uma nova camada de neve estava sendo depositada à medida que a tempestade se intensificava. Sua beleza era dele para apreciar, e só dele. O povo de Burnt Yarley estava em casa naquela noite, à beira das lareiras, seu gado recolhido em celeiros e estábulos, as galinhas alimentadas e trancadas em seus aviários para dormir.

A nevasca que aumentava logo transformou o cenário à sua frente num borrão branco, mas ele tinha inteligência suficiente para procurar o ponto da sebe onde havia obtido o acesso ao campo das outras vezes, e, localizando-o, abriu caminho por ele. O Fórum não estava visível, claro, mas ele sabia que se atravessasse a campina em linha reta acabaria chegando na escadaria. Era um caminho mais difícil que a estrada, e seu corpo, apesar de toda a sua determinação, estava mostrando sinais de rendição. Suas pernas pareciam geleia, e a necessidade de afundar na neve por algum tempo e descansar ficava mais forte a cada passo. Mas agora ele estava vendo o Fórum, saindo da nevasca. Jubilante, ele limpou a neve do rosto dormente, para que o calor que sentia – nos olhos, na pele – fosse visto facilmente. Então começou a subir os degraus. Só quando atingiu o topo percebeu que Jacob estava na porta, recortado contra um fogo que queimava no vestíbulo. Não era uma chama pífia como a que Will havia alimentado: era uma fogueira. E não duvidou por um momento que ela continha combustível vivo. Ele não conseguia ver exatamente o que era, e nem estava ligando muito para isso. Era seu ídolo que ele queria ver, e pelo qual ser visto. Mais do que visto, abraçado. Mas Jacob não se moveu, e Will foi tomado pelo terror de ter entendido tudo errado; de que não era mais desejado ali do que na casa que havia deixado. Parou a um passo do topo, e esperou o julgamento. Ele não veio. Não tinha nem certeza de que Jacob o tivesse visto.

E então, saindo do rosto em sombras, uma voz suave e rouca:

– Vim aqui para fora sem mesmo saber por quê. Agora sei.

Will arriscou uma sílaba.

– Eu?

Jacob fez que sim.

– Eu estava procurando por você – disse ele, e abriu os braços.

Will teria caído dentro deles com alegria, mas seu corpo estava fraco demais para levá-lo até lá. Ao subir o último degrau ele cambaleou, as mãos estendidas movendo-se devagar demais para proteger a cabeça de atingir a pedra fria. Ouviu Jacob soltar um pequeno grito quando caiu, e então o som das botas do homem esmagando gelo em seu caminho para ajudá-lo.

– Você está bem? – ele perguntou.

Will achou que havia respondido, mas não tinha certeza. Sentiu os braços de Steep embaixo de si, entretanto, levantando-o, e o calor do hálito do homem em seu rosto congelado. Estou em casa, ele pensou; e desmaiou.

VI

i

O jantar de quinta na casa dos Cunningham era, no inverno, um belo ensopado de carneiro, purê de batatas e cenouras na manteiga, precedido sempre pela oração que a família recitava antes de cada refeição: “Pelo que vamos receber agora, demos graças ao Senhor” Muito pouco se conversou na mesa aquela noite, mas isso não era incomum: George Cunningham acreditava fervorosamente que cada coisa tinha sua hora e seu lugar. A mesa do jantar era para jantar, e não para conversar. Só houve um diálogo, que aconteceu quando George, vendo Frannie brincar com a comida, ordenou-lhe que comesse.

– Não estou com fome – respondeu Frannie.

– Está enjoada com alguma coisa? – ele perguntou. – Não me surpreenderia, depois de ontem.

– George – disse sua esposa, lançando um olhar irritado para Sherwood, que também não estava mostrando muito apetite.

– Olhem só para vocês dois – disse George, seu tom ficando mais carinhoso. – Parecem um par de cachorrinhos afogados. – Deu palmadinhas na mão da filha. – Um erro é um erro, e você cometeu um, mas para mim e sua mãe já passou. Desde que tenha aprendido sua lição. Agora coma. E dê um sorriso para o seu pai. – Frannie tentou. – É o melhor que pode fazer? – O pai riu. – Bom, depois de uma boa noite de sono seu humor vai melhorar. Tem muito dever de casa?

– Um pouquinho.

– Então suba e faça. Sua mãe e Sherwood cuidam dos pratos.

Feliz por poder sair da mesa, Frannie subiu, com todas as intenções de se preparar para o teste de história que se aproximava, mas o livro à sua frente era tão incompreensível quanto o diário de Jacob, e muito menos interessante. Finalmente ela desistiu da vida de Ana Bolena, e, não sem culpa, tirou o diário do esconderijo para dar mais uma examinada. Mal o abrira, entretanto, quando ouviu o telefone tocar, e sua mãe, após falar por

alguns instantes, chama-la ao patamar. Ela escondeu o diário debaixo dos livros da escola e foi até o topo das escadas.

– É o pai de Will no telefone – disse sua mãe.

– O que ele quer? – perguntou Frannie, sabendo muito bem.

– Will desapareceu – disse sua mãe. – Sabe para onde ele poderia ter ido?

Frannie levou alguns minutos para pensar. Enquanto o fazia, ouviu o vento forte jogar neve contra a janela do patamar, e pensou em Will em algum lugar lá fora, no frio congelante. Ela sabia exatamente para onde ele ia, claro, mas fizera uma promessa a ele, e pretendia mantê-la.

– Não sei – disse ela.

– Ele não disse onde estava quando telefonou? – perguntou sua mãe.

– Não – ela respondeu sem hesitar.

A notícia foi comunicada mal e mal ao pai de Will, e Frannie voltou ao quarto. Mas não conseguia mais se concentrar no estudo, legítimo ou não. Seus pensamentos continuavam retornando a Will, que fizera dela uma cúmplice em seus planos de fuga. Se algo de ruim lhe acontecesse, ela seria responsável em certa medida; ou pelo menos se sentiria assim, o que daria no mesmo. A tentação de confessar o pouco que sabia, e se aliviar de seu peso, era quase insuportável. Mas promessa era promessa. Will havia tomado sua decisão: queria estar lá fora no mundo, em algum lugar longe dali, e não havia uma parte dela que invejava a facilidade que ele tivera de ir embora? Ela jamais teria essa facilidade e sabia disso, enquanto Sherwood vivesse. Quando seus pais estivessem velhos ou mortos, ele precisaria de alguém para cuidar dele, e – como ela lhe prometera – esse alguém teria de ser ela.

Foi à janela e limpou um pedaço do vidro embaçado com o pulso. A neve faiscava na luz da lâmpada da rua, como flocos de fogo branco levados pelo vento que gemia nos fios telefônicos e sacudia os beirais dos telhados. Ela ouvira o pai dizer um mês inteiro atrás que os fazendeiros no The Plough avisavam que o inverno seria cruel. Aquela noite era a primeira prova das profecias deles. Não era o momento mais inteligente para se fugir, pensou ela, mas estava feito. Will se encontrava lá fora na nevasca, em algum lugar. Havia feito sua escolha. Ela só esperava que as consequências não fossem fatais.

ii

Em sua cama estreita no quarto estreito ao lado do de Frannie, Sherwood jazia totalmente acordado. Não era a tempestade que evitava que o sono viesse. Eram imagens de Rosa McGee: imagens brilhantes e tremeluzentes que faziam tudo o que ele já tinha visto em sua cabeça antes ficar preto e branco. Por diversas vezes naquela noite ele sentira como se ela estivesse bem ali no quarto com ele, tão poderosa era a lembrança dela. Podia vê-la claramente, seus peitões brilhantes e molhados com sua saliva. E embora ela tivesse acabado por apavorá-lo, levantando suas saias daquele jeito, era aquele momento que ele relembrava mais do que qualquer outro, esperando cada vez estender o movimento dela por alguns segundos, para que daquela vez o vestido levantasse até o umbigo e ele pudesse ver o que ela quisera lhe mostrar. Tivera diversas impressões do que era: uma espécie de boca virada de lado; um tufo de cabelo (talvez esverdeado, como um pequeno arbusto), um simples buraco redondo. Mas, fosse qual fosse a forma que tomasse, era molhado; disso ele tinha certeza, e às vezes pensava ver gotas daquela umidade descendo pela parte interna das coxas dela.

Jamais poderia falar a alguém sobre aquelas lembranças, é claro. Não seria capaz de se gabar do que acontecera com Rosa quando voltasse a estar entre seus colegas de escola; e certamente não falaria disso na companhia dos adultos. As pessoas já o tratavam como estranho. Quando saía para fazer compras com a mãe, olhavam para ele de soslaio, e falavam dele em voz baixa. Mas ele ouvia. Diziam que era estranho, diziam que variava um pouquinho da cabeça; diziam que ele era uma cruz para se carregar e que bom que a mãe era cristã. Ele ouvia isso tudo. Por isso aquelas lembranças tinham de ficar ocultas, onde as pessoas não pudessem vê-las, ou então haveria mais sussurros, mais cabeças balançando.

Ele não ligava. Na verdade, gostava da ideia de manter Rosa trancada no seu cérebro, onde só ele podia entrar e olhar para ela. Talvez encontrasse um jeito de falar com ela, à medida que o tempo passasse, convencê-la a levantar as saias mais um pouquinho, mais um pouquinho, até ele conseguir ver seu lugar secreto.

Enquanto isso pressionava a barriga e os quadris contra o peso do lençol e dos cobertores, apertando a mão contra a boca como se suas palmas

fossem os seios dela e ele estivesse lambendo-os novamente; e, embora tivesse chorado até as lágrimas secarem havia pouco tempo, todas as suas lágrimas estavam esquecidas na emoção da lembrança, e o estranho calor em sua virilha.

Rosa, ele murmurava contra sua mão; *Rosa, Rosa, Rosa...*

VII

Quando Will abriu os olhos, o fogo, tão ativo quando ele chegara, estava agora reduzido às brasas. Mas Jacob havia deitado seu convidado perto dele, e ainda havia calor o bastante para afastar o resto do frio dos ossos de Will. Ele se sentou, e percebeu que estava enrolado no casaco militar de Jacob, e nu por baixo.

– Isso foi corajoso – disse alguém do outro lado da fogueira.

Will forçou a vista para ver melhor quem falava. Era Jacob, claro. Ele estava encostado contra a parede, olhando para Will por entre as chamas. Ele próprio parecia um pouco doente, pensou Will, como que simpatizando com sua condição; mas enquanto a doença de Will o havia deixado fraco e cansado, Steep brilhava em sua dor: pele pálida e reluzente, cachos brilhantes grudados ao músculo grosso de seu pescoço. Sua camisa cinzenta estava desabotoada até o umbigo, o peito coberto por um leque de pelos pretos que corriam pelas cordilheiras de sua barriga até o cinto. Quando sorria, como fazia naquele momento, os olhos e dentes brilhavam, como se feitos da mesma matéria implacável.

– Você está doente, e ainda assim achou seu caminho no meio desta nevasca. Isso mostra coragem.

– Não estou doente – insistiu Will. – Quero dizer... eu estava um pouco, mas agora me sinto bem...

– Você parece bem.

– E estou. Estou pronto para ir quando você quiser.

– Ir para onde?

– Para onde você quiser – disse Will. – Não me importa. Não tenho medo do frio.

– Ah, isto aqui não é frio – disse Jacob. – Nem se compara a alguns invernos que eu e a vaca suportamos. – Ele olhou para o Fórum, e por entre a fumaça Will achou ter visto um olhar de desprezo cruzar o rosto de Jacob. Um segundo depois, seu olhar cruzou o caminho de Will mais uma vez, e havia uma nova intensidade nele. –Acho que talvez você tenha sido enviado para mim, Will, por um outro deus generoso, para ser meu

companheiro. Sabe, depois de hoje à noite eu não vou mais viajar com a Sra. McGee. Decidimos nos separar.

– Você... viajou com ela por muito tempo?

Jacob inclinou-se de sua posição agachada e, apanhando um graveto, atiçou a fogueira. Ainda havia combustível escondido nas brasas, e pegou fogo quando ele os mexeu.

– Mais do que me importa lembrar – disse.

– Então por que está parando agora?

À luz das chamas que cuspiam (o que quer que houvesse sido cremado ali, havia sido gordo), Will viu o sorriso amargo de Jacob.

– Porque a odeio – respondeu. – E ela me odeia. Eu a teria matado hoje, se tivesse sido mais rápido. E então nós teríamos tido uma fogueira e tanto, hein? Poderíamos ter aquecido metade de Yorkshire.

– Você teria realmente matado ela?

Jacob ergueu a mão esquerda sob a luz. Estava gosmenta com alguma coisa que parecia sangue, mas misturada com flocos de tinta prateada.

– Isto é meu – disse ele. – Derramado porque não consegui derramar o dela. – Sua voz se tornou um murmúrio. – Sim, eu a teria matado. Mas teria me arrependido, acho. Ela e eu estamos interligados de um modo que nunca entendi. Se eu tivesse feito algum mal a ela...

– Teria machucado a si mesmo? – arriscou Will.

– Você entende isso? – ele perguntou, quase intrigado. Então, mais baixinho: – Meu Deus, o que encontrei?

– Eu tive um irmão – replicou Will, à guisa de explicação. – Quando ele morreu, fiquei feliz. Bom, feliz não. Isso parece horrível...

– Se você ficou feliz, pode dizer – retrucou Jacob.

– Bom, eu fiquei – disse Will. – Fiquei feliz por ele ter morrido. Mas desde que ele morreu, fiquei diferente. Não é a mesma coisa com você e a Sra. McGee? Se ela morresse você seria diferente. E talvez não ficasse da maneira que queria ser.

– Também não sei – Jacob respondeu com suavidade. – Quantos anos tinha seu irmão?

– Quinze.

– E você não o amava? – Will balançou negativamente a cabeça. – Bom, mais franco que isso impossível – disse Jacob.

– Você tem algum irmão? – Will lhe perguntou. Agora era a vez de Jacob balançar a cabeça. – E irmãs?

– Nenhuma – respondeu ele. – Ou se tive, não lembro, o que é possível.

– Ter irmãos e irmãs e não se lembrar deles?

– Ter uma infância. Ter pais. Ter nascido.

– Não me lembro do meu nascimento – disse Will.

– Ah, lembra sim – disse Jacob. – Bem lá no fundo... – ele bateu no peito – existe uma memória em algum lugar, se você souber como encontrar.

– Talvez esteja em você também – disse Will.

– Já procurei – disse Jacob. – Olhei o mais fundo que me atrevi.

Às vezes acho que tenho um gostinho. Um momento de epifania, e então se esvai.

– O que é uma epifania? – perguntou Will.

Jacob sorriu, feliz por ser professor.

– Um pequeno pedaço de êxtase – explicou. – Um momento em que, sem qualquer motivo, você parece compreender tudo, ou saber que está lá para ser compreendido.

– Acho que nunca tive um momento assim.

– Você não precisa necessariamente se lembrar se já teve um. São difíceis de manter. Quando você consegue, às vezes é pior do que esquecê-lo completamente.

– Por quê?

– Porque eles tentam você. Lembram-no de que existe algo que vale a pena ouvir, ver.

– Então me fale de um – disse Will. – Conte-me uma epifania. Jacob sorriu.

– Ora, dando ordens.

– Eu não quis...

– Não me diga que não quis dizer se na verdade quis – disse Jacob.

– Eu quis – disse Will, começando a ver um padrão no que Jacob pedia dele. – Eu quero que você me conte uma epifania.

Jacob atiçou o fogo mais uma vez, e então se recostou contra a parede.

– Lembra de como eu disse que havia suportado invernos mais frios do que este?

Will fez que sim.

– Houve um pior que qualquer outro. O inverno de mil setecentos e trinta e nove. A Sra. McGee e eu estávamos na Rússia...

– Mil setecentos e trinta e nove?

– Sem perguntas – disse Jacob – ou não digo mais nada. Foi o frio mais violento que já conheci. Os pássaros congelavam em pleno vôo e caíam como pedras. As pessoas morriam aos milhões e ficavam jogadas em pilhas que não podiam ser enterradas porque o terreno estava duro demais para ser cavado. Você não pode imaginar... bem, talvez possa. – Deu a Will um sorrisinho curioso. – Consegue imaginar isso na sua cabeça?

Will fez que sim.

– Até agora – respondeu.

– Ótimo. Bem, então eu estava em São Petersburgo, com a Sra. McGee a tiracolo. Ela não tinha querido ir, segundo me lembro, mas havia um médico lá chamado Khruslov, que havia teorizado que aquele frio letal era o início de uma era glacial; que hectare por hectare, alma por alma, espécie por espécie, ela iria tomar a terra... – Jacob fechou a mão manchada num punho enquanto falava, até os nós dos dedos brilharem com um fulgor branco. – Até que não restasse mais nada vivo. – Então ele abriu a mão, e bem devagar soprou a poeira prateada do sangue pisado da palma de sua mão no fogo moribundo. – Eu simplesmente precisava ouvir o que o homem tinha a dizer. Infelizmente, quando eu cheguei, ele estava morto.

– De frio?

– De frio – respondeu Jacob, permitindo a pergunta apesar de sua ordem. – Eu teria deixado a cidade naquele instante – continuou – mas a Sra. McGee quis ficar. A Imperatriz Ana, tendo executado recentemente uma série de homens amados pela população, havia ordenado a construção de um palácio de gelo como distração para seus súditos inconformados. Agora, se tem uma coisa que a Sra. McGee adora é artifício. Flores de seda, frutas de cera, gatos de porcelana. E aquele palácio era para ser a maior peça de artificialidade que gelo e homem poderiam criar. O arquiteto era um sujeito chamado Eropkin. Conheci-o de passagem. A Imperatriz o mandou executar como traidor no verão seguinte: não foi o último verão do mundo, como você viu, a não ser para ele. Mas durante os meses que o palácio esteve de pé, na margem do rio entre o Almirantado e o Palácio de Inverno, ele foi o homem mais admirado, mais festejado, mais adorado de São Petersburgo.

– Por quê? – perguntou Will.

– Porque havia construído uma obra-prima, Will. Acho que você nunca viu um palácio de gelo, não é? Não. Mas entende o princípio. Blocos de

gelo eram cortados do rio, que era sólido o bastante para um exército marchar em sua superfície, e montado, do mesmo jeito que você montaria um palácio comum.

– Só que... Eropkin fora tomado de genialidade naquele verão. Era como se toda a sua carreira tivesse sido uma preparação para aquele momento de triunfo. Ele só deixava os operários usarem o melhor e mais claro gelo, branco e azul. Mandou esculpir árvores de gelo para os jardins ao redor do palácio, com pássaros de gelo nos galhos e lobos de gelo espreitando por entre elas. Havia golfinhos de gelo flanqueando as portas da frente, que parecia estar pulando de ondas espumosas, e cães brincando no degrau. Havia uma cadela, eu me lembro, deitada no limiar, dando de mamar aos filhotes. E dentro...

– Você podia entrar lá dentro? – Will perguntou, pasmo.

– Mas claro. Havia um salão de baile, com candelabros. Havia um salão de recepção com uma vasta lareira e um fogo de gelo queimando na lareira. Havia um quarto, com uma estupenda cama de quatro colunas. E, obviamente, as pessoas vinham às dezenas de milhares para ver o lugar. Era melhor à noite que de dia, na minha opinião, porque à noite eles acendiam milhares de lanternas e fogueiras ao redor dele, e as paredes eram translúcidas, de modo que era possível ver camada sobre camada do lugar...

– Como se você tivesse olhos de raios X.

– Exato.

– Foi aí que você teve seu momento de... de...

– Epifania? Não. Isso aconteceu depois.

– Então, o que aconteceu com o palácio?

– O que você acha?

– Simplesmente derreteu.

Jacob fez que sim.

– Voltei a São Petersburgo no final da primavera, pois eu ouvira dizer que os papéis do culto Dr. Khruslov haviam sido descobertos. Haviam, mas sua esposa os queimara, tomando-os por cartas de amor para sua amante. De qualquer maneira, estávamos no começo de maio, e todos os traços de seu palácio haviam desaparecido. E eu fui para o Neva – para fumar um cigarro, ou dar uma mijada; alguma coisa sem grandes consequências – e enquanto olhava rio abaixo alguma coisa me tomou a... quero dizer minha alma, se é que tenho uma – e pensei em todas aquelas

maravilhas, os lobos e golfinhos e obeliscos e candelabros e pássaros e árvores, lá, de algum modo esperando na água. Eles já estavam na água, se eu soubesse como enxerga-los... – Ele não estava mais olhando para Will, mas encarava o que restava do fogo, os olhos enormes. – Prontos para voltarem à vida. E pensei: se eu me atirar, e me afogar no rio, e me dissolver no rio, então no ano que vem quando o rio congelar, se a Imperatriz Ana ordenar que outro palácio seja construído eu estarei em todas as partes dele. Jacob no pássaro. Jacob na árvore. Jacob no lobo.

– Mas nenhum deles estaria vivo.

Jacob sorriu.

– Essa era a glória, Will. Não estar vivo. Essa era a perfeição. Eu fiquei ali, na margem do rio, e a alegria em mim, ah, Will, o puro... puro... êxtase fervilhante. Quero dizer, Deus não poderia ter sido mais feliz naquele instante. E essa, para responder sua pergunta, foi minha epifania russa. – Sua voz foi baixando de tom, em deferência à memória, deixando apenas os estalidos suaves do fogo moribundo. Will estava contente com o silêncio; precisava de tempo para digerir o que lhe havia sido dito. A história de Jacob pusera muitas imagens em sua cabeça. De pássaros do gelo esculpidos, sentados em poleiros esculpidos em gelo, mais vivos que os bandos congelados que haviam caído do céu. Das pessoas – os súditos insatisfeitos da Imperatriz Ana – tão espantadas com os obeliscos e as luzes que esqueceram das mortes de grandes homens. E do rio na primavera seguinte, com Jacob sentado às suas margens, olhando para as águas que corriam e vendo o êxtase.

Se alguém tivesse lhe perguntado o que tudo isso significava, ele não teria tido qualquer resposta. Mas também não teria se importado. Jacob havia preenchido algum lugar vazio nele com essas imagens e estava feliz com o presente.

Por fim, Jacob saiu de seu devaneio e, dando à fogueira uma última atiçada distraída, disse:

– Preciso que faça uma coisa para mim.

– O que você quiser.

– Como está se sentindo? Está forte?

– Estou bem.

– Consegue se levantar?

– Claro. – Will foi logo se levantando, puxando o casaco junto. Era mais pesado e desajeitado do que havia imaginado, entretanto, e quando se

levantou ele escorregou e caiu. Não se incomodou em apanhá-lo. Não havia quase luz alguma para que Jacob o visse nu. E mesmo que visse, ele não havia tirado as roupas de Will horas antes e colocado–as ao lado do fogo? Ele e Jacob não tinham segredos.

– Estou me sentindo ótimo – Will pronunciou, enquanto sacudia a dormência das pernas.

– Aqui... – disse Jacob. Apontou para as roupas de Will, que haviam sido postas para secar do outro lado do fogo. – Vista–se. Temos uma escalada difícil à frente.

– E quanto à Sra. McGee?

– Ela não tem nada a ver conosco esta noite – replicou Jacob. –Para falar a verdade, depois dos acontecimentos na colina, em mais nenhuma noite.

– Por que não? – perguntou Will.

– Porque não vou precisar da companhia dela, vou? Tenho você.

VIII

i

Burnt Yarley era pequena demais para merecer um policial próprio; nas poucas ocasiões em que a assistência policial era necessária no vale, um carro era despachado de Skipton. Naquela noite, o chamado veio um pouco antes das oito – um garoto de treze anos desaparecido de casa – e o carro, contendo os policiais Maynard e Hemp, chegou à residência dos Rabjohns às oito e meia. Não havia muita informação. O rapaz havia sumido de seu quarto entre seis e sete horas, aproximadamente. Nem sua temperatura nem sua medicação eram suficientes para lhe induzir um delírio, e não havia nada que indicasse um sequestro, portanto tinham de supor que ele havia saído por sua própria vontade, em pleno uso das faculdades mentais. Os pais não tinham ideia de seu paradeiro. Possuía poucos amigos, e estes de nada sabiam. O pai, cujos modos condescendentes de nada contribuíram para torná-lo simpático aos oficiais, era de opinião que o garoto havia ido para Manchester.

– Por que diabos ele faria isso? – quis saber Doug Maynard, que havia antipatizado com Rabjohns de cara.

– Ele não tem sido muito feliz recentemente – respondeu Hugo.

– Ele e eu andamos trocando umas palavras duras.

– Duras como?

– O que está insinuando? – Hugo perguntou com arrogância.

– Não estou insinuando nada; estou lhe fazendo uma pergunta. Deixe-me explicar mais claramente. Bateu no garoto?

– Meu Deus, não. E posso dizer que me ressinto...

– Vamos pôr seus ressentimentos de lado por ora, certo? – disse Maynard. – Pode se ressentir o quanto quiser quando tivermos encontrado seu garoto. Se ele estiver mesmo vagando lá fora, não temos muito tempo. A temperatura ainda está caindo...

Maynard acenou com a cabeça para o parceiro.

– Fale com ela, sim, Phil?

– Não há nada que ela saiba mais do que eu – respondeu Hugo.

– Ah, o senhor ficaria surpreso com o que uma criança conta a um dos pais e não conta ao outro – replicou Maynard. – Phil vai ser gentil, não é, Phil?

– Luvas de pelica. – Afastou-se discretamente.

– Então o senhor não bateu nele – Maynard disse a Hugo. – Mas trocaram algumas palavras...

– Ele tem se comportado como um idiota.

– Fazendo o quê?

– Nada importante – disse Hugo, dispensando a pergunta. – Ele saiu uma tarde...

– Então ele já fugiu antes?

– Ele não estava fugindo.

– Talvez isso seja o que ele disse ao senhor.

– Ele não mente para mim – disparou Hugo.

– Como sabe?

– Porque o garoto é transparente para mim – replicou Hugo, dando a Maynard o olhar cansado que ele normalmente reservava para alunos particularmente lentos.

– Então para onde ele foi naquela tarde, sabe para onde ele foi? Hugo deu de ombros.

– Para lugar nenhum, como de costume.

– Se o senhor era tão comunicativo com seu filho como está sendo comigo, não me espanto por ele ter fugido – disse Maynard. – Para onde ele foi?

– Não preciso de um sermão sobre paternidade vindo de gente como você – replicou Hugo. – O garoto tem treze anos. Se ele quiser ir explorar as colinas é problema dele. Não pedi os detalhes. Só fiquei zangado porque Eleanor ficou muito triste.

– Acha que ele foi para as charnecas?

– Foi essa a impressão que me deu.

– Então esta noite ele poderia estar fazendo a mesma coisa?

– Bem, ele teria de estar completamente sem juízo para subir lá numa noite destas, não acha?

– Depende de como ele estiver desesperado, não é? – replicou Maynard. – Francamente, se eu tivesse o senhor como pai me suicidava.

Hugo começou uma resposta ultrajada, mas Maynard já estava saindo da sala. Encontrou Phil na cozinha, servindo-se de chá. – Temos nas mãos

uma busca pelas colinas, Phil. É melhor ver que ajuda podemos conseguir dos moradores do local. – Olhou pela janela. – Está ficando pior lá fora. Qual é o estado da mãe?

Phil fez uma careta.

– Fora de si – disse. – Lá dentro ela tem pílulas suficientes para sedar o vilarejo inteiro. E está bastante paralisada também.

– Então é por isso que você está fazendo o chá dele – respondeu Doug, dando-lhe uma cutucadinha nas costelas. – Espere até eu contar à sua Kathy.

– Como é que pode, não?

– O quê?

– Rabjohns, ela e o garoto. – Ele mexeu uma colher de açúcar no chá. – Não há muita felicidade entre eles.

– Aonde está querendo chegar?

– A lugar nenhum – disse Phil, jogando a colher na pia. – Só não há muita felicidade aqui, é isso.

ii

Não era a primeira vez em que um grupo de busca era organizado no vale. Pelo menos uma ou duas vezes por ano, normalmente no início da primavera ou no fim do outono, um caminhante se atrasaria ao voltar para o ponto de encontro, e se a situação fosse considerada suficientemente séria uma equipe de voluntários seria convocada a toque de caixa para ajudar nas buscas. As charnecas podiam ser traiçoeiras nessas horas; névoas súbitas apareciam para obscurecer o caminho, seixos e pedregulhos podiam acabar sendo pontos de apoio não confiáveis. Normalmente esses incidentes acabavam bem. Mas nem sempre. Às vezes um corpo descia das colinas numa maca. Às vezes – raramente, mas às vezes – nenhum traço

era encontrado. A vítima caía numa fenda ou buraco e jamais era resgatada.

Pouco depois das dez, Frannie ouviu carros na rua, e saiu da cama para ver o que estava acontecendo. Não era difícil adivinhar. Havia um nó de talvez uma dezena de homens – todos grudados um no outro contra a nevasca – conferenciando no meio da rua. Embora estivessem a uma certa distância, e a neve fosse espessa, ela conseguia reconhecer alguns deles. O Sr. Donneliy, dono do açougue, era fácil (não havia barriga maior no vilarejo, e seu filho Neville, com quem Frannie ia para a escola, estava começando a ter a mesma forma). Também reconheceu o Sr. Sutton, dono do pub, a grande barba ruiva tão distinta quanto o estômago do Sr. Donneliy. Ela procurou seu pai, mas não conseguiu achá-lo. Ele havia quebrado o tornozelo jogando futebol agosto passado, e ainda estava lhe causando problemas, por isso Frannie supôs que ele havia decidido (ou sido convencido por mamãe) não se juntar ao grupo de busca.

Os homens estavam se dividindo; quatro grupos de três e um grupo de dois, ela observou enquanto todos voltavam com dificuldade aos carros, e, com muitos gritos de parte a parte, entraram. Houve um pequeno engarrafamento no meio da rua enquanto alguns dos veículos manobravam e outros entravam ao lado uns dos outros para que os motoristas pudessem trocar instruções de última hora, mas a rua finalmente ficou deserta, o som dos motores dos carros sumindo no silêncio enquanto os grupos de busca seguiam seus caminhos.

Frannie ficou à janela vendo a neve apagar as marcas cruzadas dos pneus na rua, e sentiu um leve mal-estar. E se algo acontecesse com algum dos homens? Como ela se sentiria então, quando os havia visto partir na tempestade sabendo o tempo todo para onde Will fora? – Você é maluco, Will Rabjohns – disse, os lábios tocando o vidro gelado. – Se eu tornar a ver você algum dia, você vai se arrepender. – Era uma ameaça vazia, claro; mas ela se sentia um pouco reconfortada jogando sua raiva com ele por colocá-la naquela situação impossível. E deixando-a; isso era ainda pior. Ela conseguia suportar a responsabilidade do silêncio, mas pensar que ele havia fugido para o mundo e a deixado ali quando ela tivera todo o trabalho, e a indignidade de fazer amizade com ele era imperdoável.

Ao voltar para a cama, ouviu a voz do pai no andar de baixo. Ele não tinha ido embora. Isso ao menos a confortava um pouco. Ela não

conseguia entender o que ele estava dizendo, mas ficou sossegada com o ritmo lento e familiar de sua voz, e acalmada por ele como o seria por uma canção de ninar, deixou sua tristeza partir, e adormeceu.

IX

i

A escalada não foi árdua para Will; não com Jacob do seu lado. Tudo o que o homem tinha a fazer quando o caminho ficava íngreme ou escorregadio demais era colocar a mão nua levemente na nuca de Will, e uma parte da força de Jacob passava dos dedos para o pescoço, permitindo que Will o acompanhasse passo a passo. Às vezes, depois de um toque daqueles, parecia a Will que ele não estava fazendo nenhuma escalada, mas planando sobre a neve e as pedras, sem qualquer esforço.

O vento era forte demais para trocarem palavras, porém mais de uma vez ele sentira a mente de Jacob se mover para perto da sua. Quando fazia isso, seus pensamentos iam para onde estavam direcionados: encosta acima, onde o destino deles podia ser vislumbrado ocasionalmente; e abaixo, para o vale de onde haviam escapado, sua perfeição mesquinha visível quando as rajadas amainavam. Will não ficou chocado por aquela intimidade, mente com mente. Steep era diferente das outras pessoas; Will havia percebido isso desde o início. *Vivos e mortos, nós alimentamos o fogo*; essa era uma lição que nem todo mundo podia ensinar. Ele juntara forças com um homem notável, cujos segredos seriam lentamente descobertos à medida que fossem conhecendo um ao outro nos anos vindouros. Tampouco haveria qualquer limite ao seu conhecimento: esse pensamento estava mais claro em sua cabeça do que qualquer outro, e ele tinha certeza de que Steep o havia lido lá. O que aquele homem pedisse dele, ele daria. Seria assim entre eles de agora em diante. Era o mínimo que podia fazer por alguém que já havia lhe dado mais do que qualquer outra alma viva.

ii

No Fórum, Rosa estava sentada na escuridão, e escutava. Sua audição sempre fora aguçada; às vezes perturbadoramente aguçada. Havia momentos – dias, até mesmo semanas – em que ela deliberadamente bebia até ficar num estado de confusão (normalmente era gin, mas uísque servia) para abafar os sons que lhe vinham de todas as direções. Nem sempre funcionava. Na verdade, diversas vezes o tiro saíra pela culatra, e ao invés de reduzir o burburinho do mundo, isso havia simplesmente tirado seu poder de controlar suas próprias faculdades mentais. Eram momentos terríveis; momentos de mal-estar. Ela ficava enraivecida, ameaçando cometer algum mal a si mesma – furar as orelhas ou arrancar os olhos – e poderia ter feito isso também, se Jacob não tivesse estado lá para acalmá-la com uma foda. Isso normalmente resolvia a questão. Ela tinha de tomar cuidado com a bebida no futuro, pensou, pelo menos até encontrar alguém para trepar com ela no lugar de Steep. Era uma pena o garoto ser tão novinho, senão ela podia ter brincado um pouco com ele. Ela o teria desgastado, claro, rápido demais. Quando ocasionalmente ela levava algum homem além de Steep para sua cama, sempre ficava decepcionada. Por mais viris e excitados que parecessem estar, nenhum deles jamais demonstrara uma fração ínfima do poder de ereção de Steep. Merda, que saudade ela ia sentir dele. Ele fora mais que um marido para ela, mais que um amante; ele fora um primor de excesso, despertando todos os tipos de comportamento que ela jamais teria ousado arriscar, muito menos desfrutar, em qualquer outra companhia, de homem ou animal.

Animal. Era algo a se pensar. Talvez fosse mais inteligente da parte dela procurar um parceiro para cruzar fora de sua própria espécie. Ela já tinha feito isso antes; um garanhão chamado Tallis havia sido a criatura de sorte. Mas ela não dera rédeas largas à relação, por assim dizer; na época lhe parecera um modo ridículo de ser servida, para não dizer que era falta de higiene. Sem Jacob, entretanto, certamente precisaria ampliar seus gostos. Talvez com um pouco de paciência ela encontrasse uma criatura que se igualasse a ela em ardor, na floresta.

Enquanto isso, ela escutava; a neve, caindo no teto do Fórum e sobre o degrau, sobre a grama, sobre as casas, sobre as colinas; um cão, latindo; o gado, deitado nos estábulos; o zumbido das televisões, e o choro das crianças, e alguém velho e catarrento (não sabia dizer se era homem ou mulher; a idade acabava com as diferenças) filiando bobagens no sono.

Então, alguém mais próximo. Passos na estrada gelada; um som de respiração, ouvido por entre lábios fechados. Não, não era só uma respiração, eram duas, ambas de homem. Depois de um instante, alguém falou.

– E o Fórum? – Era a voz de um homem gordo, julgou ela.

– Acho que podemos dar uma olhada – disse o outro, sem muito entusiasmo. – Se o garoto tivesse algum juízo, sairia do frio.

– Se tivesse tido algum juízo, o veadinho não teria fugido, pra começar.

Eles estão chegando, pensou a Sra. McGee, levantando-se da cadeira do juiz. Estão procurando a criança – homens compassivos, como ela amava homens compassivos! – e achavam que talvez fossem achá-lo ali.

Afastou os cabelos da testa, e beliscou as faces para dar cor às bochechas. Era o mínimo que podia fazer. Então começou a desabotoar o vestido, para manter a atenção deles quando entrassem. Talvez afinal de contas ela não tivesse que recorrer a trepadas no celeiro; talvez dois substituíssem o que partira, ao menos aquela noite.

iii

O pior da tempestade havia limpado a sudeste quando Will e Jacob avistaram o cume. Por entre a neve que afinava, Will viu que ali adiante havia um aglomerado de árvores. Sem folhas, claro (o que a estação não havia tomado o vento da noite havia certamente despido), mas crescer tão perto umas das outras, e suficientemente grande em número que cada uma tinha protegido a outra em seus anos tenros, até amadurecerem e se tornarem uma pequena e densa floresta.

Agora, com o vento tendo amainado um pouco, Will fez uma pergunta em voz alta:

– É para lá que estamos indo?

– É – disse Jacob, sem olhar para ele.

– Por quê?

– Porque temos trabalho a fazer.

– O quê? – perguntou Will. As nuvens estavam chegando soltas sobre as alturas, e mesmo enquanto ele fazia a pergunta um trecho de trevas e céu estrelado surgiu por entre as árvores. Era como se uma porta estivesse se abrindo do outro lado da floresta, a vista tão perfeita que Will quase acreditava que ela havia sido criada cenograficamente por Jacob. Mas talvez fosse mais provável – e mais maravilhoso, à sua maneira – que eles

tivessem chegado naquele momento por acaso, ele e Jacob sendo viajantes abençoados.

– Tem um pássaro naquelas árvores, está vendo? – continuou Jacob. – Na verdade, é um par de pássaros. E preciso que você os mate para mim. – Ele disse isso sem nenhuma ênfase especial, como se a questão fosse relativamente inconsequente. – Tenho uma faca que gostaria que você usasse para o serviço. – Agora ele olhava para Will, com uma intenção. – Você é um garoto da cidade, provavelmente não tem tanta experiência com pássaros quanto tem com mariposas e coisas do gênero.

– Não, eu não tenho mesmo... – admitiu Will, esperando não soar duvidoso ou questionador. – Mas tenho certeza de que é fácil.

– Você come carne de passarinho, claro – disse Jacob.

Claro que sim. Ele gostava de galinha frita, e de peru no Natal. Ele comera até mesmo um pedaço da torta de pombo que Adele havia feito depois de lhe explicar que o pombo não era do tipo sujo que ele conhecera em Manchester.

– Adoro – ele disse, a ideia dessa tarefa mais fácil quando pensava numa coxa de galinha grelhada. – Como é que eu vou saber que pássaros quer que eu...

– Pode dizer.

–... mate?

– Eu vou apontá-los, não se preocupe. É como você diz: fácil – Ele dissera isso, não dissera? Agora estava na hora de provar que era fácil. – Cuidado com isto – disse Jacob, passando a faca para ele. – É excepcionalmente afiada.

Ele recebeu a arma sem jeito. Não sentira alguma carga passar por sua lâmina até o cabo? Assim pensava. Era sutil, com certeza, mas quando sua mão se estreitou ao redor do cabo ele sentiu como se conhecesse a faca como uma amiga; como se ele e ela tivessem um longo conhecimento um do outro.

– Ótimo – disse Jacob, vendo Will segurar a arma sem medo. – Gostei da firmeza.

Will sorriu. Estava firme mesmo; sem dúvida. Do que quer que aquela faca fosse capaz de fazer, ele faria.

Estavam na beira do bosque agora, e com as nuvens separadas, a luz das estrelas polia cada galho carregado de neve até fazê-los brilhar. Ainda

permanecia em Will um tiquinho remoto de apreensão pela tarefa à sua frente – ou melhor, por sua competência para executá-la; não tinha dúvidas quanto ao ato de matar propriamente dito – mas não demonstrou qualquer sinal disso a Jacob. Caminhou por entre as árvores um passo à frente de seu companheiro, e tudo de repente foi envolvido por um silêncio tão profundo que o fazia segurar sua respiração por medo de quebrá-lo.

Um pouco à sua frente, Jacob disse:

– Vá devagar. Aproveite o momento.

A mão de Will que segurava a faca, no entanto, tinha uma estranha agitação. Não queria qualquer atraso. Queria trabalhar, agora.

– Onde estão eles? – sussurrou Will.

Jacob pôs a mão na nuca de Will.

– Olhe – murmurou, e embora nada tivesse realmente mudado na cena à sua frente, com as palavras de Jacob, Will viu tudo com uma súbita simplicidade, seu olhar queimando por entre a grade de galhos e a rede de arbustos, através do glamour do gelo reluzente e do ar iluminado de estrelas, até o coração daquele lugar. Ou melhor, o que lhe pareceu naquele momento seu coração: dois pássaros, encolhidos num nicho na junção entre galho e tronco. Seus olhos eram grandes e brilhantes (ele podia vê-los piscando, muito embora estivessem a dez metros dele) e suas cabeças estavam encolhidas.

– Eles estão olhando para mim – respirou Will.

– Olhe para eles também.

– Estou olhando.

– Fixe-os com seus olhos.

– Estou fixando.

– Então termine. Vá.

Jacob o empurrou bem devagar, e devagar Will seguiu, como um fantasma na verdade, sobre o chão decorado. Seus olhos estavam fixos nos pássaros a cada passo do caminho. Eram criaturas simples. Dois sacos de penas marrons esfarrapadas, com um traço de azul brilhoso nas asas. Não eram mais notáveis que as mariposas que ele havia matado no Fórum, pensou. Não correu na direção deles. Avançou devagar, apesar da impaciência em sua mão, sentindo como se estivesse deslizando por um túnel na direção de seu alvo, que era a única coisa em foco à sua frente. Se eles fugissem agora, ainda assim não escapariam dele; disso ele tinha

certeza. Estavam no túnel com ele, presos pela vontade de seu caçador. Poderiam voejar, poderiam bicar, mas ele teria suas vidas, fizessem o que fizessem.

Estava talvez a três passos da árvore – levantando o braço para cortar-lhes as gargantas – quando um do par subitamente alçou vôo. A mão que segurava a faca o assustou. Ela subiu no ato, um borrão na frente do seu rosto, e antes que seus olhos pudessem sequer encontrar o pássaro a faca já o havia transfixado. Embora, estritamente falando, isso não tivesse sido um ato seu, ele se sentia orgulhoso.

Olhem pra mim!, pensou ele, sabendo que Jacob o estava observando. Não foi rápido? Não foi lindo?

O segundo pássaro estava voando agora, enquanto o primeiro batia as asas como um brinquedo espetado num pedaço de pau. Não tivera tempo de soltar a lâmina. Simplesmente deixou a mão esquerda fazer o que a direita fizera, e ela subiu como um relâmpago de cinco dedos para atingir o pássaro do ar. A criatura despencou cambaleante, caindo de barriga para baixo aos pés de Will. Seu golpe havia quebrado o pescoço dela. Bateu fraco as asas por um instante, se cagou e morreu.

Will olhou para seu parceiro. No tempo que havia levado para matar o segundo pássaro, o primeiro também havia perecido. Seu sangue, descendo pela lâmina, estava quente em sua mão.

Fácil, pensou, como ele dissera que seria. Um momento atrás estavam piscando os olhinhos e encolhendo as cabeças, corações batendo. Agora estavam mortos, ambos; esparramados e quebrados. Fácil.

– O que você acabou de fazer é *irreversível* – disse Jacob, colocando as mãos sobre os ombros de Will por trás. – Pense nisso. – Seu toque não era mais leve. – Este não é um mundo de ressurreições.

– Eles se foram. Para sempre.

– Eu sei.

– Não sabe não – disse Jacob. Havia tanto peso em suas mãos quanto em suas palmas. – Ainda não sabe. Você os vê mortos à sua frente, mas saber o que isso significa leva algum tempo. – Ergueu sua mão esquerda do ombro de Will, e levou-a à frente do corpo dele. – Posso pegar minha faca? Quer dizer, se você tem certeza de que acabou de usá-la.

Will tirou o pássaro da lâmina, ensanguentando os dedos da outra mão ao fazer isso, e jogou o cadáver ao lado do de seu parceiro. Então limpou a

faca no braço de sua jaqueta – um gesto impressionantemente casual, pensou – e passou-a de volta ao cuidado de Jacob, com o mesmo cuidado com o qual ele lhe emprestara.

– E se eu lhe dissesse – Jacob falou suavemente, quase num lamento – que essas duas coisas aos seus pés – que você despachou de modo tão eficiente – eram as últimas de sua espécie?

– Os últimos pássaros?

– Não – Jacob disse indulgente. – Nada tão ambicioso. Apenas os últimos *desses* pássaros.

– São mesmo?

– *E se fossem?* – respondeu Jacob. – Como se sentiria?

– Não sei – Will disse com honestidade. – Quero dizer, eles são só pássaros.

– Não senhor – admoestou Jacob. – *Pense outra vez.*

Will obedeceu. E, como havia acontecido diversas vezes na presença de Steep, sua mente foi ficando estranha para si mesmo, enchendo-se de pensamentos que jamais ousara antes. Olhou para suas mãos culpadas, e o sangue pareceu pulsar nelas, como se a lembrança da pulsação do pássaro ainda estivesse nela. E enquanto ele olhava, repensava o que Jacob acabara de dizer.

E se fossem os últimos, os últimos mesmo, e a tarefa que ele acabara de realizar fosse irreversível. Nada de ressurreições ali. Não aquela noite; nem nunca. E se fossem os últimos, azuis e marrons.

Os últimos que pulariam daquele jeito, cantariam daquele jeito, fariam a corte e se acasalariam e fariam mais pássaros que pulavam, cantavam e cortejavam daquele jeito.

– Ah... – murmurou, começando a compreender. – Eu... mudei o mundo um pouquinho, não foi? – Virou–se e olhou para Jacob. – Foi isso, não foi? Foi o que eu fiz! Mudei o mundo.

– Talvez... – disse Jacob. Havia um sorrisinho de satisfação em seu rosto, por seu pupilo ter sido tão ligeiro. – Se estes fossem os últimos, talvez fosse mais do que um pouquinho.

– São mesmo? – perguntou Will. – Os últimos, quero dizer?

– Gostaria que fossem? – Will queria demais para traduzir em palavras. Só conseguiu fazer que sim com a cabeça. – Outra noite, talvez – disse Jacob. – Mas esta noite não. Desculpe decepcionar você, mas estes... –

olhou para os corpos na grama – são tão comuns quanto mariposas. – Will sentia como se tivesse acabado de receber um presente, e descobrisse que era só uma caixa vazia. – Eu sei como é, Will. O que você está sentindo agora. Suas mãos lhe dizem que fez algo de maravilhoso, mas você olha ao redor e nada parece ter mudado muito. Não estou certo?

– Sim – ele disse. Subitamente quis apagar o sangue sem valor de suas mãos. Eles foram tão rápidos e inteligentes; mereciam mais. O sangue de algo raro; algo cuja morte teria consequências. Curvou-se e, agarrando um punhado de grama afiada, começou a limpar as mãos.

– Então, o que vamos fazer agora? – ele perguntou enquanto trabalhava. – Não quero ficar mais aqui. Quero...

Mas não terminou seu falatório, pois naquele instante uma ondulação passou pelo ar que os cercava, como se a própria terra tivesse expelido uma pequena expiração. Ele parou de esfregação e lentamente se levantou, deixando a grama cair.

– O que foi isso? – murmurou ele.

– Foi você quem fez isso, não eu – respondeu Jacob. Havia um tom em sua voz que Will não havia ouvido antes, e não era reconfortante.

– O que faço? – perguntou Will, olhando ao redor em busca de alguma explicação. Mas não havia nada que não tivesse estado ali o tempo todo. Somente as árvores, e a neve e as estrelas.

– Não quero isto – murmurava Jacob. – Está me ouvindo? Não quero isto. – Todo o peso havia desaparecido de sua voz; e a certeza também.

Will olhou para ele. Viu seu rosto marcado.

– Não quer *o quê?* – Will lhe perguntou.

Jacob virou seu olhar preocupado na direção de Will.

– Você tem mais poder do que percebe, garoto – disse. – Muito mais.

– Mas eu não fiz *nada* – protestou Will.

– Você é um condutor.

– Eu sou o quê?

– Diabos, por que não vi isso? Por que não vi? – Recuou de Will quando o ar tremeu de novo, mais violentamente que antes. – *Ah, meu Deus do céu. Não quero isso.*

Sua angústia fez Will entrar em pânico. Não era o que ele queria ouvir do seu ídolo. Ele havia feito tudo o que lhe pedira para fazer. Matara os pássaros, limpara e devolvera a faca; chegara até a fazer cara de corajoso

face à sua decepção. Então, por que seu mestre recuava dele como se Will fosse um cão raivoso?

– *Por favor...* – pediu a Steep. – Não tive a intenção, seja lá o que for que eu tenha feito. Desculpe...

Mas Jacob simplesmente continuou a recuar.

– Não é você. É nós. Não quero que seus olhos vão aonde estive. Pelo menos não lá. Não para ele. Não para *Thomas*...

Ele estava começando a falar bobagens novamente, e Will, certo de que seu salvador estava para correr, e igualmente certo de, assim que ele se fosse, tudo estaria acabado entre eles, estendeu a mão e agarrou a manga do homem. Jacob soltou um grito e tentou se soltar, mas ao fazer isso a mão de Will, procurando melhor apoio, agarrou-o pelos dedos. Seu toque havia tornado Will forte antes; ele havia escalado a colina ligeiro porque a carne de Jacob havia sido colocada sobre a sua. Mas o negócio da faca havia provocado alguma mudança nele. Ele não era mais um recipiente passivo de força. Seus dedos ensanguentados haviam recebido talentos próprios, e ele não conseguia controlá-los. Ouviu Jacob gritar mais uma vez. Ou seria sua própria voz? Não, eram *as duas coisas*. Dois soluços, elevando-se como de uma única garganta.

Jacob tinha razão de ter medo. A mesma expiração ondulante que distraíra Will de limpar suas mãos estava ali novamente, cem vezes aumentada, e daquela vez inalava o próprio mundo em que estavam. Terra e céu estremeciam e eram num instante reconfigurados, deixando cada qual com seu terror: Will soluçando por não saber o que estava acontecendo; Jacob, por saber.

X

i

Mais tarde, com o bom açougueiro Donnelly morto, Geoffrey Sauls, que o havia acompanhado até o Fórum naquela noite, ofereceria uma versão sem pé nem cabeça do que havia acontecido lá dentro. Fez aquilo para proteger tanto a lembrança do falecido, que fora seu parceiro de bebida e dardo por dezessete anos, quanto a viúva de Donnelly, cujo sofrimento teria sido cruelmente exacerbado pela verdade. Que era: que haviam subido os degraus do Fórum pensando que talvez viessem a ser os heróis da noite. Havia alguém lá dentro, disso não havia dúvida, e muito provavelmente era o fugitivo. Quem mais haveria de ser, pensaram? Donnelly estava um passo ou dois adiante de Sauls, e portanto chegara ao Fórum primeiro. Sauls o ouvira murmurar alguma coisa espantado e se aproximara de Donnelly para encontrar não o garoto desaparecido mas uma mulher, de pé no meio da câmara. Havia duas ou três velas gordas colocadas no chão, perto de onde ela estava, e pela luz embevecedora delas ele via que ela estava parcialmente despida. Seus seios, cobertos por uma camada de suor, estavam nus, e ela havia levantado a saia alto o suficiente para que sua mão pudesse percorrer o espaço entre suas pernas, um sorriso se espalhando por seu rosto enquanto ela se dava prazer. Embora o corpo fosse firme (seus seios eram tão altos quanto os de uma menina de dezoito anos), suas feições traziam o selo da experiência. Não que ela tivesse rugas ou pele flácida; sua pele era perfeita. Mas havia em seus lábios e olhos uma confiança que traía suas faces e testa impecáveis. Resumindo, Saul soube no instante em que pôs os olhos sobre ela que aquela era uma mulher que sabia o que fazia. Ele não estava gostando daquilo nem um pouco.

Donnelly, por outro lado, gostava. Havia tomado uns dois brandies duplos antes de partirem, e eles soltaram sua língua.

– Você é uma gracinha – ele disse, apreciando o que via. – Não está sentindo um pouquinho de frio?

A mulher deu-lhe a resposta que ele certamente estava esperando.

– Você parece ter carne suficiente – disse, ganhando um riso do açougueiro. – Por que não vem até aqui e me aquece um pouco?

– Del... – Sauls avisou, agarrando o braço do amigo. – Não estamos aqui pra sacanagem. Estamos aqui pra encontrar o garoto.

– Coitadinho do Will – disse a mulher. – Aquilo sim é que é uma ovelha perdida do rebanho.

– Sabe onde ele está? – perguntou Geoffrey.

– Talvez sim, talvez não – respondeu a mulher. Seus olhos estavam fixos em Donnelly, as mãos ainda brincando.

– Ele está por aqui? – Sauls lhe perguntou.

– Talvez sim, talvez não.

A resposta deixou Sauls mais incomodado do que nunca. Será que isso queria dizer que ela havia feito o garoto prisioneiro ali? Deus o ajudasse se fosse isso. Havia um brilho de loucura nos olhos dela e naquela exibição despudorada. Embora ele gostasse muito de Delbert, nenhuma mulher em seu juízo perfeito o convidaria a tocá-la do jeito que ela estava se tocando: o vestido levantado tão alto que suas partes pudendas estavam à vista, os dedos enfiados nelas até mais da metade.

– Se eu fosse você, não chegava perto, Delbert – Sauls aconselhou.

– Ela só quer se divertir um pouquinho – respondeu Del, andando balouçante na direção da mulher.

– O garoto está por aqui em algum lugar – disse Sauls.

– Então vai atrás dele – Donnelly respondeu sonhador, levantando os dedos para acariciar os seios da mulher. – Vou dar um pouco de diversão pra ela.

– Posso ir com os dois, se quiserem – sugeriu a mulher.

Mas Delbert não estava se sentindo democrático.

– Vá, Geoffrey – disse ele, a voz levemente ameaçadora. – Posso lidar com ela sozinho, muito obrigado.

Geoffrey só brigara com Delbert uma vez na vida (por causa de um jogo de dardos, naturalmente), e levara a pior. O açougueiro era mais massa que músculo, mas Geoffrey era peso-galo, e em meio minuto ele fora jogado de cara na sarjeta. Já que não poderia esperar retirar Del fisicamente de seu objeto de desejo, não tinha muita chance senão fazer como o homem dissera, e sair procurando pela criança. Fez isso rapidamente, para não se afastar por muito tempo do Fórum. Com sua lanterna iluminando o

caminho à frente, vasculhou os corredores e câmaras de forma sistemática, chamando o garoto como se fora um cão perdido.

– *Will? Cadê você? Pode vir, está tudo bem. Will?*

Num dos aposentos ele deu com o que supôs serem os pertences da puta: duas ou três sacolas, e alguns artigos espalhados que pareciam de finalidade vagamente erótica. (Não teve tempo de estudá-los de perto. Mas muitos meses depois, quando o trauma daquela noite havia amainado, sua mente revisitaria culpada aquele lixo, e se obcecaria com ele, imaginando o propósito que ela dava àqueles bastões farpados e cordas de seda.) Numa segunda câmara ele se deparou com uma visão ainda mais perturbadora. Móveis virados, cinzas sob seus pés, fragmentos de ruínas esturricadas. O que não achou foi o garoto; todos os outros quartos, e havia vários, estavam desertos. O layout do lugar era difícil de assimilar, ainda mais em seu atual estado de ansiedade. Ele poderia até ter-se perdido no labirinto de câmaras e passagens se não tivesse ouvido Delbert começar a gritar, ou soluçar talvez – sim, era um soluço – e seguido o ruído de volta pelos corredores, pelo quarto com as cinzas, e aquele boudoir devasso, até o Fórum.

E agora, claro, chegamos àquela parte que ele evitou contar em sua totalidade, preferindo arriscar uma mentira do que difamar seu amigo. Delbert não estava, como Sauls testemunharia depois, deitado inerte no chão, soluçando para ser salvo. Deitado ele certamente estava, suas calças e cuecas em algum lugar ao redor de suas botas, cabeça e braços jogados para trás. Mas não havia nenhum apelo em seu grito, exceto talvez que a mulher montada nele, as mãos enterradas na gordura sarapintada de sua barriga, o cavalgava cada vez mais forte.

– Meu Deus, Del... – disse Sauls, pasmo com a visão.

Os olhinhos de Del, de cabeça para baixo na massa quente e molhada de sua cabeça, queimavam de prazer.

– Vá embora – disse ele.

– Não, não... – A mulher arfava, chamando Geoffrey e oferecendo o seio. – Posso usar ele aqui.

Mesmo nos estertores de seu delírio, Donnelly estava se sentindo dono.

– Vá se foder, Geoffrey – ele disse, virando a cabeça para ver o colega melhor. – Eu vi ela primeiro.

– Acho que está na hora de você calar a boca! – disparou a mulher, e pela primeira vez Geoffrey viu que havia alguma coisa enrolada ao redor

do pescoço de Del. De onde ele podia ver, não parecia mais que um pedaço fino de corda com algumas contas trançadas ao longo de seu comprimento, só que se movia, como uma serpente, a cauda estremecendo entre os mamilos rosados de Del, seu corpo deslizando por dentro de si mesmo enquanto apertava mais. Subitamente Del fez um som de sufocamento, e seus dedos foram até a garganta, arranhando a corda. Seu rosto vermelho de repente ficou ainda mais rubro.

– Agora, venha cá – a mulher instruiu Geoffrey, com doçura suficiente. Ele balançou a cabeça. Se teve alguma necessidade de tocar a criatura, o pavor acabara por completo com ela. – Não vou falar novamente – ela disse a Sauls. Então, olhando para Delbert, murmurou: – Quer mais apertado? – Um gorgolejar de dar pena era tudo o que escapava dele, mas a corda-cobra pareceu aceitar isso como um sim, e apertou.

– Pare! – disse Sauls. – Você está matando ele! – Ela o encarou, o rosto tão neutro quanto lindo, e então ele repetiu, caso a puta no cio não tivesse entendido o que estava fazendo. Mas ela entendeu. Ele viu aquilo então; viu o olhar de prazer perpassar o rosto dela enquanto o pobre Delbert se debatia debaixo dela. Ele tinha de detê-la, e rápido, ou Del morreria.

– O que você quer? – ele perguntou, aproximando-se dela.

– Me beija – ela disse, os olhos transformados em traços num rosto que era de algum modo mais simples do que momentos antes, como se estivesse sendo desfeito diante de seus olhos por algum escultor invisível. Ele teria preferido colar sua boca na mandíbula da própria sogra do que beijar o buraco úmido no rosto da puta, mas a vida de Del estava se esvaindo. Mais alguns momentos e ele morreria. Reforçando sua coragem, pressionou os lábios contra a carne de sua boca, só para que ela o pegasse pelos cabelos – os poucos que ele tinha – e puxar de volta sua cabeça. – Aqui não! – ela disse, as palavras saindo num fôlego tão pungente e doce que ele por um momento se esqueceu de seu medo. – Aqui! Aqui!

Ela pressionou o rosto dele para seu peito, mas quando ele se abaixou para servi-la, os braços de Delbert agarraram a bota direita de Geoffrey e puxaram. Ele tropeçou para trás, vagamente consciente de que isso era mais farsa que tragédia, a mão esticada arranhando a pele pura da mulher enquanto ele tentava impedir a si mesmo de cair. De nada adiantou. Ele caiu, de bunda, sem fôlego.

Quando levantou a cabeça viu a mulher saindo de cima de Delbert, agarrando o peito.

– Veja o que você fez – ela disse, mostrando-lhe as marcas onde suas unhas a haviam agarrado. Ele protestou que havia sido um acidente. – Veja! – ela tornou a dizer, avançando para cima dele. – Você me marcou!

Atrás dela, Delbert gorgolejava como um bebê monstruoso, os braços agora sem força bastante para se debaterem ou as pernas para chutarem. Havia outra das cordas de estimação da mulher enroladas ao redor de sua virilha, Geoffrey reparou, a maior parte de seu comprimento apertando a base de seu pau, fazendo com que ele se levantasse – mesmo agora, mesmo enquanto o resto de sua vida ia se esvaindo dele – duro e rígido.

– Ele está morrendo – Sauls disse à mulher.

Ela olhou para o corpo no chão.

– Está – observou. – Então, olhando para Geoffrey: – Mas ele teve o que queria, não foi? Então agora a pergunta é: o que você quer?

Ele não ia mentir. Não ia dizer a ela que queria seu corpo, por mais bem-feita que fosse. Ele simplesmente acabaria da mesma maneira que Del. Portanto disse a verdade.

– Eu quero viver – disse ele. – Quero ir pra casa para minha mulher e meus filhos e fingir que isto nunca aconteceu.

– Você jamais poderia fazer isso – retrucou ela.

– Poderia! – insistiu ele. – Juro que poderia!

– Você não viria atrás de mim, por matar seu amigo?

– Você não vai matá-lo – disse Geoffrey, pensando talvez que estivesse ganhando tempo com a mulher. Ela já se divertira, não? Já aterrorizara ambos com sucesso; reduzira ele a uma massa trêmula e Delbert a um consolo humano. Do que mais precisava? – Se você nos deixar ir, não vamos dizer uma palavra. Prometo. Nenhuma palavra.

– Acho que é tarde demais para isso – replicou a mulher. Ela estava em pé entre as pernas de Geoffrey agora. Ele se sentia terrivelmente vulnerável.

– Deixe-me pelo menos ajudar Delbert – implorou ele. – Ele não fez nada de mal a você. Ele é um bom pai de família e...

– O mundo está cheio de pais de família – ela disse com desprezo.

– Pelo amor de Deus, ele não lhe fez nenhum mal.

– Oh, meu Deus... – ela disse, exasperada. – Ajude-o, então, se quiser.

Ele observou-a desconfiado enquanto se levantava correndo, antecipando um soco ou um chute. Ao invés disso, ela permitiu que ele fosse até Delbert, cujo rosto estava roxo agora, os lábios salpicados de

saliva ensanguentada, os olhos revirados abaixo de suas pálpebras tremelieantes. Ainda havia respiração nele, mas muito pouca; seu peito arfava com o esforço de puxar o ar pela traqueia constrita. Temendo que a batalha já estivesse perdida, enterrou os dedos entre a corda e a carne e puxou. Del puxou o ar numa inspiração fraca e barulhenta, mas foi sua última.

– Finalmente... – disse a mulher.

Geoffrey achou que ela estava se referindo à morte de Del, mas olhando a virilha do homem percebeu seu erro. Nos estertores, Del ejaculava como uma baleia.

– Jesus Cristo – disse Geoffrey, nauseado.

A mulher se aproximou para admirar o espetáculo.

– Você podia ter tentado o beijo da vida – disse ela. – Você ainda podia trazê-lo de volta.

Geoffrey olhou para o rosto de Del: os lábios cheios de espuma e os olhos arregalados. Talvez houvesse uma chance remota de fazer seu coração voltar a funcionar novamente – e talvez um amigo melhor do que ele teria tentado – mas nada no mundo poderia convencê-lo naquele momento a pôr os lábios nos lábios de Delbert Donnelly.

– Não? – disse a mulher.

– Não – disse Geoffrey.

– Então você o deixou morrer. Você não poderia suportar beijá-lo, e agora ele está morto. – Ela virou as costas para Sauls e se afastou. Aquilo não era um perdão, Geoffrey sabia; apenas um adiamento da execução.

– Maria, mãe de Deus – Geoffrey disse baixinho. – Ajudai-me na minha hora de necessidade...

– Você não precisa de uma Virgem agora – disse a mulher. –Precisa de alguém com um pouquinho mais de experiência. Alguém que saiba o que é melhor para você.

Geoffrey não se virou para olhar para ela. Ela havia exercitado algum controle mesmerizante sobre Del, disso ele tinha certeza, e se olhasse nos olhos dela ela entraria em sua cabeça do mesmo jeito. De algum modo ele tinha de encontrar um jeito de sair dali sem olhar para ela. E também havia aquelas malditas cordas a serem consideradas. A que havia estrangulado Del já havia saído. Ele não queria olhar para a virilha de Del para ver o que tinha acontecido com a outra, mas tinha de supor que estava solta em algum lugar. Só teria uma chance de escapar, ele sabia. Se não

fosse veloz o bastante, ou de algum modo perdesse o sentido de orientação e errasse a saída, ela não poderia deixá-lo escapar; não depois do que ele havia testemunhado.

– Conhece a história deste lugar? – ela lhe perguntou. Contente por tê-la distraído pela conversa, respondeu que não, não conhecia.

– Ela foi construída por um homem que sentia a injustiça muito a fundo.

– É mesmo?

– Nós o conhecíamos, o Sr. Steep e eu, há muitos, muitos anos atrás. Na verdade, ele e eu fomos íntimos por pouco tempo.

– Homem de sorte – Geoffrey respondeu, esperando lisonjeá-la.

A conversa dela era totalmente ilusória, claro. Embora ele soubesse pouco sobre o Fórum, tinha certeza de que ele estava de pé há no mínimo um século. Não havia como aquela mulher ter conhecido seu criador.

– Não me lembro bem dele – ela fantasiou. – A não ser pelo nariz. Ele tinha o maior nariz que já vi. Monolítico. E ele jurava que era isso o que o tinha tornado tão simpático à condição dos animais... – Enquanto ela matraqueava, Geoffrey olhava disfarçadamente para a esquerda e a direita, para melhor se orientar. Embora não pudesse realmente ver a porta que levava à liberdade, achava que estava logo fora do alcance de sua visão perto de seu ombro esquerdo. Enquanto isso, a mulher continuava a falar: – ... Eles são muito mais sensíveis a odores do que nós. Mas o Sr. Bartholomeus, por causa do seu nariz, dizia que sentia cheiros mais como um animal do que como um homem. Ambrosial, mírrico, mefítico. Ele havia dividido os cheiros, por isso tinha um nome para cada um. Pútrido, almiscarado, balsâmico. Esqueci os outros. Na verdade, esqueci dele, a não ser pelo nariz. É gozado o que você lembra das pessoas, não é? – Ela fez uma pausa. E então: – Qual é o seu nome?

– Geoffrey Sauls. – Aquilo atrás dele eram passos dela? Ele tinha de prosseguir, ou ela cairía em cima dele. Vasculhou o terreno à procura de seus rosários letais.

– Não tem nome do meio? – perguntou ela.

– Ah. Tenho. – Ele não conseguia ver nada se movendo, mas isso não queria dizer que eles não estivessem ali, nas sombras. – Alexander.

– É muito mais bonito que Geoffrey – disse ela, sua voz mais perto da dele. Ele olhou de novo para o rosto morto de Del, para dar a si mesmo aquele último impulso de motivação, e então se levantou, e virou-se na direção da porta. Ele acertou. Lá estava ela, à sua frente agora. Do canto

do olho ele viu de relance a puta, e sentiu-lhe os olhos queimando sobre ele. Não lhes daria a chance de trabalharem seu feitiço. Soltando um grito que aprendera no Exército Territorial (para acompanhar um ataque de baioneta, ao passo que aquilo era uma retirada, mas que diabos?), fugiu para a saída. Seus sentidos estavam mais aguçados que nunca desde a infância, seu organismo inundado de adrenalina vivo para cada nuance. Ele ouviu o gemido dos rosários enquanto voavam, e olhando para trás, viu-os no ar como relâmpagos em contas, voando em sua direção. Esquivou-se para a direita, abaixando-se ao fazê-lo, e viu-os passar por ele, acertando a porta. Lá eles serpentearam por um segundo, e nesse momento ele agarrou a maçaneta e escancarou a porta. Sua própria força o espantou. Embora a porta fosse pesada, ela se abriu inteira, as dobradiças guinchando, e bateu contra a parede.

– Alexander – chamou a mulher, a voz sedosa. – Volte. Está me ouvindo, Alexander?

Ele disparou pelo corredor, indiferente aos chamados dela, e por um motivo muito bom. Apenas sua mãe, a quem ele havia odiado de todo o coração, já o tinha chamado por aquele nome. A mulher poderia chamá-lo usando todas as vozes das sereias, e se ela o identificasse com aquele pavoroso Alexander ele continuaria imune.

Estava fora agora; descendo os degraus, caindo na neve; furando a sebe, nunca olhando para trás. Mergulhou pelos arbustos e caiu na estrada com os pulmões queimando, o coração trovejando e uma sensação tão grande de felicidade que estava quase satisfeito por estar sozinho para desfrutar dela. Mais tarde, quando recontasse tudo aquilo, ele falaria baixinho e com pesar de como havia perdido seu amigo. Mas naquele momento, ele gritava e dava gargalhadas, e se sentia (ah, a perversidade do ato) mais glorioso porque não só fora mais inteligente que a puta como tinha a morte de Del para provar como fora terrível o perigo em que estivera.

Gritando, então, e cambaleando, ele voltou ao seu carro, que estava estacionado a uns cinquenta metros de distância, e sem medo da estrada gelada (nada poderia ferí-lo agora; ele era inviolável) dirigiu a uma velocidade abusiva de volta ao vilarejo para dar o alerta.

No Fórum, Rosa não era uma mulher feliz. Estivera contente o bastante até Alexander e seu colega gordo aparecerem, sentada sonhando com lugares mais finos e dias mais quentes. Mas agora seus sonhos haviam sido interrompidos, e ela tinha de tomar algumas decisões rápidas.

Logo, logo, haveria uma multidão nos portões, ela sabia: Alexander garantiria isso. Eles estariam se sentindo justos e irados, e certamente tentariam alguma maldade sobre sua pessoa se ela não desse o fora. Não seria a primeira vez que ela seria perturbada e prejudicada. No ano passado mesmo houvera aquele incidente desagradável no Marrocos, em que a esposa de um de seus consortes ocasionais promovera um pequeno jihad contra ela, para diversão de Jacob. O marido, como o sujeito gordo deitado aos seus pés agora, morrera em flagrante delito, mas – diferente de Donnelly – expirara com um sorriso largo no rosto. Era esse sorriso que na verdade inflamara sua esposa: o fato de ela jamais ter visto coisa parecida em sua vida lhe concedera um ímpeto assassino. E então, em Milão – ah, como ela adorara Milão! – houve uma cena pior ainda. Ela havia ficado ali por diversas semanas enquanto Jacob ia para o sul, e fizera amizade com os travestis que tinham seu comércio arriscado no Parco Sempione. Ela sempre adorara coisas artificiais, e aquelas beldades, que eram fêmeas autocriadas a partir de homens (os viados, como os nativos os chamavam), a encantaram. Na companhia deles ela sentira uma estranha condição de irmandade, e poderia ter escolhido ficar naquela cidade se um dos gigolôs, um sádico casual que atendia pelo nome de Henry Campanella, não tivesse merecido sua ira. Ao ouvir dizer que ele fizera um ataque particularmente selvagem a um membro de seu rebanho, Rosa perdeu a cabeça. Isso não acontecia com frequência, mas quando acontecia, invariavelmente corria sangue, e copiosamente. Ela sufocara o filho da puta no que dizia ser sua masculinidade, e deixou o cadáver na Viale Certosa, para exibição pública. O irmão dele, que também era cafetão, juntara um pequeno exército entre os membros da fraternidade criminal, e a teria chacinado se ela não tivesse voado para a Sicília e o conforto de Steep. Mesmo assim, frequentemente pensava em suas irmãs em Milão, sentadas conversando sobre cirurgias e silicone, enquanto se puxavam e se amoldavam à semelhança da feminilidade. E quando pensava nelas, suspirava.

Chega de lembranças, disse a si mesma. Estava na hora de desocupar o recinto, antes que os cães chegassem atrás dela, os de duas e os de quatro patas. Levou uma vela para seu pequeno quarto de vestir, e empacotou

seus pertences, mantendo os sentidos em alerta o tempo inteiro. Remotamente, pensou ter ouvido vozes altas, e supôs que Alexander estivesse no vilarejo, contando histórias, do jeito que os homens gostavam de fazer.

Terminando apressada o empacotamento, despediu-se do corpo de Delbert Donnelly e, chamando seus rosários para si, partiu. Havia pretendido se dirigir para nordeste ao longo do vale, distanciando-se do vilarejo e de seus idiotas o máximo possível. Mas assim que saiu à neve, seus pensamentos se voltaram para Jacob. Ela estava com vontade de deixá-lo na ignorância quanto ao que seus feitos haviam desencadeado. Mas no fundo do coração sabia que lhe devia um aviso, pelos sentimentos. Haviam passado tantas décadas juntos, discutindo, sofrendo e, à sua curiosa maneira, se dedicando um ao outro. Embora as recentes fragilidades dele a tivessem desencantado, não podia deixá-lo até ter realizado aquela última tarefa.

Voltando o rosto para as colinas, que haviam emergido da nevasca que acabava, ela rapidamente o procurou. Não tinha necessidade de sentidos nisso, havia em ambos uma bússola para a qual o outro era o norte; ela só precisava deixar a agulha balançar e se ajustar, e lá estaria ele. Ajeitando as sacolas, ela começou a subir a encosta na direção dele, deixando uma trilha na neve que sabia muito bem que seus perseguidores iriam seguir. Que fosse, pensou ela. Se viessem, que viessem. E se algum sangue tiver de ser derramado, estou bem disposta a derramá–lo.

XI

Foi uma primavera súbita. A respiração da terra chegou e foi embora, e quando passou levou o inverno consigo. As árvores estavam milagrosamente cobertas de folhas e botões, a terra congelada deu lugar a folhas de relva de verão, a uvas-do-monte, anêmonas dos bosques e cardos; a luz do sol dançava por toda parte. Nos galhos, pássaros namoravam e faziam ninhos, e do arbusto florescido surgiu uma raposa vermelha, encarando Will com um olhar sem medo antes de sair trotando para cuidar da sua vida, bigodes e abrigo.

– Jacob? – disse uma voz aguda à esquerda de Will. – Não pensei que veria você outra vez tão cedo.

Will voltou-se para quem falava, e encontrou um homem em pé a poucos metros de distância, encostado num gracioso freixo. A árvore estava mais "bem–vestida" que ele, com sua camisa manchada, calças surradas e sandálias rústicas bem menos lisonjeiras que as folhas tremeluzentes. Tirando isso, homem e árvore tinham muito em comum. Ambos esbeltos de corpo e membros, mas bem-feitos. O homem, entretanto, exibia algo que a árvore não podia exibir: olhos de um azul tão impecável que parecia que o céu havia entrado em sua cabeça.

– Preciso lhe dizer uma coisa, meu amigo – ele falou, olhando não para Jacob, mas para Will. – Se ainda espera me convencer a ir com você, está perdendo seu tempo.

Will olhou ao redor, procurando Jacob na esperança de obter alguma explicação, mas Jacob havia partido.

– Eu lhe disse a verdade ontem. Não tenho nada mais a dar para Rukenau. E não serei seduzido com histórias do Domus Mundi...

Afastando-se da árvore, caminhou na direção de Will, e para somar aos mistérios dali, Will percebeu que, embora o estranho fosse vários anos mais velho que ele, e bem alto, olhavam um para o outro olho no olho, o que significava que ele havia de algum modo esticado uns cinquenta centímetros de altura.

– Não quero conhecer o mundo assim, Jacob – dizia o homem. – Quero vê-lo por meus próprios olhos.

Jacob?, pensou Will. *Ele está olhando direto para mim e me chamando de Jacob. Isso quer dizer que estou no corpo de Steep. Estou olhando por seus olhos!* A ideia não o apavorou, ao contrário. Esticou-se um pouco, e lhe pareceu que podia sentir os músculos do homem recobrirem-no, pesados e fortes. Inalou e cheirou seu próprio suor. Levantou a mão e sentiu com os dedos os cachos encaracolados de sua barba. Era uma sensação extraordinária. Embora fosse o possessor ali, sentia-se possuído, como se estar em Steep tivesse colocado Steep em seu ser.

Havia apetites em seus quadris e cabeça que ele jamais sentira antes. Queria estar longe, distante daquela juventude melancólica; a céu aberto, testando aquela carne emprestada; correndo até os pulmões se transformarem em fornalhas, esticando-se até as juntas estalarem. Sair nu naquela gloriosa anatomia; sim! Não seria ótimo, isso? Comer nela, mijar nela, acariciar seus longos membros.

Mas ali ele não era o senhor; a memória o era. Ele tinha liberdade suficiente para coçar a barba ou o saco, mas não podia abandonar o que trouxera Steep de volta àquele lugar. Só podia ficar sentado atrás dos olhos dourados de Jacob e escutar o que havia sido dito naquele dia de sol. Ele havia conjurado aquele encontro contra a vontade de Steep, ao que parecia – *eu não quero isto*, dissera Jacob repetidas vezes – mas agora que estava ali, tinha um impulso todo próprio, e ele não ia contestar essa autoridade, por medo de perder a simples alegria de ficar dentro do homem, carne na carne.

– Às vezes, Thomas – Jacob estava dizendo – você me olha como se eu fosse o próprio diabo.

O outro homem balançou a cabeça, os cabelos engordurados caindo na testa. Empurrou-os para trás novamente com uma mão de longos dedos, manchada de vermelho e azul.

– Se você fosse o diabo, não seria a criatura de Rukenau agora, seria? – perguntou. – Não deixaria que ele o despachasse para trazer para casa pintores fugidos. E, se viesse por mim, eu não seria capaz de resistir. E eu posso, Jacob. É difícil, mas eu posso. – Levantou a mão sobre a cabeça e puxou um galho repleto de flores para cheirar. – Tive um sonho na noite passada, depois que você se foi. Sonhei que estava bem alto nos céus, mais alto que a mais alta nuvem, olhando a terra lá embaixo, e havia alguém perto de mim, sussurrando em meu ouvido. Uma voz suave, que não era de homem nem de mulher.

– E dizia o quê?

– Que em todo o universo, só havia um planeta tão perfeito, tão azul e brilhante quanto este. Tão prodigioso em suas criaturas. E que esta glória era o próprio ser de Deus.

– A ilusão de Deus, Thom. É o que isso é.

– Não, me escute! Você passou muito tempo com Rukenau. Tudo isso ao nosso redor agora não é algum truque que Deus está pregando em nós. – Soltou o galho que segurava, e ele voltou bruscamente ao seu lugar, deixando pétalas caírem na cabeça e nos ombros de Thomas. Ele nem reparou. Estava inflamado demais pelo seu sonho e sua narrativa. – Deus conhece o mundo através de nós, Jacob. Ele o adora com nossas vozes. Ele faz nossas mãos fazerem o serviço. E, à noite, Ele olha a imensidão por nossos olhos, e dá nomes às estrelas, de forma que no devido tempo possamos navegar até elas. – Deixou a cabeça cair. – Foi isso o que sonhei.

– Devia contar isso a Rukenau. Ele adora ler o significado dos sonhos.

– Mas não há nada a decifrar – replicou Thomas, sorrindo para o chão. – Essa é a genialidade do sonho, não vê? – Olhou para Will novamente, o céu cristalino em sua cabeça. – Coitado de Rukenau. Ele tem recitado suas liturgias por tanto tempo que está mais apaixonado por elas do que pelo ***sacramento*** verdadeiro.

– E qual é ele, pode me dizer?

– Isto – disse Thomas, pegando uma das pétalas em seu ombro. – Aqui eu tenho o que há de mais sagrado, a Arca da Aliança, o Sangraal, o Grande Mistério em pessoa, bem aqui na ponta do meu dedinho. Veja! – Apresentou a pétala, equilibrada em seu dedo. – Se eu pudesse pintar esta perfeição... – ficou olhando a pétala enquanto falava, como que hipnotizado pela visão –... colocá-la numa folha de papel de forma que mostrasse sua verdadeira glória, cada pintura em cada capela de Roma, cada iluminura em cada Livro de Horas, cada pintura que já fiz para cada uma das malditas invocações de Rukenau seria... – parou em busca da palavra –... supérflua. – Soprou a pétala do dedo, e ela se elevou um pouco antes de iniciar sua descida. Mas não consigo fazer tal pintura. Pelejo e pelejo, e só obtenho fracassos. Jesus. Às vezes, Jacob, gostaria de ter nascido sem dedos.

– Bem, se você tem tão pouca utilidade para suas habilidades, então me empreste seus dedos – disse Jacob. – Deixe–me usá-los para fazer pinturas

que tenham metade de seu talento e eu serei o homem mais feliz da criação.

Thomas sorriu, olhando Jacob intrigado.

– Você diz coisas tão estranhas.

– *Eu* digo coisas estranhas – replicou Jacob. – Você devia se ouvir, hoje ou em qualquer dia. – Deu uma gargalhada, e Thomas gargalhou com ele, sua derrota esquecida por um instante.

– Volte para a ilha comigo – disse Jacob, aproximando-se de Thomas com cautela, como se tivesse medo de assustá-lo. – Vou me certificar de que Rukenau não faça de você um burro de carga.

– Não é essa a questão.

– Eu sei como ele sempre quer coisas do jeito dele, como ele incomoda você. Não vou deixar isso acontecer, Thom, juro.

– Desde quando você tem tanta autoridade assim?

– Desde que eu disse a ele que Rosa e eu partiríamos e o deixaríamos se ele não nos deixasse brincar um pouquinho. *Você não ousaria me deixar* – ele disse. – *Conheço sua natureza e você não. Se me desertar; jamais saberá o que você é ou como veio a existir.*

– E o que você respondeu?

– Ah, você vai ficar orgulhoso de mim. Eu disse: *é verdade, não sei o que me fez. Mas fui feito, e feito com amor. E isso pode ser conhecimento suficiente para se viver em êxtase.*

– Deus, queria ter estado lá para ver a cara dele.

– Feliz ele não ficou – riu Jacob. – Mas o que ele poderia dizer? Era a verdade.

– E também foi muito bem colocado. Você devia ser poeta.

– Não, eu quero pintar como você. Quero que trabalhemos lado a lado, e que você me ensine como ver o fluir das coisas, do jeito que você vê. A ilha é tão linda, e existem apenas alguns pescadores que vivem lá, apavorados demais para aparecer para gente como nós. Podemos viver como se estivéssemos no Éden: você, eu e Rosa.

– Deixe-me pensar a respeito – disse Thomas.

– Mais uma persuasão.

– Deixe-a em paz agora.

–Não. Ouça–me. Sei que não confia nos gnósticos de Rukenau, e na verdade, boa parte do tempo eles também me confundem... mas o Domus Mundi não é uma ilusão. É glorioso, Thomas. Você vai ficar surpreso

quando se mover dentro dele e senti-lo se mover em você. Rukenau diz que é uma visão do mundo de dentro para fora...

– E quanto láudano ele faz você tomar antes que tenha essa visão?

– Nenhum. Juro. Eu não mentiria para você, Thom. Se eu achasse que era apenas outro delírio, lhe diria para ficar aqui e pintar pétalas. Mas não é. É algo divino, algo que temos permissão de conhecer se nossos corações forem fortes o bastante. Deus, Thom, imagine as pétalas que você poderia pintar se as estudasse primeiro na semente. Ou no pólen. Ou na seiva que faz um broto surgir de um ramo.

– É isso que o Domus Mundi mostra a você?

– Bem, para ser honesto, não ousei ir muito lá dentro. Mas sim, é o que Rukenau diz. E se estivéssemos juntos, poderíamos ir fundo, fundo lá dentro. Poderíamos ver a semente da semente, juro.

Thomas balançou a cabeça.

– Não sei se fico animado ou com medo – disse. – Se o que está me dizendo é verdade, então Rukenau tem um caminho para Deus.

– Acho que sim – Jacob disse com suavidade. Estudava Thomas, que não conseguia mais olhar para ele. – Não vou pressioná-lo por uma resposta agora – disse ele. – Mas preciso ter um sim ou não ao meio-dia de amanhã. Já fiquei aqui mais tempo do que pretendia.

– Amanhã terei me decidido.

– Não fique tão melancólico, Thom – disse Jacob. – Eu queria inspirar você.

– Talvez eu não esteja pronto para a revelação.

– Você está pronto – disse Jacob. – Mais do que eu, certamente. Mais do que Rukenau, provavelmente. Ele trouxe à tona algo que não entende, Thom. Atrevo-me a dizer que você poderia ajudá-lo. Bem, não falemos mais disso hoje. Apenas me prometa que não vai ficar bêbado e resmungão pensando em tudo isso. Sinto medo por você quando fica com esse temperamento vilanesco.

– Não – replicou Thomas. – Ficarei feliz pensando em você, eu e Rosa andando nus o dia inteiro.

– Ótimo – disse Jacob, inclinando-se para tocar a face de Thomas, com barba por fazer. – Amanhã, você vai acordar e se perguntar por que esperou tanto tempo.

Com isso, ele deu as costas a Thomas e começou a se afastar. Se aquele era o fim da lembrança, pensou Will, era difícil ver por que Jacob havia

ficado tão perturbado com a perspectiva de revivê-la. Mas o passado ainda não havia terminado de se desenrolar. No terceiro passo, Will sentiu o mundo inalar novamente, e a luz do sol subitamente ficou mais fraca. Levantou a cabeça para olhar por entre os galhos em flor. Num instante, o céu perfeito havia sido cegado por nuvens e o vento trouxera chuva contra seu rosto.

– Thomas? – perguntou ele, e girando nos calcanhares, olhou na direção do lugar onde o pintor havia estado. Não estava em parte alguma.

Isto é amanhã, pensou Will. *Ele veio buscar a resposta.*

– Thomas? – Jacob tornou a gritar. – Onde você está? – Havia um medo seco em sua voz e um revirar em suas entranhas, como se ele já soubesse que alguma coisa estava faltando.

O arbusto à sua frente balançou, e a raposa vermelha apareceu, mais vermelha hoje do que no dia anterior. Ela lambeu os bigodes enquanto passava, a longa língua cinzenta curvando-se ao redor do focinho. Então desapareceu.

O olhar de Jacob não o acompanhou; foi até o arbusto de roseiras bravas e aveleiras de onde o animal havia emergido.

Ó, Jesus, murmurou uma voz. *Não olhe. Está me ouvindo?*

Will ouvia, mas seus olhos continuavam a examinar o arbusto. Havia algo no chão além do emaranhado; ainda não conseguia ver o que era.

Não olhe, desgraçado!, enfurecia-se Steep. *Está me ouvindo, garoto?*

Ele está falando comigo, pensou Will; *o garoto com quem ele está falando sou eu.*

Rápido!, disse Steep. *Ainda há tempo!* Sua fúria amenizou-se, transformando-se num pedido. *Não há necessidade de vermos isso*, disse ele. *Basta deixar pra lá, garoto. Deixe pra lá.*

Talvez o pedido fosse uma distração feita para ocultar uma tentativa de assumir o controle, pois no instante seguinte a cabeça de Will foi preenchida por um som de cachoeira, e a cena à sua frente soluçou, e tremeluziu, desaparecendo.

No instante seguinte, ele estava de volta à floresta invernal, batendo os dentes, o gosto de sangue salgado na boca, de um lábio mordido. Jacob ainda estava à sua frente, lágrimas correndo pelos olhos.

– Chega... – disse ele. Mas a distração, intencional ou não, apenas manteve a memória à distância por um momento. Então o mundo tornou a sacudir, e Will voltou ao corpo trêmulo de Jacob, de pé na chuva.

O resto da resistência de Jacob parecia ter-se derretido. Embora o olhar do homem houvesse voejado das flores durante sua breve partida, bastava Will chamá-lo de volta à roseira e ele ia diligente.

Houve um último e exausto som do homem que poderia ter sido uma palavra de protesto. Se era, Will não conseguiu captá-la, e não teria agido sobre a objeção, de qualquer maneira. Era o mestre daquela anatomia agora: olhos, pés e tudo o que havia entre eles. Podia fazer o que quisesse com eles, e naquele instante, não queria correr, comer ou mijar queria ver. Ordenou os pés de Steep a se moverem, e eles o levaram para a frente, até que ele pudesse ver o que o arbusto estava ocultando.

Era Thomas, o pintor, claro. Quem mais? Ele estava deitado de costas na grama molhada, as sandálias e calças e a camisa manchada jogadas de qualquer maneira ao seu redor, o cadáver transformado numa palheta com cores próprias. Onde o pintor havia exposto a pele ao sol ao longo dos anos – seu rosto e pescoço, braços e pés –, estava bronzeado com um siena avermelhado. Onde andara coberto, ou seja, em todos os demais lugares, era de um branco doentio. Aqui e ali, nos abismos ossudos de seu peito e no vale de seu abdômen, e nas axilas, tinha pelos encaracolados. Mas havia sobre ele cores bem mais chocantes que aquelas. Uma mancha de escarlate vivido na sua virilha, onde a raposa se banqueteara em seu pênis e testículos. E, acumulando-se em poças nos potes de tinta de seus olhos, o mesmo tom brilhante, onde os pássaros lhe haviam tomado a visão. E ao longo de seu flanco uma fatia de gordura vivida exposta pelos dentes ou bico de uma criatura querendo partilhar de seu fígado e pulmões. Era um amarelo mais radiante que manteiga.

Contente agora?, murmurou Jacob.

Se essa pergunta era para seu ocupante ou o cadáver à sua frente, Will não se atreveu a perguntar. Ele havia arrastado Jacob para reviver aquela visão terrível contra a vontade do homem, e agora sentia vergonha pelo que havia feito. E também estava enjoado. Não pela visão do corpo. Isso não o incomodava particularmente; não era mais horrível que a carne pendurada na vitrine de um açougue. O que o fazia querer desviar o olhar era o pensamento de que aquela coisa à sua frente era provavelmente como Nathaniel havia ficado, uma ferida a mais ou a menos. Will sempre imaginara Nathaniel de algum modo aperfeiçoado na morte; seus ferimentos apagados por mãos gentis, de forma que sua mãe pudesse se lembrar dele imaculado. Agora ele sabia que era diferente. Nathaniel havia

sido atirado contra a vitrine de uma sapataria. Não havia como esconder feridas tão profundas. Por isso Eleanor havia chorado por meses e se trancado; por isso ela começara a comer pílulas ao invés de pão e ovos.

Ele não havia compreendido como deve ter sido terrível para ela, sentada ao lado do leito de Nathaniel, enquanto ele ia morrendo aos poucos. Mas agora compreendia. E compreendendo, corou de vergonha por sua crueldade.

Ele tivera o bastante. Era hora de fazer o que Steep quisera o tempo todo, e desviar o olhar. Mas agora o sapato estava no outro pé, e Steep sabia disso.

Quer ver mais de perto?, Will o ouviu dizer, e no momento seguinte Steep estava se ajoelhando ao lado do cadáver de Thomas, examinando-o ferida por ferida. Era Will que estremecia agora, sua curiosidade mais que saciada. Mas Jacob não o soltaria agora. *Olhe para ele,* murmurou Steep, seu olhar indo para a virilha mutilada de Thomas. *Aquela raposa fez uma refeição e tanto dele, não foi?* Havia uma alegria falsa no tom de voz de Steep. Ele sentia isso tão profundamente quanto Will; talvez até mais. *Bem-feito para ele. Ele devia ter tido algum prazer com seu pau enquanto ainda o tinha balançando entre as pernas. Coitado do Thomas; era patético. Rosa tentou seduzi-lo mais de uma vez, mas ele não ficou duro uma vez sequer. Eu disse a ele: se você não quer Rosa, que tem tudo o que um homem poderia querer numa mulher, então você não pode querer mulher alguma. Você é um sodomita, Thom. Ele disse que eu estava sendo muito simplista.*

Steep inclinou-se e olhou mais de perto a ferida. Os dentes afiados da raposa haviam feito um belo trabalho. Se não fosse pelo sangue e alguns restos de tecido, o homem poderia ter nascido sem sexo. – Bom, agora você é que está parecendo muito simples, Thomas – disse Steep, desviando o olhar da virilha rasgada para a cabeça cega.

Havia outra cor ali, que Will não tinha reparado até aquele momento. Nas superfícies internas dos lábios do pintor, e em seus dentes e língua, um tom de azul.

– Você se envenenou, não foi? – disse Steep. Ele se inclinou mais perto do rosto de Thomas. – Por que você fez uma coisa tão idiota? Certamente não foi por causa de Rukenau. Eu teria protegido você dele. Não prometi? – Estendeu a mão e acariciou o rosto do homem com as costas dos dedos, do jeito que fizera ao se despedirem no dia anterior. – Não falei que você

estaria mais seguro com Rosa e comigo? Oh, Deus, Thom. Eu não teria visto você sofrer. – Ele se afastou do corpo, e numa voz mais alta da que havia usado até então, como se fizesse uma declaração formal, disse: – A culpa é de Rukenau. Você lhe deu seu gênio; ele te pagou em loucura. Isso faz dele no mínimo um ladrão. Não o servirei depois disso. E jamais o perdoarei. Ele pode ficar em sua casa maldita para sempre, mas não me terá por companhia. E nem Rosa. – Levantou-se. – Adeus, Thom – disse, com mais suavidade. – Você teria gostado da ilha. – Então deu as costas ao corpo, assim como dera as costas ao homem vivo no dia anterior, e partiu.

Ao fazer isso, a cena começou a tremeluzir e desaparecer, o padrão da chuva, as rosas e o corpo que jaziam debaixo de ambos, diminuindo numa fração de segundo. Mas, nesse meio tempo, Will captou um vislumbre da raposa, olhando de volta para ele no limite das árvores. Um raio de sol havia perfurado as nuvens de chuva e encontrado o animal, escavando seus flancos magros, cabeça afilada e pelo levemente dourado. Não havia nada de contrito em seu olhar, nenhuma vergonha por ter-se alimentado de partes pudendas hoje. *Sou um animal*, seu olhar parecia dizer*, não se atreva a me julgar.*

Então ambos desapareceram – a raposa e o sol que a abençoava – e Will estava de volta à floresta escura sobre Burnt Yarley. À sua frente ficava Jacob, a mão ainda segura pela de Will.

– Foi o bastante? – perguntou Steep.

À guisa de resposta, Will simplesmente soltou a mão do homem. Sim, era o bastante. Mais que o bastante. Olhou ao seu redor, para ter certeza de que nada do que havia testemunhado permanecia, reconfortado pelo que via. As árvores mais uma vez não tinham folhas, o chão estava congelado; e os únicos cadáveres sobre ele eram os de dois pássaros, um quebrado, o outro esfaqueado. Na verdade, ele não tinha a menor certeza de que aquela era sequer a mesma floresta.

– Aquilo... aconteceu aqui? – perguntou ele, olhando para Jacob.

O rosto manchado de lágrimas do homem estava macilento, seus olhos esgazeados. Levou alguns instantes para concentrar sua atenção sobre a questão.

– Não – respondeu por fim. – Simeon viveu em Oxfordshire naquele ano...

– Quem é Simeon?

– Thomas Simeon, o homem que você acabou de conhecer.

Will experimentou pronunciar o nome para si.

– Thomas Simeon...

– Era julho de 1730. Ele tinha vinte e três anos de idade. Envenenou-se com seus pigmentos, que ele próprio misturou. Arsênico e azul-celeste.

– Se aconteceu em outro lugar – disse Will – por que se lembrou?

– Por sua causa – Jacob respondeu suavemente. – Você o trouxe à mente, de várias formas, e não apenas numa. – Desviou o olhar de Will, para olhar as árvores na direção do vale. – Eu o conhecia desde que ele tinha a sua idade. Era como se fosse da minha gente. Gentil demais para este mundo de ilusões. Ele ficava louco, tentando achar seu caminho por esta Criação dissoluta. – Olhou de volta para Will, os olhos aguçados como sua lâmina. – Deus é um covarde e um exibido, Will. Você vai entender por quê, ao longo dos anos. Ele se esconde por trás de um show vistoso de formas, gabando-se de que Suas obras são boas. Mas Thomas sabia mais. Mesmo em seu penoso estado, ele era mais sábio que Deus. – Jacob levantou a palma da mão na frente do rosto, o dedinho estendido. O significado do gesto era perfeitamente claro. Tudo o que faltava era a pétala. – Se o mundo fosse um lugar mais simples, não nos perderíamos nele – disse ele. – Não ficaríamos sempre famintos por novidades. Não iríamos sempre querer algo novo, sempre algo novo! Viveríamos do jeito que Thomas queria viver, assombrados pelos mistérios de uma pétala. – Enquanto falava, Steep pareceu ouvir a angústia em sua própria voz, e transformou-a em gelo. – Você cometeu um erro, garoto – disse ele, a mão se fechando num punho. – Você bebeu onde não era inteligente beber. Minhas lembranças estão em sua cabeça agora. E Thomas também. E a raposa. E a loucura.

Will não gostava do som disso tudo.

– Que loucura? – perguntou.

– Você não pode ver tudo o que viu, não pode saber o que agora ambos sabemos, sem algo de amargo. – Ele levou o polegar ao meio do crânio. – Você comeu daqui, *wunderkind*, e nenhum de nós dois jamais poderá ser o mesmo novamente. Não fique tão assustado. Você foi corajoso o bastante para ter vindo comigo até aqui...

– Mas só porque você estava comigo...

– O que o faz pensar que algum dia iremos nos separar depois disto?

– Quer dizer que ainda podemos fugir juntos?

– Não, isso não será possível. Vou ter de manter você a uma distância – uma grande distância – pelo nosso próprio bem.

– Mas você acabou de dizer...

– Que nunca mais iríamos nos separar. Não iremos. Mas isso não quer dizer que você vá ficar ao meu lado. Haveria muita dor para nós dois, e não desejo isso para você, assim como não desejo para mim.

Ele estava falando de jeito que falaria com um adulto, Will sabia e isso amenizava um pouco da decepção. Essa conversa de dor entre eles, de lugares onde Jacob não queria olhar: aquele era o vocabulário que um homem usaria falando com outro. Ele se diminuiria aos olhos de Jacob se respondesse como uma criança petulante. E de que adiantaria? Estava claro que Jacob não iria mudar de idéia.

– Então... para onde você vai agora? – Will perguntou, tentando ser casual.

– Vou continuar com meu trabalho.

– E que trabalho é esse? – perguntou Will. Jacob havia falado de seu trabalho diversas vezes, mas jamais fora específico a respeito.

– Você já sabe mais do que é melhor para qualquer um de nós – respondeu Jacob.

– Eu sei guardar segredos.

– Então guarde o que você sabe – disse Jacob. – Aí... – levou o punho ao peito –... onde só você pode tocar.

Will fez um punho com seus dedos dormentes e repetiu o gesto de Jacob. Isso lhe valeu um sorriso fraco.

– Ótimo – disse ele. – Ótimo. Agora... vá para casa.

Aquelas eram as palavras que Will havia esperado tanto não ouvir. Ouvi-las agora, sentiu lágrimas ferindo os olhos. Mas disse a si mesmo que não ia chorar – não ali, não agora – e eles recuavam. Talvez Jacob tivesse visto o esforço que ele fizera, porque seu rosto, que estava severo, ficou mais suave.

– Talvez nos encontremos novamente, em algum lugar ao longo do caminho.

– Você acha?

– É possível – disse ele. – Agora volte para casa. Deixe-me meditar sobre o que perdi. – Ele suspirou. – Primeiro o livro. Depois Rosa. Agora você. – Ele levantou um pouco a voz. – Eu disse: vá!

– Você perdeu um livro? – perguntou Will. – Sherwood o pegou. – Will esperou, ousando esperar que a informação pudesse lhe dar uma recompensa. Pelo menos mais uma hora na companhia de Jacob.

– Tem certeza?

– Tenho! – disse Will. – Não se preocupe, eu vou lá pegar dele. Eu sei onde ele mora. Vai ser fácil.

– Não minta para mim – avisou Jacob.

– Eu não faria isso – disse Will, ofendido com a acusação. – Juro.

Jacob assentiu.

– Acredito em você – disse ele. – Você seria de grande serviço para mim se pusesse o livro de volta às minhas mãos.

Will sorriu.

– É tudo o que eu quero fazer. Quero ser de serviço.

XII

i

Não houve magia na descida: nenhuma sensação de antecipação, nenhuma mão forte na nuca de Will para ajudá-lo a passar pelas rochas escorregadias de neve. Jacob já havia tocado o quanto queria. Will foi deixado por sua própria conta e risco, o que queria dizer que ele caía repetidamente. Por duas vezes ele deslizou vários metros em sua descida, machucando-se e se arranhando em pedregulhos enterrados quando tentou parar. Foi uma fria, dolorosa e humilhante jornada. Desejou que ela terminasse logo.

A meio caminho do chão, entretanto, sua angústia foi completada pelo reaparecimento de Rosa McGee. Ela apareceu da penumbra chamando Jacob, um alarme suficiente em sua voz para que ele pedisse a Will que esperasse enquanto falava com ela. Rosa estava visivelmente agitada. Embora Will não conseguisse ouvir nada da conversa, viu Jacob pôr uma mão tranquilizadora sobre ela, assentindo e ouvindo, então respondendo com a cabeça próxima da dela. Depois de talvez um minuto, ele voltou a Will e lhe disse: – Rosa teve um probleminha. Vamos ter de tomar cuidado.

– Por quê?

– Não faça perguntas – replicou Jacob. – Só aceite minha palavra. Agora... – apontou para baixo. – precisamos correr.

Will fez o que lhe foi dito, e continuou a descer a encosta. Lançou um olhar para Rosa, e viu que ela havia se agachado sobre uma rocha plana, da qual parecia estar olhando para o Fórum. Será que ela havia sido expulsa, pensou ele? Será que toda aquela tensão era por isso? Provavelmente jamais saberia. Mais cansado e desanimado a cada passo, prosseguiu a descida.

Havia, ele viu, um bocado de atividade nas ruas do vilarejo: vários carros com os faróis acesos; pessoas aglomeradas em grupos aqui e acolá. As portas de muitas casas estavam abertas, e as pessoas estavam de pé nos degraus em suas roupas de dormir, observando eventos.

O que está acontecendo? – Will se perguntou em voz alta.

– Nada com que devamos nos preocupar – respondeu Jacob.

– Não estão procurando por mim, estão?

– Não, não estão – disse Jacob.

– É ela, não é? – perguntou Will, o mistério da tensão de Rosa subitamente solucionado. – Estão atrás de Rosa.

– Sim, receio que sim – respondeu Jacob. – Ela se meteu em confusão. Mas é perfeitamente capaz de se cuidar. Por que não paramos um instante e examinamos nossas opções? – Will parou sem vontade, e Jacob desceu a encosta um passo ou dois, até estarem apenas uns dois metros de distância. Era o mais perto que ele estivera de Will desde a floresta. – Pode ver daqui onde seus amigos moram?

– Posso.

– Pode apontar para mim, por favor?

– Está vendo que atrás daquele carro de polícia estacionado tem uma curva na estrada?

– Estou vendo.

– Tem uma rua logo depois da curva, para a esquerda, viu?

– Também estou vendo.

– Aquela é a Samson Road – disse Will. – Eles moram na casa ao lado do ferro-velho.

Jacob ficou calado por alguns segundos enquanto estudava o desenho da terra.

– Eu posso pegar o livro pra você – Will o lembrou, caso ele estivesse pensando em ir sozinho.

– Eu sei – disse Jacob. – Estou confiando em você. Mas não acho que seria muito inteligente para nós simplesmente caminharmos no meio do vilarejo agora.

– Podemos dar a volta por trás – disse Will. Ele apontou uma rota que levariam mais meia hora para completar, mas os manteria longe de testemunhas.

– Parece a opção mais inteligente – disse Jacob. Tirou a luva da mão direita, e enfiou a mão no casaco para tirar a faca. – Não se preocupe – disse ele, captando o olhar ansioso de Will. – Não a tentarei com sangue humano a menos que seja estritamente necessário.

Will estremeceu. Uma hora antes, escalando a colina com Jacob, ele sentira a maior felicidade de sua vida; a sensação daquela lâmina fizera sua palma tremer de prazer, e as pequenas mortes que provocara o

encheram de orgulho. Agora tudo aquilo parecia outro mundo, outro Will. Olhou para suas mãos. Jamais acabaria de lavá-las, e até mesmo na penumbra ele podia ver que elas ainda estavam manchadas com o sangue do pássaro. Sentiu um espasmo de nojo por si mesmo. Se pudesse ter fugido naquele momento, ele o teria feito. Mas isso teria levado Jacob a procurar o livro por conta própria e Will não se atrevia a arriscar isso. Não enquanto Steep estivesse com aquela sua faca, Will sabia de experiência própria como ela podia ser senhora de si; como ficava ansiosa para fazer estragos.

Dando as costas ao homem e à faca, retomou a descida, não mais levando direto ao vilarejo, mas ao seu redor, para levá-los à porta dos Cunningham sem que fossem descobertos.

ii

Quando Frannie acordou, o relógio ao lado da cama marcava cinco e vinte e cinco. Ela se levantou de qualquer maneira, sabendo que o pai, que sempre fora madrugador, também estaria de pé nos próximos quinze minutos.

Na verdade, ela o encontrou na cozinha, já inteiramente vestido, servindo-se de um pouco de chá e fumando um cigarro. Deu-lhe um sorriso um pouco amargo de boas-vindas.

– Tem alguma coisa acontecendo lá fora – disse ele, colocando açúcar no chá. – Vou ver o que está havendo.

– Come um pouco de torrada primeiro – disse ela. Não esperou resposta. Tirou uma bisnaga da cesta de pão, foi até a gaveta e pegou a faca; então foi até o fogão, para ligar o grill, e voltou para fatiar o pão; e o tempo inteiro, de um lado para o outro, pensava em como era estranho fingir que não havia nada realmente diferente no mundo naquela manhã, quando sabia em seu coração que não era verdade.

Foi seu pai quem finalmente falou, de costas para ela enquanto olhava pela janela da cozinha.

– Não sei – disse ele. As coisas que estão acontecendo estes dias... – Balançou a cabeça. – Costumavam ser mais seguras para as pessoas.

Frannie havia enfiado duas fatias grossas de pão embaixo do grill, e tirando sua caneca favorita do armário, serviu-se de um pouco de chá. Como o pai, encheu o chá de açúcar. Eram os dois bicos doces da família.

– Às vezes tenho medo por você – disse seu pai, virando-se para olhar para Frannie. – O jeito como o mundo está indo.

– Vou ficar bem, pai – ela disse.

– Eu sei que vai – disse ele, embora sua expressão lhe traísse as palavras. – Vamos todos ficar bem. – Abriu os braços para ela, e ela foi até ele, abraçando-o com força. – Só que, à medida que você for ficando mais velha – disse ele – vai ver que existem mais coisas ruins lá fora do que boas. É por isso que a gente se esforça muito para criar um lugar seguro para as pessoas que amamos. Algum lugar onde você possa trancar a porta. – Ele balançou-a em seu abraço. – Você é minha princesinha, sabia?

– Eu sei – ela disse, sorrindo para ele.

Um carro de polícia passou rugindo, soando a sirene. A felicidade se desvaneceu do rosto de George Cunningham.

– Vou passar manteiga nas torradas – disse Frannie, batendo no peito dele. – Isso vai fazer com que a gente se sinta melhor. – Ela puxou as fatias de baixo do grill e as virou. – Quer um pouco de marmelada?

– Não, obrigado – disse ele, observando-a enquanto ela se virava pela cozinha: foi até a geladeira apanhar manteiga, voltou ao fogão, pegou a torrada quente e colocou-a num prato. Então passou a manteiga, do jeito que ela sabia que ele gostava.

Pronto – disse ela, oferecendo-lhe a torrada. Ele devorou-a, murmurando sua aprovação.

Agora ela só precisava de leite para seu chá. A embalagem estava vazia, mas o leiteiro já deveria ter chegado, portanto ela foi até a porta da frente para apanhar a entrega.

A porta da frente havia sido trancada no alto e embaixo, o que não era comum. Seus pais obviamente haviam ido dormir nervosos. Frannie esticou o braço e destrancou a parte de cima, então se abaixou para destrancar a parte de baixo, abriu a porta.

Ainda não havia sinal do dia; nem uma luz. Ia ser um daqueles dias de inverno em que a luz mal parecia tocar o mundo antes de tornar a desaparecer. Mas a neve havia parado de cair, e a rua parecia uma cama bem-feita à luz dos postes, travesseiros brancos fofos empilhados contra paredes, e colchas de retalhos estendidas sobre tetos e calçadas. Ela achou a visão reconfortante em sua beleza. Lembrou-a de que o Natal em breve estaria chegando, e haveria motivos para canções e risos.

O alpendre estava vazio; o leite ia ser entregue com atraso hoje. Bom, pensou ela, vou ter de tomar chá sem ele.

E então, o som de pés amassando a neve. Ela levantou a cabeça e viu que alguém havia aparecido no lado oposto da rua. Quem quer que fosse, estava além da luz do poste, mas só por alguns segundos. Percebendo que fora visto, saiu da penumbra cinzenta e se aproximou da luz. Era Will.

XIII

i

Rosa aguardava na pedra, escutando, escutando. Chegariam a ela em breve, seus perseguidores. Podia ouvir cada ranger de suas botas cobertas de neve enquanto acompanhavam sua trilha subindo a colina até onde estava sentada. Um deles – eram quatro – fumava enquanto escalava (ela podia ver o pontinho minúsculo de seu cigarro, brilhando sempre que dava uma tragada); um deles era jovem, a respiração mais fácil do que a de seus companheiros; um outro tirava um frasco de brandy de vez em quando e, quando oferecia ao seu redor, tinha a voz caracteristicamente arrastada. O quarto estava mais quieto que os outros, mas às vezes, se ela escutasse com muito cuidado, achava que o ouvira murmurar alguma coisa para si mesmo. Estava muito indistinta para ela entender, mas suspeitava de que era uma oração.

Suas conversas com Jacob haviam sido bastante diretas. Ela admitira livremente o que fizera no Fórum, e lhe disse que era melhor ele se mandar antes que a turba chegasse. Ele lhe dissera que não deixaria as redondezas ainda; tinha trabalho a fazer no vilarejo. Quando ela lhe perguntou que espécie de trabalho, ele respondeu que não ia compartilhar segredos com uma mulher que provavelmente estaria sob interrogatório antes do amanhecer.

– Isso é uma ameaça, Sr. Steep? – perguntou ela.

– Acho que você pode encarar dessa forma – ele havia respondido.

– Você teria as mortes deles na minha consciência? – ela perguntara, ao que ele respondera:

– Que consciência?

A resposta dele a divertira demais, e por alguns instantes, ali de pé na encosta do morro com Jacob, quase parecera com os velhos tempos.

– Bem – disse ela. – Agora você foi avisado.

– Isso é tudo que você vai fazer? – Jacob havia respondido. – Me avisar e depois ir embora?

– O que mais você sugere? – ela perguntou com um sorrisinho.

– Quero que você se certifique de que eles não virão atrás de mim.

– Então diga – ela sussurrou. – Diga: *Mate-os para mim, Rosa.* Ela chegara mais perto dele; as batidas do coração dele haviam acelerado. Ela o ouvira, alto e claro. – Se você os quer mortos, Jacob, então é só pedir. – Os lábios dela estavam tão perto da orelha dele que quase se tocavam. – Ninguém vai saber, a não ser nós.

Ele não dissera nada por alguns segundos, e então, naquela sua voz resignada, murmurara as palavras que ela queria ouvir.

– Mate-os para mim. – E então seguira seu caminho com o garoto.

Agora ela esperava, sentindo-se completamente feliz. Embora ele tivesse estado disposto a matá-la algumas horas antes, ela achava cada vez mais que seria melhor que ambos fizessem as pazes. Ela realizara sua vingança pelo atentado contra sua vida, e por isso estava disposta a esquecer o incidente, se as coisas pudessem ser curadas permanentemente entre eles. E podiam, ela tinha certeza; com um pouco de trabalho, um pouco de paciência. Talvez a relação dos dois nunca mais pudesse ser o que havia sido antes não havia mais tentativas de ter filhos – quanto a isso, ela estava resignada – mas um casamento saudável não era esculpido em pedra. Ele mudava; se aprofundava e amadurecia. Era como podia ser entre Jacob e ela, pouco a pouco. Aprenderiam um respeito renovado um pelo outro; encontrariam formas novas de expressar sua devoção.

O que a levava de volta ao propósito daquela vigília na rocha. Que modo mais perfeito de demonstrar seu amor do que aquele: cometer assassinato por ele?

Conteve a respiração, e escutou com atenção. O homem da voz lenta estava reclamando da escalada; não conseguiria ir mais longe, estava dizendo. Teria de deixar que fossem sem ele.

– *Não, não...* – ela disse suavemente para si mesma. Estava pronta para tirar quatro vidas, e tiraria quatro. Sem desculpas.

Enquanto os homens discutiam, ela tomou sua própria decisão: nada mais de esperar. Se iam prevaricar, então ela tomaria o controle dos eventos e iria até eles. Respirando bem fundo, levantou-se de sua posição agachada, desceu da rocha e, de forma quase infantil, tamanha a expectativa, começou a retraçar seus passos até onde estavam suas vítimas.

Will parecia terrível. Rosto cinzento, roupas rasgadas e encharcadas, seu passo um arrastar manco. Para Frannie, ele parecia um morto. Morto, mas voltando no meio da noite para dizer adeus.

Ela tirou essa estupidez da cabeça. Will precisava de ajuda: isso era tudo o que importava agora. Embora ela estivesse descalça, saiu do limiar e foi em sua direção, as pernas afundando até o tornozelo na neve.

– Venha para cá, está quente aqui – ela lhe disse.

Ele balançou a cabeça.

– Não há tempo – disse ele. Soava tão doente quanto parecia. – Só vim pegar o livro de volta.

– Você contou a ele?

– Sim... Tive que contar... – disse Will. - O livro é dele, Frannie, e ele o quer de volta.

Ela parou de avançar, percebendo subitamente sua ingenuidade. Will não estava ali desacompanhado. Jacob Steep estava com ele. Não podia vê-lo, estava em algum lugar na escuridão além da luz do poste, mas perto. Era por isso que Will parecia tão doente, ela se perguntou? Será que Steep o havia machucado de algum modo? Mantendo a cabeça direcionada para Will, ela buscou um sinal de movimento nas sombras atrás dele. De algum modo, ela tinha de tirar Will da rua e fazê-lo voltar à segurança da casa, sem despertar as suspeitas de Steep.

– O livro está lá em cima – ela disse da forma mais casual que pôde.

– Entre enquanto eu pego ele pra você.

Will balançou a cabeça, mas mostrou hesitação suficiente antes para que ela achasse que ele estava tentado a entrar no calor se ela insistisse um pouquinho mais.

– Vamos lá – disse ela. – Não levo mais que um ou dois minutos. Tem chá. E torrada com manteiga... (ela sabia que essas coisas eram simples rotinas domésticas, se colocadas contra qualquer domínio que Steep tivesse sobre ele; provavelmente dignas de pena no esquema das coisas, mas eram tudo o que ela tinha).

– Não quero... entrar – disse ele.

Ela deu de ombros.

– Ok – ela disse com suavidade. – Vou buscar o livro. – Ela voltou para a casa, já se perguntando o que iria fazer assim que entrasse. Será que ela

deixava a porta aberta, esperando atrair Will para dentro, ou a fechava, protegendo sua casa e sua família do homem que observava nas sombras.

Optou pelo meio-termo: deixou a porta aberta um centímetro caso Will mudasse de ideia. Então, batendo os dentes, começou a subir as escadas. Da cozinha, seu pai falou:

– Pegou o leite?

– Vou descer num minuto, pai – ela gritou, e correu para o quarto. Sabia exatamente onde havia escondido o livro, claro: estava nas suas mãos em segundos, e já descia para o hall quando ouviu Sherwood perguntar: – O que está fazendo?

Ela olhou para o patamar, tentando esconder o livro de sua vista cansada. Mas não foi rápida o bastante.

– Para onde está levando isso? – perguntou ele, andando até o alto das escadas para persegui-la.

– Fique aí! – ela ordenou, imitando o tom mais severo de sua mãe. – Estou falando sério, Sherwood.

Sua instrução não reduziu nem um pouco a velocidade dele. Pior ainda, levou seu pai para fora da cozinha, silenciando-a.

– Você vai acordar sua mãe, Frannie... – Seu olhar foi da escada para a porta, que o vento havia escancarado. – Por isso havia uma corrente de ar tão grande! – disse ele, indo fechá-la.

Entrando em pânico, ela disparou escada abaixo para interceptá-lo.

– Eu fecho! Tudo bem!

Mas era tarde demais. Seu pai chegou lá antes dela, olhou para fora. E viu Will.

– Que diabos está acontecendo? – perguntou ele, olhando para Frannie, que agora estava apenas a um metro atrás dele. – Você sabia que ele estava aqui?

– Sabia, pai...

– Meu Deus do Céu! – disse ele, levantando a voz. – Vocês crianças não têm juízo? William? Venha pra cá agora. Está me ouvindo?

Frannie conseguia ver Will por cima do ombro do pai, e esperou remotamente que ele pudesse obedecer. Mas ao invés disso ele recuou alguns passos.

– Volte aqui! – Exigiu George, saindo da casa para dar mais peso

à sua ordem.

– Pai, não... – começou Frannie. – Cale a boca! – gritou seu pai.

– Ele não está sozinho, pai – disse Frannie.

Foi o bastante para reduzir a velocidade de seu pai.

– O que está dizendo?

Frannie alcançou a porta da frente.

– Por favor, deixe ele em paz.

O temperamento sob tensão de seu pai explodiu.

– Vá para dentro! – berrou ele. – Está me ouvindo, Frances? – Ela tinha certeza de que a vizinhança inteira tinha ouvido. Seria apenas uma questão de tempo antes que todo mundo estivesse na rua, fazendo perguntas. O melhor para todo mundo era que ela pusesse o livro nas mãos de Will e o deixasse entregá-lo a Steep. Era propriedade de Steep, no fim das contas. Todo mundo ficaria muito melhor se o livro voltasse a quem de direito.

Mas antes que pudesse desafiar a ordem do pai e sair, Sherwood agarrou-a.

– Quem está lá fora? – perguntou ele, hálito matinal podre, a mão grudenta.

– É só o Will – mentiu ela.

– Você está mentindo, Frannie – disse ele. – São eles, não são? – Ele olhava a escuridão atrás dela agora. – *Rosa?* – perguntou baixinho. Então, dizendo: *O livro é meu!*, tentou arrancá-lo de Frannie. Ela se recusou a entregá-lo. Usando toda a sua força, ela empurrou o irmão com força no meio do peito, fazendo com que voltasse para o hall. A Sra. Cunningham estava descendo as escadas, exigindo saber o que estava acontecendo, mas Frannie ignorou-a e voltou para a neve, bem a tempo de ver seu pai se aproximando de Will, que parecia não ter forças para recuar. Seu rosto cinzento estava macilento, e o corpo cambaleava.

– *Não...* – Frannie o ouviu dizer, quando seu pai estendeu a mão para ele. Então, quando o Sr. Cunningham colocou a mão sobre ele, Will desmaiou, os olhos rolando para trás das pálpebras trêmulas.

Frannie não ficou para ver o estado em que ele estava. Passou correndo pelo pai, que estava tendo dificuldade demais evitando que o peso morto de Will os levasse ambos ao chão para impedi-la, e para o meio da rua. Ela levantou o diário ao fazê-lo, bem acima da cabeça, onde Steep podia vê-la.

– Isto é o que você quer – disse ela, quase sem fôlego. – Venha buscar.

Ela girou trezentos e sessenta graus, esperando que ele aparecesse. Lá estava sua mãe na porta da frente, exigindo que ela entrasse naquele instante. Lá estava sua vizinha, a Sra. Davies, de pé na porta da frente com

seu terrier Benny latindo. Lá estava o leiteiro, Arth Rathbone, saindo de sua van, com um olhar intrigado no rosto.

E então, quando ela iniciou o segundo giro, lá estava Steep aproximando-se dela a passos firmes, a mão enluvada já esticada para reclamar seu prêmio. Ela queria manter a maior distância possível entre o inimigo e a porta da frente de sua casa, e por isso não esperou que ele chegasse a ela, mas foi encontrá-lo no lado oposto da rua. Curiosamente, ela só sentiu um pouquinho de medo. Aquela rua era seu mundo: a mãe ralhando, o cão latindo, o leiteiro e tudo o mais. Ele tinha pouca autoridade ali, mesmo na escuridão.

Estavam a dois metros um do outro agora, e ela podia ver melhor a expressão do rosto dele. Ele estava feliz, os olhos grudados no livro nas mãos dela.

– Boa garota – murmurou para ela, e puxou o livro de suas mãos antes que ela sequer se desse conta disso.

– Ele não quis levá-lo – ela gritou para ele, caso estivesse achando ruim com Sherwood. – Não sabia que era importante. – Steep assentiu. – É importante mesmo, não é? – perguntou ela, esperando, sem acreditar, que ele deixasse uma pista, por mais vaga que fosse, quanto à natureza do conteúdo do livro. Mas, se ele compreendeu as intenções dela, não iria entregar nada. Ao invés disso, disse:

– Peça a Will para observar o Senhor Raposa, sim?

– Senhor Raposa?

– Ele vai entender – disse Steep. – Ele faz parte da loucura agora.

Com isso, deu as costas a ela e foi embora, descendo a rua: passou pelo ferro-velho de seu pai, Arthur Rathbone, que sabiamente saiu de seu caminho, passou pela caixa postal na esquina, e desapareceu.

Ela ficou olhando a esquina por vários segundos após a partida dele, surda aos soluços, gritos e latidos. Subitamente se sentiu roubada. Um mistério havia escapado por entre suas mãos, e agora ela jamais o solucionaria. Tudo o que tinha a envergonhá-la agora eram suas lembranças daquelas páginas e seus minúsculos hieróglifos, dispostos como uma parede construída para evitar que ela compreendesse o que havia do outro lado.

– Frannie?

A voz de sua mãe.

– Quer voltar para cá?

Mesmo agora, embora Steep já tivesse ido há muito tempo, era difícil para Frannie desviar o olhar.

– Agora, Frannie!

Por fim, ela voltou com relutância o olhar na direção da casa. Seu pai havia conseguido meio carregar, meio arrastar, onde sua mãe estava, abraçando Sherwood.

Eles iam pagar o diabo agora, pensou Frannie. Perguntas e mais perguntas e nenhuma chance de esconder nada. Não que importasse depois daquela noite. Will estava de volta, suas aventuras terminadas antes mesmo de começar: ela não precisava protegê-lo com mentiras. Tudo o que restava era contar a verdade, por mais estranha que fosse, e aguentar as consequências. Com o coração pesado e as mãos vazias, ela voltou para a porta, onde Sherwood soluçava contra o peito da mãe, soluçando como se nunca mais fosse parar.

XIV

Três horas depois, com o dia nublado nascendo, e uma segunda nevasca a caminho, Jacob e Rosa se encontraram na estrada para Skipton, alguns quilômetros a norte do vale. Não haviam combinado explicitamente de se encontrar ali, mas chegaram ao lugar (vindos de direções diferentes: Jacob do vale propriamente dito, Rosa de sua pedra nas colinas) a cinco minutos um do outro, como se o encontro tivesse sido planejado.

Rosa estava meio confusa quanto ao que havia realmente feito aos seus perseguidores, mas havia se tornado uma caçada e tanto, disso ela sabia.

– Um deles correu sem parar – disse ela. – E eu estava tão louca quando o alcancei que... que... – Ela parou, franzindo a testa. – ... eu sabia que era terrível, porque ele era que nem um bebê, sabe? O jeito como eles ficam. – Ela deu uma gargalhada. – Homens – ela disse. – São todos bebês. Bem, todos não. Você não, Jacob.

Uma rajada de vento cheia de neve trouxe o som de sirenes para a direção deles.

– Devíamos seguir nosso caminho – disse Jacob, olhando um lado e outro da estrada. – Para que lado quer ir?

– O lado que você tomar – ela respondeu.

– Quer ir comigo?

– Você não?

Jacob limpou o nariz, que estava escorrendo, com as costas da luva.

– Acho que sim – disse. – Pelo menos até eles terem desistido de procurar por nós.

– Ah, que venham – disse Rosa, com um sorriso amargo. – Eu gostaria de rasgar as gargantas deles, uma por uma.

– Você não pode matar todos – disse Jacob.

O sorriso dela ficou mais doce.

– Não podemos? – perguntou, igual a uma criança pedindo algum favor. Isso divertia Jacob, mesmo quando ele não queria. Ela sempre tinha alguma performancezinha para entretê-lo: Rosa, a estudante, Rosa, a mulher do peixeiro, Rosa, a poeta. Agora Rosa, a açougueira, tão ocupada com seus assassinatos que não conseguia se lembrar do que fizera a quem.

Se ele não ia viajar sozinho, então quem melhor de viajar que aquela mulher que o conhecia tão bem?

Só no dia seguinte, lendo The Daily Telegraph num café em Aberdeen, tiveram alguma ideia do que Rosa tinha realmente feito, e mesmo assim o jornal escolhera uma descrição incomum quanto aos detalhes. Dois dos quatro corpos na colina haviam sido desmembrados e algumas partes continuavam desaparecidas. Jacob não lhe perguntara se ela as havia comido, enterrado ou espalhado ao longo de sua rota de fuga, para o deleite da vida selvagem do local. Simplesmente leu o relato, e depois passou-o para Rosa.

– Eles têm boas descrições nossas – observou.

– Dadas pelos garotos – disse ela. - É.

– Eu devia voltar e matá-los – disse Rosa. E acrescentou, com um quê de veneno: – Em suas camas.

– Nós provocamos isso – disse Jacob. – Não é o fim do mundo. – Sorriu para sua Guinness. – Ou talvez seja.

– Eu voto para que a gente vá pro sul.

– Sem objeções.

– Sicília.

– Algum motivo especial?

Ela deu de ombros.

– Viúvas. Poeira. Não sei. Só me ocorreu como um lugar para ficar discretamente, se é o que você quer fazer.

– Não será por muito tempo – disse Jacob, colocando seu copo vazio sobre a mesa. – Sente isso?

– Eu sinto isso.

Ela deu uma gargalhada.

– Adoro quando você sente essas coisas – disse ela, prendendo suavemente a mão dele entre as dela. – Eu sei que andamos dizendo algumas coisas cruéis um para o outro ultimamente...

– Rosa...

– Não, não, me escute. Dissemos algumas coisas cruéis, pra valer, vamos ser honestos, nós quisemos mesmo dizer aquilo tudo. Mas... Eu te amo.

– Eu sei.

– Será que você sabe o quanto eu te amo? – ela comentou, chegando um pouco mais perto dele. – Porque eu não sei. – Ele pareceu intrigado. – O

que sinto por você é tão profundo em mim – vai tão fundo dentro de mim – vai até a minha alma, Jacob – no próprio coração do que eu sou. Não vejo onde termina. – Ela olhava fundo nos seus olhos e ele retribuía o olhar sem piscar. – Entende o que estou te dizendo?

– É verdade para mim...

– Não diga se não for.

– Juro que é verdade – respondeu Jacob. – Entendo tanto quanto você, mas pertencemos um ao outro; admito. – Ele se inclinou um pouco mais e beijou-lhe os lábios sem pintura. Ela tinha gosto de gim; mas além do álcool havia aquele outro gosto, como nenhuma outra boca tinha, a boca de sua Rosa. Se algum homem dissesse a ela naquele instante que ela era menos que perfeita, ele teria matado o filho da puta no ato. Ela era uma maravilha, quando ele a via assim, com olhos de ver. E ele era o homem mais sortudo que existia por estar caminhando sobre a terra com ela. E daí se lhe custasse mais um século para completar seu trabalho? Ele tinha Rosa ao seu lado, um sinal sempre presente do que havia ao fim de sua empreitada.

Beijou-a com mais força, e ela respondeu com beijos seus; profundos, beijos profundos, que o inspiraram a retribuí-los em espécie, até estarem tão envoltos um no outro que ninguém ali ousaria olhar na direção deles, com medo de enrubescer.

Mais tarde, pararam num trecho desolado adjacente aos trilhos de uma linha ferroviária. Ali, com o crepúsculo sobre a ilha, e mais neve, terminaram de fazer o amor que haviam iniciado no Fórum. Não havia escassez de paixão desta vez: estavam entrelaçados tão elaboradamente que um passante num dos muitos trens que passaram voando enquanto eles copulavam, vendo-os de relance deitados ali na terra, poderia ter achado que estava vendo não dois seres, mas um só: um único animal sem nome, agachado ao lado dos trilhos, esperando para atravessar para o outro lado.

XV

i

Will sabia que não estava acordado. Embora estivesse deitado em sua própria cama no que parecia ser seu próprio quarto – embora pudesse ouvir a voz de sua mãe vinda de algum lugar lá embaixo – ele estava sonhando tudo. A prova? Sua mãe não estava falando, estava cantando, em francês, sua voz aguda demais porém doce. Isso era absurdo. Sua mãe odiava o som de sua própria voz quando cantava. Ela murmurava as palavras quando cantavam hinos na igreja. E havia outra prova, ainda mais convincente. A luz que passava por entre as frestas entre as cortinas era de uma cor que ele nunca havia visto antes: um rosa com tons dourados que fazia vibrar tudo aquilo sobre o qual se derramava, como se estivesse cantando uma canção própria, na linguagem da luz. E onde não caía, havia uma quietude profunda, e sombras que tinham seus tons únicos.

– Esses são os sonhos mais estranhos – disse alguém.

Will se sentou na cama.

– Quem está aí?

– Mas não são mesmo? Sonhos dentro de sonhos. São sempre os mais estranhos.

Will estudou a escuridão ao pé de sua cama, de onde emanava essa voz; forçou a vista para ter um quadro mais claro de quem estava falando. O homem vestia vermelho, pensou Will; um casaco de pele, talvez? Um chapéu pontudo?

– Mas acho que é como aquelas bonecas russas, não é? – continuou o homem do casaco. – Sabe do que estou falando? São aquelas bonecas que têm mais bonecas dentro: claro que você sabe. Um homem do mundo como você. Você já viu tanta coisa. Eu só vi um trecho de pântano de uns oito quilômetros quadrados. – Parou por um instante para ruminar algo. – Desculpe meu barulho – disse. – Mas estou com tanta fome... Do que eu estava falando?

– Bonecas.

– Ah, sim. As bonecas. Entende a metáfora? Esses sonhos são iguais a bonecas russas; encaixam-se uns dentro dos outros. – Parou para mastigar

mais um pouco. – Mas aqui está o macete. Isso funciona em qualquer direção...

– Quem é você? – perguntou Will.

– Não me interrompa. Suponho que seja um tanto exagerado, mas imagine que estejamos em algum universo paralelo em que reescrevi todas as leis da Física...

– Quero ver com quem estou falando – insistiu Will.

– Você não está falando com ninguém. Você está sonhando. Eu reescrevi todas as leis da Física e todas as bonecas se encaixam dentro de todas as bonecas, não importa o tamanho.

– Que imbecilidade.

– Está chamando quem de imbecil? – replicou o estranho, e em sua raiva saiu das sombras.

Não era um homem com casaco de pele e chapéu pontudo: era uma raposa. Um sonho de raposa, com a pele queimada, bigodes finos como agulhas e olhos pretos que brilhavam como estrelas negras em sua cabeça de focinho elegante. Ele se equilibrava com facilidade nas patas traseiras, as almofadas das patas dianteiras ligeiramente alongadas, o que as tornava parecidas com dedos rechonchudos.

– Então agora você está me vendo – disse a raposa. Will só podia ver um lembrete, em toda a sua perfeição posuda, da fera que ela havia sido: uma manchinha de sangue na faixa de pelo branco em seu peito.

– Não se preocupe – disse a raposa, olhando as marcas. – Já me alimentei. Mas você se lembra do Thomas.

Thomas...

... morto na grama, os genitais comidos...

– Não me julgue – a raposa o repreendeu. – Fazemos o que temos de fazer. Se há uma refeição a ser feita, você a faz. E começa pelas partes mais tenras. Olhe só o seu rosto. Acredite em mim, você vai colocar muitos *piupius* na boca antes de ficar muito mais velho. – Mais uma vez, a gargalhada. – Essa é a glória do fluxo, você entende? Estou falando com o garoto, mas o homem está ouvindo.

"Isso me faz me perguntar se você realmente sonhou isto, todos aqueles anos atrás. Não é um enigma interessante? Você mentiu com a idade de onze anos e sonhou comigo, que veio lhe dizer sobre o homem que seria quando crescesse, um homem que um dia estaria deitado em coma

sonhando com você, deitado em sua cama, sonhando com uma raposa... – deu de ombros – ... e assim por diante. Entendeu o raciocínio?" – Não.

– Foi só uma ruminação. O tipo de coisa que seu pai provavelmente gostaria de debater, só que ele estaria debatendo com uma raposa e não acho que isso se encaixe em sua visão das coisas. Bem... quem sai perdendo é ele.

A raposa se moveu para o lado da cama, descobrindo um ponto onde a luz caía de forma hipnótica em seu pelo.

– Fico pensando em você – disse ela, estudando Will mais de perto. – Você não parece um covarde.

– Eu não era – protestou Will. – Eu mesmo teria levado o livro para ele, mas as minhas pernas...

– Não estou falando com o garoto que você foi – disse a raposa, olhando com dureza para ele. – Estou falando para o homem que você é.

– Eu não sou... um homem – Will protestou baixinho. – Ainda não.

– Ah, agora pare com isso. Está ficando cansativo. Você sabe muito bem que é um homem crescido. Não pode se esconder no passado para sempre. Pode parecer confortável por algum tempo, mas cedo ou tarde isso te sufoca. Está na hora de acordar, meu amigo.

– Não sei do que você está falando.

– Cristo, você é tão teimoso! – disparou a raposa, perdendo seu ar de civilizado. – Não sei onde você acha que toda essa nostalgia vai te levar! É o futuro que importa. – Inclinou-se para perto da cabeça de Will, até ficarem quase pupila a pupila. – Está me ouvindo aí dentro? – ela gritou. Seu hálito era rançoso, e o fedor lembrou Will do que a criatura havia comido; como ela havia parecido satisfeita ao trotar para longe do cadáver de Simeon. Saber que tudo aquilo era um sonho não o fez se sentir menos intimidado; se a raposa viesse farejando o pouquinho que Will tinha entre as pernas, ele lutaria, mas as chances de perder eram grandes. Sangrando até a morte, em sua própria cama, enquanto a raposa o comia vivo...

– Ó, Deus – disse a raposa. – Já estou vendo que a coerção não vai me levar a lugar nenhum. – Recuou um ou dois passos da cama, farejou e disse: – Posso te contar uma anedota? Bom, vou contar assim mesmo. Aconteceu quando encontrei um cachorro, deitado onde costumo caçar. Não costumo me envolver com raças domesticadas, mas começamos a conversar, como às vezes você faz, e ele disse a mim, ao Senhor Raposa – ele me chamava de Senhor Raposa – ele disse: Às vezes acho que

cometemos um terrível engano, nós cães, ao confiar neles. Falando de sua espécie, meu rapaz. Eu perguntei, por quê? Você não precisa sair para caçar como eu. Não precisa dormir na chuva. Ele disse que isso não tem importância no grande esquema das coisas. Aí eu dei uma gargalhada. Porque desde quando um cachorro algum dia pensou no grande esquema das coisas? Mas justiça seja feita, aquele cão era um pensador.

"Nós fizemos nossa escolha, disse ele. Caçamos para eles, pastoreamos para eles, guardamos os pestinhas deles. Deus sabe que os ajudamos a construir uma civilização, não ajudamos? E por quê? Eu disse que não sabia; estava além da minha compreensão. Porque, disse ele, achávamos que eles sabiam como cuidar das coisas. Como manter o mundo cheio de carne e flores.

Flores?, eu disse. (A pretensão que eu posso aguentar de um cachorro tem limite.) Não seja absurdo. Carne sim. Da carne você quer que eles cuidem. Mas desde quando um cão liga para o cheiro das flores de cerejeira?

Olha, ele ficou muito passado com isso. Esta conversa acabou, ele disse, e foi embora."

A raposa estava agora de volta ao pé da cama de Will.

– Entendeu a mensagem? – ela perguntou a Will.

– Acho que sim.

– Não é hora de dormir, Will. Tem um mundo lá fora precisando de ajuda. Faça isso pelos cães, se preferir. Mas faça. Passe isso para o homem em você. Diga-lhe que acorde. E se não fizer isso... – o Senhor Raposa inclinou-se sobre o pé da cama, e estreitou os olhos brilhantes – ... eu volto e como suas partes tenras no meio da noite. Entendeu? Voltarei tão certo quanto Deus pôs tetas nas árvores. – Sua boca se abriu um pouco mais. Will podia sentir o cheiro da carne no hálito dela. – Entendeu?

– Sim – ele disse, tentando evitar olhar para a fera. – Sim! Sim! Sim!

– *Will.*

– Sim! Sim!

– *Will, você está tendo um pesadelo. Acorde. Acorde.*

Abriu os olhos. Estava em seu quarto, deitado na cama, só que o Senhor Raposa fora embora, juntamente com aquela luz sem nome. No lugar deles, uma presença humana. Perto da cama, a Dra. Johnson, que havia acabado de sacudi-lo e acordá-lo. E, na porta, com uma expressão bem menos compassiva, sua mãe.

– Com o que você estava sonhando, afinal? – a Dra. Johnson quis saber. A palma da mão dela estava pressionada contra a testa dele. – Lembra? – Will balançou a cabeça. – Bem, você teve um febrão e tanto, meu rapaz. Não é de espantar que esteja tendo sonhos estranhos. Mas vai ficar bom. – Puxou um bloco de receitas da maleta e rabiscou alguma coisa nele. – Ele vai precisar ficar de cama – disse ao se levantar para ir embora. – Três dias no mínimo.

ii

Dessa vez Will não teve dificuldades em obedecer; sentia-se tão fraco que não poderia fugir da casa mesmo que quisesse, e não queria. Não tinha motivos para ir a parte alguma agora, não agora que Jacob se fora. Tudo o que queria fazer era colocar um travesseiro sobre a cabeça e se isolar do mundo. E se sufocasse no processo, e daí? Não havia restado nada porque valesse a pena viver, a não ser pílulas, recriminações e sonhos com o Senhor Raposa.

Se as coisas pareceram amargas quando ele despertou, ficaram ainda piores duas horas depois, quando dois policiais chegaram para lhe fazer perguntas. Um estava de uniforme, e ficou sentado no canto de seu quarto, tomando goles de uma caneca de chá fornecida por Adele. O outro – um homem de cara tristonha que tinha cheiro de suor seco – sentou-se à beira da cama de Will, apresentou-se como o Detetive Faraday, e então começou a martelar Will com perguntas.

– Quero que você pense com muito cuidado antes de me responder, filho. Não quero mentiras e não quero que invente nada. Quero a verdade, pura e simplesmente. Isto não é um jogo, filho. Cinco homens estão mortos.

Isso para Will era novidade.

– Quer dizer... eles foram mortos?

– Quero dizer que eles foram assassinados, pela mulher que estava com o homem que sequestrou você. – Will quis dizer. ele não me sequestrou; fui porque quis. Mas segurou a língua, e deixou Faraday continuar falando. – Quero que você me conte tudo o que ele lhe disse, tudo o que fez, mesmo que tenha pedido para que guarde segredo. Mesmo que... mesmo que algumas das coisas que ele tenha dito ou feito sejam difíceis de contar. – Faraday abaixou a voz ali, como se para garantir a Will que tudo aquilo seria segredo, só entre os dois. Will não se convenceu disso nem por um

momento; mas disse a Faraday que responderia todas as perguntas que lhe fossem feitas.

Foi o que ele fez, nos setenta e cinco minutos seguintes, com Faraday e o policial anotando o que ele lhes dizia. Sabia que algumas das coisas que estava recontando soavam estranhas, para dizer o mínimo, e algumas delas, especialmente a parte sobre queimar as mariposas, o faziam parecer cruel. Mas contou tudo de qualquer maneira, sabendo no fundo do coração que nada que contasse àqueles homens idiotas jamais permitiria que encontrassem Jacob e Rosa. Não tinha informações sobre onde Steep e McGee viviam ou para onde estava indo. Tudo o que sabia com certeza, tudo o que importava a ele, era que não estava com eles.

Houve outra entrevista dois dias depois, dessa vez com um homem que queria conversar com Will sobre algumas das histórias que ele contara a Faraday, especialmente a parte sobre ter visto Thomas, vivo e morto. O nome do entrevistador era Parsons, mas ele convidou Will a por favor chamá-lo de Tim, o que Will se recusou terminantemente a fazer, e ficou dando voltas em torno de como Jacob o havia tocado. Will foi o mais direto que pôde: disse que, quando estavam subindo a colina e Jacob colocara uma das mãos sobre ele, sentira-se forte. Mais tarde, explicou, na floresta, fora ele quem tocara.

– E foi então que você sentiu como se estivesse na pele de Jacob, não é isso?

– Eu sabia que não era real – disse Will. – Eu estava tendo um sonho, só que não estava dormindo.

– Uma visão... – Parsons disse, meio para si mesmo.

Will gostava do som dessa palavra.

– Sim – disse. – Foi uma visão. – Parsons anotou alguma coisa. – O senhor deveria ir lá em cima e olhar – Will disse para ele.

– Acha que eu poderia ter uma visão também?

– Não – respondeu Will. – Mas o senhor encontraria os pássaros, se eles não tiverem sido comidos por... raposas ou o que for...

Captou um olhar de medo no rosto do homem. Ele não subiria a colina para procurar os pássaros, nem hoje nem nunca. Apesar de todo o seu jeito compreensivo e técnicas gentis de persuasão, ele não queria ver a verdade, muito menos conhecê-la. E por quê? Porque estava com medo. Faraday sentia a mesma coisa; e o policial também. Todos tinham medo.

No dia seguinte, a doutora o pronunciou bom o bastante para se levantar e andar pela casa. Sentado na frente da televisão, ele viu uma atualização da matéria sobre os assassinatos em Burnt Yarley, com o repórter em pé na rua fora do açougue do Donnelly. Curiosos haviam chegado de todas as partes do país, aparentemente, apesar do tempo inclemente, para ver o local das atrocidades.

– Este pequeno povoado – disse o repórter – teve mais visitantes em suas ruas geladas nos últimos quatro dias que em meio século de verões.

– E quanto mais rápido voltarem para suas casas... – disse Adele, emergindo da cozinha com uma bandeja de sopa de legumes, queijo e sanduíches de *chutney* para Will – ... mais rápido poderemos todos voltar ao normal. – Colocou a bandeja no colo de Will, avisando-o de que a sopa estava muito quente. – Isso é tão mórbido – disse ela, enquanto o repórter entrevistava um dos visitantes. – Vir ver uma coisa dessa. As pessoas não têm decência? – Dizendo isso, retirou-se para a cozinha, para fazer a sua torta de carne e rim. Will continuou vendo, esperando que houvesse alguma menção de seu nome, mas a cobertura ao vivo no vilarejo já havia acabado, e o locutor voltava para relatar como a busca por Jacob e Rosa havia se espalhado para a Europa. Havia evidência de que duas pessoas que se encaixavam na descrição deles haviam sido ligadas a crimes em Roterdã e Milão nos últimos cinco anos, o relatório mais recente vindo do norte da França, onde Rosa McGee estava envolvida nas mortes de três pessoas, uma delas uma adolescente.

Will sabia que era vergonhoso sentir o prazer que sentia, ouvindo aquele catálogo de feitos. Mas sentia assim mesmo, e aprendera com Jacob a falar honestamente o que sentia, embora naquele caso a única pessoa com quem falava fosse a si mesmo. E qual era a verdade? Que, mesmo que Jacob e Rosa viessem a ser o par mais sanguinário da História, ele não se arrependia de ter cruzado o caminho deles. Eram sua ponte a algo maior do que a vida que levara até então, e ele conservaria a lembrança deles como um presente.

De todas as pessoas que falaram com ele durante aquele período de recuperação, foi, surpreendentemente, sua mãe que sabia de modo mais íntimo a maneira como ele estava pensando. Ele não tinha prova verbal disso; ela mantinha suas conversas com ele breves e funcionais. Mas a expressão em seus olhos, que até então haviam sido de uma leve fadiga, estava agora aguçada com desconfiança. Ela não olhava mais através dele

como costumava fazer. Ela o examinava (pegou-a diversas vezes fazendo isso quando ela achava que ele não estava olhando) com algo estranho nos olhos. Ele sabia o que era. Faraday e Parsons tinham medo dos mistérios dos quais ele falar. Sua mãe tinha medo dele.

– Receio que isso tenha trazido de volta todas as lembranças ruins – seu pai lhe explicou. – Estávamos indo tão bem e agora isto. – Ele havia chamado Will para seu estúdio para ter aquela conversinha. Era, claro, um monólogo. – É tudo perfeitamente irracional, claro, mas sua mãe tem um traço mediterrâneo. – Ele não olhara para Will mais de uma vez; ficava olhando a neve rala pela janela, perdido em suas próprias ruminações. Como o Senhor Raposa, pensou Will, e sorriu para si mesmo. – Mas ela se sente como se de algum modo... ah, não sei... de algum modo a morte tivesse nos seguido até aqui. – Ele estava girando um lápis nos dedos, mas então jogou-o em sua mesa bem ordenada. – É uma bobagem tão grande – resmungou – mas ela olha para você e...

– Ela me culpa.

– Não, não – disse Hugo. – Não culpa. Conecta. É isso, sabe. Ela faz essas... conexões. – Ele balança a cabeça, boca recolhida em desagrado. – Ela vai sair disso – disse ele. – Mas até lá vamos ter de conviver com isso. Sabe Deus. – Finalmente, ele girou sua poltrona de couro e olhou para Will entre as pilhas de papéis. – Enquanto isso, por favor, esforce-se para não perturbá-la.

– Eu não faço...

– ... nada. Eu sei. E assim que toda essa bobajada trágica estiver terminada, ela estará curada novamente. Mas agora ela está muito sensibilizada.

– Vou tomar cuidado.

– Sim – disse Hugo. Ele voltou o olhar à penumbra além da janela. Supondo que a conversa estava terminada, Will se levantou. – Deveríamos realmente conversar mais sobre o que aconteceu a você – disse Hugo, o tom distraído sugerindo que ele não sentia urgência de fazer isso. Will esperou. – Quando estiver melhor – disse Hugo. – Conversaremos então.

iii

A conversa jamais aconteceu. A força de Will retornou, as entrevistas cessaram, as equipes de televisão se mudaram para algum outro canto da Inglaterra e os curiosos foram logo depois. No Natal, Burnt Yarley

pertencia a si própria novamente, e o breve momento de notoriedade de Will acabou. Na escola, houve a inevitável fase das piadas e crueldades mesquinhas com as quais lidar, mas ele se sentia curiosamente anestesiado contra elas. E assim que ficou claro que os xingamentos e os sussurros não o estavam deixando desconfortável, foi deixado em paz.

Só havia uma fonte real de dor: a de que Frannie mantinha distância dele. Ela só falou com ele uma vez naquele período antes do Natal, e foi uma conversa rápida.

– Tenho uma mensagem para você – disse ela. Ele perguntou de onde, mas ela se recusou a dar nome à fonte. Quando lhe disse a mensagem, entretanto, ele não precisou do nome. Nem, na verdade, da informação. Ele já tivera uma visita do Senhor Raposa. Sabia que ele era parte da loucura, enquanto vivesse.

Quanto a Sherwood, ele não voltou à escola até a terceira semana de janeiro, e quando o fez estava num estado muito desanimador. Era como se alguma coisa tivesse quebrado nele; a parte que havia tomado sua falta de aptidão mental numa estranha espécie de atributo. Estava pálido e fraco. Quando Will tentava falar com ele, ele se fechava ou começava a chorar. Will rapidamente aprendeu a lição, e deixou que Sherwood se curasse ao seu próprio tempo. Ficou feliz pelo garoto ter Frannie para cuidar dele. Ela protegia Sherwood com ferocidade se alguém tentasse mexer com ele. As pessoas logo entenderam a mensagem. Deixaram irmão e irmã em paz, assim como deixaram Will.

Este lento desfecho era, à sua maneira, uma experiência tão estranha quanto os eventos que o haviam precedido. Assim que todo o escarcéu morreu (até mesmo a imprensa de Yorkshire, sem ter mais o que relatar, desistiu da história no comecinho de fevereiro), a vida retomou seu lento ritmo normal, e foi como se nada de qualquer consequência tivesse acontecido. Claro que havia referências ocasionais feitas a isso (principalmente na forma de piadas doentias espalhadas na escola) e numa série de pequenos detalhes o vilarejo havia mudado (não tinha mais um açougueiro, por exemplo; e havia mais gente na igreja aos domingos), mas os meses de inverno, que foram brutalmente frios naquele ano, deram às pessoas tempo para enterrar sua tristeza ou desabafá-la conversando, tudo por trás de portas muitas vezes bloqueadas por rajadas de neve. Quando as nevascas cessaram, as pessoas tinham terminado de lamentar, e estavam prontas para começar de novo.

No dia vinte e seis de fevereiro, houve uma mudança tão súbita no tempo que teve a qualidade de um sinal. Um estranho bálsamo invadiu o ar, e pela primeira noite em noventa não houve geada. Isso não ia durar, previram os pessimistas no pub: qualquer planta idiota o bastante para mostrar o nariz o teria arrancado num instante, mas o dia seguinte foi tão quente quanto, e o dia seguinte, e o dia depois desse. De modo firme, o céu começou a clarear, de modo que ao fim da primeira semana de março, havia uma faixa reluzente de azul sobre o vale, cheia de pássaros; e os pessimistas se calaram.

A primavera havia chegado; a estação dos ginastas, toda músculos e movimento. Embora Will tivesse vivido onze primaveras na cidade, elas eram imitações pálidas do que ele testemunhara naquele mês. Mais do que testemunhado, sentido. Seus sentidos estavam fervilhando, do jeito que haviam fervilhado naquele primeiro dia do lado de fora do Fórum, quando sentira tamanha união com o mundo. Seu humor, que andara em baixa por meses, finalmente se ergueu e alçou vôo.

Nem tudo estava perdido. Ele tinha uma cabeça cheia de lembranças, e ocultas entre elas havia pistas de como deveria proceder dali: coisas que sabia que ninguém mais no mundo teria sido capaz de lhe ensinar, e talvez ninguém mais no mundo compreendesse.

Vivendo e morrendo, alimentamos o fogo.

E se fossem os últimos?

Jacob no pássaro. Jacob na árvore. Jacob no lobo.

Pistas para epifanias, todas elas.

De agora em diante, ele teria de procurar epifanias por conta própria. Encontrar seus próprios momentos em que o mundo girava e ele ficava parado; em que seria como se ele estivesse vendo pelos olhos de Deus. E até esse momento, ele seria o filho cuidadoso que Hugo lhe pedira que fosse. Não diria nada para mexer com sua mãe; nada que a lembrasse de como a morte os havia acompanhado. Mas sua obediência seria uma farsa. Ele não fazia parte deles; nem de longe. Eles seriam guardiães temporários de agora em diante, e sairia de perto deles assim que fosse capaz de caminhar sozinho pelo mundo.

iv

No domingo de Páscoa, fez uma coisa que estivera adiando desde que o tempo amainara. Retraçou a jornada que fizera com Jacob, do Fórum à

floresta onde havia matado os pássaros. O próprio Fórum no ano passado inspirara muito interesse mórbido entre os turistas, e como consequência fora isolado com uma cerca, o arame com placas penduradas alertando invasores de que seriam passíveis de processo. Will estava tentado a passar por baixo da cerca e dar uma olhada no lugar, mas o dia estava bom demais para perder tempo do lado de dentro, e por isso começou a subir. Sopravam rajadas de vento quente, pastoreando nuvens brancas, todas inocentes de chuva, para o vale abaixo. Nas encostas, as ovelhas estavam estupidificadas pela primavera, e olhavam para ele sem alarme, só saindo em disparada se ele gritasse com elas. A subida em si era difícil (sentia falta da mão de Jacob em seu pescoço), mas toda vez que parava para olhar ao redor, a vista ficava maior, as charnecas se descortinando em todas as direções.

Ele havia se lembrado da floresta com uma precisão única, como se – apesar de sua doença e cansaço – naquela noite sua visão tivesse sido aguçada de forma sobrenatural. As árvores agora estavam em flor, cada galho uma seta apontando para o alto. E, sob seus pés, folhas de verde brilhante onde antes havia estado um tapete congelado.

Foi direto ao lugar onde havia matado os pássaros. Não havia sinal deles. Nem sequer um osso. Mas só o fato de ficar em pé naquele mesmo ponto fez com que uma onda tão grande de nostalgia e tristeza o invadisse que chegou a perder o fôlego. Ficara tão orgulhoso do que fizera ali. (Não foi rápido? Não foi lindo?) Mas agora ele se sentia um pouco mais ambíguo a respeito. Queimar mariposas para afastar a escuridão era uma coisa, mas matar pássaros só porque era legal fazer isso? Isso não parecia uma coisa tão corajosa; não hoje, quando as árvores estavam em flor e o céu aberto. Hoje parecia uma lembrança pervertida, e ele jurou a si mesmo naquele instante que havia contado a história pela última vez. Assim que Faraday e Parsons tivessem arquivado suas notas e as esquecido, seria como se aquilo jamais tivesse acontecido.

Agachou-se para procurar pela última vez provas das vítimas, mas ao fazer isso enviou um convite aos problemas. Sentiu um pequeno tremor no ar como se fosse uma respiração, e levantou a cabeça para ver que a própria floresta não havia mudado em nenhum detalhe. Havia uma raposa a uma curta distância dele, observando-o atenta. Estava de quatro como qualquer outra raposa, mas havia algo na maneira como ela olhava que fez

Will ficar com suspeitas. Ele já tinha visto aquele olhar desafiador antes, da segurança dúbia de sua cama.

– Vá embora! – ele gritou. A raposa simplesmente olhou para ele, sem piscar e sem se mover. – Está me ouvindo? – Will gritou a plenos pulmões. – Xô! – Mas o que havia funcionado como um amuleto nas ovelhas não funcionava com raposas. Ou pelo menos não com aquela raposa.

– Veja – disse Will. – Vir me incomodar em sonhos é uma coisa, mas você não pertence a este mundo. Este é o mundo real.

A raposa balançou a cabeça, preservando a ilusão de sua falta de arte. Para qualquer olhar que não o de Will, ela parecia estar deslocando uma pulga da orelha. Mas Will sabia que não era isso; ela o estava contradizendo.

– Você está me dizendo que eu também estou sonhando isto? – perguntou.

O animal nem se preocupou em assentir. Ele simplesmente perscrutou Will, de modo amigável o bastante, enquanto ele trabalhava o problema para si mesmo. E agora, enquanto meditava sobre aquela curiosa virada dos acontecimentos, lembrava-se vagamente de algo que o Senhor Raposa mencionara em sua conversa. O que ele havia dito? Falara algo sobre bonecas russas, mas não era isso. Uma anedota sobre um debate com um cão; não, também não era aquilo. Houve mais alguma coisa que seu visitante havia mencionado. Alguma mensagem que tinha de ser passada adiante. Mas, o quê? O quê?

A raposa estava obviamente perto de desistir dele. Não estava mais olhando em sua direção, mas farejando o ar em busca de sua próxima refeição.

– Espere um minuto – disse Will. Um minuto atrás, ele quisera enxotá-la. Agora estava com medo de que ela fizesse isso, e fosse cuidar de sua vida antes que ele tivesse solucionado o enigma de sua presença.

– Não vá ainda – disse ele. – Eu vou me lembrar. É só me dar uma chance...

Tarde demais. Ele perdera a atenção do animal, que trotou para longe, a cauda balançando para frente e para trás.

– *Ah, qual é...* – disse Will, levantando-se para segui-la. – Estou tentando o melhor que posso.

As árvores estavam próximas umas das outras, e em sua perseguição da raposa, a casca delas o arranhou e os galhos arranharam seu rosto. Ele nem

ligou. Quanto mais rápido corria, mais forte seu coração batia, e quanto mais forte seu coração batia, mais clara sua memória ficava...

– Eu vou lembrar! – ele gritou para a raposa. – Quer me esperar, por favor?

A mensagem estava lá, na ponta da sua língua, mas a raposa estava escapando dele, costurando entre as árvores com uma agilidade espantosa. E, subitamente, uma dupla revelação. Uma, a de que aquele não fosse o Senhor Raposa que estava seguindo, mas apenas um animal passante que fugia por sua vida pulguenta. E dois, que a mensagem fosse para acordar, acordar dos sonhos com raposas, Senhor ou não, e sair para o mundo...

Estava correndo tão rápido agora que as árvores eram uma mancha ao seu redor. E, lá em cima, onde elas se afinavam, não ficava a colina, mas um brilho cada vez maior; não o passado, mas alguma coisa mais dolorosa. Ele não queria ir lá, mas era tarde demais para reduzir a corrida, muito menos pará-la. As árvores eram uma mancha porque não eram mais árvores, elas haviam se tornado a parede de um túnel, pelo qual ele disparava, para longe da memória, para longe da infância.

Alguém estava falando na outra ponta do túnel. Ele não conseguia entender exatamente o que estava sendo dito, mas havia palavras de encorajamento, ele pensou, como se fosse um corredor numa maratona, sendo incentivado até a linha de chegada.

Mas antes de chegar – antes de voltar àquele lugar de despertar – estava determinado a dar uma última olhada no passado. Desgrudando os olhos do brilho adiante, olhou para trás, e por alguns preciosos segundos teve um vislumbre do mundo que estava deixando. Havia a floresta, reluzindo na luz de primavera: cada botão uma promessa de verde por vir. E a raposa! Deus, lá estava ela, disparando para seus afazeres da manhã. Forçou a vista para olhar com mais força, sabendo que só tinha alguns momentos, e ela foi para onde ele quis, de volta pelo caminho que ele havia traçado, para olhar a colina até o vilarejo. Um último olhar heróico, fixando a vista em todas as suas miríades de detalhes. O rio, reluzente; o Fórum, com seu musgo; os tetos do vilarejo, elevando-se em degraus de telhas; a ponte, o correio, a cabine telefônica da qual ele havia ligado para Frannie naquela noite há muito tempo, dizendo para ela que estava fugindo.

E estava. Fugindo de volta para sua vida, onde jamais veria aquela visão novamente, tão detalhadamente, tão perfeitamente... Estava chamando-o novamente, do presente.

– *Bem-vindo de volta, Will...* – alguém lhe dizia baixinho.

Esperem, ele queria lhes dizer. Não me dêem as boas-vindas ainda. Dêem-me apenas mais um segundo para sonhar este sonho. Os sinos estão tocando, anunciando o fim da missa de domingo. Eu quero ver as pessoas. Quero ver seus rostos quando saírem ao sol. Quero ver...

A voz novamente, um pouco mais insistente.

– *Will. Abra os olhos.*

Não havia mais tempo. Ele havia alcançado a linha de chegada. O passado havia sido consumido pelo brilho. Rio, ponte, igreja, casas, colina, árvores e raposa, sumiram, tudo sumiu, e os olhos que os testemunharam, mais fracos pela passagem dos anos, mas não menos famintos, se abriram para ver o que ele havia se tornado.

PARTE QUATRO



Ele Encontra o Estranho em sua Pele

I

i

V

ai levar algum tempo para que você se levante e volte a se mover normalmente – o Doutor Koppelman explicou a Will alguns dias após o despertar. – Mas você ainda é razoavelmente jovem, razoavelmente resiliente. E estava em forma. Tudo isso vai colocar você de volta ao jogo, na dianteira.

– É o que isso vai ser? – perguntou Will. Estava sentado na cama, bebendo chá doce.

– Um jogo? Não, receio que não. Às vezes vai ser brutal.

– E o resto?

– Apenas horrendo.

– Suas maneiras na cama são horríveis, sabia disso?

Koppelman deu uma gargalhada.

– Você vai adorar.

– Quem disse?

– Adrianna. Ela me disse que você tinha uma tendência distintamente masoquista. Adorava o desconforto, ela disse. Só ficava feliz quando estava até o pescoço de água do pântano.

– Ela te contou mais alguma coisa?

Koppelman deu um sorriso sacana para Will.

– Nada de que você não fosse se orgulhar – disse ele. – Ela é uma dama e tanto.

– Dama?

– Receio ser um chauvinista à moda antiga. À propósito, ainda não dei a notícia para ela. Achei que seria melhor vindo de você.

– Suponho que sim – disse Will, sem muito entusiasmo.

– Quer fazer isso hoje?

– Não, mas me deixe o número. Eu vou ligar.

– Quando estiver se sentindo um pouco melhor... – Koppelman parecia envergonhado – será que me faria um favor? A irmã da minha esposa, Laura, trabalha numa livraria. Ela é uma grande fã de suas fotos. Quando soube que eu estava cuidando de você, praticamente ameaçou minha vida

se eu não fizesse você voltar a trabalhar, feliz e saudável. Se eu trouxesse um livro, você o autografaria para ela?

– Com prazer.

– Isso é bom de se ver.

– O quê?

– Esse sorriso. Você tem razão de estar feliz, Sr. Rabjohns. Eu não estava apostando que fosse escapar dessa. Você demorou o quanto quis.

– Eu estava... vagando – respondeu Will.

– Algum lugar de que se lembre?

– Muitos lugares.

– Se quiser conversar com um dos terapeutas sobre isso em algum momento, posso arranjar isso.

– Não confio em terapeutas.

– Algum motivo em particular?

– Namorei um certa vez. Era o cara mais confuso que já conheci. Além do mais, eles não deveriam fazer com que a dor desaparecesse? Por que diabos eu iria querer isso?

Quando Koppelman se retirou, Will revisitou a conversa, ou pelo menos a última parte dela. Não pensara em Eliot Cameron, o terapeuta com quem namorara, há muito tempo. Fora um caso rápido, conduzido à insistência de Eliot por trás de portas fechadas num quarto de hotel alugado sob nome falso. No começo a condição furtiva havia atiçado o senso de jogo de Will, mas o segredo logo começou a cansar, incentivado pela vergonha de Eliot com sua orientação. Discutiam com frequência, às vezes de forma violenta, os socos de punhos fechados invariavelmente acompanhados de uma sensacional rodada de sexo. Então viera a publicação do primeiro livro de Will, Transgressões, uma coletânea de fotografias cujo tema comum eram animais que ultrapassavam limites de propriedades e a punição que recebiam. O livro apareceu sem atrair uma única crítica, e parecia destinado à total obscuridade até que um articulista do The Washington Post tomou para si a exceção, usando-a como uma lição de como os artistas gays prejudicavam o discurso público.

Já é suficientemente terrível, escrevera o homem, que tragédias ecológicas sejam apropriadas como metáforas políticas, mas duplamente quando se considera a natureza da mensagem envolvida. O Sr. Rabjohns devia ter vergonha. Ele tentou transformar esses documentos numa metáfora irracional e autodramatizante do lugar do homossexual na

América; e ao fazê-lo menosprezou seu ofício, sua sexualidade e – o que é mais imperdoável – os animais cujos estertores de morte e carcaças putrescentes ele documentou de forma tão obsessiva.

O artigo provocou controvérsias, e em quarenta e oito horas Will se viu no meio de um feroz debate envolvendo ecologistas, lobistas dos direitos dos gays, críticos de arte e políticos precisando de publicidade. Um estranho fenômeno rapidamente se tornou evidente: o de que todo mundo via o que queria ver quando olhava para ele. Para alguns, ele era uma roda salpicada de lama, correndo a toda velocidade entre estetas frescos. Para outros, simplesmente um bad boy com belas maçãs do rosto e uma estranha expressão. Para outra facção ele era um outsider sexual, suas fotos de menos consequência que sua função como um violador de tabus. Ironicamente, muito embora ele jamais tivesse tido a intenção de pregar os objetivos que era acusado de promulgar, a controvérsia lhe fizera o que o artigo do Post afirmara que ele estava fazendo às suas vítimas: transformara-o numa metáfora.

Numa desesperada necessidade de um pouco de simples afeto, procurara Eliot. Mas Eliot achara que os refletores poderiam derramar um pouco de luz sobre ele, e se refugiara em Vermont. Quando Will finalmente achou seu caminho dentro do labirinto, o homem havia partido para esconder sua rota. Afinal, ele havia explicado sua forma inimitável, eles também não haviam sido realmente namorados, não é? Tinham sido parceiros de algumas trepadas, mas namorados não.

Seis meses depois, enquanto Will estava numa sessão de fotos no maciço do Ruwenzori, um convite para o casamento de Eliot havia encontrado seu tortuoso caminho para suas mãos. Era acompanhado por uma nota rabiscada do futuro noivo dizendo que entendia perfeitamente que Will não seria capaz de ir, mas não queria que se sentisse esquecido. Alimentado por uma perversidade heroica, Will terminou a sessão antes do previsto e voou de volta para Boston para o casamento. Acabou tendo uma conversa, bêbado, com o cunhado de Eliot, outro terapeuta, em que arrasou a profissão inteira, em altos brados e de forma completa. Eles eram os proctologistas da alma, disse; tinham um interesse inteiramente doentio na merda dos outros. Houve uma mensagem telefônica críptica de Eliot uma semana depois, dizendo a Will para ficar longe no futuro, e esse fora o fim da experiência de Will com terapeutas. Não, não era bem verdade. Ele tivera um flertezinho com o cunhado; mas isso foi uma

aventura inteiramente diferente. Não falara com Eliot desde então, embora tivesse ouvido de amigos mútuos que o casamento continuava de pé. Sem filhos, mas com várias casas.

ii

– Quanto tempo isso vai levar? – Will perguntou a Koppelman na vez seguinte em que ele apareceu.

– Para quê, para você se levantar?

– Levantar e me mandar daqui.

– Depende de você. Depende do quanto você se esforçar.

– Estamos falando de dias, semanas...?

– No mínimo seis semanas – replicou Koppelman.

– Vou conseguir na metade do tempo – disse Will. – Três semanas e eu saio.

– Diga isso a suas pernas.

– Já disse. Tivemos um ótimo papo.

– A propósito, recebi um telefonema de Adrianna.

– Merda. O que disse a ela?

– Não tive escolha senão dizer a verdade. Eu disse que você ainda estava se sentindo tonto, e não teve vontade de ligar para nenhum amigo, mas ela não se convenceu. É melhor fazer as pazes com ela.

– Primeiro você é meu médico, e agora minha consciência?

– E sou mesmo – ele respondeu sério. – Vou ligar para ela hoje,

Ela o fez se contorcer.

– Eis-me aqui numa depressão fodida pensando em você deitado aí em coma e você não está! Você está acordado, e não tem tempo para me ligar e me avisar, porra?

– Lamento.

– Lamenta nada. Nunca lamentou por nada em sua vida.

– Eu estava me sentindo uma merda. Não falei com ninguém. – Silêncio. – Vamos fazer as pazes? – Ainda o silêncio. – Você ainda está aí?

– Ainda estou aqui.

– Vamos fazer as pazes?

– Eu já ouvi: você é um egocêntrico filho da puta, sabia?

– Koppelman disse que você me achava um gênio.

– Eu nunca disse gênio. Posso ter dito talentoso, mas achei que você fosse morrer, por isso eu estava me sentindo generosa.

– Você chorou.

– Não tão generosa.

– Cristo, você é uma mulher difícil.

– Tudo bem, eu chorei. Um pouquinho. Mas não vou cometer esse erro novamente, mesmo que você se dê de comer para um bando de ursos polares.

– O que me faz lembrar de uma coisa. O que aconteceu com Guthrie?

– Morto e enterrado. Houve um obituário no The Times, acredite se quiser.

– Para Guthrie.

– Ele teve uma vida e tanto. Então... quando vai voltar?

– Koppelman foi muito vago a esse respeito. Disse que vai demorar algumas semanas,

– Mas você virá direto para São Francisco, não virá?

– Ainda não me decidi.

– Tem muita gente que se importa com você aqui. Patrick, por exemplo. Ele está sempre perguntando por você. E eu. E Glenn...

– Você voltou com Glenn?

– Não mude de assunto. Mas sim, voltei com Glenn. Vou abrir sua casa, arrumá-la para você ter uma boa volta ao lar.

– Volta ao lar é para quem tem um lar – disse Will. Nunca gostara muito da casa da Sanchez Street; nunca gostara muito de nenhuma casa, na verdade.

– Então finja – disse Adrianna. – Dê algum tempo a si mesmo para voltar ao normal.

– Vou pensar no seu caso. Como está Patrick, a propósito?

– Eu o vi semana passada. Ele engordou um pouquinho desde a última vez em que o vi.

– Pode ligar para ele?

– Não.

– Adrianna...

– Ligue você. Ele iria gostar. Muito. Na verdade, é isso o que você pode fazer para compensar seu furo comigo, ligando para Patrick e dizendo a ele que está bem.

– Mas que logicazinha mais acochambrada a sua.

– Não é lógica. Estou jogando com sua culpa. Aprendi com minha mãe.

– Tem o número de Patrick? Provavelmente.

– Nada de desculpas. Anote aí. Tem uma caneta? – Ele procurou uma na mesinha ao lado de sua cama. Ela lhe deu o número e ele anotou-o obediente. – Vou falar com ele amanhã, Will – disse Adrianna. – E se você não tiver ligado para ele, a coisa vai ficar feia. – Vou ligar, vou ligar. Meu Deus.

– Rafael deu o fora nele, portanto nem mencione o nome do babaca.

– Pensei que gostasse dele.

– Ah, ele sabe como ser charmoso – disse Adrianna. – Mas no fundo era só mais um garotão fútil.

– Ele é jovem. Ele pode.

– Enquanto nós...

– ... somos velhos, sábios, e cheios de merda.

Adrianna deu um risinho.

– Senti saudades – ela disse.

– E muito corretos também.

– Patrick arrumou um guru, a propósito: Bethlynn Reichle. Ela o está ensinando a meditar. É muito nostálgico. Agora, quando vejo Pat, a gente senta de pernas cruzadas no chão, fuma maconha e faz sinal de paz e amor um para o outro.

– O que quer que ele esteja te dizendo, Patrick nunca foi um filho das flores. O verão do amor nunca chegou a Minneapolis.

– Ele é de Minneapolis?

– Arredores. O pai dele cria porcos.

– O quê? – fez Adrianna, fingindo ultraje. – Ele disse que seu pai era paisagista...

– ... e morreu de tumor cerebral? É, ele diz isso pra todo mundo. Não é verdade. Seu pai está vivinho da silva e vivendo até o pescoço de merda de porco no meio de Minnesota. E ganhando um dinheirão com o negócio de bacon, eu poderia acrescentar.

– Mas que mentiroso filho da puta, esse Pat. Espere só até eu dizer isso a ele.

Will riu.

– Não espere que ele fique arrependido – disse. – Ele não se arrepende. Como vão as coisas com Glenn?

– Estamos levando – ela disse, sem entusiasmo. – É melhor que muita gente que tem por aí. Só não é lá muito inspirado. Eu sempre quis um grande romance na minha vida. Um que fosse recíproco, quero dizer.

Agora acho que é tarde demais. – Ela suspirou. – Deus, escute só o que eu estou dizendo!

– Você precisa de um coquetel, é só.

– Você já pode beber?

– Vou perguntar ao Bernie. Não sei. Escute, ele tentou te passar uma cantada?

– Quem, Koppelman? Não. Por quê?

– Acho que ele tem uma queda por você, é só. Do jeito que ele fala de você.

– Bom, por que diabos ele não disse alguma coisa?

– Provavelmente você o intimidou.

– Euzinha? Não. Sou uma gatinha, você sabe disso. Não que eu tivesse dito sim se ele se oferecesse. Quero dizer, também tenho meu padrão de qualidade. Tudo bem que é um padrão baixo, mas eu tenho um e me orgulho disso.

– Já pensou em se tornar comediante? – perguntou Will, muito animado. – Você provavelmente teria uma excelente carreira.

– Isso quer dizer que você falou a sério o que disse em Balthazar? Sobre desistir de tudo?

– Acho que é o contrário – disse Will. – A fotografia é que desistiu de mim, Adie. E ambos já vimos muitos cemitérios de animais para uma vida inteira.

– Então, o que vai acontecer agora?

– Termino o livro. Entrego o livro. Então espero. Você sabe como eu gosto de esperar. Ficar na escuta.

– De quê, Will?

– Não sei. Algo selvagem.

II

No dia seguinte, inspirado pela conversa com Adrianna, ele forçou a fisioterapia mais do que seu corpo estava preparado para suportar, e acabou se sentindo pior do que nunca, desde que saíra do coma. Koppelman prescreveu analgésicos, e eles foram fortes o bastante para induzir um leve estado eufórico, e foi assim que ele fez sua prometida ligação para Patrick. Não foi ele que atendeu o telefone, mas Jack Fisher, um sujeito negro que vivia entrando e saindo do círculo de amizades de Patrick nos últimos cinco anos. Ex-bailarino, se a memória de Will não o enganava. Esbelto, pernas compridas e de uma ferocidade brilhante. Parecia cansado, mas recebeu bem a ligação de Will.

– Eu sei que ele quer falar com você, mas agora ele está dormindo. – Tudo bem, Jack. Eu ligo outro dia. Como ele está passando?

– Está se recuperando de uma crise de pneumonia – respondeu Fisher. – Mas está melhor. Só descansando um pouco, sabe como é. Ouvi dizer que você passou por poucas e boas.

– Estou no estaleiro – disse Will. Para ele, era mais voando. Os analgésicos estavam induzindo nele uma euforia mais do que suave. Fechou os olhos, tentando imaginar o homem do outro lado da linha. – Estarei aí em umas duas semanas. Talvez a gente possa tomar uma cerveja.

– Claro – disse Jack, parecendo um pouco perplexo com o convite. Podemos.

– Está cuidando de Patrick agora?

– Não, só visitando. Sabe como é Patrick. Ele gosta de ter pessoas por perto. E minha massagem nos pés é ótima. Olha, adivinha só? Estou ouvindo Patrick me chamar. Vou passar o telefone pra ele. Foi bom conversar com você, cara. Me dá um toque quando voltar à cidade. Ei, Patrick! Adivinhe quem é? – Will ouviu uma conversa abafada. Então Jack voltou à linha. – Ei-lo aqui, rapaz.

O fone foi entregue, e Patrick disse: – Will? É você mesmo?

– Sou eu mesmo.

– Meu Deus. Que esquisito. Eu estava sentado perto da janela, tirando uma sesta e juro que estava sonhando com você.

– Estávamos nos divertindo?

– Não estávamos fazendo nada. Você estava simplesmente aqui... no quarto comigo. E eu gostei.

– Bom, breve, breve, estarei aí em carne e osso. Estava agora mesmo dizendo a Jack que estou voltando a me levantar.

– Li todos os artigos sobre o que aconteceu. Minha mãe os recorta e envia pra mim. Nunca confie numa ursa polar, hein?

– Ela não conseguiu evitar – disse Will. – Então, como vai?

– Me agüentando. Perdi muito peso, mas estou recuperando aos pouquinhos. Mas é difícil, sabia? Às vezes fico tão cansado que penso: é trabalho demais.

– Nem pense a respeito.

– É tudo o que eu posso fazer agora, pensar. Dormir e pensar. Quando você chega?

– Em breve.

– Veja se chega brevíssimo. Vamos dar uma festa. Como nos velhos tempos. Ver quem ainda está por aí...

– Nós ainda estamos, Patrick – respondeu Will, a tristeza que estava mal-enterrada na conversa dos dois transformando sua euforia de analgésicos numa elegia um tanto onírica. Eles estavam num mundo de fins; de adeuses prematuros e inesperados; não tão diferente da época em que ele havia despertado. Sentiu um aperto no peito e subitamente teve medo de chorar. – É melhor eu ir disse, querendo não aborrecer Patrick. – Vou te ligar de novo antes de chegar.

Patrick não iria deixá-lo desligar tão rápido.

– Você está mesmo a fim de uma festa?

– Claro...

– Ótimo. Então vou começar a planejar. É bom ter coisas para planejar adiante.

– Sempre – disse Will, a garganta tão cheia que ele mal conseguia dar uma resposta longa.

– Ok, vou te deixar ir, camarada – respondeu Patrick. – Obrigado por ligar. Deve ter sido aquela sesta, certo?

– Deve ter sido.

Houve um silêncio então, e Will percebeu que Patrick havia sentido as lágrimas suprimidas em sua voz.

– Está tudo bem – Patrick disse com carinho. – O fato de que estamos conversando já está tornando tudo bom. Te vejo em breve.

Então ele foi embora, deixando Will ouvindo o zumbido da linha vazia. Deixou o fone escorregar da orelha, o corpo tão súbita e completamente sacudido por lágrimas que não tinha controle sobre os membros. Era bom, de uma forma purificadora. Ficou sentado ali por dez, talvez quinze minutos, soluçando como uma criança; recuperando o fôlego, pensando que havia acabado, só para ter outra onda de choro em seguida. Ele não estava só chorando por Patrick, ou por aquele comentário sobre ver quem ainda está por perto para convidar para a festa. Estava chorando por si mesmo; pelo garoto que havia tornado a encontrar em seu coma, o Will que ainda estava dentro dele em algum lugar, vagando.

Os céus que aquele garoto havia visto também estavam lá, e as charnecas e a raposa, arquivados em sua memória. Que enigma aquilo era: que naquela época de extinções, algumas das quais ele escolhera documentar, sua memória tivesse selecionado um livro de seus dias tão perfeito que tudo o que ele tinha de fazer era sonhar e eles eram conjurados como se nunca tivessem passado; como se – será que ele ousava acreditar nisso? – o passar das coisas, de dias e feras e homens que ele havia amado, era apenas uma ilusão cruel, e a memória uma pista para o seu desmascaramento.

No dia seguinte ele foi mais duro consigo mesmo do que no dia anterior. A raposa estava certa. Havia trabalho a fazer lá fora no mundo – gente a ver, mistérios a resolver e quanto mais cedo ele forçasse o corpo a entrar em forma, mais rápido estaria a caminho.

Em pouco tempo, sua tenacidade começou a mostrar resultados. Dia após dia, sessão após sessão, suas pernas ficaram mais fortes e sua disposição aumentou; começou a se sentir restaurado e rejuvenescido. Apesar das brincadeiras gentis de Koppelman, ele pediu uma seleção de remédios homeopáticos para suplementar sua dieta, e tinha certeza de que eles foram em grande parte responsáveis pela velocidade de sua recuperação. Koppelman teve de admitir que nunca vira nada parecido. Em dez dias, Will estava fazendo planos para sua viagem de volta a São Francisco. Uma ligação para Adrianna, pedindo a ela que abrisse a casa da Sanchez Street e a arejasse (o que ela na verdade já havia feito); uma ligação para sua editora em Nova York, contando-lhe de sua iminente

mudança de local, e, claro, uma segunda ligação para Patrick. Dessa vez o pródigo Rafael respondeu, tendo voltado e aparentemente sido perdoado. Não, Patrick não estava em casa, disse a Will, estava no hospital checando o sangue. Voltaria mais tarde, mas Rafael não sabia quando. Anotaria um recado e o transmitiria. Não deixe de transmitir o recado, disse Will, ao que Rafael respondeu seco:

– Não sou idiota. – E bateu o telefone.

– Você teve uma recuperação extraordinária, mas ainda vai precisar ter carinho consigo mesmo – foi o discurso de despedida de Koppelman. – Nenhuma viagem para a Antártida nos próximos meses. Nada de ficar até o pescoço em água de pântano.

– O que vou fazer para me divertir? – Will brincou.

– Contemple a sorte que teve – disse Koppelman. – Ah... a propósito... minha cunhada...

– Laura.

Koppelman abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Você se lembrou? Trouxe o livro dela para você autografar. – Vasculhou a sacola que havia trazido, e tirou um exemplar de Fronteiras. – Dei uma olhada noite passada – disse ele. – Material sombrio. – Ah, ficou muito pior depois disso – disse Will, tirando a caneta do bolso do peito de Koppelman, e aliviando-o do livro. – Existe em umas duas espécies aqui dentro que perderam a luta.

– Estão extintas?

– Igualzinho ao dodô. – Abriu o livro na folha de rosto, e rabiscou uma inscrição.

– Que diabos quer dizer isto?

– *Para Laura, com um abraço.*

– E essa garatuja aqui embaixo é sua assinatura?

– É.

– Só pra saber o que dizer a ela.

Partiu dois dias depois. Não havia vôos diretos para São Francisco, portanto foi obrigado a trocar de aviões em Chicago. Era no máximo um pequeno inconveniente, e ele estava tão feliz por voltar ao oceano de pessoas que o aborrecimento de passar pelo aeroporto O'Hare tornou-se

positivamente agradável. Ao fim da tarde ele estava no avião que o levaria para oeste, e, sentado à janela, pediu um uísque para comemorar. Não tinha consumido qualquer quantidade de álcool em vários meses, e foi tudo direto para a sua cabeça. Agradavelmente feliz, deixou o sono o dominar, à medida que o céu adiante escurecia.

Quando acordou o dia já havia acabado há muito tempo, e as luzes da cidade à beira da Baía brilhavam adiante.

III

i

São Francisco não foi a primeira parada de Will quando ele chegou à América. Essa honra tinha cabido a Boston, para onde havia ido aos dezenove anos, após decidir que, o que quer que estivesse procurando, jamais o encontraria na Inglaterra. Também não encontrou em Boston. Mas durante os quatorze meses em que viveu ali, um novo Will surgiu, hesitante a princípio, e depois com um abandono sem medo. Sabia de suas preferências sexuais muito antes de deixar a Inglaterra. Chegara até mesmo a realizar seus desejos em algumas ocasiões, embora nunca num estado de completa sobriedade. Em Boston, entretanto, aprendera a ser uma bicha assumida, reinventando-se à sua própria moda idiossincrática. Não era uma beleza americana alimentada a milho, não era um machão de camiseta justinha, não era um veadinho estiloso, não era um garoto com roupa de couro. Era sua própria criatura peculiar, desejada e perseguida por essa mesma razão. Qualidades que teriam passado despercebidas num bar em Manchester (algumas delas óbvias, como seu sotaque, outras tão sutis que não saberia dizer) eram ali raras e desejadas. Aprendeu rapidamente a natureza de sua vantagem, e explorou-a desavergonhadamente. Evitando o uniforme do dia (tênis, jeans apertados e t-shirt branca), vestia-se como o rapaz inglês pobre que era, e isso funcionava como um amuleto. Raramente voltava para uma cama vazia, a menos que o desejasse; e em alguns meses tivera três casos, dois dos quais ele concluíra. O último havia sido seu primeiro e mais amargo gosto de amor não-correspondido. O objeto era um certo Laurence Mueller, um produtor de televisão nove anos mais velho que Will. Louro, magro e sexualmente habilidoso, Larry conduzira Will a um romance intenso só para descartá-lo depois de seis semanas, um padrão que era notório por repetir. Coração partido, Will chorara a perda por metade do verão, curando a ferida com um comportamento que provavelmente o teria matado cinco anos mais tarde. Nos empórios do sexo da Zona de Combate e na escuridão da Fenway, onde nas noites de fim de semana havia uma

bacanal em constante progresso, ele vivenciou cada possibilidade sexual que sua libido podia conjugar, para tirar da cabeça o fora de Larry.

A dor havia se desvanecido em setembro, mas não antes que ele tivesse uma revelação induzida por maconha. Sentado numa sauna a vapor, meditando sobre seu sofrimento, percebeu que a deserção de Larry havia despertado nele um pouco da mesma dor que sentira quando Steep partira. Analisando essa descoberta, ele ficara sentado, suando, na sala de azulejos por um tempo perigoso, ignorando as mãos e os olhares em sua direção. O que isso significava? Que em algum ponto de sua ligação com Jacob houve sentimentos sexuais? Ou que em seus encontros à meia-noite nos arbustos havia em algum lugar enterrada a esperança de que ele fosse encontrar um homem que entregasse as promessas de Steep, e o levasse do mundo para um lugar de visões? Ele finalmente deixou a sauna para os bacantes, a cabeça latejando demais para que pudesse pensar com clareza. Mas as questões permaneceram com ele depois, preocupando-o. Ele as combatia da melhor forma que sabia. Se um homem que se aproximasse dele tivesse a menor semelhança com sua lembrança de Steep – a cor dos cabelos, a forma da boca – ele o rejeitava cruelmente.

ii

Não foi a saga de Larry Mueller que o afastou de Boston, foi um dezembro gelado. Saindo do restaurante onde trabalhava como garçom para as mandíbulas de uma nevasca de Massachusetts, ele decidiu que já bastava de ficar congelado e era hora de ir para climas mais amenos. Seu primeiro pensamento foi a Flórida, mas naquela noite, discutindo as opções com o bartender do Buddies, ouviu o canto da sereia de São Francisco.

– Só estive na Califórnia uma vez – disse-lhe o bartender, cujo nome (Danny) estava tatuado no próprio braço, caso ele esquecesse – mas cara, quase, quase fiquei. É o paraíso das bichas. Sério!

– Desde que seja quente.

Há lugares mais quentes – admitiu Danny. – Mas que merda, se você quer calor vá morar no Vale da Morte, ora! – inclinou-se para Will, abaixando a voz. – Se eu não tivesse a minha outra metade... (O namorado de longa data de Danny, Frederico – a outra metade em questão – estava sentado a cinco metros de distância no bar), eu estaria lá, curtindo a vida. Sem vacilar.

Foi uma conversa crucial. Em duas semanas, Will havia colocado suas coisas nas sacolas e partido, deixando Boston num dia de geada reluzente que quase fez com que ele se arrependesse de sua decisão, a cidade parecia tão linda. Havia outro tipo de beleza esperando por ele ao fim de sua jornada, entretanto: uma cidade que o enfeitiçava muito além de suas expectativas. Encontrou um emprego trabalhando para um dos jornais da comunidade, e num dia fortuito, na falta de um fotógrafo para cobrir um artigo que ele estava escrevendo sobre sua cidade adotiva, pediu emprestado uma câmera para fazer o serviço ele mesmo. Não foi amor à primeira vista. Suas primeiras fotos eram tão ruins que não pôde usá-las. Mas gostou da sensação da câmera em suas mãos, gostava de ser capaz de circunscrever o mundo através da lente. E o assunto à sua frente era a tribo em cujo coração ele vivia: as bichas loucas, os caubóis, os sapatões, os manequins, os demônios do sexo, as artistas drag e os devotos do couro cujas casas, bares, clubes, mercadinhos e lavanderias se espalhavam da interseção da Castro com a 18, a norte até a Market, ao sul até o Collingwood Park.

Enquanto aprendia seu ofício, ele também aprendeu como ser um rapaz selvagem entre os lençóis, até ter uma reputação e tanto como amante. Quase nunca brincava anonimamente agora, embora houvesse lugares de sobra para fazê-lo. Ele queria experiências mais profundas, e as encontrou nas camas e nos abraços de uma dezena de homens, nenhum dos quais teve seu coração, mas todos os quais o excitavam de várias maneiras. Houve Lorenzo, um italiano de quarenta e três anos que deixara mulher e filho em Portland para assumir o que descobrira ser no dia do casamento. Houve Drew Dunwoody, um rapaz musculoso que por um tempo foi quase tão dedicado a Will quanto ao seu próprio reflexo. Houve Sanders, que foi o mais próximo que Will teve de um pai adotivo, um homem mais velho (há cinco anos dizia que tinha quarenta e nove) que lhe emprestara os três primeiros meses de aluguel num apartamento de quarto-e-sala perto de Collingwood Park, e mais tarde um depósito numa Harley de segunda mão. Houve Lewis, o homem dos seguros, que nunca dizia uma palavra na frente das pessoas, mas que derramava sua alma lírica a Will entre quatro paredes, e que subsequentemente se tornou um poeta menor. Houve Gregory, o belo Gregory, morto por uma overdose acidental aos vinte e quatro anos. E Joel; e Mescaline Mike; e um rapaz que dizia que seu nome

era Derrick, mas que mais tarde ele descobriu ser um fuzileiro naval de licença chamado Dupont.

Nesse círculo charmoso, Will cresceu; ficou mais forte. A praga ainda não pairava sobre eles, e em retrospecto isso pareceria uma Idade de Ouro do hedonismo e do excesso, que Will, por um ato de equilíbrio que ainda o espantava, conseguiu observar e participar ao mesmo tempo. Logo, embora ele não soubesse disso, a morte chegaria e começaria a pôr seus dedos fatais em muitos dos homens que ele fotografara; um ceifamento arbitrário de belezas e intelectos e almas amáveis. Mas por sete extraordinários anos, antes da sombra cair, ele se banhava diariamente naquele rio gay, supondo que ele correria assim para sempre.

iii

Foi Lewis, o homem de seguros que virou poeta, quem primeiro falou de animais com ele. Sentados na varanda dos fundos da casa de Lewis em Cumberland, vendo um guaxinim atacar as latas de lixo, começaram a conversar sobre como seria habitar por algum tempo o corpo e o espírito de um animal. Lewis estivera escrevendo sobre focas, e naquele momento estava tão obcecado com o assunto, disse, que elas entravam em seus sonhos toda noite.

– Focas grandes, esguias, pretas – disse ele. – Só passeando.

– Numa praia?

– Não, na Market Street – Lewis disse com um risinho. – Eu sei que parece uma estupidez, mas quando estou sonhando é como se ali fosse mesmo o lugar delas. Perguntei a uma delas o que estavam fazendo, e me respondeu que estavam checando o contorno da terra para quando a cidade cair no oceano.

Will ficou olhando o guaxinim selecionando eficientemente o lixo.

– Eu sonhei com uma raposa falante quando era criança... – disse suavemente. Talvez fosse o haxixe de Lewis – ele nunca deixava de encontrar uma boa ganja – mas a memória era cristalina: – Senhor Raposa – disse ele.

– Senhor Raposa?

– Senhor Raposa – respondeu Will. Ele me apavorou, mas era cómico ao mesmo tempo.

– Por que assustaria você? – Will jamais falara disso a ninguém, e mesmo agora embora gostasse de Lewis e confiasse nele sentiu uma

pontada de relutância. O Senhor Raposa era parte de um segredo muito maior (o grande segredo de sua vida), e era cioso dele. Mas o gentil Lewis insistia em maiores explicações. – Me diz – pediu.

– Ele havia comido alguém – replicou Will. – Era isso o que me apavorava nele. Mas eu me lembro que ele me contou uma história.

– Sobre o quê?

– Não era bem uma história. Era só uma conversa que ele tivera com um cachorro.

– É mesmo? – Lewis deu uma gargalhada, inteiramente envolvido. Will repetiu a substância da conversa do Senhor Raposa com o cachorro, surpreso com a facilidade com a qual se lembrava dela, embora já tivesse se passado uma década e meia desde que tivera o sonho.

"Caçamos para eles, pastoreamos para eles, guardamos os pestinhas deles. E por quê? Porque achávamos que eles sabiam como cuidar das coisas. Como manter o mundo cheio de carne e flores... "

Lewis gostou do que ouviu.

– Eu podia escrever um poema sobre isso – disse ele. – Eu não me arriscaria.

– Por que não?

– Ele poderia vir atrás de você por uma fatia dos lucros.

– Que lucros? – perguntou Lewis. – Isto é poesia.

Will não respondeu. Estava observando o guaxinim, que havia terminado de vasculhar o lixo e estava fugindo com seu prêmio. E enquanto observava, pensava no Senhor Raposa; e em Thomas, o pintor, vivo e morto.

– Quer mais um pouco? – perguntou Lewis, entregando a ponta da bagana a Lewis. – Ei, Will? Está me ouvindo?

Will olhava a escuridão, os pensamentos furtivos como o guaxinim. Lewis tinha razão. Havia um tipo de poesia na história que o Senhor Raposa havia contado. Mas Will não era poeta. Não poderia contar a história com palavras. Tinha somente seus olhos; e sua câmera, claro.

Ele tirou a bagana dos dedos de Lewis e tornou a acendê-lo, puxando a fumaça pungente fundo para dentro dos pulmões. Era uma ganja poderosa, e ele já fumara mais do que o normal. Mas naquela noite estava guloso.

– Está pensando na raposa? – Lewis perguntou.

Will voltou os olhos enevoados na direção de Lewis.

– Estou pensando no resto da minha vida – respondeu.

Em sua própria mitologia de si mesmo, a jornada que o levaria aos pontos mais selvagens do mundo, aos lugares onde as espécies morriam pelo simples crime de viver onde sentiam necessidade de viver, começou naquela noite na varanda de Lewis, com a bagana, o guaxinim e a história do Senhor Raposa. Aquilo era uma simplificação, claro. Ele ficara entediado com as crônicas da Castro por algum tempo, e estava pronto para uma mudança muito antes daquela noite. Quanto à direção para onde o desejo poderia apontar, ela não ficou clara no espaço de uma conversa. Mas nas semanas seguintes, seus pensamentos vagabundos voltaram àquela conversa diversas vezes, e ele começou a desviar sua câmera do burburinho da Castro, para a direção da vida animal que coexistia com as pessoas na cidade. Suas primeiras experiências não foram ambiciosas; juvenília atrasada, na melhor das hipóteses. Fotografou os leões-marinhos que se agrupavam no Píer 39, os esquilos no Dolores Park e o cachorro do vizinho, que parava regularmente o tráfego agachando-se para fazer cocô no meio da Sanchez Street. Mas a jornada que com o tempo o levaria para muito longe da Castro, e de esquilos, focas e cães cagões, havia começado.

Dedicou *Transgressões*, sua primeira coletânea publicada, ao Senhor Raposa. Era o mínimo que podia fazer.

IV

i

Adrianna apareceu para uma visita, sem avisar, na manhã após sua volta à cidade. Trouxe meio quilo de French Roast da Castro Cheesery e zuccotto e bolo St. Honoré do Peverelli em North Beach, para onde havia se mudado com Glenn. Abraçaram-se e se beijaram no hall, ambos quase às lágrimas com o encontro.

– Meu Deus, que saudades de você – Will disse a ela, as mãos em concha sobre o rosto dela. – E você está tão bonita.

– Tingi os cabelos. Grisalha, nunca mais. Vou continuar com esta cor até os cento e um. Mas, e você?

– Estou melhor a cada dia que passa – disse Will, indo até a cozinha para preparar um pouco de café. – Ainda sinto as articulações rangerem um pouco quando me levanto de manhã, e as cicatrizes coçam feita urtiga depois do banho, mas fora isso estou pronto pra outra.

– Tive minhas dúvidas. E Bernie também.

– Você achava que eu podia ter partido em silêncio?

– O pensamento me ocorreu sim. Você parecia estar muito em paz. Perguntei a Bernie se você estava sonhando. Ele disse que não sabia.

– Não era bem sonho, era mais como voltar no tempo. Ser um garoto novamente.

– Foi tão divertido assim?

Ele balançou a cabeça.

– Estou muito feliz por estar de volta.

– Você tem um ótimo lugar para voltar disse ela, indo até a porta da cozinha e inspecionando o hall. Sempre adorara a casa; mais que Will, na verdade. O tamanho do lugar, juntamente com o layout intrincado (para não mencionar os excessos que seus quartos modernamente pouco mobiliados haviam presenciado) emprestavam-lhe uma certa autoridade, achava ela. A maioria das casas da vizinhança já tinha visto seu quinhão de priapismos, naturalmente, mas não eram só as horas de alegria que assombravam as paredes ali. Era uma série de outras coisas: as fúrias de Will quando ele não conseguia fazer as conexões, e seus uivos de

revelação quando conseguia; o burburinho de conversas animadas ao redor de mapas que tinham uma pobreza esfuziante de estradas; noites de discussões sobre a devolução da certeza e ruminações alcoolizadas sobre destino, morte e amor. Com certeza havia casas mais bonitas na cidade; mas nenhuma, ela estava disposta a apostar, mais imersa em profundidades da meia-noite que aquela.

– Eu me sinto um ladrão – disse Will, pondo café para ambos. – Como se eu tivesse invadido o apartamento de outra pessoa e vivendo a vida dela.

– Você vai voltar ao normal em alguns dias – disse Adrianna, apanhando seu café e voltando à grande sala de arquivos onde Will sempre expunha suas fotos. O comprimento de uma das paredes era um quadro de avisos, sobre o qual ao longo dos anos ele pregara erros de exposição ou impressão que chamaram sua atenção; fotos escuras ou queimadas demais para serem úteis, mas que ele mesmo assim achava fascinantes. Suas consumidas, como chamava essas fotos doentias, e mais de uma vez observara, normalmente embriagado, que eram elas o que ele via quando imaginava como o mundo terminaria. Formas borradas ou indecifráveis numa penumbra granulada, todo propósito e particularidade acabados.

Ela percorreu-as de qualquer maneira enquanto bebericava o café. Muitas das fotografias estavam na parede havia anos, suas imagens desfocadas se decompondo ainda mais à luz.

– Você vai fazer alguma coisa com elas algum dia? – perguntou.

– Como queimá-las, você quer dizer? – ele disse, aproximando-se e se pondo ao lado dela.

– Não, como publicá-las.

– Elas são umas merdas, Adie.

– Mas essa seria a questão.

– Um livro desconstrutivista de vida selvagem?

– Acho que atrairia muita atenção.

– Foda-se a atenção – disse Will. – Já tive toda a atenção que quero. Eu já *disse Olhe o que eu fiz, papai* para o mundo inteiro e meu ego está agora oficialmente em paz. – Foi até o quadro e começou a arrancar as fotos, os alfinetes voando.

– Ei, cuidado, vai rasgá-las!

– E daí? – disse ele, jogando as fotos no chão. – Sabe do que mais? Isto é bom! – O chão rapidamente ficou atulhado de fotografias. – Agora sim –

disse ele, recuando para admirar a parede agora vazia.

– Posso ficar com uma de lembrança?

– Uma só.

Ela vagueou por entre as fotos marcadas, procurando uma que lhe agradasse. Parou e pegou uma foto velha e muito manchada.

– Qual você escolheu? – ele perguntou. – Me mostre.

Ela virou-a para ele. Lembrava uma imagem espírita do século dezenove; aquelas manchas brancas de ectoplasma em que os crentes haviam detectado as formas dos mortos. Will disse a sua origem na hora.

– Província de Begemder, Etiópia. É um walia ibex.

Adrianna tornou a virar a foto para olhá-la mais uma vez.

– Como diabos você sabe?

Will sorriu.

– Nunca esqueço um rosto – respondeu.

ii

No dia seguinte ele foi visitar Patrick, em seu apartamento no alto da Castro. Embora o casal tivesse vivido junto na Sanchez Street por quase quatro de seus seis anos juntos, Patrick nunca desistira do apartamento, nem Will jamais o pressionara a fazê-lo. A casa, à sua maneira vazia e funcional, era uma expressão da natureza não-decorativa de Will. O apartamento, por contraste, era uma parte tão grande do que Patrick era – quente, exuberante, acolhedor – que ter desistido dele teria sido como perder um braço. Ali, no alto da colina, ele gastara a maior parte do dinheiro que ganhara na cidade abaixo (onde até recentemente fora gerente de investimentos de um banco), criando um retiro da cidade, onde ele e uns poucos comedores de lótus escolhidos podiam assistir à chegada e partida do fog. Era um homem lindo, grande e espadaúdo, sua herança grega tão evidente em seus traços quanto o irlandês: pálpebras pesadas e olhos cheios, um nariz enorme, uma boca generosa sob um bigodão preto. De temo, parecia o guarda-costas de alguém; de drag em Mardi Gras, como o pesadelo de um fundamentalista; de couro, sublime.

Hoje, quando Rafael (que aparentemente havia recaído e voltado para casa) escoltou Will até a sala de estar, encontrou Patrick sentado à janela vestido com um t-shirt baggy e calças de linho com cinto de corda, Parecia bem. Seus cabelos, quase grisalhos, estavam cortados à escovinha, e não

estava tão musculoso quanto fora, mas seu abraço estava tão forte quanto antes.

– Deus, olhe para você disse ele, recuando para apreciar Will melhor.

– Você finalmente está começando a parecer com sua foto. (Era um cumprimento de viés, e uma piada constante, que começou quando Will escolhera uma foto nada elogiosa para a quarta capa de seu segundo livro, baseado no fato de que ela o fazia parecer mais autoritário.) – Venha e se sente – disse ele, apontando para a poltrona colocada defronte a ele na janela.

– Onde diabos foi Rafael? Quer um pouco de chá?

– Não, estou bem. Ele está cuidando bem de você?

– Estamos indo melhor – disse Patrick, voltando à sua própria poltrona. Somente agora, na hesitação dessa manobra, foi que Will teve uma ideia de sua fragilidade. – Nós discutimos, sabe...

– Ouvi falar.

– De Adrianna.

– Sim, ela disse..

– Só conto a ela as partes mais pesadas – disse Patrick. Ela não chega a ouvir sobre como ele é maravilhoso a maior parte do tempo. De qualquer maneira, tenho tantos anjos cuidando de mim que fico envergonhado.

Will olhou a sala em sua extensão.

– Você está com algumas coisas novas – disse.

– Herdei algumas coisas de bichas mortas – disse Patrick. – Embora a maior parte das coisas não signifique muito se você não sabe a história por trás dela, que é um tanto triste, porque quando eu me for, ninguém saberá.

– Rafael não se interessa?

Patrick balançou a cabeça.

– Para ele é conversa de velhos. Aquela mesinha tem uma origem estranhíssima. Foi criada por Chris Powell. Lembra do Chris?

– O faz-tudo da bunda linda.

– Isso. Morreu ano passado, e quando foram à sua garagem descobriram que ele estava fazendo toda essa carpintaria. Fazendo cadeiras, mesas e cadeiras de balanço.

– Sob encomenda?

– Aparentemente não. Estava fazendo isso nas horas vagas, para sua própria satisfação.

– E guardando-as?

– É. Desenhando-as, esculpindo-as, pintando-as e deixando-as todas trancadas na garagem.

– Ele tinha namorado?

– Uma graça de trabalhador braçal como ele, está brincando? Tinha centenas. – Antes que Will pudesse protestar, Patrick disse:

– Sei o que você está perguntando e não, ele não tinha ninguém permanente. Foi sua irmã quem encontrou todos estes trabalhos lindos quando limpava sua casa. De qualquer maneira, me perguntou se eu queria alguma coisa para lembrá-lo, e claro que eu falei que sim. Eu queria mesmo era um cavalinho de madeira, mas não tive coragem de pedir. Ela era uma alma pura, de algum lugar em Idaho. Obviamente a última coisa que ela queria fazer era vasculhar os pertences do lindo irmão viado. Deus sabe o que ela encontrou debaixo da mesa. Pode imaginar? – Olhou na direção da cidade. – Ouvi dizer que acontece com frequência agora. Os pais vindo ver para onde seu bebê fugiu para viver, porque agora ele está morrendo, e claro que encontram a Cidade dos Viados, a única falocracia sobrevivente. –Parou um momento, para devanear. – Como deve ser para aquelas pessoas? Quero dizer, nós fazemos em plena luz do dia aqui coisas que ainda nem inventaram em Idaho.

– Você acha?

– Bem, você está pensando em Manchester, ou, qual era o lugar de Yorkshire?

– Burnt Yarley?

– Maravilhoso. Sim. Burnt Yarley. Você era o único viado em Burnt Yarley, certo? E saiu de lá o mais rápido possível. Todos nós vamos embora. Todos nós vamos embora para nos sentirmos em casa.

– Você se sente em casa?

– Desde o primeiro dia, caminhei pela Folsom e pensei: é aqui que quero ficar. Aí fui ao The Slot e fui apanhado por Jack Fisher.

– Foi nada – disse Will. – Você conheceu Jack Fisher junto comigo, naquele show em Berkeley.

– Que merda! Não posso mentir pra você, não é?

– Não, mentir você pode – Will disse, magnânimo. – Eu é que não vou acreditar. O que me lembra, Adrianna achava que seu pai.., – tinha morrido. Sei. Sei. Ele me fez passar o diabo. Muito obrigado. – Franziu os lábios. – Estou começando a pensar duas vezes sobre esta festa murmurou. – Se você vai ficar dizendo a verdade a todos, a festa pra mim vai ser uma

merda; e eu sei que a festa é para você, mas se eu não me divertir então ninguém vai se divertir...

– Ah, isso não pode ser. Que tal eu prometer não contradizer nada que você disser a ninguém desde que não seja uma difamação pessoal?

– Will, eu jamais poderia difamar você – disse Patrick, com uma sinceridade muito fingida. – Eu poderia dizer a todos que você é um filho da puta egoísta que me abandonou. Mas difamar você, o amor da minha vida? Deus me livre. – Performance encerrada, inclinou-se e pôs as mãos nos joelhos de Will. – Já passamos por essa fase, lembra? Bem, pelo menos eu passei – quando achávamos que iríamos ser as primeiras bichas da história a nunca envelhecer? Não, isso não é verdade. Talvez fôssemos envelhecer, mas muito, muito devagar, de forma que, quando tivéssemos sessenta anos ainda poderíamos passar por trinta e dois numa boa? Está tudo nos ossos; é isso o que diz o Jack. Mas negros parecem ótimos com qualquer idade, portanto ele não conta.

– Aonde você está querendo chegar? – Will sorriu.

– Em nós. Sentados aqui como dois caras que o mundo não tratou bem.

– Eu nunca...

– Eu sei o que você vai dizer: você nunca pensa a respeito. Bem, espere até sair num cruzeiro. Vai encontrar muitos garotões musculosos querendo te chamar de paizinho. Falo de experiência própria. Acho que deve ser um rito de passagem gay. Heteros se sentem velhos quando mandam seus filhos para a faculdade. Viados se sentem velhos quando um desses garotos de faculdade chega até eles num bar e lhes diz que quer ser espancado. Por falar nisso...

– Espancamento ou garotos de faculdade?

– Heteros.

– Adrianna vai trazer Glenn no sábado, e você não pode rir, mas ele teve suas orelhas colocadas para trás cirurgicamente, e isso o deixou estranho. Nunca notei antes, mas ele tem uma cabeça meio pontuda. Acho que as orelhas de abano eram uma distração. Então, não ria.

– Não rirei – Will lhe assegurou, perfeitamente certo de que Patrick só estava lhe dizendo aquilo por maldade. – Quer que eu faça alguma coisa para sábado?

– Só apareça e seja você mesmo.

– Isso eu posso fazer – disse. – Ok, já vou indo. – Inclinou-se e beijou Patrick de leve nos lábios.

– Pode sair sozinho?

– De olhos vendados.

– Quer dizer a Rafael que é hora das pílulas? Ele deve estar no quarto ou no telefone.

Patrick tinha razão. Rafael estava esparramado na cama com o telefone colado na orelha, falando em espanhol. Ao ver Will, sentou-se reto, corando.

– Desculpe... disse Will – a porta estava aberta.

– Tudo bem, tudo bem. Era só um amigo, sabe? – disse Rafael.

– Patrick disse que está na hora das pílulas.

– Eu sei – replicou Rafael. – Estou indo. Só vou terminar com meu amigo.

– Vou deixar vocês dois a sós – disse Will. – Antes mesmo de fechar a porta, Will ouviu Rafael retomar o fio de seu papo sexual enquanto ainda estava quente. Will voltou à sala de estar para dizer a Patrick que o recado estava dado, mas no minuto que levou para fazer isso Patrick havia adormecido, e ressonava suavemente em sua poltrona. O banho de luz do fim da tarde suavizava seus traços, mas não havia como apagar o peso dos anos, tristeza e doença. Se ser chamado de paizinho era um rito de passagem, Will pensou, isto também: olhar para um homem por quem me apaixonei em outra vida, e saber que ainda havia amor ali, mas modificado pelo tempo e pelas circunstâncias em algo mais indefinível.

Com prazer ele teria ficado olhando Patrick mais um pouco, acalmado pela familiaridade de seu rosto, mas não queria ficar por ali quando Rafael emergisse, por isso deixou o dorminhoco com seus sonhos e saiu do apartamento, desceu as escadas e foi para a rua.

Por que, ele se perguntou, quando provavelmente havia mais tintas literárias derramadas sobre o assunto do amor do que qualquer outro incluindo liberdade, morte e Deus Todo-poderoso – ele não conseguia sequer começar a apreender as complexidades do que sentia por Patrick? Havia muitas cicatrizes ali, em ambos os lados; coisas cruéis ditas e feitas por raiva e frustração. Havia traições e deserções mesquinhas, mais uma vez de ambos os lados. Havia memórias compartilhadas de sexo selvagem e brincadeiras domésticas e tempos de lucidez amorosa, em que um olhar ou um toque ou uma certa canção eram o nirvana. E havia o agora; sentimentos extraídos do passado, mas sendo tecidos em padrões que nenhum dos dois havia antecipado. Ah, eles sabiam que envelheceriam,

fosse o que fosse que Patrick lembrava. Haviam conversado, meio de brincadeira, sobre envelhecer como alcoólatras felizes em Key West, ou de se mudar para a Toscana e comprar um bosque de oliveiras. O que nunca haviam conversado, porque não parecera provável, era que estariam ali, no meio de suas vidas, e conversando como velhos: lembrando de seus amigos mortos e olhando o relógio até a hora das pílulas.

V

i

–V

ocê conheceu a mística Bethlynn Reichle? – Adrianna quis saber quando Will lhe contou a respeito de Patrick. Estavam comendo um brunch no Café Flores na Market Street no dia seguinte: fritada de espinafre, batatas fritas caseiras e café. Will respondeu que não, nem sinal nem menção da mulher.

– Segundo Jack, ele a vê praticamente dia sim dia não. Jack acha que é uma bela duma empulhação. E, naturalmente, ela cobra uma fortuna por uma hora de seu precioso tempo.

– Não consigo imaginar Pat caindo numa coisa tão tipo fadinha.

– Sei lá. Ele tem aquele traço irlandês. De qualquer forma, ela lhe deu uns cantos que ele tem de repetir quatro vezes ao dia, que Jack jura que são zulus.

– O que é que Jack entende de zulu, cacete? Ele nasceu e viveu em Detroit.

– Diz ele que é memória racial. – Will fez uma cara de desespero. – Glenn tem uma palavra nova que é ótima, a propósito, e apropriada. Lucidiotas. É assim que ele chama as pessoas que falam rápido demais, parecem perfeitamente lúcidas...

– e são na verdade idiotas. Gostei. De onde ele tirou essa palavra?

– É dele. Ele a inventou. Palavras criam palavras. Este é o *cri du jour*.

– Lucidiotas – Will repetiu, mais animado. – E ela é um deles, hein?

– Bethlynn? Com certeza. Ainda não a conheci pessoalmente, mas tem que ser. Ah, agora... eu não devia estar te contando isso, mas Pat me perguntou se seria de bom gosto pedir um bolo para a festa na forma de um urso polar.

– Ao que você respondeu?

– Sim, seria de bom gosto.

– Ao que ele disse: *ótimo*.

– Isso mesmo.

– Obrigado pelo aviso.

ii

Naquela noite, por volta das onze, ele decidiu esquecer uma pílula para dormir e sair para um drinque. Era sexta, e por isso as ruas estavam vivas, e na caminhada de cinco minutos pela Sanchez até a 168; ele deu com os olhos apreciadores de sujeitos suficientes para ter certeza de que poderia ter sorte se tivesse necessidade. Um pouco desse desejo foi posto de lado, entretanto, quando entrou no The Gestalt, um bar que segundo Jack (para quem tinha ligado para pedir a ficha do local) abrira dois meses antes e era o must do verão. Estava quase lotado, alguns dos clientes locais ali para uma cerveja e um papo com amigos, mas muitos mais montados e preparados para o fim de semana. Nos velhos dias havia certas divisões tribais na Castro: homens de couro tinham seus cantos, fãs de drogas, os deles; as debutantes haviam se reunido num ponto diferente dos atrevidos, as bichas loucas, especialmente as mais velhas, jamais teriam sido vistas num bar negro, e vice-versa. Ali, entretanto, havia representantes de cada um daqueles clãs, e mais. Aquele ali não era um homem numa roupa de borracha, encostado no bar bebericando seu bourbon? Era sim. E o sujeito esperando sua vez na mesa de sinuca, o nariz furado e o cabelo esculpido em círculos concêntricos, não era o namorado do homem latino de terno de corte perfeito que fazia carinho nele? A julgar pelos seus sorrisos e beijos, sim. Havia até uma boa proporção de mulheres na muvuca; algumas, achou Will, garotas hetero que vinham provocar as bichas com seus namorados (negócio arriscado; qualquer namorado que concordasse com o passeio provavelmente já estava meio que esperando ser currado na mesa de sinuca), o resto de lésbicas (novamente, de toda variante, da gatinha até a de bigode). Embora ele estivesse um pouco intimidado com a pura exuberância da cena, era por demais voyeur para ir embora. Abriu seu caminho pela multidão do bar, e achou um nicho no outro lado, de onde tinha uma visão ampla do ambiente. Duas cervejas, e começou a se sentir um pouquinho mais legal. Exceto por alguns olhares lançados em sua direção, ninguém prestou muita atenção nele, o que era ótimo, disse a si mesmo, ótimo mesmo. E então, quando já estava pedindo uma terceira cerveja (a última da noite, ele decidira), alguém se sentou ao seu lado no bar e disse:

– Pra mim o mesmo. Não, uma tequila pura. E ele paga.

– Eu? – perguntou Will, olhando para um homem talvez cinco anos mais novo que ele, cuja expressão infeliz conhecia vagamente.

Olhos castanhos estreitos o observavam sob sobrancelhas arqueadas, um sorriso, com sardas, esperava em prontidão para quando Will dissesse:

– Drew?

– Merda! Eu devia ter aceitado a aposta. Eu estava com aquele cara. – Olhou de relance para um sujeito corpulento de casaco de couro no outro lado do bar; o sujeito acenou, obviamente doido para ser convidado a chegar mais. Drew olhou novamente para Will. – Ele disse que você não reconheceria depois de todo esse tempo. Eu disse que apostava que sim. E você me reconheceu.

– Demorou um momento.

– É. Bom... os cabelos não são mais o que costumavam ser disse Drew. Uma década e meia antes, quando tiveram seu caso, Drew exibia uma massa generosa de cabelos louro-escuros encaracolados que caíam pela testa, os cachos mais ambiciosos fazendo cócegas na ponta do nariz. Agora não tinha mais nada. – Se importa? – perguntou ele. – A tequila, quero dizer? Nem tinha certeza de que era você, a princípio. Quero dizer que ouvi... bom, você sabe as coisas que se ouve. Metade do tempo não sei no que acreditar e no que não acreditar.

– Ouviu dizer que eu estava morto?

– É.

– Bem – disse Will, fazendo um brinde com sua lata de cerveja contra o copo transbordante de tequila de Drew. – Não estou.

– Que bom disse Drew, retribuindo o brinde. – Ainda está morando na cidade?

– Acabei de voltar.

– Você comprou uma casa na Sanchez, certo? – O caso dos dois havia precedido a compra, e quando tudo acabou não continuaram amigos. – Ainda tem ela?

– Ainda tenho.

– Eu saía com alguém na Sanchez, e ele a apontou para mim. "É ali que mora o famoso fotógrafo. " – Os olhos de Drew se arregalaram com a citação. – Claro que eu não sabia de quem se tratava. Aí ele me disse, e eu disse...

– ... ah, ele.

– Não, eu fiquei orgulhoso mesmo – disse Drew, com uma doce sinceridade. – Não me atualizo com coisas de arte, você sabe, então não

tinha ligado o nome à pessoa. Quero dizer, eu sabia que você tirava fotos, mas só me lembrava das focas.

Will deu uma gargalhada estrondosa.

– Cristo, as focas!

– Lembra? Fomos juntos ao Píer 39. Pensei que íamos beber e ficar olhando o oceano, mas você ficou obcecado com as focas. Fiquei tão puto. – Esvaziou metade do copo de tequila de um gole. – Engraçado, as coisas que ficam na sua cabeça.

– Seu companheiro está acenando pra você, a propósito – disse Will.

– Ó, Deus. É um caso triste. Tive um encontro com ele e agora toda vez que venho aqui ele fica em cima de mim.

– Precisa voltar para ele?

– Claro que não. A não ser que você queira ficar só. Quero dizer, você pode escolher nessa multidão.

– Quem me dera.

– Você ainda está em ótima forma – disse Drew. – Eu estou ficando pra semente. – Olhou para a barriga, que não era mais a tábua que fora um dia. – Levei uma hora para vestir estes jeans, e vou levar o dobro do tempo para tirá-los. – Olhou para Will. – Sem ajuda, quero dizer. – Deu uma palmadinha no estômago. – Você tirou umas fotos de mim, lembra?

Will lembrava; uma tarde pegajosa de carne durinha e óleo de bebê. Drew era um garotão musculoso e tanto então, padrão de competição, e se orgulhava disso. Um pouco demais, talvez. Romperam na noite de Halloween, quando encontrou Drew nu em pêlo e pintado de ouro da cabeça aos pés, no quintal de uma casa em Hancock como um ídolo lascivo cercado por seus devotos.

– Você ainda tem aquelas fotos? – perguntou Drew.

– Ah, claro que sim. Em algum lugar.

– Adoraria vê-las... um dia desses. – Deu de ombros, como se não fosse provocar consequência alguma, embora ambos tivessem sabido dois minutos antes, quando ele mencionou os jeans, que Will o ajudaria a tirá-los naquela noite.

Enquanto voltavam para casa, Will se perguntou se talvez tivesse cometido um erro. Drew mantinha um monólogo virtualmente não-interrompido, nem um pouco particularmente iluminador, sobre seu trabalho vendendo espaço de publicidade no Chronicle, sobre as atenções

desnecessárias de AI e as aventuras de seu gato incompetentemente castrado. A poucos metros da porta, no entanto, parou no meio do fluxo e disse:

– Estou falando demais, não estou? Desculpe, acho que estou um pouco nervoso.

– Se serve de consolo – disse Will – eu também.

– É mesmo? – Drew parecia em dúvida.

– Não faço sexo com ninguém há oito ou nove meses.

– Meu Deus – disse Drew, claramente aliviado. – Bom, a gente pode ir bem devagar.

Estavam na porta da frente.

– Ótimo – disse Will, abrindo a porta. Devagar será ótimo.

Nos velhos tempos, o sexo com Drew era um espetáculo e tanto; muitas posições, exibições e lutas. Naquela noite, foi suave. Nada acrobático; nada arriscado. Pouco na verdade, além do simples prazer de deitarem nus juntos na cama enorme de Will com a luz pálida da rua banhando seus corpos, abraçando e sendo abraçados. A fome de sensualidade que Will teria sentido naquela situação, a necessidade de explorar exaustivamente cada sensação, parecia muito remota. Sim, ainda estava lá; outra noite, talvez, outro corpo um que ele não lembrava naquela hora tão boa – e talvez ele se sentisse tão possuído quanto fora no passado. Mas naquela noite, prazeres gentis e satisfações modestas. Só houve um momento, enquanto se despiam, e Drew viu pela primeira vez as cicatrizes no corpo de Will, em que a ligação ameaçou se tornar algo um pouco mais difícil.

– Oh, meu Deus – disse Drew, a voz pesada de admiração. – Posso tocá-las?

– Se quiser mesmo.

Drew tocou-as; não com os dedos, mas com os lábios, traçando o caminho reluzente que as garras do urso haviam deixado no peito e na barriga de Will. Ajoelhou-se no processo, e pressionando o rosto contra o baixo ventre de Will disse:

– Eu podia ficar aqui a noite toda. – Colocou as mãos para trás; deixou claro que estava pronto para deixar que Will as amarrasse se quisesse. Will correu os dedos pelos cabelos do homem, meio tentado a entrar na brincadeira. Amarrá-lo; obrigá-lo a beijar cicatrizes e chamá-lo de senhor. Mas decidiu que não queria.

– Outra noite – disse ele, e puxando Drew para seus braços, escoltou-o para a cama.

iii

Acordou ao som de chuva, que batucava na claraboia do telhado. Ainda estava escuro. Olhou para o relógio eram quatro e quinze – e então para Drew, que estava deitado de costas, ressonando suavemente. Will não tinha certeza do que o havia acordado, mas agora que estava consciente decidiu se levantar e esvaziar a bexiga. Mas ao sair da cama captou, ou pensou ter captado, um movimento nas sombras do outro lado da sala. Gelou. Será que alguém havia entrado? Será que ele havia acordado por isso? Estudou a escuridão, procurando mais sinais de um intruso; mas agora não havia nada. As sombras estavam vazias. Olhou para seu companheiro de cama. Drew tinha um pequeno sorriso no sono, e esfregava a barriga nua suavemente, para um lado e para o outro. Will ficou olhando para ele por um momento, curiosamente envolvido. De todas as pessoas improváveis com quem quebrar seu jejum sexual, ele pensou; Drew, o garotão musculoso, amaciado pelo tempo.

A chuva ficou mais forte de repente, batucando uma tatuagem no telhado. Isso o provocou a se levantar e ir ao banheiro, uma rota que poderia ter seguido dormindo. Saindo pela porta do quarto, e então virando a primeira à esquerda, para pisar nos ladrilhos frios; três passos adiante, virando a direita e aí ele poderia mijar com a certeza de que estava apontando para o lugar certo. Esvaziou a bexiga com satisfação, e então voltou para o quarto, pensando ao voltar em como seria bom abraçar Drew.

Então, a dois passos da porta, tornou a vislumbrar um movimento pelo canto do olho. Desta vez ele foi rápido o bastante para ver a sombra do intruso, enquanto o homem fazia sua fuga pelas escadas.

– *Ei*... – ele disse, e o seguiu, suspeitando ao fazê-lo que havia algo de brincadeira no que estava acontecendo. Por algum motivo, não se sentia nem um pouco ameaçado pela presença desse invasor; era como se ele soubesse que ali não havia perigo. Ao alcançar o pé das escadas e perseguir a sombra pelo hall até a sala de arquivos perceber por quê: estava sonhando. E que prova mais certa do que a visão que o aguardava quando entrou na sala? Ali, encostado casualmente na janela a vinte metros de distância e recortado contra o vidro manchado de chuva, estava o Senhor Raposa.

– Você está nu – observou a criatura.

– Você também – lembrou Will.

– Para os animais é diferente. Ficamos mais confortáveis em nossas peles. – Inclinou a cabeça. – As cicatrizes lhe caem bem.

– Assim me disseram.

– O sujeito na sua cama?

– Sim.

– Ele não pode ficar zanzando por aqui, sabia? Não do jeito que as coisas estão indo. Você vai ter que se livrar dele.

– Mas que conversa ridícula – disse Will, virando-se para sair.

– Estou voltando para a cama. – Já estava lá, claro, e dormindo, mas mesmo na forma de sonhos ele não queria ficar ali papeando com a raposa. O animal pertencia a outra parte de sua psique; uma parte que ele havia começado a colocar a uma distância saudável naquela noite, com a ajuda de Drew.

– Espere um instante – disse a raposa. – Dê apenas uma olhada nisto.

Havia um entusiasmo ácido nas palavras do animal que fez Will olhar. Havia mais luz no aposento do que momentos antes, e sua fonte não vinha dos postes lá fora, mas das fotos, suas pobres consumidas (que ainda estavam esparramadas no chão onde ele as havia jogado). Deixando aquele lugar na janela, o Senhor Raposa caminhou entre as fotos, até chegar ao meio da sala. Pela estranha luminescência que as fotografias emanavam, Will podia ver um sorriso de volúpia no rosto do animal.

– Elas valem um momento de estudo, não acha? – perguntou a raposa.

Will olhou. A luz que emanava das fotos era incerta, e por uma boa razão. As formas brilhantes e borradas das fotos estavam se movendo; tremeluzindo, piscando, como se estivessem sendo consumidas por um fogo lento. E, em seus estertores, Will os reconheceu. Um leão esfolado, pendurado numa árvore. Uma tenda ridícula de couro de elefante, pendendo em tiras podres de um dos pólos de seus ossos. Uma tribo de babuínos lunáticos apedrejando os filhotes uns dos outros até a morte. Fotos do mundo corrompido, não mais fixas e remotas, mas sacudindo, se retorcendo e queimando em sua sala.

– Você não gostaria que elas ficassem desse jeito quando as pessoas as vissem? – disse a raposa. – Não mudaria o mundo se elas pudessem ver o horror dessa maneira?

Will olhou para a raposa.

– Não – respondeu. – Não mudaria nada.

– Nem mesmo isto? – disse o animal, olhando para uma foto que estava no meio delas. Estava mais escura do que as outras, e a princípio ele não conseguia distinguir o tema.

– O que é?

– Diga-me você – disse a raposa.

Will se agachou e olhou para uma foto mais de perto. Também havia movimento nesta: um dilúvio de luz piscante caindo numa forma sentada no centro da foto.

– Patrick? – murmurou ele.

– Poderia ser – respondeu a raposa. Era Patrick, com certeza. Estava jogado em sua poltrona à janela, exceto que de algum jeito o telhado havia sido arrancado da casa e a água entrava aos borbotões, descendo pela sua cabeça e seu corpo, brilhando na sua testa, nariz e lábios, que estavam um pouco repuxados, de forma que seus dentes apareciam. Estava morto, Will sabia. Morto na chuva. E quanto mais o dilúvio batia nele mais sua carne se feria e inchava. Will queria desviar os olhos, aquilo não era um macaco, não era um leão, era Patrick, seu amado Patrick. Mas ele treinara seus olhos bem demais. Eles continuavam olhando, como boas testemunhas que eram, enquanto o rosto de Patrick se desmanchava sob o ataque da chuva, e todos os traços de quem ou o quê eram firmemente apagados.

– Oh, Deus... – murmurou Will.

– Ele não sente nada, se lhe serve de consolo – disse a raposa.

– Não acredito em você.

– Então não olhe.

– Não posso. Já está na minha cabeça. – Avançou sobre o animal, subitamente enfurecido. – Que merda eu fiz para merecer isto?

– Esta é a mãe de todas as perguntas, não é? – perguntou ele, imperturbável com a fúria de Will.

O animal deu de ombros.

– Deus quer que você veja. Não me pergunte por quê. Isso é entre você e Deus. Sou só o intermediário. – Bestificado com a observação, Will tornou a olhar para a foto de Patrick. O corpo havia desaparecido, dissolvido na chuva. – Às vezes é demais para as pessoas – a raposa continuava a falar, do seu jeito casual. – Deus diz: *dê uma olhada nisto*, e as pessoas simplesmente perdem a sanidade. Espero que não aconteça com você, mas não há garantias.

– Não quero perdê-lo... – murmurou Will.

– Não posso te ajudar nisso – respondeu o animal. – Sou apenas o mensageiro.

– Bom, então diga a Deus... – Will começou a dizer.

– *Will?*

Havia outra voz atrás dele. Olhou para trás, e lá estava Drew de pé na porta, com um lençol enrolado na cintura.

– Com quem você está falando? – perguntou.

Will tornou a olhar para o quarto, e por um momento – embora agora estivesse acordado achou que vislumbrara a silhueta do animal contra o vidro. Então a visão desapareceu, e ele estava em pé, nu, no frio, com Drew se aproximando para enrolar o lençol em seus ombros.

– Você está grudento de suor – disse Drew.

Estava: um suor doentio corria pelo corpo. Drew enlaçou o peito de Will com os braços, trancando as mãos contra o esterno dele e deitando a cabeça no ombro de Will.

– Você costuma andar durante o sono?

– De vez em quando – respondeu Will, olhando para o chão cheio de lixo, ainda pensando que poderia captar uma luz brilhante numa das fotos. Mas não havia nada.

– Vamos voltar para a cama, então? – perguntou Drew.

– Não, na verdade eu preferia ficar acordado um pouco disse Will. Já tivera sonhos suficientes para uma noite. Pode subir. Vou fazer um pouco de chá para mim.

– Posso ficar com você, se quiser.

– Estou bem – disse Will. – Vou subir num instante.

Drew pegou o lençol de Will e subiu, deixando Will preparar para si um bule de Earl Grey. Não queria particularmente revisitar as imagens que haviam acabado de encontrá-lo, mas ao sentar bebericando o chá não conseguiu evitar retratar a vida fantástica que suas fotos entulhadas haviam assumido quando as sonhara. Era como se elas contivessem alguma carga de significado que ele não conseguira ver ou compreender, e haviam escolhido comunicar a ele em seu sono. Mas o quê? Que a morte era terrível? Ele sabia disso melhor do que muita gente. Que Patrick ia morrer, e não havia nada que Will pudesse fazer a respeito? Isso ele também sabia. Ficou ruminando esse pensamento, mas não conseguia tirar muito sentido da experiência. Talvez estivesse procurando significado

onde não havia nenhum. Quanta credibilidade ele deveria dar a um sonho que mostrava uma raposa falante que afirmava ser a mensageira de Deus? Provavelmente muito pouca.

E mesmo assim, não houve uma fração de instante no final, depois que Drew chamou seu nome, e ele despertou, em que a raposa havia permanecido, como se estivesse testando os limites de sua jurisdição, pronta a ultrapassá-los para onde não tinha nada a fazer?

Acabou retornando para a cama. A tempestade havia passado sobre a cidade, e o único som no quarto era a respiração tranquila de Drew. Will enfiou-se entre os lençóis o mais delicadamente possível para não despertá-lo, mas em algum lugar de seu sono Drew sabia que seu parceiro de cama havia voltado, pois virou-se para encarar Will, os olhos ainda fechados, a respiração normal, e achou um lugar contra o corpo de Will onde se encaixavam de modo confortável. Will tinha certeza de que não iria dormir, mas dormiu; e profundamente. Não houve mais visitas. Deus e seu mensageiro o deixaram em paz pelo resto da noite, e quando acordou foi tudo sol e beijos.

VI

Patrick não era de ameaçar em vão: a peça de centro da mesa do bufê na festa era um bolo enorme na forma de um urso polar um tanto portentoso, completo com um belo par de presas e uma lasciva língua rosada. Isso inevitavelmente suscitou perguntas; e Patrick direcionou-as todas para Will, que foi então obrigado a contar a história do ataque uma dezena de vezes, comprimindo-a a cada repetição até transformá-la no impressionantemente casual: claro, fui mastigado por um urso.

– Por que não me contou? – perguntou Drew, quando a informação chegou aos seus ouvidos no meio da sala. – Pensei que você tinha ganho as cicatrizes num acidente. Mas Jesus, um urso! – Não pôde resistir a dar um sorriso. – Isso é demais.

Will pegou a fatia de pizza de frango e alcachofras que Drew estava devorando e acabou com ela.

– Está tentando me dizer alguma coisa? – perguntou Drew. – Como, pare de comer?

– Não.

– Você acha que eu estou gordo demais, não é? Admita.

– Acho que você está ótimo – Will disse, paciente. – Você tem minha permissão para comer todas as fatias de pizza que seus dedos melados puderem pegar.

– Você é um deus – disse Drew, e voltou à mesa do bufê.

– Vocês dois estão continuando de onde pararam?

Will olhou ao redor e lá estava Jack Fisher, elegante como sempre, com um garoto branco melancólico a tiracolo. Primeiro os abraços e cumprimentos de praxe antes de Jack apresentar o amigo. – Este é Casper. Ele não acredita que eu te conheço.

Casper apertou com força a mão de Will, tropeçando em algumas palavras de admiração.

– Você era um dos meus ídolos quando eu era garoto – disse. – Quero dizer, porra, seu trabalho é tão real, sabe? Quero dizer, é do jeito que as coisas são, não é? Tudo fodido?

– Casper é pintor – explicou Jack. – Comprei uma pequena ereção dele. Ele só pinta caralhos. Não é, Casper? – O garoto parecia um pouco

desconfortável. – É um mercado pequeno – disse Jack – mas fiel.

– Eu adoraria... talvez lhe mostrar um pouco do meu trabalho um dia desses – disse Casper.

– Por que não vai pegar uma bebida pra gente? – disse Jack. Casper franziu a testa; obviamente não queria bancar o garçom.

– E eu vou convencer Will a comprar uma pintura.

Relutante, Casper partiu. – Eles são muito bons, na verdade – disse Jack. – E ele está falando sério sobre você, sobre você ser um ídolo dele. Uma graça, não é? Estou pensando seriamente em levá-lo para a Louisiana e sossegar o facho com ele.

– Você jamais fará isso – disse Will.

– Bom, eu certamente não vou mais ficar nesta cidade de merda – Jack disse cansado. Baixou a voz um pouco.

– A verdade é que estou cansado de gente doente. Sei como isso parece, mas você me conhece, eu falo do jeito que vejo. E tenho mais endereços riscados no meu caderninho do que quero contar.

– Quantos anos tem o Casper? – perguntou Will, observando o sujeito abrir caminho na direção deles com dois copos de scotch.

– Vinte. Mas ele sabe tudo que precisa saber. – Fisher sorriu conspirador, mas Will desviou o olhar. Não queria dar muita atenção a esse garoto que, apesar de todo o papo doméstico de Jack, estaria por conta própria, fodido e esquecido, em um mês.

– Você precisa passar no estúdio – disse Jack, exagerando no tom agora que Casper estava de volta. – Ele está fazendo uma série inteira de peças de esperma... – parou no meio da frase. – *Oh-Oh* – murmurou, o olhar indo até a porta, onde uma mulher belíssima de seus cinquenta anos, vestida num cinza diáfano, havia acabado de fazer sua entrada. Ela inspecionou os trinta e tantos convidados de forma um tanto imperiosa, e então, avistando Patrick, foi direto a ele. Ele deixou de lado a conversa com Lewis, que estava usando o evento para fazer circular um volume muito fino de seus poemas, e foi cumprimentá-la. Ela perdeu suas maneiras reais quando Patrick abraçou-a, beijando seu rosto e gargalhando rouco com algo que ele disse.

– Aquela é que é a Bethlynn? – perguntou Will.

– É – respondeu Jack. – E não estou com saco, portanto você está sozinho. Só não deixe que ela calce os sapatinhos vermelhos. – Com isso e um sorriso matreiro, saiu de fininho, Casper a tiracolo.

Will estava fascinado, observando Bethlynn conversar com Patrick. Ele estava babando com cada sílaba que ela dizia, sem dúvida; sua linguagem corporal sugeria uma mansidão que não era característica de sua parte. Assentia uma vez ou outra, mas baixava os olhos a maior parte do tempo enquanto ouvia atentamente a sabedoria dela.

– Então essa é que é ela – Adrianna havia se chegado a Will, e estava casualmente tentando examinar o par enquanto mordiscava um pedaço do glacê do urso polar.

– Nossa Senhora dos Cristais.

– Será que alguém gosta dela? – perguntou Will.

– Esta é a primeira vez que qualquer um de nós aqui a vê.

– Acho que ela não desce ao plano dos mortais com muita frequência, embora Lewis afirme tê-la visto roubando berinjelas num mercado. – Ela riu com a mão sobre a boca ao pensar na visão improvável. – Claro, Lewis é poeta, portanto seu testemunho não conta de fato.

– Cadê o Glenn?

– Está vomitando.

– Bolo demais?

– Não, ele fica nervoso quando está perto de muita gente. Pensa que estão todos olhando para ele. Antigamente ele achava que estavam olhando para suas orelhas, mas agora que as consertou acha que estão tentando descobrir o que há de diferente nele.

Will tentou conter uma risada, mas não conseguiu. Ela emergiu tão alto que Patrick olhou para ele. No momento seguinte estava levando Bethlynn para o outro lado da sala. Adrianna chegou um pouco mais perto de Will, para ter certeza de que seria incluída nas apresentações.

Will – disse Patrick – gostaria de lhe apresentar Bethlynn. – Ele sorria de orelha a orelha, como um garotinho. – É tão maravilhoso – disse. – As duas pessoas mais importantes da minha vida...

– Eu sou Adrianna, a propósito.

– Desculpe – disse Patrick. – Bethlynn, esta é Adrianna. Ela trabalha com Will.

De perto, Bethlynn parecia bem mais velha que a princípio, suas feições de ossos altos, quase eslavas com finas rugas esculpidas. Sua mão, quando tomou a de Will, era fria, e quando ela falava sua voz era tão baixa e rouca que Will teve de se inclinar para ouvir o que estava dizendo. E mesmo assim só conseguiu pegar:

– ... em sua honra.

– A festa – Patrick explicou.

– Pat sempre foi mestre em organizar festinhas – disse Will.

– É porque ele é um celebrante nato – respondeu Bethlynn. – É uma qualidade sagrada.

- Ah, dar festas é sagrado hoje em dia? – Adrianna se intrometeu. – Não sabia.

Bethlynn ignorou-a.

– Os dons de Patrick queimam com mais intensidade a cada dia. – A mulher continuou: – Eu vejo. São manifestos. – Olhou para ele. – Há quanto tempo trabalhamos juntos?

– Cinco meses – respondeu Pat, ainda sorrindo como um acólito abençoado.

– Cinco meses, e a cada dia queimam com mais intensidade.

Do nada, Will ouviu a si mesmo dizer:

– *Vivos e mortos, alimentamos o fogo.*

Bethlynn franziu a testa; estreitou os olhos como se estivesse ouvindo o eco das palavras de Will para ter certeza de que as ouvira direito. Então disse:

– A que fogo você se refere?

Will ainda pensou em retirar o comentário, mas se o homem que o cunhara lhe havia ensinado alguma coisa, era a importância de assumir suas crenças. O problema era que ele não tinha realmente uma resposta. Aquela frase, que o perturbara por três décadas, não era prontamente explicitável, e talvez por isso ela tivesse provado ser tão resistente. Bethlynn, entretanto, queria uma resposta. Ela observou Will com seus grandes olhos cinzentos, enquanto ele se atrapalhava com as palavras.

– É só uma frase... – disse. – Não sei. Acho que significa... Fogo é fogo, não é?

– Diga-me você – ela disse.

Havia uma esperteza distinta na análise dela que o irritou. Ao invés de deixar o desafio passar, ele disse:

– Não, a especialista em queimar com intensidade é você. Você provavelmente tem uma teoria melhor que eu.

– Não tenho teorias. Não preciso delas – disse Bethlynn. – Eu tenho a verdade.

– Epa, erro meu – replicou Will. – Achei que você estava simplesmente vagando por aí como o resto de nós.

– Você é muito cínico, não é? – ela disse. – Muito decepcionado.

– Obrigado pela análise, mas...

– Muito ferido. Não há vergonha em admitir isso.

– Não estou admitindo nada – respondeu Will.

Ela estava pegando num ponto fraco dele, e sabia. Uma onda de beatitude tomara conta do rosto dela.

– Por que está tão na defensiva? – perguntou.

Will levantou as mãos.

– Tudo o que eu disser agora você vai usar contra mim...

– Não é *contra* ninguém – respondeu ela. Patrick havia finalmente saído de sua fuga apatetada e tentou interferir, mas Bethlynn o ignorou. Aproximando-se um pouco mais de Will, como se para lhe emprestar o conforto de sua proximidade, disse:

– Você vai fazer muito mal a si mesmo se não aprender a perdoar. – Ela havia colocado a mão no seu braço. – Com *quem* está tão zangado?

– Vou lhe dizer – ele falou. Ela sorriu na expectativa de que ele aliviasse seu fardo. – Tem uma raposa...

– Raposa? – ela perguntou.

– Ela está me deixando louco. Eu sei que eu deveria beijar o rabo cheio de pulgas dela e lhe dizer que perdôo suas invasões. – Ela deu um olhar devastador para Patrick, que ele interpretou como um sinal para preparar a partida dela. – Mas não é fácil com raposas – continuou Will. – Porque eu odeio essas filhas da puta. Odeio. – Bethlynn estava recuando agora. – Odeio, odeio, odeio... – E ela se foi, escoltada para dentro da multidão.

– Boa tirada – observou Adrianna. – Sutil, dissimulada. ótima.

– Preciso de uma bebida – disse Will.

– Vou procurar o Glenn. Se ele ainda estiver passando mal vou levá-lo pra casa, por isso, se eu não te ver depois, aproveite o resto da festa.

– Que diabos você disse a ela? – Jack quis saber, quando alcançou Will e a garrafa de uísque.

– Está tudo borrado.

– Só sei que eu adorei a cara que ela fez.

– Você estava prestando atenção?

– Todo mundo estava prestando atenção.

– Eu devia pedir desculpas.

– Tarde demais. Ela acabou de ir embora.

– Para ela não, para Patrick.

Encontrou Pat no aposento nos fundos do apartamento que juntos haviam batizado de conservatório; um espaço ocupado por uma decoração fora de temporada, móveis antigos e vários pés de maconha. Ele estava fumando um charro gordo no meio delas, olhando para a parede.

– Foi uma estupidez – disse Will. Fiz merda e quero te pedir desculpas.

– Não quer não – disse Patrick. – Você acha que ela é uma grande farsa e queria mostrar a ela como se sentia. – Sua voz era grave. Não havia raiva nela, nem sequer ressentimento; apenas fadiga. – Quer um pouco? – perguntou, olhando rapidamente para Will enquanto oferecia a bagana. Os olhos estavam vermelhos.

– Meu Deus, Pat... – disse Will, com vontade de chorar com a infelicidade de Patrick.

– Quer um pouco ou não? – fungou Patrick. Will aceitou a bagana, e deu uma boa tragada. – Preciso de Bethlynn neste instante – continuou Pat. – Já sei o que você acha a respeito dela, e eu provavelmente pensaria a mesma coisa se estivesse no seu lugar, mas não estou. Estou aqui. Você está aí. São quilômetros, Will, porra. – Inspirou rápido, quase como se estivesse em pânico. – Estou morrendo. E não gosto. Não estou em paz, não estou reconciliado... – Virou para pedir a bagana de Will. – Não estou... não terminei minha estada aqui. Nem. Remotamente. Terminado. – Deu outra tragada na bagana, e então devolveu-a a Will, que queimou-a até o toco. Olharam um para o outro, ambos segurando tragadas de fumaça, encarando o olhar um do outro sem esforço. Então, soltando a fumaça enquanto falava, Patrick disse: – Nunca estive tão interessado assim no que se passa fora destas quatro paredes. Sou muito feliz com um pouco de maconha e uma ótima vista. Você voltava com suas fotos e eu pensava: ah, que se foda, não quero ver o mundo se ele é assim. Não quero saber sobre a extinção, merda. É depressivo. Todo mundo concorda: a morte é deprimente. Vou simplesmente me isolar. Mas não conseguia. Ela estava aqui o tempo inteiro. Bem aqui. Em mim. Eu não a tranquei do lado de fora. Tranquei-a do lado de dentro.

Will deu um passo em sua direção, até que seus rostos não estavam mais que a trinta centímetros de distância.

– Quero pedir desculpas a Bethlynn – disse ele. Independentemente do que eu pense a respeito dela, agi feito um babaca.

– De acordo.

– Será que ela me recebe se eu me humilhar o suficiente?

– Provavelmente não. Mas talvez você possa ligar para a casa dela. – Ele sorriu. – Isso me faria muito feliz. – O importante é isso.

– Está falando sério?

– Você sabe que sim.

– Então, enquanto você ainda está generoso, posso pedir para fazer mais uma coisa pra mim? Não precisa fazer agora, É mais uma coisa para o futuro.

– Me conte.

Patrick lhe deu aquele olhar de viés que sempre tinha quando estava alto, e, esticando o braço, pegou os dedos de Will.

– Quero que você esteja aqui comigo – disse – quando chegar a hora de eu... partir, Permanentemente, quero dizer. Rafael é maravilhoso, e Jack também, e Adrianna também. Mas eles não são você, Ninguém jamais chegou perto de você, Will. – Seus olhos brilhavam de tristeza. – Promete?

– Prometo – respondeu Will, deixando as próprias lágrimas caírem. – Eu te amo, Will.

– Eu também te amo. Isso não vai mudar. Nunca. Você sabe disso.

– Sei. Mas gosto de ouvir assim mesmo. – Fez uma tentativa valente de sorrir. – Acho que deveríamos distribuir baganas entre os necessitados. – Pegou a jarra de biscoitos sobre a mesa. – Enrolei umas vinte. Acha que dá?

– Cara, você planejou tudo – disse Will.

– Sou um celebrante nato – disse Patrick enquanto saía para distribuir aquela generosidade. – Não sabia?

VII

Praticamente todo mundo ficou doidão, exceto Jack, que havia se tornado sóbrio por conta própria no ano anterior (após duas décadas de excesso químico) e Casper, que estava proibido de fumar a erva porque Jack não podia. Drew tornou-se democraticamente paquerador sob a influência, e então, percebendo onde estavam suas melhores esperanças de gratificação, seguiu Will até a cozinha e lhe ofereceu uma descrição gráfica do que queria fazer quando voltassem para a Sanchez Street.

Acabou que, ao final da festa, Drew estava tão mal de erva e bebida que disse que precisava ir para casa e dormir para curar o porre. Will convidou-o para voltar à sua casa, mas ele declinou. Não queria que ninguém, especialmente Will, o visse vomitando no banheiro, disse: era um ritual particular. Will levou-o para casa, certificou-se que ele entrasse com segurança no apartamento, e então foi para casa. Contudo, as preliminares verbais de Drew o haviam deixado com tesão, e contemplou dar um pulo de fim de noite ao The Penitent para encontrar alguma ação. Mas pensar em se montar para a caça a uma hora daquelas o dissuadiu. Precisava mais de sono que da mão de um estranho. E Drew estaria sóbrio no dia seguinte.

Novamente pareceu acordar, perturbado por sirenes na Market, ou um grito na rua. Pareceu acordar, e pareceu se sentar e estudar o quarto em sombras, assim como duas noites atrás. Desta vez, entretanto, ele sabia bem do truque que sua mente adormecida estava lhe pregando. Resistindo à vontade de caminhar no sono até o banheiro, ficou na cama, esperando que a ilusão de despertar passasse.

Mas depois do que lhe pareceram minutos, ele ficou entediado. Havia um ritual ali, ele percebeu, que seu consciente exigiu que ele encenasse, e até que ele o desempenhasse não teria permissão de sonhar algo mais repousante. Resignado com o jogo, levantou-se e vagou até o patamar. Não havia sombra na parede desta vez para fazê-lo descer as escadas, mas desceu assim mesmo, seguindo a mesma rota da última vez em que se encontrara com o Senhor Raposa: ao longo do hall, entrando na sala de arquivos. Naquela noite, entretanto, não havia luzes saindo das fotos no

chão. Aparentemente o animal queria conduzir a conversa onírica na escuridão.

– Será que podemos acabar logo com isso o mais rápido possível? – perguntou Will, penetrando na penumbra. – Deve haver um sonho melhor que...

Parou. O ar ao seu redor se deslocou, substituído por um movimento na sala. Alguma coisa estava se movendo em sua direção, e era muito maior que uma raposa. Começou a recuar; ouviu um sibilo; viu uma massa cinzenta enorme se elevar à sua frente, a cabeçorra aberta, deixando ver uma escuridão que fazia a penumbra parecer brilhante...

Um urso! Deus do céu! E não era um urso qualquer. Era o que o havia ferido, voltando a ele com suas próprias feridas manando, o hálito podre e quente em seu rosto.

Instintivamente, fez o que teria feito na vastidão selvagem: caiu de joelhos, baixou a cabeça e apresentou um alvo tão pequeno quanto possível. As tábuas sob ele reverberaram com o peso e a fúria do animal; suas feridas estavam subitamente brilhando em homenagem ao seu criador. Por pouco ele não gritava, muito embora soubesse que aquilo era apenas mais um sonho idiota; por pouco ele não implorava para que aquilo parasse e o deixasse em paz. Mas continuou em silêncio, as palmas das mãos contra as tábuas, e esperou. Depois de algum tempo, as reverberações cessaram. Ainda assim ele não se moveu, mas contou até dez, e só então ousou mover a cabeça uma ou duas polegadas. Não havia sinal do urso. Mas do outro lado da sala, inclinado contra a janela de forma tão despreocupada como sempre, estava o Senhor Raposa.

– Existe provavelmente uma pletora de lições aqui – disse a criatura – mas duas em particular vêm à mente. Will levantou-se desajeitado enquanto a raposa compartilhava sua sabedoria. – Quando você está lidando com espíritos animais – e isso é o que você tem em suas mãos, Willy, goste ou não – é melhor lembrar que somos todos uma grande e feliz família, e se estou aqui então provavelmente tenho companhia. Esta é a primeira lição. – E... qual é a segunda?

– *Mostre algum respeito por mim!* – gritou a raposa subitamente todo racional: – Você entra aqui dizendo que quer minar tudo o mais rápido possível. Isto me insulta, Willy.

– Não me chame de Willy.

– Peça com educação.

– Ah, puta que pariu. Por favor, não me chame de Willy,

– Melhor.

– Preciso beber alguma coisa. Minha garganta está completamente seca.

– Vá pegar alguma coisa para você – disse a raposa. – Eu irei com você.

Will foi até a cozinha, e a raposa seguiu atrás, instruindo-o para não acender a luz.

– Prefiro muito mais a penumbra – disse o animal. – Mantém meus sentidos aguçados.

Will abriu a geladeira e retirou uma embalagem de leite. – Quer alguma coisa?

– Não estou com sede – disse a raposa. – Mas obrigado.

– Algo para comer?

– Você sabe o que eu gosto de comer – respondeu a raposa, e a imagem de Thomas Simeon deitado morto na grama penetrou na cabeça de Will com uma clareza doentia.

– Meu Deus – disse Will, deixando a porta da geladeira bater.

– Vamos lá – disse a raposa – onde está seu senso de humor? – Ele saiu das sombras profundas para um pedaço de luz cinzenta que vinha da janela. Parecia, pensou Will, mais maligno que da última vez em que haviam se encontrado. – Sabe, acho que você devia se perguntar – disse ele – com toda seriedade, se talvez você não esteja enlouquecendo. E se estiver, quais serão as consequências para os que estão ao seu redor. Particularmente seu novo namoradinho. Quero dizer, ele não é a mais estável das criaturas, é?

– Está falando de Drew?

– Exato. Drew. Por algum motivo, eu estava pensando que o nome dele era Brad. Acho, com toda a honestidade, que você deveria soltá-lo, ou acabará arrastando-o para baixo com você. Ele vai ficar louco por você, ou tentar cortar os pulsos, uma das duas coisas. E você será responsável por isso. Não quer que isso aconteça com você. Não com o resto da merda com a qual tem de lidar.

– Você vai ser mais específico?

– Não é a guerra dele, Will. É sua e só sua. Você se alistou nela no dia em que deixou Steep levar você colina acima.

Will colocou o litro de leite na pia e levou as mãos à cabeça.

– Gostaria de entender que diabos você está querendo – ele disse.

– No quadro mais geral – disse a raposa – eu quero o que todo animal quer no fundo do coração, exceto talvez os cachorros: quero que sua espécie desapareça. Para as estrelas, se conseguirem chegar até lá. Para a podridão e a ruína, o que é mais provável. Não nos importamos. Só queremos vocês longe do nosso pelo.

– E depois o quê?

– Depois nada – respondeu a raposa, dando de ombros. Sua voz virou um murmúrio. – O planeta continua girando, e quando está claro é dia e quando está escuro é noite, e não há fim para o simples êxtase das coisas.

– O simples êxtase das coisas – disse Will.

– Frase bonita, não é? Acho que a aprendi com Steep.

– Vocês sentiriam falta disso tudo se fôssemos embora...

– Palavras, você quer dizer? Eu poderia, por um ou dois dias. Mas passaria. Numa semana eu teria esquecido que boa conversa era e seria um coração feliz novamente. Do jeito que eu era quando Steep primeiro pôs seus olhos em mim.

– Eu sei que estou só sonhando isto, mas já que você está aqui... o que sabe a respeito de Steep?

– Nada que você não saiba – disse a raposa. – Afinal, existe uma boa parte dele em você. Dê uma boa olhada em si mesmo, um dia destes. –A raposa se aproximou da mesa, baixando a voz até um sussurro insinuante. – – Você realmente acha que teria desperdiçado a maioria da sua vida natural tirando fotos de animais selvagens atormentados se ele não tivesse colocado aquela faca nas suas mãos? Ele moldou você, Will. Semeou as esperanças e as decepções, semeou a culpa, e o desejo.

– E também semeou você, ao mesmo tempo?

– Para o melhor ou o pior. Sabe, eu não sou nada importante. Sou apenas a raposa inocente que comeu as partes pudendas de Thomas Simeon. Steep me viu trotando para longe dali e decidiu que eu era um vilão. O que foi muito injusto da parte dele, a propósito. Eu só estava fazendo o que qualquer raposa com um estômago vazio faria, vendo uma refeição grátis. Não sabia que estava comendo alguém importante.

– E Simeon era importante?

– Bem, obviamente era para Steep. Quero dizer que Jacob realmente levou esse negócio de comer um cacete para o lado pessoal. Ele veio atrás de mim, como se fosse arrancar a minha cabeça. Então eu corri, corri tão longe e tão rápido... – Aquela não era a lembrança que Will tinha do

evento, conforme ele o havia testemunhado pelos Olhos de Steep, mas o Senhor Raposa não parava de falar, e Will não ousava interrompê-lo. – E ele veio atrás de mim. Não havia como escapar dele. Eu estava em sua memória, entende? No olho de sua mente. E deixe eu te dizer uma coisa, ele tem uma mente igual a uma armadilha de aço. Assim que me prendeu nela não havia como escapar. Nem mesmo a morte conseguiu me tirar de sua cabeça. – Um soluço rouco escapou do animal. – Deixe-me te dizer uma coisa – disse ele. – Não é como estar na sua cabeça. Quero dizer, você tem uma psique bagunçada, sem dúvida, mas não é nada comparada com a dele. Nada.

Will conhecia uma isca quando estava sendo oferecida. Mas não pôde evitar; mordeu-a.

– Me conte mais – disse.

– Como ele é? Bem... se a minha cabeça é um buraco no chão e a sua é um barraco – sem ofensas – então a dele é uma puta catedral. Quero dizer, é toda composta de espirais, coros e arcos. Incrível.

– Lá se vai o simples êxtase das coisas.

– Você é rápido, não é? – a raposa disse, em apreciação. – Logo que vê uma fraqueza no argumento do sujeito, mergulha fundo.

– Então a mente dele é como uma catedral?

– Isso faz com que ele pareça sublime demais. Não é. Está se decompondo, ano após ano, dia após dia. Está ficando cada vez mais escuro e frio lá dentro, e Steep não sabe como se aquecer, a não ser matando coisas, e isso não funciona mais tão bem como antes.

Os dedos de Will se lembravam do veludo das asas da mariposa, e do calor do fogo que logo os consumiria. Embora não tivesse dito o pensamento em voz alta, a raposa o ouviu de qualquer maneira.

– Você teve experiência de suas metodologias, claro. Eu já ia me esquecendo disso. Você já viu sua loucura em primeira mão. Isso deveria armar você contra ele, pelo menos um pouco.

– E o que acontece se ele morrer?

– Eu escapo da cabeça dele – disse a raposa. E estou livre.

– É por isso que você está me assombrando?

– Eu não estou assombrando você. Assombração é coisa de fantasma, e eu não sou fantasma. Eu sou um... o que eu sou? Sou uma memória que Steep transformou num pequeno mito. O Animal que Devorava Homens. É isso o que eu sou. Eu não era realmente interessante como uma raposa

comum. Então ele me deu uma voz. Fez com que eu ficasse de pé sobre as patas traseiras. Chamou-me de Senhor Raposa. Ele me fez da mesma forma que fez você. – A admissão foi amarga. – Somos ambos seus filhos.

– E se ele deixar você partir?

– Eu já disse: sou libertado.

– Mas no mundo real você está morto há séculos.

– E daí? Tive filhos enquanto era vivo. Três filhotes, até onde sei. E eles tiveram filhotes, e seus filhotes tiveram filhotes. Ainda estou lá fora numa forma ou outra. Você também deveria plantar algumas sementinhas, a propósito, mesmo que vá contra a sua natureza. Equipamento você tem. Olhou para a virilha de Will. – Eu podia alimentar uma família de cinco com isso aí.

– Acho que essa conversa terminou, não acha?

– Eu certamente estou me sentindo muito melhor – respondeu a raposa, como se fossem dois vizinhos beligerantes que tivessem acabado de ter uma conversa franca.

Will se levantou.

– Isso quer dizer que posso parar de sonhar agora? – perguntou ele.

– Você não está sonhando – respondeu a raposa. – Você está completamente desperto há meia hora...

– Isso não é verdade – Will disse.

– Receio que seja – respondeu a raposa. – Você abriu um pequeno buraco na sua cabeça naquela noite com Steep, e agora o vento pode entrar nela. O mesmo vento que sopra por sua cabeça vem assoviando por aquele seu barraco...

Will já tinha ouvido mais que o suficiente.

– Chega! – ele disse, começando a andar na direção da porta. – Você não vai começar a brincar com a minha cabeça.

Levantando as patas, fingindo se render, o Senhor Raposa ficou de lado, e Will saiu para o hall. A raposa o seguiu, tamborilando com as garras nas tábuas.

– Ah, Will – ele gemeu. – Estávamos indo tão bem...

– Eu estou sonhando.

– Não está não.

– Estou sonhando.

– Não!

No pé da escada, Will girou e gritou:

– Ok, não estou! Estou maluco! Estou completamente gagá, porra! – ótimo a raposa disse, com calma. – Estamos chegando a algum lugar.

– Você quer que eu vá contra o Steep de camisa-de-força, é?

– Não. Só quero que você deixe de lado algumas de suas suposições de sanidade.

– Por exemplo?

– Quero que você aceite a ideia de que você, William Rabjohns, e eu, uma raposa semimística, podemos coexistir e de fato coexistimos.

– Se eu aceitasse isso estaria me passando um atestado de loucura.

– Tudo bem, tente desta forma: lembra das bonecas russas?

– Não comece com isso...

– Não, é muito simples. Tudo se encaixa dentro de tudo o mais... – Ó, Cristo... – Will murmurou para si mesmo. Um pensamento estava agora se esgueirando para ele: se aquilo fosse de fato um sonho – e era, tinha de ser – então talvez tudo que acontecera antes, antes do seu despertar, fosse também um sonho; ele nunca acordara, mas ainda estava comatoso num leito em Winnipeg...

Seu corpo começou a tremer.

– O que houve? – perguntou a raposa.

– Cale a boca! – ele gritou, e começou a subir cambaleante as escadas.

O animal o seguiu.

– Você ficou muito pálido. Está passando mal? Faça um chá de hortelã. Vai acalmar seu estômago.

Será que ele mandou o bicho se calar de novo? Não tinha certeza. Seus sentidos estavam indo e vindo. Num instante ele estava caindo pelas escadas, noutro praticamente se arrastando pelo patamar, e então no banheiro, vomitando, enquanto a raposa tagarelava atrás dele sobre como ele deveria se cuidar, pois estava num estado mental muito delicado (como se ele não soubesse) e todos os tipos de loucura poderiam tomar conta dele.

Então estava no chuveiro, sua mão, ridiculamente distante, lutando para segurar a torneira. Seus dedos estavam fracos como os de uma criança; então a torneira girou subitamente e ele foi atingido por um dilúvio de água gelada. Pelo menos suas terminações nervosas estavam funcionando integralmente, ainda que sua cabeça não. Em dois segundos seu corpo estava todo arrepiado, a cabeça latejando de frio.

Apesar do pânico, ou talvez por causa dele, sua mente estava com uma agilidade fora do comum, pulando instantaneamente para lugares onde já havia sentido aquele frio entorpecedor antes. Em Balthazar, claro, deitado ferido no gelo; e na colina sobre Burnt Yarley, perdido na chuva amarga. E às margens do Rio Neva, no inverno do palácio de gelo...

– Espere, – ele pensou. Essa lembrança não é minha. Os pássaros caindo mortos do céu...

– Esse é um pedaço da vida de Steep, não da minha.

O rio como uma rocha, e Eropkin – pobre e condenado Eropkin construindo sua obra-prima com gelo e luz...

Ele balançou a cabeça violentamente para desalojar esses invasores. Mas eles não queriam sair. Congelado ao ponto da imobilidade pela água gelada, tudo o que podia fazer era ficar ali parado enquanto as memórias indesejadas de Steep invadiam sua cabeça num dilúvio.

VIII

Ele estava de pé na rua repleta de gente em São Petersburgo, e se o frio já não lhe tivesse roubado a respiração, a visão à sua frente o teria feito: o palácio de Eropkin, suas paredes com vinte metros de altura e reluzentes à luz das tochas e fogueiras que queimavam para todo lado. Eram quentes, aquelas fogueiras, mas o palácio não derramava uma gota de água, pois o calor delas não podia competir com o ar frígido.

Ele olhou ao redor da turba que pressionava as barricadas, provocando os hussardos que os mantinham à distância com botas e ameaças. Por Cristo, como fediam naquela noite! Roupas fétidas sobre corpos fétidos.

– Gentalha... – murmurou.

À esquerda de Steep, um moleque com cara de beterraba berrava sobre os ombros do pai, meleca congelada nas narinas. À sua direita, um bêbado com barba cheia de pedaços de gordura rodopiava, com uma mulher num estado ainda mais incapacitado agarrada no seu braço.

– Odeio essa gente – disse uma voz perto do seu ouvido. – Vamos voltar mais tarde, quando estiver tudo quieto.

Ele olhou para a pessoa que falava, e lá estava Rosa, seu rosto exótico, rosado de frio, emoldurado por seu capuz forrado de pele. Ah, mas ela está tão linda esta noite, com as chamas das lanternas cintilando em seus olhos.

– Por favor, Jacob – disse ela, puxando sua manga naquele jeito de menininha perdida que ela sabia que funcionava tão bem. – A gente podia fazer um bebê esta noite, Jacob. Sério, eu acredito que a gente podia sim. – Ela estava mais perto dele agora, e ele sentiu o aroma do hálito dela; uma fragrância que nenhuma perfumaria parisiense jamais poderia esperar capturar. Mesmo ali, no coração de um inverno de ferro, ela tinha o cheiro da primavera. – Ponha a mão na minha barriga, Jacob – disse ela, pegando a mão dele e colocando-a ali.

– Não está quente? – Estava. – Não acha que a gente podia fazer uma vida esta noite?

– Talvez – disse ele.

– Então vamos nos afastar desses animais – disse ela. – Por favor, Jacob. Por favor. – Ah, ela podia ser persuasiva quando estava naquele jeito coquete. E, verdade seja dita, ele gostava de entrar no jogo dela.

– Animais, você disse?

– Não são melhores – respondeu ela, com um grunhido de desprezo.

– Você os mataria? – ele perguntou.

– Cada um deles.

– Cada um?

– Menos você e eu. E do nosso amor uma nova raça de gente perfeita surgiria, para ter o mundo do jeito que Deus pretendia que fosse.

Ouvindo isso, ele não conseguiu evitar de beijá-la, embora as ruas de São Petersburgo não fossem iguais às de Paris ou Londres, e qualquer exibição de afeto, especialmente uma apaixonada como a deles, provavelmente atrairia censura. Ele não se importava. Ela era seu outro, seu complemento, a parte que o completava. Sem ela, ele não era nada. Tomando seu rosto glorioso nas mãos, ele pôs os lábios sobre os dela, o hálito dela uma fragrância fantasma se elevando entre os rostos dos dois. As palavras que a respiração carregava ainda o espantavam, embora ele as tivesse ouvido inúmeras vezes.

– Eu te amo – ela lhe disse. – E o amarei enquanto tiver vida.

Ele a beijou mais uma vez, com mais força, sabendo que havia olhos invejosos sobre eles, mas não se importando nem um pouco. Deixe que a multidão olhe, engula em seco e balance a cabeça. Eles nunca sentiriam em todas as suas vidas vazias o que ele e Rosa sentiam agora: a suprema conjunção de alma com alma.

E então, no meio do beijo, o burburinho da multidão foi sumindo e desapareceu por completo. Abriu os olhos. Não estavam mais de pé do lado de fora das barricadas, mas na própria entrada do palácio. O caminho atrás deles estava deserto. Metade da noite havia se passado no tempo que ele levou para respirar. Agora passava muito da meia-noite.

– Ninguém vai nos espionar? – Rosa estava perguntando a ele.

– Paguei a todos os guardas para irem e beberem até cair – ele disse a ela. – Temos quatro horas antes que a multidão da manhã comece a vir e babar. Podemos fazer o que quisermos aqui dentro.

Ela tirou o capuz da cabeça e penteou os cabelos com os dedos, para que caíssem em abundância sobre os ombros.

– Há algum quarto?

Ele sorriu.

– Ah, sim, há um quarto. E uma cama enorme de dossel, todas esculpidas em gelo.

– Leve-me até ele – disse ela, pegando-o pela mão.

Para dentro do palácio eles se aventuraram, através do salão de recepções, belamente montado com lareira e móveis; através do vasto salão de baile com seu reluzente candelabro de estalactites; através da sala de vestir, onde estava arrumado um guarda-roupa de casacos, chapéus e sapatos, todos escavados com perfeição no gelo.

– É inigualável – disse Jacob, olhando para a porta da frente – a maneira como a luz sofre refração. – Embora tivessem se aventurado fundo no coração da estrutura, o brilho das tochas colocados ao redor do palácio ainda reluzia, tremeluzindo através das paredes translúcidas. Para outros olhos certamente teria despertado apenas maravilhamento; mas Jacob não estava à vontade. Alguma coisa no lugar despertou nele uma memória à qual não conseguia dar nome.

– Já estive num lugar destes antes – ele disse para Rosa.

– Outro palácio de gelo? – ela perguntou.

– Não. Um lugar tão brilhante por dentro quanto por fora.

Ela ruminou isso por um momento.

– Sim. Já vi um lugar assim – disse ela. Saiu de perto dele e correu a palma da mão sobre a parede cristalina. – Mas não era feito de gelo – disse ela. – Tenho certeza de que não...

– O quê, então?

Ela franziu a testa.

– Não sei – disse. – Às vezes, quando tento me lembrar das coisas, perco meu caminho.

– Eu também.

– Por que isso?

– Talvez a ligação com Rukenau.

Ela cuspiu no chão ao som do nome dele.

– Não fale nele – disse.

– Mas existe uma conexão, querida – disse Steep. – Juro que existe.

– Não vou ouvir você ficar falando dele, Jacob – disse ela, e se afastou correndo, as saias zunindo pelo chão de gelo.

Ele a seguiu, dizendo a ela que não falaria mais de Rukenau se isso a perturbava tanto. Ela estava zangada agora – suas fúrias eram sempre súbitas, e às vezes brutais – mas ele estava determinado a aplacá-la, tanto pelo seu próprio equilíbrio quanto pelo dela. Assim que ele a tivesse na cama, dissiparia sua raiva com beijos facilmente, abriria seu corpo quente

para o ar frio e lamberia sua carne até que ela soluçasse. A carne dela podia suportar estar nua ali. Ela reclamava do frio, claro, e exigia que ele lhe comprasse peles para evitar que ela congelasse, mas era tudo um embuste. Ela ouvira outras mulheres exigirem essas coisas dos maridos, e estava jogando o mesmo jogo petulante. E, assim como parecia ser sua tarefa de esposa fazer beicinho, bater o pezinho e fugir dele em alguma cena inventada, da mesma forma era a dele persegui-la e coagi-la, e no fim tomar seu corpo – à força, se necessário – até ela confessar que os únicos erros dele eram erros de amor, e ela o adorava por isso. Era uma brincadeira absurda, e ambos sabiam disso. Mas se era para serem marido e mulher, então deviam desempenhar os rituais como se fossem coisas naturais. E, na verdade, uma parte deles o fazia. Aquela parte, por exemplo; onde ele a pegava e a agarrava com força; lhe dizia para não ser criança, ou teria de fodê-la com mais força. Ela se contorcia nos seus braços, mas não tentava fugir dele. Só lhe dizia para fazer o que pudesse de pior, o pior possível.

– Não tenho medo de você, Jacob Steep – disse ela. – Nem de suas fodas.

– Ah, isso é bom – disse ele, levantando-a e carregando-a até o quarto. A cama propriamente dita era nos mínimos detalhes uma réplica perfeita da verdadeira, até mesmo na marca funda do travesseiro, como se algum dorminhoco frígido tivesse acabado de se levantar. Ele colocou-a lá gentilmente, os cabelos dela espalhados pelo linho nevado, e começou a desabotoar a roupa dela. Ela já havia perdoado suas palavras sobre Rukenau, ao que parecia. Esquecida, talvez, em sua fome de ter a carne de Steep dentro dela, um desejo tão súbito quanto suas fúrias, e às vezes tão brutal quanto.

Ele havia desnudado seus seios, e colocado a boca no mamilo dela, sugando-o para o calor de sua boca. Ela estremeceu de prazer, e pressionou a cabeça dele para que prosseguisse, esticando as mãos para puxar a camisa dele. Ele estava tão duro quanto a cama em que se encontravam. Deixando de lado toda a ternura, ele levantou-se dela, encontrou o lugar onde seu pau doía de vontade de ir, e enfiou os dedos ali, sussurrando no ouvido dela que ela era a melhor puta de toda a Cristandade, e merecia ser tratada de acordo. Ela tomou-lhe o rosto nas mãos e mandou que fizesse o pior com ela, e com esse convite ele retirou os dedos e enterrou seu pau

depressa, tão subitamente que o grito de reclamação dela ecoou pelos salões glaciais.

Ele tomou o tempo que quis, como ela exigia que fizesse, depositando todo seu peso sobre ela enquanto se aproximava da descarga. E, à medida que ia chegando lá, e os gritos de prazer dela voltavam para ele por intermédio do teto e das paredes, a sensação que havia tomado conta dele na passagem retornou: a de que ele havia estado num lugar que aquele palácio, apesar de todas as suas glórias, não chegava perto em esplendor.

– Tão brilhante... – disse ele, vendo a luminescência em sua cabeça.

– O que é brilhante? – Rosa perdeu o fôlego.

– Quanto mais fundo vamos... – disse ele – ... mais brilhante fica.

– Olhe para mim! – exigiu ela. - Jacob! Olhe para mim!

Ele estocava mecanicamente, sua ereção não mais a serviço do prazer dela, ou sequer do seu próprio, mas alimentando a visão. Quanto mais alto ele subia, mais brilhante ficava; como se o derramar de sua semente o levasse ao coração dessa glória. A mulher se contorcia sob seu ataque, mas ele não prestou atenção nela; só continuou metendo, e continuou, à medida que o brilho aumentava, e com ele, sua esperança de que aos poucos conheceria aquele lugar; daria um nome a ele, e o compreenderia.

O momento estava quase chegando; o lampejo do reconhecimento certo. Mais alguns segundos, mais algumas estocadas no vácuo dela, e ele teria sua revelação.

Então ela começou a empurrá-lo para longe dela, empurrando seu corpo com todas as forças. Ele se segurou, determinado a que sua visão não lhe fosse negada, mas ela não iria permitir isso. Apesar de todos os guinchos e soluços dela, ela só brincava de subjugação – do jeito que ela brincava de garotinha perdida, ou da esposa necessitada – e agora, querendo que ele se afastasse dela, ela só tinha de usar sua força. Quase casualmente, ela o jogou para longe e para fora dela, do outro lado da cama gélida. Ao invés de derramar sua semente no meio da revelação, ele descarregou-a mansamente, em espasmos pela metade, distraído demais pela violência dela para captar a visão que estivera sobre ele.

– Você estava pensando em Rukenau novamente! – gritou ela, deslizando da cama e escondendo os seios. – Eu te avisei, não foi? Eu te avisei que não faria parte disso!

Jacob fechou os olhos, esperando captar um vislumbre do que havia acabado de escapar dele. Estivera tão perto, tão perto. Mas havia

desaparecido, como fogos de artifício que morrem nos céus.

E no escuro, o som da água, caindo em cima dele. Abriu os olhos – e descobriu que havia caído no chuveiro, enquanto a água gelada continuava em seu crânio.

– Cristo... – murmurou, esticando o braço com esforço e desligando a água. Então ficou deitado, sem fôlego, estremecendo na água que corria pelo ralo. Que diabos estava acontecendo com ele? Primeiro, sonhos dentro de sonhos. Agora visões dentro de visões? Ou ele tendo a mãe de todos os ataques de nervos, que era no mínimo um pensamento desagradável, ou então... ou então o quê? Que o Senhor Raposa estava certo? Haveria sequer uma opção? Seria remotamente possível que, fosse o que o animal fosse – sintoma ou espírito – estivesse lhe dizendo algum tipo de verdade metafísica, e tudo que seu crânio continha era, como uma boneca russa, contido em si próprio? Ou melhor, que o conteúdo de sua mente, que incluía suas memórias de Steep e uma raposa com o focinho ensanguentado, estava paradoxalmente envolvido por alguma parte desse conteúdo; Steep o doutrinando com sua própria mitologia, na qual aquela mesma raposa de focinho coberto de sangue fora elevada ao título de Senhor?

– Tudo bem – ele disse ao animal, exausto demais para discutir com ele. – Suponha, por um pouco de paz e tranquilidade, que eu aceite o que você está me dizendo? Isso quer dizer que eu não preciso pensar mais em foder com a Rosa? Porque sinto muito, mas não é essa a ideia que eu faço de uma noite de diversão na cidade. Está me ouvindo?

Não houve resposta da raposa. Ele se levantou, pegou uma toalha para enrolar seu corpo trémulo, e saiu para o patamar ainda cambaleante. Estava deserto. Ele desceu. A sala de arquivos, o quarto escuro, a cozinha, estava tudo deserto. A raposa havia ido embora.

Sentou-se à mesa da cozinha, onde o litro de leite que havia bebido ainda estava lá, e subitamente, de modo quase inexplicável, foi tomado por um ataque de riso. Sua situação era absurda: ele havia passado a noite falando de metafísica com uma raposa, cujo único propósito, ao que parecia, era o de abrir a cabeça de Will para uma noção de sua própria realidade, Bem, ela conseguira. Estivesse ele sonhando ou sendo sonhado, se Steep estava em sua cabeça ou ele na de Steep, se a raposa era mito, má-fé ou uma prova concreta de sua loucura, era tudo parte de uma

jornada que ele não tinha escolha senão seguir. Seu reconhecimento desse fato, e sua aceitação dele, eram curiosamente reconfortantes. Ele viajara para tantos lugares selvagens em sua vida e finalmente perdera a fé com essas jornadas. Mas talvez elas tivessem sido todas realizadas para trazê-lo de volta para casa e colocá-lo numa jornada que ele não poderia ter encontrado até entrar em desespero com todas as outras.

Esvaziou o litro de leite e – ainda sorrindo para si mesmo pelo absurdo e simplicidade disso – foi para a cama. Seus lençóis eram um luxo depois da cama fria no palácio de Eropkin, e, puxando o cobertor, caiu num sono relaxante.

IX

D

a varanda do que um dia fora a residência do comandante português em Suhar, em Omã, Jacob tinha uma visão magnífica de Jask, através do Golfo, e do Estreito de Ormuz, subindo a costa. Há muitos séculos os ocupantes haviam deixado o país, e a modesta mansão havia entrado num triste processo de decadência. Não obstante, ele e Rosa haviam estado muito confortáveis ali pelos últimos vinte e dois dias. Embora a cidade houvesse decaído para uma obscuridade poeirenta desde os dias do imperialismo, era notável por uma peculiaridade. Por suas ruas vagava um bando de travestis, conhecidos localmente como os Xanith, que afirmavam estar possuídos por espíritos de divindades femininas menores. Como sempre, Rosa ficava muito feliz na presença de homens que fingiam ter o sexo dela, e ao ouvir falar naquela tribo extraordinária exigiu que Steep a acompanhasse em busca deles, pois ela estivera ao lado dele numa série de matanças bem-sucedidas ultimamente. Ele tivera muito trabalho a fazer em seus diários, transpondo as notas que fizera nos locais de extinção a uma forma final, e por isso concordou em ir com ela, embora enfatizando que, quando seu trabalho continuasse, estaria aumentando a escala de suas empreitadas e esperava a inteira cooperação dela. As coisas haviam corrido bem para ele ultimamente. Uma dezena de extinções quase-certas nos últimos sete meses, oito delas, era verdade, formas menores de vidas de insetos da América do Sul, mas todas úteis até o fim. E agora, todas guiadas para o mundo das lendas por sua mão cuidadosa.

Hoje, contudo, aqueles triunfos pareciam muito remotos. Hoje sua tinta e sua pena estavam intocadas, pois suas mãos tremiam demais. Hoje tudo o que podia fazer era pensar em Will Rabjohns.

– Por que diabos você se obceca tanto por ele? – Rosa quis saber quando se aproximou de Jacob, sentado tristonho na varanda.

– É o contrário – disse ele. – Não tenho pensado nele há muito tempo. Mas ele tem pensado um pouco em mim, aparentemente.

– Pensei que você tinha lido para mim alguma coisa sobre ele ter

sido morto – disse ela, pegando um gomo de tangerina do prato que ele abandonara e mastigando a parte amarga.

– Não, morto não. Atacado. Por um urso.

– Ah, é isso mesmo – disse ela. – Ele tira fotos de animais mortos.

– Você tinha aquele livro dele... – ela jogou o pedaço mordiscado e selecionou um gomo fresco – influência sua, ouso dizer.

– Estou certo disso – disse Jacob. Obviamente o pensamento não lhe dava prazer. – O problema é que a influência funciona em mão dupla.

– Ah, então você está pensando em se tornar um fotógrafo? – Rosa perguntou com um risinho.

O olhar que Jacob lançou para ela havia feito o gomo parecer doce.

– Não quero ele em meus pensamentos – disse. – E ele está lá. Acredite em mim.

– Acredito em você – disse ela. Então, depois de uma pausa: – Será que eu posso... perguntar como ele chegou lá?

– Existem coisas entre ele e eu que nunca contei a você – respondeu Jacob.

– A noite na colina – ela disse sem expressão na voz.

– Sim.

– O que você fez com ele?

– Foi o que ele fez comigo...

– E o que foi? Conte.

– Ele é um paranormal, Rosa. Ele viu fundo dentro de mim. Mais fundo do que eu mesmo gosto de olhar. Ele me levou a Thomas...

– Ó, Deus Rosa – disse cansada.

– Não revire os olhos para mim, porra!

– Tudo bem, tudo bem, calma. Podemos lidar com a criança muito facilmente...

– Ele não é mais um garoto.

– Em nossa escala de coisas, ele é uma criança – disse Rosa, usando seu melhor tom conciliatório. Foi até a cadeira de Jacob, abriu os joelhos dele suavemente e ficou de cócoras entre eles, olhando-o carinhosamente. – Às vezes você deixa as coisas escaparem de toda proporção – disse ela. – Então ele tem andado mexendo com sua cabeça...

– São Petersburgo – disse Jacob. – Ele estava lembrando São Petersburgo. Nós no palácio. E era mais do que simplesmente memória. Era como se ele estivesse procurando alguma fraqueza em mim.

– Não me lembro de você estar fraco naquela noite – Rosa disse sedutora.

Jacob não se comoveu com o elogio dela.

– Não quero que ele fique olhando mais – disse ele.

– Então vamos matá-lo – replicou Rosa. – Sabe onde ele está agora? – Jacob balançou a cabeça, sua expressão quase supersticiosa. – Bem, ele não deve ser difícil de encontrar, pelo amor de Deus. É só voltar à Inglaterra, e começar a procurar onde o encontramos pela primeira vez. Como é mesmo que se chamava aquele buraco de rato?

– Burnt Yarley.

– Ah, claro. Foi lá que Bartholomeus construiu aquele Fórum ridículo. – Ela desviou o olhar para um pouco longe, os olhos vítreos.

– Aquele nariz de gavião que ele tinha, meu Deus.

– Era grotesco – disse Jacob.

– Mas ele era tão carinhoso com as coisas vivas. Como o garoto.

– Não há nada de suave em Will Rabjohns – resmungou Steep.

– É mesmo? E quanto às fotos no seu livro?

– Aquilo não é carinho, é culpa. E um toque de morbidez. Existe um coração duro naquele homem. E quero que ele se silencie.

– Eu mesmo faço isso – disse Rosa. – Com prazer.

– Não. É obrigação minha.

– Faça o que quiser, amor. Vamos fazer isso e esquecê-lo. Você poderá colocá-los num de seus livrinhos quando ele estiver morto. – Ela pegou o diário mais recente, e folheou-o até chegar a uma página em branco. – Bem aqui – disse ela. – Will Rabjohns. Extinto.

– Extinto – murmurou Steep. – Sim – sorriu ele. – Extinto, extinto, extinto. – Era como um mantra: um vazio para onde o pensamento iria, para onde a vida iria.

– É melhor eu me despedir – disse Rosa, e deixando-o na varanda, voltou à cidade para uma última hora na companhia das Xanith.

Ela voltou à mansão, esperando descobrir que Jacob ainda estava sentado na sua cadeira, se lamentando. Nada disso. Em sua ausência, ele não só havia empacotado todos os seus pertences como arrumara um veículo esperando no portão da frente, para levá-los costa abaixo até Masquat na primeira etapa de sua jornada de volta a Burnt Yarley.

X

i

W

ill não se mexeu até um pouco depois das nove, mas quando o fez sentiu a cabeça incrivelmente clara. Imantou-se, contemplou o chuveiro por alguns instantes, imaginando se não estava fazendo um convite aos problemas para entrarem nele, regulou corajoso a água para fria e entrou sob sua barragem. Não houve visões, e depois de um minuto de masoquismo, aumentou o calor um pouco e esfregou-se até ficar limpo.

Seco, vestido e na segunda xícara de café, ligou para Adrianna. Glenn atendeu, com a voz um pouco anasalada.

– Peguei algum tipo de alergia – disse ele. – Meu nariz não para de correr. – Quer falar com Adrianna?

– Posso?

– Não, porque ela não está. Foi tentar conseguir um emprego.

– Onde?

– No departamento de planejamento da cidade. Conheci uma mulher na festa de Patrick que estava procurando alguém, então ela foi conferir.

– Então ligo depois – disse Will. – Cuide das suas alergias.

A ligação seguinte foi para Patrick, cuja primeira pergunta foi:

– Como está se sentindo esta manhã?

– Muito bem, obrigado.

– Não se arrepende, não é? Merda. Eu tinha medo disso. A festa foi um fiasco.

Will levou um ou dois minutos para convencê-lo de que só porque ninguém havia se apaixonado nem caído de uma janela não queria dizer que a festa não tivesse sido memorável. Patrick admitiu relutante que talvez só estivesse se sentindo nostálgico, sentado no meio dos restos, mas nos velhos tempos uma festa não era sequer digna de ter acontecido a menos que alguém terminasse sendo fodido na banheira enquanto os convidados ofereciam um excitante coro de *Aída*.

– Essa noite eu devo ter perdido – disse Will, ao que Patrick respondeu que não, ambos haviam estado lá, mas a pobre memória de Will havia sido frita de tanto ficar no sol tirando retratos de família de búfalos-d'água.

– Mudando de assunto... – disse Will.

– Você quer o endereço de Bethlynn – disse Patrick.

– Sim, por favor.

– Ela mora em Berkeley, na Spruce Street. – Will anotou as direções, avisado mais uma vez para não tentar ligar para ela primeiro, porque ela quase certamente bateria o telefone na cara dele. – Ela não gosta de qualquer ar de negatividade ao redor – explicou Patrick.

– E eu sou o Sr. Negatividade?

– Bom, encare os fatos, gato, ninguém olha seus livros e pensa, puxa, em que planeta maravilhoso vivemos. Na verdade – olhe, Will não quero que você se zangue com isso – Bethlynn deu uma olhada num dos seus livros e me disse para sair do apartamento.

– Ela fez o quê?

– Eu pedi pra não ficar zangado. É assim que ela pensa. Ela vê coisas em termos de boas vibrações e vibrações ruins.

– Então você fez uma queima de livros na Castro.

– Não, Will...

– O que mais foi? O Almoço Nu? Rei Lear? Vibrações ruins em Lear, cara, é melhor jogar fora!

– Cale a boca, Will – Patrick replicou educado. – Eu não disse que concordava com ela. Só estou lhe dizendo onde a cabeça dela se situa. E se você quer mesmo fazer as pazes com ela, então vai ter que trabalhar com isso.

– Ok – disse Will, acalmando-se um pouco. – Serei o mais legal que puder. Talvez eu ofereça a ela um livro de girassóis para compensar todas essas vibrações ruins. Grandes girassóis amarelos em todas as páginas, com uma citação do *Bhagavad Gita* embaixo.

– Você poderia fazer pior, ó meu homem – ressaltou Patrick. – As pessoas precisam de um pouco de luz em suas vidas agora.

Ah, mas existe luz em minhas fotos, pensou Will, lembrando de como elas haviam brilhado aos pés da raposa, os olhos do caçado e os ossos em que haviam se tornado, brilhando para ele. Havia muita luz. Só não era o tipo de iluminação sobre o qual Bethlynn gostaria de meditar.

ii

Mais tarde, quando o táxi o levou para o outro lado da ponte, ele olhou para trás, para as colinas cobertas de neblina e sol e pensou pela primeira

vez em muitos anos como era uma cidade boa de se viver; um dos poucos lugares na terra em que a experiência humana ainda era conduzida numa atmosfera de civilidade apaixonada.

– Você é turista? – quis saber o motorista.

– Não. Por quê?

– Fica olhando para trás como se nunca tivesse visto o lugar antes.

– Hoje estou me sentindo como se fosse assim – disse Will, que confundiu tanto o homem que o silenciou de modo eficiente pelo resto da viagem.

Mas era verdade. Ele sentia como se seus olhos estivessem mais claros hoje do que em anos, tanto de modo literal quanto figurado. Não só os sinais ao seu redor pareciam cristalinos, mas tirava prazer de onde seu olhar nunca teria se detido antes. Para toda parte que olhava havia nuances de tom e cor para deleitá-lo. Nos cedros, nas frentes das lojas, no couro rachado do banco à sua frente. E na calçada, rostos vislumbrados que ele jamais veria novamente, cada um deles uma glória nascente própria. Ele não sabia de onde vinha essa claridade recém-encontrada, mas era como se tivesse olhado por uma lente suja a maior parte de sua vida e tivesse se familiarizado tanto com a sujeira que agora, quando o vidro fora milagrosamente limpo, era uma revelação. Era isso o que a raposa quisera dizer com o simples êxtase das coisas?

Escolheu saltar do táxi a duas quadras da casa de Bethlynn, parte para desfrutar um pouco daquele sentimento antes de se encontrar com ela, e parte para preparar um discurso de reconciliação. O último propósito, entretanto, foi abandonado no momento em que ele começou a caminhar. Os confins do táxi haviam sido uma limitação à sua visão faminta. Agora, sozinho na calçada, o mundo passava batido por ele em todas as direções; e no mesmo momento voltou correndo para mostrar-lhe suas maravilhas. Havia nuvens sobre sua cabeça que o vento havia transformado em babados e ouropéis; as tábuas em decomposição de uma casa do outro lado da rua exibiam gloriosos padrões de tinta descascando. Um bando de pombos, jantando as migalhas de um pedaço de bolo descartado, realizavam uma dança exótica enquanto voejavam e pousavam, e em seguida se levantavam num vôo glorioso e saíam em revoada.

Aquela não era a condição em que ele esperava estar quando se confrontar Bethlynn, mas desde que ela não interpretasse de forma errada o sorriso que não conseguia tirar da cara, talvez não fosse um estado

inadequado. Se ela fosse de fato a sensitiva que Patrick afirmara que era, então ela saberia que sua euforia era verdadeira Concentrar a atenção no simples ato de caminhar dois quarteirões até a casa dela era problemático, no entanto. Para todo lugar que olhava, visões o distraíam. Um muro, um teto, um reflexo numa janela: tudo exigia que ele tirasse um tempo para parar e ficar olhando. Quantos dias, semanas, meses de sua vida ele havia esperado num buraco cheio de lama ou numa árvore em outro continente para um vislumbre de algo que ele queria colocar em filme – e com quanta frequência deixava o campo insatisfeito? – enquanto aqui, o tempo todo, nesta rua a dezesseis quilômetros de onde vivia havia glórias dissolutas, ansiosas para serem vistas? E se ele tivesse desperdiçado aquele tempo ensinando sua câmera a ver com os olhos que ele estava usando neste exato instante – ensinando a ela mesmo uma minúscula parte dessa visão – não teria convertido cada alma que via suas fotos para o bem maior? Elas não teriam olhado espantadas, e *dito é isto o mundo*? e percebendo que sim, se tornado protetoras dele?

Ó, Deus, por que a raposa não abrira sua cabeça quinze anos atrás, e lhe poupado todo aquele tempo perdido?

Ele levou quase uma hora para descer as duas quadras para chegar à varanda do modesto bangalô de Bethlynn, mas quando chegou, já estava recobrado, e pronto para tirar o sorriso do rosto e representar o réprobo arrependido. Ela demorou um pouco para responder às suas batidas, no entanto, e durante esse tempo o desenho intrincado das rachaduras no degrau atraíram sua admiração, e quando ela finalmente abriu a porta, ele olhou para ela com um sorriso pateta no rosto.

– O que deseja? – ela perguntou.

Ele murmurou o mínimo do mínimo:

– Vim pedir desculpas.

– Veio mesmo? – perguntou ela, sua apreciação menos que promissora.

– Eu estava... olhando as rachaduras no seu degrau... – ele disse, tentando explicar seu sorriso.

Ela o examinou um pouco mais.

– Você está bem? – perguntou.

– Sim... e... não... – ele respondeu.

Ela continuou olhando para ele, com uma expressão que ele não conseguia interpretar direito. Obviamente ela estava sentindo alguma coisa nele que não era bem se ele havia escovado direito os dentes naquela

manhã. E fosse o que fosse – sua aura, suas vibrações – ela pareceu confiar no que sentia, pois disse:

– Podemos conversar aqui dentro. – E, recuando, deixou que ele entrasse na casa.

XI

O interior não era de forma alguma o que ele esperava. Não havia mapas astrais, nem queimadores de incenso, nem cristais de cura na mesa. A sala grande para a qual ela o levou era mobiliada de forma esparsa porém confortável, as paredes pintadas de um bege calmante e apenas com uma foto de família. A única outra decoração era um vaso de camélias colocado no alpendre. A janela estava aberta um pouco, e a brisa adocicava a sala com o aroma de suas pétalas.

– Por favor, sente-se – disse ela. – Quer beber alguma coisa?

– Um pouco d'água seria ótimo. Obrigado.

Ela foi buscar a água, deixando que ele se acomodasse no sofá confortável. Mal havia acabado de se ajeitar, um enorme gato malhado pulou sobre o braço do sofá – sua agilidade contradizendo sua massa e, ronronando antecipadamente pelo toque de Will, foi em sua direção.

– Meu Deus, você é uma obra de arte – disse Will.

O gato pôs a cabeça debaixo da mão de Will, e forçou-a contra a sua palma.

– Genghis, pare de ser oferecido – disse Bethlynn, voltando com a água.

– Genghis? De *Genghis Khan*?

Bethlynn fez que sim.

– O flagelo da Cristandade. – Colocou a água de Will sobre a mesa, e tomou um gole de seu próprio copo. – Um pagão ao seu núcleo.

– O gato ou o Khan?

– Ambos – disse Bethlynn. – Não fique lisonjeado demais. Ele gosta de todos.

– Que bom para ele – disse Will.

– Escute, sobre a festa de Pat: a culpa foi minha; eu estava num dia do contra, e lamento.

– Um pedido de desculpas basta – disse Bethlynn, seu tom de voz mais caloroso que seu vocabulário – Todos nós fazemos suposições sobre as pessoas. Eu mesma fiz algumas sobre você, admito, e elas não eram mais lisonjeiras do que as que você fez a meu respeito.

– Por causa de minhas fotos?

– E alguns artigos que eu havia lido. Talvez você fosse mal representado, mas devo dizer que parecia um pessimista profissional.

– Eu não era mal representado. Era só... uma consequência do que eu havia visto... – Apesar de seus melhores esforços, ele sentiu o mesmo sorriso idiota da porta voltando ao seu rosto enquanto conversavam. Até mesmo naquela sala quase ascética, seus olhos lhe traziam revelações. A luz do sol na parede, as flores no alpendre, o gato no seu colo; tudo brilho, variações e flutuações de cor. Teve de se controlar muito para não deixar os fios de sua conversa sóbria com Bethlynn irem embora, e começar a balbuciar como uma criança sobre o que estava vendo.

– Eu sei que provavelmente você acha que muito do que eu compartilho com Patrick são bobagens sentimentais – Bethlynn lhe dizia. – Mas curá-lo não é um negócio para mim, é uma vocação. Faço o que faço porque quero ajudar as pessoas.

– Você acha que pode curá-lo?

– Não no sentido médico, não. Ele tem um vírus. Não posso fazer com que ele enfraqueça e morra. Mas posso colocá-lo em contato com o Patrick que não está doente. O Patrick que nunca estará doente, porque é parte de algo que está além da doença.

– Parte de Deus?

– Se essa é a palavra que você quer usar – disse Bethlynn. – É um pouco Velho Testamento demais para mim.

– Mas você quer dizer Deus?

– Sim, quero dizer Deus.

– Patrick sabe que é isso que está acontecendo? Ou ele acha que vai ficar melhor?

– Não precisa perguntar isso a mim – disse Bethlynn. – Você o conhece num nível muito mais profundo que eu. Ele é um homem muito inteligente. Só porque está doente não significa que esteja mentindo para si mesmo.

– Com todo o respeito – disse Will – não é isso o que estou perguntando.

– Se está perguntando se eu tenho mentido para ele, a resposta é não. Jamais prometi a ele que ele sairia disso vivo. Mas ele pode sair disso inteiro, e sairá.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que, assim que ele se encontrar no eterno, então não terá medo da morte. Ele a verá como o que ela é. Parte do processo. Nem mais nem menos.

– Se é parte do processo, por que importa se ele olhou minhas fotos ou não?

– Eu estava me perguntando quando íamos chegar nesse ponto – disse Bethlynn, recostando-se na sua poltrona. – Eu apenas... não sentia que fossem uma influência positiva sobre ele, só isso. Ele está muito cru no momento; muito sensível a influências boas e ruins. Suas fotos são extremamente poderosas, Will, não há dúvida a respeito. Elas exerceram um poder quase hipnótico em mim quando as vi pela primeira vez. Eu me arriscaria a dizer que elas são uma forma de magia.

– São apenas fotos de animais – disse Will.

– São muito mais que isso. E... se me perdoa dizer, e talvez não perdoe... muito menos. – Noutro dia, em outro estado mental, Will teria se levantado em defesa de seu trabalho a essa altura. Ao invés disso, ouviu com um distanciamento tranquilo.

– Discorda? – perguntou Bethlynn.

– Sobre a parte da magia, sim.

– Quando digo magia, não estou falando em algo saído de contos de fadas. Estou falando em operar mudanças no mundo. É isso a que sua arte se destina, não é? É uma tentativa, mal direcionada, acho eu, mas uma tentativa perfeitamente sincera de operar mudanças. Agora, você pode dizer que toda a arte tenta fazer isso, e talvez tente, mas você conhece as forças com as quais sua obra trabalha. Ela está tentando algo mais potente que uma foto da ponte Golden Gate. Em outras palavras, acho que você tem os instintos de um xamã. Você quer ser um intermediário, um canal pelo qual alguma visão maior que a perspectiva humana – talvez seja uma visão divina, talvez demoníaca, não sei se você saberia a diferença – é comunicada para a tribo. Isso soa plausível a você, ou você só está sentado aí achando que eu falo demais?

– Não estou pensando isso em absoluto – disse Will.

– Alguém já falou isso a você?

– Uma pessoa, sim. Quando eu era criança. Ele era...

– Não – disse Bethlynn, erguendo as mãos apressadas à sua frente como se quisesse desviar de si essas informações. – Prefiro que não compartilhe isso comigo.

– Por que não?

Ela se levantou e foi até a janela, pegando gentilmente uma folha morta das camélias.

– Quanto menos eu souber o que move você, melhor para todos os envolvidos – disse ela. Sua voz tinha uma serenidade artificial. – Já tenho sombras próprias suficientes sem precisar herdar as suas. Essas coisas passam, Will. Como vírus.

Não era uma analogia bonita.

– É tão ruim assim?

– Acho que você está num lugar extraordinário neste exato momento disse ela. – Quando olho para você, vejo um homem que tem a capacidade de fazer um grande bem, ou... – Deu de ombros. – Talvez eu esteja sendo simplista – disse. – Pode não ser uma questão de bem e mal. – Olhou para ele, o rosto fixo numa máscara de impassividade, como se não quisesse lhe dar uma pista de como estava se sentindo. – Você é um caldeirão de contradições, Will. Acho que muitos gays são. Eles querem alguma coisa diferente do que foram ensinados a querer, e isso... não sei qual é a palavra... isso os conspurca de algum modo. – Ela encarou Will, ainda preservando sua máscara. – Mas não é bem o que está acontecendo com você – disse ela. A verdade é que eu não sei o que vejo quando olho para você, e isso me deixa nervosa. Você poderia ser um santo, Will. Mas duvido. O que quer que se mova em você... Bom, para ser perfeitamente honesta, o que quer que se mova em você me apavora.

– Talvez a gente deva interromper esta conversa agora – disse Will, tirando Genghis do colo e se levantando – antes que você comece a me exorcizar.

Ela deu uma gargalhada leve com essa observação, mas sem muita convicção.

– Certamente foi um prazer conversar com você – ela disse, sua súbita formalidade um sinal certo de que ela não iria revelar mais nada.

– Você vai continuar trabalhando com Patrick?

– Claro – disse ela, escoltando-o até a porta.

– Não achou que eu ia desistir dele só porque trocamos algumas palavras amargas? É minha responsabilidade fazer o que eu puder. Não só por ele, por mim. Estou numa jornada pessoal. É por isso que é um pouco confuso quando encontro alguém como você na estrada. – Estavam na

porta. – Bem, boa sorte – ela disse, apertando a mão de Will. – Talvez a gente se encontre um dia desses.

E dizendo isso ela o empurrou até a entrada, e sem esperar resposta, fechou a porta.

XII

i

Ele caminhou a maior parte do caminho para casa. A jornada levou quase cinco horas, abastecida por barras de Chocolate Hershey e donuts, com leite para fazer tudo descer, tudo isso consumido no caminho. Ou estava firmemente se tornando mais acostumado às visões que seus olhos lhe mostravam, ou então seu cérebro (talvez para sua própria proteção) havia recorrido ao truque de filtrar as informações que ele estava assimilando. Fosse qual fosse a razão, não sentia necessidade de permanecer com a mesma obsessão, mas ficou tirando instantâneos mentais de visões que chamavam sua atenção, e então apertava o passo. A conversa com Bethlynn havia sido mais iluminadora do que ele esperava que fosse, e enquanto caminhava, tirando seus instantâneos, revirava fragmentos dela em sua cabeça. Houvesse ou não uma parte divina de Patrick, uma parte que jamais ficaria doente ou morreria, ela era realmente muito sincera em sua crença, e se a possibilidade consolava Patrick (enquanto colocava comida no prato do gato) então não havia mal nisso. Sua avaliação de Will, no entanto, era coisa inteiramente diferente. Ela fizera, ao que parecia, um julgamento instintivo sobre ele, baseado em parte no que ouvira de Patrick, parte por artigos que lera, e em parte de sua obra. Ele era um homem com um coração escuro, deduzira, que queria tentar os outros com essa escuridão. Até ali, muito simples. Se ela estava certa ou errada, não havia nada ali que um indivíduo inteligente com um pouco de imaginação não pudesse ter construído. Mas havia mais na teoria dela; mais, suspeitava ele, do que ela quis compartilhar com ele. Ele era um xamã sem perspicácia; isso, pelo menos, ela estivera disposta a lhe contar. Operar mudanças, induzir visões. E por quê? Porque alguém no seu passado (alguém que ela nem sequer queria que ele dissesse o nome) havia plantado uma semente.

Só podia ser Jacob Steep. O que quer que Jacob tivesse feito a mais, bom e mau, ele fora a primeira pessoa na vida de Will a lhe dar ainda que por algumas horas, uma sensação de que ele era especial. Não um pobre segundo lugar em relação a um irmão morto, a contraparte rústica do anjo

perfeito de Nathaniel, mas uma criança escolhida. Quantas vezes nas três décadas desde aquela noite no topo da colina ele não havia revisitado a floresta invernal, a arma zumbindo em sua mão enquanto ele caminhava na direção de suas vítimas? E visto o sangue delas correr? E ouvido Jacob, às suas costas, sussurrando para ele:

– E se fossem os últimos? Os últimos mesmo?

O que sua vida até agora havia sido senão uma extensa nota de rodapé daquele encontro; uma tentativa de alguma compensação idiota pelos pequenos assassinatos que cometera a mando de Steep; ou melhor, pela alegria sem par que sentira ao pensar em moldar o mundo daquela forma?

Se havia algum desejo oculto nele de ser mais do que uma testemunha das extinções de ser, como Bethlynn dissera, um operador de mudanças então era porque Steep havia plantado esse desejo. Se o fizera intencionalmente ou não era outra questão. Seria possível que toda a iniciação tivesse sido elaborada para torná-lo um reflexo do homem que viria a ser? Ou Jacob estava no ato de transformar uma criança num assassino, e simplesmente fora interrompido no processo, deixando a coisa suja e inacabada em que Will tropeçaria e teria que descobrir sua finalidade por conta própria? Muito provavelmente ele jamais saberia. E nisso ele partilhava uma história comum à maioria dos homens que andavam pela Folsom e Polk e Market naquele fim de tarde. Homens cujos pais por mais amáveis, por mais liberais que fossem – jamais os compreenderiam da maneira que compreendiam seus filhos hetero, pois esses filhos gays eram becos-sem-saída genéticos. Homens que seriam obrigados a criar suas próprias famílias: a partir de amigos, de amantes, de divas. Homens auto-inventados, por melhor ou pior que isso fosse, criadores de estilos e mitologias que constantemente jogam fora com a impaciência de almas que jamais encontrariam uma descrição que se encaixasse adequadamente. Se havia uma tristeza nisso, havia também uma espécie de alegria pagã.

Quase desejou que Steep estivesse ali, para poder mostrar a ele os sinais. Levá-lo ao The Gestalt e pagar-lhe uma cerveja.

ii

Quando chegou em casa eram quase seis da tarde. Havia três mensagens na secretária eletrônica de Drew, uma de Adrianna e uma de Patrick,

relatando que ele acabara de ter o que caracterizava como uma conversa curiosa com Bethlynn.

– Não consegui entender se ela gostava de você ou não, mas você certamente causou uma impressão e tanto. E ela insistiu muito em que não havia qualquer espécie de abismo entre ela e eu. Portanto, bom trabalho, cara. Sei como isso foi dificil para você. Mas obrigado. Significa muito para mim.

Após ouvir as mensagens, foi tirar o suor da jornada e, enxugando-se um pouco, foi para o quarto se deitar. Apesar do cansaço, tinha uma sensação de bem-estar físico simples que não conseguia se lembrar de ter há muito tempo: meses, talvez anos, antes dos eventos em Balthazar. Havia um tremor suave em seus músculos; e na cabeça uma calma quase reverente.

Tão calma, na verdade, que uma ideia perversa chegou rapidamente para perturbá-la.

– Cadê você, raposa? – perguntou ele, muito baixinho.

A casa vazia fazia seus sons frios e de acomodação, como as casas fazem, mas não havia nada entre os tiques e creques que pudesse ter indicado a presença do Senhor Raposa. Nenhum tamborilar de suas garras nas tábuas, nem a varredura de sua cauda contra a parede.

– Eu sei que você está aí em algum lugar.

Não era mentira. Ele acreditava nisso. A raposa havia cruzado a linha entre os sonhos e o mundo desperto em duas ocasiões; agora Will estava preparado para se juntar a ele naquele lugar, e ver como era a vista. Mas primeiro o animal tinha de se mostrar.

– Pare de ser espertinho – disse Will. – Estamos nisso juntos. Ele se sentou. – Eu quero estar com você – disse. – Isso parece sexual, não é? Talvez seja isso mesmo. Fechou os olhos e tentou conjurar o animal atrás de suas pálpebras. Seu pelo reluzente e dentes brilhantes, seu gingado. Era o animal dele, não era? Primeiro seu carrasco, depois o revelador da verdade; o comedor de carne de peru e o dispensador de bons modos. – Onde é que está você, caralho? – ele queria saber. Mas nada.

Bom, pensou ele, não é um paradoxo perfeito? Depois de rejeitar a sabedoria da raposa por tanto tempo, ele finalmente estava entendendo o lugar dela cm sua vida, e a criatura maldita não queria participar.

Levantou-se da cama, e ia tentar a sorte em outro aposento quando o telefone tocou. Era Drew.

– O que houve contigo? – ele quis saber.

– Estou ligando há um tempão.

– Fui a Berkeley me desculpar com Bethlynn. Então voltei caminhando, o que foi maravilhoso, e agora estou falando com você, o que é ainda mais maravilhoso.

– Nossa, você está aceso. Tomou alguma coisa?

– Nadinha. Só estou me sentindo bem.

– Está no clima para alguma diversão hoje?

– Como o quê?

– Como eu ir para aí, a gente trancar as portas e fazer um amor bem sério?

– Eu adoraria.

– Já comeu?

– Chocolate e donuts.

– É por isso que você está voando. Excesso de glicose no sangue. Vou levar comida. Vamos ter um banquete de amor.

– Isso me soa decadente.

– Será. Eu garanto. Estarei aí em uma hora.

– O que pra você quer dizer duas.

– Você me conhece tão bem – disse Drew.

– Ah, não. Tenho muita coisa para aprender – Will respirou.

– Como o quê?

– Como a cara que você faz quando estou te comendo todinho.

Adrianna retornou sua ligação quando ele fazia para si mesmo o martini ritual. Perguntou a ela como correra a entrevista para o emprego. – Uma merda, – ela respondeu; – no instante em que entrara nos escritórios de planejamento soube que depois de uma semana trabalhando lá ficaria maluquinha. Quando estávamos lá na lama, em algum lugar sendo mordidos até a morte por mosquitos, eu costumava desejar ter um emprego bonitinho e limpinho num escritório bonitinho e limpinho com uma vista da ponte da Baía. Mas hoje percebi que não dá. Simplesmente isso. Vou acabar machucando alguém seriamente com uma máquina de escrever. Então não sei. Vou encontrar algo que me sirva, no fim das contas, mas você é muito difícil de seguir Will. Que barulho é esse?

– Estou fazendo um martini.

– Isso me traz recordações – suspirou ela. – Então: Lembra do que você disse em Balthazar, sobre como sentia que tudo estava descendo ladeira

abaixo? Agora eu sei como você se sente.

– Vai passar – disse ele. – Você vai encontrar alguma coisa.

– Ah, então o tédio de ontem já passou, é? O que fez você mudar? Drew?

– Não exatamente...

– Ele dá um bêbado bonitinho, a propósito, o que eu sempre acho um bom sinal. Merda, estou atrasada pro jantar. – Ela gritou para Glenn que já estava indo. – Vamos jantar com os outros membros do quarteto de cordas dele. Juro que se eles começarem a conversar sobre harmonia de quatro compassos durante a sopa, eu o deixo. Te vejo mais tarde, querido.

Finda a conversa, ele levou o drinque até a sala de arquivos e finalmente arrumou as fotografias que havia jogado no chão, um trabalho que estava protelando desde que o Senhor Raposa acendera a vida fantasma delas. Era uma tarefa simples, quase doméstica, e ainda assim tão diferente do que ele vira e fizera hoje que ele se sentia carregado, como se preenchido de significação oculta. Não tão oculta, talvez. Sua iniciação aos mistérios de sua nova existência havia começado ali, com aquelas fotos. Elas eram um mapa do território que ele deveria explorar. Agora o mapa podia ser posto de lado. A jornada havia começado.

Com todas as figuras guardadas, ele voltou para cima para fazer a barba, e lá no espelho teve confirmação de que o que sentira na sala abaixo era verdade. Não se lembrava de algum dia ter visto aquele rosto. A fisionomia era sua, com certeza – os ossos, as cicatrizes, as rugas – mas o modo como ele olhava para si mesmo - (e portanto o modo como olhava de volta) estava, de algum modo sutil, diferente, e na questão do olhar de um homem, a sutileza é tudo. Ali estava a mais rara criatura em seu universo; a grande besta que estivera, até agora, longe demais para ser vista; atrás do próximo bosque, depois da próxima colina. Na verdade, ela tinha talvez sido mais fácil de encontrar do que ele tencionara, mas o medo evitara que ele procurasse com muita convicção. Agora se perguntava por quê. Não havia nada de tão terrível ali; nada inescrutável. Só a criança que se tornara um homem; só os cabelos começando a ficar grisalhos, e a pele um pouco mais crestada de muito sol do meio-dia.

Pensou na raposa, desfiando as virtudes da heterossexualidade, de seus filhos fazendo filhos fazendo filhos. Will não teria o conforto da progressão deles. Não haveria prole para levar aquele rosto para o futuro. Ele era uma raça de um só. *E se fosse o último?*

Bem, era. E havia algo de pungente e poderoso nesse pensamento, o pensamento de viver e morrer no calor de seu próprio e quente fogo.

– Que seja – disse ele, e foi se barbear.

XIII

Drew estava apenas trinta e cinco minutos atrasado, o que era uma prova mais certa de seu entusiasmo pela relação vindoura que suas faces ruborizadas ou as calças apertadas. Ele tinha levado nada menos que seis sacolas de produtos do mercado até um táxi e do táxi até a porta da frente. Will se ofereceu para ajudar, mas ele disse que não confiava em que Will não fosse querer espiar, e beijando-o no rosto com uma discrição forçada, instruiu-o a ir ver televisão enquanto ele preparava tudo. Desacostumado a receber ordens, Will ficou completamente encantado, e fez obediente o que lhe foi dito.

Não havia nada na televisão que chamasse sua atenção por mais de trinta segundos. Ficou sentado com o volume bem baixo, esperando interpretar os sons de preparação na cozinha e no quarto acima, como uma criança adivinhando os presentes de Natal sem abrir os embrulhos. Por fim, Drew apareceu. Havia tomado um banho (seus cabelos ainda estavam molhados) e vestido roupas mais provocantes: um colete solto mas bem cortado que mostrava seus amplos braços e ombros, e um par de calças de linho bege, com cinto de corda, que pareciam feitas para acesso fácil.

– Vem comigo – disse ele, e levou Will escada acima.

A essa altura, a noite havia caído, e o quarto estava com apenas algumas velas estrategicamente colocadas. A cama havia sido despida, e todas as almofadas e travesseiros da casa aninhados sobre ela, enquanto o chão havia sido coberto por lenços brancos limpos, sobre os quais a cornucópia que Drew selecionara do mercado havia sido disposta.

– Tem comida suficiente aqui para alimentar os cinco mil – disse Will – sem o milagre.

Drew abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Cometer excessos de vez em quando é saudável – ele disse, enlaçando a cintura de Will. – É bom para a alma. Além do mais, nós merecemos.

– Mesmo?

– Você merece, de qualquer maneira. Eu sou apenas o escravo aqui. O senhor é meu dono esta noite.

Will levou a boca ao rosto de Drew; bochechas, sobrancelhas, queixo, lábios.

– Comida primeiro – protestou o escravo. – Temos peras, pêssegos, morangos, amoras, kiwis, uvas não, que são um clichê – um pouco de lagosta fria, um pouco de camarão. Brie, Chardonnay, pão, claro, musse de chocolate, bolo de cenoura. Ah, tem uma carne realmente refinada se você estiver a fim, e mostarda quente para acompanhar. Mais alguma coisa? – Examinou a comida. – Tenho certeza de que tem mais.

– Vamos descobrir – disse Will.

Acomodaram-se. Esparramados entre as comidas como dois romanos, comeram, se beijaram, comeram mais um pouco, tiraram a roupa, e comeram um pouco mais, os sucos fluindo, as bocas cheias, um apetite crescendo enquanto o outro amainava. Apaziguados pelo vinho, falaram sem entraves, Drew desabafando as decepções de sua vida na última década. Não havia autopiedade no seu relato. Ele simplesmente descreveu de forma bem-humorada e autodepreciativa o quanto não chegara perto de suas expectativas para si mesmo; como, resumindo, desejara o mundo e acabara falido e com barriga de chope.

– Acho que viados não são muito bons uns para com os outros – observou no meio disso, a propósito de nada em particular – e deveríamos ser. Quero dizer, estamos nessa juntos, não estamos? Mas que merda, do jeito que você ouve as pessoas falando nos bares, odeio crioulos ou odeio drag queens ou odeio barbies porque são todos musculosos sem cérebro e penso: puta que pariu, o mundo inteiro nos odeia...

– Não em São Francisco.

– Mas isto aqui é um gueto. Não conta. Eu volto ao Colorado, e minha família me enche o saco dia e noite sobre como Deus quer que eu seja hetero e se não me emendar vou direto para o inferno.

– E o que você diz a eles?

– Eu digo: é a mesma coisa que vocês dizerem para eu desistir de respirar, porque eu sou viado... – Empurrou o meio do peito com o dedo – de corpo e alma – disse.

– Sabe o que eu gostaria?

– O quê?

– Gostaria que minha família pudesse nos ver assim agora. Saindo, conversando, sendo nós mesmos. Sendo felizes. – Fez urna pausa, olhando para o chão. – Está feliz?

– Agora?

– É.

– Claro.

– Porque eu estou. Estou feliz como acho que nunca estive. E minha memória é boa. – Deu uma gargalhada. – Consigo me lembrar de quando te vi pela primeira vez.

– Ah, não lembra não.

Drew levantou a cabeça, sua expressão docemente desafiadora.

– Ah, lembro sim – disse. – Foi na casa do Lewis. Ele estava fazendo um brunch, e eu fui com o Timothy. Lembra do Timothy?

– Vagamente.

– Ele era uma drag queen das antigas, que tinha me tomado como protegido. Ele havia me levado – o pequeno Drew Dunwoody, de Cu-do-Mundo, Colorado – acho que para me exibir. Porra, eu estava tão nervoso, porque lá estavam todas aquelas bichas do circuito que conheciam todo mundo...

– Ou diziam que conheciam todo mundo.

– Isso mesmo. Desfiavam nomes com tanta rapidez que parecia uma chuva de granizo, e de vez em quando um deles olhava pra mim e me examinava como se eu fosse uma peça de carne. Você chegou atrasado, eu lembro.

– Ah – fez Will. – Então você pegou isso de mim.

– Peguei tudo de você. Tudo o que eu queria. Você se derramou de atenção em mim, como se nada mais importasse. Até aquele momento, eu não tinha certeza se ia ficar. Estava pensando: isto aqui não é para mim. Meu lugar não é aqui com essa gente. Eu estava planejando entrar no próximo avião para casa e pedir em casamento a Melissa Mitchell, que teria casado comigo num segundo e me deixado fazer o que quisesse nas costas dela. Esse era meu plano se ficar aqui não desse certo. Mas você me fez mudar de ideia.

Gentilmente, Will acariciou o rosto de Drew.

– Não... – disse ele.

– Sim – replicou Drew. – Você pode não lembrar, mas você não estava na minha cabeça. Foi exatamente isso o que aconteceu. Nem dormimos juntos de cara. Timothy ficou muito tristinho e disse que você não era boa gente.

– Disse mesmo?

– Disse, ah, não sei, que você era maluco, que você era inglês que você era metido, que era pretensioso.

– Metido eu não era. O resto, provavelmente.

– ... De qualquer maneira, você não me ligou, e tive medo de ligar para você caso Timothy ficasse louco, Eu era meio que dependente dele. Ele me pagara a viagem para cá, eu estava morando no apartamento dele. E então você ligou.

– E o resto é história.

– Não deprecie. Tivemos bons momentos juntos.

– Desses eu me lembro,

– E naturalmente, quando rompemos, não havia volta ao Colorado para mim. Eu estava fisgado.

– O que aconteceu com Melissa?

– Ha, você vai gostar dessa. Ela se casou com um cara que eu costumava masturbar no segundo grau,

– Então ela tem uma quedinha por bichas – disse Will, movendo-se por trás de Drew e deixando que ele se encostasse contra seu corpo.

– Acho que sim. Ainda a vejo de vez em quando, quando vou para casa. Os filhos dela estão na mesma escola que os do meu irmão, então a encontro quando vou pegá-los. Ela ainda está muito bonita. Então... – Ele inclinou a cabeça para trás e beijou o queixo de Will. – Essa é a história da minha vida.

Will o abraçou com força.

– O que aconteceu com Timothy? – perguntou. – Devemos uma a ele.

– Ah, ele morreu há uns sete, talvez oito anos. Acho que o namorado dele o deixou quando ele ficou sozinho, e ele morreu sem ninguém. Ouvi falar nisso logo depois do Natal, e ele morreu no Dia de Ação de Graças. Foi enterrado em Monterey. De vez em quando vou lá. Pôr algumas flores no túmulo. Dizer a ele que ainda penso nele.

– Isso é bom. Você é um bom homem, sabia?

– Isso é importante?

– É, estou começando a achar que sim.

Então fizeram amor. Não a cópula apressada e desenfreada de seu primeiro romance, dezoito anos antes, nem o encontro experimental, um pouco temeroso de algumas noites atrás. Desta vez, encontraram-se não como conquistas ou transas, mas como amantes. Dedicaram-se sensualmente, sem pressa, com suas detecções, passando beijos e toques de um lado para outro com uma tranquilidade preguiçosa, mas aos poucos

ficando mais agitada, cada um exigente à sua maneira, cada qual consentindo à sua maneira. Em ondas, então, eles brincaram, pressionando firmemente na direção de um destino que haviam discutido e planejado. Will não fodia ninguém há quatro anos, e Drew, embora tivesse sido um glutão em sua vida pregressa, havia desistido do ato com tanto risco que havia. Mesmo em dias mais simples, nunca fora um ato natural, apesar de histórias das fazendas do Meio-Oeste, cuspe e um pouquinho de desejo. Era um ato consciente de desejo, especialmente no coração da praga, quando a camisinha e o lubrificante tinham de estar à mão, e havia, junto com as ereções, quase sobrepujando a ansiedade. Suavemente, então, no ninho de travesseiros, eles copularam, para o prazer de ambos.

Ao terminarem, Drew foi tomar banho. O Sr. Limpinho, Will o chamava. Essa preocupação não era nova; ele sempre precisara lavar o sexo imediatamente após gozar. Era o garotinho de igreja que ainda havia dentro dele, explicou, ao que Will replicou:

– Você acabou de ter um inglês em você. Quantas pessoas você tem aí dentro?

Gargalhando, Drew entrou no banheiro e fechou a porta. Will ficou ouvindo o som abafado do chuveiro sendo ligado – o bater brusco da água nos azulejos, a mudança de timbre quando a água quebrou contra as costas, ombros e bunda de Drew. Ele gritou alguma coisa, mas Will não entendeu. Espreguiçou-se na luxúria dupla da fadiga e da saciedade, a consciência flutuando. Eu também devia tomar um banho, pensou; estou engordurado, suado e fedendo. Drew não vai se deitar do meu lado a menos que eu me lave. Então permaneceu consciente, embora fosse difícil. Por duas vezes ele caiu nas dobras do sono. Despertou da primeira vez com o chuveiro agora desligado, e Drew cantando desafinado enquanto se enxugava.

Acordou da segunda vez para ouvir Drew descendo com estrépito.

– *Vou pegar um pouco d'água* – gritou. – *Quer alguma coisa?*

Zonzo, Will se sentou. Bocejou e olhou o criminoso entre as pernas.

– Noite ocupada? – perguntou, balançando o pau para frente e para trás. Então balançou as pernas para fora da cama, derrubando uma das velas. – *Merda* – murmurou, curvando-se para endireitá-la o cheiro do pavio apagado forte nas narinas. Ao se levantar, o quarto pulsou. Achando que havia se levantado rápido demais, fechou os olhos. Ficou cambaleante ao pé da cama por alguns instantes, esperando a sensação passar, mas ao invés disso ela se intensificou, ondas de náusea subindo do estômago.

Abriu os olhos novamente, e começou a caminhar na direção do hall, determinado a não terminar a noite vomitando no mesmo quarto onde haviam feito um amor tão gostoso. Não chegou a se afastar um metro da cama; então a dor no estômago fez com que se curvasse. Caiu de joelhos, cercado pelos restos do banquete, seus sentidos horrivelmente sensibilizados. Sentia o cheiro da podridão da fruta que estava fresca três horas antes, de queijo e leite antes doces e que agora estavam ficando passados, como se o calor do aposento, das coisas feitas no quarto, tudo se apressasse em apodrecer. O fedor era demasiado. Começou a vomitar, o estômago em cãibras, as partículas brancas explodindo em sua cabeça, lavando a sala...

E no meio do fogo, imagens das aventuras do dia: um céu, uma parede, Bethlynn; Drew vestido, Drew nu; o gato, as flores, a ponte, tudo se desenrolando como um fragmento de filme atirado no fogo em sua cabeça, o fogo branco latejante que jazia ao fim de tudo.

Deus me ajude, ele tentou dizer, agora sem medo de que Drew o encontrasse naquele estado, só querendo ele ali para apagar o fogo...

Ergueu a cabeça, e forçou a vista para a porta. Nem sinal de Drew. Começou a rastejar até o patamar, derrubando duas das três velas restantes ao fazê-lo. A conflagração em sua cabeça continuava, as memórias ainda piscando no meio antes de se consumirem, como asas de mariposa, tremelicando e tremelicando... as águas da Baía, chicoteadas pelo vento; as flores sobre o alpendre da janela de Bethlynn Reichle; o rosto de Drew, suando em êxtase...

E então, subitamente, o fogo se foi, extinto num segundo. Ele estava ajoelhado a três ou quatro metros da porta, a escuridão cinzenta, a luz cinzenta, a comida na qual se ajoelhava despida de cores, toda cinzenta. Era estranhamente agradável após o ataque e a doença, ser atirado naquela cela fria, dissociado da sensualidade. Sua mente, ele supôs, havia simplesmente decidido que bastava, e puxou o plugue de todos os estímulos, a não ser os mínimos. Ele não estava mais assolado pelo fedor de podridão e coalho; até mesmo as texturas glutinosas da comida ao seu redor haviam sido domadas.

A náusea também havia passado, mas ele não queria arriscar nenhum movimento até ter certeza de que havia passado completamente, por isso ficou onde se achou quando o episódio havia passado, ajoelhado à luz de uma única vela. Drew subiria as escadas logo, pensou ele. Olharia para

Will e teria pena dele; iria até ele, o acalmaria, lhe daria colo. Tudo o que tinha a fazer era ser paciente. Ele sabia ser paciente. Podia ficar sentado na mesma posição por horas. Não era difícil. Era só respirar devagar e esvaziar a mente de pensamentos inúteis. Pô-los para fora com o suor; e esperar.

E veja! A espera acabara. Havia uma sombra na parede. Drew estava subindo as escadas agora. Trinta segundos e ele estaria no patamar, e no momento seguinte estaria chegando para ajudar Will de volta à sanidade. Lá estava ele, com um copo d'água na mão, as calças mal-ajeitadas nos quadris, o corpo fresco das marcas que Will deixara nele. A carne ao redor de seus mamilos avermelhada. As marcas de dentes no pescoço e nos ombros certinhas como as costuras de um marinheiro. O rosto sarapintado. Ele ergueu a cabeça, oh, tão devagar (naquele mundo cinzento nada tinha urgência) e um olhar de espanto perpassou seu rosto enquanto ele olhava na direção da porta do quarto. Parecia que ele não conseguia distinguir o rosto de Will na penumbra; ou, se conseguia, não conseguiu compreender o que estava vendo. Sentiu o cheiro de vômito, entretanto, isso era claro. Uma expressão de nojo desfigurou seu rosto, e a feiura de sua expressão preocupou Will. Ele não queria ver aquele olhar no rosto de seu salvador. Queria compaixão, ternura.

Drew havia hesitado agora, e estava olhando pela porta aberta. Seu nojo havia se transformado em medo. A respiração havia acelerado, e quando ele falou *"Will?"* mal se podia ouvir.

Merda, pensou Will; não fique aí fora. Entre. Não precisa ter medo de nada, pelo amor de Deus. Entre.

Mas Drew não se moveu. Frustrado agora, Will pôs a mão no muco à sua frente, e se levantou. Tentou dizer o nome de Drew, mas por algum motivo sua garganta liberou um ruído horrível, mais como um latido que um nome.

Drew deixou o copo de água cair. Ele se quebrou aos seus pés.

– *Jesus!* – gritou ele, e começou a recuar na direção das escadas. Que loucura era aquela?, pensou Will. Ele precisava de ajuda, e o homem estava fugindo?

Arrastou-se até a porta do quarto, tentando gritar uma segunda vez, mas a garganta novamente o traiu. Tudo o que podia fazer era sair cambaleando até o patamar, para a luz, onde Drew pudesse vê-lo. Suas pernas, contudo, não eram mais confiáveis que sua laringe.

Tropeçou na porta, e teria caído entre os cacos de vidro se não tivesse segurado na maçaneta. Girou, percebendo naquele momento infeliz que por algum motivo seu pau idiota estava duro novamente, batendo contra seu estômago enquanto ele se arrastava até o patamar,

E agora, à luz que vinha para as escadas do hall lá embaixo,

Drew viu seu perseguidor.

– *Jesus Cristo* – disse ele, o medo em seu rosto se tornando descrença. –Will? – disse, sem fôlego.

Desta vez, Will conseguiu dizer uma palavra, – Sim – ele disse,

Drew balançou a cabeça.

– Você está brincando? – perguntou. – Está me assustando.

Os pés descalços de Will caminhavam sobre o vidro, mas ele não se importava. Precisava impedir que Drew o abandonasse. Agarrou o corrimão e começou a se arrastar pelo patamar até chegar ao topo das escadas. Seu corpo parecia-lhe profundamente alienígena, como se seus músculos estivessem ocupados em se reorientar. Ele queria tornar a cair de joelhos para facilitar o movimento deles; queria se mover agilmente em perseguição ao animal à sua frente. Ele fora paciente, não? Esperara no cinza até a presa se mostrar. Agora era hora de caçar...

– *Pare com isso, Will* – Drew estava dizendo. – Pelo amor de Deus! Estou falando sério! – O medo esganiçara sua voz. Parecia cômico, e Will soltou uma gargalhada. Curta e afiada. Uma gargalhada que lembrava um latido.

O ruído foi demais para Drew. A pouca coragem que ele tinha se quebrou, e desceu as escadas de costas, cambaleante, gritando para Will enquanto descia – alguma coisa incoerente – e agarrando a jaqueta ao fundo do lance. Estava de peito nu e descalço, mas não se importava. Queria sair da casa, fosse qual fosse o desconforto. Will estava no topo das escadas agora, e começou sua descida. Os cacos de vidro nas solas dos seus pés eram agonizantes, entretanto, e depois de dois passos – sabendo que não estava em condições de alcançar sua presa – afundou num dos degraus e ficou olhando Drew enquanto ele pelejava para destrancar a porta. Só quando estava aberta, e Drew viu a rua, ele olhou para trás e gritou:

– Vá se foder, Will Rabjohns!

Então sumiu na noite.

Will ficou sentado nas escadas por vários minutos, curtindo as rajadas frias de vento pela porta aberta. A pele arrepiada não fez nada para reduzir sua ereção. Ela coçava entre suas pernas, lembrando-o de que para muitos os prazeres da noite estavam apenas começando. E se para outros, por que não para ele?

XIV

i

Havia um clube em Folsom chamado ne Penitent. No auge de sua notoriedade, em meados dos anos setenta, ele se chamava The Serpent's Tooth, e fora para São Francisco o que o Mineshaft fora para Nova York: um clube onde nada era proibido se te dava tesão. Nas noites selvagens, descendo as ruas do Castro, a multidão séria de couro contava suas casas de prazer nos nós dos dedos de um punho bem lubrificado, e o Tooth sempre fora um dos cinco. Chuck e Jean-Pierre, os donos do clube, já haviam partido há muito tempo, morrendo com três semanas de diferença um do outro nos primeiros anos da praga, e por algum tempo o local permaneceu intocado, como se em deferência aos homens que haviam brincado ali e falecido. Mas em 1987, os Filhos de Príapo, um grupo de onanistas que havia recuperado à masturbação o status de uma arte manual respeitável, ocuparam o prédio para suas punhetas circulares de segunda à noite. Aparentemente os fantasmas do prédio lhes sorriram, pois as notícias da atmosfera lá logo aumentaram o número dos Filhos. Eles organizaram um segundo encontro semanal, às quintas, e então quando esse ficou lotado, um terceiro. Quase da noite para o dia o prédio havia se tomado um símbolo da democracia da palma. Um elemento de fetiche foi se introduzindo gradualmente nas reuniões de quinta e sexta (a segunda continuava com o sabor original), e em pouco tempo os líderes dos Filhos haviam se tornado homens de negócios, arrendaram o prédio, e dirigiam o clube de sexo mais bem-sucedido de São Francisco. Chuck e Jean-Pierre teriam ficado orgulhosos. Nascia o The Penitent.

ii

O clube não estava particularmente ocupado. Às terças era normalmente devagar, e aquela noite não era exceção. Mas para os trinta e tantos indivíduos que percorriam as salas de paredes de tijolos nus, ou papeavam ao redor do bar de sucos (à diferença da sala dos fundos, aquela era uma festa sem álcool), ou descansando na sala de televisão, vendo filmes

pornôs de interesse estritamente histórico, haveria um motivo para lembrar aquela noite.

Pouco antes das onze e meia, um homem apareceu no hall, cuja identidade seria descrita de modo variado pelas pessoas que mais tarde falaram sobre os eventos da noite. Bonito, certamente, de um tipo assim de homem-que-já-tinha-visto-o-mundo. Cabelos penteados para trás ou começando a escassear, dependendo de quem lhe contasse a história. Olhos escuros e profundos, ou invisíveis por trás de óculos de sol. Dependendo novamente de quem estivesse recontando a história. Ninguém realmente se lembrava com detalhes do que ele estava vestindo. (Nu ele não estava, como alguns dos frequentadores mais exibicionistas; nisso todos concordaram.) Tampouco estava vestido para qualquer cenário específico. Não era um motoqueiro ou caubói, ou um policial. Não tinha palmatória ou chicote. Ao ouvir isso, um certo tipo de ouvinte inevitavelmente perguntaria: "Sim, mas e aí, qual era a dele?" ao que os que contavam a história universalmente responderiam: sexo. Bem, universalmente não. Os mais pretensiosos podem ter dito os prazeres da carne, e os mais rústicos, dito carne, mas no fim era a mesma coisa: aquele homem – que no espaço de uma hora e meia havia criado um rebuliço tão potente que se tornaria um mito local em um dia – incorporava o espírito do The Penitent: uma criatura de pura sensação, pronta para aceitar qualquer parceiro excitado o bastante para corresponder à força de seus desejos. Naquela brava irmandade, só havia três ou quatro membros capazes de aceitar o desafio, e – não coincidentemente – eram os únicos celebrantes daquela noite que nada disseram sobre a experiência depois. Mantinham o silêncio e as fantasias intactas, deixando o resto matraqueando sobre o que haviam visto e ouvido. Na verdade, menos de meia dúzia de pessoas permaneceram puramente testemunhas. Como acontecia frequentemente outrora, mas infrequentemente agora, a presença de uma imaginação sem fronteiras na multidão havia sido o sinal para licenciosidade geral. Homens que sempre foram ao The Penitent só para olhar arriscaram um toque, e mais, naquela noite. Dois casos de amor começaram lá, e ambos prosperaram; quatro pessoas pegaram chatos, e uma traçou sua gonorréia à sua perda de controle no sofá manchado da sala de televisão.

Quanto ao homem que havia iniciado aquela orgia, ele gozou diversas vezes e foi embora, deixando as cópulas continuarem até a hora de fechar.

Várias pessoas afirmavam que ele havia falado com elas, embora ele não tivesse dito nada. Um afirmara que sabia que ele fora um astro pornô que se aposentara do negócio e se mudara para o Oregon. Voltara para seus velhos terrenos de caça, continuava o relato, por razões sentimentais, só para tornar a desaparecer na vastidão selvagem que sempre chama o profissional do sexo.

Uma parte era certamente verdadeira. O homem desapareceu e não retornou, embora cada um dos trinta frequentadores daquela noite tivesse voltado, sem contar com os chatos e a gonorréia, durante os dias que se seguiram (a maioria deles na noite seguinte) na esperança de vê-lo novamente. Quando ele não apareceu, alguns então fizeram de sua missão particular descobri-lo em algum outro buraco, mas um homem visto pela luz amarelada de uma lâmpada fraca num lugar secreto não é facilmente identificável em lugar algum. Quanto mais pensavam nele e falavam a seu respeito, menos clara a lembrança dele ficava, de modo que, em uma semana depois do evento, duas testemunhas não conseguiam concordar de pronto quanto a qualquer detalhe pessoal dele.

E, quanto ao homem, ele não conseguia se lembrar dos eventos da noite com clareza, e agradeceu a Deus por isso.

iii

Drew havia fugido para casa após o confronto nas escadas, e, pegando o maço de cigarros que guardava para emergências (embora Deus fosse testemunha de que ele jamais havia esperado uma emergência daquelas), sentou-se e fumou até ficar zonzo enquanto pensava sobre o que havia acabado de vivenciar. As lágrimas vinham, de vez em quando, e um tremor tão violento que ele precisou se sentar com os joelhos tocando o queixo até passar. De nada adiantava, ele sabia, tentar uma avaliação sã do que havia acontecido até o dia seguinte, por um motivo muito bom: antes de ir para a casa de Will, tomara o que pensara ser um tablete de Ecstasy, só para colocá-lo num jeito mais sensual. No começo da noite, antes da droga fazer efeito, ele se sentira ligeiramente culpado por não contar a Will o que havia feito; mas tomara tanto cuidado para se apresentar como um homem cujos dias de drogas haviam passado que teve medo de que o encontro azedasse se dissesse a verdade. Então o Ecstasy começara a acalmá-lo, e a culpa desaparecera, juntamente como qualquer necessidade de expiação.

Então, o que saíra errado? Algo de venenoso no tablete se virara contra ele e o afetara, sem dúvida. Ele tivera uma bad trip de algum tipo. Mas essa não era toda a resposta; pelo menos isso era o que seus instintos lhe diziam. Ele já tivera suas viagens antes, um bom número delas. Já vira paredes amolecerem, insetos explodirem, roupas levantarem vôo. Esta ilusão fora diferente qualitativamente, de uma forma que ele não tinha palavras para descrever no momento. Amanhã, quem sabe, ele seria capaz de articular como lhe parecera que Will havia sido um conspirador com o veneno em seu sistema alimentando a loucura nas veias de Drew com uma insanidade toda própria. E amanhã, quem sabe, ele entenderia por que, quando o homem com o qual acabara de fazer amor, havia saído do quarto, a cabeça baixa, o corpo com suor escorrendo, houve um momento (não, mais do que um momento) em que o rosto de Will parecera ficar borrado, os olhos perdendo todos os traços de branco, os dentes ficando afiados como unhas. Porque, para resumir, o homem havia perdido toda semelhança de humanidade e se tornado – por alguns segundos, alguma coisa bestial, selvagem demais para um cão, tímido demais para ser um lobo; ele parecera, só por um momento, uma raposa, latindo de alegria ao preparar suas traquinagens.

XV

i

Hugo nunca fora sentimental. Era uma das tarefas básicas de um filósofo, ele sempre dissera, repudiar a máscara da emoção barata e encontrar um lugar mais puro, onde a realidade pudesse ser estudada e avaliada sem o preconceito do sentimento. Isso não queria dizer que às vezes ele não fosse fraco. Quando Eleanor o deixou, faziam doze anos agora, ele se percebera suscetível a todos os tipos de armadilhas que o teriam deixado intocado em qualquer outro momento. Ele se tornara profundamente consciente do quanto a cultura popular promovia a saudade: canções de amor e perda no rádio, histórias de desencontros trágicos nas novelas que ele pegava Adele assistindo de tarde. Até mesmo alguns de seus próprios pares haviam voltado sua atenção a essas trivialidades; homens e mulheres de sua própria idade e reputação estudando a semiótica do romance. Ver esse fenômeno o chocava, e ele se sentia mal por estar ele próprio sujeito a esses problemas. Isso fizera com que ele endurecesse duplamente o coração contra sua esposa afastada. Quando ela pedira uma reconciliação no janeiro seguinte (ela o deixara em julho) ele recusara com um ódio alimentado em grande parte por uma repugnância de sua própria fragilidade. As canções de amor haviam deixado suas cicatrizes, e ele se odiava por isso. Ele jamais ficaria tão vulnerável assim novamente.

Mas a memória ainda conspirava contra a razão. Quando, todo ano, chegando em agosto as primeiras intimações do outono apareciam – um friozinho ao pôr-do-sol e o cheiro de fumaça no ar – ele se lembraria de como havia sido com Eleanor em seus melhores momentos. Como ele ficava orgulhoso de tê-la ao seu lado; como ficava feliz por ver sua parceria dar frutos: ser um pai de filhos que iriam, assim ele pensava, crescer para idolatrá-lo. Eles haviam se sentado juntos, ele e Eleanor, noite após noite naqueles primeiros anos, planejando suas vidas. Como ele conseguiria uma cadeira numa das universidades mais prestigiosas e daria aulas dois dias na semana enquanto escrevia os livros pelos quais ele mudaria o curso do pensamento ocidental. Enquanto isso, ela criaria os filhos deles, e então – assim que as crianças fossem espíritos

independentes (o que aconteceria rápido, já que eles tinham pais de vontade própria) – ela voltaria ao seu próprio campo de interesse, que era genealogia. Ela também escreveria um livro, muito provavelmente, e conseguiria sua parcela das luzes da ribalta.

Esse havia sido o sonho. Então, naturalmente, Nathaniel havia sido morto, e todas essas perspectivas haviam se tornado absurdas da noite para o dia. Os nervos de Eleanor, que nunca foram bons, começaram a exigir doses cada vez mais altas de medicação; os livros que Hugo havia planejado escrever se recusavam a encontrar o caminho de saída de sua cabeça para o papel. E a mudança de Manchester – que havia parecido uma decisão eminentemente racional na época – trouxe seu próprio quinhão de problemas. Aquele primeiro outono fora o nadir, sem dúvida. Embora houvesse muitos momentos ruins depois, foram as insanidades daqueles meses de outubro e novembro que arrancaram seu antigo otimismo. Nathaniel, em quem as virtudes dos pais (a compaixão e a graça física de Eleanor, o pragmatismo robusto e o desejo de conhecer a verdade de Hugo) haviam se casado, se fora. Will, por outro lado, havia se tornado um malandro, suas brincadeiras e segredos apenas reforçando a crença de Eleanor em que o melhor havia desaparecido do mundo, e por isso não havia mal em se encher de sedativos até o estupor.

Memórias amargas, todas elas. E mesmo assim, quando pensava em Eleanor (e isso era com frequência), as canções sentimentais ainda funcionavam com ele, e ele sentiria aquela velha saudade em sua garganta e seu estômago. Não que ele a quisesse de volta (desde então, fizera novos arranjos, e eles funcionavam bem o bastante à sua maneira não-romântica) mas que os anos que vivera com ela bons, ruins e indiferentes – haviam passado para a História, e quando ele conjurava o rosto dela em sua mente, conjurava uma idade de ouro, em que ainda parecia possível alcançar algo de importante. Ele tinha saudades, contra sua vontade. Não pela mulher ou pela vida que tivera com ela, e certamente não pelo filho que sobrevivera, mas pelo Hugo que ainda tivera vontade própria suficiente para acreditar em seu próprio significado.

Tarde demais agora. Ele não mudaria o mundo do pensamento com uma tese brilhantemente defendida. Não poderia mudar sequer as expressões nos rostos dos alunos sentados à sua frente para suas aulas: jovens imbecis de rostos macilentos aos quais nem remotamente poderia inspirar, e por isso agora sequer tentava. Cessara de ler a obra de seus pares – a maioria

era lixo masturbatório mesmo – e os livros que um dia foram suas bíblias pessoais, particularmente Heidegger e Wittgenstein, permaneciam sem ser estudados. Ele os havia exaurido. Ou, mais provavelmente, exaurira sua interação com eles. Não que eles não tivessem mais nada a lhe ensinar, mas ele não tinha mais interesse em aprender. A filosofia não o tornara nem um pouco mais feliz. Como tantas coisas em sua vida, era uma coisa que parecera oferecer algum valor – um repositório de significado e iluminação – que provara ser profundamente vazia.

Essa era uma das razões pelas quais ele não havia voltado para Manchester após a partida de Eleanor: não tinha interesse em revirar os túmulos acadêmicos para publicar bobagens sem sentido. A outra razão era Adele. Seu marido, Donald, morrera de câncer dois anos antes de Eleanor ir embora, e na viuvez a mulher havia se tomado mais atenciosa que nunca às necessidades da casa dos Rabjohns. Hugo gostava das maneiras simples dela, da cozinha simples dela, das emoções simples dela, e embora ela estivesse bem longe da beleza estonteante de Eleanor, não hesitara em seduzi-la. Talvez sedução não fosse bem a palavra. Ela não tinha paciência em jogos de qualquer espécie, e ele finalmente a levara para a cama dizendo-lhe descaradamente que precisava do conforto da companhia de uma mulher, e certamente ela, por sua vez, sentia falta da companhia de um homem. De vez em quando, ela dissera, sentia falta de ter alguém com quem se aninhar, especialmente nas noites de frio. A semana dessa conversa fora excepcionalmente fria, fato que Hugo apontou para ela. Ela lhe dera a maior aproximação a um sorriso sexy que seu rosto cheio de sardas conseguiu e foram para a cama. O arranjo rapidamente se tornou um ritual. Ela dormia em casa quatro noites por semana, mas às quartas, sextas e sábados ficava com Hugo. Quando seu divórcio de Eleanor foi oficializado, ele chegou a sugerir que se casassem, mas para sua surpresa ela lhe disse que estava muito feliz com as coisas bem do jeito que estavam. Já tivera maridos suficientes para uma vida, ela disse. Assim não estavam ligados um ao outro, e era melhor assim.

ii

Então a vida continuara, ao seu jeito nada notável, e apesar de suas decepções, Hugo acabara se sentindo mais em casa em Burnt Yarley do que jamais achara que se sentiria. Não era grande amante da natureza (a teoria era boa, a prática suja e malcheirosa), mas havia um ritmo no ano

agrícola que era reconfortante, até mesmo para uma alma urbana como a sua. Campos arados, semeados, e colhidos; gado gerado, alimentado, morto e comido. Deixou a casa que agora era grande demais para ele, se decompor. Não se importava se as calhas precisavam de conserto e os caixilhos das janelas estavam apodrecendo. Quando alguém no The Plough mencionou que parte do muro do jardim da frente havia desabado, ele lhes disse que estava contente com o fato: assim as ovelhas poderiam entrar para aparar a grama.

No vilarejo ele estava sendo cada vez mais considerado como um excêntrico, e sabia disso; uma reputação que nada fazia para contradizer. Antigamente ele se pavoneava quando se tratava de ternos e acessórios. Agora ele simplesmente vestia o que estava à mão, frequentemente em combinações levemente esquisitas. Em lugares lotados, corno o pub, sua surdez (que era pequena na sua orelha esquerda, mas muito pior na direita) o fazia gritar, o que só aumentava a impressão de uma alma ligeiramente perturbada. Ele se sentava no bar, bebendo brandies por horas a fio, opinando sobre qual. quer assunto que surgia; ouvindo-o no meio do debate gritado, ninguém teria achado que se tratava de um homem sem fé no mundo. Discutia política acaloradamente (ainda se considerava marxista, se pressionado), religião (claro, o ópio do povo), raça, desarmamento ou os franceses, suas habilidades de discussão ainda formidáveis o suficiente para ganhar duas de cada três rodadas, mesmo quando expunha uma posição em que não acreditava, o que acontecia, diga-se de passagem, a maior parte do tempo.

O único assunto do qual ele não falava era Will, embora naturalmente, à medida que a reputação de Will havia crescido, a curiosidade das pessoas também aumentava. Muito ocasionalmente, se Hugo estivesse a três ou quatro brandies de profundidade, ofereceria uma resposta não-comprometedora a uma observação que alguém fizesse, mas as pessoas que o conheciam bem logo entenderam que ele não era um pai orgulhoso. Aqueles com memórias suficientemente longas sabiam por quê. O garoto dos Rabjohns fora um participante no que fora certamente o episódio mais negro da história de Burnt Yarley. Vinte e nove anos depois, a filha de Delbert Donnely ainda punha flores no túmulo de seu pai no primeiro domingo de cada mês, e a recompensa por informações que levassem à prisão dos assassinos (oferecida pelo barão da carne em Halifax, de quem

Delbert sempre comprara suas tortas e salsichas) ainda estava de pé. No momento de sua morte, assim contava a história, ele fazia o papel do Bom Samaritano, lá fora na neve procurando uma criança fugitiva, uma criança que, acreditavam os que ainda se punham a pensar no mistério, tivera alguma forma de cumplicidade com os assassinos. Nada jamais fora provado, claro, mas ninguém que tivesse acompanhado a ascensão à fama de Will Rabjohns poderia deixar de reparar na perversidade de seu trabalho. Ninguém no vilarejo poderia ter usado essa palavra, além talvez de Hugo. Teriam dito que isso era um pouco estranho ou não lá muito certo, ou se fossem supersticiosos – coisa do demônio. Certamente não era coisa sadia percorrer o mundo como ele fazia, encontrando animais moribundos para fotografar. Era prova maior ainda, para os que se importavam, que Will Rabjohns, homem e garoto, era coisa ruim. Tão ruim, na verdade, que seu próprio pai com relutância admitia a paternidade.

O silêncio de Hugo, entretanto, não significava que Will não estivesse em seus pensamentos. Embora raramente falasse com seu filho, e quando o fazia suas conversas eram distantes, os mistérios daquele inverno quase três décadas antes (e do lugar de seu filho no meio daqueles mistérios), o envergonhava cada vez mais à medida que os anos passavam, e por um motivo que ele nunca teria admitido a ninguém. A filosofia lhe havia falhado, o amor lhe havia falhado, a ambição e o ego lhe haviam falhado: somente o desconhecido permanecia com ele, como fonte de esperança. Claro, ele estava em toda parte, o desconhecido. Na nova física, nas doenças, nos olhos de um vizinho. Mas seu contato mais íntimo com ele permanecia a questão daquela noite amarga há tantos anos. Se ele tivesse percebido na época que alguma coisa extraordinária estava acontecendo teria prestado mais atenção: memorizado os sinais, para poder mais tarde encontrar o caminho de volta para sua presença. Mas estivera muito ocupado com os trabalhos de ser Hugo para reparar. Só agora, quando essas distrações haviam apodrecido, ele via o mistério reluzindo ali, tão frio, remoto e constante quanto uma estrela.

Lera na Newsweek uma entrevista em que seu filho, quando perguntado sobre que qualidade mais valorizava em si mesmo, respondera paciência. Isso veio de mim, pensou Hugo. Eu sei como esperar. Era assim que ele passava os dias agora, quando não estava em Manchester. Sentado em seu estúdio fumando um cigarro francês, esperando. Quando Adele entrava

com uma xícara de chá ou um sanduíche, ele voltava a atenção para seus papéis como se estivesse no meio de algum pensamento profundo, mas assim que ela saía, ele ficava olhando pela janela novamente, vendo as sombras das nuvens passarem pela charneca que se elevava atrás da casa. Não sabia exatamente o que estava esperando, mas confiava o suficiente em seus sentidos para estar certo de reconhece-lo quando viesse.

XVI

O verão havia sido úmido, as chuvas tão fortes no início de agosto que haviam arrancado e arrasado a maior parte da colheita, acabando com ela antes de seu tempo. Agora, na primeira semana de setembro, os campos ainda estavam alagados, e o feno que sobrevivera ao dilúvio apodrecia onde estava.

– Está tudo bem pra gente como você – Ken Middleton, dono da maior extensão de terra cultivável do vale, observara para Hugo no pub naquela noite. – Você não precisa pensar nessas coisas como nós, trabalhadores.

– Pensadores são trabalhadores, Kenneth – retrucou Hugo. – Só não suamos fazendo isso.

– Não é só a chuva – apitara Matthew Sauls. – São essas merdas todas. – Sauls era companheiro de bebedeiras de Middleton; um par amargo nos melhores momentos. – Até meu velho pai diz que as coisas estão simplesmente indo pro buraco.

Hugo havia sido criticado pelo velho pai de Matthew, Geoffrey, sobre esse mesmo assunto no começo do ano, quando, contra sua vontade, concordara em acompanhar Adele à Feira de Verão, onde ela inscrevera seus picles de cebola na competição anual. A esposa de Geoffrey também participara, enquanto as duas mulheres fofocavam (com a reserva natural de competidores), Hugo teve que aguentar o velho Sauls. Sem a menor provocação, o homem havia disparado um monólogo sobre o assunto de assassinato, a morte recente de uma criança em Newcastle particularmente sobre a qual falava com amargura. É um mundo diferente hoje em dia, ele ficava repetindo. O que um dia fora impensável era hoje lugar-comum. É um mundo diferente.

– Sabe qual o problema do seu velho pai, Matthew? – perguntou Hugo.

– Ele é louco de pedra – Middleton interrompeu.

– Bom, isso sem dúvida é verdade – replicou Hugo. – Mas não era isso o que eu tinha em mente. – Esvaziou seu copo de brandy e colocou-o no bar.

– Ele é velho. E velhos gostam de pensar que tudo está chegando ao fim. Isso torna um pouco mais fácil se despedir de tudo.

Matthew não respondeu. Simplesmente ficou olhando para sua cerveja. Mas Middleton perguntou:

– Falando de experiência própria?

Hugo sorriu.

– Acho que ainda tenho mais alguns anos – disse ele. – Bem, cavalheiros, este foi o meu último da noite. Vejo vocês amanhã, talvez.

Era mentira, claro; ele não precisava de mais alguns anos para compreender o ponto de visto do pai de Matthew. Ele o sentia tomando forma em si mesmo. Havia uma certa satisfação nas más notícias. Que homem em seu juízo perfeito, sabendo que não ficaria muito mais tempo no mundo, desejaria que ele crescesse e brilhasse mais em sua ausência? Talvez ele tivesse lido as entranhas de modo diferente se tivesse tido netos; encontrado motivos para otimismo no meio de assassinatos e dilúvios. Mas Nathaniel, que certamente lhe teria dado ótimos netos, estava morto há trinta anos, e Will era um invertido. Por que ele deveria esperar o melhor para um mundo que não teria ninguém que ele amasse depois que ele tivesse partido?

Havia prazer nessa brincadeira de profeta do apocalipse, sem dúvida. Enquanto caminhava para casa naquela noite (ele sempre caminhava, mesmo no mais rigoroso inverno; gostava demais de seu brandy para confiar em si mesmo atrás do volante) havia um vigor nos seus passos que não teria existido se a noite do debate fosse mais otimista. Balançando a bengala, que ele carregava mais para efeito do que apoio, saiu caminhando pela luz do vilarejo até o quilômetro e meio escuro de estrada que o levava ao seu portão. Não sentia ansiedade caminhando no escuro. Ali não havia ladrões; nenhum ladrão para se aproveitar de um cavalheiro inebriado caminhando sozinho. Muito raramente ele encontrava qualquer pessoa.

Aquela noite, entretanto, foi uma exceção. Cerca de quinhentos metros além dos limites do vilarejo ele avistou duas pessoas, um homem e uma mulher, caminhando em sua direção. Embora não houvesse luar, a luz das estrelas era brilhante, e a vinte metros de distância ele era capaz de dizer que não os conhecia. Seriam turistas talvez, passeando para aproveitar o ar noturno? Fugitivos da cidade para quem o espetáculo de colinas escuras e estrelas era mágico?

Quanto mais perto chegava deles, entretanto, mais forte o impulso de virar e voltar por onde viera. Disse a si mesmo para parar de ser um velho

idiota. Bastava era lhes desejar uma noite agradável ao passar por eles e pronto. Apressou o passo um pouco, e já ia falar quando o homem um sujeito impressionante à luz prateada disse:

– Hugo? É você?

– Sim, sou eu – disse Hugo. – Eu...

– Fomos até sua casa – disse a mulher – procurando você, mas você não estava lá...

– Então fomos procurá-lo – continuou o homem.

– Nós nos conhecemos? – perguntou Hugo.

– Faz muito tempo – disse o homem. Ele parecia ter talvez uns trinta e dois ou trinta e três, mas havia algo em sua pose que fazia Hugo pensar que talvez fosse um truque da luz.

– Você não era aluno meu, era?

– Não – disse o homem. – Nem de longe.

– Bem, então eu realmente não consigo me lembrar – disse Hugo, um pouco desconfortável agora.

– Conhecemos seu filho – disse a mulher. – Conhecemos Will.

– Ah – disse Hugo. – Bom, então boa sorte para vocês – falou com secura. – Tenham uma boa noite, sim? – E com isso ele prosseguiu.

– Onde está ele? – a mulher perguntou enquanto Hugo passava.

– Não sei – replicou Hugo, sem olhar para ela. – Ele poderia estar em qualquer lugar. Ele fica saltitando muito de um lugar para outro, vocês sabem. Se são amigos deles, sabem o quanto ele saltita.

– Espere! – disse o homem, saindo de perto de sua amiga para acompanhar Hugo. Não havia nada agressivo em seus modos, mas Hugo agarrou a bengala com mais força, só no caso de precisar usá-la. – Se você pudesse me dar uma ajuda...

– Ajuda? – Hugo virou-se para encarar o homem, preferindo ficar onde estava e mandar o sujeito embora do que ir ele mesmo.

– Para encontrar Will – disse o homem, os modos inteiramente amistosos.

Era uma abominação, pensou Hugo, a forma abrupta que as pessoas tinham hoje em dia. Importado dos americanos, sem dúvida. Trinta segundos de conversa e vocês eram amigos do peito. Uma coisa completamente odiosa.

– Se querem mandar um recado para ele – disse Hugo – posso sugerir que falem com os editores?

– Você é pai dele...

– Esse é meu fardo – disparou Hugo. – Mas se são admiradores dele...

– Somos – disse a mulher.

–... então devo avisar vocês de que ele pessoalmente é uma terrível decepção.

– Sabemos como ele é – disse o homem. – Todos sabemos como ele é, Hugo. Você e eu, particularmente.

A inferência do parentesco ali foi demais para Hugo. Ele brandiu a bengala na frente do rosto do homem.

– Não temos absolutamente nada a dizer um ao outro – disse ele. – Agora me deixem em paz. Começou a recuar, meio que esperando que o homem o caçasse. Mas simplesmente ficou com as mãos nos bolsos, vendo Hugo recuar.

– Do que você tem medo? – perguntou ele.

– De absolutamente nada.

– Não acredito nisso – disse o homem. – Você é um filósofo. Você sabe mais do que isso.

– Não sou filósofo – disse Hugo, resistindo à lisonja. – Sou um professor de terceira categoria de alunos de terceira categoria que não têm interesse em nada que eu passe a eles. Esse é o meu fardo, e tenho orgulho dele na medida em que poderia ter feito pior. Minha esposa vive em Paris com um homem com a metade da minha idade, meu filho amado morreu e foi enterrado há trinta anos e o outro é um viado que gosta de se promover e que tem uma opinião de si próprio inteiramente desproporcional para com suas realizações. Pronto! Satisfeito? Está claro o suficiente para você? Resumindo, POSSO IR?

– Oh – a mulher disse, com suavidade. – Lamento muito.

– Pelo quê?

– Você perdeu um filho – disse ela. – Jacob e eu perdemos vários. A gente nunca supera isso.

– Jacob? – murmurou Hugo, e naquele instante soube com quem estava falando. Uma onda de sentimento passou por ele que não conseguiu identificar na hora.

– Sim, somos nós – o homem disse com suavidade, sentindo que haviam sido reconhecidos.

Alívio, pensou Hugo. É isto o que estou sentindo. Estou sentindo alívio. A espera acabou. O mistério está aqui; ou pelo menos um meio de acesso a

ele.

– Esta é Rosa, claro – disse Steep. Rosa fez uma mesura cômica. – Agora... vamos ser amigos, Hugo?

– Eu... não... sei.

– Ah, eu sei o que você está pensando. Está pensando em Delbert Donnelly. Ela foi responsável por isso, e não vou enganar você quanto a isso. Ela pode ser cruel às vezes, até mesmo perigosa, quando provocada. Mas já pagamos o preço por isso. Passamos trinta anos afastados de tudo, não sabendo onde dormir de uma noite para a outra.

– Então por que escolheram voltar? – perguntou Hugo.

– Temos nossos motivos – disse Jacob.

– Conte a ele – pediu Rosa. – Voltamos por causa de Will.

– Não posso...

– Sim, sabemos – disse Jacob. – Você não fala com ele e nem quer.

– Isso mesmo.

– Bem... vamos esperar que ele se preocupe mais com você do que você com ele.

– O que quer dizer com isso?

– Vamos esperar que ele venha correndo quando souber que você está com problemas.

Ele não sentiu o soco. Não houve brilho no olho de Steep, uma indicação, por menor que fosse, de que seu papo civilizado tivesse acabado. Num instante estava sorrindo, todo cortesia, no seguinte deu um soco tão forte em Hugo que jogou o homem a cinco metros de distância.

– Não faça isso – disse Rosa.

– Cale a boca – disse Jacob, e indo até onde Hugo estava caído, pegou a bengala que o velho havia brandido dois minutos antes. Enquanto Hugo gemia aos seus pés, examinou a bengala, movendo as mãos por sua extensão para sentir o peso. Então levantou-a sobre a cabeça e desceu-a no corpo de Hugo, uma, duas, três vezes. A primeira pancada ganhou um grito de agonia. A segunda, um gemido. A terceira, silêncio.

– Você não matou ele, matou? – perguntou Rosa, aproximando-se de Jacob.

– Não, claro que não o matei – replicou Jacob, jogando a bengala ao lado de seu dono. – Quero que ele aguente um pouco. – Agachou-se ao lado do homem ferido. Com uma solicitude que teria envergonhado um médico, acariciou o rosto de Hugo com as costas dos dedos. – Está me

ouvindo, meu amigo? – perguntou, esfregando de leve os dedos. – Hugo? Está me ouvindo? – Hugo gemeu de dar pena. – Vou considerar isso um sim, ok? Perguntou Jacob. Mais uma vez o homem gemeu.

– Então, aqui está o plano – disse Jacob.

– Muito em breve iremos embora, e se não ligarmos para que alguém venha buscá-lo, há uma chance enorme de que você esteja morto antes do amanhecer. Entende o que estou dizendo? Acene com a cabeça se está entendendo. – O aceno de Hugo quase não foi perceptível. – Ótimo. Então agora é por sua conta. Quer morrer aqui sob as estrelas? Ninguém vai passar por aqui esta noite, suspeito eu, então você vai ter o lugar inteiro para si. Hugo tentou falar. – Não entendi, desculpe. O que disse? – Hugo soltou um pequeno soluço. – Ah... você está chorando. Rosa, ele está chorando.

– Ele não quer ficar sozinho – disse Rosa. – Vocês homens têm um grande problema reclamou. – São iguais a menininhos metade do tempo.

Jacob voltou a atenção para Hugo.

– Ouviu isso? – ele disse. – Ela acha que somos garotos. Não sabe da missa a metade, não é? Ela não sabe pelo que passamos. Mas suponho que ela esteja certa. Você não quer ser deixado sozinho. Quer que encontremos um telefone e chamemos alguém para vir buscar você. Não é isso? – Hugo fez que sim. – Isso eu farei, meu amigo – disse ele. – Mas o seu lado do acordo é o seguinte: não quero que diga uma palavra a Will. Entendeu? Se ele vier vê-lo e você lhe disser alguma coisa sobre nós, o que está sentindo agora – a dor, o pânico, a solidão – não serão nada comparados ao que vamos fazer com você. Está me ouvindo. Nada. Acene com a cabeça se estiver entendendo. – Hugo acenou. – Ótimo. Não precisa agonizar quanto a isso. Ele é... do que você o chamou?... um viado que gosta de se promover? Obviamente você não é o fã número um dele. Ao passo que eu... sou dedicado a ele, à minha maneira. Não o vejo há trinta anos, claro, portanto pode ser que eu não sinta o mesmo... – deixou a voz morrer. Suspirou e se levantou.

– Fique bem quieto – Rosa o aconselhou. – Se tiver quebrado as costelas, não vai querer perfurar um pulmão. E então, para Jacob:

– Você não vem?

– Sim. – Olhou para o rosto de Hugo – Aproveite as estrelas. – disse.

XVII

i

Na manhã após o banquete de amor, Will acordou no chão da sala de estar, tendo aparentemente deslizado do sofá onde havia feito um ninho com as roupas que tirara na noite anterior. Estava se sentindo uma merda. O corpo inteiro doía, até os dentes e a língua. Os olhos queimavam nas órbitas. Levantou-se, um pouco sem equilíbrio, e foi até o banheiro. Lá ele lavou o rosto com água fria, e então olhou para si mesmo no espelho. A calma e claridade que haviam sido uma revelação tão grande na tarde passada haviam desaparecido. O rosto para o qual estava olhando era apenas um saco de particularidades cansadas: pele pálida, olhos vermelhos e boca áspera. O que diabos ele andara fazendo? Lembrava-se vagamente de ter tido alguma briga com Drew, mas não fazia ideia do que provocara isso, muito menos de como fora resolvida, se é que o fora. Obviamente ele fora badalar na cidade, e a julgar pelo estado de seu corpo fora uma festa e tanto. Tinha arranhões nas costas e peito; marcas de mordidas nos ombros. E havia mais evidência ainda entre as pernas: um pau e bolas tão lanhados que davam a impressão de terem sido massageados com uma lixa.

– Pergunta número um – disse ele, olhando para a virilha. – Que merda a gente andou fazendo? E pergunta número dois: para quem diabos precisamos pedir desculpas?

Quando se aventurou a ir ao quarto, naturalmente, teve de se confrontar com o caos. O ar estava azedo de comida podre e vômito seco; o chão era uma pilha de lixo só. Ele ficou na porta, inspecionando o tapete de restos, enquanto flashes tantalizantes de como a comemoração ali havia chegado ao fim penetraram em sua cabeça. Ele havia se arrastado de quatro por esse muco, não havia? Vomitando como um romano hiperalimentado no vomitório. E no hall, onde havia sangue e vidro quebrado, ele cortara o pé enquanto se elevava ao topo das escadas...

O que acontecera depois disso? Sua mente se recusava a confessar. Ao invés de vasculhá-la à procura de respostas, deixou os fragmentos de

lembranças junto com o lixo, onde estavam, e, fechando a porta do quarto, foi tomar um banho. Havia um padrão ali, ele pensou, de dormir, e acordar com visões, e tomar banho, e tornar a despertar, como se o ciclo de tarefas diurnas tivesse se transformado para os propósitos do Senhor Raposa. Um truque inteligente: usar os rituais mais seguros da vida doméstica para fazer com que ele descartasse suas suposições. Lavar-se provou ser uma tarefa delicada o sabão e a água encontraram pele aberta que ele não havia reparado mas emergiu sentindo-se um pouco melhor. Estava se enxugando quando alguém bateu com força na porta da frente. Enrolou uma toalha na cintura e foi para as escadas, desviando-se com cuidado do vidro ao descer. Novas batidas, e com elas a voz de Adrianna.

– Ei, Will? Will? você está aí?

– Estou aqui – disse ele, abrindo a porta para ela.

– Seu telefone não está funcionando – disse ela. – Estou te ligando há uma hora. Posso entrar? – Ela olhou para ele ao entrar. – Cara, você foi dormir tarde, hein? – Ele levou-a para a cozinha.

– O que fez com as suas costas? – ela perguntou, seguindo-o. – Não, deixa pra lá, não me conte.

– Quer um café, ou...?

– Eu faço. É melhor você ligar para a Inglaterra.

– Pra quê?

–Aconteceu alguma coisa com seu pai. Ele não morreu, mas tem algo de errado. Não quiseram me dizer o quê.

– Quem não quis te dizer?

– Seus agentes em Nova York. Parece que alguém estava tentando achar você, e essa pessoa ligou para eles, e eles tentaram você, mas não conseguiram, então ligaram para mim, só que eu não conseguia falar com você... – Ela continuou a história enquanto Will ia para a sala de estar, onde achou o telefone desconectado. Obra de Drew, sem dúvida, para não serem perturbados durante sua noite de decadência. Will tomou a conectá-lo.

– Sabe quem fez a ligação?

– Alguém chamado Adele.

– Adele?

– Ela mesma.

– É will.

– Meu Deus. Meu Deus. Will. Estou tentando contatar você...

– Sim, eu...
– Ele está num estado terrível. Terrível.
– O que aconteceu com ele?
– Não sabemos. Quero dizer, alguém tentou matá-lo, isso nós sabemos.
– Em Manchester?
– Não, não, aqui. A quinhentos metros de casa.
– Meu Deus.
– Ele só apanhou terrivelmente. Está com uma concussão. Três costelas e um braço quebrados.
– A polícia sabe quem foi?
– Não, mas eu acho que ele sabe, só que não quer dizer. É peculiar. E isso me apavora, mesmo, caso quem quer que seja... – ela começou a se desmanchar em lágrimas – quem quer que seja... volte... eu não sabia a quem recorrer... então... eu sei que você e ele não se falam há muito tempo, mas... acho que você devia vê-lo... – Era óbvio o que ela estava dizendo, mesmo que não estivesse colocando em muitas palavras. Tinha medo de que ele não fosse sobreviver.
– Eu vou ele disse.
– Mesmo?
– Claro.
– Ah, isso é maravilhoso. – Ela parecia realmente feliz com a notícia. – Eu sei que parece egoísta, mas tiraria um peso tão grande dos meus ombros.
– Não parece egoísta não – disse Will. – Vou providenciar tudo agora mesmo e te ligo assim que chegar em Londres.
– Posso contar a ele?
– Que eu estou indo? Não, acho que você não deve fazer isso. Ele pode não querer me ver: melhor que seja surpresa.

A conversa terminou ali. Will deu a Adrianna um breve resumo do que havia acontecido, e então pediu a ela que visse o que podia fazer para arrumar um vôo; qualquer linha aérea, qualquer horário. Deixando-a tomar as providências no escritório, subiu para fazer as malas. Isto significava encarar a sujeira no quarto, claro, o que não era particularmente agradável, mas ele enrolou a bagunça o melhor que pôde nos lençóis onde haviam feito o banquete, jogou o tudo em sacos plásticos e deixou-os no patamar

para levar para baixo. Então abriu a janela, para deixar entrar um pouco de ar fresco, e tirando malas do closet, começou a enchê-las.

Adrianna conseguiu um voo saindo de São Francisco naquele fim de tarde. Um voo noturno que o levaria até o Aeroporto de Heatrow por volta do meio-dia do dia seguinte.

– Se não se importa – disse Adrianna – gostaria de vir enquanto você estiver fora e olhar aquelas fotos que você arrancou...

– As consumidas?

– É. Eu sei que você acha que sou maluca, mas naquelas fotos tem um livro. Ou pelo menos urna exposição.

– Sirva-se. Não quero olhar outra foto neste momento. São todas suas.

– Isso não é um pouco radical?

– É como estou me sentindo agora. Radical.

– Algum motivo especial?

Era um motivo grande demais para explicar, mesmo que ele tivesse as palavras, e duvidava que as tivesse.

– Talvez a gente fale sobre isso quando eu voltar – ele disse.

– Vai ficar muito tempo?

Will deu de ombros.

– Não sei. Se ele estiver para morrer, então vou ficar até isso acontecer. Não é o que eu deveria fazer?

– É uma pergunta estranha.

– É. Bom, é um relacionamento estranho. Não nos falamos há dez anos, lembre-se.

– Mas você fala dele.

– Não falo não.

– Confie em mim, Will, você fala dele. Comentários indiretos, normalmente, mas deu para eu ter um bom retrato dele.

– Sabe que é uma ótima ideia? Eu devia tirar uma foto dele. Algo que o registre, para a posteridade.

– O homem que gerou Will Rabjohns.

– Ah, não – disse Will, subindo para pegar a câmera – Não foi Hugo. E quando Adrianna lhe perguntou quem diabos era se não fora Hugo, ele se recusou a responder, claro.

Foi ver Drew e Patrick antes de ir para o aeroporto. Havia ligado para Drew diversas vezes, mas ninguém atendeu, então pegou um táxi para o apartamento em Cumberland. Pelas barras do portão de segurança ele viu a bicicleta de Drew na passagem, prova quase certa de que seu proprietário estava na residência, mas os repetidos toques de Will na campainha não trouxeram resposta. Ele estava preparado para essa eventualidade, com uma nota rabiscada que enfiou entre o portão e o tijolo; três ou quatro linhas simplesmente informando a Drew que ele tivera de ir para a Inglaterra às pressas, e que esperava entrar em contato com ele logo. Então voltou ao táxi e pediu que o levasse ao apartamento de Patrick, na Castro. Dessa vez a campainha da porta foi atendida, não por Patrick mas Rafael. Ele estava espirrando violentamente, os olhos injetados.

– Alergia? – perguntou Will.

– Não – respondeu Rafael. – Pat acabou de voltar do hospital. Más notícias.

– É Will? – Patrick gritou da sala de estar.

– Entre – Rafael disse suavemente, e desapareceu na cozinha, ainda espirrando.

Patrick estava sentado à janela – onde mais? – embora a vista da cidade estivesse em grande parte obscurecida por uma parede glacial de neblina.

– Puxe uma cadeira – disse a Will, e Will o fez. – A vista está uma merda, mas que diabos?

– Rafael disse que você foi ao hospital.

– Eu te apresentei ao meu médico na festa, não foi? Frank Webster? Sujeito baixinho e gordinho; que se encharca de colônia? Fui vê-lo hoje de manhã, e ele me disse na lata que fizera tudo o que era possível. Estou ficando mais fraco e não há nada que ele possa fazer por mim. – Nova barragem de espirros da cozinha. – Meu Deus, coitado do Rafael. Quando fica triste desanda a espirrar. Vai ficar assim por horas. Fui ao enterro de sua mãe com ele, e toda a família – ele tem três irmãos e três imãs – começou a espirrar. Não ouvi uma palavra do que o padre disse. – Isso estava soando cada vez mais como uma das histórias de Patrick, mas que diabos, estava colocando um sorriso no rosto dele. – Lembra daquele francês lindo com o qual Lewis costumava sair? Marius? Você tinha tesão nele.

– Não tinha não,

– Então você era o único. De qualquer forma, ele espirrava depois de gozar. Espirrava sem parar. Chegou a cair pela escada da casa de Lewis, espirrando. Juro.

– Terrível.

– Você não acredita em mim.

– Nem uma palavra.

Pat olhou para Will, com um risinho torto.

– Então – disse ele – a que devo o prazer?

– Você estava me falando do Webster.

– Isso pode esperar. Você está com um olhar objetivo no rosto. O que está acontecendo?

– Preciso ir à Inglaterra. Vou pegar um voo esta noite.

– Inesperado, isso.

– Meu pai está com um problema. Alguém decidiu comê-lo de porrada.

– Você estava aqui na noite em questão. Posso jurar.

– É sério, Pat.

– Sério a que ponto?

– Não sei. Vou descobrir quando chegar lá. A minha história é esta. Agora, voltando ao Webster.

Patrick suspirou.

– Tive uma conversa franca com ele hoje. Ele tem sido ótimo. Estamos sempre em contato se alguém chega com alguma medicação nova. Mas... – deu de ombros – acho que chegamos ao fim. – Tornou a olhar para Will. – É uma merda, Will. Ficar doente. Já vimos tanto disso, e todos nós sabemos como é. Bom, comigo não vai acontecer. – Isso parecia Patrick no seu melhor tom de desafio, mas não havia força em sua voz; apenas derrota. – Tive um sonho há duas noites. Eu estava numa floresta, uma floresta escura e estava nu. Nada de sexual a respeito. Só nu. E eu sabia que havia muitas coisas subindo por cima de mim. Algumas estavam vindo para os meus olhos. Outras para minha pele. Todas queriam um pedaço meu. Quando acordei, pensei: não vou deixar isso acontecer. Não vou ficar sentado lá e deixar que tirem pedaço por pedaço de mim

– Já conversou com Bethlynn a esse respeito?

– Não sobre a conversa com Frank. Tenho uma sessão com ela amanhã de tarde. – Recostou a cabeça no espaldar da poltrona, e fechou os olhos. — Já falamos muito sobre isso, você vai gostar de saber. E ela foi bem

precisa sobre você, antes de te conhecer. Agora será inútil. Como o resto de nós, rodando feito tontos tentando descobrir o que mexe com você.

– Não é nenhum grande mistério – disse Will.

– Um dia desses – Patrick disse preguiçoso – vou ter uma revelação cega a seu respeito, e tudo subitamente fará sentido. Por que ficamos juntos. Por que nos separamos. – Abriu um dos olhos e olhou para Will. – Você estava no The Penitent ontem à noite, por falar nisso?

Will não tinha certeza.

– Talvez – disse. – Por quê?

– Um amigo de Jack disse que viu você saindo, como se tivesse feito alguma coisa muito louca. Claro, eu protegi a sua honra. Mas era você, não era?

– Pra ser honesto, não lembro.

– Meu Deus, é por isso que não ouço falar muito de você estes dias. Todo mundo está muito limpo e sóbrio. *Você não lembra?* Você é uma antiguidade, Will. Homo Castro, 1975. – Will deu uma gargalhada. – Um símio primitivo com uma libido gigantesca e uma expressão permanentemente chapada.

– Houve algumas noites selvagens.

– Certamente que sim – Patrick disse com um certo deleite. – Mas não quero fazer de novo, você quer?

– Honestamente?

– Honestamente. Eu fiz, e foi ótimo. Mas acabou. Pelo menos para mim. Estou fazendo uma conexão com outra coisa agora.

– E como se sente?

Patrick havia tornado a fechar os olhos. Abaixou a voz.

– É maravilhoso – disse. – As vezes sinto Deus aqui. Bem aqui comigo. – Ficou quieto; o tipo de silêncio que pressagia alguma coisa importante. Will não disse nada. Só esperou que essa alguma coisa viesse. Por fim, Patrick disse: – Tenho um plano, Will.

– Para quê?

– Para quando eu ficar muito doente. – Mais uma vez o silêncio; e Will esperando. – Quero você aqui, Will – disse Patrick. Quero morrer olhando para você, e com você olhando para mim.

– Então é o que irá acontecer.

– Mas pode ser que não aconteça – disse Patrick. Sua voz era suave e tranquila, mas as pálpebras fechadas haviam inchado de lágrimas, que

corriam pelas faces. – Você poderia estar no meio do Serengeti. Quem sabe? Poderia ainda estar na Inglaterra.

– Eu não...

– Ssh – disse Patrick. Deixe–me dizer tudo. Não quero que ninguém diga a você o que aconteceu ou deixou de acontecer e você sem saber se acredita ou não. Então eu quero que você saiba: estou planejando morrer da maneira como vivi. Confortavelmente. Sensivelmente. Jack está nessa comigo. E Rafael também, claro. E, como eu disse, eu quero você aqui também. – Ele parou, enxugou as lágrimas das faces com as costas das mãos, e então continuou da mesma forma contida. – Mas se não estiver, e houver algum problema; se Rafael ou Jack se meterem em problemas, de alguma forma... estamos tentando cobrir todos os aspectos legais para termos certeza de que não vai acontecer, mas ainda existe uma chance... Quero ter certeza de que você vai resolver tudo. Você é bom com esse tipo de coisa, Will. Ninguém te engana.

– Vou cuidar para que não haja problemas, não se preocupe.

– Que bom. Assim fico muito mais feliz. Sem abrir os olhos, esticou a mão e pegou sem erro a mão de Will. – Como estou indo?

– Você está indo bem.

– Não gosto de chorões.

– Você pode.

Houve outro silêncio, mais leve desta vez, agora que o acordo havia sido feito.

– Você tem razão – Patrick disse finalmente. – Eu posso.

Will olhou o relógio. – Está na hora de ir – disse.

– Vá, baby, vá. Não vou me levantar, se você não se importa. Estou me sentindo um pouco fraco.

Will aproximou-se e o abraçou, ali na poltrona.

– Eu te amo – disse.

– E eu também te amo. – Ele segurou com força os braços de Will, e os apertou. – Você sabe, não sabe? Quero dizer, você não está só ouvindo as palavras?

– Eu sei.

– Queria que tivéssemos tido mais tempo, Will...

– Eu também – disse Will. – Tem muita coisa que eu quero te contar, mas preciso pegar o avião.

– Não, Will, eu quero dizer que queria que tivéssemos tido mais tempo juntos. Queria que tivéssemos tido tempo para nos conhecermos melhor.

– Haverá tempo – disse Will.

Pat tornou a se agarrar aos braços de Will.

– Não o bastante. – E então, soltando os braços com relutância, deixou Will partir.

PARTE CINCO



Ele Dá Nome ao Mistério

I

i

De volta à Inglaterra, e o verão quase no final. As estrelas de agosto haviam caído, e as folhas as seguiriam muito em breve. Distúrbio e podridão em rápida sucessão.

Você verá que os anos passam mais rápido à medida que ficar mais velho, Marcella – a sábia tia velha residente de Boston – lhe dissera há uma eternidade. Will não acreditara, naturalmente. Só quando chegou aos trinta e um, talvez trinta e dois, percebeu que havia verdade na observação. O tempo não estava do seu lado, afinal; ele estava ganhando velocidade, estação após estação, ano após ano. Os trinta e cinco chegaram num segundo, com os quarenta nos calcanhares, e a maratona que ele achara que estava correndo em sua juventude misteriosamente se transformou em cem metros rasos. Determinado a conseguir algo de importância antes que a corrida acabasse, dedicou cada minuto de sua vida a tirar fotos, mas elas não eram de muito consolo. Os livros foram publicados, as resenhas recortadas e arquivadas, e os animais que havia testemunhado em seus últimos dias foram para as mãos de taxidermistas. A vida não era um bem de consumo reversível. As coisas passavam, para nunca mais retornar: espécies, esperanças, anos.

E mesmo assim ele ainda podia esperar jovialmente descartar algumas horas de sua vida quando estava chateado. Sentado na primeira classe no voo de onze horas de duração, desejou mil vezes que ele acabasse logo. Trouxera uma sacola de livros incluindo o volume de poemas que Lewis distribuíra na festa de Patrick, mas nada prendia sua atenção por mais de uma página ou duas. Um dos poemas curtos de Lewis o intrigou principalmente porque ele se perguntou de que diabos ele tratava:

Agora, com nossa feroz irmandade anulada,
Vejo como se por um relâmpago, todas as dores perfeitas que poderíamos ter feito,
se a ficção do nosso amor vivesse mais um dia.

Ele certamente tinha o autêntico tom da voz de Lewis. Todos os seus temas favoritos – dor, irmandade e a impossibilidade do amor em quatro linhas.

Era meio-dia quando ele chegou: um dia úmido, sem fôlego, sua opressão não fazendo nada por seu estado estupidificado. Pegou sua bagagem e alugou um carro sem qualquer problema, mas assim que saiu para a estrada, lamentou também não ter contratado um motorista. Depois de duas noites de sono pouco satisfatório, estava cheio de dores e com péssimo humor; na primeira das quatro horas da viagem na direção norte, várias vezes chegou perigosamente perto de uma colisão, a culpa sempre sua. Parou para tomar um pouco de café, comprar aspirina e andar para esticar as juntas. O peso e o calor do dia estavam começando a baixar; chovia depois de Birmingham, ouviu alguém dizer, e ficaria pior. Por ele, tudo bem: uma boa chuvarada, para esfriar ainda mais o dia.

Voltou ao carro de alto astral, e a etapa seguinte da jornada transcorreu sem eventos. O tráfego ficou menor, a chuva veio e foi, e embora a vista a partir da rodovia quase nunca fosse inspiradora, de vez em quando ela tinha uma graça inglesa particular. Colinas plácidas despontavam do barro, todas aveludadas de grama, ou com florestas dispersas; colhedeiras levantando poeira ocre enquanto cortavam e debulhavam os campos. E, aqui e ali, vistas maiores: uma cordilheira de rocha nua e ensolarada recortada contra o céu sombrio; um arco-íris surgindo de dentro de um alagadiço. Ele sentiu uma lembrança remota daquelas horas na Spruce Street, andando por dois quarteirões revelatórios até a casa de Bethlynn. Não havia nada parecido com o mesmo nível de distração ali, graças a Deus, mas ele tinha a mesma sensação de que seu olhar estava purificado; que ele estava vendo aquelas visões, nenhuma das quais estranha, mais claramente do que nunca antes. Será que o mesmo aconteceria quando chegasse a Burnt Yarley?, perguntou-se. Certamente esperava que sim. Queria ver o lugar renovado, se isso fosse possível; mas não deixou a expectativa do que haveria adiante invadi-lo, mas manteve seus pensamentos no momento: a estrada, o céu, a paisagem que passava.

Ficou cada vez mais difícil, entretanto, assim que saiu da rodovia e se dirigiu para as colinas. As nuvens se abriram, e a luz do sol se moveu subindo as encostas como se ordenada, a luz bonita o bastante para levá-lo quase às lágrimas. Ele ficou espantado ao colocar tantas viagens entre seu

coração e o espírito daquele lugar, trabalhando por mais de duas décadas para disciplinar os sentimentos, e aquela beleza ainda se infiltrar dentro dele. E ainda as nuvens se dividiam, e o sol juntava sua colcha de retalhos, uma peça dourada por vez. Estava passando por vilarejos que agora conhecia, ao menos de nome. Herricksthwaite, Raddlesmoor, Kemp's Hill. Ele conhecia as curvas da estrada, e sabia onde ela o levaria a um ponto de visada de onde poderia admirar um grupo de sicómoros, um riacho, os mares de morros.

O crepúsculo era iminente, e o resto de luz do dia ainda aquecia os topos das colinas mas deixava aos azuis e cinzas do pôr-do-sol os vales através dos quais abria seu caminho. Esta era a paisagem da memória; e aquela, a hora. Nada era certo. Formas borradas, desafiando a definição. Seria aquilo uma ovelha ou uma pedra? E aquilo, um chalé abandonado ou um bosque?

Sua única concessão à profecia fora a de se preparar para um choque quando chegasse a Burnt Yarley, mas não precisava ter-se preocupado. As mudanças no vilarejo haviam sido relativamente pequenas. A agência dos correios havia sido remodelada; alguns chalés haviam sido demolidos; no lugar do armazém havia agora uma pequena garagem. Continuou dirigindo até chegar à ponte, onde parou por um momento. O rio estava mais alto; mais alto, na verdade, do que jamais o vira. Ficou bastante tentado a sair do carro e se sentar por alguns minutos antes de percorrer o último quilómetro. Talvez até voltar trezentos metros e se fortificar com uma caneca de Guinness antes de enfrentar a casa propriamente dita. Mas resistiu à sua própria covardia (pois era isso mesmo o que era) e depois de um minuto ou dois parado ao lado do rio, seguiu para casa.

ii

Casa? Não, isso nunca. Casa, nunca. E no entanto que outra palavra havia para aquele lugar do qual fugira? Talvez essa fosse a própria definição de casa, pelo menos para homens de sua inclinação: o ponto sólido, certo do qual todas as estradas levavam.

Adele já estava abrindo a porta enquanto ele saía do carro. Disse que o ouvira chegando, e graças a Deus ele estava ali, suas preces haviam sido atendidas. A maneira como ela dissera aquilo (e repetia) o fez pensar que ela o queria dizer literalmente; que estivera rezando por sua chegada rápida e segura. Agora ele estava ali e ela tinha boas notícias. Hugo não

estava mais em perigo de vida. Estava se curando muito bem, disseram os médicos, embora tivesse de ficar no hospital por, no mínimo, um mês.

– Ele é duro na queda – Adele disse carinhosa, enquanto fazia um sanduíche de presunto com chá para Will na cozinha. – E como você está? – Will lhe perguntou.

– Ah, tive algumas noites sem sono – ela admitiu de forma quase culpada, como se não tivesse direito a ficar sem sono. Certamente parecia exausta. Ela não era mais a formidável mulher durona de Yorkshire de vinte e cinco anos atrás. Embora na opinião dele ela ainda não tivesse chegado aos setenta, parecia mais velha, os movimentos hesitantes na cozinha, as palavras frequentemente lhe faltando. Não disse a Hugo que Will estava vindo (Só para o caso de você mudar de ideia no último minuto, explicou), mas disse ao médico, que concordara que podiam ir ao hospital vê-lo naquela noite, embora passasse em muito do horário de visita.

– Ele tem sido difícil – ela disse cansada. – Muito embora não esteja inteiramente conosco. Mas sabe como tocar na ferida das pessoas, esteja bom ou doente. Ele tem prazer nisso.

– Lamento que você tenha tido de lidar com isso sozinha. Eu sei o quanto ele pode ser difícil.

– Bem, se ele não fosse difícil – disse ela, com uma indulgência suave – não seria quem é, e eu não gostaria dele. Então vou levando.

É tudo o que a gente pode realmente fazer, não é?

Era uma sabedoria simples o bastante. Qualquer relação tinha falhas. Mas se você gostasse da pessoa, simplesmente ia levando.

Adele insistiu em dirigir até o hospital. Sabia o caminho, disse, então seria mais rápido. Claro que ela dirigia a passo de tartaruga, e quando chegaram lá já eram quase nove e meia. Relativamente cedo pelos padrões do mundo exterior, claro, mas hospitais eram reinos discretos, com suas próprias zonas de tempo, e bem poderia ter sido duas da manhã: os corredores estavam quietos e desertos, as alas em trevas.

A enfermeira que escoltou Will e Adele ao quarto de Hugo, no entanto, era conversadora, sua voz um pouco alta demais para o ambiente silencioso.

– Da última vez em que verifiquei ele estava acordado, mas pode ter voltado a dormir. Os analgésicos estão deixando ele um pouco grogue. Então você é o filho dele?

– Sou.

– Ah – disse ela, com um sorrisinho quase cúmplice. – Ele vive falando de você. Bem, resmungando, na verdade. Mas obviamente está querendo te ver. É Nathaniel, não é? – Não esperou confirmação, continuou alegre: algo sobre como eles o mudaram para um quarto com outros leitos, e agora o homem havia sido colocado num que havia sido desocupado, de modo que tinha o quarto só para si, o que era uma sorte enorme, não achava? Will murmurou que sim, era muita sorte.

– Aqui estamos. – A porta estava entreaberta. – Você quer entrar direto para fazer uma surpresa? – perguntou a enfermeira.

– Não particularmente – disse Will.

A enfermeira parecia confusa, e então concluiu que havia ouvido errado, e com um sorriso pateta saiu ligeira corredor abaixo.

– Eu espero aqui – disse Adele. – Vocês precisam desse momento a sós, só vocês dois.

Will concordou, e depois de vinte e um anos tornou a estar na presença do pai.

II

Havia uma lâmpada fraquinha acesa ao lado do leito de Hugo, sua luz amarelada jogando uma sombra monumental do homem na parede. Estava semi-ereto entre uma massa gigantesca de travesseiros, os olhos fechados.

Deixara a barba crescer, e a cultivara a um tamanho formidável. Sólidos vinte centímetros de comprimento, penteada e encerada imitando as barbas de grandes homens mortos: Kant, Nietzsche, Tolstói. As mentes pelas quais Hugo sempre julgara o pensamento e a arte contemporâneos, e os achava empobrecidos. A barba era mais grisalha do que preta, com estrias de branco correndo desde os cantos da boca, como se tivesse derramado creme nela. Seus cabelos, por contraste, haviam sido cortados rente e estavam colados ao couro cabeludo, delineando a cúpula romana de seu crânio. Will ficou olhando para por quinze ou vinte segundos, pensando em como ele parecia autoritário. Então os lábios de Hugo se abriram, e ele disse, muito baixo:

– Então você voltou.

Agora seus olhos se abriam, e encontravam Will. Embora a mesinha-de-cabeceira tivesse um par de óculos, ele ficou olhando para seu visitante como se tivesse Will em perfeito foco, seu olhar impiedoso como nunca; e julgador.

– Oi, pai – disse Will.

– Venha para a luz – disse Hugo, fazendo um gesto para que Will se aproximasse da cama. Deixe-me ver você. – Will chegou sem vontade ao alcance da lâmpada para ser examinado. – Os anos estão pesando em você – disse ele. – É o sol. Se você tem que vadiar pelo mundo, pelo menos use um chapéu.

– Vou me lembrar disso.

– Onde estava se espreitando desta vez?

– Eu não estava me espreitando, pai. Eu estava...

– Pensei que havia me abandonado. Onde está Adele? Ela está aqui? – Esticou o braço para pegar os óculos na mesinha-de-cabeceira, mas na pressa derrubou-os no chão. – Coisa de merda!

– Não estão quebrados – disse Will, apanhando-os.

Hugo colocou-os com uma das mãos. Will sabia que era melhor não ajudar.

– Cadê ela?

– Esperando lá fora. Queria que tivéssemos tempo de qualidade juntos.

Agora, paradoxalmente, ele não olhou para Will, mas estudou as dobras da coberta, e suas mãos, seus modos de um distanciamento perfeito.

– Tempo de qualidade? – perguntou. Isso é algum americanismo?

– Provavelmente,

– O que exatamente isso significa?

– Ah... suspirou Will. –Já estamos reduzidos a isso?

– Não, estou apenas interessado – disse Hugo. – Tempo de qualidade. – Franziu os lábios.

– É uma expressão imbecil – admitiu Will. – Nem sei por que a usei.

Num impasse, Hugo olhou para o teto. Então: – Talvez você pudesse pedir a Adele para entrar. Preciso de alguns artigos de toalete...

– Quem fez isso?

– ... só um pouco de pasta de dentes e...

– Pai. Quem fez isso?

O homem parou, a boca trabalhando como se mastigasse um pedaço de tijolo.

– Por que você supõe que eu sei? – perguntou.

– Por que você sempre tem que argumentar tanto? Isto não é um seminário. Não sou seu aluno. Sou seu filho.

– Por que demorou tanto para voltar? – perguntou Hugo, os olhos retornando para Will. – Você sabia onde me encontrar.

– Eu teria sido bem-vindo?

O olhar de Hugo não se alterou.

– Não por mim, particularmente – ele disse com grande precisão.

– Mas sua mãe ficou muito magoada com seu silêncio.

– Eleanor sabe que você está aqui?

– Eu certamente não contei. E duvido que Adele tenha contado. Elas se odeiam.

– Será que ela não deveria saber?

– Por quê?

– Porque ficará preocupada.

– Então por que contar a ela? – Hugo disse curto e grosso. – Não a quero aqui. Não morremos de amor um pelo outro. Ela tem a vida dela. Eu tenho

a minha. A única coisa que temos em comum é você.

– Você faz isso parecer uma acusação.

– Não. É você que simplesmente ouve assim. Algumas crianças são paliativos num casamento perturbado. Você não foi. Não o culpo por isso.

– Então podemos voltar ao assunto?

– Que era?

– Quem fez isso?

Hugo voltou a olhar para o teto.

– Eu li um artigo que você escreveu no The Times, há cerca de um ano e meio ...

– Que diabos isso...

– alguma coisa sobre elefantes. Foi você quem escreveu?

– Meu nome estava lá.

– Achei que pudesse ter mandado algum amanuense escrever para você. Atrevo-me a dizer que você estava ficando poético, mas Cristo, como pôde colocar seu nome naquele tipo de indulgência?

– Eu estava descrevendo o que sentia.

– É isso, então – disse Hugo, o tom de resignação cansada. – Se você sente isso então deve ser verdade.

– Como eu decepciono você – disse Will.

– Não. Não. Nunca esperei nada, então como podia me decepcionar? – Havia uma amargura tão profunda nisso que tirou o fôlego de Will. – Nada disso quer dizer absolutamente nada. No fim é tudo uma merda.

– É mesmo?

– Cristo, sim. – Ele olhava para Will com surpresa fingida. – Não é isso o que você tem gritado todos estes anos?

– Eu não grito.

– Encare da seguinte forma: é um gritinho para os ouvidos da maioria das pessoas. Talvez por isso não esteja surtindo nenhum efeito. Talvez por isso sua adorada Mãe Terra...

– Foda-se a Mãe Terra...

– Não, você primeiro, eu insisto.

Will levantou as mãos em rendição.

– Ok, você venceu – ele disse. – Não estou com estômago para isso. Portanto...

– Ora, vamos lá.

– Vou chamar Adele – ele disse, afastando-se da cama.

– Espera..

– Para quê? Não vim aqui para levar fora. Se não quer uma conversa pacífica, então não teremos conversa nenhuma. – Estava quase na porta.

– Eu disse espere – exigiu Hugo.

Will parou, mas não se virou.

– Foi ele – disse Hugo, bem suavemente. Agora Will olhou para trás. Seu pai havia tirado os óculos e estava olhando para algum ponto no meio do caminho.

– Quem?

– Não seja tão sonso – disse Hugo, a voz monocórdica. – Você sabe quem.

Will ouviu o coração acelerar.

– Steep? – perguntou. Hugo não respondeu. Will voltou-se para encarar a cama. – Foi Steep quem fez isso com você?

Silêncio. E então, muito baixo, de modo quase reverente:

– Esta é sua vingança. Aproveite-a.

– Por quê?

– Porque você não terá outra igual.

– Não, por que ele fez isso com você?

– Ah. Para chegar até você. Por algum motivo importante para ele. Ele afirmou sua devoção. Tire a conclusão que quiser.

– Por que não chamou a polícia? – Mais uma vez Hugo ficou calado, até Will voltar ao lado da cama. – Você deveria ter contado a eles.

– O que eu lhes diria? Não quero parte dessa... ligação... entre você e essas criaturas.

– Não é nada sexual, se é o que você está pensando.

– Ah, eu não dou a mínima para seus hábitos de cama. *Humani nil a me alienum puto.* Terêncio...

– Eu conheço a citação, pai – Will disse cansado. – Nada que é humano me é indiferente. Mas isso não se aplica aqui, se aplica?

Hugo estreitou os olhos inchados.

– Este é o momento pelo qual você estava esperando, não é? – perguntou, curvando o lábio. – Você se sente o mestre de cerimônias. Entra aqui, fingindo que queria fazer as pazes, mas o que realmente quer é vingança.

Will abriu a boca para negar a acusação, então pensou melhor e falou a verdade.

– Talvez um pouco.

– Então. Você tem o seu momento – disse Hugo, olhando para o teto. Tem razão. Terêncio não se aplica. Essas... criaturas... não são humanas. Pronto. Consegui dizer. Pensei muito no que isso significa, enquanto estive deitado aqui.

– E?

– Não significa muito, no fim das contas.

– Acho que você está errado.

– Bom, você acha, não acha?

– Existe algo de extraordinário em tudo isso. Esperando no fim.

– Falando como um homem que está esperando no fim, não vejo nada aqui a não ser as mesmas crueldades cansativas e a mesma velha dor. O que quer que eles sejam, não são anjos. Eles não vão lhe mostrar nada de milagroso. Eles vão quebrar seus ossos do jeito que quebraram os meus.

– Talvez eles não saibam o que são realmente – respondeu Will, percebendo enquanto falava que, no fundo, no fundo, era nisso que acreditava. – Oh, meu Deus... – murmurou quase para si mesmo. – Sim... Eles não sabem o que são assim como nós não sabemos quem somos.

– Isto é alguma espécie de revelação? – Hugo perguntou em seu tom mais seco. Will não se dignou a responder ao cinismo dele. – Então? – insistiu. – É? Porque se você sabe alguma coisa que eu não sei, quero ouvir.

– Por que deveria, se nada disso significa nada, de qualquer forma?

– Porque terei uma chance maior de sobreviver a outro encontro com eles se souber com o que estou lidando.

– Você não os verá novamente – disse Will.

– Parece muito certo disso.

– Você disse que Steep quer falar comigo – replicou Will. – Vou simplificar as coisas para ele. Vou encontrá-lo.

Um olhar sincero de alarme cruzou o rosto de Hugo.

– Ele vai matar você.

– Não é assim tão simples para ele.

– Você não sabe como ele é...

– Sim, eu sei. Acredite em mim. Eu sei. Passamos os últimos trinta anos juntos. Ele tocou a têmpora. – Ele tem estado na minha cabeça e eu na dele. Como um par de bonecas russas.

Hugo olhou para ele com desprezo renovado.

– Como eu fui ter você? – perguntou, olhando para Will como se ele tivesse veneno.

– Eu achava que tivesse sido trepando, pai.

– Deus sabe, Deus sabe que eu tentei colocar você no caminho certo. Mas nunca tive chance, isso eu vejo agora. Você era viado e maluco e doentio em seu coraçãozinho triste desde o começo.

– Eu já era viado no útero – Will disse tranquilo.

– Não diga isso com tanto orgulho, diabos!

– Ah, isso é o pior, não é? – contra-atacou Will. – Sou viado e gosto. Sou maluco e isso me cai bem. E sou doentio no meu coraçãozinho triste porque estou morrendo para me transformar em algo novo. Você ainda não chegou lá, e provavelmente não vai chegar nunca. Mas é o que está acontecendo.

Hugo ficou olhando para ele, sua boca tão apertada que parecia que ele jamais pronunciaria outra palavra; certamente não para Will. Tampouco precisava, pelo menos por ora, pois naquele momento bateram de leve na porta.

– Posso interromper? – perguntou Adele, colocando a cabeça pela porta.

– Entre – disse Will. Então, tornando a fuzilar Hugo com os olhos: – A reunião já tinha acabado mesmo.

Adele foi direto para a cama e beijou Hugo no rosto. Ele recebeu o beijo sem comentário ou retribuição, o que não pareceu incomodar Adele. Quantos beijos ela dera assim, Will se perguntou, Hugo aceitando-os como se fossem seus de direito?

– Trouxe sua pasta de dentes – disse ela, procurando na sua sacola e depositando o tubo na mesinha-de-cabeceira. Will viu o brilho de fúria no olhar do pai, de ter sido antecipado, pedindo algo que já havia solicitado. Adele, felizmente, nem se dava conta disso. Ficava praticamente esfuziante na presença de Hugo, percebeu Will, docemente contente em o estar mimando – arrumando seus lençóis, afofando seu travesseiro – embora ele não lhe agradecesse por seus esforços.

– Vou deixar vocês dois conversando – disse Will. – Preciso de um cigarro. Te espero no carro, Adele.

– Certo – disse ela, toda atenção voltada para o objeto de seu afeto. — Não vou demorar.

– Tchau, pai – disse Will. Não esperou resposta, e não a teve. Hugo estava olhando novamente para o teto, com o olhar vítreo de um homem

que tinha coisas mais importantes a fazer do que um filho que preferia que nunca tivesse nascido.

III

D

eixar o homem foi como deixar um campo de batalha. O confronto havia terminado em aberto; mas, por mais dolorosa que tivesse sido a conversa, ela o obrigara a traduzir em palavras uma ideia que teria feito pouco ou nenhum sentido antes dos eventos dos últimos dias; que Jacob e Rosa, apesar de suas particularidades extraordinárias, eram estranhos para si mesmos. Não sabiam o que ou quem eram; as personas a quem seus atos eram atribuídos, ficções. Esse, ele começou a acreditar, era o enigma no coração de sua relação agonizante com Steep. Jacob não era um homem, mas muitos. Não muitos, mas nenhum. Ele era uma criatura da invenção de Will, tão certamente quanto Will e o Senhor Raposa eram as próprias criaturas de Steep; criadas por um processo diferente, talvez, mas ainda assim criadas. Pensamento esse que levava inevitavelmente a outro enigma: se não havia ninguém naquele círculo que não fosse de algum modo dependente da vontade de outro para sua existência, poderiam ser entidades divisíveis, ou seriam um espírito perturbado: Steep o Pai, Will o Filho e o Senhor Raposa o Espírito Herege? Isso deixava o papel da Mãe Virgem para Rosa, ideia levemente blasfema que o fez sorrir.

Ao descer os corredores melancólicos até a frente do edifício, percebeu que desde o início Steep havia confessado sua ignorância de sua própria natureza. Ele não havia descrito a si mesmo como um homem que não conseguia se lembrar dos próprios pais? E depois, falando de sua epifania, evocara a imagem perfeita de sua dissolução: seu corpo perdido para as águas do Neva; Jacob no lobo, Jacob na árvores, Jacob no pássaro...?

Estava frio lá fora, o ar úmido e limpo. Will acendeu um cigarro e planejou da melhor forma possível o que fazer em seguida. Um pouco do que Hugo havia dito fazia sentido. Steep era de fato perigoso naquele instante, e Will tinha de ser cuidadoso no que fazia. Mas não conseguia acreditar que Steep simplesmente o quisesse morto. Estavam ligados com muita intensidade; seus destinos se interligavam. Aquilo não era realização de desejos da parte de Steep; ele ouvira isso da boca da própria raposa. Se o animal era o agente de Steep no curioso círculo, coisa que certamente era, então ele esposava as esperanças de Jacob; e o que estava sendo expresso quando o animal falava de Will como sua libertação, se

não o desejo de que ele solucionasse o enigma da própria existência de Jacob e Rosa?

Acendeu um segundo cigarro, fumou-o até o final e acendeu imediatamente um terceiro, desesperado pela nicotina que o ajudaria a clarear os pensamentos. A única maneira de solucionar o quebra-cabeça, ele sabia, era lidar com Steep diretamente; ir até ele, como disse a Hugo que o faria, e rezar para que o desejo de Steep por autocompreensão sobrepujasse seu apetite de morte. Ele sabia como era esse apetite; como ele havia acelerado seus sentidos, derramando sangue. A mesma mão que levara o cigarro aos seus lábios havia sido inspirada pela faca, não era? Exultando no mal que era capaz de fazer. Era capaz de ver os pássaros como se fosse hoje, encolhidos na dobra de um galho congelado, piscando os olhinhos de contas...

– Eles estão olhando para mim.

– Olhe-os de volta.

– Estou olhando.

– Fixe-os com seus olhos.

– Estou fixando.

– Então termine.

Sentiu um tremor de prazer por sua espinha. Mesmo depois de todos aqueles anos, todas as visões que vira que em escala e selvageria superavam em muito os pequenos assassinatos que cometera, ainda podia sentir a emoção proibida deles. Mas aquelas eram outras memórias, que à sua maneira tinham tanto poder quanto. Trouxe uma delas à mente agora, e colocou-a entre si mesmo e a faca; Thomas Simeon, de pé entre as flores, arrancando uma única pétala. *– Aqui eu tenho o que há de mais sagrado – a Arca da Aliança, o Sangraal, o Grande Mistério em pessoa – bem aqui na ponta do meu dedinho. Veja!*

Isso também era parte do enigma, não era? Não apenas ideias metafísicas de Simeon, mas a substância das conversas mais simples entre os dois homens. A rejeição, por parte de Simeon, das tentativas de Jacob para levá-lo de volta à companhia de Rukenau; a promessa que Steep fizera de proteger o artista de seu mecenas; a conversa de jogo de poder entre Rukenau e Steep, que fora concluída, Will meio que se lembrava, com algumas boas e cuidadosas palavras de independência de Steep. O que ele havia dito? Alguma coisa sobre não saber quem o havia criado? Lá estava novamente; a mesma confissão. A lembrança de Will da conversa

entre Steep e Simeon era bem mais desconjuntada que sua lembrança da faca, mas ele tinha a impressão de que Rukenau havia possuído algum conhecimento das origens de Jacob e Rosa que eles próprios não tinham. Será que ele estava se lembrando daquilo corretamente?

Começou a desejar poder conjurar o Senhor Raposa e questioná-lo. Não porque acreditasse que a criatura teria as respostas a suas perguntas sobre Rukenau, não teria; mas porque, apesar dos modos grosseiros e comentários obscuros do animal, ele era o que Will tinha de mais próximo a uma pedra-de-toque confiável naquela confusão. Havia evidências de desespero, pensou Will. Quando um homem recorre a uma raposa imaginária em busca de conselhos, ele está com problemas.

– Não está sentindo frio aqui fora?

Virou-se e viu Adele atravessando o estacionamento em sua direção.

– Estou bem – disse ele. – E Hugo?

– Todo ajeitadinho para dormir – disse ela, obviamente feliz por deixá-lo confortável nas cobertas.

– Hora de ir pra casa?

– Hora de ir pra casa.

Ele estava distraído demais para conversar com Adele no caminho para casa, mas ela não pareceu se importar. Continuou conversando alegremente de qualquer forma, sobre como Hugo parecia muito melhor hoje do que ontem, e como ele sempre fora resistente (raramente apanhava sequer um resfriado, dizia ela). E como ele rapidamente se recuperaria, ela tinha certeza, especialmente assim que o levasse para casa, onde ficaria mais à vontade, e ela poderia mimá-lo. Ninguém ficava confortável em hospitais, ficava? Na verdade, uma amiga dela, que fora enfermeira, lhe dissera que o pior lugar para se estar doente era um hospital, com todos aqueles germes no ar. Não, ele ficaria muito melhor em casa, com seus livros, uísque e uma cama confortável.

A viagem para casa os levou por Hallard's Back, onde por uma distância de talvez três quilômetros a estrada corria reta por charcos desertos. Nenhuma luz ali; nenhuma habitação, nenhuma árvore. Só os pântanos absolutamente negros em cada lado da estrada, imaginando, com um pequeno tremor de prazer culpado, como Jacob e Rosa estavam próximos. Lá fora, na noite, naquele instante, talvez: Rosa caçando lebres, Jacob olhando para o céu fechado. Eles não precisavam dormir durante as horas de escuridão; não eram propensos à exaustão de homens e mulheres

comuns. Não feneceriam; nem perderiam sua estranha perfeição. Pertenciam a uma raça de condição que estava de algum modo inescrutável além das fraquezas da doença, ou mesmo da morte.

Isso deveria fazer com que tivesse medo deles, pois o deixava sem defesa. Mas não tinha medo. Incomodado sim, mas não com medo. E apesar de suas ruminações no estacionamento, apesar de todas as suas perguntas sem resposta, havia um pedaço de seu coração que tirava um consolo curioso do fato de que aquele quebra-cabeça era tão complexo. Havia pouco consolo, dizia-lhe aquela voz dentro dele, em descobrir um mistério no poço de sua vida tão banal que sua mente notável poderia prontamente deslindá-lo. Melhor, talvez, morrer em dúvida, sabendo que havia alguma revelação ainda por descobrir, do que perseguir e possuir uma certeza tão terrível.

IV

i

Dormiu profundamente, no quarto com vigas no teto que fora seu quando garoto. Havia cortinas novas na janela, e um tapete novo no chão, mas tirando isso o quarto praticamente não tinha alterações. O mesmo armário, com o espelho no lado de dentro da porta onde havia apreciado vezes incontáveis o progresso de sua adolescência; estudado o avanço dos pelos em seu corpo, admirando o crescimento de seu pau. O mesmo gaveteiro onde ele havia guardado sua coleção de revistas de garotos musculosos (roubadas de bancas de jornais em Halifax). A mesma cama onde ele injetara vida naquelas fotos, e sonhara com os corpos vivos ali ao seu lado. Resumindo, o local de seu amadurecimento sexual.

Havia outro fragmento daquela história, ainda que pequeno, trabalhando no andar de baixo na manhã seguinte.

– Você lembra do meu menino, Craig – disse Adele, pedindo ao homem embaixo da pia para emergir e dizer olá.

Claro que Will se lembrava dele; havia conjurado Craig em seu sonho do coma: um adolescente suarento que por algumas horas havia provocado no Will de onze anos um sentimento ao qual ele não poderia ter dado nome: desejo, claro. Mas o que havia parecido por um tempo atraente no adolescente Craig – sua careta, seu suor, seu peso – não tinha o menor charme no adulto. Ele grunhiu alguma coisa ininteligível à guisa de cumprimento.

– Craig faz muitos serviços no vilarejo – explicou Adele. – Faz um pouco de serviços de bombeiro. Conserta telhados. É um negócio e tanto, não é?

Outro grunhido de Craig. Era estranho ver um homem crescido (era trinta centímetros maior que Adele) em pé ao seu lado, sem graça enquanto a mãe fazia uma lista de suas realizações. Por fim, ele grunhiu:

– A senhora acabou? – disse para Adele, e voltou ao seu trabalho. – Você deve estar querendo algo para o café – disse Adele. – Vou fazer uns ovos e salsichas, quem sabe uma torta de rim ou morcela? – Não, verdade. Estou ótimo. Só quero um pouco de chá.

– Então deixe eu fazer umas duas torradas, pelo menos. Você precisa se alimentar um pouco. – Will sabia o que estava por vir. – Você não tem uma garota para cozinhar para você?

– Eu me viro bem sozinho.

– Mary, a esposa de Craig, é uma cozinheira maravilhosa, não é, Craig? – O grunhido, à guisa de resposta, – Você nunca pensou em se casar? Acho que, com seu trabalho e tudo o mais, seria difícil ter uma vida normal. – Ela continuou falando enquanto fervia o chá. Ligara para o hospital naquela manhã, disse, e Hugo havia passado uma noite muito confortável, a melhor de todas até agora, na verdade. – Acho que podíamos voltar para vê-lo à noitinha.

– Por mim tudo bem.

– O que está planejando fazer hoje?

– Ah, vou só passear pelo vilarejo.

– Para relembrar as coisas – disse Adele.

– Algo assim.

ii

Ao deixar a casa, um pouco antes das dez, ele estava num turbilhão silencioso. Naturalmente, sabia seu destino: o Fórum. Se não estivesse enganado, lá ele encontraria Jacob e Rosa escondidos, esperando por ele. A perspectiva fez surgir um aglomerado de sentimentos contraditórios. Havia inevitavelmente uma certa ansiedade, até um pouco de medo. Steep havia brutalmente atacado Hugo, e era perfeitamente capaz de fazer a mesma coisa, ou pior, com Will. Mas sua ansiedade era contrabalançada por antecipação e curiosidade. Como seria confrontar Steep novamente depois de todos esses anos? Ser um homem em sua presença, não um garoto; encontrá-lo face a face?

Ele tivera alguns vislumbres de como poderia ser, em seus anos de viagem: homens e mulheres que havia encontrado que levavam com eles um pouco do poder que Jacob e Rosa possuíam. Uma sacerdotisa na Etiópia, que apesar da pletora de símbolos religiosos que levava no pescoço, uns cristãos, outros não, falava numa espécie de corrente poética de consciência que sugeria que ela derivava sua inspiração de uma fonte sem nome exato. Um xamã em San Lázan a quem Will havia assistido girar a cantar perante um altar com braçadas de margaridas, e que lhe dera porções maciças de cogumelos sagrados – *teonacatl*, a carne divina para

ajudá-lo em sua própria jornada. Ambos presenças extraordinárias, de cujas bocas ele poderia ter imaginado a sabedoria amarga de Steep sendo dispensada.

O dia estava tranquilo e fresco, a camada de nuvens permanecia intocada. Foi até a encruzilhada, de cujo ponto um dia fora capaz de ver o Fórum. Não mais. Árvores que eram apenas mudas trinta anos antes agora estavam em sua maturidade, e bloqueavam a vista com suas folhagens. Parou apenas o bastante para acender outro cigarro e então seguiu seu caminho. Havia coberto talvez metade da distância quando começou a suspeitar de que sua suposição na encruzilhada estava errada. Embora as árvores fossem de fato mais altas do que naquela época, e as sebes maiores, certamente àquela altura ele já seria capaz de ver o teto do Fórum. Continuou caminhando, a suspeita se tornando certeza à medida que se aproximava do local. O Fórum havia sido demolido.

Não precisava atravessar uma sebe para entrar no campo que ele havia dominado. Havia agora um portão no local, pelo qual supunha que o entulho tinha sido removido. O campo, no entanto, não havia sido devolvido ao uso agrícola; fora deixado ao sabor das sementes e das estações. Pulou o portão que, a julgar por sua condição, não havia sido aberto em muitos anos – e atravessou a grama alta até chegar às fundações, que ainda eram visíveis. Grama e flores silvestres despontavam por entre as pedras, mas ele conseguiu traçar a geografia do prédio caminhando sobre elas. Ali ficava a passagem que levava ao Fórum. Aqui, o lugar onde encontrara a ovelha presa. Aqui ficava a cadeira do juiz, e aqui – ah, aqui – o lugar onde Jacob pusera sua mesa...

"Vivos e mortos..."

... Deus o ajude; Deus ajude os dois...

... nós alimentamos o fogo."

Foi há tanto tempo, e ainda assim, ali onde ele estava, era como se fosse um garoto novamente: o ar lânguido escurecendo ao seu redor como se a sobrevivência da luz dependesse da cremação de mariposas. Lágrimas lhe vieram aos olhos: de tristeza, pelo ato, e por si mesmo, de que em seu coração ainda não estivesse redimido. A grama e o chão de pedra se dissolvera debaixo de seus pés; ele sabia que se se permitisse chorar não seria capaz de se orientar.

– Não faça isso – ele disse, enxugando as lágrimas dos olhos, Não podia se dar ao luxo de permitir sua tristeza hoje. Amanhã, talvez, quando se

encontrasse com Steep e jogasse qualquer jogo terrível que houvesse adiante, então ele teria tempo de ser fraco. Mas não agora, em campo aberto, onde sua fragilidade poderia ser testemunhada.

Levantou a cabeça e vasculhou as colinas e sebes. Talvez fosse tarde demais. Talvez Steep o estivesse observando naquele exato momento, como um pássaro carniceiro, analisando a condição de um animal ferido; esperando, como Will havia esperado tantas vezes, a hora da verdade, o momento em que, em lágrimas de desespero, o tema de estudo revelava seu rosto final. Buscando um título para sua segunda coletânea, ele havia reunido uma lista de palavras relativas à questão da morte, e vivera com as alternativas por um mês ou mais, revirando-as na cabeça tantas vezes que as sabia de cor. Estavam em sua cabeça agora, vindo sem serem chamadas.

O Cavalo Pálido e o Totentanz, Carne Fria e Isca para Corvos, Uma Cama de Barro, Um Último Refúgio, A Longa Casa...

Este último fora um sério concorrente ao título; descrevia o túmulo ao qual seus fotografados estavam prestes a ser colocados como um lugar de retorno inevitável. Era perturbador pensar nisso agora, ali a um quilômetro e meio da casa de seu pai. Isso o fazia se sentir um homem condenado.

Chega desse desespero que não para, disse a si mesmo. Precisava se aliviar desse peso, e rápido. Pulou o portão, e sem olhar para trás voltou pela estrada com o passo determinado de um homem que não tinha mais negócios no lugar que ficara para trás. Estava sem cigarros, e por isso seguiu para o vilarejo para comprar outro maço. Ficou feliz de ver que as ruas estavam cheias. Não era pouco o consolo de ver as pessoas vivendo suas vidinhas comuns: comprando verduras, jogando conversa fora, andando apressadas com seus filhos. Na banca de jornais ouviu uma conversa tranquila sobre o Festival da Colheita, a mulher atrás do balcão (obviamente a filha da Sra. Morris, dona do local na juventude de Will) opinando que era ótimo tentar trazer gente para a igreja com truques baratos, mas ela achava o cúmulo as missas serem divertidas.

– O que há de errado com um pouquinho de diversão? – sua cliente queria saber.

– Só acho que é um terreno perigoso – replicou a Srta. Morris. – Daqui a pouco vamos começar a dançar nos corredores da igreja.

– Melhor que dormir nos bancos – a mulher observou com uma pequena gargalhada, e apanhando suas barras de chocolate, retirou-se. A conversa

aparentemente fora menos jocosa do que parecia, pois a Srta. Morris estava resmungando baixinho sobre ela ao atender Will.

– É muito controvertido? – ele perguntou, – O Festival da Colheita, quero dizer.

– Nãaaooo... disse ela, um pouco exasperada. – é que Frannie sempre sabe como me provocar.

– Frannie?

– Sim.

– Frannie Cunningham? Já volto para pegar os cigarros...

E saiu da loja, olhando para a esquerda e a direita, procurando a mulher que havia simplesmente acabado de sair. Ela já estava do outro lado da estrada, comendo seu chocolate enquanto seguia seu caminho.

– Frannie? – gritou, e desviando-se do tráfego, correu para interceptá-la. Ela ouvira seu nome ser chamado e estava olhando para trás. Era óbvio por sua expressão que ela ainda não o reconhecera, embora agora que ele via o rosto dela por inteiro ele a reconhecesse. Estava um pouco mais cheinha, seus cabelos mais grisalhos que castanhos. Mas aquela expressão de atenção perpétua que ela possuía ainda estava em seu lugar, assim como suas sardas.

– Nós nos conhecemos? – ela perguntou quando ele chegou à calçada.

– Sim – ele sorriu. – Frannie, sou eu. Will.

– Oh... meu... Deus... – Ela perdeu o fôlego. – Eu não... Quero dizer... você estava...

– Na loja. Sim. Passamos direto um pelo outro.

Ela abriu os braços, e Will foi recebido por eles, abraçando-a com a mesma força com que ela o abraçou.

– Will, Will, Will – ela ficava dizendo. – Isso é tão maravilhoso. Ah, mas lamento pelo seu pai.

– Você sabe?

– Todo mundo sabe – disse ela. – Não se pode guardar segredos em Burnt Yarley. Bom... suponho que não seja bem verdade, não é? – Ela lhe deu um olhar quase malicioso. – Além do mais, seu pai é uma figura e tanto. Sherwood o vê o tempo todo no The Plough. Como ele está?

– Melhor, obrigado.

– Que bom.

– E Sherwood?

– Ah... ele tem seus altos e baixos. Ainda temos a casa juntos. Aquela da Samson Street.

– E seus pais?

– Papai morreu. Morreu vai fazer seis anos em novembro. Então no ano passado tivemos de colocar mamãe num asilo. Está com Alzheimer. Cuidamos dela em casa por uns dois anos, mas estava se deteriorando tão rápido. É horrível de se ver, e Sherwood estava numa depressão tão grande com isso.

– Parece que vocês estiveram numa guerra.

– Pois é. – Frannie deu de ombros. – Estamos na luta. Quer voltar lá em casa para comer alguma coisa? Sherwood vai ficar tão feliz de ver você.

– Se não for inconveniente.

– Você esteve fora muito tempo – Frannie o admoestou. – Isto é Yorkshire. Amigos nunca são inconvenientes. Bom... – acrescentou, com aquela piscadela sacana. – ... quase nunca.

V

E

ra apenas uma caminhada de quinze minutos de volta à casa dos Cunningham, mas quando chegaram ao portão já tinham perdido qualquer incômodo inicial e conversavam na maneira tranquila de velhos amigos. Will dera a Frannie um resumo ligeiro dos acontecimentos em Balthazar (ela lera sobre o acidente, como o chamava, num artigo de revista que Sherwood havia encontrado), e Frannie o havia preparado para a reunião com Sherwood contando um pouco do histórico médico de seu irmão. Ele recebera o diagnóstico de uma forma de depressão aguda, ela explicou, da qual ele vinha sofrendo provavelmente desde a infância. Daí sua gangorra emocional: seus maus humores, seus ataques de raiva, sua incapacidade de se concentrar. Embora ele agora tomasse pílulas para manter isso sob controle, não estava, nem jamais ficaria, inteiramente curado. Era um fardo que ele teria de carregar para o resto da vida.

– Me ajuda pensar nisso como um teste – disse ela. – Deus quer que mostremos a Ele como somos fortes.

– Teoria interessante.

– Tenho certeza de que Ele aprova você – disse ela, não inteiramente de brincadeira. – Quero dizer, se alguém sofreu, foi você. Todos aqueles lugares terríveis aos quais você teve de ir.

– Não é a mesma coisa se você se oferece como voluntário, é? – disse Will. – Você e Sherwood não tiveram qualquer escolha.

– Não acho que qualquer um de nós teve muita escolha – disse ela. Abaixou a voz. – Especialmente nós. Quando você pensa no que aconteceu... naquela época. Nós éramos crianças. Não sabíamos com o que estávamos lidando.

– E sabemos agora?

Ela olhou para ele com uma expressão subitamente despida de alegria.

– Eu costumava pensar – isso provavelmente vai soar ridículo para você mas eu costumava pensar de algum modo que havíamos encontrado o Diabo disfarçado. – Ela riu nervosa com o pensamento.

– Isso parece estúpido mesmo, não é? – Sua risada desapareceu quase imediatamente, ao ver que Will não estava rindo com ela. – Não é?

– Não sei o que ele é – respondeu ele.

– Era – ela disse baixinho. Ele balançou a cabeça.

– É – murmurou.

Eles haviam chegado ao portão.

– Ah, meu Deus – disse ela. Sua voz vacilou um pouco.

– Talvez eu não deva entrar.

– Não, você deve – respondeu ela. – Mas não devemos falar mais disso. Não na frente de Sherwood. Ele fica chateado.

– Compreendo.

– Eu penso muito nisso. Depois de todos esses anos, eu fico revirando isso na minha cabeça. Cheguei até a fazer algumas pesquisas há anos, tentando chegar ao fundo da questão.

Ela balançou a cabeça.

– Desisti – disse. – Estava incomodando Sherwood, e estava trazendo tudo à tona de novo. Decidi que era melhor deixar pra lá.

Abriu o portão e começou a descer o caminho, ladeado por buquês de lavanda, até a porta da frente.

– Antes de entrarmos – disse Will – pode me dizer o que aconteceu com o Fórum?

– Foi demolido.

– Isso eu vi.

– Marjorie Donnelly mandou. O pai dela foi o homem...

– ... assassinado. Eu lembro.

– Ela teve de lutar com unhas e dentes para conseguir isso. O pessoal do Patrimônio Histórico disse que era de interesse histórico. Mas ela acabou contratando um grupo de trabalhadores de abatedouros de Halifax, pelo menos foi o que ouvi, pode não ser verdade, mas ouvi dizer que eles chegaram com marretas na calada da noite e fizeram um estrago tão grande que o local teve de ser demolido por questão de segurança.

– Que bom pra ela.

– Não toque no assunto, por favor.

– Não tocarei.

– Estou fazendo Sherwood parecer pior do que é – disse ela, procurando as chaves na bolsa. – A maior parte do tempo ele é ótimo. Só de vez em quando alguma coisa pisa no calo dele, e ele fica tão lá embaixo que eu acho que ele jamais vai se recuperar. Achou a chave, destrancou a porta, chamando por Sherwood ao entrar. Não houve resposta. Will entrou logo

atrás, enquanto ela ia procurá-lo no andar de cima. Deve ter ido dar uma volta disse ela, voltando para o térreo. – Ele faz muito isso.

Conversaram por mais de uma hora, comendo frango, tomates e *chutney* caseiro, falando de temas cada vez mais amplos à medida que o tempo passava. A vivacidade e o puro bom humor de Frannie encantaram Will completamente; ela havia se tornado uma mulher eloquente e profundamente compassiva. Mais do que nunca, enquanto ela relatava sua história, ele sentia um arrependimento por ela não ter sido capaz de se mudar daquela casa e encontrar uma vida para si mesma, longe de Sherwood e seus problemas. Mas aquele arrependimento nunca era explícito, e ela teria ficado magoada, pensou ele, se achasse que ele percebia isso nela. Ela estava cumprindo com seu dever cristão de cuidar de Sherwood: nem mais nem menos. Se isso de fato fosse um teste, como ela dissera ao portão, então estava passando nele com nota máxima.

Nem todo o papo foi sobre os eventos em Burnt Yarley, entretanto. Ela insistiu para saber os detalhes da vida e dos amores de Will com não menos gosto, e embora no começo ele fosse reticente, a pura persistência dela o venceu. Ele lhe deu, numa versão um tanto censurada, um relato de suas aventuras emocionais, entrelaçadas com um histórico resumido de sua carreira: Drew e Patrick e a Castro, livros, ursos e Balthazar.

– Lembra como você estava sempre querendo fugir? – ela lhe disse. – No dia em que nos conhecemos, foi o que você disse que ia fazer. E fez.

– Levei um tempo pra isso.

– Mas a questão é que você fez – disse ela, olhos brilhando. –

Todos nós temos sonhos quando crianças, mas a maioria desiste deles. Mas você não. Você foi ver o mundo, do jeito que disse que iria.

– Vocês viajam?

– Não realmente. Sherwood detesta viajar; ele fica nervoso. Estivemos em Oxford umas duas vezes, e de vez em quando vamos até Skipton para ver mamãe no sanatório, mas ele fica muito mais contente quando está aqui no vilarejo.

– E quanto a você?

– Fico feliz quando ele está feliz – ela disse simplesmente.

– E vocês nunca conversam sobre o que aconteceu?

– Muito, muito raramente. Mas está sempre lá, não está? Suponho que sempre estará. – Baixou a voz, como se as paredes fossem relatar a conversa a Sherwood se a ouvissem. – Ainda tenho sonhos com o Fórum –

disse. – Eles são mais vívidos do que qualquer outro sonho que tenho. Às vezes estou lá sozinha, e estou procurando o diário dele. Simplesmente indo de quarto em quarto, sabendo que ele está voltando, e preciso ser rápida. – A expressão no rosto dele deve ter sido o espelho perfeito de seus pensamentos naquele momento, porque ela perguntou: – É só um sonho, não é? – Não – ele disse suavemente. – Não acho que seja.

Ela levou a mão à boca.

– Oh, meu Deus... – ela disse, perdendo o ar.

– Não é problema seu – disse ele. – Vocês dois podem ficar fora disso e ficar perfeitamente...

– Ele está aqui?

– Está.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Como sabe?

– Ele é o motivo pelo qual Hugo está no hospital. Steep o surrou até desmaiar.

– Mas por quê?

– Ele queria enviar um recado para mim. Queria que eu voltasse para cá, para terminarmos o que começamos.

– Ele está com o maldito diário – disse Frannie. – O que mais ele quer?

– Separação – disse Will.

– De quê?

– De mim.

– Não estou entendendo.

– É difícil explicar. Estamos conectados, eu e ele. Eu sei que parece ridículo quando estamos aqui sentados conversando e tomando chá, mas ele nunca me abandonou, na verdade. – Então, falando mais baixo: – E talvez eu nunca o tenha abandonado.

– Por isso você foi ao Fórum? Para encontrá-lo?

– Sim.

– Deus, Will. Ele poderia matá-lo.

– Acho que somos íntimos demais para isso – disse ele.

Frannie levou algum tempo para absorver o comentário.

– Íntimos demais? – perguntou ela.

– Se ele me tocar, pode acabar vendo mais do que quer ver.

– Sempre há Rosa para fazer o estrago por ele.

– É verdade – ele disse. Essa era uma opção que ele não havia realmente considerado, mas claro, era perfeitamente plausível. Rosa havia provado suas habilidades como assassina a quase um quilômetro dali; se Steep quisesse manter distância de Will, podia simplesmente jogar a mulher em cima dele e acabar com isso assim.

– Rosa provocou uma impressão e tanto em Sherwood, sabia? – Frannie continuou. – Ele teve pesadelos com ela durante anos. Nunca consegui que ele falasse sobre o que aconteceu, mas ela deixou sua marca.

– E você? – perguntou Will.

– Eu o quê?

– Eu tive Steep. Sherwood teve Rosa.

– Ah... bom, eu tive o jornal como obsessão.

– E você ficou obcecada?

Ela fez que sim, olhando através dele, como se em sua mente estivesse visualizando a coisa que havia perdido.

– Nunca resolvi isso, e me perturbou por anos. Chegou a ver o que ele continha?

– Não.

– Era lindo.

– Mesmo?

– Ah, sim – disse ela, puxando o ar com admiração. – Ele fez muitos desenhos de animais. Eram perfeitos. E na página oposta ao desenho... – ela fez uma mímica do ato de abrir o livro, olhando seu conteúdo – havia linhas e linhas de escritos.

– O que diziam?

– Não era inglês. Não era qualquer linguagem que eu tenha sido capaz de encontrar. Não era grego, não era sânscrito, não eram hieróglifos. Copiei alguns dos caracteres, mas nunca decifrei nenhum.

– Talvez fossem bobagens. Algo que ele tivesse inventado.

– Não – disse ela. – Era uma linguagem.

– Como sabe?

– Porque a encontrei em outro lugar.

– Onde?

– Bem, foi estranho. Há cerca de seis anos, logo depois que papai morreu, comecei a ter aulas noturnas em Halifax, só para sair da depressão em que me encontrava. Tive aulas de francês e italiano veja você. Acho que foi mesmo por causa do diário; no fundo, no fundo, eu ainda estava

procurando um meio de decifrá-lo. De qualquer forma, conheci um sujeito, e nos demos muito bem. Ele estava na casa dos cinquenta, e era muito atencioso, acho que você diria isso, e ficávamos conversando horas depois das aulas. O nome dele era Nicholas. Sua grande paixão era o século dezoito, em que eu realmente nunca tive nenhum interesse, mas ele me convidou à sua casa, que era extraordinária. Era como voltar duzentos e cinquenta anos no tempo. Lampiões, papel de parede, quadros, tudo era, você sabe, do período. Acho que ele era um pouquinho maluco, mas de um jeito muito gentil. Costumava dizer que havia nascido no século errado. – Ela gargalhou com a bobagem. – De qualquer maneira, fui à casa dele três ou quatro vezes, e estava cavucando na biblioteca, ele tinha uma coleção de livros, panfletos e revistas, tudo sobre o setecento e encontrei um livrinho com uma foto, e na foto estavam vários dos hieróglifos do diário de Steep.

– Com alguma explicação?

– Na verdade, não – disse ela, o brilho na voz se diluindo. – Foi frustrante, na verdade. Ele me deu o livro de presente. Ele o havia conseguido num leilão e não ligava muito para as fotos, então me pediu que o levasse.

– Ainda está com ele?

– Sim. Está lá em cima.

– Gostaria de dar uma olhada.

– Estou avisando, é muito decepcionante – disse ela, levantando-se. – Fiquei debruçada nele por horas. – Dirigiu–se ao hall. – Mas acabei desejando nunca ter visto a maldita coisa. Volto num minutinho.

Subiu as escadas, deixando Will a vagar até a sala de estar. Diferente da cozinha, que havia sido recém-pintada, o quarto poderia ter sido deixado como um templo para os pais mortos. A mobília era simples, desprezando qualquer sinal de hedonismo; as plantas (gerânios na janela, jacintos num vaso sobre a mesa) bem cuidadas; as padronagens do tapete perto da lareira, do papel de parede e das cortinas uma calamidade de confusão e cores divergentes. Sobre a lareira, em ambos os lados do relógio sólido, havia fotos emolduradas de toda a família, sorrindo de um verão distante. Enfiada no meio da moldura de uma delas, um cartão de prece amarelado. Nele, duas estrofes:

Um com a terra abaixo, Senhor,

Um com o céu acima,
Um com a semente que planto, Senhor, Um com os corações que amo.
Faça terra de meu pó, Senhor,
Faça ar de meu hálito,
Faça amor de meu desejo, Senhor, E vida de minha morte.

Havia algo de reconfortante na simplicidade da oração; a esperança que ela exprimia por unidade e transformação. Ela o comoveu, à sua maneira.

Estava recolocando a foto sobre a lareira quando ouviu a porta da frente se abrir e em seguida se fechar silenciosamente. Um instante depois um homem com o rosto mal barbeado, vermelho e tristonho, os cabelos ralos quase batendo nos ombros mas maltratados, apareceu na porta da sala de estar, e ficou olhando para ele através dos óculos redondos.

– Will – disse ele, com tamanha certeza que era quase como se ele esperasse encontrar Will lá.

– Meu Deus, você me reconheceu!

– É claro – respondeu Sherwood, estendendo a mão ao atravessar a sala. – Estive acompanhando sua ascensão à notoriedade. – Apertou a mão de Will, a palma da mão grudenta, os dedos quase osso só. – Cadê a Frannie?

– Lá em cima.

– Fui dar uma volta – disse Sherwood, embora não precisasse se explicar. – Gosto de caminhar. – Olhou pela janela. – Vai chover no máximo em uma hora. – Foi até o barômetro ao lado da porta da sala de estar e deu uma pancadinha nele. – Talvez um temporal – disse, olhando para o vidro por cima dos óculos. Tinha os modos de um homem vinte ou trinta anos mais velho, pensou Will; havia passado da adolescência para a velhice sem uma meia-idade. – Vai ficar aqui muito tempo?

– Depende da saúde do meu pai.

– Como está ele?

– Ficando mais forte.

– Que bom. Volta e meia eu vejo ele no pub. Sabe como começar uma discussão, o seu pai. Ele me deu um de seus livros para ler, mas não consegui chegar ao fim, eu também disse isso a ele; eu disse, toda essa filosofia é demais pra mim, e ele disse, ora, então ainda há esperança para você. Imagine só: ainda há esperança para você, Eu disse que o devolveria pra ele mas ele me disse pra jogar fora, então joguei. – Ele sorriu. – Eu disse a ele da próxima vez em que a gente se encontrou. Eu disse: joguei seu livro fora. Ele me pagou urna bebida. Agora, se eu fizesse isso me

chamariam de maluco, não chamariam? Não que não chamem, de qualquer maneira. *Lá vai o Cunningham Maluco*. Ele riu. Me cai bem,

– Cai mesmo?

– Ah, sim. É mais seguro assim, não é? Quero dizer, as pessoas deixam você em paz se acham que tem um parafuso a menos. De qualquer maneira... te vejo mais tarde, ok? Preciso tomar um banho. – Quando se virou para ir, Frannie apareceu atrás dele.

– Não é maravilhoso – ela disse a Sherwood – ver Will novamente depois de todo esse tempo?

– Maravilhoso – disse Sherwood, sem grande mostra de entusiasmo. – Então, até mais.

Frannie fez uma cara espantada.

– Não vai ficar pra conversar?

– Bom, na verdade eu preciso mesmo ir – disse Will, olhando o relógio. Já estava na hora de sair; prometera a Adele que passariam cedo no hospital.

– Aqui está o livro – disse Frannie, passando um volume fino e pardo para Will.

Enquanto isso, Sherwood subia furtivo as escadas.

– Se importa se eu não o levar até a porta, Will? – perguntou Frannie, aparentemente preocupada com o comportamento do irmão. Vou lhe dar uma ligada amanhã, e talvez você possa voltar quando Sherwood estiver se sentindo um pouco mais sociável. – Com isso ela foi embora, subindo as escadas para ver o que havia de errado.

Will saiu sozinho. A camada de nuvens havia engrossado e escurecido; a chuva, como Sherwood havia previsto, não podia estar longe. Will apressou o passo, folheando enquanto caminhava o livro que Frannie lhe dera. As páginas eram grossas como folhas de cartolina, as letras pequenas demais para serem lidas em movimento. As reproduções eram em preto e branco, e pobres. Somente a folha de rosto era prontamente legível, e as palavras sobre ela o fizeram estacar. *Uma Tragédia Mística* era o título. E, embaixo: *Vida e Obra de Thomas Simeon*.

VI

i

Começou a estudar o livro assim que chegou em casa. Era pouco mais que uma monografia; cento e trinta páginas de texto, juntamente com dez reproduções de linhas e seis fotos, cuja intenção a autora, uma certa Kathleen Dwyer, definiu como: "uma breve introdução à vida e obra de um artista quase inteiramente esquecido".

Nascido na primeira década do século dezoito, Thomas Simeon havia sido uma espécie de prodígio. Criado em Suffolk, em circunstâncias humildes, seus dons artísticos foram primeiro notados pelo vigário local, que, pelo que parecia um desejo desinteressado de fazer com que um dom dado por Deus desse alegria ao maior número de pessoas possível, arranjara para que o trabalho do jovem Simeon fosse visto em Londres. Duas aquarelas das mãos do rapaz de quinze anos haviam sido adquiridas pelo Conde de Chesterfield, e Thomas Simeon começou então o seu caminho. As encomendas se seguiram: uma série de cenas descrevendo teatros de Londres fora bem-sucedida; houve algumas tentativas de retratos (essas menos bem recebidas) e então, quando ainda faltava um mês para o artista completar seu décimo-oitavo aniversário, a obra pela qual sua reputação como artista visionário fora criada: um díptico para o altar da igreja de St. Dominic, em Bath. As pinturas hoje estavam perdidas, mas por todos os relatos dos contemporâneos elas haviam provocado um rebuliço e tanto.

"Pelas cartas de John Galloway", escrevera Dwyer, "podemos acompanhar o surgimento da controvérsia que se seguiu à exibição dessas pinturas. Seus temas não eram notáveis: o painel esquerdo descrevia uma cena no Éden, o direito a colina do Gólgota.

"Parecia a todos que as viam", relata Galloway numa carta a seu pai datada de 5 de fevereiro de 1721, "como se Thomas tivesse caminhado na terra perfeita do Jardim do Adão, e registrado em tinta tudo o que vira; então ido direto ao local onde Nosso Senhor morreu, e lá feito um retrato tão desolado quanto o primeiro era repleto da luz da presença de Deus."

"Apenas quatro meses depois, entretanto, o tom de Galloway havia mudado. Ele não estava mais tão certo de que as visões de Simeon fossem inteiramente sadias. 'Por muitas vezes pensei que Deus se movia em meu querido Thom', escreveu Galloway, 'mas talvez a mesma porta que ele abriu em seu seio para dar entrada a Deus tenha sido deixada sem guarda, pois a mim me parece que o Demônio entrou em sua alma também, e ali luta noite e dia com tudo o que de melhor existe em Thom. Não sei quem vencerá a guerra, mas temo pela sanidade de Thomas."

Havia mais coisas sobre o tema da deterioração de Simeon por volta da época do díptico, mas Will pulou essa parte. Tinha uma hora antes da viagem planejada por Adele até o hospital, e queria ler o volume fino. Passando para o capítulo seguinte, entretanto, percebeu que o estilo de Dwyer ficava mais denso à medida que ela tentava fazer um relato do que era obviamente uma área problemática em suas pesquisas. Descontando as filigranas e as qualificações, a essência da matéria parecia ser a seguinte: Simeon sofrera uma crise de fé no final do outono de 1722 e pode (embora a documentação nesse ponto não fosse confiável) ter tentado o suicídio. Ele havia alienado Galloway, seu companheiro de infância, e se isolado num esquálido estúdio nos arredores de Blackheath, onde se permitiu um vício cada vez maior ao ópio. Até o momento, bastante previsível. Mas então, no linguajar constipado de Dwyer. a figura que iria, com seus sutis apelos aos instintos agora decadentes do pintor, conferir à gloriosa promessa de sua juventude dourada um espetáculo repleto de manchas. Seu nome era Gerard Rukenau, descrito variadamente por testemunhas contemporâneas como "transcendentalista de surpreendente habilidade e sabedoria", e por um personagem não menor que Sir Robert Walpole, "o próprio modelo do que ele deve se tomar, ao fim desta era". Ouvi-lo falar era, observou uma testemunha, como ouvir o Sermão da Montanha feito por um sátiro; nos sentimos comovidos e repelidos ao mesmo tempo, como se ele suscitasse o mais elevado de uma pessoa e os instintos mais básicos dela ao mesmo tempo."

"Aqui, então", teoriza Dwyer, "estava um homem que podia compreender os impulsos contrários que haviam fraturado o frágil estado mental de Simeon. Um padre confessor que rapidamente se tornaria seu único mecenas, removendo-o do poço da auto-abnegação no qual ele havia caído e da influência devastadora que seus amigos mais sãos poderiam ter exercido."

Nesse ponto, Will pôs o livro de lado por uns dois minutos para digerir o que havia acabado de ler. Embora ele agora tivesse algumas descrições de Rukenau para avaliar, elas essencialmente cancelavam uma a outra, o que não o deixava mais avançar. Rukenau era um homem de poder e influência, isso era claro; e havia sem dúvida afetado Steep poderosamente. Será que vivos e mortos nós alimentamos o fogo não poderia ter sido uma linha do sermão de um sátiro? Mas quanto à fonte de seu poder, ou a natureza de sua influência, havia poucas pistas.

Voltou ao texto, pulando alguns parágrafos que tentavam pôr o trabalho de Simeon em alguma espécie de contexto estético, para apanhar o fio do envolvimento de Rukenau com a vida do pintor. Não precisou ir longe. Rukenau, ao que parecia, tinha planos para o gênio desencontrado de Simeon, e eles logo se revelaram. Ele queria que o pintor fizesse uma série de pinturas "evocando", segundo Dwyer, "a visão transcendentalista que Rukenau tinha da relação da humanidade com a Criação, na forma de quatorze pinturas descrevendo a construção – por uma entidade conhecida apenas como o Nilótico do Domus Mundi. Literalmente, a Casa do Mundo. Somente uma dessas pinturas é conhecida, e na verdade pode ser a única existente, pois uma amiga de Rukenau, Dolores Cruikshank, que se oferecera para escrever uma exegese de suas teorias, reclamou em março de 1723 que:

... entre as preocupações meticulosas de Gerard por uma verdadeira reflexão de suas filosofias, e a neuralgia estética de Simeon, essas pinturas foram feitas em mais versões do que a própria Humanidade, cada uma destruída por alguma falha pífia na concepção ou na execução... '"

A pintura sobrevivente havia sido reproduzida no livro, embora pobremente. A pintura estava em preto e branco, e desbotada, mas havia detalhes suficientes para intrigar Will. Ela parecia descrever uma parte inicial do processo de construção: uma figura nua e sem sexo que parecia ter pele negra na reprodução (mas poderia ter sido azul ou verde), se curvava na direção da terra, onde numerosos bastões finos haviam sido enfiados, como se marcando o perímetro da habitação. A paisagem atrás da figura era uma terra devastada, o terreno infértil, o céu deserto. Em três pontos uma fogueira queimava numa rachadura na terra, enviando um plano de fumaça negra para o alto, mas isso parecia apenas enfatizar a desolação. Quanto aos hieróglifos que Frannie havia descrito, eles estavam

esculpidos em pedras espalhadas ao longo da vastidão, como se tivessem sido jogadas para o céu como pistas para o pedreiro solitário.

"O que devemos concluir com esta imagem peculiar?", perguntava o texto. "Seu hermetismo nos frustra, procuramos uma explicação, e não encontramos nenhuma." Nem mesmo de Dwyer, ao que parecia. Ela tentou por dois parágrafos traçar paralelos com ilustrações encontradas em tratados de alquimia, mas Will sentiu que isso estava fora da alçada dela. Pulou para o capítulo seguinte, deixando de lado o resto do ocultismo amador de Dwyer, e estava no meio da primeira página quando ouviu Adele chamá-lo. Relutou em pôr o livro de lado, e relutou ainda mais em ir visitar Hugo uma segunda vez, mas quanto mais rápido cumprisse a tarefa, concluiu, mais rápido estaria de volta ao mundo perturbado de Thomas Simeon. Então colocou o livro na poltrona e desceu para encontrar Adele.

ii

Hugo estava se sentindo lento. Sentira um pouco de dor após o almoço; nada fora do normal, a enfermeira assegurou a Adele, mas o suficiente para garantir uma sobremesa de analgésicos. Eles o haviam subjugado consideravelmente, e por toda a visita de quarenta e cinco minutos sua fala estava lenta e arrastada, a visão longe de estar aguçada. A maior parte do tempo, na verdade, ele mal estava consciente da presença de Will em seu quarto, o que para Will estava ótimo. Só perto do fim da visita seu olhar dançou na direção do filho.

– E o que você fez hoje? – perguntou ele, como se estivesse falando com um garoto de nove anos.

– Vi Frannie e Sherwood.

– Chegue um pouco mais perto – disse Hugo, chamando com um gesto fraco Will para perto da cabeceira. – Não vou bater em você.

– Não imaginei que fosse – disse Will.

– Nunca bati em você, bati? Um policial esteve aqui, disse que eu bati.

– Não há policial algum, pai.

– Houve. Bem aqui. Sujeito grosso. Disse que bati em você. Eu nunca bati em você. – Ele pareceu verdadeiramente ofendido com a acusação.

– São as pílulas que estão lhe dando, pai – Will explicou gentilmente. – Estão fazendo você delirar um pouco. Ninguém está acusando você de nada.

– Não houve policial algum?

– Não.

– Eu podia jurar... – disse ele, vasculhando o quarto ansioso. – Onde está Adele?

– Foi buscar água fresca para suas flores.

– Estamos sozinhos?

– Estamos.

Levantou-se um pouco do travesseiro.

– Eu estou... fazendo papel de bobo?

– Como assim?

– Dizendo coisas... que não fazem sentido?

– Não, pai, não está não.

– Você me diria se estivesse, não diria? – perguntou.

– Sim, diria. Você me diria porque isso doeria e você gostaria disso.

– Não é verdade.

– Você gosta de ver pessoas se contorcerem de dor. Puxou a mim nisso.

Will deu de ombros.

– Pode acreditar no que quiser, pai. Não vou discutir.

– Não. Porque sabe que perderia. – Ele bateu com o dedo no próprio crânio. – Sabe, não estou delirando tanto assim. Posso ver o seu jogo. Você só voltou agora que estou fraco, e confuso, porque acha que pode ficar por cima. Bom, não vai não. Posso vencer você com metade das minhas faculdades mentais. Tornou a recostar no travesseiro. – Não quero que volte mais – disse baixinho.

– Ah, pelo amor de Deus.

– Estou falando sério – disse Hugo, virando a cara para Will. – Passo melhor sem seus cuidados e atenção, muito obrigado. – Will estava contente por seu pai ter desviado os olhos. A última coisa que queria naquele momento era que Hugo visse o efeito que suas palavras estavam provocando. Will as sentia na garganta, no peito e no estômago.

– Tudo bem – disse Will. – Se é isso que você quer.

– É sim.

Will olhou para ele mais um instante, com alguma esperança remota de que Hugo dissesse algo para desfazer aquela dor. Mas ele dissera tudo o que pretendia dizer.

– Vou chamar Adele – Will murmurou ao se afastar da cama. – Ela vai querer se despedir. Cuide-se, pai.

Hugo não respondeu mais, em palavra ou sinal. Abalado, Will deixou-o com seu silêncio, e saiu à procura de Adele. Não disse a ela a substância de sua conversa com Hugo; falou apenas que estava esperando por ela na recepção. Ela lhe disse que tinha acabado de falar com o médico e ele estava muito otimista quanto ao progresso de Hugo. Mais uma semana, disse ela, e provavelmente ele poderia ir para casa; não era maravilhoso?

Estava chovendo agora. Nenhum temporal, apenas uma garoa constante. Will não se abrigou. Ficou do lado de fora com o rosto voltado para o céu, deixando as gotas refrescarem seus olhos quentes e faces coradas.

Quando Adele apareceu, estava em sua costumeira animação pós-visita. Will se ofereceu para dirigir, certo de que poderia economizar quinze minutos do tempo de viagem, e voltar ao livro sobre Simeon antes de escurecer. Ela ficou falando alegre durante a viagem, principalmente sobre Hugo.

– Ele faz você muito feliz, não é? – perguntou Will.

– Ele é um ótimo homem – disse ela – e tem sido muito bom para mim esses anos. Achei que quando meu Donald tinha morrido eu jamais teria outro dia feliz. Achei que o mundo havia acabado. Mas a gente se recupera, não é? No início foi difícil porque eu sentia culpa, ainda vivendo quando ele já havia partido. Eu pensava: isso não está certo. Mas você supera depois de algum tempo. Hugo me ajudou. Nos sentávamos, conversávamos e ele me dizia para aproveitar as pequenas coisas. Não tentar entender o que tudo significava, porque era tudo uma perda de tempo. Isso foi engraçado, vindo dele. Sempre pensei que os filósofos ficavam sentados falando sobre o sentido da vida, e lá estava o Hugo dizendo, não perca seu fôlego.

– E isso foi bom de ouvir, não foi?

– Ajudou – disse ela. – Comecei a aproveitar as pequenas coisas, do jeito que ele disse. Eu estava sempre trabalhando tanto quando Donald era vivo...

– Você ainda trabalha duro.

–Agora é diferente – disse ela. Se algo não é espanado, não me preocupo demais. É apenas pó. Eu serei pó um dia.

– Você o convenceu a ir à igreja?

– Não vou mais.

– Você costumava ir duas vezes no domingo.

– Não sinto necessidade.

– Foi Hugo quem te convenceu a isso?

– Não me deixo convencer – disse Adele, um pouco na defensiva.

– Eu não quis dizer...

– Não, não, eu sei o que você quis dizer. Hugo é um homem sem fé, e sempre será. Mas eu vi o sofrimento pelo qual o meu Donald passou. Foi terrível, terrível, vê-lo num estado daqueles. E eu sei o que as pessoas dizem que sua fé está sendo testada. Bom, talvez a minha tenha sido testada e não tenha sido forte o bastante, porque a igreja nunca mais foi a mesma coisa para mim depois disso.

– Deus te abandonou?

– Donald era um bom homem. Não era inteligente, como Hugo, mas tinha um bom coração. Merecia coisa melhor. – Ficou em silêncio por um minuto, e então acrescentou uma coda: – A gente precisa tirar o melhor das coisas que acontecem, não é? Não existe nada certo.

VII

Will passou o resto da noite com Thomas Simeon, enterrando-se nessa outra vida como refúgio de sua própria. De nada adiantava ficar remoendo o que havia acontecido no hospital; com um pouco de distanciamento (e umas duas conversas com Adrianna, para desabafar) ele seria capaz de colocar as experiências numa perspectiva sadia. Por ora, era melhor ignorá-la. Enrolou um charro, puxou sua poltrona até a janela aberta e ficou ali sentado lendo, ninado pelo bater da chuva no teto e no alpendre.

Havia parado a leitura com Dwyer se afastando das águas ocultas, onde estivera claramente fora de sua alçada, e voltando para o relativo conforto da simples biografia. O sempre confiável amigo de Simeon, Galloway, reapareceu nesse momento, tendo sido movido pelas "necessidades da amizade" (o que havia acontecido entre esses dois, perguntou-se Will) para separar Simeon de seu mecenas, Rukenau, "cuja influência nefasta podia ser vista em todos os detalhes do aspecto e do comportamento de Thomas". Galloway, ao que parecia, havia conspirado para salvar a alma de Simeon das garras de Rukenau; uma tentativa que, pela descrição de Dwyer, chegara ao ponto do sequestro físico: "Auxiliado por dois cúmplices, Piers Varty e Edmund Maupertius, este último um acólito de Rukenau muito desencantado e amargurado, Galloway planejou a 'libertação' de Simeon, como descreveria mais tarde, com o tipo de precisão que cabia à sua formação militar. Ela ocorreu sem incidentes, aparentemente. Simeon foi descoberto num dos quartos do andar superior da mansão de Rukenau em Ludlow, onde, segundo Galloway, 'Nós o encontramos num estado digno de pena, sua outrora radiante forma muito devastada. No entanto, ele não seria persuadido a partir, dizendo que o trabalho que ele e Rukenau estavam fazendo juntos era importante demais para ser deixado inacabado. Perguntei-lhe que trabalho era esse, e ele nos disse que a era do Domus Mundi iria começar, e que ele seria sua testemunha e seu cronista, descrevendo suas glórias em tinta de modo a que Papas e Reis pudessem saber como seus reinos eram mesquinhos e, pondo de lado suas guerras e maquinações, criassem uma paz eterna. Como será isto?, perguntei a ele. E ele me disse para olhar sua pintura, pois nela tudo se esclareceria."

"Somente uma dessas pinturas seria encontrada, no entanto, e parece que Galloway a levou consigo quando ele e seus colegas conspiradores foram embora. Como eles convenceram Simeon a ir com eles não se sabe, mas é evidente que Rukenau envidou uma tentativa de fazer Simeon voltar e que Galloway fez acusações contra ele que o levaram a se ocultar. O que quer que tenha acontecido, Rukenau agora desaparece da história, e a vida de Simeon que terá apenas mais alguns anos de vida dá uma última e extraordinária virada."

Will aproveitou o fim do capítulo para descer e atacar a geladeira, mas sua mente permanecia no estranho mundo do qual havia acabado de sair. Nada no aqui e agora – nem esquentar um chá nem fazer um sanduíche, nem o barulho da enorme gargalhada da televisão ao lado nem o tom agudo do comediante que a estava recebendo – poderia distraí-lo das imagens que circulavam em sua cabeça. O fato de que ele havia visto Simeon com seus próprios olhos, vivo e morto, ajudava. Ele vira a beleza desesperada do homem, que tanto fixara Galloway que este se aventurara onde sua mente racional não tinha muito alcance, para resgatar seu amigo da perdição. Havia algo de docemente romântico na dedicação do homem a Simeon, que era obviamente de outra ordem mental. Galloway não o compreendia, nem jamais poderia, mas isso não importava. O laço entre eles não tinha nada a ver com compatibilidade intelectual. Nem, pondo de lado todas as suspeitas maldosas, era algum romance homossexual oculto. Galloway era amigo de Simeon, e ele não deixaria que se fizesse mal a quem ele amava: era tão simples e tocante quanto isso.

Will voltou ao livro com o estômago forrado, sem que Adele notasse, e acomodando-se de novo ao lado da janela (depois de fechá-la, o ar da noite estava frio), retomou a história de onde a havia abandonado. Ele sabia, ou pelo menos achava que sabia, como aquela história terminava, com um corpo na floresta, mordido e mastigado. Mas como ele chegou lá? Essa era a substância das últimas trinta páginas.

Dwyer havia mantido o texto relativamente livre de juízos pessoais até o momento, preferindo usar outras vozes para comentar sobre Rukenau, por exemplo, e mesmo assim citando escrupulosamente defensores e detratores. Mas agora ela mostrava seu jogo, e não era estranha ao tema da comunhão.

"É nestes últimos anos", escreveu ela, "recuperando-se da influência nefasta de Gerard Rukenau, que vemos o poder redentor da visão de

Simeon em ação. Purificado por seu encontro com a loucura, ele retornou a seus trabalhos com sua ambição refreada, só para descobrir que com todo o desejo de um grande esquema taumatúrgico saciado, sua imaginação florescera. Em suas últimas obras, todas as quais eram paisagens, a mão do artista está a serviço de uma Criação maior. A pintura intitulada "O Acre Fértil", embora à primeira vista uma melancólica pastoral noturna, revela um cortejo de formas vivas quando estudada de perto... " Will virou a página para ver a reprodução da pintura em questão. Era bem menos estranha que a peça de Rukenau, pelo menos à primeira vista: um campo com encosta, com fileiras de moitões esculpidas pela lua e desaparecendo na distância. Mas mesmo na reprodução de baixa qualidade, as habilidades de dissimulação de Simeon eram evidentes. Ele escondera animais por toda parte: nos moitões, e na sombra dos moitões, na folhagem do carvalho, no manto do fazendeiro dormindo debaixo da árvore. Mesmo no céu sarapintado havia formas ocultas, curvadas como os filhos adormecidos das estrelas.

"Este", escreveu Dwyer, "é um Simeon mais suave, pintando com prazer quase infantil a vida secreta do mundo: levando-nos a espiar seu bestiário semi-oculto. "

Mas havia mais naquela pintura, sentia Will, que um jogo visual. Havia um estranho ar de expectativa quanto à imagem; cada coisa viva que ela continha (exceto o fazendeiro exausto) estava escondida; prendendo a respiração como se com medo de algum acontecimento iminente.

Will voltou ao texto de Dwyer por um momento, mas ela havia levado sua crítica numa caçada a antecedentes entre os pintores, e depois de algumas frases ele desistiu e voltou à reprodução para maiores estudos. O que havia no quadro que tanto o intrigava? Ele não teria sido remotamente do seu agrado se tivesse esbarrado com ele por acaso, sem conhecer nada do pintor. Era por demais recatado, com seus animais embelezados olhando de seus esconderijos na pintura. Recatado e de uma perfeição que não era natural: o milho em fileiras militares, as folhas em buquês espiralados. A natureza não era assim. A cena mais plácida, examinada por um olho não sentimental, revelava um mundo irregular de forma cruas em conflito amargo e interminável. E ainda assim, ele sentia uma relação íntima com a pintura; como se ele e o criador dela fossem, apesar de todas as provas em contrário, homens de visões semelhantes.

Frustrado por não entender melhor sua reação ao trabalho, voltou ao texto de Dwyer, pulando a crítica de arte – que era felizmente curta – e avançando para ler os dados biográficos. O que quer que ela tivesse afirmado sobre o Simeon mais suave; os fatos de sua vida não sugeriam um homem em paz consigo próprio

"Entre agosto de 1724 e março de 1725, ele se mudou não menos de onze vezes; o período mais longo que passou num lugar foi entre novembro e dezembro, em que esteve num monastério em Dungeness. Não se sabe ao certo se ele entrou lá com a intenção de fazer votos. Se existia essa intenção, ela foi uma vontade passageira. Em meados de janeiro ele escreve para Dolores Cruikshank que fora uma das seguidoras de Rukenau três anos antes mas que agora, em suas próprias palavras, estava curada de sua influência – e afirma:

'Estou pensando em deixar este triste país e ir para a Europa, onde penso poder encontrar almas mais simpáticas à minha visão do que jamais encontrei nesta ilha por demais racional. Procurei por toda parte um tutor que pudesse me guiar, mas encontro apenas mentes estagnadas e retórica ainda mais estagnada. A mim me parece que devemos inventar a religião a cada instante, como o mundo se reinventa, pois a única constante está na inconstância. Você já encontrou um doutor de teologia que conhecesse esta simples verdade; ou se a conhecendo, ousasse revelá-la? Não. É uma heresia entre homens cultos porque admiti-la é nos deslocar de suas certezas, e eles não mais poderão reinar sobre nós, dizendo: isto é, e isto não é. A mim me parece que o propósito da religião é dizer todas as coisas são assim. Uma coisa inventada e uma coisa que chamamos de verdadeira; uma coisa viva e uma coisa que chamamos de morta; uma coisa visível e uma coisa que ainda está por vir: Todas Assim O São. Houve alguém que ambos sabíamos que ensinava esta verdade, e eu fui muito arrogante para aprendê-la. Lamento minha tolice a todo instante. Fico aqui sentado nesta cidadezinha, e olho para as ilhas a oeste, e anseio por ele como um cão perdido. Mas não ouso ir a ele. Ele me mataria, penso, por minha ingratidão. E eu não poderia culpá-lo por isso. Fui mal-orientado por amigos que queriam meu bem, mas isso não é desculpa, é? Eu devia ter-lhes mordido os dedos quando vieram me buscar. Eu deveria tê-los sufocado com seus livros de orações. E agora é tarde demais.

'Eu lhe imploro, envia-me notícias dele se tiverdes alguma, de modo a que, quando eu olhar para as ilhas, possa imaginá-lo e me apaziguar.'"

Isso era forte; mas difícil para Will simpatizar. Ele havia construído seu caminho no mundo em grande parte desafiando tutelas, e por isso aquele anseio por um mestre, com frases tão apaixonadas que Simeon bem poderia estar falando de desejo físico, lhe parecia um tanto exagerado. Para Dwyer também. "Era", escreveu ela, "uma indicação de que Simeon estava passando por uma profunda perturbação psicológica. E havia mais; muito mais. Numa segunda carta a Cruikshank, escrita de Glasgow, a imaginação fertilíssima de Simeon estava a rédeas soltas:

"'Ouvi de uma certa fonte que o Homem das Ilhas Ocidentais finalmente fez seu arquiteto dourado se voltar ao seu propósito, e lançou as fundações do Paraíso. Que fonte é essa, você me pergunta? Eu lhe direi, embora possas fazer pouco caso de mim. O vento; este é meu mensageiro. Tenho pistas de outras fontes, mas nenhum em que eu confie tanto quanto o vento, que me trouxe toda noite relatos de tudo o que nosso Homem Correto fez que começo a adoecer por falta de sono, e me retirei para esta pestilenta cidade da Caledônia onde o vento não vem com notícias tão frescas.

"'Mas de que vale dormir, se acordo no mesmo estado no qual deitei minha cabeça? Preciso reforçar minha coragem, e ir até ele. Pelo menos isso é o que acho nesta hora. Na próxima, poderei ter outra opinião inteiramente diferente. Vês como acontece comigo? Tenho pensamentos contrários sobre todas as coisas agora, como se eu estivesse dividido tão certamente quanto o arquiteto dele. Esse foi o truque pelo qual ele fez com que a criatura trabalhasse ao seu propósito, e me pergunto se ele plantou a mesma divisão em minha alma, como punição por minha traição. Acho que ele faria isso. Acho que ele teria prazer com isso, sabendo que eu iria por fim atrás dele, e que quanto mais perto eu chegasse mais voltado contra mim mesmo eu ficaria. '

"Aqui", escreveu Dwyer, "está a primeira menção de pensamentos suicidas. Não existe registro de qualquer resposta da pena da Sra. Cruikshank, portanto devemos supor que ela julgara Simeon tão perdido que estaria além de sua ajuda. Somente uma vez, na última das quatro cartas que ele escreveu a ela durante sua estadia na Escócia ele se refere à sua arte:

"'Hoje concebi um plano de como poderei fazer o papel do pródigo. Farei um retrato de meu Homem Correto sobre sua ilha. Ouvi dizer que ele a chamou de Celeiro, e por isso farei a pintura cercando-o de grãos. Então

eu a levarei a ele, e rezarei para que meu presente apazigue sua fúria. Se isso der certo, serei recebido em sua casa e farei com prazer tudo o que ele me mandar até morrer. Se não, então você pode supor que estarei morto pelas mãos dele. Seja qual for o caso, você não ouvirá mais falar de mim depois disto.'

"Esta triste carta", Dwyer observou aqui, "foi a última que ele escreveu. Não é, entretanto, a última vez em que ouvimos falar dele. Ele sobrevive por mais sete meses, viajando para Bath, Lincoln e Oxfordshire, confiando na caridade de amigos. Ele chega até a pintar quadros, três dos quais sobrevivem. Nenhum dos quais se encaixa na descrição da pintura do Celeiro que ele planeja em sua carta a Dolores Cruikshank. Nem há qualquer registro de que ele tenha viajado para as Hébridas em busca de Rukenau "O que parece mais provável é que ele tenha desistido inteiramente da empreitada, e viajado para o sul de Glasgow em busca de acomodações mais confortáveis. Em algum momento das viagens, John Galloway o descobre, e o contrata para pintar a casa que ele e sua nova esposa (ele havia se casado em setembro de 1725) agora ocupavam. Como Galloway relata numa carta ao seu pai:

'"Meu bom amigo Thom Simeon está agora no seu trabalho imortalizando a casa, e tenho grandes esperanças de que a pintura será esplêndida. Acredito que Thomas tenha vontade de ser um artista popular, se pudermos colocar de lado algumas de suas ideias por demais elevadas. Juro que se pudesse ele pintaria um anjo abençoando cada folha e lâmina de relva, pois ele me diz que se esforça muito para vê-los, noite e dia. Acho que ele é um génio, provavelmente; e provavelmente louco. Mas é uma doce loucura, que não ofende Louisa nem um pouco. Na verdade, ela me disse, quando eu lhe falei que ele procura anjos, que ela não se admirava que ele não os conseguisse ver, pois que dele emanava mais brilho do que dos anjos, e estes se envergonhavam e se escondiam'"

Um anjo abençoando cada folha e lâmina de relva – eis aí uma imagem a se conjurar, pensou Will. Cansado da prosa de Dwyer, de adivinhações e suposições, voltou a O Acre Fértil e estudou-o novamente. Ao fazer isso, percebeu a ligação entre aquela imagem e as suas próprias fotos. Elas eram cenas de antes e depois; extremidades do texto de holocausto que havia no meio. E o autor daquele texto? Jacob Steep, é claro. Simeon havia pintado o momento antes de Steep aparecer: toda a vida aterrorizada com a iminência de Jacob. Will havia captado o momento após: a vida *in*

extremis, o acre fértil transformado em campo desolado. Ambos eram criadores, cada qual à sua maneira; por isso seus olhos voltavam sempre a essa pintura. Ela havia sido feita por um irmão, em tudo menos no sangue.

Bateram de leve na porta, e Adele apareceu para dizer que estava indo dormir. Ele olhou o relógio. Para seu espanto, eram dez e quarenta.

– Boa noite, então – disse a ela. – Durma bem.

– Com certeza – ela disse. – Você também. Então ela saiu, deixando-o com as últimas três ou quatro páginas da vida de Simeon. Não havia nada de grande importância nos parágrafos restantes. Os pesquisadores de Dwyer perderam o fôlego cerca de dois meses antes da morte de Simeon.

"Ele morreu no dia dezoito de julho de 1730, ou por volta disso", ela escreveu, "após ter, segundo relatos, ingerido uma quantidade suficiente de suas próprias tintas para se envenenar. Isto, pelo menos, é o que se considera como sendo a verdade. Existem na verdade vozes contraditórias nesse aspecto. Um obituário anônimo na The Review, por exemplo, publicado quatro meses após a morte de Simeon, dá a entender de forma obscura que "o artista tinha menos motivos para morrer do que outros para silenciá-lo" E Dolores Cruikshank, escrevendo para Galloway por volta da mesma época, observa que: "Eu tenho tentado localizar o médico que examinou o corpo de Thomas, pois ouvi rumores de que ele havia encontrado curiosos e sutis deslocamentos no corpo, como se ele tivesse sido submetido a um ataque antes da morte. Pensei nos "invisíveis" dos quais você me disse que ele tinha tanto medo quando você o tirou da casa de Rukenau. Teriam montado um ataque contra ele? Mas o médico, um certo Doutor Shaw, aparentemente desapareceu. Ninguém sabe para onde, ou por quê. "

"Há mais um detalhe estranho. Embora John Galloway tivesse feito arranjos para que seus agentes pegassem o corpo e o removessem para Cambridge, onde ele havia providenciado para que ele fosse enterrado com as devidas honras, quando foram fazê-lo os restos já haviam sido levados. A última morada de Thomas Simeon é portanto desconhecida, mas esta autora acredita que seu corpo foi provavelmente levado por terra e mar para as Hébridas, onde Rukenau escolheu se refugiar. É improvável, dadas as crenças iconoclásticas de Rukenau, que Simeon tenha sido enterrado em solo consagrado. É mais provável que ele esteja repousando em algum lugar anônimo. Pode-se apenas esperar que ele repouse bem ali, os

trabalhos de sua vida terminados antes que ele tivesse verdadeiramente feito alguma marca sobre a arte de seu tempo.

"John Galloway foi morto em 1734, com um disparo acidental durante um exercício militar em Dartmoor; Piers Varty e Edmund Maupertius, que ajudaram Galloway no sequestro de Thomas Simeon da casa de Rukenau, morreram ambos jovens. Varty faleceu de tuberculose, e Maupertius, preso por contrabando de ópio em Paris, morreu do coração sob a custódia da polícia. Somente Dolores Cruikshank viveu até a idade bíblica e além, morrendo com a idade de noventa e um anos. A maior parte da correspondência citada aqui era de posse de seus herdeiros.

"Quanto a Gerard Rukenau, apesar de quatro anos de tentativas por esta autora para descobrir a verdade por trás de sua existência lendária, pouco além das informações contidas nestas páginas pôde ser encontrado. Não há vestígios da casa em Ludlow da qual Galloway supostamente o sequestrou, nem tampouco qualquer carta, panfleto, testamento ou outros documentos legais com seu nome.

"De certa forma, nada disso importa. O legado de Simeon...

A concentração de Will se dispersou nesse ponto, quando Dwyer novamente tentou encaixar o trabalho de Simeon num contexto estético. Simeon, o surrealista profético, Simeon, o simbolista metafísico, Simeon, o pintor naturalista. Então o texto simplesmente acabava, como se ela não tivesse encontrado um sentimento pessoal que lhe agradasse, e tivesse simplesmente deixado o texto parar.

Deixou o livro de lado, e olhou para o relógio. Uma e quinze. Não se sentia tão cansado assim, apesar de tudo o que o dia havia trazido. Desceu e foi atacar a geladeira, à procura de algo para comer. Encontrando uma tigela de pudim de arroz, uma das especialidades culinárias de Adele, retirou-se para a sala de estar com tigela e colher para comer. A receita dela não mudara nada nos últimos anos: o pudim estava tão gostoso e cremoso quanto ele se lembrava. Patrick ficaria maluco com isto, ele pensou, e pensando nisso pegou o telefone e ligou para ele. Não foi Patrick quem atendeu, mas Jack – Ei, Will – disse ele. – Como vai?

– Tudo bem.

– Você ligou na hora certa. Estamos tendo uma reuniãozinha aqui.

– Sobre o quê?

–Ah, você sabe... coisas. Adrianna está aqui. Quer falar com ela?

– Saiu da linha com uma pressa curiosa, e colocou Adrianna no fone. Ela não parecia estar nos seus melhores dias.

– Tudo bem com você? – perguntou ele.

– Claro. Estamos só tendo uns papos sérios aqui. Como você está? Fez as pazes com seu pai?

– Não. E isso nem vai acontecer. Ele disse na minha cara que não quer que eu o visite mais.

– Então você vai voltar para casa?

– Ainda não. Mas avisarei com antecedência, não se preocupe, pra vocês poderem fazer uma grande festa de boas-vindas.

– Acho que você já teve festas demais.

– Oh–Oh. Com quem você andou falando?

– Adivinha.

– Drew.

– Isso.

– O que ele disse?

– Acha que você é maluco.

– Você me defendeu, é claro.

– Isso você pode fazer sozinho. Quer falar com Pat?

– Quero. Ele está por aí?

– Está, mas não... está muito bem agora.

– Doente?

– Não, só um pouco emotivo. Estávamos tendo uma conversa difícil, e ele não está em grande forma. Quero dizer, chamo ele se for urgente.

– Não, não. Eu ligo amanhã. Só mande para ele meu amor, tá?

– E eu, não ganho um pouquinho também?

– Sempre.

– Estamos com saudades.

– Que bom.

– Te vejo em breve.

Quando ele desligou o telefone, sentiu uma pontada de separação, tão aguda que prendeu sua respiração. Ele os imaginou agora – Patrick e Adrianna, Jack e Rafael, até mesmo Drew seguindo suas vidas enquanto a neblina invadia a colina, e navios apitavam suas sirenes na Baía. Seria tão fácil fazer as malas e sair de mansinho; deixando Hugo se curar e Adele para cuidar dele. No dia seguinte estaria de volta ao seu clã, onde era amado.

Mas não haveria segurança ali. Ele poderia esquecer a dor daquele lugar por alguns dias; poderia cair na gandaia até atingir um estupor e afastar as lembranças da cabeça. Mas por quanto tempo esse esquecimento poderia durar? Uma semana? Um mês? E então ele estaria tomando uma ducha ou olhando uma mariposa na janela, e a história que ele havia deixado inacabada voltaria para assombrá-lo. Ele estava apavorado com isso: essa era a desagradável verdade. Suas emoções e seu intelecto estavam por demais envolvidos nesse mistério para que ele fosse embora. Talvez no início ele tivesse sido apenas um condutor, como Jacob o apelidara, um sensitivo inconsciente através do qual as memórias de Steep haviam fluído. Mas ele se tornara mais que isso ao longo dos anos. Ele se tornara o eco de Simeon: um criador de imagens que mostravam a mão do destruidor em ação. Não havia como escapar daquele papel; não havia como fingir que ele era apenas um homem comum. Ele havia exigido seu direito à visão, e com isso vinha uma responsabilidade.

Então que fosse. Ele observaria, como sempre havia observado, até o fim da história. Se sobrevivesse, daria testemunho como nunca antes nenhum outro o fizera: contaria uma história de quase-extinção do lado do sobrevivente. Se não – se ele fosse despachado para um túmulo que não era natural pela própria mão que fizera dele a testemunha que era – então ele pelo menos partiria conhecendo a natureza de seu algoz, e repousar, quem sabe, mais tranquilo com esse conhecimento.

VIII

Os analgésicos que Hugo vinha recebendo lhe negavam um sono tranquilo. Ele ficava deitado como se estivesse sobre um cadafalso no quarto pouco iluminado, enquanto as lembranças vinham prestar seus respeitos. Umas eram vagas; nada mais que murmúrios e flutuações. Mas a maioria era cristalina; mais reais aos seus olhos de pálpebras pesadas do que as enfermeiras idiotas que de vez em quando vinham checar seu estado. Visitações felizes, em sua maior parte: memórias dos anos tranquilos após a guerra, quando sua estrela estivera em ascensão. Houve um período de três ou quatro anos após a publicação de seu primeiro livro, A Falácia do Pensamento, em 1949, quando ele fora o ídolo de todos os iconoclastas nos círculos filosóficos ingleses. Com a tenra idade de vinte e quatro anos, ele havia publicado um livro que não só desafiava as correntes do positivismo lógico (toda investigação metafísica é inválida, porque nunca pode ser verificada), mas também do existencialismo (os principais imperativos do estudo filosófico são o ser e a liberdade). Posteriormente, ele repudiaria muito do que havia escrito naquele primeiro livro, mas isso não importava agora. Ele esquecera suas dúvidas, e só se lembrava dos bons tempos. Debatendo na Sorbonne com Sartre (ele conheceria Eleanor ali naquela primavera); fazendo picadinho de Ayer numa festa em Oxford; um de seus tutores ocasionais lhe dizendo que estava destinado à grandeza; que, se ele se ativesse ao seu propósito, mudaria o curso do pensamento europeu. Tudo perfeitas bobagens, mas ele se permitia pensar nelas prontamente naquela noite, aproveitando os fantasmas dourados que flutuavam ao seu leito para o beija-mão. (Sartre estava entre eles, batracóide como sempre; com Simone a tiracolo.) Alguns desses pagadores de tributos simplesmente sorriam e acenavam com a cabeça para ele, um ou dois estavam bêbados demais para dizer uma palavra sequer, mas muitos conversavam com ele de forma casual; opiniões sem importância, todas elas. Mas ele ouviu indulgente, sabendo que eles apenas procuravam impressioná-lo.

E então, mais silenciosamente do que até mesmo o mais silencioso da multidão, chegou alguém que não pertencia a essas lembranças alegres; e com ele, sua amiga, observando Hugo do pé da cama.

– Vão embora disse Hugo. A mulher – seu companheiro a chamara de Rosa, não era isso, lá na estrada escura? – estudou-o com simpatia. – Você parece cansado – ela disse.

– Quero os outros sonhos de volta – ele disse. – Diabos, vocês os assustaram. – Era verdade. O quarto estava vazio, a não ser por aqueles dois: a beldade sorridente e seu noivo lúgubre e doentio – Eu disse para irem embora – disse Hugo.

– Você não está nos imaginando – disse Rosa. *Ó, Deus,* pensou ele. – A não ser, claro, que sejamos todos ilusões. Você nos imaginando imaginando você...

- Não... se incomode... – disse Hugo. – Eu não deixaria um aluno do primeiro ano escapar com esse tipo de sofisma. – Mesmo enquanto falava, ele lamentou o tom de voz. Estava deitado de costas numa cama, meio aéreo: não era hora de ser condescendente. – Por outro lado... – começou.

– Tenho certeza de que você está certo – disse a mulher. Ela se beliscou. – Eu me sinto muito real. – Ela sorriu, tocando o seio. – Quer sentir?

– Não – ele disse apressado.

– Acho que quer – replicou ela, aproximando-se dele pela lateral da cama. – Só um toque.

– Seu namorado está muito quieto – disse Hugo, esperando distraí-la. Ela olhou para Steep, que não havia movido um músculo desde que chegara. Suas mãos enluvadas se agarravam à grade ao pé da cama, e ele parecia tão frágil na luz doentia que Hugo se sentiu menos intimidado quanto mais estudava o homem. A força hipnótica que ele havia demonstrado na estrada parecia ter-se esgotado dele; embora ele olhasse para Hugo com dureza, era o olhar fixo de um homem que não tinha força de vontade para desviar os olhos. Talvez, pensou Hugo, eu não precise ter medo. Talvez eu possa convencê-los a dizer a verdade.

– Será que ele quer se sentar? – perguntou Hugo.

– Talvez você deva, Jacob – disse Rosa, ao que Steep grunhiu, e recuando para a cadeira desconfortável ao lado da porta, se sentou.

– Ele está doente? – perguntou Hugo.

– Não, só ansioso.

– Algum motivo em especial?

– Voltar aqui – respondeu a mulher. – Isso nos faz ficar um pouco sensíveis. Lembramos de coisas, e quando começamos a lembrar, não conseguimos parar. Voltamos logo, quer a gente queira ou não.

– Voltam... para onde? – Hugo perguntou, colocando a questão de forma suave para não parecer interessado demais na resposta.

– Não sabemos ao certo – disse Rosa. – O que incomoda Jacob muito mais do que a mim. Acho que vocês homens precisam saber essas coisas mais do que nós mulheres. Não é verdade?

– Eu nunca havia pensado nisso – disse Hugo.

– Bom, ele se preocupa dia e noite sobre o que éramos antes de sermos o que somos, se é que você me entende.

– Totalmente – sorriu Hugo.

– Que homem você é – ela disse.

– Você está brincando comigo? – Hugo se irritou.

– De jeito algum. Sempre digo exatamente o que quero dizer. Pode perguntar a ele.

– É verdade? – Hugo perguntou a Steep.

– É verdade – ele respondeu, a voz sem colorido. – Ela é tudo o que um homem jamais poderia querer numa mulher.

– E ele é tudo que eu sempre quis num homem – disse Rosa.

– Ela é compassiva, maternal...

– Ele é cruel, paternal...

– Ela gosta de espezinhar...

– Você também gosta – Rosa ressaltou.

Steep sorriu.

– Ela é melhor com sangue do que eu. E bebês. E remédios.

– Ele é melhor com poemas. E facas. E geografia.

– Ela gosta da lua, eu prefiro a luz do sol.

– Ele gosta de batucar. Eu gosto de cantar.

Ela olhou para ele com carinho.

– Ele pensa demais – disse ela.

– Ela sente mais do que deveria – respondeu ele, olhando para ela.

E ficaram em silêncio, os olhos presos um no outro. E observando-os Hugo sentiu algo muito parecido com inveja. Nunca conhecera ninguém da forma como esses dois conheceram um ao outro; nem abrira seu coração para ser conhecido, por sua vez. Na verdade, ele se orgulhava do quanto nele era desconhecido; como ele era secreto,

– Vê como é? – Rosa disse por fim. – Ele é impossível. – Ela fingiu exasperação, mas sorriu indulgente ao seu amado enquanto fazia isso. – Tudo o que ele sempre quer são respostas, respostas. E eu digo a ele – siga

com a corrente um pouco, aproveite a viagem um pouco – mas não, ele tem que chegar à verdade das coisas. Para que estamos aqui, Rosa? Por que nascemos? – Ela olhou para Hugo. – Mais sofismas, não?

– Não... – disse Steep, rindo para ela. – Não permito que você diga isso. – Ele se levantou, voltando o olhar para Hugo. – Você pode não admitir, mas a questão passa por sua cabeça também, não me diga que não passa. Ela perpassa todas as coisas vivas.

– Disso eu duvido – respondeu Hugo.

– Você não viu o mundo pelos nossos olhos. Você não o ouviu com nossos ouvidos. Não sabe como ele geme e soluça.

– Você devia experimentar uma noite aqui – disse Hugo. – Já ouvi soluços suficientes para durar...

– Onde está Will? – Steep perguntou subitamente.

– O quê?

– Ele quer saber onde está Will – disse Rosa.

– Foi embora – replicou Hugo.

– Ele veio ver você?

– Sim, veio. Mas não pude suportar a presença dele, então mandei que fosse embora.

– Por que você o odeia tanto? – perguntou Rosa.

– Não odeio ele – respondeu Hugo. – Só não tenho interesse nele. É só. Sabe, eu tinha outro filho...

– Você já disse – Rosa o lembrou.

– Ele era meu coração. Você nunca viu um garoto como aquele. Seu nome era Nathaniel. Eu contei isso?

– Não.

– Bom, ele era.

– Então, como Will aceitou isso? – perguntou Steep.

Hugo pareceu um pouco incomodado por ter sido distraído de seus devaneios.

– Como ele aceitou o quê?

– Você mandá-lo embora.

– Ah, só Deus sabe. Ele sempre foi muito reservado. Nunca consegui saber o que ele está pensando.

– Nisso ele puxou a você – observou Rosa.

– Talvez – admitiu Hugo. – De qualquer maneira, ele não vai voltar.

– Ele vai voltar e ver você mais uma vez – disse Steep. – Permita-me discordar.

– Acredite, ele virá – retrucou Steep. – É dever dele. – Olhou para Rosa, que agora se sentava gentilmente na cama ao lado de Hugo. Ela pôs a mão no peito do paciente, suavemente.

– O que está fazendo? – ele perguntou.

– Fique calmo – ela disse.

– Eu estou calmo. O que você está fazendo?

– Pode ser êxtase – disse ela.

Hugo apelou para Steep.

– Do que ela está falando?

– Ele virá prestar seus respeitos, Hugo... – replicou Steep.

– O que é isto?

– ...e ele estará fraco. Preciso dele fraco.

Hugo podia sentir sua pulsação na cabeça, o ritmo preguiçoso servindo como calmante.

– Ele já está fraco – disse Hugo, a voz um pouco arrastada.

– Como você o conhece pouco – replicou Steep. – As coisas que ele testemunhou. As coisas que ele aprendeu. Ele é perigoso.

– Para você?

– Para o meu propósito – respondeu Steep.

Mesmo em seu estado meio sonolento, Hugo percebeu que eles chegaram ao âmago da questão: o propósito de Steep.

– E... qual... é ele exatamente?

– Conhecer Deus – respondeu Steep. – Quando eu conhecer Deus, saberei por que nascemos, ela e eu. Abraçaremos a eternidade e partiremos.

– E Will está no seu caminho?

– Ele me distrai – disse Steep. – Ele acha que eu sou o Diabo...

– Ah, o que é isso – disse Rosa, como se para acalmá-lo. – Você está ficando paranoico de novo.

– Ele acha sim! – disse Steep, com uma fúria súbita. – O que são aqueles malditos livros dele se não acusações? Cada foto, cada palavra, como uma faca! Uma faca! Aqui! – Socou o peito. – E eu o teria amado! Não teria?

– Teria – concordou Rosa.

– Eu o teria considerado um tesouro; feito dele meu filho perfeito. – Steep levantou-se da cadeira e, aproximando-se da cama, olhou para Hugo. – Você nunca o viu. Isso é uma pena. Para ele. Para você. Você estava tão cego pelos mortos que nunca soube o que vivia ali bem debaixo do seu nariz. Um homem tão bom, um homem tão corajoso, que terei de matá-lo, antes que ele me destrua, completamente. – Steep olhou para Rosa. – Ah, acabe logo com ele – disse. – Ele não vale o fôlego.

– Acabar? – perguntou Hugo.

– Shhh – disse Rosa. – Limpe sua mente. É mais fácil.

– Para você talvez... – ele respondeu, tentando se sentar. Mas a leve pressão que ela fez em seu peito era tudo de que precisava para mantê-lo no lugar. E as batidas do seu coração estavam ficando mais altas, e suas pálpebras mais pesadas.

– Shhh – disse ela, como se falasse com uma criança perturbada – fique quieto...

Ela se inclinou mais um pouco perto dele, e seu calor e hálito o fizeram querer se enroscar em seus braços.

– Eu lhe falei – disse Steep, suavemente – que ele o verá uma última vez. Mas você não o verá, Hugo.

– oh... Deus... não...

– Você não o verá.

Mais uma vez ele tentou se levantar da cama, e desta vez ela o deixou fazer isso um pouco, o suficiente para passar um braço ao redor do corpo dele e puxá-lo mais para perto. Ela havia começado a cantar uma canção de ninar suave e melodiosa.

Não ouça isso, ele disse a si mesmo, não sucumba. Mas era um som tão gentil tão calmo e reconfortante que ele queria se dobrar dentro dos braços da mulher e esquecer a fragilidade de seus ossos, a dureza de seu coração; queria suspirar e sugar...

Não! Isso era a morte! Ele tinha de resistir a ela. Não havia força suficiente nos seus braços para se libertar. Ele só podia esperar colocar algum pensamento importante entre sua vida e a canção que ela estava cantando; qualquer coisa para impedir que ela se dissolvesse em seus braços.

Um livro! Sim, ele pensaria num livro que poderia escrever quando fugisse dela. Algo que tocasse e modificasse as pessoas. Um confessional, talvez, contado com todo o veneno que pudesse destilar. Algo afiado e

estimulante, o mais distante possível dessa canção açucarada: sobre Sartre, sobre Eleanor, sobre Nathaniel...

Não, Nathaniel não. Não quero pensar em Nathaniel.

Era tarde demais. A imagem do garoto apareceu em sua cabeça, e com ela a canção, cheia de melancolia doce. Ele não conseguia compreender totalmente as palavras, mas captava a essência. Eram palavras de conforto, que lhe diziam para fechar os olhos e afundar, afundar até o lugar além do sono, onde todas as crianças boas do mundo iam brincar.

Suas pálpebras já estavam tão pesadas que ele estava olhando por entre frestas, mas podia ver Steep, observando-o do pé da cama, esperando, esperando...

Não vou lhe dar a satisfação de morrer, pensou Hugo, e pensando assim desviou seu olhar para a amante de Steep. Não conseguia ver seu rosto, mas sentia a enormidade dos seios dela ao lado de sua cabeça, e ousou pensar que ainda havia esperança para ele. Ele foderia com ela em sua imaginação; sim, isso era o que ele faria: colocaria sua ereção entre si mesmo e a morte. Ele tiraria sua roupa no olho de sua mente, e a deitaria, faria com que ela soluçasse com seu ataque até a garganta ficar rouca demais para cantar qualquer canção de ninar. Começou a mover os quadris contra o cobertor.

Ela parou de cantar.

– Ora, ora... – ela murmurou. – O que você está fazendo?

Puxou a blusa de lado para satisfazê-lo, e a boca indisciplinada de Hugo procurou o mamilo dela, encontrou-o e sugou. A mão dela foi para baixo do cobertor, passou por baixo do elástico do pijama dele e o tocou, com carinho. Ele estremeceu. Não era o que ele havia planejado; de jeito nenhum. Ele ainda era uma criança, apesar do que ela estava acariciando; ainda um bebê, se derretendo no abraço dela como manteiga.

Mas que história! Rápido, ele tinha de ter um pensamento elevado e adulto para acelerar as batidas de seu coração, ou tudo estaria acabado. Ética? Não. Holocaustos? Não. Democracia, justiça, a queda da civilização; não, não, não. Nada era amargo ou grande o bastante para salvá-lo do peito, da carícia, da tranquilidade de se deitar ali e deixar o sono levá-lo para a escuridão.

Ele ouviu seu coração trovejando na cabeça, como o efeito de um fio grosso de melado caindo sobre um tímpano. Sentiu o sangue nas veias engrossar e diminuir a velocidade. Não podia fazer nada. E agora nem

queria mais. Suas pálpebras, tremelicando, se fecharam; e ele desceu, desceu cada vez mais, até não haver mais para onde cair.

IX

Will foi despertado pelo som do telefone tocando, mas quando rompeu a superfície do sono ele havia parado. Sentou-se na cama, procurando o relógio. Passava um pouco das quatro: frio, escuro e silencioso. Ficou escutando um momento, e ouviu Adele dizer alguma coisa, suas palavras, que ele não conseguiu entender, tornando-se soluços. Acendendo o abajur, achou as cuecas, vestiu-as e foi até o patamar a tempo de ouvi-la colocando o fone no gancho. Sabia o que ela ia dizer antes que ela levantasse o rosto molhado para ele. Hugo estava morto.

Se lhes servia de algum consolo, o médico de plantão disse quando chegaram ao hospital, ele morrera em paz, dormindo. Muito provavelmente o coração, um homem de sua idade, tendo apanhado tão violentamente; mas eles saberiam mais no dia seguinte. Enquanto isso, não queriam vê-lo?

– Claro que eu quero vê-lo – disse Adele, agarrando a mão de Will. Hugo estava imóvel na cama onde haviam conversado com ele doze horas antes, a cabeça deitada no gigantesco travesseiro, a barba repousando sobre o peito como uma bandeja trançada.

– Você deve se despedir primeiro – disse Adele, recuando para deixar Will se aproximar da cama. Ele não tinha nada a dizer, mas foi assim mesmo. Havia algo de levemente artificial na cena toda o cobertor perfeitamente alinhado, o corpo deitado muito simetricamente – por que ele também não deveria ser parte disso? Curvar a cabeça e fingir estar triste? Mas ali em pé, olhando as mãos manicuradas, e as veias nas pálpebras, ele só podia ouvir o desprezo que partira desse homem ao longo dos anos; as discussões e as expulsões. Jamais ouviria aquela ladainha novamente, mas também não conseguiria se livrar dela jamais, e de vez em quando sentiria dor por isso.

– É isso, então – disse suavemente. Mesmo agora, embora soubesse que era absurdo, meio que esperara o pai abrir um olho crítico e chamá-lo de idiota. Mas Hugo havia partido para onde quer que os pais tristes fossem, e

deixara o filho com suas confusões. – Boa-noite, pai – murmurou Will, e dando as costas para a cama, deixou Adele tomar seu lugar.

– Quer que eu fique com você? – perguntou a ela.

– Preferia que não, se você não se importar. Gostaria de dizer algumas coisas, só ele e eu.

Deixou-a, imaginando o que ela diria. Será que haveria profissões lacrimosas de amor, liberadas agora que ela não temia mais a censura dele? Ou apenas uma conversa quieta, a mão dele na dela; uma admoestação gentil de que ele se fora tão rápido, um beijo no rosto com seu adeus. Pensar nisso comoveu-o muito mais do que o corpo. A leal Adele, que construíra sua vida mais recente ao redor do pai dele, fizera do conforto dele sua ambição, do afeto dele sua pedra-de-toque, murmurando nas ruínas.

Supondo que ela demoraria bastante com Hugo, não foi até o estacionamento, que estava iluminado demais, mas passou por uma porta lateral para o modesto jardim do hospital. Havia luz suficiente das janelas para que ele pudesse enxergar o caminho até um banco debaixo de uma árvore, e ali se sentou para ponderar um pouco as coisas. Depois de alguns minutos ouviu movimento nas copas das árvores sobre sua cabeça; então alguns pios ariscos, dos primeiros pássaros a saudarem o dia. A leste, uma ínfima fatia de cinza frio. Ficou observando como uma criança vendo o ponteiro dos minutos de um relógio, determinado a detectar seu movimento, mas seus incrementos o desafiavam. Mas havia mais para se ver ao seu redor. Roseiras e hortênsias, um muro coberto de hera, a penumbra ainda espessa demais para pôr um colorido nas flores, mas diminuindo a cada instante, como uma foto sendo revelada numa bandeja, os tons se dividindo. Em outro dia, ele poderia ter ficado enfeitiçado, os olhos famintos pela visão. Mas agora ali não havia prazer nem na flor nem no dia que a esculpia.

– O que foi agora?

Olhou para o outro lado do jardim, na direção da voz. Havia um homem ao lado do muro coberto de hera. Não, um homem não. Steep.

– Ele está morto, e você jamais fará as pazes com ele – disse Steep. – Eu sei... você merecia coisa melhor. Ele deveria ter amado você, mas não conseguiu encontrar isso em seu coração.

Will não se moveu. Ficou sentado, olhando Steep se aproximar, em parte sentindo medo, em parte sentindo êxtase. Era para isso que havia voltado

para casa, não? Não a esperança de reconciliação: isso.

– Há quanto tempo? – perguntou Steep. – Rosa e eu estávamos tentando lembrar.

– Não está no seu livrinho?

– Ele é para os mortos, Will. Você ainda não está contado entre eles.

– Quase trinta anos.

– Mesmo? Trinta. E você mudou muito, e eu não. E essa é a tragédia de ambos.

– Eu apenas cresci. Isso não é trágico. – Levantou-se, e esse movimento fez Steep ficar paralisado. – Por que você bateu no meu pai até quase mata-lo?

– Ele te contou.

– Sim.

– Então também disse por quê.

– Não acredito que você seria tão mesquinho. Você é melhor do que isso. Ele era um velho indefeso.

– Se eu jamais tocasse os indefesos, então eu não tocaria nada – disse Steep. – Certamente você se lembra de como minha faquinha pode ser rápida.

– Eu lembro.

– Não há coisa viva que esteja a salvo de mim.

– Agora você está exagerando – disse Rosa, saindo das sombras por trás de Steep. – Eu sou imune.

– Duvido – respondeu Steep.

– Ouça só ele – disse Rosa. – Lamento quanto ao seu pai. Ele precisava de um pouco de carinho, só isso...

– Rosa... – disse Jacob.

–... então eu o ninei um pouquinho. Ele ficou tão tranquilo.

A confissão foi feita com tanta tranquilidade que Will não entendeu o que estava sendo dito, a princípio. Então ficou claro.

– Você o matou.

– Matou, não – disse Rosa. – Matar é cruel, e eu não fui cruel com ele. – Ela sorriu, o rosto radiante, mesmo na penumbra. – Você viu como ele estava – disse ela. – Como estava contente no fim.

– Eu não vou partir tão facilmente – disse Will – se é isso o que você tem em mente.

Rosa deu de ombros.

– Vai ser bom. Você vai ver.

– Shhh – fez Steep. – Você teve seu tempo com o pai. O filho é meu. – Rosa olhou para ele com raiva, mas ficou quieta. – Ela falou a verdade sobre Hugo – Steep continuou. – Ele não sofreu. E você também não vai sofrer. Não vim aqui para atormentar você, embora Deus saiba como você me atormentou...

– Foi você quem começou, não eu.

– Você continuou – disse Steep. – Qualquer outro teria deixado passar. Arrumado uma esposa para amá-lo, filhos, cachorros, qualquer coisa... mas você, você continuou; me assombrando, me sangrando. – Ele estava falando por entre dentes que rangiam, o corpo tremendo. – Isso precisa parar – disse ele. – Agora. Aqui. Isso para aqui. – Desabotoou a jaqueta. Sua faca estava no cinto, esperando por seus dedos. Não havia grande surpresa nisso; Steep estava ali como um executor. O que surpreendeu Will era como ele próprio estava calmo. Sim, Steep era perigoso, mas ele também. Um toque, carne com carne, e ele podia levar Steep para longe daquela manhã cinzenta: de volta àquela floresta, talvez, onde Thomas Simeon jazia, cegado pelos pássaros. Onde a raposa andava; o Senhor Raposa, a fera que tanto o ensinara. Aquela sabedoria estava nele agora. Ela o tornava astuto. Ela o tornava preparado.

– Então me toque – disse a Steep, estendendo a mão a seu inimigo, como Simeon exibindo sua pétala radiante. – Eu o desafio. Toque-me. Vamos ver onde isso nos leva. – Steep havia parado onde estava, estudando Will com amargura.

– Você disse que ele estaria fraco – observou Rosa, claramente divertida.

– Já falei para ficar quieta – disse Steep.

– Tenho tanto direito...

– Cale a boca! – rugiu Steep.

– Por que nós simplesmente não resolvemos isso na conversa como pessoas racionais? – perguntou Will. – Também não quero ser assombrado por isso. Quero libertar você. Juro que quero isso.

– Você não pode controlar – disse Steep. – Há um buraco na sua cabeça, onde o mundo penetra. Você provavelmente o conseguiu de sua mãe maluca. Um pequeno toque de paranormalidade. Não faria diferença se você estivesse lidando com um homem comum.

– Mas não estou.

– Não, não está.

– Você é mais alguma coisa. Os dois são.

– Sim...

– Mas não sabem o quê, não é?

– Você é mais parecido com seu pai do que pensa – observou Steep. – Os dois loucos por respostas, mesmo quando as vidas estão em perigo.

– Como é? Sabem ou não sabem?

Foi Rosa quem respondeu, não Steep.

– Admita, Jacob – disse ela. – Não sabemos.

– Talvez eu possa ajudar vocês – disse Will.

– Não – respondeu Steep. – Você não vai me convencer a poupá-lo, portanto não perca seu fôlego. Não estou com tanto medo de minhas próprias lembranças que não possa suportá-las tempo suficiente para cortar sua garganta. – Tirou a faca da sua bainha de couro. – O erro não foi seu. Eu aceito isso. Foi meu. Eu estava só e queria um companheiro. Escolhi sem pensar. Foi simplesmente isso. Se você tivesse sido um garoto comum, poderia ter tido sua aventura e seguido seu caminho. Mas você viu demais. Sentiu demais. – Sua voz estava densa de sentimento, e nem tudo disso era raiva, nem de longe. – Você... me tomou... ao seu coração, Will. E meu lugar não é aí.

A luz estava forte o suficiente, e Steep perto o suficiente, para que Will pudesse ver como ele parecia doente com a expectativa. Seu rosto estava branco e frágil; sua beleza apesar da barba e da cúpula de sua testa, agora quase feminina; quase luxuriante, com o rosto devastado, os lábios, os olhos, a curva de sua bochecha. Levantou a faca, e com seu brilho Will se lembrou de como era tê-la em sua mão. Seu peso, a facilidade do manuseio. A forma como ela conduzira seus dedos com ela, para fazer seu trabalho. Se Steep chegasse à distância de atacar, não haveria esperança de retaliação. A faca encontraria a vida de Will e a levaria, tão rápido que ele mal perceberia.

Olhou de relance à sua esquerda, procurando o portão que levava para fora do jardim. Estava a dez, talvez doze metros de distância. Se ele se movesse, Steep o interceptaria em três passadas no máximo. Sua única esperança era paralisar Steep; e o único meio que tinha para fazer isso era um nome.

– Fale-me de Rukenau – disse.

Steep parou, seu rosto – que no presente estado era incapaz de ocultar seus sentimentos – revelando surpresa pura. Sua boca se abriu, mas nenhuma palavra saiu dela. Foi Rosa quem disse:

– Conhece Rukenau?

A essa altura, Steep já havia se recobrado o suficiente para dizer:

– Impossível.

– Então como...

– Não importa – disse Steep, claramente determinado a não se deixar distrair de seu propósito, – Não quero ouvir falar dele.

– Eu quero – disse Rosa, aproximando-se de Steep. – Se ele sabe alguma coisa, então devíamos fazer com que diga. – Passou por Jacob e ficou entre Will e a faca. Já era alguma coisa não ser capaz de ver a lâmina.

– O que você sabe de Rukenau?

– Umas coisas – disse Will, tentando manter sua atitude despreocupada.

– Está vendo? – disse Steep. – Ele não sabe nada.

Will um lampejo de dúvida percorrer o rosto de Rosa.

– É melhor me contar – ela disse baixinho. – Rápido.

– Então ele me matará – disse Will.

– Posso convencê-lo a deixar você ir – ela disse, a voz chegando perto de um sussurro. – Se puder enviar uma mensagem a Rukenau... lhe dizer que eu quero voltar para ele...

Will vislumbrou um pouco do rosto de Steep por trás do ombro dela. Ele estava tolerando aquela conversa; mas não por muito tempo. Se Will não fornecesse maiores provas muito rapidamente, a faca o pegaria. Respirou fundo, e então entregou a única informação verdadeira que possuía.

– Voltar para a Casa, você quer dizer? – disse ele. – O Domus Mundi?

Rosa arregalou os olhos.

– Oh, meu Deus – disse ela. – Ele sabe alguma coisa. Ela olhou para Steep. – Ouviu o que ele disse?

– É um truque – replicou Steep. – É algo que ele achou na minha cabeça.

– Você nunca me deixou ver tão longe – argumentou Will.

Os olhos de Rosa estavam novamente sobre Will, queimando.

– Quero voltar para lá – disse ela. – Quero ver...

Ela não teve tempo de terminar. Steep agarrou o braço dela e puxou-a para longe de Will. A reação dela foi instantânea. Puxou o braço e deu um soco no rosto de Jacob, quase casualmente. O soco o desequilibrou. Ele

cambaleou para trás, mais surpreso, pensou Will, que machucado. – Não se atreva a pôr as mãos em mim! – cuspiu para ele, voltando para terminar o interrogatório de Will. – Fale-me rápido o que sabe – disse. – Você me ajuda, eu te ajudo, juro! – Ela estava falando a verdade, Will percebeu. – Eu lhe disse, não sou cruel – ela continuou. – Jacob queria seu pai morto, eu não. Ele queria enfraquecer você com a tristeza. – Atrás dela, Jacob soltou um grunhido baixinho. Ela o ignorou e continuou falando. – Não precisamos ser inimigos. Ambos queremos a mesma coisa.

– E o que é?

– Cura – disse ela.

E então Steep tornou a segurá-la, com mais força desta vez, puxando-a para fora de seu caminho. Dessa vez ela não o acertou, mas se virou, soltando uma praga para ele. O que aconteceu em seguida? Foi tão rápido que era difícil dizer. Will vislumbrou a faca entre eles, movendo-se como no bosque, como um relâmpago letal. Então ela sumiu, eclipsada por Rosa enquanto ela se virava, a lâmina afundando no peito dela. Ele a ouviu soltar o ar, que se transformou num soluço; viu-a virar o rosto para Steep, que naquele mesmo momento baixou o olhar para o lugar onde a faca havia se enterrado. Inspirando novamente num soluço, Rosa empurrou o assassino para longe. Ele foi, de mãos vazias, e cambaleou por alguns segundos, erguendo as mãos para agarrar a faca, que ainda estava enterrada nela até o cabo.

Seus dedos o encontraram, e com um grito que certamente despertou todos os pacientes que dormiam no hospital, puxou-a para fora de sua carne e jogou-a no chão. Um fluido estranho saiu com ela, copioso, espalhando-se por sua blusa e manchando sua saia. Ela olhou para essa progressão com uma espécie de curiosidade no rosto. Então, levantando a cabeça para fixar Steep novamente, cambaleou na direção dele.

– Oh, Jacob – ela soluçou. O que foi que você fez?

– Não, não... – disse ele, balançando a cabeça, as lágrimas descendo pelas faces. – Não fui eu...

– Me abrace! – ela pediu, abrindo os braços e tropeçando em sua direção.

Era óbvio, pela cara dele, que não queria tocá-la, mas não tinha escolha. Seu corpo se moveu para apanhá-la, os braços se abrindo como um espelho dos dela, e então trancando-se ao redor dela, a violência da queda de Rosa fazendo com que ambos caíssem de joelhos. Ele não protestava sua

inocência agora. Simplesmente colocou a cabeça soluçante no ombro dela e ficou repetindo seu nome.

Will não queria ver o fim disso. Tinha um momento para fugir, e aproveitou-o, passando longe do casal ao atravessar o jardim até o portão. No caminho, seus olhos deram com a arma do crime, que jazia na grama cheia de orvalho onde Rosa a havia largado. Seu instinto foi mais rápido que suas dúvidas. Num movimento parou e apanhou-a, seu peso excitando a mão enquanto prosseguia. Somente quando ele havia chegado ao portão, e se sentido seguro da perseguição, virou-se para olhar para Rosa e Jacob. O casal não havia se movido. Ainda estavam de joelhos, Steep agarrando a mulher para junto de si. Ele estava soluçando? Will achava que sim. Mas o canto dos pássaros, surgindo de toda parte para saudar o dia, era tão alto que não pôde ouvir a tristeza dele.

X

A o longo dos anos, Will precisou polir seus poderes de dissimulação até que eles ficassem praticamente impecáveis: abrindo seu caminho para lugares aonde não deveria ir para

ver documentos que não deveria ver. Eles lhe serviram muito bem nas horas que se seguiram ao confronto no roseiral. Primeiro no hospital, minutos após o esfaqueamento, assinando os papéis que permitiam que o corpo de seu pai fosse etiquetado e levado dali, em seguida no carro com Adele, voltando para casa: durante toda essa rotina fingiu um comportamento calmo e prosseguiu com ele sem problemas.

Não repetiu a confissão de Rosa a Adele, naturalmente. De que adiantaria? Melhor que ela acreditasse que seu amado Hugo morrera contente durante o sono do que ficar perturbada com a morte, em todos os seus detalhes grotescos, especialmente quando essa verdade levantava tantas questões que Will não podia responder. Pelo menos não ainda. Coisas suficientes já haviam sido ditas no jardim para que ele ousasse acreditar que ainda poderia decifrar o mistério. Rosa falando de Rukenau como uma presença viva (tão imune às exigências da idade, ao que parecia, quanto ela e Steep), e a ideia de que ele era de algum modo um curandeiro da dor dela (será que ela estava prevendo a ferida que receberia?) eram novos elementos à história. Ele ainda não juntara as peças, mas juntaria. O que havia sentido no jardim, ainda sentia: que o Senhor Raposa permanecia nele, seu espírito efervescente. Ele farejaria a verdade, não importando debaixo de quantas carcaças ela estivesse oculta.

Sem dúvida seria um processo perigoso: qualquer intenção assassina que Steep tivesse alimentado antes do amanhecer certamente estava multiplicada por cem agora. Will não era mais simplesmente um erro de julgamento; um rapaz com um buraco na sua cabeça que crescera e se transformara em um homem por demais insistente. Não só possuía informações (muito poucas, na verdade, mas Steep não sabia disso) como também testemunhara o ferimento de Rosa. Como se tudo isso não bastasse, Will agora tinha a faca. Ele a sentia batendo contra seu peito

enquanto dirigia, segura no bolso interno do jaqueta. Ainda que por nada mais, Jacob viria buscá-la.

Dado esse fato, Will queria se separar de Adele assim que possível. Obviamente Steep não tinha muito pudor em machucar pessoas que estivessem entre ele e sua presa; a vida de Adele certamente seria aniquilada se ficasse no caminho dele. Por sorte, ela já estava em seu modo pragmático as lágrimas todas secas, pelo menos por ora, enquanto listava todas as coisas que precisava fazer. Havia o dono da funerária a se contatar, e um caixão a escolher, e o vigário da St. Luke's precisava ser avisado, para encomendar o corpo. Ela e Hugo haviam encontrado um bom cantinho, ela dissera a Will, próximo à parede oeste do cemitério. Estranho, pensou Will, para um homem que fazia cara feia para qualquer profissão de crença religiosa, abandonar a facilidade e a limpeza da cremação em favor do enterro entre os anciãos tementes a Deus do vilarejo. Talvez Hugo tivesse feito isso por Adele, mas mesmo isso era notável, à sua maneira: ele ter posto seus próprios sentimentos de lado para acomodar os desejos dela. Especialmente essa decisão, a última. Talvez ele sentisse mais por ela do que Will havia imaginado.

– Ele fez um testamento, isso eu sei – Adele estava dizendo. Está com um advogado em Skipton. Um Sr... Sr... Napier. Isso. Napier. Acho que você deveria entrar em contato com ele, porque é o parente mais próximo. – Will disse que faria isso imediatamente. – Primeiro, o café disse Adele.

– Por que não vai para a casa de seu irmão por algumas horas? – Will sugeriu. – Você não vai querer ficar cozinhando...

– É exatamente o que eu quero fazer – ela disse com firmeza. Fui mais feliz nesta casa... – estavam passando pelo portão enquanto ela falava – do que em qualquer outro lugar em que já estive. E é aqui que quero ficar agora.

Ela obviamente não ia se comover com o assunto, e Will se lembrava da teimosia dela o suficiente para saber que mais pressão só faria com que ela se entrincheirasse mais. Melhor comer e reconsiderar a situação de barriga cheia. Tinha algumas horas de graça, suspeitava, até que Steep fizesse outro movimento. Havia o corpo de Rosa para Jacob lidar, por exemplo; isso, supondo que ela estivesse morta. Se não estivesse, ele provavelmente estaria cuidando dela. Ela tinha pelo menos uma ferida horrível, feita por uma arma que tinha mais do que sua parcela de capacidade fatal. Mas ela já havia vivido mais do que o normal para um humano por muitas décadas

(ela estivera lá, nas margens do Neva, duzentos e cinquenta anos antes), e portanto não era tão suscetível à morte quanto um ser humano normal. Talvez estivesse se recuperando naquele exato instante.

Resumindo, sabia muito pouco, e podia prever ainda menos. Nessas circunstâncias, coma. Essa era a receita de Adele, e por Deus, funcionava. O estado de espírito dos dois melhorou depois que ela cozinhou e serviu um desjejum próprio de reis suicidas: bacon, salsicha, ovos, rins, cogumelos, tomates e pão frito.

– A que horas você foi dormir noite passada? – ela lhe perguntou enquanto comiam. Ele disse que por volta de uma e meia. – Você devia se deitar um pouco esta tarde – disse ela. – Duas horas não são o suficiente para ninguém.

– Talvez eu ache um tempinho mais tarde – disse, embora tivessem de equilibrar as exigências da fadiga e da vigilância para fazer isso.

Fortificado pela comida, chá e dois cigarros, fez a ligação para o advogado Napier, para tranquilizar Adele. Napier expressou suas condolências, e confirmou que sim, todos os documentos necessários haviam sido completados dois anos antes, e a menos que Will pretendesse contestar os desejos de seu pai, todo o dinheiro de Hugo, e claro, a casa, iriam para Adele Bottrall. Will respondeu que não tinha intenção de contestá-los, e agradecendo a Napier por sua eficiência, foi passar a notícia a Adele.

Encontrou-a na porta do estúdio de Hugo.

– Acho que você devia verificar os papéis dele, e não eu – disse ela. – Só em caso de haver... ah, não sei... coisas de sua mãe. Coisas particulares.

– Não precisamos fazer isso hoje, Adele – Will disse gentilmente. – Não, não, eu sei. Mas quando chegar a hora, eu me sentiria melhor se você fizesse isso.

Disse a ela que sim, e falou de sua conversa com Napier.

– Não sei o que vou fazer com a casa – ela disse.

– Nem pense nisso agora retrucou Will.

– Nunca fui muito boa com esses negócios jurídicos – disse ela, a voz suave como ele nunca ouvira. – Fico confusa com a conversa dos advogados.

Ele pegou a mão dela. Os dedos finos estavam frios, mas a pele dela estava macia como seda, apesar dos anos de lavagem e limpeza.

– Adele – disse – Me escute. Papai era muito organizado.

– Sim – disse ela. – Eu gostava disso nele.

– Então você não precisa se preocupar...

Subitamente ela disse:

– Eu o amava, sabe? – Dizer isso pareceu surpreendê-la tanto quanto surpreendeu Will; os olhos dela ficaram cheios de lágrimas. – Ele me fez... tão feliz. – Will abraçou-a, e ela aceitou seu consolo. Ele não insultou a tristeza dela com lugares-comuns; ela havia amado aquele homem de todo o coração, e agora ele estava morto, e ela estava só. Não havia palavras para isso. O pouco consolo que podia oferecer, ofereceu com seus braços, balançando-a gentilmente enquanto ela chorava.

Na vida, ele vira a tristeza pela morte em uma centena de espécies. Tirara fotos de elefantes perto dos corpos dos mortos de sua espécie, a tristeza no menor dos movimentos da massa deles; e macacos, enlouquecidos de tristeza, gritando ao redor de seus mortos como homens que chorassem a perda de um membro de seu clã; uma zebra, farejando um potro atacado por cães selvagens, cabeça baixa pelo peso de sua perda. Esta vida era cruel para coisas que sentiam ligações, pois essas ligações eram sempre quebradas, mais cedo ou mais tarde. O amor podia ser flexível, mas a vida era quebradiça. Ele se despedaçava, ele ruía, enquanto a terra continuava a girar, e o céu a escurecer e clarear como se nada tivesse acontecido.

Por fim, Adele se afastou dele, e enxugando as lágrimas com um lenço muito usado, fungou e disse:

– Bem, isto não vai nos levar a lugar algum, vai? – Ela respirou fundo, com um suspiro. – Lamento que as coisas fossem do jeito que eram entre você e Hugo. Eu sei como ele podia ser, acredite em mim, eu sei. Mas ele podia ser tão maravilhoso, quando não sentia necessidade de aparecer. Ele não precisava fazer isso comigo. Eu o idolatrava e ele sabia. E, claro, ele gostava de ser idolatrado. Acho que a maioria dos homens gostam. – Ela fungou com força, e por um instante pareceu que as lágrimas iam voltar a rolar, mas ela levou a melhor. – Vou chamar o vigário – disse, forçando a boca a uma vaga lembrança de um sorriso. – Vamos ter que pensar em alguns hinos.

Quando ela foi embora, Will abriu o estúdio e deu uma espiada. As cortinas estavam parcialmente fechadas, um raio de luz caindo sobre a mesa atulhada e o carpete gasto. Will entrou na sala, respirando o cheiro de livros e fumaça velha de cigarro. Aquela havia sido a fortaleza de

Hugo: uma sala de grandes homens e grandes pensamentos, ele sempre gostara de dizer. As prateleiras, que cobriam duas paredes do chão ao teto, estavam atulhadas de livros. Todos os suspeitos de sempre: Hegel, Kierkegaard, Hume, Wittgenstein, Heidegger, Kant. Will dera uma olhada em alguns volumes desses em sua juventude – uma última tentativa culpada de conseguir o favor de Hugo mas o conteúdo fora tão incompreensível quanto uma página de equações matemáticas. Sobre a mesa antiga à esquerda da janela, a segunda maior coleção que aquela sala apregoava: uma dúzia ou mais de garrafas de uísque; todas raras, e todas saboreadas quando a porta do estúdio estava fechada e Hugo sozinho. Imaginou seu pai agora, sentado na poltrona de couro surrado atrás de sua mesa, bebericando a pensando. Será que o uísque facilitara sua compreensão das palavras?, ele se perguntou. Será que sua mente passava pelas florestas de Kant com mais rapidez quando lubrificada por uma dose de malte?

Foi até a mesa, onde uma terceira coleção estava reunida: os pesos de papel de metal de Hugo, sete ou oito, colocados sobre várias pilhas de notas. Se alguma correspondência privada com Eleanor sobrevivera, estaria ali, numa das gavetas. Mas duvidava de que existisse. Mesmo supondo que seus pais um dia se amaram tanto a ponto de trocar torpedinhos apaixonados, não conseguia imaginar Hugo guardando-os após a separação.

Havia uma resma de papéis sobre o mata-borrão no meio da mesa. Will apanhou-a e folheou-a. Pareciam anotações para uma palestra; cada palavra contestada, riscada e reescrita, partes do texto com tantas anotações que era virtualmente indecifrável. Abrindo a cortina um pouco mais para lançar mais luz sobre a mesa, sentou-se na poltrona do pai e estudou as folhas caóticas, tentando compreender o texto da melhor forma possível.

Nós lidamos diariamente com os fatos esquálidos de nossa animalidade, escrevera Hugo, colocando (ilegível) um processo de autocensura tão enraizado que não a conseguimos mais ver em ação. Não examinamos o excremento na privada ou o escarro no lenço à procura de indicadores morais ou éticos (ele primeiro escrevera espirituais em lugar de éticos, mas riscou a palavra). Em seguida, um parágrafo que ele havia cortado completamente, enchendo-o de riscos em seu fervor de apagá-lo. Quando o texto era retomado, estava mais claro, mas ainda problemático:

Lágrimas, podemos permiti-las, trazem consigo uma medida de significado emocional. Em certos (ilegível) *suor pode ser...* (ilegível) *Mas, à medida que as metodologias científicas vão se tornando cada vez mais sofisticadas, suas ferramentas mapeando e* (calibrando, era isso mesmo? Ou calculando? Uma das duas) *as nuanças do mundo fenomênico com uma precisão que teria sido impensável uma década atrás, somos obrigados a reconfigurar nossas suposições. Significantes químicos a seiva que escorre de nossa carne e órgãos em resposta à atividade emocional pode ser encontrada em todos os nossos dejetos.* Ao lado disto, ele havia rabiscado três pontos de interrogação, como se tivesse dúvida de seus fatos. Continuou trabalhando sua tese mesmo assim:

A emoção, noutras palavras, reside na questão mais desprezada em nossos parâmetros locais, e breve será dentro do reino da sensibilidade instrumental que a fonte emocional precisa desses significantes poderá ser descoberta. Resumindo, seremos capazes de reconhecer uma qualidade de muco que carregue em si traços de inveja; uma amostra de suor que contenha evidências de nossa fúria; uma porção de excremento que possa ser chamada de amor.

A lógica perversa da construção de seu pai provocou um sorriso nos lábios de Will; a forma como aquela última frase fora inteligentemente construída, frase a frase, até o clímax na inevitável colisão do sublime e do abjeto. Será que Hugo teve a intenção real de passar isso aos seus alunos? Se fosse assim, teria sido uma visão e tanto, pensou Will, vê-los se darem conta da importância do que estavam aprendendo.

Então seguiam dois parágrafos e meio que haviam sido riscados, e depois em seguida Hugo levara sua argumentação a uma direção ainda mais improvável, sua linguagem ficando cada vez mais irônica. *Como devemos ler e interpretar esses bons augúrios?,* escrevera. *Esta curiosa interface entre emoções que temos em grande estima e o muco que nossos corpos derramam e expelem? Ao passar esses significantes químicos para a matriz viva e sensível de um mundo que nos agrada caracterizar como neutro, não estaríamos talvez influenciando-o de maneiras que nem nossas ciências nem nossas filosofias até então reconheceram? E além disso, ao reconsumir os produtos desta realidade agora conspurcada como comida, não estamos em algum nível no momento indiscernível, continuando um ciclo de consumação emocional: jantando, por exemplo, uma salada com o molho das emoções de outros homens?*

No mínimo, vamos admitir a possibilidade de que nossos corpos sejam uma espécie de mercado, em que a emoção é ao mesmo tempo a moeda e o bem de consumo. E se ousarmos uma postura mais corajosa, consideremos que o terreno que chamamos de nossas vidas interiores está, de um modo que ainda não podemos analisar ou quantificar, afetando o chamado mundo externo ou exterior em um nível tão sutil mas inteiramente invasor que a distinção entre os dois, que depende de uma definição clara de um estado não-senciente, material e nós, seus senhores pensantes e emotivos, se torna problemática. Talvez o desafio que virá não seja, como disse Yeats, que "o centro não se sustente", mas que as fronteiras estejam se tornando difusas. Tudo o que constituía a expressão invejosamente definida de nossa humanidade – nossos eus privados, apaixonados é na verdade um espetáculo público, suas visões tão universalmente manifestas e tão lugar-comum que jamais poderemos obter a distância necessária para nos separarmos da própria sopa em que nadamos.

Que coisa estranha, pensou Will ao depositar as folhas de volta ao mata-borrão. Embora a palavra espiritual tivesse sido expurgada muito severamente do texto, sua presença permanecia. Apesar do humor seco, e do vocabulário frio do texto, era a obra de um homem tateando seu caminho na direção de uma visão numinosa; sentindo, talvez com relutância, que suas filosofias não tinham mais fôlego, e era hora de deixá-las morrer. Isso, ou ele escrevera aquele texto completamente bêbado.

Will havia permanecido tempo suficiente. Já estava na hora de prosseguir com os afazeres do dia, o primeiro dos quais era entrar em contato com Frannie e Sherwood. Eles precisavam saber dos eventos no hospital, caso Steep fosse procurá-los. Improvável, talvez, mas possível. Voltando à sala de estar, Will encontrou Adele ocupada ao telefone, conversando, supôs, com o vigário. Enquanto aguardava que a conversa terminasse, ele sopesou os méritos relativos de dar sua mensagem aos Cunningham por telefone ou ir ao vilarejo para falar com eles em pessoa. Quando Adele terminou, ele já havia tomado sua decisão. Não eram notícias que se dessem por telefone; falaria com eles cara a cara.

O enterro fora marcado para sexta-feira, Adele lhe contou, dali a quatro dias, às duas e meia da tarde. Agora que ela tinha a data marcada, podia começar a organizar as flores, os carros e a comida. Já fizera a lista dos convidados; havia alguém que Will queria acrescentar? Ele disse que tinha certeza de que a lista dela estava ótima, e que se ela estava contente em

prosseguir com seus arranjos, ele iria até o vilarejo por mais ou menos uma hora.

– Quero que você tranque a porta da frente quando eu não estiver aqui – disse ele.

– Por quê?

– Não quero que nenhum... estranho entre em casa.

– Eu conheço todo mundo – ela disse jovial. Então, percebendo que ele não estava tranquilo, perguntou: – Por que você está tão preocupado?

Ele sabia que ela ia fazer essa pergunta, e tinha uma mentira fraquinha preparada. Ele ouvira duas enfermeiras conversando no hospital, disse a ela: havia um homem na área que estava tentando entrar nas casas das pessoas com uma conversa esfarrapada. Então descreveu Steep, embora de modo vago, para que ela não suspeitasse. Ele não tinha certeza nenhuma de ter sido bem-sucedido, mas não importava: desde que ele tivesse insuflado ansiedade suficiente para fazer com que ela não deixasse Steep entrar, fizera tudo o que lhe era possível.

XI

i

Não foi direto para a casa dos Cunningham, mas parou na banca de jornais para um maço de cigarros. Adele havia aparentemente falado com outras pessoas além do vigário enquanto Will estava no estúdio, porque a Srta. Morris já sabia da morte de Hugo. – Era um bom homem – disse. Quando será o enterro? – Ele disse que seria na sexta. – Vou fechar a loja – disse ela. – Quero estar lá para prestar meus respeitos. Vamos sentir falta do seu pai.

Frannie estava em casa, no meio do serviço doméstico, avental na cintura, cabelos presos, espanador e lustra-móveis em punho. Cumprimentou Will com o carinho de sempre, convidando-o a entrar e oferecendo café. Ele recusou.

– Preciso falar com vocês dois – disse ele. – Cadê Sherwood?

– Saiu respondeu ela. – Sumiu cedinho, enquanto eu ainda estava me levantando.

– Isso é incomum.

– Não, não quando ele não está se sentindo bem. Ele sobe as colinas, às vezes fica fora o dia todo, só caminhando. Por quê, o que aconteceu?

– Muita coisa, receio. Quer se sentar?

– É tão ruim assim?

– Neste momento não sei se é bom ou ruim – ele disse.

Frannie tirou o avental e se sentaram nas poltronas que ladeavam a lareira fria.

– Vou resumir o máximo que puder – ele disse, e lhe deu um resumo de cinco minutos dos eventos no hospital. Ela ofereceu algumas palavras de condolências pela morte de Hugo, mas depois ficou em silêncio até ele relatar o efeito que o nome Rukenau teve sobre Rosa e Jacob.

– Eu me lembro desse nome – disse ela. – Está no livro, não está? Rukenau foi o homem que contratou Thomas Simeon. Mas como isso tudo se encaixa no feliz casal?

– Não são mais um feliz casal – disse Will, e contou o resto da história. Ela ficava mais espantada a cada instante.

– Ele a matou? – perguntou.

– Não sei se ela está morta. Mas se não estiver, é milagre.

– Oh, meu Deus. Então o que vai acontecer agora?

– Steep vai acabar querendo terminar o que começou. Pode esperar até escurecer, pode...

– Simplesmente chegar e bater à porta.

Will fez que sim.

– Você devia arrumar algumas coisas e estar pronta para ir embora assim que Sherwood chegar.

– Você acha que Steep virá para cá?

– Pode ser. Ele já esteve aqui antes.

Frannie olhou para a porta da frente.

– Ah... sim... – disse baixinho. – ainda sonho com isso. Papai na cozinha, Sher nas escadas; eu com o livro na mão, sem querer devolvê-lo a ele... – Empalideceu visivelmente nos últimos segundos. – Tenho uma sensação horrível, Will. Sobre Sherwood. Levantou-se, torcendo as mãos. – E se ele estiver com eles?

– Por que está pensando nisso?

– Porque ele nunca deixou de pensar em Rosa. Na verdade, ele pensa nela o tempo todo, tenho certeza. Só admitiu isso uma ou duas vezes, mas ela nunca esteve longe de sua mente.

– Maior motivo para você fazer as malas e se preparar para ir – disse Will, levantando-se. – Quero que saiamos daqui no momento em que Sherwood voltar.

Ela se encaminhou para o hall, falando no caminho. Will foi atrás.

– Antes você disse que não tinha certeza se a notícia era boa ou ruim – observou ela. – Me parece que é ruim.

– Para mim não – disse Will. – Tenho vivido na sombra de Steep há trinta anos, e agora vou me libertar dele.

– Se ele não te matar – disse Frannie.

– Ainda assim estarei livre.

Ela o encarou.

– Você está tão desesperado assim? – perguntou ela.

– As coisas são o que são – ele respondeu, dando de ombros. – Sabe, não me arrependo de tê-lo conhecido: ele me fez quem eu sou, e como posso me arrepender de ser eu?

– Tenho certeza de que muitas pessoas se arrependem. De ser quem são, quero dizer.

– Bom, eu não sou uma delas – disse ele. – Consegui da vida muito mais do que jamais pensei que fosse conseguir.

– E agora?

– Agora preciso mudar. E posso sentir isso acontecendo. As coisas mudando em mim.

– Quero que me fale disso.

– Acho que não tenho palavras – disse ele. Sorriu. Então, vendo o olhar intrigado no rosto dela, disse: – Eu estou... excitado. Sei que parece estranho, mas estou. Tive medo de que isso tudo não tivesse um fim. Agora vai ter, de um jeito ou de outro.

Ela desviou o olhar dele e correu para cima, gritando para ele ao alcançar o patamar.

– Você tem algum meio de se defender contra ele?

– Tenho sim.

– Vai me dizer qual é?

– É só uma coisa – disse ele, metendo a mão dentro da jaqueta e tocando a faca, o que não fizera desde que a pegara. Sentiu a emoção de sua história nos dedos, e sabia que devia soltá-la. Mas sua carne se recusava. Seus dedos se apertaram contra o cabo grudento, instantaneamente viciado no fluxo de adrenalina que ela fornecia. No mal que aquela faca podia fazer...

Não seria difícil matar Steep; deslizar a lâmina fundo dentro de sua carne infeliz e parar seu coração. E se ele não tivesse coração para parar, então a faca simplesmente iria abrindo buracos nele, até que ele fosse uma coisa toda esfarrapada, com a vida escorrendo por toda parte.

– Will?

Frannie o estava chamando lá de cima.

– Sim?

– Não me ouviu? Eu estava te chamando.

Perdido nas brutalidades da lâmina, ele não havia ouvido uma só palavra.

– Algum problema? – ele gritou de volta, abrindo a jaqueta ao fazê-lo. A mão ainda estava agarrada ao cabo da faca, os nós dos dedos brancos.

– Eu só gostaria de uma xícara de chá! – Frannie gritou de volta. Era um contraste tão absurdo – a faca em sua mão, suja com os sucos de Rosa, e a

sede de Frannie por chá – que o tirou completamente de seu devaneio. Soltou a mão da faca com um safanão, e fechou a jaqueta como se estivesse fechando a tampa da Caixa de Pandora.

– Vou fazer – disse, e foi até a cozinha, o corpo doendo com o movimento. No início não entendeu por quê. Só quando lavou a mão debaixo da água fria da torneira que percebeu que eram as cicatrizes deixadas pela ursa que o perturbavam, como se seu organismo o estivesse punindo por lhe negar o prazer da lâmina despertando velhas dores. Sentiu que teria de ser cuidadoso. A faca não deveria ser tratada de qualquer maneira. Se e quando a utilizasse, haveria consequências.

A mão limpa, começou a preparar o chá, ouvindo Frannie correr de um lado para o outro lá em cima. Ela recebera a ameaça de calamidade em sua vida, mas seu jeito agitado sugeria que ela já esperava isso vagamente. Como ele, ela fora marcada; Sherwood também. Não tão profundamente, talvez; mas quem podia dizer? Se Sherwood não tivesse sido vítima de Rosa, talvez seu estado mental tivesse melhorado ao longo dos anos, e Frannie tivesse se libertado de suas responsabilidades para com ele. Talvez tivesse namorado; casado, talvez. Vivido uma vida mais completa e mais feliz do que aquele seu fardo.

Estava enchendo o bule de louça com água fervendo quando ouviu a porta da frente se abrir e fechar, e Frannie gritando lá de cima:

– É você, Sherwood?

Ao invés de se declarar, Will recuou. Frannie estava descendo.

– Eu estava ficando preocupada com você – disse ela. Sherwood murmurou algo que Will não conseguiu ouvir. – Você está péssimo – disse Frannie. – O que aconteceu, meu Deus?

– Nada...

– Sherwood?

Só não estou me sentindo muito bem – disse ele. – Vou me deitar.

– Não pode. Temos que ir embora.

– Eu não vou a lugar nenhum.

– Sherwood, nós precisamos. Steep voltou.

– Ele não vai nos tocar. É o Will... – Parou no meio da frase, e olhou para a porta da cozinha, onde Will havia acabado de aparecer. – Rosa ainda está viva? – perguntou Will.

– Não sei do que você está falando – disse Sherwood. – Frannie, do que ele está falando? Não precisamos ir embora. Will só está aqui para trazer

problemas, como sempre.

– Quem lhe disse isso? – perguntou Frannie.

– É óbvio – respondeu Sherwood, olhando para o chão ao invés do rosto de sua irmã – Foi o que ele sempre fez.

– Onde está ela, Sherwood? – perguntou Will – Onde ele a enterrou?

– Não! – gritou Sherwood – Ela é minha garota e está viva!

– Onde?

– Não vou contar pra você! Você vai machucar ela.

– Não vou não – disse Will, saindo da cozinha. O movimento alarmou Shcrwood. Ele se virou subitamente e disparou para a porta da frente.

– Está tudo bem – gritou Frannie, mas ele não se convenceu. Passou pela porta num segundo, com Will nos seus calcanhares. Desceu o caminho até o portão, que estava aberto, passou por ele e virou à esquerda e depois à esquerda novamente, inteligentemente evitando a rua, onde o tráfego poderia reduzir sua velocidade, e seguindo na direção do terreno aberto atrás da casa. Will o perseguiu pela trilha, gritando em vão para que ele parasse, mas Sherwood era rápido demais. Se chegasse ao campo aberto, Will sabia que a caçada estaria perdida. Mas Frannic o driblou. Apareceu pelos fundos da casa, e correu direto para Sherwood, para interceptá-lo, pegando-o com tanta força que ele não conseguiu se libertar rápido o bastante antes que Will o apanhasse.

– Calma, calma – ela lhe disse.

Ele a ignorou, e voltou sua ira contra Will.

– Por que você voltou? – ele gritou. – Você estragou tudo! Tudo!

– Cale a boca! – brigou Frannie. Quero que você respire fundo e volte para casa e converse feito gente civilizada.

– Primeiro ele tem que tirar as mãos de mim – Sherwood exigiu.

– Você não vai correr, vai? – perguntou Frannie.

– Não – Sherwood respondeu amargo.

– Jura?

– Não sou criança, Frannie! Eu disse que não vou correr, e não vou.

Will o soltou, e Frannie fez o mesmo. Ele não se moveu.

– Satisfeita? – perguntou amuado, e voltou para casa, arrasado.

ii

Uma vez lá dentro, Will deixou que Frannie fizesse as perguntas. Obviamente, para Sherwood o inimigo era ele, e não haveria respostas se

ele fizesse o interrogatório. Ela começou recitando uma versão reduzida do que Will lhe havia dito. Sherwood ficou quieto o tempo todo, olhando para o chão, mas quando ela lhe disse que Hugo havia sido assassinado por Steep e McGee fato esse que ela inteligentemente guardou para si (no início dizendo simplesmente que Hugo estava morto) até quase o fim de seu monólogo – Sherwood não conseguiu evitar o fato de que estava abalado. Ele gostava de Hugo, segundo sua última conversa com Will, e tremeu e depois chorou quando Frannie descreveu a parte de Rosa naquilo tudo.

Por fim ele disse:

– Eu só queria salvá-la do Steep. Ela não tem forças.

Olhou para sua irmã, os olhos pesados de lágrimas.

– Por que ele a machucaria se ela não estivesse tentando se libertar? É isso que ela quer fazer.

– Talvez possamos ajudá-la – disse Will. – Onde está ela?

Sherwood tornou a abaixar a cabeça.

– Pelo menos nos diga o que aconteceu – Frannie disse gentilmente.

– Eu encontrei ela alguns dias atrás, nas charnecas, quando estava caminhando. Ela disse que estava me procurando; precisava da minha ajuda. Me perguntou se eu podia encontrar algum lugar para ela dormir, agora que o Fórum não existia mais. Eu sabia que devia ter medo dela, mas não tive. Imaginei tantas vezes vê-la novamente. Sonhava em encontrar com ela do jeito que eu encontrei, lá em cima, ao sol. Ela parecia tão sozinha. Não havia mudado nem um pouco. E me disse como estava feliz por me ver de novo. Eu era como um velho amigo, ela disse, e esperava que eu pensasse nela da mesma forma. Eu disse que pensava. Disse que conseguiria quartos para ela no hotel em Skipton, mas ela disse que não: Steep se recusava a ficar num hotel, caso alguém trancasse as portas enquanto ele estava dormindo. Não entendi porquê, mas foi o que ela disse. Ela nem havia mencionado o Steep até aquele momento, e fiquei decepcionado. Achei que talvez ela tivesse voltado sozinha. Mas, do jeito como ela me implorou por ajuda, vi que ela estava com medo dele. Então eu disse que conhecia um lugar pra onde eles podiam ir. E levei ela pra lá.

– Você viu Steep? – Frannie perguntou.

– Depois eu vi.

– Ele não te ameaçou?

– Não. Ele estava quieto, e parecia doente. Quase senti pena dele. Só o vi uma vez.

– E hoje de manhã? – perguntou Will.

– Hoje de manhã não vi ele não.

– Mas viu Rosa?

– Eu a ouvi, mas não vi. Estava deitada no escuro; me disse pra ir embora.

– Como estava a voz dela?

– Fraca. Mas não parecia que estava morrendo. Ela teria me pedido pra ajudar ela se estivesse morrendo. Não teria?

– Não se achasse que era tarde demais – disse Will.

– Não diga isso – disparou Sherwood. Você disse que nós podíamos ajudá-la há dois minutos.

– Como é que eu posso ter certeza de alguma coisa até vê-la? – retrucou Will.

– Onde ela está, Sher? – perguntou Frannie. Sherwood estava olhando para o chão novamente. – Vamos lá, pelo amor de Deus. Não vamos machucá-la. Qual é o problema?

– Eu... só não quero... dividir ela – Sherwood disse baixinho. – Ela era meu segredinho. Eu gostava assim.

– Então ela vai morrer – Will disse exasperado. – Mas pelo menos você não dividiu ela. É isso o que você quer?

Sherwood balançou a cabeça.

– Não – murmurou. Então, falando ainda mais baixo: – Vou levar vocês a ela.

XII

A felicidade sempre aguçara o apetite de Jacob pelos seus opostos. Alegre por alguma carnificina bem-sucedida, ele invariavelmente iria direto para alguma cidade culta, onde podia procurar uma peça trágica, melhor ainda se fosse uma ópera, até mesmo um grande quadro, que remexesse a lama rica de sentimentos que ele mantinha sedimentada a maior parte do tempo. Então ele se permitia suas paixões como um bêbado regenerado entre os barris de brandy, embebendo-se até ficar enjoado.

Ao contrário da felicidade, entretanto, o desespero só queria seu par. Quando ele estava sob seu domínio, como agora, sua natureza o levava a descobrir mais dos próprios sentimentos que lhe doíam. Outros buscavam paliativos para suas feridas. Ele só procurava por um pouco mais de sal.

Até agora, ele sempre tivera uma cura para essa doença. Quando o desespero se tornava demais para ele suportar, Rosa estava lá para puxá-lo da beira do colapso total e restaurar seu equilíbrio. Na grande maioria das vezes, o sexo fora o método dela; um cobertor de orelhas, como ela gostava de falar quando estava mais sacana. Hoje, entretanto, Rosa era a causa de seu desespero, não sua cura. Hoje ela estava morrendo, pela sua mão, sua mágoa profunda demais para ser curada. Ele a colocara na penumbra da casa protegida, e a deixara lá segundo as próprias instruções dela.

– Não quero que você fique perto de mim – ela dissera. – Não quero ver você, vá embora.

Então ele fora. Embora do vilarejo e subindo a encosta da charneca, procurando um lugar onde seu desespero pudesse ser amplificado. Seus pés sabiam onde levá-lo: à floresta, onde a maldita criança lhe mostrara visões. Sabia que encontraria muito combustível para sua angústia ali. Não havia lugar algum no planeta onde lamentasse mais colocar os pés do que naquele bosque. Inconsciente, cometera seu primeiro erro oferecendo a faca a Will? O segundo? Não ter matado o garoto assim que percebera que ele era um condutor. Que estranha simpatia recaíra sobre ele naquela noite para que deixasse o pestinha ir embora, sabendo que a mente de Will estava repleta de memórias conspurcadas?

Mesmo essa estupidez poderia não lhe ter custado tão caro se o garoto não tivesse crescido viado. Mas tinha. E, sem ser perturbado pelo chamado à fecundidade, ele se tornara um inimigo bem mais poderoso – não, inimigo não; algo mais elaborado – do que teria sido se tivesse casado e tido filhos. Steep nunca ficara à vontade na companhia de viados, mas sentia, quase contra a vontade, uma espécie de empatia com a condição deles. Como ele, eles eram obrigados a se auto-inventar; como ele, olhavam apenas dentro dos perímetros da tribo. Mas teria com prazer levado um holocausto a todo o clã se isso tivesse evitado que aquele indivíduo, aquele Will, cruzasse seu caminho.

A cinquenta metros da floresta, ele parou e, levantando a cabeça, inspecionou o panorama. O outono estava chegando; ele podia sentir o cheiro de seu toque forte no ar. Era uma época do ano na qual ele frequentemente saía caminhando, tirando uma semana ou duas de folga de seus trabalhos para explorar o interior da Inglaterra. Apesar das calamidades do comércio, o país ainda possuía seus lugares sagrados se um viajante procurasse muito e com cuidado. Comungando com os fantasmas de hereges e poetas, ele percorrera o país de ponta a ponta ao longo dos anos: caminhara pelas estradas retilíneas por onde os *behmenistas* haviam andado, e os ouvia chamar a própria terra o rosto de Deus; descansara nas Colinas Malvern, onde Langland sonhara com Piers Plowman; passeara pelos flancos de túmulos onde senhores pagãos jaziam em leitos de terra e bronze. Nem todos aqueles locais tinham histórias nobres. Alguns eram lugares lamentáveis; campos e bosques onde crentes haviam morrido por seu Cristo. Em Aldham Common, onde Rowland Taylor, o bom vigário de Hadleigh, fora queimado na fogueira, sua fogueira alimentada pelas sebes que ainda cresciam verdes no mesmo lugar; e Colchester, onde uma dezena de almas ou mais haviam sido cremadas numa única fogueira por um pecado de oração. Então para pontos mais obscuros ainda; lugares que havia encontrado apenas porque ouvia como uma mosca na boca de um moribundo. Lugares onde homens e mulheres ímpios haviam perecido por amor, fé ou ambos. Frequentemente ele invejava os mortos. Em pé num campo arado em algum setembro, corvos pousados sobre as árvores nuas, ele pensava na simplicidade daqueles cujo pó estava misturado à terra em suas botas, e desejava ter nascido com um coração mais simples.

Não visitaria aqueles lugares novamente; nem naquele outono nem nunca mais. Sua vida, que fora à sua maneira curiosa um modelo de estabilidade, estava mudando dia a dia, hora a hora. Embora ele certamente fosse silenciar Rabjohns, o ato não consertaria o mal que fora feito. Rosa ainda morreria; e ele seria deixado sozinho em seu desespero, descendo cada vez mais em sua espiral. Como ninguém restaria para assistir a sua descida, ele continuaria caindo até não haver mais onde cair. Então morreria, mais provavelmente pela sua própria mão, e sua visão de uma terra nua seria deixada em outras mãos, menos honrosas.

Não importa, pensou ao retomar a jornada na direção da floresta. Havia muitos homens que estavam a serviço inconsciente do mesmo ideal. Ele tivera o questionável prazer de conhecer uma hoste deles em sua vida: militares enlouquecidos, em alguns casos; muitos dos quais psicóticos; alguns que sabiam precisamente o nome de seu mal, e simplesmente tinham prazer com ele; mas a maioria – estes os mais interessantes para se conversar – homens que não eram pessoalmente inumanos, mas que ficavam sentados em seus escritórios como simples contadores, orquestrando pogroms e limpezas étnicas por razões fiscais e políticas. Fossem quais fossem suas naturezas, eram todos seus aliados, tão indicados a varrer da existência uma espécie quanto ele, em sua procura da ambição. Alguns o faziam porque podiam. Os motivos realmente não lhe importavam. O que importava eram as consequências. Ele queria ver a Criação fenecer, família a família, tribo a tribo, do vasto ao infinitesimal, e ele sempre precisara dos autocratas e tecnocratas para ajudá-lo a atingir seu objetivo. Mas, enquanto estes eram indiscriminados e cruéis, muitas vezes inconscientes do dano que haviam feito, ele sempre tramara contra a vida com a maior precisão; pesquisando suas vítimas como um assassino, para estar mais familiarizado com seus hábitos e seus esconderijos. Uma vez marcados para morrer, poucos lhe escaparam. Ele não conhecia sensação melhor que a de se sentar com um dos mortos e registrar os detalhes dele em seu diário, sabendo que, quando a decomposição reclamasse o cadáver para si, ele, e somente ele, possuiria um registro de como e quando aquela linhagem havia passado para a história.

Este não virá novamente. Nem este. Nem este...

Ele chegara à beira da floresta. Uma rajada de vento se movia entre as árvores, revirando as moedas de sol no chão. Pisou entre elas, desajeitado, enquanto o vento retornava, balançando algumas folhas temporãs. Foi

direto ao lugar onde os pássaros haviam se empoleirado naquele inverno distante. Um ninho de primavera jazia numa bifurcação dos galhos, esquecido agora que cumprira sua função de berçário, mas ainda intacto. Em pé no ponto onde os pássaros haviam caído, ele se lembrava com terrível facilidade da visão que Rabjohns o fizera suportar...

Simeon à luz do sol, um dia antes de morrer, recusando-se ao chamado de seu mecenas, eloquente, mesmo em seu desespero. E então a mesma cena, um dia e um momento mais tarde. Simeon morto, debaixo das árvores, seu corpo já transformado em carniça...

Steep soltou um gemido, esfregando os pulsos contra as pálpebras para pressionar a visão para fora de sua cabeça. Mas ela não queria sair: pulsava atrás de suas pálpebras, como se ele a estivesse vendo agora pela primeira vez em todas as suas cruéis particularidades: as marcas de garras sobre a face e a testa de Thomas, onde os pássaros haviam se apoiado ao arrancar seus olhos; o estrume salpicado em sua coxa, onde algum animal havia se aliviado enquanto farejava; a mecha de cabelos dourados em sua virilha milagrosamente intocada, embora a masculinidade que ela havia aninhado tivesse sido arrancada dali, e deixado o lugar sangue puro, à exceção daquele tufo.

Ele não imaginava que matar o condutor curaria sua angústia cada vez mais profunda. Estava em seu domínio agora, e seria engolido completamente. Mas quando finalmente sucumbisse a ela, o faria à sua própria maneira. Não haveria invasor entre seus pensamentos, se esgueirando onde suas tristezas eram mais delicadas. Morreria sozinho, no ventre de seu desespero, e ninguém saberia quais os últimos pensamentos a visitarem-no ali.

Era hora de ir. Ele havia adiado o momento por tempo bastante, com medo de sua própria fraqueza. Teria gostado de ter sua faca nas mãos ao descer a colina – ela conhecia o ofício da carnificina ainda mais intimamente que ele. Mas não importava. O assassinato era uma arte antiga; mais antiga que a fabricação de lâminas. Ele encontraria um meio de fazer sua ação antes que o momento chegasse. Uma corda; um martelo; um travesseiro. E se tudo o mais falhasse, ele tinha as mãos. Sim, talvez isso fosse melhor, fazer com suas mãos. Era honesto e simples, e como o erro que seria corrigido com a tarefa, o trabalho de carne com carne. A precisão do pensamento o agradou, e em seu presente estado um pouco de

prazer, não importava de que forma fosse conseguido, não era para ser desprezado.

XIII

Não havia açougue em Burnt Yarley desde o falecimento de Delbert Donnelly, e desde a demolição do Fórum nem Donnelly algum. Sua filha Marjorie e família se mudaram para viver em Easdale, e sua viúva estava enterrada em Lyfham St Annes. A loja havia passado por diversas mãos – fora um salão de cabeleireiros, uma caderneta de poupança, um verdureiro e agora era novamente um salão de cabeleireiros. A residência dos Donnelly, entretanto, jamais fora vendida. Não havia motivo suspeito para isso – ninguém havia visto Delbert assombrar o local comendo suas tortas de carne de porco – era simplesmente uma casa feia e sem charme que recebera um preço alto demais para mercado. Para um comprador interessado em privacidade era uma compra ideal, no entanto, cercada por uma sebe de dois metros e dez que fora um dia o orgulho e alegria de Delbert. Se ele tivesse cuidado de sua aparência pessoal como cuidava de sua sebe, observaram algumas pessoas, ele teria sido o homem mais elegante de Yorkshire. Bem, Delbert estava provavelmente mais mal-ajambrado do que nunca, sob o solo barrento do cemitério de St. Luke, e sua sebe estava malcuidada. Naqueles dias, a casa dos Donnelly mal podia ser vista da estrada.

– O que fez você pensar em trazer Rosa pra cá? – Frannie perguntou a Sherwood ao abrir o portão.

Ele olhou para ela com cara de culpado.

– Desde que ela ficou vazia eu venho aqui de vez em quando – disse.

– Por quê?

– Não sei – respondeu ele. – Pra poder ficar sozinho.

– Então todas aquelas vezes que eu achava que você estava andando pelas colinas você estava aqui?

– Nem sempre. Mas muitas vezes. Ele acelerou o passo para ficar um pouco à frente de Frannie e Will, e então virou-se e disse: – Preciso ir sem vocês, não quero que vocês assustem ela.

– Frannie deveria ficar aqui de qualquer maneira – disse Will. – Mas você não vai entrar sozinho. Steep pode estar aí dentro.

– Então nós três entramos – disse Frannie. E ponto final. – E, dizendo isso, atravessou o caminho de cascalho até a porta da frente, deixando que

os homens corressem atrás dela. A porta da frente estava aberta, o interior relativamente claro. A fonte de iluminação não era luz elétrica, mas dois buracos enormes, o maior com um metro e oitenta de largura, cortesia das tempestades que assolaram o vilarejo fevereiro passado. Ventos de cento e trinta quilômetros por hora haviam arrancado as telhas e as chuvas geladas carcomeram as tábuas. Agora o dia brilhava lá dentro.

– Onde está ela? – Will sussurrou para Sherwood.

– Na sala de jantar – respondeu ele, acenando com a cabeça para o outro lado do hall. Havia três portas para escolher, mas Will não precisou adivinhar. Da mais próxima veio a voz de Rosa. Estava fraca, mas não havia como duvidar de seus sentimentos.

– Não cheguem perto de mim. Não quero ninguém perto de mim. – Não é Jacob disse Will, indo até a porta e abrindo-a. Havia postigos na janela, e eles estavam quase fechados, deixando a sala na penumbra. Mas ele encontrou-a rapidamente, encostada contra a parede à direita do peitoril da chaminé, suas sacolas ao seu redor. Ela se sentou quando ele entrou, embora com muito esforço.

– Sherwood? – ela perguntou.

– Não. É Will.

– Eu costumava ouvir tão bem – disse Rosa. – Então ele ainda não te encontrou?

– Ainda não. Mas estou pronto para quando isso acontecer.

– Não se iluda – disse ela. – Ele vai te matar.

– Também estou pronto para isso.

– Imbecil – murmurou ela, balançando a cabeça. – Ouvi uma voz de mulher...

– É Frannie. A irmã de Sherwood.

– Traga ela aqui – disse Rosa. – Preciso de cuidados.

– Eu posso fazer isso.

– Você não – disse ela. – Quero uma mulher para fazer isso. Vá logo – disse.

Will voltou ao hall. Sherwood estava mais perto da porta, louco para entrar. Mas Will lhe disse:

– Ela quer a Frannie.

– Mas eu...

– É o que ela quer – replicou Will. Então, para Frannie: – Ela diz que precisa de cuidados. Acho que ela não vai deixar que a levemos a um

médico. Mas tente convencê-la.

Frannie parecia bastante desconfiada, mas depois de um momento de hesitação passou por Sherwood e Will, e entrou.

– Ela vai morrer? – Sherwood perguntou, muito suavemente.

– Não sei – respondeu Will. – Ela viveu uma vida muito longa. Talvez seja hora.

– Não vou deixar – disse Sherwood.

Frannie voltou à porta.

– Preciso de gaze e bandagens – ela disse. – Volte lá pra casa, Sherwood, e traga o que puder encontrar. Ainda tem água corrente na casa?

– Tem – respondeu Sherwood.

– Pode convencê-la a nos deixar levá-la a um médico?

– Ela não irá. E não acho que eles sejam capazes de fazer muito por ela, de qualquer maneira.

– Está tão ruim assim?

– Não é só ruim. É estranho. Não é igual a nenhuma ferida que eu já tenha visto antes – estremeceu. – Não sei se eu vou conseguir tocá-la de novo. – Olhou para Sherwood. – Quer ir logo? – mandou.

Ele parecia um cachorro sendo expulso da cozinha, olhando para trás para ter certeza de que não havia sobrado nenhuma migalha. Por fim, chegou à porta da frente e saiu de fininho.

– O que vamos fazer assim que ela estiver com as bandagens? – Frannie quis saber.

– Deixe-me falar com ela – disse Will.

– Ela disse que não queria nenhum de vocês lá dentro.

– Ela vai ter que deixar de frescura – disse Will. Com licença.

Frannie chegou para o lado, e Will entrou no quarto. Estava mais escuro do que alguns minutos antes, e mais quente; as duas mudanças, ele imaginou, provocadas pela presença de Rosa. Não podia sequer vê-la a princípio, de tão densa que se tornara a sombra ao redor da lareira. Enquanto ele tentava descobrir onde na escuridão ela estava, ela disse:

– Vá embora.

A voz dela traiu-lhe a localização. Havia se movido quatro ou cinco metros para o canto da sala mais distante da porta. As persianas, que estavam à sua esquerda, permaneciam um pouco abertas, mas a luz do dia tremeluzia no beiral, impedida de entrar pelo miasma que dela emanava.

– Precisamos conversar – disse Will.

– Sobre o quê?

– O que você precisa de mim – respondeu, ele, tentando seu tom mais conciliador.

– Eu matei seu pai – ela disse baixinho – E você quer me ajudar? Perdoe-me se tenho minhas desconfianças.

– Você estava sob a influência de Steep – disse Will, arriscando um passo na direção dela. Mesmo esse passo foi o suficiente para engrossar a atmosfera ao seu redor. Embora ele olhasse com força para o canto onde ela estava, a penumbra lembrava uma foto tirada num nível de luz muito baixo: uma nesga de cinza granulado.

– Sob a influência de Steep? Eu? – Ela deu uma gargalhada na escuridão. – Ouça só essa! Ele precisa de mim muito mais do que preciso dele.

– É mesmo?

– Sim, é mesmo. Ele vai ficar louco sem mim. Se é que já não ficou. Era eu quem mantinha os pés dele no chão.

Will havia talvez reduzido à metade a distância entre a porta e o canto do quarto enquanto ela falava, mas não estava mais próximo de enxergar Rosa.

– Eu não chegaria mais perto se fosse você – avisou ela.

– Por que não?

– Estou me desfazendo – ela disse. – Estou me descosturando. É um lugar perigoso para você ficar agora.

– E Frannie?

– Ela, tudo bem. Mulheres são muito menos suscetíveis. Se ela puder me selar, posso sobreviver um ou dois dias.

– Mas você não ficará curada.

– Não quero ficar curada! – respondeu ela. – Quero encontrar meu caminho de volta a Rukenau, e serei feliz... – Puxou o ar fundo, numa respiração entrecortada. – Você me perguntou o que eu precisava de você – disse.

– Sim...

– Leve-me até ele.

– Sabe onde ele está?

– Na ilha.

– Que ilha?

– Acho que eu nunca soube. Mas você sabe onde ele está...

– Não sei não.

– mas no jardim...

– Eu estava blefando.

Houve um som de movimento no canto do quarto, e uma onda de calor se chocou contra o rosto de Will. Ele sentiu um pouco de enjoo, e ficou bastante tentado a recuar para a porta. Mas continuou onde estava, enquanto a penumbra à sua frente se desmanchava, e começou a ver Rosa no meio dela. Ela era como um fantasma do que fora antes, seus cabelos outrora luxuriantes caindo direto em ambos os lados de seu rosto de olhos fundos. Ela estava com as mãos grudadas na ferida, mas não conseguia esconder inteiramente sua estranheza. Havia partículas de matéria esbranquiçada, algumas brilhando como ouro, escoando por entre seus dedos. Algumas subiam por seu corpo, agarrando aos seus seios. Outras voavam como fagulhas de uma fogueira, e, exaurindo-se em pleno voo, se extinguiam.

– Então você não pode me levar a Rukenau? – ela perguntou.

– Não posso levar você direto a ele, não – confessou Will. – Mas isso não quer dizer...

– É só outro mentiroso...

– Não tive escolha.

– ...vocês são todos iguais.

– Ele ia me matar.

– Não teria sido grande perda – ela disse ácida. – Um mentiroso a mais ou a menos. Vá embora!

– Me escute...

– Já escutei tudo o que quero escutar – ela disse, começando a dar as costas a ele.

Sem pensar, ele se moveu na direção dela, com a intenção de fazer outro apelo. Ela captou o movimento pelo canto do olho, e pensando talvez que ele desejasse lhe fazer algum mal, virou-se. Nesse instante, os fragmentos de brilho nas mãos dela encontraram um propósito. Ficaram frenéticos, e num segundo se fundiram, voando de seu corpo num fio reluzente. Atacou Will rápido demais para que ele o evitasse, raspando em seu ombro em seu caminho serpenteante na direção do teto. Um contato momentâneo, mas o suficiente para desequilibrá-lo. Ele girou por um instante, as pernas tão fracas que se recusavam a apoiá-lo. Então ele afundou de joelhos enquanto uma espécie de euforia passava por ele, sua fonte o local onde o fio havia

roçado em sua carne. Ele sentia, ou imaginava sentir, a energia dele se espalhando pelo seu corpo, tendões, nervos e medula iluminados por sua passagem; sangue reluzindo, sentidos brilhando...

Agora ele via o fio no teto, tornando a se dividir, como um cordão de minúsculas pérolas desafiando a gravidade, e se rompendo.

Elas rolaram em todas as direções, as mais fracas desaparecendo no mesmo instante, as mais fortes atingindo as paredes antes que sua luz sumisse.

Will ficou olhando para elas como poderia ter observado uma chuva de meteoros, cabeça jogada para trás, olhos arregalados. Somente quando todas se extinguiram ele tornou a olhar para a fonte delas. Rosa havia recuado para seu canto, mas os olhos de Will haviam recebido uma força única pela luminescência, e nos momentos antes que ela morresse ele a viu como nunca tinha visto antes. Havia uma criatura de sombra queimada no meio dela; escura, magra, mutável. Uma criatura comparada à luz de tudo em que ela havia se tornado ao longo dos anos, como uma pintura tão degradada por camadas de sujeira e verniz e as mãos de restauradores incompetentes que sua glória agora não era mais visível. E, tão certo quando o olhar revelador dele via através dela até seu núcleo, ela por sua vez via algo de milagroso nele.

– Então me diga – ela disse, a voz baixa – quando você se tomou uma raposa?

– Eu? – perguntou ele.

– Ela se move em você – respondeu ela, olhando fixo para ele. – Posso vê-la aí, com toda clareza.

Ele olhou para seu corpo, meio que esperando que o poder que emanara dela tivesse efetuado alguma alteração física em si. Absurdo, claro; o que ele via ainda era carne branca e suada. Mais decepcionante ainda era que os resquícios de luz nele estavam se esvaindo. Ele podia sentir seu dom morrendo, e já chorava por ele.

– Steep tinha razão sobre você – ela disse. – Você é uma criatura e tanto. Ter um espírito se movendo assim em você e não ficar louco.

– Quem disse que eu não fiquei louco? – perguntou ele, pensando no caminho atribulado que o levara àquela possessão. – Você sabe que eu vi algo em você, não sabe?

– Se viu então vire a cara – ela disse.

– Não quero. É lindo. – A criatura queimada ainda era visível, mas só um pouco: sua elegância alienígena recuava para dentro da substância ferida de Rosa. – Ó, Deus – murmurou ele. – Acabei de perceber, já vi isto antes. Esse corpo dentro de você.

Ela não falou por um momento, como se não conseguisse se decidir ser levada ou não àquela investigação. Mas não pôde resistir: – Onde? – perguntou.

– Numa pintura – disse ele. – De Thomas Simeon. Ele a chamou de "O Nilótico".

Ela estremeceu com as sílabas.

– Nilótico? – perguntou. – O que é isso?

– Alguém que vive no Nilo.

– Eu nunca... – Ela balançou a cabeça; e começou de novo. Lembro de uma ilha – disse ela – mas não de um rio. Pelo menos não desse rio. O Amazonas sim. Fui com Steep ao Amazonas matar borboletas. Mas... o Nilo nunca... sua voz desaparecia aos poucos, e o fim de seu outro eu sumiu de vez. – Mas... existe verdade no que você diz. Alguma coisa se move em mim como a raposa se move em você...

– E você quer saber o que é.

– Isso só Rukenau sabe – disse ela. – Você me leva a Rukenau? Você é uma raposa. Pode farejá-lo.

– E você acha que ele irá explicar isso.

– Acho que se ele não puder, então ninguém poderá.

Ele encontrou Frannie sentada no fundo das escadas, lendo um jornal amarelo e bem rodado que havia encontrado num dos quartos.

– Como está ela? – perguntou.

Ele se agarrou à moldura da porta, as pernas ainda fracas.

– Ela quer encontrar Rukenau. É a única coisa que ela tem na cabeça neste momento.

– E onde está ele?

– Se estiver em algum lugar, está nas Hébridas, que é para onde o livro disse que ele havia ido. Ela não sabe qual ilha.

– Você quer que nós a levemos?

– Nós não. Eu. Se você puder colocar as bandagens nela, eu parto daqui.

Frannie fechou o jornal e jogou-o nas tábuas empoeiradas.

– E o que você acha que existe nessa ilha?

– A pior das possibilidades: um bocado de pássaros. No melhor caso? Rukenau; e o Domus Mundi, seja lá que diabos isso for.

- Então você está sugerindo que eu fique em casa enquanto você parte e vê isso? – disse Frannie, com um sorrisinho contido. – Não, Will. Este também é meu momento. Eu estava lá no começo. E vou estar lá no fim.

Antes que Will pudesse responder, a porta da frente foi aberta, e Sherwood entrou, trazendo uma sacola de medicamentos.

– Trouxe tudo que pude encontrar – disse, jogando a sacola nos braços de Frannie.

– Tudo bem – disse Will. – Este é o plano. Vou voltar à casa do meu pai e dizer à Adele que preciso ir embora...

– Pra onde você vai? – Sherwood quis saber.

– Frannie te explica – disse Will, forçando as pernas ainda nervosas a se movimentarem. Passou por Sherwood arrastando-as até a porta da frente.

– Por favor, seja breve – disse Frannie. – Não quero ficar aqui quando...

– Nem diga – Will pediu a ela. – Serei o mais rápido possível, juro.

Então saiu cambaleante e indo para a rua. Queria correr descalço; ou nu, como um dia se imaginara caminhando para Jacob no Fórum, o fogo dentro dele transformando neve em vapor. Mas manteve os desejos de garoto e raposa ocultos enquanto ia para a casa. Eles teriam seu momento. Mas não ainda.

XIV

i

A dele não estava só. Havia um carro meticulosamente polido estacionado do lado de fora da casa, e dentro seu dono, um sujeito jovial, até meio animado, de nome Maurice Shilling, o dono da funerária. Will chamou Adele a um canto e explicou que teria de deixá-la por um dia ou dois. Ela, naturalmente, quis saber para onde ele estava indo. Ele mentiu o mínimo possível. Uma amiga sua estava doente, ele disse, e iria até a Escócia para fazer o que pudesse para consolá-la.

– Você volta para o enterro? – ela perguntou.

Prometeu que sim.

– Estou me sentindo péssimo por deixar você sozinha agora.

– Se é por um bom motivo – disse Adele – então você deve ir. Aqui está tudo sob controle.

Deixou-a voltar ao Sr. Shilling, e subiu para pegar roupas mais quentes. Sentado na cama, amarrando os cadarços das botas, arriscou uma olhadela pela janela justo no momento em que o sol rompeu as nuvens, e tingiu de ouro um pedaço de colina. Os cadarços ficaram desamarrados enquanto ele olhava, seu espírito suspenso num momento de graça. Isto não é um sonho de vida, pensou, nem uma teoria, nem uma fotografia. Isto é a própria vida. E, aconteça o que acontecer agora, tivemos nosso momento, o sol e eu. Então as nuvens tornaram a se fechar, e o ouro desapareceu, e voltando ao ato de amarrar os cadarços descobriu os olhos molhados de gratidão pelas epifanias que lhe haviam sido concedidas. As visões em Berkeley, as visitações da raposa, o toque do fio de Rosa: cada qual uma espécie de despertar, como se ele houvesse acordado do coma com uma fome de sentidos que não seria saciada por uma única transformação. Quantas vezes ele teria de despertar, até estar tão consciente quanto um homem poderia estar? Uma dezena? Uma centena? Ou isso seguia eternamente, esse atiçar do espírito, as peles de seus sonhos arrancadas somente para revelar outro sonho, e mais outro?

Lá embaixo, o Sr. Shilling ainda falava de flores, caixões e preços. Will não interrompeu as negociações – Adele era perfeitamente capaz de fechar

um negócio difícil por conta própria – mas entrou silencioso no estúdio de seu pai para procurar um atlas. Todos os livros volumosos estavam reunidos numa prateleira, por isso não precisou procurar muito. Era a mesma edição surrada de que se lembrava da infância, fornecida sempre que ele tinha dever de casa de geografia. A maior parte dele estava datada, naturalmente. Fronteiras haviam mudado de lugar, cidades haviam sido rebatizadas ou destruídas. Mas as ilhas ocidentais eram constantes, certamente. Se guerras foram lutadas por causa delas, os tratados de paz já haviam sido assinados há séculos. Elas eram insignificantes; um punhado de pontos coloridos espalhados por um mar de papel.

Feliz com seu prêmio, saiu do estúdio de fininho e, pegando a jaqueta de couro do cabide perto da porta, deixou a casa, enquanto o Sr. Shilling esbanjava lirismo sobre o conforto de um bom travesseiro num caixão.

ii

– Não precisa ter medo – Rosa disse a Frannie quando ela entrou com as bandagens. Os instintos de Frannie haviam-lhe dito outra coisa. O calor sufocante, o ar pungente, a forma como o som da dor de Rosa batiam sobre as tábuas: tudo isso conspirava para dar a impressão de que um trovão invisível pendia sobre a mulher, e nenhuma palavra de Rosa iria assegurar Frannie de que ela estava segura na proximidade dela. O medo a tornou rápida. Instruindo Rosa a apertar bem os dedos ao redor da ferida para fechá-la, pressionou um bolo de gaze contra ela como se fosse uma ferida perfeitamente natural, e em seguida fixou a gaze no lugar com meia dúzia de pedaços de esparadrapo. Para completar o serviço, enrolou uma bandagem ao redor do corpo da mulher, embora fosse, ela já sabia no instante em que estava fazendo isso, de um zelo absurdo. Ao terminar o trabalho, entretanto, Rosa pôs a mão no ombro de Frannie e murmurou a única palavra que ela tinha medo de ouvir:

– Steep.

– Oh, Deus – disse Frannie, olhando para sua paciente. – Onde? – Rosa estava com os olhos fechados, o olhar rolando por baixo das pálpebras.

– Não está aqui – disse. – Ainda não. Mas está voltando. Posso sentir.

– Então devemos ir embora.

– Não tenha medo dele – disse Rosa, os olhos se abrindo. – Por que lhe dar esse prazer?

– Porque estou com medo – disse Frannie. Sua boca ficou subitamente árida, o coração barulhento.

– Mas ele é uma coisa tão patética – disse Rosa. – Sempre foi. Houve momentos em que ele era galante, sabe, e honrado. Até amoroso, às vezes. Mas a maior parte do tempo ele era bobo e chato.

Apesar de sua recém-encontrada urgência, Frannie não pôde evitar de fazer a pergunta.

– Por que você ficou com ele tanto tempo se ele era uma perda de tempo?

– Porque me dói ficar separada dele – disse Rosa. – Sempre foi menos doloroso ficar do que partir.

Não era uma resposta tão estranha, pensou Frannie; ela já a ouvira de muitas mulheres ao longo dos anos.

– Bom, desta vez você vai partir – disse ela. – Nós vamos partir. E para o diabo com ele.

– Ele vai nos seguir – retrucou Rosa.

– Se seguir, que siga – disse Frannie, indo até a porta. – Só não quero enfrentá-lo agora.

– Você quer Will aqui.

– Sim, eu...

– Acha que ele pode te salvar?

– Talvez.

– Não pode. Acredite em mim. Não pode. Ele está mais próximo de Jacob do que imagina.

Frannie virou-se para ela.

– Como assim?

– Eles são parte um do outro. Ele não pode salvar você de Jacob porque não pode salvar a si mesmo.

Esse era um conceito grande demais para Frannie digerir naquele instante, mas certamente teria de ser arquivado para consumo posterior.

– Não vou abandonar Will, se é isso o que você está sugerindo.

– Só não dependa dele – disse Rosa. – É só isso.

– Não dependerei.

Ela abriu a porta, e procurou Sherwood. Ele estava sentado no degrau da frente, descascando um graveto. Ao invés de gritar para chamá-lo – quem sabia onde Steep se encontrava? – ela foi até a entrada para sacudi-lo de

seus pensamentos. Quando o alcançou, viu que seus olhos estavam vermelhos.

– O que foi? – perguntou.

– Rosa está morrendo, não está? – ele perguntou, limpando meleca do nariz com as costas da mão.

– Ela vai melhorar – respondeu Frannie.

– Não vai nada – disse Sherwood. – Estou sentindo aqui no meu estômago. Vou perder ela.

– Pare já com isso – Frannie chamou sua atenção gentilmente. Tirou o graveto descascado das mãos dele, jogou-o longe e puxou-o pelo braço para se levantar. – Rosa acha que Steep está nas vizinhanças.

– Ah, meu Deus. – Ele olhou para a rua. Frannie já tinha olhado para lá. Ainda estava vazia.

– Talvez a gente devesse sair pelos fundos – sugeriu Sherwood. Tem um jardim e um portão que nos leva para a Capper's Lane.

– Não é má ideia – disse Frannie, e juntos desceram pelo hall até onde Rosa estava. – Vamos sair pelo...

– Eu ouvi vocês – disse Rosa.

Sherwood já havia entrado pela cozinha para chegar à porta dos fundos e estava tentando abrí-la. Estava emperrada. Xingou-a para valer, chutou-a e tornou a tentar. Ou os chutes ou os xingamentos fizeram o truque. Com uma objeção ruidosa das dobradiças, e a madeira podre ao redor da maçaneta ameaçando se partir em pedaços, ela se abriu. O que havia adiante era uma parede verde, os arbustos, plantas e árvores que um dia foram o pequeno Éden dos Donnelly agora uma selva. Frannie não hesitou. Mergulhou no arbusto e abriu caminho por ele, levantando nuvens preguiçosas de sementes no caminho. Rosa mergulhou atrás dela, tropeçando um pouco, a respiração entrecortada.

– Estou vendo o portão! – Frannie gritou para Sherwood, e estava a meia dúzia de passos dele quando Rosa disse:

– Minhas sacolas! Deixei minhas sacolas!

– Esqueça elas!

– Não posso – disse Rosa, virando-se para voltar para a casa. Minha vida está lá dentro.

– Eu vou pegar! – disse Sherwood, maravilhado por poder fazer alguma coisa, e disparou de volta à casa, com Frannie lhe dizendo para ser rápido.

Houve um momento curioso de calma quando ele se foi. As duas mulheres de pé no meio do caramanchão, diminuídas por girassóis e fileiras de hortênsias, abelhas nas rosas bravas e melros no sicômoro. Por um momento, foi um refúgio; e elas se sentiam a salvo de qualquer mal.

– Será que... – disse Rosa.

Frannie olhou para ela. Estava olhando para o sol, sem piscar.

– O quê?

– ...se não seria melhor simplesmente me deitar aqui e morrer.

Havia um sorriso em seu rosto. – Melhor não saber... melhor nem perguntar... – Suas mãos estavam puxando as bandagens. – Melhor fluir... – disse ela.

– Não! – disse Frannie. – Pelo amor de Deus! – Ela puxou as mãos de Rosa das bandagens. – Não pode fazer isso!

Rosa continuava encarando o sol.

– Não? – perguntou.

– Não – replicou Frannie.

– Prometa que não vai fazer isso novamente – disse Frannie.

Rosa fez que sim, a franqueza de seu olhar quase infantil. Deus, mas ela era uma criatura estranha, pensou Frannie. Num momento algo a ser temido, envolto em trovões; em seguida uma mulher amarga falando da irmandade de Jacob e Will; agora esta inocente de olhos arregalados, que obedecia solícita quando admoestada. Todas eram verdadeiras Rosas, suspeitava ela, à maneira delas: todas parte de quem a mulher havia sido ao longo dos anos; embora talvez o eu mais verdadeiro estivesse sob as bandagens, louco para fluir...

Somente agora, com essa pequena crise controlada, os pensamentos de Frannie voltaram a Sherwood. Que diabos ele estava fazendo lá dentro? Dizendo a Rosa para ficar onde estava, ela voltou à casa, chamando Sherwood no caminho. Não houve resposta. Ela passou pela cozinha e entrou no hall. A porta da frente ainda estava aberta. Não havia som nem de cima nem de baixo.

E então lá estava ele, à sua frente, saindo do quarto de Rosa com os olhos arregalados e a boca aberta, um gemido baixo escapando. E logo atrás dele vinha Steep, sua mão trancada na nuca de Sherwood. Eles apareceram tão rápido que Frannie tropeçou para trás, em choque.

– Solte ele! – ela gritou para Steep.

Com o grito agudo que ela soltou, a expressão glacial de Jacob se despedaçou, e para espanto dela ele fez o que ela ordenara. O gemido de Sherwood parou e ele caiu para a frente, incapaz de se manter em pé. Ela também não conseguiu apoiá-lo. Ele caiu, esparramando-se, levando-a a cair de joelhos ao seu lado.

Só então Steep falou.

– Não é ele – disse silencioso.

Frannie olhou para ele, pensando culpada – mesmo no terror e na confusão daquele momento que ela havia se lembrado dele de forma errada. Ele não era o demônio terrível que visualizava sempre que se lembrava do diário. Ele era lindo.

– Quem são vocês? – ele perguntou, olhando para os irmãos.

– Will não está aqui – disse Frannie. Ele foi embora. – Oh, Jesus... – murmurou Steep, recuando hall adentro. Não tinha dado mais que três passos quando Rosa perguntou:

– Outro erro?

Frannie não olhou para trás. Voltou a atenção a Sherwood, que ainda estava no chão, procurando respirar. Deslizando a mão sob a cabeça dele, ela o levantou um pouco.

– Como é que você está? – ela perguntou.

Ele olhou para ela, a boca trabalhando para dar uma resposta, mas falhando. Ele lambeu os lábios repetidas vezes, e tentou novamente; mas nenhum som saía.

– Tudo bem – disse ela. – Você vai ficar bem. Vamos levar você para fora.

Ela supunha que ele fora salvo por sua intervenção. Não havia sangue nele; nenhum sinal de ataque. Ele só precisava ser levado para longe daquele lugar terrível, para o meio dos girassóis e das rosas. Steep não os deteria. Ele cometera um erro no quarto em sombras, pensando que havia apanhado Will. Agora que percebera o erro, ele os deixaria ir.

– Vamos – ela disse a Sherwood. – Vamos levantar.

Ela soltou a mão do irmão e colocou ambas embaixo dele para que ele pudesse levantar o corpo o suficiente para se sentar. Mas ele continuava ali, olhando para o rosto dele, lambendo os lábios, lambendo os lábios.

– Sherwood! – ela disse, tentando novamente.

Dessa vez sentiu um tremor percorrer seu corpo; nada demais, Mas no mesmo instante ele simplesmente parou de respirar.

– Sherwood – ela começou a sacudi–lo. – Não faça isso. Ela puxou as mãos debaixo de seu corpo e cabeça, e abriu-lhe a boca para aplicar respiração boca-a-boca. Rosa estava dizendo alguma coisa atrás dela, mas ela não ouvia. Nem se importava, naquele instante. Respirava na boca dele. Inflava seus pulmões. Punha pressão em seu peito para expelir o ar, e em seguida tornava a respirar dentro dele. Repetia o procedimento; mais uma vez; mais uma vez. E mais uma vez. Mas não havia sinal de vida. Nem mesmo um vestígio. Seu pobre corpo havia simplesmente cessado de existir.

– Isso não pode estar acontecendo – disse ela, levantando a cabeça. Seus olhos doíam, mas as lágrimas não saíam. Ela podia ver o assassino de Sherwood com perfeita clareza, de pé no hall, no ponto para o qual havia recuado. Se ela tivesse uma arma na mão, teria lhe dado um tiro no coração naquele momento. – Seu filho da puta – disse ela, a voz saindo como um grunhindo. – Você o matou. Você o matou.

Steep não respondeu. Simplesmente ficou olhando para ela, olhos vazios, o que só a enraiveceu ainda mais. Começou a passar por cima do corpo de Sherwood na direção dele, mas antes que pudesse fazê-lo Rosa a pegou pelo braço.

– Não... – disse, puxando-a de volta para a cozinha. – Ele o matou... e matará você. – disse Rosa. – Então ambos estarão mortos, e o que isso irá provar?

Frannie não queria ouvir a voz da razão naquele instante. Tentou se livrar de Rosa, mas apesar da ferida da mulher ela permaneceu forte, e não a soltou. Por um momento se fez um silêncio fora do comum, ninguém se moveu. Então, o som de passos no caminho de cascalho, e um instante depois Will estava na soleira da porta. Steep olhou para ele, o movimento lento.

– Afaste-se! – Frannie gritou para Will. – Ele... – ela mal conseguia dizer as palavras – matou Sherwood.

O olhar de Will passou do rosto de Steep para o corpo de Sherwood, e então novamente para Steep. Ao fazer isso, meteu a mão na jaqueta e puxou a faca.

– Vamos sair – Rosa disse para Frannie, muito baixinho. – Não podemos fazer nada aqui. Vamos... deixar isso para os rapazes,

Frannie não quis sair. Não com Sherwood deitado ali no chão poeirento, olhos esbugalhados. Ela queria fechar as pálpebras dele, e colocá-lo em

algum lugar confortável; no mínimo cobri-lo. Mas, no fundo, sabia que Rosa estava certa: ela não tinha lugar no que estava se desenrolando no hall. Will já deixara claro para ela como esse negócio com Steep era particular; ainda que fatal. Relutante, deixou que Rosa a pegasse pelo braço e puxasse para a porta dos fundos para o verde luxuriante.

Claro que as abelhas ainda estavam zumbindo nos leitos super crescidos de flores. Claro que os melros ainda cantavam num doce coro no sicômoro. E claro que nada estava como três minutos antes, nem jamais poderia ser novamente.

XV

Era muito simples, Sherwood, o coitado do Sherwood, estava morto, esparramado ali no chão, e seu assassino bem ali em pé na frente de Will, e havia uma faca na mão de Will, tremendo para ser usada. Ela não se importava que Steep tivesse sido seu dono um dia; ela só queria ser usada. Agora; rápido! Não importava que a carne que seria retalhada por ela pertencesse ao homem que a tratara como uma relíquia sagrada. Tudo o que importava era reluzir e cintilar no ato; subir e descer e subir novamente, vermelha.

– Você veio para me devolver isso? – perguntou Steep.

Will mal pôde dar uma resposta, sua mente tão repleta que estava com os anúncios da faca exibindo suas habilidades. Como ela arrancaria fora as orelhas e o nariz de Steep; reduziria sua beleza a uma ferida. Ele ainda vê você? Arranque seus olhos! Os gritos dele o incomodam? Corte-lhe a língua fora!

Eram pensamentos terríveis; pensamentos doentios. Will não os queria. Mas não paravam de vir.

Steep de costas agora, nu. E a faca abrindo seu peito – um, dois – expondo seu coração pulsante. Quer os mamilos dele de recordação? Aqui! Algo mais íntimo, talvez? Carne para a raposa...

E antes que Will se desse conta do que estava fazendo, sua mão havia se levantado, a faca exultante. Ela teria aberto o rosto de Steep até o osso um segundo depois se Steep não tivesse agarrado a lâmina em seu punho. Ah, ela o cortou; até mesmo ele. Seus lábios perfeitos se curvaram de dor, e um sibilar saiu por entre seus dentes perfeitos; um sibilar suave que morreu num suspiro, todo vestígio de ar expelido.

Will tentou puxar a faca da mão de Steep. Certamente ela abriria a palma da mão de Steep e se livraria; seus gumes eram afiados demais para serem contidos. Mas ela não se moveu. Ele tornou a puxar, com mais força. Continuava sem se mover. E mais uma vez ele puxou; mas Steep continuava a segurá-la apertado.

Os olhos de Will dardejaram da faca para o rosto de seu inimigo. Steep não havia respirado desde que soltara seu suspiro; estava olhando para Will, a boca um pouco aberta, como se fosse dizer alguma coisa.

Então, naturalmente, ele inalou. Não era uma respiração comum; não era uma simples inalação de ar. Era a reprise do que acontecera na colina, trinta anos antes, só que daquela vez quem comandava o momento era Steep, descosturando o mundo ao redor deles. Ele se apagou naquele instante, o chão parecendo desaparecer sob seus pés, de modo que Will e Steep pareciam estar flutuando sobre uma imensidão de veludo, conectados somente pela lâmina.

– Quero que você partilhe isso comigo – Steep disse suave, como se tivesse encontrado um vinho fino e convidasse Will a beber da mesma taça. A escuridão estava se solidificando sob seus pés: uma poeira que rolava, chegava e fluía. Mas tudo mais ao redor deles era escuridão. E, acima, escuridão. Não havia nuvens; não havia estrelas, não havia lua.

– Onde estamos? – Will perguntou baixinho, olhando para Steep. O rosto de Jacob não estava tão sólido quanto antes. A pele antes suave de sua testa e face havia se tornado granulada, e a penumbra atrás dele parecia estar vazando por seu olho. – Pode me ouvir? – Will quis saber. Mas o rosto à sua frente continuava a perder coerência. E agora, embora Will soubesse que aquela era apenas uma visão, o pânico começou a tomar conta dele. E se Steep o abandonasse ali, naquele vazio?

– Fique... – ele se pegou dizendo, como uma criança com medo de ficar sozinha no escuro. – Por favor, fique...

– Do que você está com medo? – perguntou Steep. A escuridão havia tomado o rosto dele quase inteiramente. – Pode me dizer.

– Não quero ficar perdido – respondeu Will.

– Não tem jeito – disse Steep. – A menos que saibamos nosso caminho para Deus. E isso é difícil nessa confusão. Essa confusão doentia. – Embora sua imagem já tivesse desaparecido quase completamente, sua voz permanecia, suave e solícita. – Ouça esse barulhinho...

– Não vá.

– Ouça – Steep mandou.

Will podia ouvir o ruído ao qual Steep se referia. Não era um som único, eram mil, um milhão, que vinham de todas as direções ao mesmo tempo. Não era estridente, nem tampouco doce ou musical. Era simplesmente insistente. E sua fonte? Isso também vinha de todas as direções. Multidões de maré, de formas pálidas e indistinguíveis, arrastando-se em sua direção. Não, arrastando-se não: nascendo. Criaturas abrindo as pernas e purgando-se de filhos que, mesmo no instante de seu

nascimento, descolavam suas pernas para ser fertilizados; e antes que seus parceiros se desgrudassem deles já abriam suas pernas para expelir outra geração. E assim por diante; e assim por diante; em multidões enojantes, seus choros, soluços e suspiros minguados o barulhinho que Steep disse que afogara Deus.

Não foi difícil para Will entender o que estava presenciando. Aquilo era o que Steep via quando olhava as coisas vivas. Não sua beleza, não sua particularidade, apenas sua fecundidade avassaladora, ensurdecedora. Carne gerando carne, barulhinho gerando barulhinho. Não era difícil entender, pois ele mesmo pensava assim, em seus momentos mais negros. Vendo a onda humana avançando sobre espécies que ele amara feras selvagens demais ou sábias demais para entrar em acordo com o invasor e desejando uma praga que fizesse murchar cada ventre humano. Ouvindo o barulhinho e desejando uma morte tranquila para silenciar cada garganta. Às vezes nem mesmo tranquila. Ele compreendia.

Ó, Deus, ele compreendia.

– Você ainda está aí? – ele perguntou a Steep.

– Ainda estou aqui... – respondeu o homem.

– Faça isso sumir.

– É o que eu venho tentando fazer todos estes anos – respondeu Steep.

A maré cada vez mais alta de vida estava quase em cima deles, formas nascendo e nascendo, despejando-se aos pés de Will.

– Chega – disse Will.

– Entende meu ponto de vista?

– Sim...

– Mais alto.

– Sim! Eu entendo. Perfeitamente.

A admissão foi o suficiente para banir o horror. A maré recuou, e um segundo depois desapareceu inteiramente, deixando Will pendurado sobre a escuridão novamente.

– Este não é lugar bem melhor? – perguntou Steep. – Num silêncio como este, poderíamos ter a esperança de saber quem somos. Aqui não existe erro. Nenhuma imperfeição. Nada para nos distrair de Deus.

– É assim que você quer o mundo? – murmurou Will. – Vazio?

– Vazio não. Purificado.

– Pronto para começar outra vez?

– Ah não.

– Mas começará, Steep. Você pode até fazer com que as coisas se ocultem por algum tempo, mas sempre haverá um trecho de mangue que você não viu, uma pedra que você não levantou. *E a vida retornará.* Talvez não vida humana. Talvez algo melhor. Mas vida, Jacob. Você não pode matar o mundo.

– Vou reduzi-lo a uma pétala – Jacob replicou sem preocupação.

Will podia ouvir o sorriso na voz do homem enquanto ele falava. – E Deus estará lá. É simples. Eu O verei, é simples. E eu entenderei por que fui criado. – O rosto dele estava começando a congelar novamente. Lá estava a testa ampla e branca, servindo de abrigo para aquele olhar perturbado; o nariz fino, a boca ainda mais fina.

– E se você estiver errado? – disse Will. – E se Deus quisesse que o mundo fosse preenchido? Dez mil tipos diferentes de margaridas? Um milhão de tipos de besouros? De modo a não haver dois iguais. Suponha. Suponha que você seja o inimigo de Deus, Jacob. Suponha... que você seja o Diabo e não saiba?

– Eu saberia. Embora ainda não possa ver Deus, Ele se move em mim.

– Bem – disse Will – ele se move em mim também. – E as palavras, embora ele nunca pensasse que as ouviria de sua própria língua, eram verdadeiras. Deus estava nele agora. Sempre estivera. Steep tivera a fúria de um Pai Patrão em seus olhos, mas a divindade que Will tinha em si não era menos um Senhor, embora Ele falasse pela boca de uma raposa e amasse a vida mais do que Will achava que a vida pudesse ser amada. Um Senhor que aparecera para ele em inumeráveis formas ao longo dos anos. Algumas dignas de pena, para ser franco, outras triunfantes. Um urso polar cego numa pilha de lixo; duas crianças com máscaras pintadas; Patrick dormindo, Patrick sorrindo, Patrick falando de amor. Camélias numa janela e os céus da África. Seu Senhor estava lá, em todo lugar, convidando-o para ver a alma das coisas.

Sentindo a certeza se movendo em Will, Steep contra-atacou da única maneira que sabia.

– Eu coloquei a fome de morte em você – disse ele. – Isso o torna meu. Ambos podemos lamentar isso, mas é a verdade.

Como Will poderia negar isso, enquanto aquela faca ainda estava em sua mão? Desviando o olhar do rosto de Steep, ele procurou a arma, acompanhando a forma do ombro do homem, ao longo do braço dele até o

punho que ainda estava agarrando a lâmina, e descendo até a sua própria mão, que ainda segurava o cabo.

Então, vendo-a, soltou-a. Era tão simples de se fazer. A soma dos males da lâmina não seria aumentada por seu uso dela; nem por um simples ferimento.

A consequência de seu ato foi instantânea. A escuridão foi imediatamente extinta, e o mundo sólido surgiu ao seu redor: o hall, o corpo, e escadaria que levava até o telhado aberto, através do qual passavam raios de sol.

E, à sua frente, Steep; olhando para ele com uma expressão curiosa no rosto. Então estremeceu, e seus dedos se abriram apenas o suficiente para permitir que a lâmina escorregasse de sua mão. Ela havia aberto fundo sua palma, e a ferida estava manando. Mas não era sangue que saía. Era a mesma coisa que havia escorrido do corpo de Rosa; fios mais finos de uma ferida menor, mas o mesmo licor brilhante. Fragmentos dele se curvavam preguiçosos ao redor de seus dedos, e sem pensar no que estava fazendo, Will esticou o braço para tocá-lo. Os fios o sentiram, e foram de encontro à sua mão. Ele ouviu Steep lhe dizer para não fazer aquilo, mas era tarde demais. O contato havia sido feito. Uma vez mais, ele sentiu a matéria passar para dentro dele e através dele. Dessa vez, entretanto, ele estava preparado para observar sua revelação, e não se decepcionou. O rosto à sua frente se revelou, sua carne confessando o mistério que havia por baixo. Ele já o conhecia. A mesma estranha beleza que vira espreitando em Rosa estava ali em Steep também: a forma do nilótico, como alguma coisa esculpida do eterno.

– O que Rukenau fez com vocês dois? – Will perguntou baixinho.

A carne dentro da carne de Steep olhava para ele como uma prisioneira, desesperada por ser solta.

– Diga-me – forçou Will. Mas ele continuou sem dizer nada, embora quisesse falar; Will podia ver o desejo de fazê-lo em seus olhos; como ela queria contar sua história. Aproximou-se um pouco mais dela. – Tente – ele disse.

Ela inclinou a cabeça na direção dele, até suas bocas estarem apenas a cinco ou seis centímetros de distância uma da outra. Nenhum som escapou dela; nem podia, suspeitou Will. A prisioneira havia ficado muda tempo demais para recuperar a voz assim tão rápido. Mas enquanto estavam tão perto, olho no olho, ele não podia desperdiçar aquela proximidade.

Inclinou-se mais um centímetro em sua direção, e o nilótico, sabendo o que estava por vir, sorriu. Então Will beijou-o, com reverência, nos lábios. A criatura retribuiu o beijo, pressionando a boca fria contra a dele.

No instante seguinte, como havia acontecido com Rosa, o fio de luz se queimou nele, e desapareceu. O véu caiu na hora, obscurecendo o que havia por debaixo, e o rosto que Will estava beijando era o rosto de Steep.

Jacob empurrou-o com um grito de nojo, como se momentaneamente tivesse compartilhado do transe de Will e somente agora percebesse o que o poder dentro dele havia sancionado. Então recuou até a parede, agarrando a mão ferida com força para se certificar de que nem mais uma gota daquele fluido traiçoeiro escaparia, e com as costas da outra mão limpou os lábios. Aboliu todo traço de gentileza do rosto ao fazê-lo. Toda perplexidade, toda dúvida havia desaparecido. Fixando Will com olhar raivoso, esticou a mão e apanhou a faca que estava entre os dois. Não havia condições de conversar mais, Will percebeu. Steep não falaria mais de Deus ou perdão. Tudo o que queria fazer era matar o homem que acabara de beijá-lo.

Muito embora soubesse que não havia esperança de paz agora, Will aproveitou o máximo possível seu tempo enquanto recuava para a porta, estudando Steep. Da próxima vez em que se encontrassem, seria a morte para um dos dois; esta provavelmente seria sua última oportunidade de olhar para o homem cuja irmandade ele quisera compartilhar de forma tão apaixonada. Um beijo como o que haviam trocado não era nada para um homem seguro de si. Mas Steep não estava seguro; nunca estivera. Como tantos dos homens que Will havia observado e desejado em sua vida, ele vivia com medo de sua masculinidade ser vista como o que de fato era, uma ficção assassina; um truque de cuspir e coçar o saco que escondia um espírito muito mais estranho.

Não podia mais ficar olhando; mais cinco segundos e a faca estaria em sua garganta. Virou-se e saiu pelo umbral, descendo o caminho e saindo para a rua. Steep não o seguiu. Ficaria pensando um pouco, imaginava Will, colocando os pensamentos em ordem assassina antes de começar sua perseguição final.

E perseguir ele iria. Will havia beijado o espírito nele, e isso era um crime que a ficção jamais esqueceria. Ele viria, faca na mão. Nada mais certo.

PARTE SEIS



Ele Entra na Casa do Mundo

I

Will emergiu da casa dos Donnelly zonzo, e permaneceu assim durante mais ou menos uma hora. Lembrava de ter entrado no carro de Frannie, Rosa meio deitada no banco atrás dele e eles partindo do vilarejo como se tivessem uma horda de anjos caídos nos seus calcanhares; mas respondia com monossílabos às indagações de Frannie, incomodado com as tentativas dela de despertá-lo de sua fuga. Ele estava ferido?, ela quis saber. Respondeu que não. E Steep; e quanto a Steep? Vivo, disse a ela. Ferido?, ela perguntou. Sim, ele respondeu. O suficiente para matá-lo?, ela perguntou. Disse que não. Pena, comentou ela.

Um pouco mais tarde, pararam numa garagem e Frannie saiu para usar o telefone. Ele não queria saber por quê. Mas ela lhe disse de qualquer maneira quando voltou ao banco do motorista. Chamara a polícia, para lhes dizer onde encontrar o corpo de Sherwood. Fora uma imbecil por não ter feito isso antes, dissera. Talvez tivessem apanhado Steep.

– Nunca – ele disse.

Continuaram dirigindo em silêncio. A chuva começou a salpicar o para-brisas; gotas gordas batendo forte contra o vidro. Ele desceu o vidro pela metade, e a chuva entrou, caindo contra seu rosto, e o cheiro da chuva também: pungente, metálico. Devagar, o frio começou a acordá-lo de seu transe. A dormência na mão da faca começou a passar, e os dedos e a palma da mão começaram a doer. Com o passar dos minutos, ele passou a prestar alguma atenção à jornada em que estava, embora não houvesse nada de grande significado para ser notado. As estradas em que viajavam não estavam engarrafadas nem desertas, o tempo não estava péssimo nem ótimo; às vezes as nuvens soltavam um pouco de chuva, às vezes mostravam uma fatia de azul. Era tudo reconfortantemente mundano, e ele se refugiou de suas lembranças da visão de Steep tornando-se sua testemunha. À sua esquerda, um carro levava duas freiras e uma criança; havia uma mulher passando batom enquanto dirigia; uma ponte sendo demolida, e um trem correndo paralelo à rodovia por algum tempo, com homens e mulheres sacolejando em suas janelas, olhando para fora, olhos vidrados. Uma placa, apontando para Glasgow, ao norte; duzentos e noventa quilômetros.

E então, sem aviso, Frannie disse:

– Desculpe. Precisamos parar. – E, encostando o veículo no acostamento da rodovia, saiu. Will não queria sair do banco, mas acabou fazendo isso. A chuva havia voltado; o couro cabeludo doía onde as gotas batiam.

– Você... está... enjoada? – perguntou a ela. Era a primeira vez que conseguia formar uma frase inteira desde que haviam deixado o vilarejo, e teve de se esforçar para isso.

– Não – disse Frannie, enxugando chuva dos olhos.

– Então o que houve?

– Preciso voltar – disse ela. – Não posso... – Ela balançou a cabeça, obviamente enfurecida consigo mesma. – Não devia tê-lo deixado. Onde eu estava com a cabeça? Ele é meu irmão.

– Ele está morto – disse Will. – Você não pode ajudá-lo.

Ela tapou a boca com a mão, ainda balançando a cabeça. As lágrimas se misturavam com a chuva, descendo pelo seu rosto.

– Se quiser voltar – disse Will – nós voltamos.

A mão de Frannie escorregou do seu rosto.

– Não sei o que quero – disse ela.

– Então o que Sherwood teria querido?

Frannie olhou desconsolada para a figura enovelada no banco de trás do carro.

– Ele teria dado o melhor de si para fazer Rosa feliz. Deus sabe por que, mas é o que ele teria feito. – Ela olhou então para Will, seu rosto perto do mais profundo desespero. – Sabe que eu passei a maior parte da minha vida adulta fazendo coisas para satisfazer a vontade dele? – disse. – Acho que eu posso fazer a última. – Suspirou. – Mas esta é a última, diabos.

Will assumiu o volante para a etapa seguinte da viagem.

– Para onde estamos indo? – quis saber.

– Para Oban – disse Frannie.

– O que tem em Oban?

– É onde se pegam as barcas para as ilhas.

– Como você sabe?

– Porque eu quase fui lá, há uns cinco ou seis anos, com um grupo da igreja, Para ver Iona. Mas cancelei no último minuto.

– Sherwood?

– Claro. Ele não queria ficar sozinho. Então não fui.

– Ainda não sabemos para que ilha iremos – disse Will – Peguei um atlas velho da casa. Quer repassar os nomes com Rosa, para ver se alguma delas a faz se lembrar de algo? – Olhou para trás – Está acordada?

– Sempre – disse Rosa. Sua voz era fraca.

– Como está se sentindo?

– Cansada – respondeu ela.

– A bandagem está segurando? – Frannie perguntou.

– Está intacta – disse Rosa. – Não vou morrer com vocês, não se preocupem. Vou aguentar até ver Rukenau.

– Cadê o atlas? – Frannie quis saber.

No chão atrás de você – Will disse a ela. Ela esticou a mão para trás e o pegou.

– Já parou para pensar que Rukenau pode estar morto? – Will perguntou a Rosa.

– Ele não tinha planos de morrer – replicou Rosa.

– Podia tê-lo feito assim mesmo.

– Então vou encontrar o túmulo e me deitar com ele – disse ela. – E talvez seu pó perdoe o meu.

Frannie havia encontrado as Ilhas Ocidentais no atlas, e agora começava a recitar seus nomes, começando com as Hébridas Exteriores.

– Lewis, Harris, North Uist, South Uist, Barra, Benbecula... Então para as Interiores. Mull, Coll, Tiree, Islay, Skye... – Rosa não conhecia nenhuma delas. Havia algumas, Frannie ressaltou, que eram pequenas demais para que seus nomes fossem colocados no atlas; talvez fosse uma delas. Quando chegassem a Oban, conseguiriam um mapa mais detalhado, e tentariam novamente. Rosa não estava muito otimista. Ela nunca fora muito boa para se lembrar de nomes, disse. Esse sempre fora o forte de Steep. Mas ela era boa em rostos, enquanto ele...

– Não vamos falar dele – disse Frannie, e Rosa se calou.

E seguiram viagem. Através do Distrito de Lake até a fronteira com a Escócia, e, ao cair da tarde, passando pelos estaleiros de Clydebank ao lado de Loch Lomond e passando por Luss e Crianlarich até Tyndrurn. Para Will houve um momento quase sublime a alguns quilômetros antes de Oban, quando o vento trouxe o cheiro do mar consigo. Já há uns quarenta anos no planeta, e o cheiro frio e pungente do sal ainda mexia com ele, trazendo de volta sonhos de criança com lugares distantes. Há

muito tempo ele fizera desses sonhos realidade, claro; vira mais do mundo que a maioria das pessoas. Mas a promessa de mar e horizonte ainda calava fundo em seu coração, e naquela noite, com os últimos vestígios de luz afundando a oeste, soube por quê. Elas eram as máscaras de alguma coisa bem mais profunda, aqueles sonhos de ilhas perfeitas onde o amor perfeito poderia ser encontrado. Seria alguma surpresa que seu espírito se elevasse à medida que a estrada os levava, descendo as ladeiras da cidade, até o porto? Ali, pela primeira vez, ele sentia como se o mundo físico estivesse em consonância com seu significado mais profundo, as formas de seu desejo concretizadas. Ali estava o cais ocupado do qual eles partiriam, ali estava o Estreito de Mull, suas águas perigosas levando o olhar mar adentro. O que havia além daquelas águas, longe do conforto daquele pequeno porto, não era apenas uma ilha; era a possibilidade de que a viagem de seu espírito encontrasse complementação; onde ele saberia, talvez, por que Deus colocara nele a semente do desejo.

II

Ele havia esperado que Oban fosse apenas um porto sem nada mas ficou surpreso. Embora a noite já tivesse caído quando encontraram o caminho do cais, tanto a cidade quanto o porto ainda estavam esfuziantes: os últimos turistas do verão faziam compras, ou estavam saindo para beber ou jantar; uma gangue de jovens jogava futebol na Esplanada; uma flotilha de barcos de pesca saía para a maré noturna.

Havia uma barca partindo quando chegaram ao cais, toda iluminada. Will estacionou o carro ao lado da bilheteria, que já estava fechando para a noite. Uma mulher de ar um tanto severo disse a Will que a próxima viagem seria às sete da manhã seguinte, e que não, ele não precisava comprar a passagem antecipado. – Você pode entrar a bordo às seis – disse a mulher.

– Com o carro?

– Sim, você pode levar seu veículo. Mas o barco da manhã é só para as ilhas internas. Para onde você estava indo?

Will disse a ela que ainda não havia se decidido. Ela lhe deu um livreto de horários e tarifas, e junto com ele um folheto descrevendo as várias ilhas que as barcas da Caledonian MacBrayne visitavam. Então ela tornou a dizer que a primeira viagem sairia às sete em ponto da manhã seguinte, e desceu a persiana do guichê.

Will voltou para o carro com os panfletos e as informações, só para encontrar o veículo vazio. Descobriu Frannie sentada no muro do porto, vendo os barcos de pesca que partiam. Rosa, ela informou, fora dar uma volta, recusando a oferta de Frannie para acompanhá-la. – Para onde ela foi? – perguntou Will.

Frannie apontou para o muro distante do porto, que ia dar no Estreito.

– Acho que deve ser estupidez se preocupar com ela – disse Will. – Quero dizer, tenho certeza de que ela pode cuidar de si mesma. Mesmo assim... – Voltou o olhar para Frannie, que estava olhando as águas escuras batendo contra o muro a dois ou três metros abaixo. – Você parece estar perdida em pensamentos – observou.

Na verdade, não – ela disse melo sem-graça, como se estivesse um pouco envergonhada de admitir o fato.

– Me conte.

– Bom, eu só estava pensando num sermão, veja você.

– Um sermão?

– Sim. Há três domingos tivemos um vigário visitante na St. Luke's. Ele era muito bom mesmo. Ele falou sobre... qual foi a expressão que ele usou? ... fazer trabalho santo num mundo secular.

Ela olhou para Will. – É o que parece esta viagem; pelo menos para mim. É como se estivéssemos numa peregrinação. Isso parece maluquice?

– Você já disse coisas mais malucas.

Ela sorriu, ainda olhando para a água.

– Não me importo – disse. – Já fui sensata por tempo demais. Tornou a olhar para ele, abandonando o jeito meditativo. – Sabe de uma coisa? – disse ela. – Estou faminta.

– Você acha que devíamos tentar um hotel?

– Não – respondeu ela. – Eu voto pra que a gente coma e durma no carro. A que horas sai a barca?

– Sete em ponto – disse Will. Então, com um dar-de-ombros fatalista: – Claro que não temos certeza de que ele sequer vá para onde precisamos.

– Eu sou mais que a gente vá de qualquer maneira – disse Frannie. – E nunca mais volte.

– Mas os peregrinos não costumam voltar para casa depois? – Só quando existe uma casa para se voltar.

Caminharam pela Esplanada procurando algum lugar para comer, e enquanto caminhavam Frannie disse:

– Rosa acha que não se pode confiar em você.

– Por que diabos não?

– Porque você só se importa com Steep. Ou você e Steep.

– Quando ela disse isso?

– Quando eu estava colocando bandagens nela.

– Ela não sabe do que está falando – disse Will.

Caminharam um pouco em silêncio, passando por dois namorados recostados contra o muro do porto, trocando sussurros e beijos.

– Você vai me contar o que aconteceu na casa? – Frannie perguntou finalmente.

– Não é bastante óbvio? Eu tentei matá-lo.

– Mas não matou?

– Como eu disse, tentei. Então ele agarrou a faca, e... e eu tive um pequeno vislumbre do que acho que ele era antes de se tornar Jacob Steep.

– E o que é isso?

– É o que Simeon pintou. A coisa que construiu o Domus Mundi para Rukenau. Um nilótico.

– Você acha que Rosa também é um?

– Quem sabe? Estou só tentando juntar as peças. O que sabemos? Bom, sabemos que Rukenau era uma espécie de místico. E estou supondo que ele encontrou essas criaturas... no Nilo?

– É o que a palavra significa, até onde sei. Não tem nenhum significado místico.

– Então o quê? Acha que eles literalmente construíram uma casa?

– Você não acha?

– Não necessariamente – disse Frannie. – Uma igreja pode ser pedras e uma torre, mas também pode ser o meio de um campo ou a margem de um rio. Qualquer lugar em que as pessoas se reúnam para adorar Deus.

Era óbvio que ela pensara consideravelmente no assunto, e Will gostou de suas observações.

– Então o Domus Mundi poderia ser... – ele lutou com as palavras para assimilar a ideia – um lugar onde o mundo se reúne?

– Dito assim, não faz muito sentido.

– Na pior das hipóteses – disse Will – me lembra a não ser tão terrivelmente literal. Sobre o que é isso tudo? Não é sobre paredes e tetos. É sobre... – Mais uma vez lutou com as palavras. Mas dessa vez as tinha; de Bethlynn, entre todas as pessoas. – ... trabalhar mudanças e induzir visões.

– E você acha que é isso o que Steep está tentando fazer?

– De sua forma distorcida, sim, acho que é.

– Você lamenta por ele?

– Foi o que Rosa lhe disse?

– Não, estou só tentando entender o que aconteceu entre vocês.

– Ele matou Sherwood. Isso faz dele meu inimigo. Mas se eu tivesse uma faca na minha mão agora, e ele estivesse na minha frente, eu não conseguiria matá-lo. Não mais.

– É o que eu achava que você ia dizer – disse Frannie. Ela parou e apontou para o outro lado da estrada. – Estou vendo um restaurante de peixe e batatas.

– Antes de passarmos para o peixe e as batatas, quero terminar esta conversa. É importante que você sinta que pode acreditar em mim.

– Eu acredito. Eu acho. Acho que preferia que você estivesse pronto para matá-lo logo após o que ele fez. Mas isso não seria muito cristão da minha parte. A coisa é que nós somos apenas pessoas comuns...

– Não somos não.

– Eu sou.

– Você não estaria aqui..

– Eu sou – insistiu ela. – Sério, Will. Eu sou uma pessoa comum. Quando penso no que estou fazendo aqui, fico com medo de Deus. Não estou preparada para isso; nem um pouquinho. Eu vou à igreja todo domingo; e ouço o sermão; e me esforço o máximo possível para ser uma boa mulher cristã durante os próximos sete dias. Esse é o limite da minha experiência religiosa.

– Mas é por aí mesmo – disse Will. – Você sabe disso, não sabe? – Ela olhou através dele.

– Sim. Eu sei que é por aí – ela disse. – Só não sei se estou pronta para isso.

– Se estivéssemos prontos, isso não estaria acontecendo conosco – disse Will. – Acho que temos de ter medo. Pelo menos um pouco. Precisamos sentir que estamos fora de nosso limite.

– Ah, meu Deus – ela disse, expelindo as palavras num suspiro. – Bom, nós somos assim.

– Eu estava com fome quando começamos esta conversa – disse Will. – Agora estou faminto.

– Então podemos comer?

– Podemos comer.

Houve decisões deliciosas a serem tomadas no restaurante de peixe e batatas. Haddock fresco ou arraia fresca? Uma porção tamanho-família de batatas fritas, ou um tamanho maior? Pão e manteiga para acompanhar? E sal e vinagre? E, talvez, a escolha mais significante de todas: comer ali no local (havia uma fileira de mesas com toalhas de plástico ao longo de uma das paredes, embaixo de um espelho decorado com peixes pintados) ou mandar enrolar tudo no Scottish Times de ontem e devorar sentado no muro do porto? Decidiram pela primeira opção, por uma questão de praticidade. Seria mais fácil estudar os panfletos que Will recebera se estivessem sentados numa mesa. Mas os panfletos foram deixados de lado

durante os quinze minutos seguintes, enquanto comiam. Só quando Will apaziguou a dor no seu estômago foi que começou a folhear o Guia das Ilhas. Não era muito esclarecedor: apenas uma descrição previsivelmente enjoativa das glórias das Ilhas Ocidentais: suas praias selvagens, suas inigualáveis pescarias, seu cenário deslumbrante. Havia esboços minúsculos de cada uma das ilhas, acompanhados em vários casos por uma fotografia. Skye era "a ilha consagrada em canção e lenda", Bute apregoava "a mais espetacular mansão vitoriana da Grã-Bretanha"; Tiree, "cujo nome significa o celeiro das ilhas, é o paraíso dos observadores de pássaros".

– Algo de interessante? – Frannie lhe perguntou.

– Só o blablablá de sempre – disse Will.

– Sua boca está suja de ketchup.

Will limpou-a, voltando o olhar para o panfleto enquanto isso. O que havia sobre a ilha de Tiree que ficava chamando sua atenção? *Tiree é a mais fértil das Hébridas Interiores*, dizia o panfleto, o celeiro das ilhas.

– Estou satisfeita – disse Frannie.

– Veja isto – disse Will, virando o panfleto na direção de Frannie e empurrando-o pela mesa atulhada de coisas.

– Que parte? – perguntou ela.

– A parte sobre Tiree. – Ela vasculhou rapidamente essa parte. – Significa algo pra você?

Ela balançou a cabeça.

– Não, acredito que não. Observar pássaros... praias brancas e arenosas. Parece tudo muito bonito, mas...

– Celeiro das ilhas! – Will disse subitamente, agarrando o panfleto. – É isso! Celeiro! – Levantou-se.

– Para onde estamos indo?

– Para o carro. Precisamos do seu livro sobre Simeon!

As ruas haviam se esvaziado enquanto jantavam; os turistas voltaram aos seus hotéis para dormir, os amantes para suas camas. Rosa também havia voltado. Estava sentada na calçada, de costas para o muro do porto.

– A Ilha de Tiree significa algo para você? – Will lhe perguntou. Ela balançou a cabeça.

Frannie tirou o livro do carro e começou a folheá-lo.

– Lembro de muitas referências à ilha de Rukenau – disse ela –mas não havia nada específico. – Ela o passou para Will.

Ele o levou até o muro do porto e se sentou.

– Está com cheiro de satisfação – observou Rosa. – Comeu?

– Comi – disse ele. – Deveríamos ter trazido algo para você?

Ela balançou a cabeça.

– ... estou jejuando – ela respondeu. Embora eu tivesse ficado tentada por alguns dos peixes que estavam tirando dos barcos ali.

– Crus? – perguntou Frannie.

– São melhores assim — respondeu Rosa. — Steep sempre foi bom em pegar peixes. Ele entrava num rio e fazia com que ficassem num estupor...

Achei. – disse Will, sacudindo o livro. – Aqui está! – Parafraseou a passagem para o benefício de Frannie. Esperando redescobrir um lugar nas afeições de Rukenau, Simeon planejara uma pintura simbólica; uma pintura que mostrava seu ex–mecenas em pé entre pilhas de grãos, "conforme sua ilha". – Esta é a conexão, bem aqui! – disse. –A ilha de Rukenau é Tiree. Vejam! E um celeiro, bem como Simeon ia pintá-la.

– É uma evidência bem pobre – observou Frannie.

Will se recusava a ser desestimulado.

– É o lugar. Eu sei que é o lugar – disse. Jogou o livro de Dwyer para Frannie e tirou a tabela de horários do bolso para consultá-la. – A viagem de amanhã de manhã é para Coll e Tiree, via Tobermory – sorriu. – Finalmente – disse. – Estamos com sorte.

– Devo deduzir de toda essa gritaria que você sabe para onde estamos indo? – perguntou Rosa.

– Acho que sim – respondeu Will. – Agachou-se ao lado dela. Quer voltar para o carro agora? Você não está se ajudando sentada aí.

– Sabe que um bom samaritano tentou me dar dinheiro para uma cama? – ela disse para ele.

– E você aceitou – disse Will.

– Você me conhece tão bem – Rosa respondeu seca, e abriu o punho para mostrar a moeda para ele.

Com um pouco mais de persuasão, Rosa finalmente consentiu em ser levada de volta para o carro, e lá os três passaram o restante da noite. Will dormiu melhor do que esperava, dobrado no banco do motorista. Só acordou uma vez, a bexiga cheia, e saiu do carro com o maior silêncio possível para se aliviar. Eram quatro e quinze, e a barca que os levaria para as ilhas de manhã, a The Claymore, já estava atracada. Já havia homens trabalhando na doca, e no cais, levantando cargas e se preparando para a

primeira viagem. Tirando isso, a cidade estava quieta; a Esplanada deserta. Mijou com vontade na sarjeta, examinado somente por três ou quatro gaivotas que passavam a noite no muro do porto. Os barcos de pesca chegariam em breve, imaginou, e elas teriam sobras de peixe com que se alimentar no café. Antes de voltar para o carro, acendeu um cigarro, e pedindo licença às gaivotas, sentou-se no muro olhando para as águas escuras além das luzes do porto. Sentia-se curiosamente contente com seu destino. O cheiro frio da água, a fumaça quente e ácida em seus pulmões; os marinheiros preparando a The Claymore para sua viagenzinha: todos eram pedaços de sua felicidade. Assim como a presença que sentia dentro de si ali sentado, olhando a água: o espírito da raposa cujos sentidos aguçavam os seus próprios, e que o avisava sem palavras: sinta prazer, cara. Curta a fumaça, o silêncio e a água sedosa. Sinta prazer não porque é passageiro, mas porque ele existe.

Terminou o cigarro e voltou ao carro, sentando-se no seu banco sem acordar Frannie, cujo rosto batia contra a janela no sono, a respiração enevoando ritmicamente o vidro frio. Rosa também parecia estar dormindo, mas ele não estava tão certo de que ela não estivesse fingindo, suspeita que confirmou quando ele próprio havia começado a cochilar novamente, e a ouviu sussurrando atrás dele no limite de sua audição. Ele não conseguiu entender o que ela estava dizendo, e estava cansado demais para pensar a respeito, mas no instante em que o sono tomou conta de si, num daqueles lampejos de lucidez que acompanham esses momentos, ele decifrou as sílabas que ela estava falando. Ela recitava uma lista de nomes. E alguma coisa no jeito carinhoso com que ela os pronunciava, espaçando a lista com um suspiro aqui, um "oh, meu amor" ali, o fez pensar que não eram pessoas que ela havia conhecido ao longo do caminho. Eram seus filhos. Este, então, foi o pensamento que o conduziu ao sono: o de que Rosa estava se lembrando de seus filhos mortos enquanto esperava o dia nascer, e recitava seus nomes no escuro, como uma prece sem texto; apenas uma lista das divindades às quais ela se dirigia.

III

Sempre fora preferência de Steep, ao chacinar casais copulando, matar o macho primeiro. Se estava lidando com o último de uma espécie, naturalmente que era sua maior e mais gloriosa tarefa – a eliminação de ambos os gêneros era acadêmica. Bastava matar um deles para garantir que a linhagem estava acabada. Mas gostava de ser capaz de matar os dois, por uma questão de limpeza, a começar pelo macho. Tinha uma série de razões práticas para isso. Na maioria das espécies, o macho era o sexo mais agressivo, e para sua própria proteção fazia sentido incapacitar o marido antes da esposa. Ele também observara que as fêmeas tinham maior probabilidade de demonstrar tristeza com a morte de seus parceiros, e nesse momento elas podiam ser prontamente mortas. O macho, por contraste, se tornava vingativo. Todos menos dois dos ferimentos mais sérios que ele já sofrera ao longo dos anos foram de machos que ele deixara idiotamente para matar depois da fêmea, e que haviam se atirado sobre ele com abandono suicida. Um século e meio desde a extinção do grande pinguim real nas encostas de St. Kilda, e ainda tinha a cicatriz no seu antebraço onde o macho o abrira. E no tempo frio ainda sentia uma dor na coxa, onde um antílope o escoiceara, ao ver sua parceira sangrando até a morte ante seus olhos.

Ambas eram lições dolorosas. Porém, mais dolorosa do que qualquer uma das cicatrizes ou os ossos mal reduzidos era a lembrança daqueles machos que haviam, por alguma falha sua, sido mais hábeis do que ele e escapado. Isso raramente acontecera, mas quando acontecia ele montara buscas heróicas do fugitivo, levando Rosa à loucura com sua angústia. Deixe o animal ir, ela lhe dissera, sempre pragmática; deixe que morra de solidão.

Ah, mas era isso o que o assustava. Pensar num animal errante na vastidão selvagem, circundando seu território, procurando alguma coisa parecida com ele, e voltando por fim ao lugar onde seu par havia perecido, buscando um vestígio de seu ser – um cheiro, uma pena, uma lasca de osso – era quase insuportável. Ele havia apanhado fugitivos diversas vezes nessas circunstâncias; esperando que eles voltassem àquele lugar fatal, e assassinando-os no local onde pranteavam. Mas alguns animais lhe

escaparam por completo, animais sobre cujas horas finais ele não teve domínio, e esses eram uma fonte de grande tensão para ele. Sonhara com eles e os imaginara por meses depois. Via-os vagando em seu pensamento; cada vez mais abatidos, cada vez mais errantes. E então, após uma ou duas estações sem que tivessem encontrado qualquer uma de suas próprias espécies, perdendo a vontade de viver; mordidos de pulgas e magros de doer, tornando-se fantasmas de estepes, florestas ou banquisas de gelo, até finalmente abandonarem toda esperança, e morrerem.

Ele sempre sabia quando isso acontecia; ou essa era sua convicção. Sentiria a morte do animal em suas vísceras, como se um procedimento físico tão concreto quanto a digestão tivesse chegado ao seu fim inevitável. Outra coisa perturbadora havia passado para a memória (e para seu diário), para nunca mais ser conhecida.

Este não surgirá novamente. Nem este. Nem este...

Não foi por acidente que seus pensamentos se voltaram para esses errantes ao viajar para o norte. Como uma criatura sem esperança, retornando ao seu terreno ancestral. Em seu caso, naturalmente, não estava procurando sinais de sua esposa. Rosa ainda estava viva (era a trilha dela que estava seguindo, afinal) e certamente não choraria sobre seus restos quando ela morresse. Mas, apesar de todo o desejo em se livrar dela, a perspectiva o deixou sozinho.

A noite não havia corrido bem para ele. O carro que ele havia roubado em Burnt Yarley quebrara a alguns quilômetros de Glasgow, e ele o abandonara, planejando furtar um veículo mais confiável no próximo posto de gasolina. Acabou sendo uma jornada e tanto; duas horas caminhando ao lado da rodovia, enquanto uma chuva gelada caía. Da próxima, roubaria um carro japonês. Gostava dos japoneses; um entusiasmo que partilhava com Rosa. Ela gostava da delicadeza e do engenho deles; ele gostava de seus carros e de sua crueldade. Tinham uma bonita indiferença para com a censura dos hipócritas, que ele admirava. Precisavam de barbatanas de tubarão para sua sopa? Pegavam-nas, e jogavam o resto da carcaça de volta ao mar. Queriam óleo de baleia para os lampiões? Diabos, caçavam as baleias e diziam aos ecologistas para chorarem na porta de outro.

Encontrou um Mitsubishi brilhando de novo no posto de gasolina seguinte, e, bastante satisfeito com a aquisição, seguiu seu caminho noite

adentro. Mas seus pensamentos melancólicos não foram banidos; continuaram a voltar a lembranças de assassinato. Ele tinha um motivo simples para continuar fazendo a cabeça girar em torno daquelas imagens sombrias; elas mantinham afastada uma lembrança ainda mais sombria. Mas essa lembrança se recusava a ser despachada para as fronteiras de seu crânio. Embora enchesse a cabeça de sangue e desespero, o pensamento continuava retornando...

Will o beijara. Oh, Deus do Céu, *a bicha o beijara*, e vivera para se vangloriar disso. Como isso era possível. *Como?* E por que, embora tivesse limpado a boca com a mão diversas vezes até os lábios ficarem em carne viva, eles se lembravam ainda mais do toque a cada ataque? Haveria nele alguma parte vergonhosa que sentira prazer com a violação?

Não. Não. Não existia parte assim. Em outros talvez, em homens mais fracos, nele não. Ele simplesmente fora pegado de surpresa, esperando um soco e recebendo sujeira ao invés disso. Um homem menor poderia ter cuspido o beijo no rosto de seu violador. Mas para um homem puro como ele, intocado por dúvida ou ambiguidade, o beijo havia sido pior que qualquer soco. Seria de se estranhar se ele ainda o sentia? E continuaria a senti-lo, sem dúvida, até ter os pedaços dos lábios de seu inimigo entre seus dedos, arrancados de seu rosto.

Às seis da manhã ele havia chegado a Dumbarton, e o céu estava clareando a leste. Outro dia começando; outra rodada de trivialidades para a manada humana. Viu os rituais matinais sendo realizados na rua pela qual dirigia. Cortinas sendo puxadas para acordar as crianças, leite apanhado nas soleiras das portas para o chá da manhã; alguns primeiros trabalhadores caminhando para o ponto de ônibus ou a estação ferroviária, ainda meio imersos em sonhos. Não tinham ideia de para onde seu mundo estava indo; e nem teriam se importado ou compreendido se soubessem. Queriam apenas passar seu dia, e pegar o ônibus ou o trem para que os deixassem em casa novamente, sãos e salvos.

Seu humor ficou melhor ao observá-los. Eram uns palhaços. Como poderia não se divertir? Seguiu por Helensburgh e Garelochhead, a estrada estreita aumentando pesadamente de tráfego com o passar do dia, até afinal alcançar a cidade que percebera muito antes ser seu destino: Oban. Eram sete e quarenta e cinco. A barca, disseram-lhe, partira na hora certa.

IV

Will, Frannie e Rosa embarcaram na The Claymore às seis e meia. Embora o ar da manhã estivesse frio e cortante, ficaram felizes em sair do carro, que ao fim da noite já estava ficando apertado, e ficar a céu aberto. E, Deus, o dia estava ótimo, o sol se erguia num céu sem nuvens.

– Não podemos pedir um dia mais bonito pra navegar – observou o marinheiro que estacionara o carro deles. – Vai ficar calmo como um tanque de lilases até a gente chegar às ilhas.

Frannie e Will foram aos banheiros do navio, para lavar o rosto e espantar o sono. As instalações eram bastante modestas, mas ambos saíram um pouco mais apresentáveis, e voltaram ao convés para descobrir Rosa sentada na proa da The Claymore. Dos três, ela parecia a mais descansada. Havia um frescor em sua palidez e um brilho nos olhos que desmentiam inteiramente seu estado ferido.

– Vou ficar ótima só por estar sentada aqui – disse, como uma velha senhora que quisesse incomodar o mínimo possível seus companheiros de viagem. – Por que vocês dois não vão tomar um café?

Will se ofereceu para trazer-lhe alguma coisa, mas ela disse que não, estava muito bem como estava. Deixaram-na com sua solidão, e com um pequeno desvio para a popa para ver o porto sumindo atrás deles, a cidade perfeita como um quadro no sol cálido, desceram para a sala de jantar e se sentaram para um desjejum de mingau e chá com torradas.

– Não vão me reconhecer se algum dia eu voltar a São Francisco – disse Will. – Creme, manteiga, mingau... Dá pra sentir minhas artérias entupindo só de olhar.

– O que as pessoas fazem pra se divertir em São Francisco?

– Nem me pergunte.

– Não. Quero saber, para quando eu for te visitar.

– Ah, você vai me visitar?

– Se você quiser me receber. Talvez no Natal – respondeu ela. – É quente no Natal?

– Mais quente que aqui. Chove, claro. E tem neblina.

– Mas você gosta da cidade?

– Eu costumava achar que era o Paraíso – disse ele. – Claro, era um lugar diferente quando cheguei.

– Me conte – ela pediu.

A perspectiva de fazê-lo o derrotou.

– Eu não saberia por onde começar.

– Me fale dos seus amigos. Seus... amantes? ela arriscou a pergunta, como se não tivesse certeza de estar usando o vocabulário certo. – É tão diferente de qualquer coisa que eu já tenha experimentado.

Então ele deu um tour guiado por Boy's Town durante o chá com torradas. Um rápido diário verbal para começar; em seguida um pouco sobre a casa da Sanchez Street, e as pessoas de seu círculo. Adrianna, claro, com uma nota de rodapé sobre Cornelius, Patrick e Rafael, Drew, Jack Fisher, até mesmo um passeio rápido até o outro lado da Baía para um instantâneo de Bethlynn.

– Você disse no começo que tudo havia mudado – Frannie o lembrou.

– Mudou. Muita gente que conheci quando fui morar lá está morta. Homens da minha idade; alguns mais novos. Muitos enterros. Muitos homens de luto. Isso muda a forma pela qual você olha sua vida. Começa a pensar talvez nada disso valha porra nenhuma.

– Você não acredita nisso – disse Frannie.

– Não sei no que acreditar – ele disse. – Não tenho a mesma fé que você.

– Deve ser difícil quando você está no meio de tanta morte. É como uma extinção.

– Não estamos indo a lugar nenhum – Will disse com uma convicção inabalável – porque não estamos vindo de lugar nenhum. Somos eventos espontâneos. Simplesmente aparecemos no meio das famílias. E vamos continuar aparecendo. Ainda que a praga matasse todos os homossexuais do planeta, não seria a extinção, porque existem bebês viados nascendo a cada minuto. É como mágica. – Sorriu com essa ideia. – Sabe, é exatamente isso. Mágica.

– Acho que me perdi nessa história.

– Estou só brincando. – Ele deu uma gargalhada.

– O que há de tão engraçado?

– Isto – disse ele, abrindo lentamente os braços para abarcar a mesa, depois Frannie, e depois o resto da sala de jantar. – Nós sentados conversando assim. Política da viadagem durante o mingau. Rosa sentada lá, ocultando seu eu secreto. Eu aqui embaixo, falando do meu – Inclinou-

se para a frente, – Não te parece um pouco engraçado? – Ela olhou para ele sem entender. – Não, desculpe. Estou extrapolando.

A conversa foi interrompida nesse ponto pelo garçom, um homem de rosto vermelho com um sotaque que Will no início não conseguiu entender, perguntando a eles se haviam acabado. Haviam. Deixando que ele limpasse a mesa, subiram para o convés. O vento havia aumentado consideravelmente nos quase sessenta minutos em que estiveram tomando café, e as águas azul-acinzentadas do Estreito, embora longe de instáveis, estavam salpicadas de espuma. À esquerda deles, as colinas da Ilha de Mull, púrpuras de tantas urzes, à direita as encostas da terra escocesa, com vegetação mais compactada, com sinais de habitação humana aqui e ali a maioria humildes, algumas grandiosas – sobre as elevações mais altas. Um bando de gaivotas acompanhava o navio, mergulhando para apanhar pedaços de comida jogados n'água, cortesia da cozinha. Quando os pássaros se saciaram, acomodaram-se no navio, seu clamor silenciado, e ficaram olhando seus companheiros passageiros das amuradas e dos barcos salva-vidas.

– Eles é que têm uma vida fácil – observou Frannie quando outra gaivota bem-alimentada chegou para se empoleirar entre suas irmãs.

– Pegam a barca da manhã, tomam o café, e depois pegam-na de volta para casa.

– Gaivotas são sujeitinhas práticas – disse Will. – Comem qualquer coisa. Olhe só aquela! O que está comendo?

– Mingau coagulado.

– É mesmo? Nossa, é sim! Engolindo direto!

Frannie não estava olhando a gaivota, estava olhando para Will.

– Essa sua expressão... – disse.

– O quê?

– Pensei que você estava cansado de ver animais.

– Nem um pouco,

– Você sempre foi assim? Acho que não.

– Não. Devo isso ao Steep. Claro que ele tinha outros motivos. Primeiro você vê, depois mata.

– Então você o põe no seu livro de recortes – acrescentou Frannie. – Tudo certinho e bem-feito.

– E em silêncio – disse Will.

– O silêncio era importante?

– Ah, sim. Ele acha que assim ouvimos Deus melhor.

Frannie ficou pensando nisso por um momento.

– Você acha que ele nasceu maluco? – perguntou finalmente.

Mais um silêncio. Então Will disse: – Acho que ele não nasceu.

A barca estava chegando a Tobermory, sua primeira e última parada antes de saírem do Estreito e irem para mar aberto. Ficaram olhando a aproximação da proa, onde Rosa ainda estava sentada. Tobermory era uma cidade pequena, mal se estendia além do cais, e a barca não ficou mais de vinte minutos na doca (o suficiente para descarregar três carros e uma dezena de passageiros) antes de seguir seu caminho. A maré ficou notavelmente mais forte ao perderem de vista a ponta norte de Mull, as ondas rompendo com espuma branca.

– Espero que não fique pior que isso – observou Frannie – ou vou ficar enjoada.

– Estamos em águas traiçoeiras – observou Rosa; eram as primeiras palavras que dizia desde que Frannie e Will se juntaram a ela. – Os estreitos entre Coll e Tiree são notórios.

– Como sabe?

– Bati um papo com o jovem Hamish ali – disse ela, acenando com a cabeça na direção de um marinheiro encostado na amurada a dez metros de Rosa.

– Ele mal tem idade para se barbear – replicou Will.

– Está com ciúmes, hein? – Rosa riu. – Não se preocupe, não vou fazer safadeza com ele. Não no meu estado atual. Embora Deus saiba que ele é uma coisinha linda, não acha?

– É um pouco novinho demais para mim.

– Esse negócio de novo demais não existe – disse Rosa. – Se puder ficar duro, já tem idade suficiente. Essa sempre foi minha teoria.

O rosto de Frannie ficou vermelho de fúria e embaraço.

– Você é nojenta, sabia? – disse, e saiu convés abaixo.

Will foi atrás dela, para acalmá-la, mas não conseguiu.

– Foi assim que ela meteu as garras em Sherwood – disse ela. – Eu sempre suspeitei. E lá está ela, contando vantagem.

– Ela não mencionou Sherwood.

– Nem precisa. Deus, ela me dá nojo. Fica ali sentada, com tesão por um garoto de quinze anos. Não quero mais olhar para a cara dela, Will.

– Aguente um pouco só mais algumas horas – disse Will. – Estamos presos a ela até encontrarmos Rukenau.

– Ela sabe para onde está indo tanto quanto nós – disse Frannie. Will não disse, mas ficou tentado a concordar. Esperava que a essa altura Rosa estivesse mais concentrada; que a viagem de algum modo lhe tivesse despertado memórias ocultas: algo que os preparasse para o que quer que houvesse adiante. Mas se ela sentia algo, estava escondendo com muita eficiência. – Talvez esteja na hora de eu apelar ao coração dela.

– Ela não tem coração – disse Frannie. – Ela é apenas uma velha e depravada... seja lá o que for. – Olhou para ele. – Vá falar com ela. Não vai conseguir resposta alguma. Mas mantenha ela longe de mim. – Com isso, foi na direção da popa. Will quase foi atrás dela para tentar aplacá-la mais, mas de que adiantava? Ela tinha todo direito de sentir nojo. Quanto a si, entretanto, achava impossível sentir um grande horror por quem ou o que Rosa era, apesar do fato de que ela tirara a vida de Hugo. Ficou pensando nisso enquanto voltava à proa. Será que havia alguma falha em sua natureza que impedia que ele sentisse o nojo que Frannie sentira?

Sua caminhada foi interrompida por duas gaivotas, que chegaram voejando à sua frente para disputar uma crosta de pão encharcado que uma delas deixara cair no voo. Era uma disputa violenta e viciosa, bicos esfaqueando, asas batendo, e ao olhar a cena teve sua pergunta respondida. Ele observava Rosa do jeito que observava as gaivotas. O jeito, na verdade, com que observara milhares de animais ao longo dos anos. Não fazia julgamentos morais sobre ela porque eles não se aplicavam. Não havia como julgá-la por padrões humanos. Ela não era mais humana do que as gaivotas brigando à sua frente. Talvez fosse essa a sua tragédia: talvez, como as gaivotas, fosse sua glória.

– Foi só uma brincadeirinha – Rosa disse quando ele voltou para se sentar ao lado dela. – Essa mulher não tem senso de humor. – A The Claymore estava balançando, e uma ilhota baixa começava a aparecer. – Hamish me disse que esta é Coll – disse Rosa, levantando-se e se curvando sobre a amurada.

A ilha fazia um contraste árido às encostas luxuriantes de Mull; plana e indistinta.

– Acho que você não reconhece isso, não? – Will lhe perguntou. – Não – disse ela. – Mas não é aqui que vamos descer. Esta é a ilha irmã. Tiree é muito mais fértil. A Terra do Milho, costumavam chama-la.

– Você aprendeu tudo isso com Hamish? – Rosa fez que sim. – Garoto útil – disse Will.

– Homens têm lá sua utilidade – disse ela. – Mas disso você sabe.

Ela olhou meio tímida para Will. – Você vive em São Francisco não é? Eu adoro aquela cidade. Havia um bar drag na Castro Street que eu sempre frequentava quando estávamos na cidade. Agora não lembro o nome, mas o dono era uma tia velha adorável chamada Lenny não sei das quantas. Está achando graça?

– Um pouquinho. A ideia de você e Steep num bar drag.

– Ah, Steep nunca me acompanhou. Teria ficado enojado. Mas eu sempre gostei da companhia de homens que gostam de imitar mulheres. Meus doces viados de Milão; nossa, alguns deles eram tão lindos.

Se a conversa do café havia sido estranha, isto era muito mais, pensou Will. A última coisa que ele esperava fazer naquela viagem era ouvir Rosa desfiar as virtudes do travestismo.

– Nunca entendi o que havia de tão interessante nisso – disse Will.

– Sempre adorei coisas que não eram o que aparentavam – respondeu Rosa. – E um homem negar seu próprio sexo, e colocar um corpete e se pintar, e ser algo que não é porque toca um ponto em seu coração... isso tem um quê de poesia, a meu ver. – Ela sorriu. – E aprendi muita coisa com alguns desses homens, sobre como fingir.

– Fingir ser uma mulher, você quer dizer?

Rosa assentiu.

– Eu também sou uma fabricação, sabia? – perguntou ela, com mais que um traço de autodepreciação. – Meu nome não é sequer Rosa McGee. Ouvi o nome numa rua em Newcastle, alguém chamando Rosa, Rosa McGee, e pensei: este é o nome para mim. Steep pegou o nome dele de uma placa que viu. Um importador de especiarias; esse era o Steep original. Jacob gostava do som do nome, por isso o tomou. Acho que matou o homem depois.

– Matou-o por seu nome?

– Talvez mais pela diversão. Ele era vicioso quando jovem. Achava que era sua tarefa para com seu sexo ser cruel. Pegue um jornal, e é óbvio como os homens são.

– Nem todo homem mata coisas por prazer.

– Ah, não foi isso que ele aprendeu – disse Rosa, com uma expressão de frustração cansada com a estupidez de Will. – Tive tanto prazer em matar

quanto ele. Não... o que ele aprendeu foi a fingir que havia propósito nisso.

– Quantos anos vocês tinham quando ele estava aprendendo? Vocês foram crianças?

– Ah, não. Nunca fomos crianças. Pelo menos não que eu me lembre.

– Então, antes de escolher ser Rosa, quem era você?

– Não sei. Estávamos com Rukenau. Acho que não precisávamos de nomes. Éramos seus instrumentos.

– Na construção do Domus Mundi? – Ela balançou a cabeça. – Então você não lembra de estar com ele?

– Por que deveria? Você se lembra do que era antes de ser Will Rabjohns?

– Lembro de ser um bebê, muito vagamente. Pelo menos acho que me lembro.

– Pode ser que me aconteça a mesma coisa, assim que chegar a Tiree.

A The Claymore estava agora talvez a quinze metros do cais em Coll, e com a facilidade de alguém que havia realizado a tarefa um sem-número de vezes, o mestre-arrais encostou a embarcação. Houve um lufa-lufa de atividade no nível inferior, enquanto os carros eram levados para fora e os passageiros desembarcavam. Will não prestou muita atenção. Tinha mais perguntas para fazer a Rosa, e estava determinado a fazê-las todas enquanto ela estava num temperamento bom.

– Você disse alguma coisa sobre Jacob aprendendo a ser um homem...

– Disse? – perguntou ela, fingindo distração.

– ...mas ele já era um homem. Você disse isso.

– Eu disse que ele não era uma criança. Não é a mesma coisa. Ele precisava aprender o jeito que as pessoas são no mundo, assim como eu tive que aprender o jeito das mulheres. Nada disso veio naturalmente para nós. Bem... talvez alguma coisa. Eu me lembro de pensar um dia como adorava segurar bebês nos braços, como eu adorava a maciez deles e as canções de ninar. E Steep não.

– O que Steep adorava?

– Eu – disse ela, com um sorriso sacana. – Pelo menos... – continuou sorrindo – eu imaginava que sim e isso era o bastante. Às vezes é. As mulheres entendem isso; os homens não. Homens precisam das coisas certas. Tudo certinho no seu lugar. Listas, mapas e história. Tudo para saberem onde estão, aonde pertencem. As mulheres são diferentes. Precisamos de menos. Eu poderia ter sido muito feliz se tivesse tido filhos

com Steep. Vê-los crescer, e se morressem, ter mais. Mas eles sempre morriam, logo depois que nasciam. Ele os levava para longe, para me poupar a dor de vê-los, o que mostrava que ele sentia alguma coisa por mim, não é?

– Acho que sim.

– Dei nomes a todos, mesmo tendo vivido apenas por alguns minutos...

– E você se lembra de todos os nomes?

– Ah, sim disse ela, virando o rosto para esconder os sentimentos. – Cada um deles.

A essa altura a The Claymore estava pronta para partir. Os cabos de amarração foram retirados, os motores assumiram um ritmo mais intenso, e a última etapa da viagem foi iniciada. Só quando estavam a alguma distância da ilha, Rosa finalmente olhou para Will, que estava sentado acendendo um cigarro, e disse:

– Quero que entenda uma coisa sobre Jacob. Ele não foi um bárbaro a vida toda. No começo sim, ele era um demônio, era mesmo. Mas o que ele tinha como inspiração? Pergunte à maioria dos homens o que os torna homens e não será uma lista muito agradável. Mas eu o tornei mais calmo ao longo dos anos...

– Ele levou espécies inteiras à extinção, Rosa...

– Eram apenas animais. O que importava? Ele tinha pensamentos tão bons na cabeça; pensamentos tão divinos. De qualquer forma, está lá na Bíblia. Temos domínio sobre as aves do ar...

– ... e os bichos do campo. É, eu sei. Então ele tinha todos esses ótimos pensamentos.

– E adorava me dar prazer. Tinha seus momentos de perturbação, claro, mas sempre havia espaço para música e dança. E o circo. Eu adorava o circo. Mas ele perdeu o senso de humor depois de algum tempo. Perdeu suas cortesias. E então começou a me perder. Estávamos ainda viajando juntos, e havia momentos em que as coisas eram quase iguais aos velhos tempos, mas os sentimentos entre nós estavam acabando. Na verdade, na noite em que conhecemos você estávamos planejando nos separar. Por isso ele procurou companhia. E encontrou você. Se não tivesse feito isso, não estaríamos onde estamos agora, nenhum de nós. No fim, está tudo conectado, não está? Você acha que não, mas está.

Ela voltou o olhar para a água.

– É melhor eu voltar e encontrar Frannie – disse Will. – Logo vamos chegar.

Rosa não respondeu. Deixando-a na amurada, Will percorreu a extensão do convés e achou Frannie sentada na lateral a estibordo, tomando uma xícara de café e fumando um cigarro.

– Não sabia que você fumava.

– Não fumo – disse ela. – Mas precisava. Quer um pouco de café? O vento está frio. – Ele pegou o copinho de plástico e tomou um gole. – Tentei comprar um mapa – disse ela – mas a lojinha da barca está fechada.

– Vamos comprar um na ilha – disse Will. – Falando nisso...

Levantou-se e foi até a amurada. O destino deles estava à vista. Uma linha de terra tão pouco promissora quanto Coll, as ondas tornando a quebrar contra suas margens rochosas. Frannie se levantou para ficar em pé ao lado dele e juntos observaram a ilha se aproximar. Os motores da The Claymore começaram a reduzir a velocidade, para que a embarcação pudesse ser navegada com segurança pelas águas mais rasas.

– Não parece muito hospitaleira, não é? – observou Frannie.

Aquela distância, ela certamente parecia espartana, o mar surgindo por entre elevações negras de rocha que surgiam perto de promontórios desolados. Mas então o vento mudou de direção e trouxe o perfume das flores de terra, a fragrância de mel misturada aos cheiros fortes de sal e alga, e Frannie murmurou: – Oh, Deus... – em apreciação.

A aproximação da The Claymore havia se tornado um arrastar lento agora, à medida que a embarcação se aproximava cautelosamente do cais. E, ao fazê-lo, os charmes da ilha se tornaram mais aparentes. As águas que a barca cortava não eram mais escuras e fundas, mas de um turquesa igual ao de qualquer praia do Caribe, e batiam em praias de areias platinadas. Havia algumas vacas no quebra-mar, aparentemente pastando as algas marinhas, mas fora isso as praias estavam desertas. As dunas gramadas que se elevavam atrás delas também, rolando para encontrar as campinas luxuriantes do interior da ilha. Era dali que o aroma de ervilhaca, relva-do-Olimpo e trevo encarnado se originavam: trechos vastos de pastos férteis pontilhados aqui e ali por casas modestas, caiadas e de tetos brilhantes.

– Retiro o que disse – disse Frannie. – É lindo.

O vilarejo de Scarinish, que era pouco mais que duas fileiras de casas, estava à vista agora. Havia mais atividade em seu píer do que em Coll:

vinte pessoas esperavam que a The Claymore atracasse juntamente com um vagão de carga repleto de artigos e um trator com um curral a reboque.

– Acho que vou buscar Rosa – disse Will.

– Me dê as chaves do carro – disse Frannie. – Encontro vocês lá embaixo.

Will voltou à proa, onde encontrou Rosa quieta na amurada estudando a cena adiante.

– Reconhece alguma coisa? – perguntou a ela.

– Não com meus olhos – ela disse. – Mas... Conheço este lugar.

A The Claymore encostou no cais com um solavanco e um rangido suaves, e em seguida o som de gritos de boas-vindas tanto de terra quanto do barco.

– Hora de ir – disse Will, e escoltou Rosa até o porão, onde Frannie já estava no carro. Will sentou no banco do carona ao lado dela, e Rosa entrou atrás. Houve um silêncio desconfortável enquanto aguardavam a porta da barca se abrir. Não precisaram esperar muito. Depois de dois minutos, a luz do sol invadiu o porão e um membro da tripulação assumiu o controle de tráfego, gesticulando para a meia dúzia de veículos estacionados ali para que saíssem, um por um. Houve um segundo atraso no cais, um pouco mais longo, enquanto o vagão carregado era posto de lado para que os carros passassem, manobra executada com grande estrépito, mas sem senso de urgência. Por fim, o congestionamento foi resolvido, e Frannie os levou para o vilarejo propriamente dito. Ele não era maior do que aparecera visto pelo mar: apenas algumas fileiras de casas pequenas mas bem cuidadas com jardins murados bem cuidados e ainda menores, todos de frente para o mar, e um aglomerado de outros prédios espalhados, alguns maltratados, diversos em ruínas. Também havia algumas lojas, entre as quais uma agência dos correios e um pequeno supermercado, suas janelas com anúncios das ofertas da semana, os cartazes silenciosos ainda assim altos demais para o silêncio do lugar.

– Quer comprar um mapa para nós? – Frannie sugeriu a Will, parando o carro do lado de fora do supermercado. – E talvez um pouco de chocolate? – ela gritou para ele. – E algo para beber?

Voltou alguns minutos depois com duas sacolas de compras "para a estrada", como disse: biscoitos, chocolate, pão, queijo, duas garrafas grandes de água e uma garrafinha de uísque.

– E o mapa? – perguntou Frannie, enquanto ele descarregava as sacolas no banco de trás, ao lado de Rosa.

–*Voilà* – disse ele, puxando do bolso um mapinha dobrado, e junto com ele um guia de turismo para a ilha com doze páginas, escrito pelo professor local e ilustrado amadoristicamente pela esposa dele. Passou o livreto para Rosa, pedindo-lhe que o folheasse para ver qualquer nome de lugar que pudesse lembrar alguma coisa. O mapa ele abriu sobre o colo. Não havia muito que estudar. A ilha tinha dezesseis quilómetros de comprimento e quatro e meio de largura no seu ponto mais amplo. Tinha um trio de colinas: Beinn Hough, Beinn Bheag Bhaile-mhuilinn e Ben Hynish. O cume desta última era o ponto mais alto da ilha. Tinha diversos laguinhos, e um punhado de aldeias (descritas como cidadezinhas no mapa) ao redor de sua costa. As poucas estradas que a ilha se orgulhava de ter simplesmente ligavam essas cidadezinhas – a maior delas consistia em nove casas – pela rota mais direta, que, dada a planura do terreno, normalmente era algo que se aproximava de uma linha reta.

– Por onde diabos começamos? – Will se perguntou em voz alta. – Não consigo sequer pronunciar metade destes nomes.

Mas havia uma gloriosa poesia nas palavras: Balephuil e Balephetrish, Baile-Mheadhonach e Cornaigmore; Vaul, Gott e Kenavara. E perdiam muito pouco de sua força na tradução: Balephuil era a Cidade do Pântano, Heylipoll, a Cidade Sagrada, Bail–Udhaig, a Cidade da Baía do Lobo.

– Se ninguém tiver ideia melhor disse Will – sugiro que comecemos aqui. – Apontou para Baile-Mheadhonach.

– Algum motivo em especial? – Frannie quis saber.

– Bem, fica quase no meio da ilha, para começar... – Na verdade era essa sua inglória tradução: Cidade do Meio. – E tem seu próprio cemitério, olhe. – Havia uma cruz ao sul do vilarejo, e ao lado dela as palavras *Cnoc a' Chlaidh*, traduzido como terreno fúnebre cristão. – Se Simeon foi enterrado ali, até que podíamos começar procurando seu túmulo. – Olhou para Rosa, atrás dele. Ela havia posto o livreto de lado e estava olhando pela janela, a expressão tão fixa que Will desviou o olhar imediatamente para não perturbar suas meditações. – Vamos – ele disse a Frannie. Podemos seguir a estrada da costa para oeste até Crossapol. Depois viramos para a direita, para dentro da ilha.

Frannie acelerou o carro para a velocidade que teria sido do fluxo do tráfego caso houvesse algum, e em talvez um minuto pelos arredores de

Scarinish, e pegaram a estrada aberta; uma estrada tão reta e vazia que ela podia ter dirigido de olhos vendados e tinha todas as chances de levá-los assim mesmo a Crossapol.

V

Havia entre as Ilhas Ocidentais lugares de grande significado histórico e mitológico; onde batalhas haviam sido travadas e príncipes se escondido, e histórias que ainda assombravam os ouvintes. Tiree não estava entre elas. A ilha não tivera uma vida inteiramente sem eventos; mas fora, na melhor das hipóteses, uma nota de rodapé para eventos que fluíram em todo seu esplendor em outros lugares.

Não havia exemplo mais óbvio disso que os feitos de São Columba, que em seu tempo levara o Evangelho pelas Hébridas, fundando centros de devoção e aprendizado numa série de ilhas. Mas Tiree não foi abençoada. O bom homem só permanecera na ilha tempo o bastante para amaldiçoar uma rocha em Gott Bay pelo pecado de deixar a corda de atracação de seu barco escorregar. Dali por diante ela seria estéril, declarou ele. A pedra fora chamada de Mallachdaig, ou Pequena Maldita, e nenhuma alga marinha crescera nela desde então. O parceiro de Columba, São Brendan, estivera num humor mais benigno durante sua rápida visita, e abençoara uma colina, mas se a bênção havia concedido algum poder inspiracional ao lugar ninguém notou: não houve revelações ou curas espontâneas no local. O terceiro desses místicos visitantes, São Kenneth, fizera construir uma capela nas dunas próximas à cidadezinha de Kilkenneth, assim chamada na esperança de convencê-lo a ficar. O estratagema falhou. Kenneth partira para coisas maiores, e as dunas – mais convencidas pelo vento que pela metafísica – subsequentemente enterraram a capela.

Havia um punhado de locais pelos quais São Columba e sua gangue não vagaram, todos os quais permaneciam parte da paisagem anedótica, mas a maior parte delas eram de escala desencantadoramente doméstica. Um poço na lateral de Beinn Hough, por exemplo, se chamava *Tobar nan naoi beo*, o Poço dos Nove Viventes, pois havia suprido milagrosamente uma viúva e seus oito filhos sem teto com mariscos para a vida inteira. Um lago próximo à margem em Vaul onde o fantasma de uma garota que havia se afogado em suas profundezas podia ser visto em noites sem luar, cantando uma balada solitária para atrair almas vivas para a água com ela. Resumindo nada fora do comum; ilhas com metade do tamanho de Tiree se vangloriavam de lendas bem mais ambiciosas.

Mas havia uma numinosidade ali que nenhuma do resto das ilhas possuía, e em seu coração um fenômeno que teria transformado São Columba de um gentil meditativo num profeta de olhos arregalados se o tivesse testemunhado. Na verdade, esse prodígio ainda não acontecera quando o santo pulara de ilha em ilha, mas mesmo que tivesse ele provavelmente negaria que o testemunhara, pois os poucos ilhéus que presenciaram o milagre (e vivos atualmente restavam oito) nunca mencionavam o assunto, nem mesmo com aqueles que amavam. Esse era o grande segredo de suas vidas, uma coisa não-vista, porém mais certa que o sol, e eles não iriam diluir seu encantamento falando a respeito. Na verdade, muitos deles limitavam suas próprias contemplações do que haviam sentido, por medo de exaurir seu poder de cativá-los. Uns, era verdade, voltaram ao lugar onde foram tocados na esperança de uma segunda revelação, e embora nenhum deles tivesse visto nada em suas visitas de retorno, a muitos era garantida uma certeza que os mantinham contente pelo resto de suas vidas: deixavam o lugar com a convicção de que o que não conseguiram ver os vira. Eles não eram mais frágeis mortais, que viveriam suas vidas e morreriam. O poder na colina em Kenavara os havia testemunhado, e nesse testemunhar os atraíra a uma dança imortal.

Pois esse poder vivia na própria ilha; ele se movia na areia, nas pastagens, no mar e no vento, e as almas que via se tornavam parte desses eternos, imperecíveis. Uma vez testemunhadas, o que um homem ou uma mulher tinham a temer? Nada, a não ser talvez os desconfortos relativos à morte. Uma vez que seus eus corpóreos fossem descartados, no entanto, eles se moviam para onde o poder se movesse, e testemunhavam o que ele testemunhava, glória sobre glória. Quando nas noites de verão a Aurora Boreal deixasse cair suas cores sobre a estratosfera, eles estariam lá. Quando as baleias fossem dar seus saltos fora d'água em exaltação, eles também se ergueriam. Eles estariam com as gaivotas, as lebres e cada estrela que tremeluzisse em Loch an Eilein. Estava em todas as coisas, aquele poder. Nos pastos arenosos junto às dunas (ou o machair, como se chamava em gaélico); e nos campos mais ricos e úmidos do meio da ilha onde a grama era luxuriante e o gado pastava à vontade.

Ele não se preocupava muito com as tristezas e os sofrimentos daqueles homens e mulheres que nunca o viram, mas mantinha um registro de suas idas e vindas. Ele sabia quem estava enterrado nos cemitérios em Kirkapol

e Vaul; sabia quantos bebês nasciam todo ano. Até mesmo observava os visitantes, de modo casual, não porque fossem tão interessantes quanto baleias ou gaivotas, não eram, mas porque entre eles poderia haver alguma alma que lhe fizesse mal. Isto não estava além dos limites da possibilidade. Ele havia testemunhado tempo suficiente para ter visto estrelas desaparecerem dos céus. Não era mais permanente do que elas.

Rosa disse: – Pare o carro.

Frannie fez conforme instruída.

– O que foi? – perguntou Will, virando-se para olhar para Rosa. Seus olhos se enchiam de lágrimas diante dos olhos dele, enquanto um sorriso digno da imagem de uma Virgem aflorava em seus lábios. Ela estendeu a mão e tentou abrir a porta do carro, mas estava tão nervosa que não conseguiu. Will saiu do carro num segundo, e abriu a porta para ela. Estavam num trecho vazio de estrada, com pastos sem demarcação à direita, aparados por algumas ovelhas, um jato voando a oeste, refletindo a luz da terra em seu estômago prateado. Ele viu isso tudo num segundo ou dois, seus sentidos ampliados por alguma coisa no ar. A raposa se moveu nele, voltando o focinho para o céu e sentindo o que Rosa havia sentido.

Não perguntou a ela o que era. Simplesmente esperou enquanto ela vasculhava o horizonte. Finalmente disse: – Rukenau está aqui.

– Ah, sim, vivo. Ah, meu Deus, vivo. – O sorriso dela ficou sombrio. – Mas não sei o que ele se tornou depois de todos esses anos. – Sabe onde podemos encontrá-lo?

Ela segurou a respiração por um momento. Frannie também já estava fora do carro, e começou a falar. Will levou o dedo aos lábios. Rosa, enquanto isso, havia começado a se afastar do carro e entrar no pasto. Havia muito céu ali; um azul vasto e vazio, que se ampliava perante Will à medida que seus olhos ficavam mais ambiciosos para abarcá-lo. O que eu estive fazendo todos esses anos, pensou ele; colocando caixas ao redor de pequenos cantinhos do mundo? Era uma mentira tão grande fazer aquilo; ficar embaixo de céus tão amplos quanto aquele e registrar ao invés disso um instante de sofrimento. Agora isso chegara ao fim.

– O que houve? – ouviu Frannie perguntar.

– Nada – respondeu. – Por quê? – Antes que ela pudesse responder, percebeu que, assim como Rosa, seus olhos haviam se enchido de

lágrimas. Que ele estava sorrindo e chorando naquele mesmo estranho momento. – Tudo bem – ele disse.

– Você está bem?

– Nunca me senti melhor – ele disse, enxugando as lágrimas.

Rosa havia terminado suas contemplações, ao que parecia, pois então deu a volta e voltou ao carro. Ao chegar, apontou para o sudoeste da ilha.

– Está esperando por nós – ela disse.

VI

Com o mapa à sua frente e Rosa, como uma bússola viva, no banco atrás dele, Will percebeu logo para onde estavam indo. Para *Ceann a'Bharra*, ou *Kenavara*, um promontório na ponta sudoeste da ilha, descrito na linguagem rebuscada demais do guia como "um precipício que se eleva do oceano reto em cada flanco, e ainda mais reto no promontório propriamente dito, de cujas alturas o Farol de Skenyvore pode ser vislumbrado, marcando o último sinal de uma presença humana antes que o poderoso Atlântico se desenrole para o horizonte vazio. Era, avisava o livreto, *"o único ponto em nossa gloriosa ilha a ser cenário de tragédia. A grande profusão da vida de aves nos penhascos e ressaltos de Kenavara atraiu a atenção de ornitólogos por muitos anos, mas lamentavelmente os penhascos são perigosos até mesmo para o alpinista mais experiente, e muitos visitantes foram mortos em quedas dos despenhadeiros ao tentarem atingir ninhos inacessíveis. A beleza de Kenavara é melhor apreciada da segurança das praias que a flanqueiam. Aventurar-se no próprio promontório, mesmo à luz do dia e com tempo bom, traz consigo um risco de sérios ferimentos ou pior... "*

Certamente não era o mais fácil dos lugares a se alcançar. A estrada os levou por entre um pequeno aglomerado de casas, talvez dez ao todo, que estavam marcadas no mapa como a aldeia de Barrapol, e em seguida descia para a margem ocidental da ilha, onde se dividia a cerca de meio quilômetro da praia, a boa estrada fazendo uma curva à direita na direção de Sundaig, enquanto a da esquerda se tornava uma trilha sobre a grama cheia de protuberâncias. Segundo o mapa, mesmo isso desaparecia após algumas centenas de metros, mas eles a seguiram até onde puderam, enquanto corria paralela à margem. O destino deles estava a menos de oitocentos metros adiante: uma península ondulante, seus flancos marcados e repletos de buracos, de modo que parecia não ser um ponto de terra contínua, mas três ou quatro colinas, com fissuras de rocha nua entre cada uma, desabando no mar.

A trilha já havia desaparecido inteiramente a essa altura, mas Frannie continuou dirigindo até o promontório, driblando cautelosamente a grama cada vez mais irregular. Lebres disparavam a correr na frente do carro,

dando saltos ridículos em seu alarme; uma ovelha, pastando no *machair* longe do rebanho, saiu em disparada olhos arregalados de pânico.

O terreno estava ficando cada vez mais arenoso; as rodas soltavam lençóis de terra atrás do carro.

– Acho que não vamos conseguir seguir muito adiante de carro – disse Frannie.

– Então iremos a pé – disse Will. – Tudo bem pra você, Rosa?

Ela murmurou que sim, estaria bem, mas assim que desceu do carro ficou claro que seu estado físico havia deteriorado nos últimos quinze minutos. Sua pele perdera todo o brilho, os brancos dos olhos ficaram levemente amarelados. As mãos tremiam.

– Está passando mal? – perguntou Will.

– Vai passar – disse ela. – É que... vir aqui novamente... – Ela deixou o olhar vagar na direção de Kenavara; relutante, pensou Will. A mulher sorridente e esfuziante que caminhara com passos leves até o carro na estrada de Crossapol estava com medo; ele não sabia exatamente por quê. Nem Rosa iria lhe dizer. Apesar da súbita fragilidade, ela começou a caminhar até os penhascos, bem adiante de Will e Frannie.

– Deixe que ela guie – sussurrou Frannie.

Então foram abrindo caminho pelo machair na direção de Kenavara, e o motivo da reputação fatal do promontório foi se tornando mais claro à medida que se aproximavam. As ondas batiam duras contra a margem à direita deles, mas a violência delas não era nada se comparada à fúria com a qual se chocavam contra as encostas. E, elevando-se da espuma como se nascidos das ondas e recebessem asas, centenas de pássaros, seu burburinho um contraponto roufenho ao estrondo da água.

Nem todos eles consideravam as encostas como seu lar. Uma solitária andorinha se aproximou do alto, reclamando com esses intrusos com uma voz amarga, e quando não se retiraram, desceu num rasante como se fosse bicá-los, desviando-se a poucos centímetros de suas cabeças. Frannie gritou de volta, acenando os braços para espantar a andorinha.

– Pássaro desgraçado! – ela gritou para ele. – Deixe a gente em paz!

– Ele só está protegendo seu território – disse Will.

– Bom, eu estou protegendo minha cabeça – disparou Frannie. – Fora! Vá embora! Desgraçado!

Ele continuou seus ataques por mais cinco minutos, até eles estarem quase na encosta do promontório propriamente dito. Rosa ainda estava

guiando, sem sequer olhar para trás para ver se Will e Frannie ainda estavam atrás dela.

– Para onde será que ela está indo? – perguntou Frannie.

Não havia sinal de qualquer presença humana no promontório; nem uma cerca, nem um marco; nem mesmo uma placa para alertar as pessoas a não se aproximarem muito e se machucarem. Mas Will não duvidava de que aquele era o lar de Rukenau (e, muito provavelmente, o lugar de repouso de Thomas Simeon). Não precisava de Rosa para confirmar isso; podia senti-lo em seu próprio corpo. Sua pele estava formigando, os dentes, a língua e as órbitas dos olhos doíam, o sangue latejava nas orelhas, seus ritmos audíveis através do barulho do mar e dos pássaros.

Agora que haviam emergido das valas protetoras do machair, o vento os atacou vindo do oceano, com rajadas tão fortes que os três cambalearam, cabeças baixas.

– Quer se segurar em mim? – Will gritou para Frannie por sobre o barulho do vento. Ela balançou a cabeça. – Tome cuidado – ele gritou. – O terreno não é muito seguro.

Isso era dizer o óbvio. Todo o promontório era uma massa de armadilhas, a grama luxuriante e primaveril subitamente caindo, num ângulo reto, para uma escuridão repleta do ribombar do oceano. A própria grama estava escorregadia com a neblina que subia daqueles buracos, rangendo sob seus calcanhares enquanto eles avançavam atrás de Rosa. Ela parecia se mover com mais segurança do que seus companheiros, apesar de toda a sua fragilidade, o abismo entre os dois grupos aumentando a cada passo. Em mais de uma ocasião Will e Frannie a perderam completamente de vista, quando a rota levava ambos ou a ela a uma depressão no terreno. As laterais de alguns eram extremamente inclinadas, e Frannie preferia se desviar delas de costas, agarrando-se a punhados de grama escorregadia. Enquanto isso, os pássaros voavam em círculos lá no alto. Gaivotas, alcas e procelárias, até mesmo um corvo, que chegara para ver que confusão era aquela. Nenhum deles fez qualquer tentativa de ataque como a andorinha fizera. Aquele terreno era tão seguramente deles, para que temer? Aquelas pessoas ridículas se agarrando desesperadas às rochas e à terra molhada não eram ameaça à soberania deles.

Por fim Frannie agarrou os braços de Will, e puxando-o suficientemente perto para se fazer ouvir sobre o ruído dos pássaros, disse: – Pra onde diabos foi a Rosa? Não a perdemos, perdemos?

Will vasculhou a terra adiante. Realmente não havia sinal de Rosa. Não estavam a mais de quinhentos metros do final do promontório, mas ainda havia dezenas de lugares onde ela podia ter desaparecido: pontos onde o terreno se inclinava em ocos pantanosos; afloramentos rochosos marcando fissuras e fendas.

– Fique aqui um instante – Will disse a Frannie, e retraçou seus passos até o mais alto ponto de visada das vizinhanças: um pedregulho coberto de líquen com três metros de altura. No melhor de sua forma, não era grande alpinista, era desajeitado demais; e agora, uma sucessão de noites sem sono estava cobrando seu preço tanto na força quanto na sua coordenação. Resumindo, era uma tentativa laboriosa, e quando ele chegou ao topo estava ofegando e suava. Estudou a vista à sua frente o mais logicamente que sua cabeça zonza o permitiu, procurando algum sinal de Rosa, mas não conseguiu ver nenhum, e estava para descer cambaleando novamente quando avistou alguma coisa pálida, semi-oculta nas rochas escuras a cem metros.

– Estou vendo ela! – gritou para Frannie, e, descendo de seu poleiro com ainda menos dignidade do que quando subira nele, levou Frannie até o lugar. Seus olhos não lhe pregaram peças. Rosa estava deitada no chão, o rosto completamente cinzento, os dentes batendo. A cor amarelada em seus olhos havia se tornado quase dourada. Quando ela levantou os olhos, seu olhar não era mais inteiramente humano, e uma profunda repugnância nele – um medo animal de algo que não era natural – fez com que não se aproximasse demais dela.

– O que houve? – ele perguntou.

– Escorreguei, só isso – respondeu ela. A voz dela não havia sofrido alguma mudança também? Era o que ele pensava. Ou seria o fato de que ela parecia estar falando perto de seu ouvido, num surro, quando estava deitada a três metros de distância? – Me levante – exigiu.

– Ele está aqui? – perguntou Will.

– Ele quem?

– Rukenau.

– Só me levante.

– Primeiro quero uma resposta – disse Will.

– Não é da sua conta – retrucou Rosa.

– Escute. Você sequer estaria aqui... – começou Will.

Ela lhe deu um olhar que, se não estivesse tão obviamente num estado por demais enfraquecido, o teria sacudido até a medula; um lembrete salutar de que, embora ele tivesse visto meia dúzia de Rosas McGees nos últimos dois dias, umas quase gentis, eram todas fabricadas. A coisa que ela era de verdade a coisa com olhar dourado e uma voz que falava nos ossos de sua cabeça essa coisa não se importava sobre como tinha chegado ali nem que cortesias poderia dever aos que a levaram ali. Tudo o que ela queria agora era estar na Casa do Mundo, e estava fraca demais para perder seu tempo com uma exibição de cortesia.

– Me levante – tornou a dizer, estendendo a mão na direção de Will.

Ele não se moveu para ajudá-la. Simplesmente ficou estudando seu rosto, esperando que a impaciência dela a traísse. E traiu. Ela não conseguiu evitar olhar além dele para o lugar onde queria estar, exigindo novamente que ele a ajudasse.

Will acompanhou a linha do olhar dela, passando pelas rochas que estavam entre ela e o relvado na coroa das encostas, até um ponto que parecia daquela distância totalmente comum: apenas um trecho de terreno pantanoso. Ela entendeu o truque no mesmo instante, e recomeçou a ameaçá-lo.

– Não se atreva a ir lá sem mim?

– Não? – ele disse.

Ela voltou sua fúria para Frannie.

– Diga a ele, mulher! Que ele não ouse entrar naquela Casa sem mim!

– Talvez você devesse ficar com ela – Will disse a Frannie. Ela não argumentou. Pela expressão no rosto dela, era óbvio que a atmosfera do lugar a havia perturbado profundamente. – Juro que não entro lá dentro sem você.

– É melhor que não – disse Frannie.

– Se ela tentar algum truque, grite.

– Ah, você vai me ouvir, não se preocupe – disse Frannie.

Will olhou para Rosa. Havia desistido de seus protestos agora, e estava deitada sobre a pedra, olhando para o céu. Seus olhos pareciam espelhos naquele momento, ondas de sol e sombra se movendo sobre eles. Ele desviou o olhar, perturbado, e disse para Frannie: – Não chegue perto dela. – Então se afastou, na direção do lugar entre as rochas.

VII

Ele estava feliz por não estar seguindo as pegadas de Rosa, e feliz por estar sozinho. Não, sozinho nunca. A raposa estava com ele durante o caminho, como um segundo eu. Era mais ágil que ele, e várias vezes ele sentiu suas energias exigindo que caminhasse onde seu corpo pesado não ousava ir. Ele era também mais cauteloso. Seus olhos dardejavam ao redor, à procura de sinais de ameaça; seu nariz estava anormalmente sensível aos cheiros no vento. Mas não havia evidências de perigo. Nem, embora estivesse agora a quinze metros das rochas, qualquer sinal de uma casa, ou de ruínas de uma casa.

Olhou de volta para Frannie e Rosa, mas o chão havia sofrido uma inclinação tão grande que não podia mais vê-las. À sua direita, a não mais de um metro de seus pés inseguros, o chão caía para uma rachadura de rocha negra um pouco mais ampla que o corpo de um homem. Um escorregão, ele sabia, e estaria morto. E não seria um fim ridículo para uma jornada que levara tantos anos e cobrira tantos quilômetros, de uma colina e uma lebre fugitiva, de uma chama e um punhado de mariposas, das vastidões desoladas de Balthazar e uma maldita ursa, vindo para pegá-lo em seus braços? Mais alguns metros, mais alguns segundos, e ele estaria lá na porta, e aquela jornada chegaria ao fim. Haveria compreensão, haveria revelações, haveria um fim para a dor dentro dele.

A sua frente havia um trecho de grama verde brilhante, reluzindo de umidade e repleto de ervilhaca amarela. Mais adiante, um pequeno afloramento rochoso, que os pássaros aparentemente usavam para quebrar suas presas, porque estava atulhada de cascas de caranguejo quebradas e cheias de cocô branco por cima. Além disso, os pedregulhos entre os quais Rosa ficara olhando com tanta intensidade.

Não era necessária uma manobra particularmente elaborada para ir de onde ele estava até seu destino; mas demorou o quanto quis, o corpo tremendo com uma mistura de fadiga e ânimo.

Atravessou o trecho gramado sem incidentes, embora estivesse escorregadio feito gelo sob suas botas, e então prosseguiu para subir o afloramento, o buraco às suas costas. Os dois primeiros apoios de mão foram muito fáceis, mas quanto mais alto ele subia, mais a traição do

corpo aumentava. Seus olhos começaram a piscar demais, transformando a rocha à sua frente num borrão. Suas mãos e pés ficaram dormentes. Havia muito mais que exaustão ali, ele percebeu. Seu corpo estava reagindo a alguma influência externa; alguma energia no ar ou na terra que estava tentando seu organismo a traí-lo. A vista borrada o estava deixando enjoado; sentiu a náusea subir. Para afastá-la, fechou os olhos bem apertado, confiando nas poucas sensações que ainda tinha nas mãos para guiá-lo o resto do caminho. Era perigoso, já que o buraco estava bem atrás dele para engoli-lo se caísse, mas o risco compensava. Mais três apoios e ele chegou ao topo da rocha, limpando lascas de cascas de caranguejo das mãos.

Abriu os olhos. O movimento deles havia se aquietado um pouco na penumbra por baixo de seus olhos, mas assim que a luz os acertou eles recomeçaram a sofrer espasmos. Esticou a mão para agarrar os pedregulhos de cada lado dele, focalizando a vista o melhor que pôde no trecho de verde entre eles. Então, mantendo as mãos dormentes pressionadas contra as pedras, começou a tatear pela passagem sem vento.

Não era só a sua visão e tato que haviam perdido o controle. Seus ouvidos se juntaram à rebelião. O coro de pássaros e o estrondo do quebra-mar haviam diminuído para um ruído generalizado que chocalhava contra seu crânio feito lama. Tudo o que podia ouvir com alguma clareza era sua própria respiração entrecortada. Sabia que não seria capaz de ir muito adiante naquele estado. Mais três ou quatro passos e suas pernas mortas se dobrariam, ou algo em sua cabeça estalaria. A Casa havia levantado suas defesas, e elas o repeliam com sucesso.

Forçou as pernas que mal funcionavam a darem outro passo, agarrando-se aos pedregulhos o melhor que pôde para não confiar todo o seu peso às pernas. A que distância estava do espaço gramado que era seu destino? Não sabia mais. De qualquer modo, era uma discussão acadêmica. Jamais conseguiria. E mesmo assim o fantasma idiota daquela ambição persistia, assombrando seus membros que falhavam.

Talvez mais um passo, mais dois passos, só para ver se conseguiria chegar ao espaço aberto. –Vamos lá... – resmungou para si mesmo, as sílabas tão entrecortadas quanto sua respiração. – Ande...

As exortações funcionaram. As pernas relutantes o levaram mais um passo, e mais outro. Subitamente o vento estava na sua cara. Ele havia chegado ao final da passagem, e estava a céu aberto.

Sem outra escolha, largou os pedregulhos, e afundou nos joelhos. O chão embaixo dele estava enlameado; a virilha e a barriga se chocaram com poças de água fria. Debateu-se por alguns minutos, e depois se levantou. A cena era um borrão incoerente à sua frente: uma névoa de verde para a terra, uma névoa de cinza sobre ela para o céu. Já ia fechar os olhos contra essa visão quando vislumbrou no meio daquele campo enlameado uma fatia de claridade. Era fina, porém aguçada, como se seus olhos, apesar de todas as suas brincadeiras, tivessem ali resolvido suas confusões. Podia ver cada folha de relva em detalhes cristalinos; e as franjas douradas de sol das nuvens que deslizavam pela abertura.

Está aberta, pensou. A porta está aberta, apenas uma fração, e eu estou olhando por ela; espiando a Casa que o Nilótico construiu. Suas pernas não o levavam ao lugar, mas ele chegaria lá de quatro se preciso fosse. Ao começar a engatinhar, lembrou-se da promessa solene que fizera a Frannie, e sentiu um espasmo de culpa por estar quebrando-a. Mas não estava tão mortificado a ponto de reduzir a progressão. Queria estar lá mais do que qualquer outra coisa, isso era certo. Mais do que a vida, provavelmente, e que a sanidade também.

Mantendo os olhos fixos na fresta da porta aberta, arrastou-se pela lama até o lugar onde ela estava, e, esquecendo tudo o que esperava, acreditava e compreendia, penetrou na Casa do Mundo.

VIII

A última vez que Frannie viu Will ele estava tentando escalar o afloramento rochoso na cabeça do buraco. Então a atenção dela foi chamada por Rosa, que havia começado a gemer de dar dó, rasgando suas bandagens. Quando Frannie tornou a olhar na direção de Will, ele havia sumido. No começo ela supôs que ele tivesse escalado as rochas e estivesse agora do outro lado da passagem, na encosta mais além, mas embora observasse por ele, não viu nenhum sinal. Lentamente, uma possibilidade amarga tomou forma: a de que, no minuto que ela estivera tentando impedir que Rosa reabrisse sua ferida, Will tivesse perdido o equilíbrio e caído no abismo. Quanto mais olhava e não conseguia vê-lo, mais provável isso parecia. Não o ouvira gritar, mas com os pássaros gritando tão alto, isso era de se esperar.

Com medo do que poderia ver, ela se aventurou a sair do lado de Rosa e acompanhou a rota de Will ao longo da beira do abismo, gritando para ele enquanto andava.

– Onde está você? Pelo amor de Deus, me responda! Will?

Não houve resposta. Nem qualquer sinal de que ele tivesse caído. Nenhum sangue nas rochas; nenhum lugar onde a grama tivesse sido desenraizada. Mas essas ausências não eram de muito consolo. Ela sabia perfeitamente que ele podia ter escorregado para dentro do abismo sem deixar um traço: uma queda reta entre as rochas, até a escuridão impenetrável.

Ela havia quase chegado à beira do buraco agora, o ponto onde vira Will pela última vez. Será que deveria subir e ver se ele estava simplesmente agachado do outro lado das pedras? Claro que deveria. Mas alguma coisa atraía seus olhos de volta para o abismo, e ficou olhando para o buraco, com medo agora de chamar seu nome; com medo de que ele respondesse da escuridão.

E então ela o viu – ou pensou que sim – deitado nas profundezas do buraco talvez a vinte metros abaixo. Coração batendo febril, ela se ajoelhou e prosseguiu até a beirinha do buraco para verificar o que estava vendo. Não havia dúvida. Havia um homem deitado nas rochas no fundo do buraco. só podia ser Will. Tentou gritar para ele, mas ele não moveu um musculo; talvez já estivesse morto, talvez estivesse apenas atordoado.

Certamente ela não podia perder tempo indo buscar ajuda: meia hora até voltar ao carro, mas dez, vinte minutos para achar um telefone, quanto tempo mais antes do resgate chegar? Ela tinha de fazer algo por conta própria; encontrar um meio de descer ao buraco e encontrá-lo. Era uma perspectiva amarga. Ela nunca fora ágil, nem quando criança, e embora sua compleição relativamente esbelta tornasse fisicamente viável para ela descer à escuridão, se escorregasse acabaria toda quebrada ao lado de Will e seria efetivamente o fim de ambos. Mais duas mortes a acrescentar à reputação aziaga do promontório.

Mas ela não tinha escolha. Obviamente não podia deixar Will morrer. Simplesmente tinha de pôr os temores de lado e arregaçar as mangas. Sua primeira tarefa era encontrar a rota de descida mais segura. Voltou ao longo do buraco na direção do mar até achar um ponto onde as paredes da fenda estivessem relativamente próximas, de modo que ela pudesse descer usando ambos os lados como apoio para mãos e pés. Não era perfeito – perfeito seria uma escada com uma almofada enorme no final mas era o melhor que teria. Sentou-se no tufo de grama ao lado do ponto e balançou os pés sobre a borda. Então, sem se dar tempo de duvidar da sabedoria do que estava fazendo, levantou as nádegas da grama, e depois de alguns instantes com os pés no ar e o coração acelerado, o corpo deslizando para longe do tufo, os dedos dos pés encontraram um apoio na parede oposta, contra o qual ela agora se apoiava. Ali se seguiu um minuto de manobras desajeitadas enquanto ela se virava e encarava a grama da qual acabara de deslizar. Havia provavelmente dez maneiras mais fáceis de fazer o que ela estava fazendo, pensou, mas naquele instante seu cérebro não era rápido o bastante para pensar nelas todas.

Olhou para baixo antes de fazer o movimento seguinte. Seus músculos tremeram por vários segundos, e ela podia sentir o suor escorrendo das palmas das mãos e das axilas, o cheiro acre do medo.

– Se controle, Frannie – admoestou a si mesma. Você pode fazer isso.

Então, respirando fundo, renovou a descida, passo a passo, hesitante, só que dessa vez ela não cometeu o erro de olhar para baixo. Pelo menos não até o final – mas limitou o olhar à rocha, estudando-a em busca de rachaduras onde pudesse encontrar apoio.

Só uma vez, quando pensou ter ouvido alguém chamá-la, olhou para cima, hesitando por um momento para ouvir o grito novamente. Ele veio, mas não era uma voz humana; era somente um dos pássaros cujo grito

tinha um timbre quase humano. Ela voltou ao trabalho de descer determinada a não olhar para o céu novamente, ouvisse gritos ou não. Era triste, ver a luz presa por duas paredes de pedra, ficando estreita à medida que ela descia. De agora em diante ela não olharia nada além de suas mãos e seus pés, até estar lá embaixo, ao lado de Will, e planejando sua subida.

Há muito Rosa cessara de se preocupar com o que Frannie pensava ou fazia, mas ficou intrigada, ainda que remotamente, ao ver a mulher desaparecer de vista na fenda. Será que ela havia chegado perto demais do Domus Mundi, e seu juízo se queimara? Se era isso, certamente não tinha sido lá uma fogueira muito grande. Bom, não importava. Ela fora embora agora, e não voltaria, o que deixava Rosa sozinha. Deixou a cabeça cair para trás, contra a rocha suja de merda, e olhou para o céu. As nuvens haviam coberto inteiramente o sol, pelo menos para olhos humanos. Mas ela ainda podia vê-lo, ou imaginava que podia: uma bola brilhante flamejando no nada glorioso do espaço.

Ficou imaginando se era ao sol que ela pertencia. Quando não fosse mais Rosa, o que aconteceria breve, muito em breve, será que ela ascenderia como fumaça, e desapareceria na direção do sol? Ou quem sabe para o escuro entre as estrelas? Sim, isso seria melhor. Se perder no escuro completa e eternamente, uma coisa sem nome que havia suportado vidas demais, e perdido seu apetite de vida e luz,

Mas antes que ela partisse, talvez ainda tivesse fôlego para alcançar a porta de Rukenau; para bater e perguntar a ele: Qual foi o propósito? Por que vivi?

Se ia fazer isso, então teria de fazê-lo rápido. A pouca força que tinha estava deixando rapidamente seu corpo. Pensou que ela lhe daria uma última explosão de vitalidade se abrisse sua ferida, como um chicote aplicado às próprias costas. Mas ela simplesmente traumatizara o corpo ainda mais, e não lhe restava muita energia.

Tirou os olhos do sol, e forçou-se a sentar. Ao fazer isso seus instintos lhe forneceram informações que ela esperara receber: Steep havia posto os pés na ilha. Ela não duvidou do relatório. Ela e Steep traçaram os caminhos um do outro sobre vastas distâncias em seu tempo; ela sabia como era a proximidade. Ele estava a caminho. Quando ele chegasse, mataria e ela tinha pouca ou nenhuma defesa contra isso. Só podia pressionar o corpo para cumprir seu objetivo, esperar alcançar a porta antes dele. Talvez Rukenau brincasse de juiz e júri; talvez considerasse

Steep culpado, e o detivesse. Ou talvez a Casa estivesse vazia, e eles entrassem em suas câmaras como ladrões num palácio saqueado, esperando glória e não encontrando nada.

Essa ideia lhe deu um espasmo de prazer perverso: que, após essa perseguição desesperada ambos fossem acabar de mãos vazias. E ela podia morrer, e ir para a escuridão entre as estrelas. E ele viveria, e viveria, pois o homem que se tornara tinha medo da morte, e essa seria sua punição por ser o agente da morte, jamais poder ser arrancado da existência, mas prosseguir e prosseguir.

IX

Jacob se divertira bastante ao caminhar por entre os estóicos pescadores de Oban como se o porto fosse as margens da Galiléia e ele procurasse por discípulos. Encontrou um depois de uma pequena busca; um homem de seus sessenta e tantos anos chamado Hugh, que ficou satisfeito em levar um passageiro para Tiree por uma modesta soma. A taxa foi rapidamente acordada, e partiram um pouco depois das oito e quinze, seguindo a rota da The Claymore subindo o Estreito. A barca era, naturalmente, mais poderosa que o botezinho de Hugh, mas, ao contrário de The Claymore, não tinham nenhum porto de parada ao longo do caminho para atrasá-los, e chegaram ao pequeno porto de Scarinish apenas duas horas depois da barca.

A viagem havia refrescado e revigorado Jacob. Ele não havia dormido, mas entrara num modo meditativo enquanto observava o mar. Nunca entendera por que tão frequentemente se pensava nele como um elemento feminino. Sim, havia marés no corpo de uma mulher que não podiam ser encontradas num homem; e, sim, ele era o lugar de gênese. Mas também era ambicioso e desapaixonado; lento em seus trabalhos contra a terra, mas inevitável. Certamente, então, era a terra o lugar das mulheres; ser o lugar de alimentação, quente e fértil. As profundezas pertenciam aos homens.

Assim ele devaneava, enquanto navegavam. E quando desceu do barco no cais, sua mente estava agradavelmente apaziguada, como se tivesse acabado de escrever em seu diário, e estivesse pronto para virar uma página nova.

Decidiu não roubar um veículo para terminar sua jornada. A ilha era pequena, e embora ele duvidasse de que fosse bem policiada, não era hora de arriscar ser atrasado por um oficial da lei. Foi até o correio e perguntou à garota afável atrás do balcão se ela por acaso conhecia algum serviço de táxis. A garota disse que conhecia sim; o único táxi da ilha era de seu cunhado Angus, e ela ficaria feliz em ligar para ele. Ela ligou, e disse a Jacob que o carro estaria do lado de fora em quinze minutos. Levou um pouco mais que isso, mas finalmente o supremencionado Angus chegou no seu fusca de vinte anos, e perguntou a Steep onde queria ir.

– Kenavara – disse Jacob.

– Quer dizer Barrapol?

– Não, quero dizer os penhascos – respondeu Jacob.

– Bom, lá eu não posso deixar o senhor – replicou Angus. – Não tem estrada.

– Basta me levar o mais perto que puder.

– Então é Barrapol – disse Angus.

– Está bom. Barrapol está bom.

O que lhe teria acontecido, ficou pensando enquanto seguiam, se ele nunca tivesse deixado as ilhas? Nunca assumido um nome humano, nunca fingisse ser outra coisa que não o que era e nesse processo perdido a verdade de sua natureza; ido viver ao invés disso longe de olhos curiosos, em Uist ou Harris ou num lugar de rochas batidas pelo mar e fosse, como ele, sem nome? Será que ele teria encontrado o silêncio de que precisava; e encontrado Deus nele? Duvidava. Mesmo ali, naquele lugar espartano, havia vida demais, distrações demais. Mais cedo ou mais tarde, a paixão pela ausência que o levara teria se elevado em seus pensamentos.

Seu motorista era, naturalmente, bom de conversa. De onde Jacob tinha vindo, ele queria saber, e onde ia ficar? Ele conhecia Archie Anderson, de Barrapol? Jacob respondeu as perguntas da melhor forma possível, enquanto pensava sobre Deus e coisas sem nome, como se fossem duas pessoas. Uma, o ser humano cujo papel desempenhara por tanto tempo, o homem que batia um papo descompromissado com o motorista; o outro, o ser que se movia por trás desse fingimento. O ser que deixara essa ilha com assassinato em mente. O ser que estava voltando para casa. Ela já podia ser avistada. O longo promontório de Ceann a'Bharra, onde Rukenau pusera as fundações de seu império. Apesar das conversas que tiveram ao deixar Scarinish, Angus queria saber se não podia deixar seu passageiro em alguma casa específica. Conhecia todo mundo em Barrapol, disse (não era difícil; havia menos de uma dezena de casas); Iain Findlay e sua esposa Jean, os McKinnons, Hector Cameron.

– Basta me levar até o fim da estrada – disse Jacob e de lá eu sigo meu caminho.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Está bem, é você quem está pagando,

Onde a estrada murchava até virar uma trilha, Jacob desceu do carro e pagou Angus duas vezes o que o outro havia cobrado. Muito feliz com essa benesse menor, Angus lhe agradeceu, e ofereceu um cartão com seu número caso Jacob precisasse de um táxi para viagem de volta. Estava tão claramente orgulhoso de ter um cartão com seu nome impresso (mandara fazê-los em Oban, explicou) que Jacob aceitou-o graciosamente e, agradecendo-lhe, começou a jornada pelo machair até Kenavara. A expressão de puro prazer no rosto do homem quando ofereceu o cartão permaneceu na mente de Steep muito depois do carro ter desaparecido e o deixado entre as lebres saltitantes. Ah, ter conhecido um dia um orgulho simples como aquele, pensou; só uma vez.

Guardou o cartão no bolso, mas naturalmente nunca teria precisado dele. Não haveria viagem de volta; não da Casa do Mundo.

X

A grama polida havia sumido por baixo dos pés de Will. O céu envolto em nuvens havia desaparecido acima. Ele havia entrado num grande aposento, cujas paredes pareciam ser feitas de terra batida, que reluzia fraca como se ainda úmida. Aparentemente, sua teorização com Frannie sobre a natureza abstrata ou metafórica do Domus Mundi passara bem longe do alvo. Ela era uma realidade tangível, pelo menos até onde seus sentidos agora calmos podiam dizer: as paredes, a escuridão, o ar quente e estagnado, que enchia sua cabeça com um caldeirão de cheiros fétidos. Havia coisas apodrecendo ali, algumas das quais chegando a uma doçura enjoativa, outras a um cheiro amargo que machucava seu sinus. Não precisou procurar muito pela fonte de pelo menos parte do fedor. Toda sorte de detritos havia sido acumulada ao redor da câmara, parte numa pilha encostada na parede à sua esquerda que tinha dois metros ou dois metros e meio de altura. Foi até ali para inspecionar o lixo um pouco mais de perto, se perguntando enquanto fazia isso de onde vinha a luz no aposento. Não havia janelas; mas havia, ele viu, rachaduras mínimas nas paredes de onde emanava a luminescência. Não era, pensou, luz do sol. Era mais quente, mas não tão quente quanto fogo ou luz de velas.

Examinando o conteúdo do lixo empilhado contra a parede, outro mistério. Embora a maior parte da pilha fosse simplesmente uma massa coagulada de formas incoerentes, como os restos de um enorme cano de esgoto, havia vários galhos de árvore entre a massa. Será que essas coisas foram jogadas na encosta pelo mar, ele se perguntou, e por alguma razão Rukenau levara para dentro da casa? Certamente não eram espécies nativas; a ilha não tinha árvores. E os galhos também não eram pequenos. O maior dos ramos era da espessura da coxa de Will.

Dando as costas para a sujeira, ele avançou pelo aposento até uma passagem em arco que levava a uma câmara adjacente. O cenário ali era tão desanimador quanto o anterior. As mesmas paredes e chão de terra; um teto alto demais para se distinguir direito, mas certamente elevado com o mesmo material sem charme. Se realmente aquela casa fora construída para refletir a condição do mundo, pensou Will, então o planeta estava de fato num estado péssimo.

Essa ideia acendeu uma suspeita nele. E se a substância de sua conversa com Frannie estivesse correta afinal de contas, e aquele lugar fedorento fosse um espelho da própria psique do Domus Mundi? Se ele aprendeu alguma coisa nas semanas desde que saíra de seu coma era que sua mente e a realidade que ela percebia não tinham uma relação fixa. Eram como amantes voláteis no meio de um caso tórrido, cada qual constantemente assegurando o estado de sua paixão à luz do que acreditavam que o outro estava sentindo. Então ali ele estava num lugar tão engenhoso que podia se tornar invisível ao olho distraído. Não era preciso um grande salto de fé para crer que um local desses poderia ter meios ainda mais sofisticados de se defender; e que meio mais certo de traumatizar invasores do que confrontá-los com a penumbra de suas próprias mentes?

Ponderou qual a melhor forma de pôr em teste essa tese; como romper a podridão macia que o cercava e encontrar a força que estava por trás dela. Enquanto planejava, inspecionou mais de perto o conteúdo do aposento onde estava. Viu algumas peças de lixo doméstico entre a sujeira incoerente. Jogados a um canto, os restos de uma cadeira; e, mais perto deles, uma mesa virada, no centro da qual havia sido acesa uma fogueira. Foi até lá, curioso quanto às pistas que ela poderia oferecer. Uma refeição havia sido feita ali. Havia um peixe parcialmente comido sobre as cinzas; e ao seu lado um sortimento de frutas; duas maçãs, uma laranja e uma manga ainda suculenta, que fora descascada e parcialmente devorada. Supondo que isso era tudo invenção de sua mente, seriam lembranças perversas do banquete de amor de Drew?

Agachou-se para examinar as evidências, pegando a porção maior da manga e cheirando-a. O suco estava pegajoso, o cheiro forte e doce. Se era uma ilusão, então era muito boa. Jogou a fruta de volta às cinzas e se levantou, inspecionando o aposento à procura de outros objetos para examinar. Estava deixando escapar o óbvio, percebeu: as paredes. Atravessou o aposento e examinou a terra. Como ele havia suspeitado, era úmida em alguns pontos, quase como se estivesse supurando. Tocou um dos lugares mais molhados e seus dedos saíram sujos. Tornou a tocá-la, pressionando os dedos no muco. Deslizaram cerca de dois centímetros, e poderiam ter afundado mais, mas sua mão foi subitamente tomada por uma sensação de formigamento que subiu por seu pulso e antebraço. Retirou a mão, consciente naquele mesmo instante de onde havia sentido aquilo antes. Era o mesmo tipo de sensação que passar por suas

terminações nervosas quando estivera com Rosa na casa de Donnelly, e depois, ao confrontar Steep. Esse material brilhante era a matéria essencial de todos os três, Rosa, Jacob e Domus Mundi.

Uma vez mais, ele desejou se regalar com essa sensação; mas não tinha tempo para essas indulgências. Precisava se ater a seu propósito. Afastou-se da parede e examinou-a. Onde seus dedos perfuraram o solo, uma luminescência tentadora se derramava. Isto não é invenção da minha mente, pensou consigo mesmo, sua certeza tão súbita quanto absoluta. A terra e a luz que ela ocultava, o peixe e a fruta sobre as cinzas, era tudo real. Carregado de uma nova confiança, foi até a porta mais próxima (o aposento tinha três) e penetrou num corredor estreito mas imensamente alto, tão atulhado de lixo numa das direções que era impossível de passar. Dirigiu-se na outra direção por talvez vinte metros, pensando enquanto prosseguia que ou a Casa ocupava todo o cume de Kenavara até o limite dos penhascos, ou era de alguma forma construída num desafio às leis físicas e continha uma imensidão que seus perímetros negavam. Já ia se virar para entrar em outra câmara quando ouviu o som de alguém soluçando mais abaixo no corredor. Acompanhando o som, passou por uma pequena antecâmara e entrou no maior aposento que descobrira até o momento; e o mais atulhado de lixo. Havia pilhas de lixo por toda parte, grande parte, como antes, irreconhecível. Mas também havia provas de que alguém tentara criar alguma ordem a partir do caos. Uma mesa, com uma cadeira colocada por perto; um ninho de gravetos e folhas de dar pena feito num dos cantos, com o que parecia ser uma roupa enrolada para fazer um travesseiro.

Não precisou procurar muito longe para descobrir o dono daquela habitação; o sujeito estava ajoelhado do outro lado do aposento. Havia um arranjo elaborado de lixo no chão à sua frente, que ele estudava enquanto soluçava, as mãos no rosto.

Will atravessou metade do aposento antes que o homem levantasse a cabeça. Assim que o fez se levantou, as mãos caindo do rosto, que estava imundo, com exceção dos lugares por onde suas lágrimas haviam corrido. Era difícil julgar sua idade em condições tão penosas, mas Will imaginou que tinha menos de trinta. Suas feições eram magras por trás dos óculos, a barba e os bigodes sujos precisando seriamente de um pente, idem para os cabelos engordurados. Suas roupas estavam num estado tão terrível quanto o resto dele; a camisa e os jeans esfarrapados colados ao seu corpo mal-

alimentado com sujeira. Olhou para Will com um misto de medo e descrença.

– De onde você veio? – perguntou ele. Pelo seu sotaque havia um inglês culto debaixo de toda a sujeira.

– Eu vim... de fora – Will lhe respondeu.

– Quando?

– Há poucos minutos.

O homem se levantou, e se aproximou de Will.

– Por onde veio? – perguntou. Em seguida, baixando a voz: – Pode achar o caminho de volta?

– Sim, claro – respondeu Will.

– Ah, Deus, ah, Deus... o homem começou a dizer, a respiração ficando mais rápida. – isso não é nenhum truque, é?

– Por que eu enganaria você?

– Para me fazer deixá-la. Ele estreitou os olhos, estudando Will com certa suspeita. – Quer ficar com ela pra você?

– Quem?

– Diane! Minha esposa! – Suas suspeitas estavam claramente desembocando em certezas. – Ah, é isso, não é? Essa é a ideia de uma piada de Rukenau, para me tentar a fugir. Por que ele é tão cruel? Fiz tudo o que ele me pediu, não fiz? Tudo. Por que ele não pode simplesmente nos deixar partir? – Seus pedidos se cristalizaram em afirmações. – Eu não vou a lugar nenhum sem ela, está me entendendo? Eu me recuso! Apodreço aqui se for preciso. Ela é minha esposa, e eu não vou embora...

– Estou entendendo – disse Will. – Estou falando sério... e

– Já disse: entendi.

–... e se ele quiser me fazer...

– Quer calar a boca um minuto?

O homem interrompeu os protestos, e piscou para Will por detrás dos óculos, a cabeça um pouco inclinada, como um pássaro.

– Só entrei aqui há três minutos. Juro. Agora, será que a gente pode conversar direito?

O homem parecia um pouco envergonhado por sua explosão.

– Então o lugar apanhou você também – ele disse manso.

– Não – disse Will. – Eu não fui apanhado. Vim de vontade própria.

– Por que faria isso?

– Para encontrar Rukenau.

– Veio à procura de Rukenau? – respondeu o homem, como se isso fosse equivalente à insanidade. Talvez o homem disse irritado. Will se aproximou dele.

– Qual é o seu nome?

– Theodore.

– As pessoas te chamam de Theodore?

– Não. Me chamam de Ted.

– Posso te chamar de Ted também? Tudo bem pra você?

– Sim. Acho que sim.

– Bom começo. Sou Will. Ou Bill. Ou Billy. Tudo menos William. Detesto William.

– Eu... eu detesto Theodore.

– Que bom que já resolvemos essa parte. Agora, Ted, preciso que você confie em mim. Na verdade, precisamos confiar um no outro, porque estamos ambos no mesmo barco, não estamos? – Ted assentiu. – Então? Por que não me fala de... – ia dizer Rukenau, mas mudou de ideia no último minuto e disse ao invés: – sua esposa?

– Diane?

– Sim, Diane. Ela está aqui em algum lugar, você não disse? – Mais uma vez os olhos baixos e o assentir nervoso. – Mas você não sabe onde.

– Eu sei... vagamente – ele disse.

Will baixou a voz.

– Rukenau a pegou?

– Não.

– Bom, me ajude a sair daqui – pediu Will. – Onde está ela?

A boca de Ted se enrijeceu, e seus olhos se estreitaram por trás de seus óculos manchados. Mais uma vez, aquele olhar de passarinho para Will. Então ele pareceu decidir que falaria; e pôs tudo para fora.

– Não queríamos entrar aqui. Estávamos só andando, sabe; nos Penhascos. Eu gostava de observar pássaros antes de me casar e convenci Diane a vir comigo. Não estávamos fazendo nada que não devêssemos. Só estávamos andando, olhando os pássaros.

– Vocês não moram na ilha.

– Não, estávamos de férias, indo de ilha em ilha. Uma espécie de segunda lua–de–mel.

– Há quanto tempo vocês estão aqui?

– Não tenho muita certeza. Acho que chegamos no dia vinte.

– De outubro?

– Não. Junho.

– E vocês não saíram desde então?

– Uma vez eu encontrei a porta, por puro acaso. Mas como poderia ir embora, com Diane ainda aqui? Eu não poderia fazer isso.

– Então existe mais alguém aqui?

Sua voz caiu para um sussurro.

– Ah, sim. Tem ele...

– Rukenau?

– E outros também. Gente que entra como Diane e eu, que ele nunca deixou sair. De vez em quando eu os ouço. Um deles canta hinos. Tenho tentado fazer um mapa... – disse ele, lançando um olhar sobre o arranjo de lixo no chão. Os galhos, pedrinhas e montículos de solo eram aparentemente sua tentativa de recriar a Casa em miniatura.

– Diga-me a localização de tudo – disse Will, agachando-se ao lado do mapa. Sentia-se como um presidiário planejando uma fuga com um colega louco, impressão que só foi reforçada pelo brilho de orgulho no rosto de Ted enquanto se agachava no outro lado do modelo e começava a explicá-lo.

– Estamos aqui – ele disse, apontando para um ponto no labirinto. – Fiz daqui minha base de operações. Esta pedrinha branca aqui é o homem que canta os hinos. Como eu já disse, nunca o vi, porque ele simplesmente foge quando chego perto.

– E o que é isto? – perguntou Will, direcionando a atenção de Ted para um grande espaço com fios de tecido entrecruzados.

– Este é o aposento de Rukenau.

– Então não estamos tão longe assim? – perguntou Will, olhando ao redor para a porta que achava que o levaria a Rukenau, – Você não vai querer ir lá – Ted disse a ele. – Eu juro.

Will se levantou.

– Não precisa vir comigo – disse.

– Mas preciso de você para me ajudar a encontrar Diane.

– Se você sabe onde ela está, por que não a pegou você mesmo?

– Porque o lugar para onde ela foi... é demais para mim. – Parecia envergonhado de admitir isso. – Eu fico... aturdido.

– Pelo quê?

– Pelos sentimentos. Pela luz. As coisas que vêm na minha cabeça. Nem mesmo Rukenau suporta.

Agora Will estava curioso. Se estava entendendo corretamente os devaneios de Ted, ainda havia uma parte daquela Casa que entregava a descrição que ouvira Jacob fazer de todos aqueles anos atrás. *É gloriosa,* ele dissera a Simeon. *Se estivéssemos juntos, poderíamos ir fundo, bem fundo juro.*

Era provavelmente lá que a esposa de Ted estava. Fundo, bem fundo, onde os fracos de coração não podiam ir sem pagar o preço da invasão.

– Antes me deixe falar com Rukenau – disse Will – Então nós iremos encontrá-la. Prometo.

Subitamente os olhos de Ted transbordaram de lágrimas, e ele chegou o mais próximo possível de uma expressão espontânea de agradecimento que um inglês sóbrio pode chegar: agarrou a mão de Will e sacudiu-a.

– Eu deveria lhe dar uma arma – disse. – Não tenho muito... só alguns bastões afiados... mas são melhores que nada.

– Para que precisamos de armas?

– Há muitos animais neste lugar. Você vai ouvi-los através das paredes.

– Vou me arriscar.

– Tem certeza?

– Absoluta. Obrigado.

– Como achar melhor – disse Ted. Foi até a pequena pilha de bastões ao lado de sua cama.

– Vou levar dois, para quando você mudar de ideia – disse. Então guiou-o para fora de seu pequeno santuário. A sala adjacente estava substancialmente mais escura, e Will levou um instante para se orientar.

– Vá mais devagar – ele disse a Ted, que já havia avançado pelo chão em penumbra até a passagem em arco do outro lado. Em seu esforço para alcançar o homem, Will tropeçou em algo e caiu na escuridão. O lixo sobre o qual caiu era farpado: arranhou seu rosto e seu flanco, rasgando suas calças e cortando a perna. Soltou um grito de dor, que se transformou numa torrente de palavrões enquanto ele tornava a buscar orientação. Ted veio em seu socorro, e estava desembaraçando Will quando um som fundo estridente fez com que parasse seus esforços.

– ó, Deus, não – o homem disse baixinho.

Will levantou a cabeça. O aposento agora estava se enchendo de luz, mais quente do que a luminescência das paredes, sua fonte uma porta que

se abria do outro lado da câmara. Era duas vezes a altura de um homem, e uns trinta centímetros ou mais de profundidade sua imensidão movida por um sistema de cordas e contrapesos. Havia uma fogueira queimando no aposento adiante, talvez várias; e formas se movendo no ar, envoltas em fumaça. E, do coração da fumaça, uma pergunta lânguida:

– Trouxe algo para mim, Theodore?

Era óbvio pela expressão no rosto de Ted que ele queria fugir mas era igualmente óbvio que estava apavorado ou traumatizado demais para fazê-lo.

– Venham a mim – disse o interlocutor. – Os dois. E baixe os bastões, Theodore.

Ted balançou a cabeça em desespero, e jogando de lado as armas que carregava, dirigiu-se à porta com a relutância de um cão com medo de levar uma surra.

Will se levantou, e analisou rapidamente o estrago que fizera. Nada demais; só uns arranhões. Ted já estava na porta, cabeça baixa, Will não foi tão reverente. Cabeça erguida, olhos ansiosos, atravessou a antecâmara e, ao passar por Ted no limiar, adentrou à presença de Gerard Rukenau.

XI

Embora no início a descida de Frannie devesse se tornar mais fácil à medida que a distância a cair diminuía, quanto mais longe da luz do sol ela se aventurava mais escorregadias as rochas ficavam, e mais raros os apoios para as mãos. Mais de uma vez ela ficou a um milímetro de cair, e isso teria acontecido se não tivesse girado para se colocar como apoio sobre o buraco nas horas em que escorregava. Se sobrevivesse a isso, pensou, teria muitas escoriações de lembrança.

Havia outro problema: era muito mais escuro ali embaixo do que ela esperava que fosse. Precisou apenas levantar a cabeça o que fez, contra seu melhor julgamento – para ver por quê. As nuvens haviam engrossado firmemente enquanto ela descia, e a fatia de céu ainda visível para ela era cinza-chumbo. Logo choveria, ela concluiu, o que tornaria a subida ainda mais problemática. Bem, era tarde demais para se arrepender. Ela descera sem ferimentos sérios; talvez encontrasse uma rota mais simples por onde subir, com Will, assim esperava.

Não soltou a parede do buraco até ter certeza de que estava com os pés sobre terreno sólido. Assim que fez isso olhou fenda acima para localizar Will, mas a saliência bloqueava sua visão. Começou a se encaminhar na direção dele, gritando seu nome à medida que avançava, garantindo-lhe que estava chegando. Não houve resposta, e ela temeu o pior. Ele havia rachado o crânio, quebrado o pescoço; ela o encontraria deitado lá, tão sem vida quanto a rocha sobre a qual estivesse deitado. Preparando-se para essa visão, abaixou-se sob a saliência, e ali, a poucos metros de distância, estava o corpo que a seduzira até aquela maldita fenda. Não era Will. Deus Todo-Poderoso, não era Will! Era um corpo humano, certamente era, mas um corpo muito velho. Na verdade, era virtualmente uma múmia, enrolada em bandagens e roupas. Ficou aliviada, claro; mas quase zangada consigo mesmo por ter perdido tempo e esforço fazendo a descida. Criando coragem diante daquela visão, examinou o cadáver um pouco mais de perto. Várias de suas bandagens haviam apodrecido, revelando carne da cor de tabaco. Sua cabeça era particular mente nojenta de se ver, a pele repuxada sobre os ossos do crânio, os lábios repuxados mostrando os dentes perolados. Será que este é Rukenau?, ela se perguntou. Será que ele

havia perecido e sido enterrado, ou pelo menos ocultado, ali no buraco, por seus acólitos ou talvez por ilhéus temerosos, que não queriam colocar seus ossos em campo santo? Ela estudou o corpo em busca de alguma pista andando ao redor enquanto isso. E ali, nos restos podres do "caixão", encontrou a prova de que precisava para identificá-lo: uma coleção de meia dúzia de pincéis, amarrados com cordão e o que parecia cera de abelha. Ela emitiu um pequeno gemido de satisfação ao resolver o enigma. Aquele não era Rukenau: era o cadáver de Thomas Simeon. Ela se lembrava apenas vagamente do que o livro havia dito sobre o assunto. O corpo havia sido roubado, lembrava-se, e alguém não teorizara, talvez Dwyer, que ele fora levado para o norte e enterrado na ilha de Rukenau? Então fora. Um fim estranho e, à sua maneira, digno de pena: ser preservado no que quer que utilizassem em termos de líquidos de embalsamar naquela época, envolto em finos panos e escondido como um tesouro secreto.

Bem, uma pergunta já estava respondida. Mas ela levava a outra. Se Will não estava ali, então onde diabos estava? Ele não respondera quando ela o chamara, então ainda era perfeitamente possível que estivesse em apuros; a pergunta era onde?

A chuva havia começado a cair; e, a julgar pela força da água correndo pelos lados da fenda, era pesada. Tentando escalar de volta ao ponto onde ela havia descido seria bobagem: ela teria de encontrar outro método. Era uma longa jornada até o mar, e por isso decidiu primeiro subir até o alto do buraco à procura de uma rota de fuga mais fácil. Se não conseguisse achar uma, então tentaria a outra ponta, embora do jeito que as ondas estavam batendo contra o promontório seria difícil encontrar um meio de fuga ali sem risco de ser levada pela correnteza. Considerando tudo, não era um cardápio muito apetitoso de alternativas, mas que diabos, ela se metera nessa confusão e acharia um jeito de sair dela.

Pensando assim, ela começou a subir até a ponta do buraco. Estava um pouco mais claro alguns metros adiante, as paredes suficientemente afastadas para que a chuva descesse direto sobre ela. Estava frio, mas ela suava depois de tanto esforço, e enfiou a cara na chuva para se refrescar. Ao fazer isso, ouviu Steep dizer:

– Olhe só o seu estado.

Apesar de sua extrema fragilidade, Rosa não havia permanecido as rochas onde Frannie a deixara, mas se arrastara, com uma lentidão

dolorosa, até as pedras no final do buraco. Ali ela desabara, capaz de mover as pernas mais um centímetro. E ali Steep a encontrara. Ele ficou afastado dela, aproximando-se apenas por um instante para tirar a mão dela do rosto, e depois tornando a recuar como se a fraqueza de Rosa fosse contagiosa.

– Me leva pra dentro... – ela murmurou para ele.

– Por que eu deveria fazer isso?

– Porque eu estou morrendo, e quero estar lá... Eu quero ver Rukenau uma última vez.

– Ele não vai querer ver você nesse estado – disse Jacob. – Ferida e ofegante.

– Por favor, Jacob disse ela. – Não posso chegar lá sozinha.

– Estou vendo.

– Me ajude.

Jacob pensou nisso por um instante. Então disse: – Acho que não. Sério, é melhor eu ir até ele sozinho.

– Como você pode ser tão cruel?

– Porque você me traiu, amor; indo com Will. Fazendo-me seguir você como um cachorro sem dono.

– Não tive escolha – protestou Rosa. – Você não ia me trazer aqui.

– É verdade – disse Steep.

– Embora só Deus saiba... depois de tudo que sofremos juntos... as tristezas... – Ela desviou o olhar de Steep, os tremores no corpo aumentando. – Tenho pensado tanto... Se tivéssemos tido filhos saudáveis, quem sabe teríamos ficado mais carinhosos ao longo dos anos ao invés de mais cruéis.

– Ó, Cristo – disse Steep, a voz derramando-se em desprezo. Certamente você ainda não acredita nessa bobagem? Nós tivemos filhos saudáveis.

Ela não moveu a cabeça; mas seus olhos deslizaram de volta na direção de Steep.

– Não – murmurou. – Eles eram...

– Nenenzinhos saudáveis e bonitos...

–... sem cérebro, você disse...

–... perfeitos, cada um deles.

– ...não...

– Eu fertilizei você para deixá-la feliz; então matei-os para que não pudessem andar. E você nunca reparou mesmo? – Ela não disse nada. –

Mulher imbecil. – Então ela falou.

– Meus filhos... – murmurou, tão baixinho que ele não entendeu suas palavras.

– O que disse? – ele lhe perguntou, chegando um pouco mais perto.

Ao invés de falar, ela gritou: – *Meus filhos!* – o som que emitiu sacudiu a pedra onde estava. Jacob tentou recuar, mas ela tinha a força da tristeza em seus músculos, e estendeu a mão rápido demais para que ele pudesse escapar. Seu grito não era a única arma naquele ataque. Ao pegá-lo com a mão esquerda, a direita rasgou as bandagens que tampavam seu ferimento, e o brilho trançado saía dela como se quisesse devorá-lo...

No buraco lá embaixo, Frannie mal tampara os ouvidos com as mãos para não ouvir o grito quando sentiu uma chuva de pedrinhas e terra molhada cair em sua cabeça. Ela se esgueirara até o fim do buraco para ouvir melhor a conversa. Agora lamentava a curiosidade. O burburinho de Rosa a deixara enjoada, apesar de suas tentativas de bloqueá-lo. Começou a girar, o corpo reagindo mais por instinto do que por instrução, e saiu cambaleante abismo abaixo, os pés escorregando nas pedras com limo. Avançou talvez seis ou sete metros quando uma parte do terreno – sacudido pelo burburinho – capitulou, e a queda de pedaços de terra molhada e pedra se tomou uma calamidade.

Vendo o brilho que escapava do abdômen de Rosa, Steep levantou as mãos para proteger o rosto, com medo de que ela quisesse cegá-lo. Mas não foi o rosto dele para onde ela se dirigiu; nem seu coração, nem mesmo seu baixo ventre. Era a sua mão que a luz buscava; ou melhor, a ferida na palma de sua mão, que sua própria lâmina havia aberto. Foi ele quem gritou, então, seu alarme se fundindo à fúria de Rosa numa combinação tão poderosa que o próprio chão foi sacudido. Lá em cima, os pássaros pararam de voar em círculos e subiram para a segurança de seus ninhos. Na espuma do mar, as focas mergulharam fundo para não ouvir o tumulto. Entre as dunas, lebres disparavam por suas vidas, e o gado no pasto se cagou de medo. E nas casas e bares de Barrapol, Crossapol e Balephuil, e nas estradas abertas entre os vilarejos, homens e mulheres cessaram suas atividades no mesmo instante. Se estivessem acompanhados, trocavam

olhares preocupados, e se estivessem sós procuravam logo uma companhia. E então, tão bruscamente como começou, acabou.

Mas a avalanche no buraco tinha seu próprio momentum. As pedras que caíam cresciam de tamanho, à medida que o terreno se abria, enchendo o ar com tanta terra e destroços que Frannie não conseguia ver nada. Ela recuou quase até o lugar de descanso de Thomas Simeon, e ali aguardou enquanto a fenda sacudia de ponta a ponta.

Por fim, a chuva de pedras parou, e o ar cheio de poeira começou a clarear. Ela manteve a distância por um momento, contudo, temendo um novo burburinho do alto, ou algum outro colapso. Não houve nenhum dos dois, entretanto; e depois de um ou dois minutos começou a subir de novo o buraco para ver como estava a terra agora. Havia bem mais luz do que antes, apesar do ar sujo. O chão que cercava a ponta do abismo havia desabado inteiramente, ela viu, entregando uma grande tonelagem de rocha fraturada, terra e grama à fenda, onde havia formado uma encosta caótica. Pelo menos agora ela tinha como subir ali, se quisesse se arriscar a seguir rota tão perigosa. Estudou a borda do buraco, procurando algum sinal de vida, mas não viu nenhum. Fora o ocasional chuvisco de terra das beiradas do buraco, o cenário estava imóvel.

No sopé da inclinação, ela fez uma parada brusca para planejar a rota, e então começou a subir. Era mais fácil do que sua descida, mas não foi simples. As rochas haviam acabado de se acomodar, e a cada passo ela temia pela solidez delas; enquanto isso a chuva caía, transformando o solo em lama. A um terço do caminho ela decidiu completar a escalada de quatro, o que significou que num instante estava coberta de lama da cabeça aos pés. Não importava; havia menos chance de cair para trás daquele jeito, e quando um de seus apoios das mãos ou dos pés provava ser traiçoeiro, ela tinha mais três de segurança.

Quando chegou a dois metros do alto da encosta, entretanto, sentiu alguma coisa tocando sua perna. Olhou para baixo, e para seu horror viu Rosa parcialmente enterrada na terra revolvida, a mão estendida agarrando cega o tornozelo de Frannie. A expressão em seu rosto não lembrava nada que Frannie tivesse visto num rosto humano antes, a boca grotescamente larga, como a de um peixe, seus olhos dourados, apesar do ataque da chuva, sem piscar.

– Steep? – ela disse, sem fôlego.

– Não, sou eu. Frannie.

– Steep caiu?

– Não sei. Eu não vi...

– Me levante – exigiu Rosa. A julgar pela disposição de suas pernas, ela havia quebrado uma série de ossos, mas estava obviamente indiferente ao fato. – Me levante – ela repetiu. – Vamos entrar na Casa, você e eu.

Frannie duvidava de que tivesse a força para arrastar a mulher além do topo da encosta. Mas mesmo que pudesse fazer esse servicinho, seria certamente o último que prestava para Rosa. A morte da mulher era iminente, a julgar pela sua falta de ar, e pela violência dos tremores que acometiam seu corpo. Redistribuindo o peso nas pedras, Frannie se curvou para limpar os destroços de cima do corpo de Rosa. As bandagens haviam sido arrancadas de seu ferimento, Frannie reparou, e embora ela estivesse parcialmente ensopada de lama, a mesma iridescência única que vira pela primeira vez na casa de Donnelly tremeluzia em sua profundidade.

– Steep fez isso a você? – ela perguntou.

Rosa olhou para o céu sem enxergar. – Ele me roubou de meus filhos – disse.

– Eu ouvi.

– Ele roubou minha vida. E vou fazê-lo sofrer por isso.

– Você está muito fraca.

– Minha ferida é minha força agora – disse Rosa. – Ele tem medo do que está quebrado em mim... – ela deu um sorriso terrível; como se tivesse se tornado a própria Morte – ...porque descobriu o que está quebrado nele...

Frannie não tentou entender. Simplesmente curvou-se para a tarefa de limpar o corpo e, então, realizado o trabalho, procurou levantar Rosa a uma posição que lhe permitisse ser erguida. Assim que passou os braços por baixo da mulher, descobriu para seu espanto que uma força curiosa passava entre as duas. Seu corpo se tornou capaz do que nunca poderia ter feito um minuto antes: ergueu Rosa do solo e a carregou não sem esforço, mas com alguma confiança até o restante da encosta, até terreno seguro. O cenário parecia o de um campo de batalha. Fissuras novas haviam se aberto na terra, correndo em todas as direções do lugar onde Rosa e Jacob haviam se embatido.

– Agora, à sua esquerda... – disse Rosa.

– Sim?

– Está vendo um trecho de terreno aberto?

– Estou.

– Me leve até lá. A Casa fica lá.

– Não estou vendo nada.

– É porque ela tem meios de se dobrar para se ocultar de sua visão. Mas está lá. Confie em mim, está lá. E quer que entremos.

XII

O som da avalanche foi ouvido no Domus Mundi, mas Will não prestou muita atenção a ele, distraído como estava pela escala do espetáculo à sua frente. Ou mais precisamente sobre ele. Pois fora ali que Gerard Rukenau, o sacerdote sátiro em pessoa, escolhera tornar seu lar. A vastidão considerável da câmara era cruzada por uma complexa rede de cordas e plataformas, a mais baixa delas pendurada um pouco acima de sua cabeça, enquanto a mais alta praticamente se perdia nas sombras do teto abobadado. Em alguns lugares, as cordas com nós eram entrelaçadas tão densamente, e tão incrustadas de detritos que formavam quase repartições sólidas, e num ponto uma espécie de chaminé que subia até o teto. Para somar ainda mais essas estranhezas, havia artigos de mobiliário antigo espalhados pela estrutura, coletado, talvez, naquela misteriosa casa em Ludlow de onde Galloway libertara seu amigo Simeon. Nessa coleção havia diversas cadeiras, suspensas em várias alturas; duas ou três mesinhas. Havia até uma plataforma cheia de travesseiros e roupas de cama, onde, provavelmente, Rukenau se deitava à noite. Embora as cordas e galhos de onde tudo isso era construído estivessem imundos, e a mobília, apesar de sua qualidade, estivesse em estado pior ainda, a elaboração obsessiva de nós, repartições e plataformas era belíssima na luminescência tremeluzente que surgia das cabaças de chama pálida dispostas ao redor da teia, como estrelas num estranho firmamento.

E então, de uma posição a talvez uns doze metros acima da cabeça de Will, no topo de chaminé costurada, a voz de Rukenau desceu flutuando.

– Então, Theodore – disse ele. – Quem você trouxe para me ver? – Sua voz era mais musical do que soara quando ele os chamara. Parecia verdadeiramente curioso para saber quem poderia ser aquele estranho.

– O nome dele é Will – disse Ted.

– Isso eu sei – respondeu Rukenau – e ele odeia William; o que é sensato. Mas também ouvi dizer que você veio me procurar, Will; e isso é muito mais intrigante para mim. Como você veio procurar um homem que se afastou das vistas humanas por tanto tempo?

– Ainda há algumas pessoas falando de você – disse Will, olhando para as alturas na penumbra.

– Não faça isso – Ted sussurrou para ele – Mantenha a cabeça baixa.

Will ignorou o conselho e continuou a olhar para a rede acima. Seu atrevimento foi recompensado. Lá estava Rukenau, descendo através das miríades de camadas de seu mundo suspenso, pisando de um poleiro precário para outro, como um equilibrista de corda bamba. E, enquanto descia, continuava falando:

– Diga-me, Will: conhece o homem e a mulher que estão fazendo um barulho tão grande lá fora? – perguntou.

– Há um homem? – perguntou Will.

– Ah, sim, há um homem. – Só podia ser um, Will sabia; e esperava por Deus que Frannie tivesse saído de seu caminho.

– Sim, eu conheço eles – disse a Rukenau. – Mas acho que você os conhece melhor.

– Talvez – o homem acima dele respondeu – embora já tenha se passado muito tempo desde que os expulsei daqui.

– Quer me dizer por que fez isso?

– Porque o macho não trouxe meu Thomas de volta para mim.

– Thomas Simeon?

Rukenau parou em sua descida.

– ó, Jesus – disse ele. – Você sabe mesmo algo sobre mim, não é?

– Gostaria de conhecer ainda mais.

– Thomas veio para mim, finalmente; sabia disso?

– Quando morreu – disse Will. Aquele pedaço da história era uma adivinhação de sua parte, alimentada pelas teorias de Dwyer; mas quanto mais convencia Rukenau de que sabia, mais esperava que o homem confessasse. E Dwyer estava certa em suas deduções, ao que parecia, pois Rukenau suspirou e disse:

– De fato, ele voltou para mim como um cadáver. E acho que um pouco de minha própria vida saiu de mim quando ele foi posto nas rochas. Ele tinha mais da graça de Deus em seu dedinho mínimo do que eu tenho em todo o meu ser. Ou do que jamais tive.

Agora, depois de uma pequena pausa para digerir essa confissão, ele continuou a descer, e aos poucos Will passou a ter uma melhor percepção dele. Estava vestido no que um dia foram roupas finas, mas que agora, como quase tudo na Casa, estavam sujas e manchadas. Apenas seu rosto e suas mãos eram pálidos, e as mãos eram de uma palidez única, de modo que ele lembrava uma boneca sem sangue. Mas não havia nada de frágil

em seus movimentos; ele se movia com uma espécie de graciosidade sinuosa, de modo que, apesar de sua roupa coberta de excrementos, e da neutralidade de seus traços, Will não conseguia tirar os olhos do homem.

– Diga-me – disse Rukenau, ao continuar sua descida –, como você conhece essas pessoas que estão na entrada?

– Você os chama de Niloticos, não é verdade?

– Quase, mas não exatamente – disse Rukenau. Parou novamente. Estava agora talvez a três metros acima de cabeça de Will, e empoleirado sobre uma plataforma de galhos grossos amarrados, agachou-se e estudou Will por entre os buracos da rede como um pescador poderia estudar sua presa. – Acho que, apesar de sua exatidão, você ainda não compreendeu bem as naturezas deles. Não é verdade?

– Tem razão – disse Will. – Não compreendi. Por isso vim aqui; para descobrir.

Rukenau inclinou-se um pouco mais para a frente e empurrou para o lado uma porção de corda incrustada para ver melhor sua presa, e isso por sua vez deu a Will uma visão melhor de Rukenau. Não era simplesmente seu movimento sinuoso que lembrava uma serpente. Havia um brilho em sua pele que fez com que Will se lembrasse de uma cobra; assim como sua ausência total de cabelo. Não tinha sobrancelhas, nem pestanas, nem qualquer sinal de pelos no rosto ou no queixo. Se era alguma doença de pele, ele não parecia estar sofrendo quaisquer outros efeitos. Na verdade ele irradiava boa saúde; seus olhos brilhavam, e seus dentes reluziam, anormalmente brancos.

– Você veio aqui por curiosidade? – perguntou ele.

– Acho que em parte sim.

– E o que mais?

– Rosa... está morrendo.

– Duvido.

– Está. Juro.

– E o macho? Jacob? Também está doente?

– Não do jeito que Rosa está, mas sim... está doente.

Então Rukenau digeriu isso por um momento. – Acho que deveríamos continuar esta conversa sem o jovem Theodore. Por que não sai e me traz algum sustento meu rapaz?

– Sim, senhor... – respondeu Ted, completamente apavorado.

– Espere... – disse Will, pegando o braço de Ted antes que ele sair. – Ted tem uma coisa a lhe pedir.

– Sim, sim, sua esposa... – Rukenau disse, cansado. – Eu ouço você chorando por ela, Theodore, noite e dia. Mas não posso fazer nada por você, receio. Ela não quer ver você mais. Em suma, é isso. Não leve isso muito a sério. Ela simplesmente ficou enfeitiçada por este maldito lugar.

– Você não gosta daqui? – perguntou Will.

– Gostar? – respondeu Rukenau, sua máscara de prazer se evaporando num segundo. – Esta é minha prisão, Will. Você me entende? Meu purgatório. Não; eu diria, meu inferno. – Inclinou-se um pouco, e estudou o rosto de Will. – Mas fico me perguntando, quando olho para você, se talvez algum anjo gracioso não o tenha enviado para me libertar.

– Com certeza não pode ser tão difícil sair daqui – disse Will. – Ted me disse que encontrou o caminho de volta à porta da frente sem...

Rukenau interrompeu, a voz pura exasperação: – O que supõe que me aconteceria se eu desse um passo para fora destas paredes? – perguntou. – Já descartei muitas peles nesta Casa, Will, e enganei a Morte fazendo isso. Mas no momento em que sair dos limites deste lugar abominável, minha imortalidade estará perdida. Eu achava que isso seria óbvio para um homem de sua sabedoria. Diga-me, por falar nisso, como chamam a nós, magos, em sua época? A palavra necromante sempre soou teatral ao meu ouvido; e Doutor em Filosofia inteiramente empoeirada demais. A verdade é, não acho que alguma Palavra já tenha nos caído bem. Somos parte metafísicos, parte demagogos.

– Não sou nenhuma dessas coisas – disse Will.

– Ah, mas existe um espírito que se move em você – disse Rukenau. – Um animal de alguma espécie, não?

– Por que não desce e vê por si mesmo?

– Eu jamais poderia fazer isso.

– Por que não?

– Já lhe disse. A Casa é uma atrocidade. Jurei jamais pôr os pés nela. Nunca mais.

– Mas foi você quem a construiu.

– Como você sabe tanto? – perguntou Rukenau. – Aprendeu tudo isso com Jacob? Porque deixe-me dizer uma coisa: se foi isso ele sabe menos do que pensa.

– Eu lhe direi tudo o que sei, e onde aprendi – disse Will. – Mas primeiro...

Rukenau olhou preguiçoso para Ted.

– Sim, sim, sua maldita esposa. Olhe para mim, Theodore. Assim está melhor. Tem certeza de que quer deixar de trabalhar para mim? Quero dizer, é um fardo tão grande me trazer algumas frutas ou um pouco de peixe?

– Pensei que você tinha me dito que nunca deixava a Casa – Will disse a Ted.

– Ah, ele não sai para pegar essas coisas – explicou Rukenau. – Ele entra, não é, Theodore? Ele vai para onde a esposa dele foi; ou o mais próximo que se atreve.

Will ficou confuso com isso, mas deu o melhor de si para não mostrar o espanto no rosto.

– Se você realmente deseja ir – continuou Rukenau – não farei objeções. Mas estou avisando, Theodore, sua esposa poderá pensar diferente. Ela entrou na alma da Casa, e ficou enamorada do que encontrou. Não tenho poder sobre esse tipo de estupidez.

– Mas, e se eu puder de algum modo chamá-la de volta? – perguntou Ted.

– Então, se seu novo campeão ficar no seu lugar, eu não impediria que você partisse. Que tal isso? Will? É uma troca justa?

– Não – respondeu Will – mas vou aceitar.

Ted sorriu de orelha a orelha.

– Obrigado – disse a Will. – Obrigado. Obrigado. Obrigado. Então, para Rukenau: – Isso quer dizer que eu posso ir?

– Por favor. Encontre-a. Se ela for com você, quero dizer, o que eu francamente duvido...

Essa conversa não apagou o sorriso da cara de Ted. Ele partiu num instante, disparando câmara afora. Antes de chegar à porta começou a chamar o nome da esposa.

– Ela não irá com ele – disse Rukenau, depois que Ted saiu da câmara. – O Domus Mundi a possui. O que ele tem para oferecer a ela em termos de sedução?

– Seu amor? – perguntou Will.

– O mundo não liga para o amor, Will. Ele segue o seu caminho, indiferente aos nossos sentimentos. Você sabe disso.

– Mas talvez...

– Talvez o quê? Continue, diga-me o que passa na sua cabeça.

– Talvez não tenhamos mostrado amor suficiente para ele.

– Ah, e isso tornaria o mundo gentil? – perguntou Rukenau. – Isso faria com que o mar me levasse à tona se eu estivesse me afogando? Um rato contaminado com peste bubônica escolheria não me morder porque professei meu amor? Will, não seja tão infantil. O mundo não liga para o que Theodore sente por sua esposa; e sua esposa está enfeitiçada demais com o glamour deste lugar miserável para olhar duas vezes para ele. Esta é a verdade amarga.

– Não vejo o que há de tão encantador neste lugar.

– Claro que não. Isso é porque eu trabalhei contra suas seduções ao longo dos anos. Afastei-as de meus olhos com lama e excremento. A maior parte dele é meu próprio, a propósito. Um homem produz muita merda em duzentos e setenta anos.

– Então foi você quem cobriu as paredes?

– No início foi meu trabalho pessoal, sim. Mais tarde, quando as pessoas cometeram o erro de entrar, usei as mãos delas na tarefa. Muitos morreram no decorrer do ato, lamento dizer... Interrompeu-se, levantando-se em seu poleiro. – Agora – disse ele. Começa tudo.

– O que está acontecendo?

– Jacob Steep acabou de entrar.

Havia um tremor pouco perceptível na voz de Rukenau.

– Então é melhor me contar o que sabe sobre ele – respondeu Will – E rápido.

XIII

A gora que estava na Casa, Steep via a perfeição da rota que o levara ali. Talvez, afinal de contas, ele não tivesse voltado ao Domus Mundi para morrer; pelo menos não ainda. Talvez tivesse ido para aquele lugar para prestar um melhor serviço à sua ambição. Rosa estava certa quando o acusara de amar a carnificina; sempre amara, sempre amaria. Era um de seus apetites de homem; amar a caçada, o derramamento de sangue e a morte vinha tão naturalmente quanto esvaziar a bexiga. E agora, de volta àquela Casa, ele teria a oportunidade de alimentar esse apetite como nunca antes. Assim que Will e Rosa estivessem mortos, e Rukenau também, ele se sentaria no coração do Domus Mundi, e, ah, o que ele faria, mostraria aos mercadores que estupravam o mundo de seus escritórios, e os papas que sancionavam colheitas de crianças famintas, e os potentados que amenizavam sua solidão com shows de destruição, visões que os perturbariam. Ele seria mais frio do que o livro-caixa de um contador; mais cruel do que um general na noite de um golpe de estado.

Por que não vira a facilidade disso antes? Estupidez, não era? Ou covardia, o mais provável, medo de voltar à presença do homem que tivera tanto poder sobre ele. Bem, ele não tinha mais medo. Não perderia mais tempo com facas dali em diante (a não ser por Rukenau, talvez; Rukenau ele esfaquearia). Em seus negócios com o resto do mundo, ele seria bem mais inteligente. Envenenaria a árvore enquanto ela ainda fosse uma semente, e deixaria morrer todos os que dela comessem. Distorceria o feto no ventre e faria a colheita morrer antes mesmo dela se mostrar. Nada sobreviveria ao holocausto; nada: no devido tempo, seria o fim de tudo, a não ser por Deus e ele próprio.

Toda a sua vida havia sido, percebeu ele, uma preparação para essa volta; e as conspirações armadas contra ele pela mulher e pela bicha, mesmo aquele beijo, aquele beijo vil, foram formas de levá-lo, sem que eles soubessem, àquele limiar. Ficou espantado quando entrou, em ver como o lugar estava mudado. Agachou-se e raspou o chão: ele estava coberto com uma camada de excremento; animal e humano, misturados. As paredes eram a mesma coisa; e o teto. Toda a casa, que fora tão transcendente em sua criação, tanta luz, havia sido ocultada por trás de

camadas de sujeira. Obra de Rukenau, sem dúvida. Steep não estava surpreso. Apesar de todas as suas pretensões metafísicas, Rukenau no fundo fora um homem idiota e apavorado. Ele não havia despachado Jacob para trazer Thomas de volta à ilha, porque precisava da visão de um artista para compreender o que havia forjado? No lugar daquela compreensão, o que ele havia feito? Coberto as glórias do Domus Mundi com argila e merda.

Pobre Rukenau, pensou Jacob; pobre e humano Rukenau. E então o pensamento se tornou um grito, que ecoou pelas paredes enquanto ele saía em busca de seu antigo mestre. *Pobre Rukenau! Ah, pobre, pobre Rukenau!*

– Ele está chamando meu nome...

– Ignore-o – disse Will. – Preciso saber o que ele é.

– Você já sabe – replicou Rukenau. – Você mesmo usou a própria palavra. Ele é um Nilótico.

– Isso é uma localização, não uma descrição. Preciso saber detalhes.

– Eu conheço as lendas. Conheço as preces. Mas não sei nada que pudesse passar pela verdade.

– Diga logo, seja lá o que for!

Rukenau olhou para ele com desprezo, e por um instante parecia que não iria dizer nada, então as palavras saíram, e uma vez iniciadas não houve como pará-las. Não havia tempo para perguntas ou esclarecimentos. Só um desabafo.

– Eu sou o filho bastardo de um homem que construía igrejas – disse ele. – Grandes lugares de adoração meu pai fez, em seu tempo. E quando fiquei velho o bastante, embora não tivesse sido criado no seio de sua família, procurei-o e disse: acho que tenho um pouquinho de seu gênio em mim. Deixe-me seguir os seus passos; serei seu aprendiz. Naturalmente, ele não aceitou. Eu era um bastardo. Não podia estar lá, à vista do público, envergonhando-o aos olhos de seus Patrões. Afastou-me. E quando eu saí de sua casa eu disse: que seja. Vou encontrar meu próprio caminho no mundo, e farei um lugar onde Deus queira tanto ir que deixará todas as belas igrejas de meu pai vazias.

"Aprendi magia; tornei-me um sujeito um tanto culto. E bem admirado, acredito. Não me importava muito. Tive toda a admiração de que precisava num ano ou dois. Então parti para viajar pelo mundo, em busca

das geometrias secretas que tornam os lugares sagrados. Fui à Grécia para ver os templos, e à índia para ver o que os hindus haviam feito. E na volta passei no Egito, para ver as pirâmides. Lá ouvi falar de uma criatura que havia, segundo a lenda, feito templos dos altares de onde um sacerdote podia ver as obras do Criador com um simples olhar.

"Parecia ridículo, claro, mas subi o rio Nilo em busca desse anjo sem nome, preparado para usar qualquer magia que eu possuía para fazê-lo seguir meu propósito. E, numa caverna perto de Luxor, encontrei a criatura, que batizei de Nilótico. Eu a trouxe para cá, e com a ajuda de Simeon fiz os planos para a obra-prima que construiria. Um lugar tão sagrado que todas as igrejas de meu pai entrariam em ruína, e sua memória seria desprezada. – Deu uma gargalhada amarga de sua própria loucura. – Mas claro que era demais para nós todos. Simeon fugiu, e perdeu a cabeça, o Nilótico ficou impaciente, e me deixou, muito embora eu tivesse confundido suas memórias de si mesmo, e sem minha ajuda permaneceria na ignorância. E eu... fiquei aqui... determinado a dominar o que havia criado. – Balançou a cabeça. – Mas não há como dominar o mundo, há?

Foi interrompido nesse momento por outro grito de Steep.

– Acho que ele discorda de você – disse Will.

– Por que estou com medo? – perguntou Rukenau. – Não tenho desejo em viver. – Olhou para Will com uma fúria perturbadora nos olhos. – Ah, mas Jesus, mantenha ele longe de mim.

– Você já o controlou antes – observou Will. – Faça isso de novo. – Como posso fazer o que já foi feito? – cuspiu Rukenau. – Você precisa encontrar persuasões próprias.

Dizendo isso, ele começou a subir de volta às cordas, o pânico tornando-o descuidado. Mas só conseguiu avançar alguns metros, quando Will ouviu os passos de Steep atravessando a câmara, e olhou ao redor para ver o homem se aproximando lentamente. Parecia bem pior do que na casa dos Donnelly. Estava encharcado de chuva, e salpicado de lama da cabeça às botas, as órbitas dos seus olhos pressionando brilhantes sua carne, e o corpo tremia. Parecia um homem que iria morrer muito em breve. Mesmo sua voz, que no seu tom mais monocórdico ainda era persuasiva, estava despida de encanto.

– Ele contou a você a história de nossas vidas, Will? – perguntou.

– Urna parte.

– Mas você gostaria de saber ainda mais. E aparentemente está disposto a morrer por esse privilégio. – Balançou a cabeça. – Vocês dois deviam ter-me deixado em paz. Vivido e morrido na ignorância.

– Você queria ser tocado – disse Will.

– Queria? – replicou Rukenau, como se agora estivesse bem pronto para ser convencido do assunto. – Talvez sim.

Houve um movimento na teia acima, e com uma lentidão quase teatral, Steep levantou a cabeça. Rukenau já havia se recolhido para as alturas.

– Não pode se esconder aí em cima – disse-lhe Steep. – Você não é criança. Não seja ridículo. Desça. – Tirou a faca de sua jaqueta. – Não me faça subir aí.

– Deixe ele em paz – disse Will.

– Por favor – retrucou Jacob, com um pouco de amargura. – Isto não é problema seu. Por que você não vai e olha as luzinhas bonitas? Vá lá. Dê uma olhada, enquanto ainda pode. Daqui a pouquinho te alcanço. – Falou com Will como se falasse com uma criança. – Vá! – gritou subitamente, esticando a mão para alcançar a rede.

– Rukenau! Desça! – Balançou a rede com uma violência assustadora. Torrões de terra e crostas de sujeira choveram na sua cabeça e na de Will; as cordas rangeram, e em diversos lugares arrebentaram; uma cadeira se desprendeu e caiu, arrebentando-se no chão.

Obviamente, nada do que Will dissesse iria acalmá-lo, e isso deixou Will com apenas uma opção. Foi até Jacob e pegou o homem, colocando a palma da mão contra o pescoço dele.

Dessa vez não houve respiração; nenhum tremor de sacudir a terra. Apenas uma súbita poeira cegante, um vermelho acre, em que Will vislumbrou, no mesmo instante, mil geometrias, vastas como catedrais, se movendo; algumas delas se abrindo, como flores rigorosas, enquanto símbolos brilhantes a linguagem das pinturas de Simeon e do diário de Steep queimavam neles. Não eram as lembranças de Jacob, percebeu Will. Eram os pensamentos do Nilótico, ou uma parte deles: uma série de possibilidades matemáticas bem mais devastadoras que a floresta, ou a raposa ou o palácio no Neva.

Perdendo o fôlego, soltou Jacob e afastou-se dele cambaleando. O ataque de formas não deixou sua cabeça imediatamente, entretanto: elas continuavam a se mover no olho de sua mente por vários segundos, cegando-o. Se Jacob tivesse optado por atacá-lo naquele momento, Will

teria estado tão vulnerável quanto uma ovelha num curral; mas Steep tinha negócios mais urgentes. Quando Will recuperou sua visão Jacob já havia desistido de balançar a teia, e estava subindo-a. E, enquanto subia, gritava para Rukenau: – Não tenha medo. Isso tem que acontecer a todos nós. *Vivos e mortos, nós alimentamos o fogo.*

XIV

D

e todas as coisas bizarras que Frannie havia vivenciado naquela jornada, nenhuma lhe fora tão chocante quanto cruzar o limiar do Domus Mundi com Rosa. Estar em plena luz do dia num instante, cercada – até onde seus sentidos ingênuos sabiam por grama e céu, e no seguinte estar num lugar escuro e viciado, sem sol e sem mar: era aterrorizante. Estava feliz por ter Rosa consigo, ou certamente teria entrado em pânico, e aquele não seria, pensou, um bom lugar para perder seu autocontrole.

Rosa exigiu ser colocada no chão assim que entraram na Casa, e seguiu com alguns passos cambaleantes até a parede mais próxima. Ali ela passou as mãos pela superfície, aproximando-se um pouco mais para cheirá-la.

– Merda – ela disse. – Ele cobriu a parede de merda. – Chamou Frannie. – Estão todas assim?

– Até onde eu posso ver.

– O teto também?

Frannie levantou a cabeça. – Sim. – Rosa gargalhou. – Está diferente de como você se lembra?

– Não confio muito nas minhas lembranças, mas acho que não era um esgoto da última vez em que estive aqui. Rukenau deve ter feito isto.

Ela começou a sondar a parede com os dedos, puxando teias de sujeira sempre que metia os dedos fundo demais. Havia uma fonte de luz por baixo do excremento, Frannie viu; uma luminescência que parecia tremeluzir com o esforço de Rosa, como se sentisse que alguém estava trabalhando para desvelá-la. Isso não era ilusão. Quanto maior o buraco que Rosa abria na parede, mais aparente o movimento muscular da luz. E havia cores nesse brilho; dardos brilhantes de turquesa e tangerina. A poeira acumulada não era páreo Para essa energia, agora que farejava sua libertação. O que no início fora uma chuva de pequenas teias de sujeira aumentou rapidamente, à medida que os esforços de Rosa inspiravam a luz a se libertar sozinha. Rachaduras se espalhavam para fora e para cima do lugar onde Rosa havia começado, o solo empapado perdendo seu tónus com a notícia de revolução que se espalhava.

Frannie assistiu pasma ao desenrolar do processo à sua frente, e não pela primeira vez naquela jornada desejou que Sherwood pudesse ter

estado ao seu lado para partilhar aquela visão. Particularmente aquela: sua Rosa, a mulher que ele idolatrara, usando as mãos para um trabalho tão transformador. Frannie se sentiu abençoada por poder testemunhar aquilo.

E, à medida que cada vez mais do mistério que Rukenau havia ocultado aparecia, Frannie começou a tirar algum sentido tênue de sua natureza. As cores que reluziam e brilhavam na parede eram indícios de coisas vivas. Nada ainda inteiro, mas pistas suficientes: um lampejo de listras num flanco pulsante, o brilho de olhos famintos, um teto de asas que se abriam. Tampouco aquelas presenças se deixariam ser prontamente contidas, isso já era aparente o bastante. Eram vitais demais; ansiosas demais. A mais ambiciosa delas estava se espalhando pelo quarto, derramando os ecos de suas formas no ar grato, como fagulhas voando de uma fogueira impossível de ser contida.

– Me ajude – exigiu Rosa, e Frannie foi, tonta, em seu auxílio, embora o fizesse sem olhar para Rosa, de tão enfeitiçada pelo espetáculo das formas que cresciam.

– Precisamos encontrar Rukenau – disse Rosa, enterrando os dedos finos no ombro de Frannie. Estendeu a mão e tocou o rosto de Frannie. – Você está olhando para o mundo? – perguntou.

– É o que isto aqui é?

– Isto é o Domus Mundi – Rosa lembrou-a. – E, seja lá o que for que você esteja vendo agora, existem coisas bem mais belas de se ver. Agora vamos, preciso da sua força mais um pouco.

Ela não precisava mais ser carregada; tinha obviamente ganho um pouco de vigor por estar na Casa. Mas sua visão não havia sido restaurada, e precisava de Frannie para guiá-la, e Frannie fazia isso com prazer. Quando atravessaram a primeira câmara e entraram no quarto ao lado, a mensagem de rebelião as alcançou. Uma chuva seca de partículas do solo começou a cair sobre elas quando rachaduras começaram a abrir no teto abobadado; e o quarto já estava mais brilhante do que o espaço que haviam deixado, o fulgor tremeluzente das fissuras a cada lado. Havia sons se elevando para acompanhar o espetáculo; embora como as primeiras indicações de visão fossem eles fossem impossíveis de distinguir no início, um murmúrio do qual de vez em quando um ruído mais específico se destacava. Talvez um elefante trombeteando; uma baleia cantando, um macaco uivando numa árvore...

Mas Rosa ouviu algo mais próximo de seu coração.

– Esse foi Steep – disse ela.

Havia de fato uma voz humana, flutuando no mar transbordante de sons. Rosa acompanhou seu passo, a mesma palavra saindo a cada respiração:

Jacob. Jacob. Jacob. Jacob.

Will não conseguia ver o que estava acontecendo entre Rukenau e Steep – eles estavam longe demais dele, a luta dos dois obscurecida pelas cordas mas viu as consequências. A estrutura, apesar de toda a sua complexidade, não havia sido construída para suportar a batalha que ocorria agora em seu meio. Cordas eram puxadas de suas raízes na parede, trazendo pedaços de terra morta com eles. Luz e movimento vinham em seu encalço, iluminando o colapso que se espalhava. Lugares onde o peso da mobília era maior foram os primeiros a ir. Uma mesa caiu com um estrondo, levando com ela duas das plataformas mais substanciais ao desabar, transformando tudo em lascas no chão que tremia. Ali também havia fissuras, e poços de brilho que chegavam para se somar à luz. Mais do que luz, vida. Era isso o que Will via no banho de cores que se desenrolavam: o pulsar e o tremeluzir de coisas vivas.

Enquanto as cordas e plataformas continuavam a cair, ele avistou Jacob e Rukenau. Pareciam, ele pensou, algo que Thomas Simeon podia ter pintado: dois espíritos engajados numa luta de vida e morte nas alturas. Rukenau não estava de forma alguma aceitando seu destino. Estava se valendo de sua facilidade de movimento por entre os poleiros para manter o corpo fora do caminho de Steep. Mas Jacob não ia permitir que lhe negassem sua presa. Sem aviso, ele caiu de joelhos e agarrou o precário laço de corda sobre o qual eles se balançavam, e balançou-o com tanta força que Rukenau caiu para a frente. Will viu a mão da faca de Jacob subir para encontrar o peito do outro homem, e embora não pudesse ver a arma, Will soube pelo grito que escapou dos lábios de Rukenau que a lâmina havia encontrado seu lar. Rukenau começou a cambalear; mas, ao fazê-lo, agarrou seu executor, e ambos caíram, presos num abraço, dividindo a rede com a soma de seus pesos e disparando para o chão.

A Casa tremeu. Rosa parou onde estava, e soltou um pequeno soluço – Oh, não... – ela respirou. – O que foi que você fez?

– O que houve? – perguntou Frannie.

Ela não respondeu, mas não precisava mais de Rosa para localizar Steep, pois ouviu-o por conta própria, a voz inconfundível.

– Acabou agora, não foi? – ele dizia. – Você acabou?

Rosa estava cambaleando à frente de Frannie, que seguiu-a por entre uma porta estreita e entrou num corredor repleto de lixo. Por diversas vezes Rosa caiu ao correr até seu destino, mas se levantou no instante seguinte, e saiu do corredor, com Frannie nos seus calcanhares, entrando na câmara caótica de Rukenau.

Will captou um movimento pelo canto do olho, e se deu conta vagamente de que alguém havia entrado, mas não conseguia desgrudar o olhar da visão no chão por tempo suficiente para ver quem era.

Jacob havia se levantado, e estava rasgando as cordas que o mantinham enquanto caía. Mas Rukenau não tinha mais esperanças de se levantar. Embora ainda estivesse vivo, o corpo estremecendo, a faca de Jacob estava enterrada no corpo do homem, e a ferida manava sangue em quantidades copiosas. A camisa e o colete sujos já estavam inteiramente empapados, e o sangue estava formando uma poça ao seu redor.

Will ainda se encontrava fora do campo de visão de Jacob, mas sabia que não permaneceria assim por muito tempo. Assim que o Nilótico olhasse naquela direção, ele se aproximaria e terminaria sua obra ameaçada. Embora fosse difícil desviar o olhar, virou as costas e escorregou, escolhendo como meio de saída a porta através da qual Ted havia desaparecido em busca de sua esposa. Só quando a alcançou pensou em olhar para trás na câmara e ver os que entraram por último, e lá viu Frannie e Rosa. Nenhuma delas tinha olhos para ele, Ambas olhavam para o corpo trêmulo de Rukenau.

Jacob finalmente havia se cansado dessa mesma visão, no entanto, e, levantando a cabeça, voltou o olhar para Will. Muito devagar balançou a cabeça como se para dizer: acha que podia fugir de mim? Will não esperou a criatura começar a persegui-lo. Fugiu.

O mesmo processo de revolução que começara na câmara de Rukenau estava se passando em todos os aposentos, as paredes despidas da sujeira que ocultava, a vida embaixo derramando-se às vistas.

Mas havia algo mais espantoso ainda, percebeu Will. As paredes, apesar de tudo o que continham, não eram sólidas. À esquerda e à direita, ele podia ver aposentos que nunca visitara: quartos para os quais a mesma mensagem de libertação havia chegado, e a Casa tornava suas glórias

conhecidas. Por isso Jacob estremecera ao se lembrar do palácio de gelo de Eropkin; aquilo era o que ele lembrara mal e mal naquele quarto frígido. Um local de lucidez exótica, da qual o palácio, apesar toda a sua glória, era apenas um eco remoto.

À sua frente agora, o lugar ao qual Rukenau havia se referido supersticiosamente quando falara de como a esposa de Ted havia sido perdida. Vendo-o à sua frente, a fonte, o coração, sentiu-se como na Spruce Street elevado à centésima potência. Informações do mundo chegando a ele em toda a sua abundância, como um facho de luz entre nuvens que se dividiam, aumentando o brilho à medida que os vapores se dissipavam. Breve ele ficaria cego, certamente. Mas que fosse. Olharia até seus olhos desistirem; ouviria até que os ouvidos não pudessem mais suportar.

De algum lugar atrás de si, ouviu o Nilótico chamando por ele.

– Por que está correndo? – Jacob perguntou. – Não há lugar algum para se esconder.

Era verdade. Qualquer chance de escapar à detecção lhe era negada agora. Mas era um preço insignificante a pagar pelo êxtase de se mover por aquele lugar maravilhoso. Olhou para trás, para descobrir que Steep não estava a mais de vinte metros de distância. Will achava que conseguia ver a forma do Nilótico se movendo dentro do homem, como se a carne estéril de Steep tivesse apanhado a febre da revolução e abandonasse seus disfarces.

Seu próprio corpo estava fazendo a mesma coisa, pensou; podia sentir a raposa dentro dele, *vulpes vulpes,* surgindo à medida que a caçada se intensificava. Uma última transformação primal enquanto ele fugia para o fogo. E por que não? O mundo fazia milagres como aquele a cada momento de cada dia; ovo para galinha, semente para flor, larva para mosca. E agora, homem para raposa? Seria possível? Ah, sim, disse a Casa do Mundo. Sim, e sim, e sempre sim...

Rosa havia parado um pouco antes de chegar a Rukenau, e esperou até ele parar de se debater. Agora sim. Agora ele estava parado, exceto pelo peito que arfava, e os olhos, que se voltaram para a mulher, e se fixaram nela o melhor que podiam.

– Fique... longe... de... mim... – ele disse.

Rosa interpretou a exigência dele como sua deixa para se aproximar, parando a um metro de distância. Parecia que ele tinha medo que ela

quisesse lhe fazer mal, porque usou a pouca força de que dispunha para levantar a mão e proteger o rosto. Mas ela não tentou tocá-lo.

– Tanto tempo faz – disse ela – desde que estive aqui. Mas não parece mais que um ou dois anos. Isso é porque estamos no fim das coisas? Acho que talvez seja. Estamos no fim, e nada do que aconteceu antes parece ter alguma consequência.

As palavras dela pareceram encontrar um eco em Rukenau, porque, enquanto ela falava, as lágrimas caíam dos olhos dele.

– O que fiz para vocês? – perguntou ele. – Ó, Deus. – Fechou os olhos, e as lágrimas correram.

– Não sei o que você fez – disse Rosa. – Só quero que acabe.

– Então vá até ele – disse Rukenau. – Vá até Jacob e se cure.

– O que está dizendo?

Rukenau tornou a abrir os olhos.

– Que vocês são duas metades da mesma alma – respondeu. Ela balançou a cabeça, sem compreender. – Você confiou em mim, sabe; disse que eu era a melhor companhia que você tivera em duzentos anos. – Desviou o olhar dela, e encarou o ar que brilhava sobre sua cabeça. – E assim que tive sua confiança pus você para dormir, e entoei minhas liturgias, e desfiz a doce sizígia de seu ser. Ah, eu fiquei tão orgulhoso de mim mesmo, brincando de Deus daquela maneira. E Ele criou o homem e a mulher.

Rosa deixou escapar um gemido baixinho.

– Jacob é parte de mim? – perguntou.

– E você dele – murmurou Rukenau. – Vá até ele, e cure ambos os seus espíritos antes que ele cause mais danos do que jamais poderá calcular.

Havia um homem agachado no corredor à frente de Will, as mãos grudadas sobre os olhos como se para evitar enxergar a visão que surgia ao seu redor. Era Ted, claro.

– Que diabos você está fazendo aqui? – Will e a raposa lhe perguntaram.

Ele não ousou destapar os olhos; pelo menos não até que Will exigisse que o fizesse.

– Não tem nada aqui para se ter medo, Ted – disse.

– Está brincando? – respondeu o homem, descobrindo os olhos por tempo bastante para confirmar que estava falando com Will. – O lugar está caindo em nossas cabeças, pelo amor de Deus.

– Então é melhor você achar Diane muito rápido – disse Will. – E não vai fazer isso sentado no seu rabo. Levante-se e ande, pelo amor de Deus. – Compelido à ação pela vergonha, Ted se levantou, mas manteve os olhos semifechados. Mesmo assim, não conseguiu evitar de estremecer com as visões que surgiam das paredes. – O que é tudo isso? – perguntou entre soluços.

– Não fale! – disse Will, sabendo que Steep estava se aproximando deles a largos passos. – Continue andando.

Mesmo que tivessem tido tempo de discutir as visões que transbordavam ao redor deles, Will duvidava de que houvesse alguma explicação que constasse do nível de conhecimento dos dois. O Nilótico havia construído uma casa de numinosidades; isso era tudo que Will sabia. O meio pelo qual o fizera estava além de seu alcance; mas tampouco era importante saber. Era a obra de um ser sublime, isso era tudo quanto importava; um artesão sagrado cujo trabalho havia criado um templo como nenhum sacerdote jamais consagrara. Se os olhos de Will conseguissem distinguir os padrões que se moviam ao seu redor, sabia o que iria ver: a glória da criação. O tigre e a mosca varejeira, a asa do mosquito e a cachoeira. Era talvez, não a casa que havia criado essas particularidades, mas seu cérebro, que teria morrido graças ao puro excesso de todas essas nuvens fervilhantes de vida contida, se as tivesse visto com precisão.

– Isso... é... uma loucura... tão gloriosa... – engasgou no caminho com Ted, na direção da fonte. E daquela insanidade uma figura agora emergia: uma mulher com um galho numa das mãos, carregado de figos, e na outra, agarrando com força, um salmão gordo que se debatia e reluzia como se momentos antes tivesse sido tirado de dentro de um rio.

– Diane? – perguntou Ted.

Era ela. E, vendo seu marido esfarrapado e com o rosto manchado de lágrimas, a mulher deixou cair sua recompensa e foi ao seu encontro, abrindo os braços.

– Ted? – perguntou ela, como se não acreditasse no que estava vendo. – É você?

Em outras circunstâncias, ela teria sido uma mulher bem comum. Mas a luz a amava. Ela se agarrava ao peso da mulher como suas roupas encharcadas: corria por sobre seus peitos cheios, brincava ao redor de sua virilha, lábios e olhos. Por isso ela fora seduzida pelo lugar, pensou Will.

Ele a havia tornado radiante, glorificando sua substância sem sofismas ou reclamações. Ela era impermanente claro; não menos que o peixe ou os figos. Mas no espaço entre nascimento e dissolução, essa vida chamada Diane, ela fora tornada maravilhosa.

Ted tinha um pouco de medo de pôr os braços ao redor dela. Ficou com um pé atrás, curioso com o que estava vendo.

– Você é minha esposa? – perguntou.

– Sim, eu sou sua esposa – ela disse, obviamente intrigada.

– Quer sair daqui comigo? – perguntou a ela.

Ela olhou para o caminho por onde viera.

– Você está indo embora? – perguntou.

– Estamos todos – respondeu Ted.

Ela assentiu.

– Suponho que... sim... eu vou com vocês – disse ela. – Se quiserem que eu vá.

– Ah... – Ele pegou a mão dela. – Deus, Diane. – Abraçou-a

– Obrigado, obrigado...

É melhor andarmos, a raposa murmurou na cabeça de Will. *Steep não está muito longe.*

– Tenho que ir – ele disse a Ted, dando um tapinha em suas costas ao passar pelo casal.

– Não avance mais – Diane lhe disse. – Vai se perder.

– Não me importo – disse Will.

– Mas vai ser demais – ela respondeu. – Juro, vai ser demais.

– Obrigado pelo aviso – ele disse a ela, e, dando um sorriso para Ted, dirigiu-se para o coração da Casa.

XV

i

Frannie não fora perseguir Steep com Rosa. Ficaria na câmara de Rukenau, observando atónita as paredes despirem sua cobertura. De modo algum era o lugar mais seguro para se ficar, não com a terra, as cordas e a mobília acima desabando. Mas ela não tinha intenção de se abrigar; não depois de ter arriscado tanto para estar ali. Ela veria o processo até o fim, por mais forte que a chuva se tornasse.

Sua presença não passou despercebida. Cerca de um minuto após a partida de Rosa, Rukenau voltou a cabeça na direção de Frannie, e, focalizando nela o que restava de sua visão, perguntou-lhe se Rosa já havia achado Jacob. Ainda não, ela respondeu. Podia ver o objeto das perguntas dele abrindo caminho pelas paredes que se abriam, perseguindo Jacob; também podia ver Jacob, movendo-se no meio do brilho. A figura que cativara sua atenção, no entanto, era Will, que era o que estava mais distante dela mas por algum truque do lugar ou de ótica era melhor visto do que Rosa ou Jacob; sua forma perfeitamente delineada enquanto caminhava no ar reluzente.

Estou perdendo ele, pensou Frannie. Ele está indo embora de mim e eu nunca mais o verei.

O homem no chão à frente dela disse: – Não quer se aproximar um pouco mais? Qual é o seu nome?

– Frannie.

– Frannie. Então, Frannie, pode me levantar um pouco? Quero ver meu Nilótico.

Como ela poderia recusar isso a ele? Não poderia lhe fazer qualquer mal. Ajoelhou-se ao lado dele e pôs o braço debaixo de seu corpo. Era pesado, e estava molhado de sangue, mas ela se sentia forte e nunca fora de frescuras, portanto não foi uma tarefa difícil levantá-lo como pedira, até ele ter uma visão por entre os véus da Casa.

– Está vendo ele? – ela perguntou.

Ele conseguiu dar um sorriso vermelho de sangue.

– Estou vendo eles – disse. – E aquele terceiro? É Ted ou Will?

– Aquele é Will – disse ela.

– Alguém devia avisá-lo. Ele não sabe o risco que corre indo tão fundo.

Na fria fornalha do mundo, Will ouviu Steep chamar seu nome. Um dia, ele teria se voltado ansioso ao som daquela voz, faminto pelo rosto que a possuía. Mas havia visões mais belas de se ver, todas ao seu redor; as criaturas cujos desenhos haviam sido abstrações até agora finalmente desfilando suas formas perante ele. Um bando de peixes irrompeu contra seu rosto, uma onda de flamingos avermelhou o céu; ele vadeou até os tornozelos por um campo luxuriante de lontras e cascavéis.

– Will – Steep tornou a falar.

Continuou sem se virar. Se a criatura me atingir por trás, pensou ele, então que seja; morrerei com a cabeça cheia de vida. Um pedregulho se abriu à sua frente, e derramou uma fartura de galinhas e macacos; uma árvore cresceu ao seu redor, como se ele fosse a seiva que lhe dava vida, e se espalhando por sobre sua cabeça, floriu com gatos malhados e corvos.

E enquanto ele os via, sentiu a mão de Steep em seu ombro; sentiu a respiração de Steep em seu pescoço. Uma última vez, o homem disse seu nome. Ele esperou pelo golpe de misericórdia, enquanto a árvore ficava ainda maior, e, liberando seus finos frutos, floriu uma segunda vez.

O golpe fatal não veio. Em vez disso, a mão de Steep deslizou do seu ombro, e Will ouviu a raposa dizer: Ah, eu acho que talvez você queira dar uma olhada nisto.

Ele não teria atendido a nenhuma outra voz. Desgrudando os olhos do espetáculo por um instante, voltou o olhar na direção de Steep. O homem não estava mais olhando para Will. Ele próprio havia se voltado, e estava olhando para a figura que o perseguira pela Casa até aquele ponto. Era Rosa; mas só um pouco. Aos olhos de Will, ela parecia ter-se tornado uma maravilhosa colcha de retalhos. A mulher que ela um dia fora ainda era visível, claro: seus traços exóticos, seu corpo maduro; mas o brilho que emanara dela na casa de Donnelly estava em maior evidência do que nunca, fluindo copiosamente de sua ferida; e, ao sair, inspirava a forma dentro dela a se mostrar com mais clareza.

Will ouviu Steep dizer: fique longe de mim, mas não havia peso suas palavras, nem crença de que sua ordem seria obedecida. Ela continuava avançando na direção dele, devagar, carinhosamente; os braços paralelos ao longo do corpo um pouco erguidos, palmas para cima, como se para lhe

mostrar sua inocência. E talvez fosse de fato inocência. Ou talvez essa fosse sua última, e mais inteligente, ilusão; desempenhar o papel da noiva obediente, envolta em véus de luz, entregando-se à sua misericórdia. Se era isso, funcionava. Ao invés de se defender contra ela, ele deixou o brilho envolve-lo; e foi engolfado.

Will pensou ter visto um estremecimento percorrer a forma de Steep, como se Jacob subitamente se desse conta de que fora apanhado, e estivesse tentando se desvencilhar. Mas era tarde demais. O homem que ele fora já estava perdido, sua forma exaurida esfolada pela luz, descobrindo a imagem de espelho do rosto que naquele exato instante suplantava o que restara de Rosa. Will viu as feições humanas dela darem um sorriso enquanto eram dissolvidos, e então o Nilótico se revelou ali em toda a sua perfeição brilhante; movendo-se pela confluência circular de luz para casar sua forma com a forma em Steep. Aquele era o enigma final, resolvido. Jacob e Rosa não eram criaturas separadas; em cada um uma parte do Nilótico; divididos e esquecidos do quem eram. Vivendo no mundo com nomes roubados, aprendendo as cruéis suposições de seus gêneros do que viam sobre eles; incapazes de viver separados, embora fosse um tormento estarem tão próximos um do outro, mas jamais próximos o bastante.

Ah, olhe só o que você fez... Will ouviu a raposa dizer em sua cabeça.

– Fiz o quê?

– Você me libertou.

– Não vá ainda.

– Ah, Deus, Will, eu quero ir embora.

– Só um pouquinho. Fique comigo. Por favor.

Ouviu a raposa suspirar,

– Bom, – disse a fera, – talvez só um pouquinho...

Rukenau estremeceu no abraço de Frannie.

– Eles estão inteiros? – perguntou. – Não consigo vê-los com clareza.

Frannie estava besta de descrença. Ouvir Rukenau falar em dividir o Nilótico era uma coisa; ver esse processo ser revertido era outra inteiramente diferente.

– Você me escutou? – perguntou Rukenau. – Eles estão inteiros?

Rukenau tornou a afundar no braço dela.

– Ó, Deus do Céu, os crimes que eu cometi contra essa criatura – disse ele. – Você me perdoará?

– Eu? – perguntou Frannie. – Não precisa perdão de mim.

– Vou levá-la para onde puder encontrá-la – replicou Rukcnau. – Por favor.

Ele estava claramente *in extremis*, a voz tão fraca que Frannie tinha dificuldade em captar suas palavras; seu rosto de palhaço já estava perdendo o tônus. Era, ela sabia, o último serviço que ele exigiria dela. E se lhe dava conforto, por que não? Inclinou-se um pouco mais perto dele, para que ela pudesse ter certeza de que ele a ouvia.

– Eu te perdôo – disse ela.

Ele acenou de leve com a cabeça, e por um momento seus olhos a focalizaram. Então a visão fugiu deles, e sua vida parou.

Os fios de luz nos quais o Nilótico se juntara a si mesmo estavam se dispersando agora, e ao fazer isso a criatura se virou e olhou para Will. Simeon não havia feito um mau trabalho com o retrato que pintara, pensou Will. Ele capturara a graça da criatura bem o bastante. O que não conseguira capturar eram as cadências alienígenas de suas proporções; sua sutil estranheza, que deixou Will com um pouco de medo de que ela fosse lhe fazer algum mal.

Mas quando ela falou, seus temores se foram.

– Percorremos uma distância tão grande juntos – disse ela, a voz melíflua. – O que você fará agora?

– Quero ir um pouco mais além – respondeu Will, olhando para trás.

– Tenho certeza que sim – disse o Nilótico. – Mas acredite em mim quando digo que não seria sábio. Cada passo que damos nos mergulha mais no coração vivo do mundo. Ele o levará para longe de si, e no fim você se perderá.

– Não me importo.

– Mas os que o amam se importam. Eles irão chorar você, mais do que pensa. Eu não desejo ser responsável por outro momento de sofrimento.

– Só quero ver mais um pouco – disse Will.

– Quanto é um pouco?

– Vou deixar que você seja o juiz disso – disse Will. – Vou caminhar com você um pouco, e voltamos quando você me disser que está na hora.

– Eu não vou voltar – disse o Nilótico. – Pretendo desfazer a Casa, e devo desfazê-la a partir de seu coração.

– Então para onde você irá?

– Para longe. De homens e mulheres

– Ainda existe algum lugar assim?

– Você ficaria surpreso – disse o Nilótico, e, assim dizendo, passou por Will e prosseguiu para dentro do mistério.

Ele não proibira Will explicitamente de segui-lo, e esse era todo o convite de que precisava. Seguiu em perseguição cautelosa, como um peixe na desova subindo águas que o teriam feito em pedaços sem o Nilótico à sua frente para conter o fluxo. Mesmo assim, entendeu rapidamente a verdade nos avisos dele. Quanto mais fundo se aventuravam, mais parecia que ele estava pisando não entre os ecos do mundo, mas no mundo propriamente dito, sua alma um fio de êxtase passando para dentro de seus mistérios.

Deitou-se com uma matilha de cães arfantes numa colina sobre planícies onde antílopes pastavam. Marchou com formigas, e trabalhou nos rigores do ninho, enchendo ovos. Dançou a dança de acasalamento do pinguim, e dormiu numa pedra quente com seu parente lagarto. Ele era uma nuvem. Ele era a sombra de uma nuvem. Ele era a lua que lançava a sombra de uma nuvem. Era um peixe cego; era um cardume; era uma baleia; ele era o mar. Ele era o senhor de tudo o que vislumbrava. Era um verme no estrume de um milhano. Não lamentava, sabendo que sua vida tinha um dia de duração, ou uma hora. Não ficava se perguntando quem o criara. Não desejava ser outro. Não rezava. Não tinha esperanças. Apenas era; e era; e era; e essa era a alegria.

Em algum lugar ao longo do caminho, talvez entre as nuvens, talvez entre os peixes, ele perdeu seu guia de vista. A criatura que havia sido, em suas encarnações humanas, tanto seu criador quanto seu tormento, escapuliram e sumiu de sua vida para sempre. Ele se deu vagamente conta de sua partida, e sabia que isso era um sinal de que deveria parar e dar meia-volta. Ele lhe havia confiado seu destino; era responsabilidade sua não abusar do presente. Não por si mesmo, mas por aqueles que o chorariam se ele se perdesse deles.

Deu forma muito clara a todos esses pensamentos. Mas estava entorpecido demais para agir com base neles. Como poderia dar as costas a essas glórias, sem muito mais para ver?

Prosseguiu então, para onde somente almas que haviam aprendido os caminhos de casa de cor ousavam ir.

ii

Eu sou uma testemunha, pensou Frannie. É isso o que eu devo fazer neste exato instante: observar estes eventos à medida que eles se desenrolam, e mantê-los claros na minha cabeça, para que eu possa ser aquela que há de contar tudo, quando todas essas maravilhosas visões tiverem passado.

E passariam. Isso estava se tornando mais evidente a cada momento. O primeiro sinal que ela teve de que a Casa estava começando a se desfazer foi uma ducha de chuva fria em sua cabeça. Olhou para cima. O teto da câmara de Rukenau estava se dissolvendo, as formas vivas que haviam se derramado dela desaparecendo. Elas não se derreteram, apenas se perdiam da vista dela à medida que uma visão mais familiar se restabelecia. Na verdade, ela ficou tentada a acreditar que elas ainda permaneciam ao seu redor, mas simplesmente se tornaram indisponíveis aos seus sentidos. Não ficou inteiramente infeliz com isso. Embora a visão de nuvens cinzentas despejando chuva cinzenta fosse menos inspiradora do que as glórias que desapareciam de sua vista, elas tinham a virtude da familiaridade. Ela não era obrigada a se refestelar nelas, com medo de perder alguma glória ocasional.

As paredes também se afastavam dela, exatamente como o teto, camada sobre camada de lucidez tremeluzente desaparecendo. Uma parede que recuava, repleta de vida prateada, fora domada e se tornou um simples mar; aquela outra, verde e reluzente, a coroa de Kenavara. Ali estavam os pássaros agora: as andorinhas, os cormorões, o corvo; ao passo que, debaixo de seus pés, os olhos captaram um vislumbre das vidas que estavam abaixo dela na terra – as sementes, os vermes – antes que essa visão também esmaecesse, e ela se desse conta de que olhava a lama excremental que a chuva formava dos destroços da Casa.

Lembre-se de como ela é, disse a si mesma, ajoelhada na lama. Esta presença de todas as coisas, vistas e não-vistas; ao redor e por toda parte; lembre-se. Haverá dias em sua vida em que você precisará ter este sentimento novamente, para saber que tudo o que se foi do mundo na verdade não se foi inteiramente; só não pode ser visto.

Havia mais pessoas do que ela esperava partilhando o topo da encosta com ela; todas, supôs ela, libertadas do labirinto do Domus Mundi. Havia um velho em pé na chuva a uns vinte metros dela gritando aleluias para o

céu; uma mulher pouco mais velha que ela já retornava ao corpo da ilha, como se temerosa de que fosse capturada novamente se não fugisse da encosta. Havia um jovem casal, desavergonhadamente se abraçando e beijando com uma paixão que a chuva gelada não conseguia esfriar.

E lá estava Will. Ele não havia ido para onde quer que a criatura que fizera a Casa fora. Ainda estava ali; em pé, olhando para o mar, os olhos vítreos. Ela se levantou para ir até onde ele estava, olhando para Rukenau ao fazê-lo. Ficou pasma com o que viu. Sua carne, agora não mais protegida pelo abrigo da Casa, sucumbira à sua verdadeira idade. A pele havia se partido em uma dezena de pedaços, e estava sendo arrancada de seus músculos murchos pela força da chuva. O sangue já havia sido drenado do cadáver, que agora parecia algo que uma criança poderia ter feito com papier-machê e tinta, e então, tendo se enjoado da brincadeira, abandonado na lama. Diante de seus olhos, o peito afundou, o conteúdo transformado em polpa e geleia. Desviou os olhos, sabendo que quando tornasse a olhar aquilo já teria sido aceito pela terra encharcada. Havia maneiras piores de desaparecer, pensou ela, e foi até Will.

Ele não estava olhando para o mar, como ela pensara no começo. Embora seus olhos estivessem arregalados, e quando ela disse seu nome ele emitira um som gutural que aceitou como sendo uma resposta, os pensamentos dele não estavam com ela, mas em alguma coisa que chamava a maior parte de sua atenção.

– Acho que devemos ir – ela disse a ele.

Dessa vez ele sequer murmurou resposta; mas quando ela pegou seu braço, ele seguiu com ela, nem enxergando nem cego, de volta através da lama e da chuva na direção do machair.

Quando chegaram ao carro, a tempestade havia passado sobre a ilha e se dirigia para a América. A noite estava a caminho; havia luzes no aglomerado de casas em Barrapol, e estrelas surgindo entre as nuvens esfarrapadas. Ela colocou Will no banco do carona sem qualquer problema (era quase como se ele estivesse num transe; capaz de reagir a instruções simples, mas ausente para o resto das coisas); então ela deu a ré no carro até chegar à estrada, e dirigiu até Scarinish enquanto a noite caía rápida. Amanhã haveria uma barca; eles estariam de volta à terra ao cair da noite, e – se ela dirigisse a noite toda – em casa na manhã seguinte. Esse era o máximo de futuro para o qual ela projetou seus pensamentos; até a cozinha, o bule de chá e o conforto de sua cama. Somente quando estivesse

de volta a salvo em sua própria casa pensaria no que vira e sentira e sofrera desde que o homem ao seu lado voltara à sua vida.

XVI

O dia seguinte transcorreu em grande parte como ela havia antecipado. Passaram uma noite desconfortável no carro, estacionados nos arredores de Scarinish, e ao meio-dia ou por volta disso entraram na barca para a viagem de volta a Oban. Seu único problema na viagem para o sul fora sua própria exaustão, que ela mantinha sob controle com quantidades copiosas de café. Mas ainda assim se insinuava sobre ela, de modo que, quando finalmente chegou em casa, às quatro da manhã, mal conseguia pensar direito. Por sua vez, Will permanecia na mesma condição de transe que o possuía desde a destruição da Casa. Para ela, era óbvio que ele sabia que ela estava ao seu lado, pois podia responder perguntas desde que fossem simples (quer um sanduíche, quer uma xícara de café?); mas ele não estava vendo o mesmo mundo que ela via. Ele tinha que tatear para encontrar a xícara de café, e mesmo ao fazer isso jogou metade do conteúdo sobre seu corpo ao beber dela. A comida que ela lhe deu era comida mecanicamente, como se seu corpo estivesse processando o movimento sem a ajuda de sua mente consciente.

Ela sabia onde os pensamentos dele residiam. Ele ainda estava enfeitiçado pela Casa, ou por suas lembranças dela. Ela fez o melhor que pôde para não se ressentir com ele por seu distanciamento, mas era difícil quando os problemas do aqui-e-agora exigiam tanto. Ela se sentia abandonada; não havia outra palavra para isso. Ele era inviolável em seu transe, enquanto ela estava exausta, confusa e apavorada. Haveria questões a responder quando as pessoas descobrissem que ela havia voltado de suas viagens; perguntas difíceis. Ela queria Will ali para ajudá–la a formular algumas respostas para elas. Mas nada do que ela lhe dissesse o retirava daquela fuga. Ele continuava olhando para o infinito, e sonhando seus sonhos do Domus Mundi.

Mas uma traição pior ainda estava por vir. Quando ela acordou na manhã seguinte, depois de passar quatro benditas horas em sua própria cama, descobriu que ele havia deixado o sofá onde ela o pusera para descansar, e vagara para fora da casa, deixando a porta da frente escancarada. Ficou furiosa. Sim, ele havia testemunhado muita coisa na

Casa; mas até aí ela também havia, e nem por isso saíra vagando no meio da noite, diabos.

Chamou a polícia depois do café, e informou-os de que estava na cidade. Quarenta e cinco minutos depois estavam em sua casa, enchendo-a de perguntas sobre tudo o que havia acontecido na casa dos Donnelly. Estava claro que eles viam a partida dela do cenário da morte de Sherwood como estranha, talvez até uma prova de desequilíbrio mental, mas não uma indicação de culpa. Eles já tinham seus suspeitos: os dois itinerantes que haviam sido vistos nas vizinhanças da casa dos Donnelly dois ou três dias antes do homicídio. Ela dera os nomes deles com o maior prazer, e apresentou descrições detalhadas; e sim, ela tinha certeza de que eles eram o mesmo casal que havia atormentado Will, seu irmão e ela há todos aqueles anos. O que eles queriam saber, era qual a ligação entre Sherwood e aqueles dois, para ele estar lá na casa dos Donnelly em primeiro lugar? Ela lhes disse que não sabia. Ela havia seguido seu irmão até lá, disse, na intenção de levá-lo de volta para casa, e pegara Steep no meio do ataque. Então ela o perseguira. Sim, fora uma coisa estúpida de se fazer; claro, claro. Mas ela ficara fora de si pelo choque e a raiva; certamente eles entendiam isso. Tudo o que ela fora capaz de pensar em fazer era encontrar e confrontar o homem que assassinara seu irmão.

Até onde ela os perseguira?, queriam saber os detetives. Nesse ponto ela lhes contou uma mentira descarada. Até o Distrito de Lake, respondera; então os perdera.

Por fim, o mais velho dos detetives, um homem de nome Faraday, chegou à pergunta que ela estava querendo ouvir:

– Como diabos Will Rabjohns se encaixa nesse quadro?

– Ele foi junto comigo – ela disse simplesmente.

– E por que ele fez isso? – perguntou o homem, olhando com atenção para ela. – Pelos velhos tempos?

Ela respondeu que não sabia do que ele estava falando, ao que o detetive respondeu que, ao contrário de seus dois companheiros, ele estava muito familiarizado com o que havia acontecido ali há tantos anos; fora ele o homem que tentara obter a verdade de Will. Falhara, admitiu. Mas um bom policial – e ele se considerava um bom policial – jamais fechava um arquivo com questões ainda por resolver. E havia mais questões a serem respondidas naquele arquivo do que em qualquer outra de suas pastas. Então, repetindo, disse ele, o que havia acontecido para que ela e Will

estivessem juntos naquilo? Ela fingiu inocência, sentindo que Faraday, apesar de toda a sua obstinação, não estava mais perto de compreender o mistério ali do que estivera trinta anos antes. Talvez ele tivesse algumas suspeitas; mas se estivessem perto do alvo, dificilmente seriam do tipo que pudesse dizer isso em voz alta na frente dos colegas. A verdade estava muito longe do reino da investigação normal, onde um homem como Faraday provavelmente só se aventurava em suas ruminações mais particulares. Embora ele fizesse pressão, ela só deu as respostas mais neutras, e ele acabou desistindo do negócio, derrotado por sua própria relutância em juntar as peças em sua forma verdadeira. Claro que ele queria saber onde Will estava agora, ao que Frannie respondeu com honestidade que não sabia. Ele desaparecera da casa naquela manhã, e podia estar em qualquer lugar.

Frustrado por suas investigações, Faraday avisou que aquela entrevista poderia não ser o fim da questão. Haveria identificações a se fazer se e quando os culpados fossem detidos. Ela lhe desejou sorte para encontrá-los, e ele partiu, com os colegas a tiracolo.

A entrevista havia tomado quase o dia todo, mas ela aproveitou o resto dele para cuidar, melancólica, do enterro de Sherwood. Ela iria ao asilo em Skipton no dia seguinte, para saber com os médicos se deveria dar a triste notícia à sua mãe. Enquanto isso, tinha muito que organizar.

No começo da noite, atendeu a porta para encontrar Helen Morris, de todas as pessoas, que veio lhe oferecer suas condolências. Helen nunca fora uma amiga particularmente íntima, e Frannie suspeitava de que a mulher tinha ido lá para saber algumas fofocas, mas ficou feliz com a companhia de qualquer maneira. E era reconfortante, à sua maneira mesquinha, saber que Helen, uma das mulheres mais conservadoras do vilarejo, achara adequado passar algumas horas com ela. O que quer que as pessoas estivessem pensando dos eventos na casa dos Donnelly, não achariam Frannie culpada. Isso a fazia pensar que talvez devesse a Helen e o resto das pessoas que estavam intrigadas com aquele mistério uma ajuda. Que talvez em um ou dois meses, quando estivesse se sentindo um pouco mais confiante, se levantaria entre os hinos na missa de domingo e contaria toda a triste e maravilhosa verdade. Talvez ninguém jamais falasse com ela novamente se ela o fizesse; talvez se tornasse a Louca de Burnt Yarley. E talvez esse fosse um preço que valesse a pena pagar.

XVII

L

á nas colinas, Will simplesmente continuava se movendo, o corpo viajando pelas encostas geladas enquanto o espírito vagava por lugares bem mais estranhos. Mergulhou fundo em valas oceânicas, e nadou com formas que ainda não tinham sido encontradas ou catalogadas. Foi levado como um inseto minúsculo por sobre picos tão remotos que as tribos no vale abaixo acreditavam que divindades viviam neles. Mas agora ele sabia. Os criadores do mundo não haviam fugido para as alturas. Estavam por toda parte. Eram pedras, eram árvores, eram raios de luz e sementes em flor. Eram coisas quebradas, eram coisas mortas, e eram tudo o que surgia de coisas mortas e quebradas. E onde elas estavam, ele também estava. Raposa e Deus e as criaturas entre eles.

Não tinha fome nem sono, embora em sua passagem ele encontrasse animais que sentiam as duas coisas. Parecia por vezes viajar nos sonhos de animais adormecidos. Em sonhos com a caçada; em sonhos com o cio. Ele parecia às vezes ser ele próprio um sonho: um sonho do humano, sendo vivido por um animal. Talvez cães latissem no sono, sentindo sua proximidade; talvez o pintinho ficasse inquieto dentro do ovo quando ele lhe trouxesse notícias da luz. E talvez ele não fosse nada senão um produto de seus próprios pensamentos assombrados, inventando aquela jornada, para não voltar, jamais voltar, à cidade de Rabjohns e à casa de Will.

De vez em quando, ele atravessava o caminho da raposa, e seguiria antes que o animal pudesse fazer sua despedida formal e partir. Mas em algum lugar ao longo do caminho quem sabia quantos dias haviam se passado? – ele deu com a criatura nos fundos de uma casa de que tinha uma vaga lembrança. Ela estava com a cabeça no lixo, e mexia na lama sem muito entusiasmo. Will tinha lugares melhores para ficar do que ali, e estava para ir para esses lugares quando a raposa virou o rosto sujo na sua direção e disse: – Lembra deste quintal?

Will não respondeu. Não havia falado com ninguém por um longo tempo, e não tinha nenhuma intenção em particular em começar a falar agora. Mas a raposa estava pronta para uma resposta de qualquer maneira.

– Esta é a casa de Lewis disse a criatura, – Lewis? O poeta? – explicou. Will se lembrou. – Aqui é onde você viu um guaxinim, assim conta a

lenda, fazendo a mesma coisa que eu estou fazendo agora.

Por fim, Will rompeu o silêncio.

– Eu vi? – perguntou.

– Você viu. Mas não é por isso que está aqui.

– Não... – disse Will, agora sentindo o significado de sua presença.

– Você sabe por quê, não sabe?

– Sim. Receio que sim.

Dizendo isso, deixou o quintal e saiu para a rua. Era comecinho de noite, e o céu ainda estava quente de luz a oeste. Desceu a Cumberland até a Noe; então seguiu pela 192, até a Castro Street. As calçadas já estavam lotadas, por isso ele supôs que era sexta ou sábado; uma noite em que as pessoas estavam se despindo das restrições da semana de trabalho e saíam para curtir na cidade.

Não sabia que forma tinha assumido para sua viagem ali, mas logo descobriu. Não era ninguém; ele não era nada. Nem um único olhar em sua direção enquanto subia a Castro; nem mesmo para desprezá-lo. Caminhou por entre as gracinhas e os que ficavam secando as gracinhas (e quem ali não era uma coisa nem outra?) sem ser notado, passando pelos turistas que vinham ver como era a cara do paraíso homossexual, e os michês, conferindo as calças e os reflexos nas vitrines, e as bichonas, se pronunciando a cada coisa que viam; e os homens tristes, doentes, que saíam porque tinham medo de que não veriam outra noite de festa. Passou por essa multidão como o fantasma que talvez se tornara, e sua jornada o levou por fim à casa no alto da ladeira onde Patrick morava.

Eu vim para vê-lo morrer, percebeu. Olhou ao redor em busca de algum sinal da raposa, mas o animal insolente, após levá-lo ali, estava agora escondendo a cabeça. Ele estava sozinho naquele negócio; já subia os degraus e passava pela porta que dava para o hall. Ali ele parou por um instante, para se recuperar. Aquele era o primeiro lugar de habitação humana que visitava há algum tempo, e lhe parecia um túmulo: as paredes silenciosas, o teto bloqueando o céu. Ele queria dar as costas e ir embora; sair de volta a céu aberto. Mas ao começar a subir as escadas até a porta do apartamento, as lembranças começaram a vir. Ele havia despido Patrick ao subir aquelas escadas, tão ansioso para tê-lo nu que não podia esperar até a chave estar na fechadura; tropeçara limiar adentro, puxando a camisa de seu namorado de dentro das calças, abrindo seu cinto, dizendo a Patrick como ele era bonito, como era perfeito em cada detalhe: peito, mamilos,

barriga, pau. Nenhum homem na Castro fora mais lindo; e nenhum o desejara mais em troca.

Estava na porta do apartamento agora; passou através dela; e chegou à porta do quarto. Alguém estava chorando de dar dó ali. Hesitou antes de entrar, com medo do que iria descobrir do outro lado. Então ouviu Patrick falar.

– Por favor, pare com isso – ele disse gentilmente. – Isso é muito deprimente.

Não cheguei tarde demais, pensou Will, e passou pela porta.

Rafael estava de pé ao lado da janela, contendo obediente as lágrimas. Adrianna estava sentada na cama, vendo seu paciente, que tinha à sua frente uma tigela de pudim de baunilha. Sua condição havia se deteriorado consideravelmente nos dias anteriores à partida de Will para a Inglaterra. Perdera peso, e sua palidez era doentia, os olhos afundados em sombras que lembravam escoriações. Precisava claramente de sono; as pálpebras estavam pesadas, as feições macilentas de exaustão. Mas Adrianna insistia gentilmente para que antes ele terminasse a comida, e terminou, raspando conscienciosamente a tigela para ter certeza de que havia comido tudo.

– Acabei – disse então. Sua voz estava um pouco sonolenta, a cabeça balançando para a frente, como se ele pudesse adormecer com a colher ainda na mão.

– Aqui – disse Adrianna – Me dê isso.

Pegou a tigela e a colher, e colocou-as na mesinha de cabeceira, onde se enfileirava um pequeno esquadrão de vidrinhos de remédio. Vários haviam sido deixados com as tampas abertas, Will percebeu. Todos estavam vazios.

Uma suspeita doentia tomou conta de Will. Ele olhou para Adrianna, que apesar de sua expressão estóica, obviamente estava tendo dificuldades em segurar as próprias lágrimas. Ela não pedira a Patrick para terminar um jantar qualquer. Havia mais do que pudim na tigela.

– Como está se sentindo? – ela perguntou.

– Bem... – disse Patrick. – A cabeça está um pouco leve, mas... bem. Não foi o melhor pudim que eu já comi, mas já comi piores. – Sua voz era fina e tensa, mas estava dando tudo de si para pôr alguma música nela.

– Isto está errado... – disse Rafael.

– Não comece novamente – Adrianna lhe disse com severidade.

– É o que eu quero – Patrick disse com firmeza. – Não precisa estar aqui se te incomoda.

Rafael tornou a olhar para ele, o rosto contraído com sentimentos contraditórios.

– Quanto tempo... leva pra fazer efeito? – perguntou.

– Varia de pessoa para pessoa – respondeu Adrianna. – Foi o que eu ouvi.

– Você tem tempo de tomar um brandy – disse Patrick, fechando os olhos por um momento, e então tornando a abri-los como se estivesse acordando de um cochilo de cinco segundos. Olhou para Adrianna. – Vai ser estranho... – disse sonolento.

– O que vai ser estranho?

– Não me ter por perto – ele respondeu com um sorriso zonzo. Sua mão, que estivera ritmicamente endireitando uma ruga no lençol, agora deslizou sobre a colcha e pegou a mão dela. – Já conversamos muito ao longo dos anos, não é... sobre o que acontece depois?

– Conversamos – disse ela.

– E eu vou descobrir... antes de você...

– Estou com inveja – disse ela.

– Aposto que está mesmo – respondeu ele, a voz falhando rapidamente.

– Não consigo suportar isso – disse Rafael, indo para o pé da cama. – Não posso ouvir isso.

– Tudo bem, gato – disse Patrick, como se para confortá-lo.

– Você fez muito por mim. Mais do que qualquer um. Vá fumar um cigarro. Vai ficar tudo bem. Vai sim. – Foi interrompido pelo som da campainha. – Porra, quem será? – perguntou, uma fagulha do velho Patrick despertada por um instante.

– Não atenda – disse Rafael. – Pode ser a polícia.

– E pode ser Jack – disse Adrianna, levantando-se da cama. A campainha estava sendo tocada novamente, com mais urgência. – Seja quem for – disse ela – está parecendo que não vai embora.

– Por que não vai você, gato? – Patrick disse a Rafael. – Seja quem for, mande embora. Diga que estou ditando minhas memórias. – Riu da própria piada. – Vá – disse, quando a campainha foi tocada uma terceira vez.

Rafael foi até a porta, olhando de volta para o homem na cama.

– E se for a polícia? – perguntou.

– Então eles provavelmente irão abrir a porta a pontapés se você não responder – disse Patrick. – Então vá. Quebre o pau com eles.

Com isso, Rafael saiu, deixando Patrick afundar novamente entre os travesseiros.

– Coitadinho... – disse, fechando os olhos. – Você vai tomar conta dele, não vai?

– Você sabe que eu vou – Adrianna lhe assegurou.

– Ele não está equipado para isto – disse Patrick.

– E algum de nós está? – respondeu ela.

Ele apertou a mão dela.

– Você está indo bem.

– E você?

Ele abriu os olhos pesados.

– Estou tentando pensar... em algo para dizer quando chegar a hora. Queria ter algo... expressivo, sabe? Algo digno de citação.

Ele estava partindo, Will podia ver, as palavras se tornando cada vez mais arrastadas, o olhar, quando mais uma vez abriu os olhos, desfocado. Mas não estava tão longe que não conseguisse ouvir as vozes da porta da frente:

– Quem é? – perguntou a ela. – É Jack?

– Não... parece Lewis.

– Não quero vê-lo – disse Patrick.

Mas Rafael estava tendo dificuldades em manter Lewis do lado de fora. Estava dando o melhor de si para insistir que Lewis fosse embora, mas obviamente não estava sendo atendido.

– Talvez você devesse ir lá dar uma mãozinha a ele – sugeriu Patrick. Adrianna não se moveu. – Vá – ele insistiu, embora toda a força o tivesse abandonado. – Ainda não estou indo a lugar algum... Só não... demore demais.

Adrianna se levantou e correu até a porta, obviamente apanhada entre a necessidade de ficar com Patrick e a necessidade de evitar que Lewis perturbasse a paz de espírito de seu paciente.

– Não demoro um minuto – prometeu ela, e desapareceu no hall, deixando a porta um pouquinho entreaberta, Will ouviu-a gritar, dizendo a Lewis que não era hora de aparecer sem avisar pelo amor de Deus, e por isso será que ele poderia por favor ir embora?

Então, muito baixinho, Patrick disse: – De onde... diabos você veio?

Will olhou para ele, e viu para seu espanto que o olhar intrigado e turvo de Patrick estava fixado nele da melhor maneira possível, e havia um sorrisinho no seu rosto. Will foi até o pé da cama e olhou para ele.

– Pode me ver? – perguntou.

– Sim, claro... posso te ver – respondeu Patrick. – Você veio com o Lewis?

– Não.

– Chegue um pouco mais perto. Você está um pouco indefinido nas bordas.

– Não são seus olhos, sou eu.

Patrick sorriu.

– Coitadinho do meu Will indefinido. – Ele engoliu com alguma dificuldade. – Obrigado por estar aqui disse ele. – Ninguém disse que você estava vindo... eu teria esperado... se soubesse. Para que pudéssemos conversar.

– Eu mesmo não sabia que estava vindo.

– Você não acha que eu estou sendo um covarde, acha? – perguntou Patrick. – Eu... só não conseguia suportar a... a ideia de murchar.

– Não, você não está sendo covarde – respondeu Will.

– Que bom – disse Patrick. – Era o que eu pensava. – Respirou fundo. – Foi um dia tão cheio... – disse ele. – ... e estou cansado... – as pálpebras se fechavam lentamente– ... fica comigo um pouquinho?

– O tempo que você quiser – disse Will.

– Então... para sempre – disse Patrick; e morreu.

Foi simples assim. Num instante Patrick estava lá, com toda sua doçura. No seguinte, estava morto, e só havia sua casca, e seu milagre se fora.

Will quase não conseguia respirar de tanta tristeza. Foi até a cabeceira de Patrick e acariciou seu rosto.

– Eu te amei, meu homem – disse. – Mais do que qualquer pessoa na minha vida. – Então, num sussurro: – Ainda mais do que amei Jacob...

A conversa no hall a essa altura havia acabado, e Will ouviu Adrianna voltando pelo banheiro, falando com Patrick enquanto se aproximava. Estava tudo bem, disse ela; Lewis fora para casa escrever um soneto. Então abriu a porta, e por um instante, ao olhar o quarto, pareceu-lhe ter visto Will em pé ao lado da cama, até começou a dizer seu nome. Mas seus poderes de raciocínio a convenceram de que seus sentidos estavam errados – Will não podia estar ali, podia? – e deixou o trabalho

interminado. Seu olhar, ao invés disso, foi até Patrick, e ela soltou um suspiro suave que continha tanto alívio quanto tristeza. Então ela fechou os olhos, instruindo-se silenciosamente para ficar calma, pensou Will; a ser o que ela sempre fora, a rocha em momentos de turbilhões emocionais.

Rafael estava no hall, bem do lado de fora da porta do quarto, chamando o nome dela.

– É melhor você entrar e vê-lo – disse ela. Rafael não respondeu. – Está tudo bem – disse ela. – Acabou. Acabou tudo. – Então ela foi até a cama, e se sentou ao lado de Patrick e acariciou seu rosto.

Pela primeira vez desde que partira para dentro do Domus Mundi, Will desejou estar de volta ao seu próprio corpo; desejou estar lá ao lado dela, oferecendo o conforto que pudesse. Ficar sem ser visto daquele jeito não era confortável; ele se sentia como um voyeur. Talvez fosse melhor ir, pensou; deixar os vivos com sua tristeza, e os mortos com sua tranquilidade. Ele não pertencia a nenhuma das duas tribos, ao que parecia; e essa impossibilidade de se fixar, que fora um prazer para ele enquanto viajava pelo mundo, agora não era prazer algum. Só o tornava mais solitário.

Foi para o hall, passando por Rafael, que estava a um metro da porta do quarto, ainda incapaz de entrar, atravessou o apartamento até a porta, desceu as escadas e saiu para a rua. Adrianna cuidaria bem de Patrick, ele sabia. Ela sempre fora carinhosa e pragmática em medidas iguais. Ninaria Rafael, se ele quisesse ser ninado; cuidaria para que o corpo estivesse apresentável para os médicos quando chegassem; removeria escrupulosamente todas as provas do suicídio, e se alguém questionasse o que havia acontecido, contaria mentiras tão descaradas que ninguém se atreveria a desafiá-la.

Mas para Will não havia distrações desse tipo. Só havia o terrível vazio de uma rua que sempre fora o caminho para a casa de Patrick, e na verdade sempre seria o caminho para a casa de Patrick, mas que agora não levava mais a nenhum lugar importante.

E agora?, ele se perguntou. Queria estar longe daquela cidade, de volta ao rio indolor do qual fora retirado; aquela torrente onde a perda não poderia tocá-lo, e ele podia nadar inviolado. Mas como ele chegou ali? Talvez devesse voltar à casa de Lewis, pensou; talvez a raposa, que tramara para trazê-lo àquela triste jornada, ainda estivesse vasculhando o lixo, e pudesse ser convencida a reverter o processo; desfazer suas

memórias e levá-lo de volta ao fluxo das coisas. Sim, era isso o que ele faria; voltaria a Cumberland.

As ruas estavam mais cheias do que nunca, e no cruzamento da Castro com a 19.0, onde o tráfego de pedestres era particularmente denso, Will avistou um rosto que reconhecia. Era Drew, atravessando a multidão sozinho, fazendo o melhor possível para apresentar um rosto contente para o mundo, mas não fazendo um trabalho lá muito bom, Chegou à esquina e pareceu não se decidir para onde queria ir. As pessoas passavam empurrando, no caminho para este ou aquele bar; alguns olharam para ele, mas sem obter sorriso recíproco dele, olhavam para outro lugar. Ele não parecia se importar muito, simplesmente ficava no fluxo, enquanto os festeiros seguiam para curtir a noite,

Will começou a andar na direção dele, embora não fosse a rota que pretendia, movendo-se com facilidade no meio da multidão. Quando estava talvez a vinte metros da esquina, Drew aparentemente decidiu que não estava pronto para uma noite de loucura, porque deu a volta e retornou por onde viera. Will o seguiu, sem ter certeza de porque estava fazendo isso (não podia oferecer consolo nem desculpas em seu presente estado), mas simplesmente sem vontade de deixar Drew ir. A multidão se adensou à sua frente, e embora em seu estado atual ele fosse capaz de passar entre eles sem resistência, ainda não estava confiante quanto à sua condição. Prosseguiu com mais cautela do que era estritamente necessário, e quase perdeu Drew de vista. Pressionou o espírito para diante, entretanto; passando pela massa de homens e mulheres (e alguns que estavam em trânsito), gritando por Drew, embora soubesse que não tinha esperança de ser ouvido. *Espere*, gritou; *Drew, por favor, espere!*

E, enquanto corria, e as figuras se tornavam borrões ao seu redor, lembrou-se de outra caçada dessas, perseguindo uma raposa por entre a floresta, enquanto a luz do despertar aguardava por ele na linha de chegada. Daquela vez ele não tentou reduzir a velocidade como da primeira vez; não tentou olhar para trás para ver a rua e a massa, temeroso de não poder vê-la novamente. Estava feliz de ir embora,

Drew emergira do nó de corpos no cruzamento e agora não estava a mais de dez metros à frente de Will, olhando para a calçada enquanto caminhava de volta para casa. Enquanto a distância entre os dois diminuía, entretanto, Drew pareceu ouvir algo, e, levantando a cabeça, olhou para trás, na direção de Will; a terceira e última alma para quem por um

momento ele ficou visível naquela noite. Will o viu percorrer a multidão com o olhar, a expressão em seu rosto de uma doce expectativa. Então seu rosto ficou mais alegre, e cada vez mais alegre, e a Castro, e a multidão, e a noite que continha a ambas, partiu na direção do oeste, e ele acordou.

XVIII

Ele estava na floresta, a cabeça deitada no mesmo ponto onde os pássaros haviam caído. Embora ainda fosse noite na Califórnia, ali na Inglaterra o dia havia chegado; um dia frio de fins de outono. Esticou as articulações doloridas e se sentou, o turbilhão que sentira ao deixar a cabeceira de Patrick um pouco aliviado pela tranquilidade silenciosa de seu despertar. Havia um acúmulo e tanto de lixo ao seu redor. Algumas frutas meio comidas, duas fatias descartadas de pão; a maioria já começando a apodrecer. Se aqueles eram, como ele achava, os restos de refeições que ele tivera ali, então fora residente por um bom tempo. Levou a mão ao queixo, e achou o que era provavelmente uma barba de uma semana. Então limpou a remela de sono dos olhos e se levantou. A perna esquerda estava dormente, e ele teve que sacudi-la um tempo para que ela acordasse. Enquanto fazia isso, olhou para o céu por entre os galhos nus.

Já havia pássaros lá no alto, voando em círculos sobre as charnecas. Ele sabia como era bom ter asas. Estivera nas cabeças de águias ultimamente; e em beija-flores enquanto eles sugavam as flores. Mas o momento de tamanho êxtase havia passado. Ele assumira a jornada – ou talvez seu espírito o tivesse feito – e agora havia retornado a si mesmo para estar no mundo como um homem. Havia tristeza ali, naturalmente. Patrick havia morrido; Sherwood também. Mas também havia o trabalho que a raposa o havia chamado para fazer; trabalho sagrado.

Colocou todo seu peso na perna para testar sua confiabilidade, e vendo que ela estava forte o bastante para levá-lo, saiu mancando de seu ninho cheio de lixo debaixo da árvore e foi até a margem da floresta. Caíra um pouco de geada na noite anterior, e embora o sol estivesse aparecendo entre as nuvens, tinha muito pouco calor para derreter o gelo; ele reluzia nas encostas e campos, e estradas e tetos. O cenário à sua frente, tanto acima quanto abaixo, parecia um quadro feito por um miniaturista de tamanha genialidade que cada parte dele podia ser examinada, até a mínima espiral de um feto ou a menor nuança de uma nuvem. Por quanto tempo ficou na margem da floresta, bebendo tudo isso? Tempo suficiente para ver uma dezena de pequenas cerimônias lá embaixo. Vacas levadas para uma campina; roupas lavadas penduradas num varal; o carteiro em

suas primeiras visitas. E então, depois de algum tempo, os quatro carros negros virando numa lenta procissão de Samson Street para a igreja de St. Luke.

– Sherwood... – Will murmurou, e, ainda mancando, começou a descer a encosta, deixando uma trilha de verde mais escuro na grama congelada. O sino da igreja começara a tocar, e seu eco soou pelas charnecas, enchendo o vale com suas novas: um homem está morto. Saibam que uma boa alma partiu em seu caminho; e ficamos mais pobres por isso.

Estava somente a meio caminho colina abaixo quando o féretro chegou aos portões da igreja, que ficava do outro lado do vale. Ele levaria pelo menos mais meia hora para chegar lá, por causa da perna e do cansaço, e ainda que chegasse suspeitava de que não seria bem-vindo lá em sua presente condição. Talvez Frannie ficasse feliz em vê-lo, mas ele não tinha certeza. Para o resto das pessoas, no entanto, sua figura suja cambaleando até o túmulo seria apenas uma distração do assunto do momento, que era prestar seus respeitos ao morto. Mais tarde, quando o caixão estivesse no chão, ele acharia um momento de tranquilidade para ir ao cemitério e dizer adeus. Por ora, prestaria melhor serviço à memória de Sherwood mantendo distância.

O caixão havia sido erguido da parte de trás do carro fúnebre e estava agora sendo levado para a igreja, e as pessoas começando a formar o cortejo atrás. A primeira figura seria, supôs, Frannie, embora não conseguisse enxergar o rosto dela àquela distância. Ficou olhando a congregação entrar na igreja e desaparecer, deixando os motoristas encostados no muro da igreja, batendo papo.

Só então ele continuou a descer a encosta. Decidiu que voltaria à casa de Hugo; lá ele poderia tomar banho, fazer a barba e mudar de roupa para que, quando Adele voltasse do enterro (onde ela certamente estaria), ele estivesse mais apresentável.

Mas ao chegar ao pé da colina, foi tomado pela visão das ruas do vilarejo, que estavam, até onde ele podia ver, completamente desertas. Podia se dar ao luxo de adiar a volta à casa por alguns minutos pensou, e foi até a ponte.

O sino já havia parado de tocar há muito tempo; o vale estava silencioso de ponta a ponta. Mas, ao descer a rua, enfeitiçado pela quietude da cena, ouviu o som de alguma coisa atrás dele. Olhou para trás. Ali, na ponte, estava uma raposa, orelhas pontudas, cauda balançando, observando-o.

Não havia nada em seu aspecto que o fizesse pensar que era o Senhor Raposa, ou mesmo um de seus inúmeros descendentes, exceto pelo fato de sua presença ali, desafiando-o a questioná-la. Certamente já vira criaturas mais bem tratadas; mas a raposa podia ter feito a mesma observação para ele. Ambos viveram uma vida selvagem nos últimos tempos; esfarrapados, um pouco enlouquecidos. Mas ainda tinham suas artimanhas, tinham seus apetites. Estavam vivos, e prontos para outro dia.

– Para onde vai? – perguntou à raposa.

O som de sua voz rompendo o silêncio da rua foi o bastante para assustar o animal, e no mesmo instante ele se virou e saiu bruscamente pela ponte, subindo a encosta branca, aumentando a velocidade na subida, embora não tivesse motivo para correr, a não ser pelo prazer de correr. Ficou observando-a até ganhar a cordilheira da charneca. Ali ela trotou um pouco, e então sumiu de vista.

A pergunta que fizera a ela era ali respondida. Para onde vou? Ora, para longe; para algum lugar onde eu possa estar perto do céu.

Will ficou olhando a encosta da colina e a trilha sobre ela um pouco mais, ouvindo em sua cabeça o que o Senhor Raposa exigira quando o animal aparecera pela primeira vez ao pé de sua cama. *Acorde,* ele dissera. *Faça isso pelos cachorros, se quiser. Mas acorde.*

Bem, ele havia acordado; finalmente. A temporada de visões havia chegado ao fim, pelo menos por ora, e seu incitador havia partido, deixando Will levar sua sabedoria de volta à tribo. Para contar o que vira e sentira no coração do Domus Mundi. Para celebrar o que sabia, e se voltar para seu propósito de cura.

Olhou na direção da casa de seu pai, imaginando o estúdio vazio, onde aquela última palestra que jamais fora dada amarelava sobre a mesa; então deixou os olhos vagarem até a igreja, e até o cemitério desolado onde os restos de Sherwood seriam postos; finalmente voltando seu olhar para as ruas do vilarejo.

O espírito daquele lugar estaria sempre nele. Para onde sua peregrinação o levasse ele sempre levaria aquelas visões, juntamente com as tristezas e as ambições que o haviam movido ali. Mas, apesar de todo o significado delas, ele não as deixaria afastá-lo de seu mistério por nem mais um momento. Assim como a raposa seguira para onde poderia ser verdadeira à sua natureza, ele também o faria.

Dando as costas ao vilarejo deserto, e à igreja e à casa, desceu até o rio, e seguindo a trilha que o contornava, iniciou a jornada de volta ao seu único verdadeiro e certo lar, o mundo.

FIM

